

# DE RUI VASQUES A GREGÓRIO DE LOBARIÑAS FEIJÓ

Venturas e desventuras do *Libro dos bispos*  
de Yrea e Santiago

Ramón Mariño Paz

José António Souto Cabo

cada día pagasela folga para reparamento dos dits castelos, e por  
ello enxemprou todos os de altamar que cañon de vir cada sem.  
Vindia a reparar nos dits castelos, e nos dits soldos yomais da  
sua casa reparou os dits castelos; e resturado fex dentro en a  
capela a honra de S. Olaya de Yria e despois ganhou os Ardi-  
pados de las anas e Britanas sobre lo qual ouve gran  
contenda; con o Bispo de Mondañedo, e reparou o M. de cins  
de que tirou as monedas y as posto no mosteiro de Conxo, e podo en  
cins monges e abate segun afora esta.

Despois finalmente ganhou privilegios do Papa Barchesio  
para que os presos e carceas de Santiago trouxessen mi-  
tras nas procias de festas segun os carceas de Roma -  
Nros. Señalado para sempre. Amen -

fin do libro dos Bispos de Yrea e Santiago  
que entendo compo San Rodriguez de Padron





DE RUI VASQUES A GREGÓRIO DE LOBARIÑAS FEIJÓ  
Venturas e desventuras do *Libro dos bispos*  
de Yrea e Santiago



DE RUI VASQUES A GREGÓRIO DE LOBARIÑAS FEIJÓ  
Venturas e desventuras do *Libro dos bispos*  
de *Yrea e Santiago*

Ramón Mariño Paz  
José António Souto Cabo



A publicación deste volume recibiu o apoio financeiro e institucional da Universidad de Alcalá, a Universidad Nacional de Educación a Distancia, a Universidade de Santiago de Compostela (Instituto da Lingua Galega) e a Xunta de Galicia (Secretaría Xeral da Lingua), através dos projetos de investigación “HERES: Patrimonio textual panibérico. Recuperación y memoria” (CM/2018-T1/HUM-10230; CM/2022-5A/HUM-24226) e “PTGM. Patrimonio textual na Galicia medieval: prosa documental e literaria” (2021-CP037).



© RAMÓN MARIÑO PAZ, 2024  
© JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO, 2024

EDITOR: RAMIRO DOMÍNGUEZ HERNANZ  
MAQUETADOR: RICARDO PICHEL

© Imagen de cubierta: Biblioteca Apostólica Vaticana, Barb. Lat. 3578, fl. 18v

C/ San Gregorio, 8, 2, 2ª, 28004, Madrid  
España  
[www.silexediciones.com](http://www.silexediciones.com)

ISBN: 978-84-10267-85-5  
Depósito Legal: M-27681-2024

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra ([www.conlicencia.com](http://www.conlicencia.com); 91 702 19 70 / 93 372 04 97).

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	9
PRIMEIRA PARTE: Origem e identidade da <i>História de Íria</i>	
José António SOUTO CABO .....	15
1. <i>Racionero del Arraval de Crecente</i> .....	17
2. Especulações, lapsos e descuidos .....	49
2.1. <i>Escripveu Ruy Vaasques</i> .....	55
2.2. <i>Glosada por el licenciado D. Pedro de Otero</i> .....	88
2.3. <i>Recuerdos de un viaje a Santiago</i> .....	94
3. <i>Por sua leytura</i> .....	98
4. A língua da <i>História de Íria</i> .....	106
4.1. Caracterização geral .....	107
4.2. Aproximação geolinguística .....	113
5. Apêndice .....	116
SEGUNDA PARTE: A intervención lingüística de Lobarriñas sobre o texto do manuscrito C	
Ramón MARIÑO PAZ .....	117
1. Intervencións modernizadoras .....	121
2. Adaptacións ao uso de Crecente non modernizadoras .....	173
3. Alteracións popularizadoras .....	203
4. Alteracións castelanizantes e descastelanizantes .....	213
5. Outras alteracións .....	230
6. Por que actuou así Lobarriñas? .....	233
7. Anexos .....	237

TERCEIRA PARTE: *Edições dos textos*

José António SOUTO CABO & Ramón MARIÑO PAZ	271
1. Edição da <i>Crónica de Santa Maria de Íria</i> .....	273
2. Edición da <i>Historia de Iria</i> .....	275
3. Edição contrastiva de C e V .....	283
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	365

## INTRODUÇÃO

Três são os centros de interesse da publicação que agora apresentamos: (i) a demonstração de que o códice da *Crónica de Santa Maria de Íria* (1467-1468) do Arquivo da Catedral de Santiago constitui o antecedente da cópia seiscentista conservada na Biblioteca Vaticana, autointitulada como *Historia de Yria* ou *Libro dos bispos de Yrea e Santiago*\*; (ii) o estudo linguístico desse traslado, enquanto testemunho singularmente precioso do nosso idioma na primeira metade do séc. XVII e (iii) o perfil histórico do seu autor, Gregório de Lobariñas Feijó (ca. 1577-ca. 1637), designadamente naquilo que nos ajuda a entender, de diversos pontos de vista, a origem e características desse manuscrito. Uma vez que alguns dos assuntos apresentados já foram, em maior ou menor grau, objeto de estudo prévio, oferecemos a seguir algumas chaves que podem facilitar ao leitor a compreensão deste trabalho.

Entre os séculos XVII e XIX, a Igreja compostelana contemplou com não dissimulado estupor a possibilidade de que o Apóstolo tivesse de compartilhar com santa Teresa o privilégio de ser santo padroeiro de Espanha; o que, com efeito, aconteceu nos anos de 1618, 1626-1629 e 1812. A Sé de Santiago viu-se, então, obrigada a defender os fundamentos históricos em que se baseava a prerrogativa que detinha o Apóstolo. Estes consistiam, por um lado, na suposta pregação de Santiago em Hispânia e no sepultamento dele em Compostela e, por outro, na sua miraculosa intervenção na Batalha de Clavijo em 834, de que teria resultado a vitória de D. Ramiro I sobre os muçulmanos. Este episódio bélico está, por sua vez, vinculado à

---

\* O segundo título aparece no último fólio do códice integrado numa espécie de colofão: “Libro dos bispos de Yrea e Santiago, que entendo compo Jan Rodriguez do Padron”. O outro surge na margem superior do primeiro fólio.

perceção, até ao séc. XIX, da renda conhecida como Voto de Santiago, tributo que se tornara fulcral para a vida económica da Sé.

Nesse cenário, a tradicionalmente denominada *Crónica de Santa Maria de Íria* adquiriu um inopinado e notável protagonismo. A obra, conservada em original autógrafo posto em limpo de forma (um tanto ou quanto) prematura, foi elaborada entre 1467 e 1468 pelo clérigo compostelano Rui Vasques a pedido do cónego Fernando Rodrigues de Leira, provavelmente, como representante do Cabido. A finalidade era certamente assegurar as rendas desse corpo capitular, sobretudo as que se derivavam do Voto de Santiago. Neste sentido, a atenção especial que mereceu a integração do *Privilégio dos Votos* (ACS) na obra de Vasques explica-se pelo intuito de neutralizar a incipiente contestação de que era objeto a veracidade desse diploma, no mínimo, desde a primeira metade do séc. XV. O anterior associado ao facto de a *Crónica* conter um relato em romance sobre os períodos mais recuados da diocese de Íria-Santiago fez com que se tenha convertido num recurso fácil de utilizar para rememorar esse glorioso passado marcado pela pegada do Apóstolo. Lembremos, contudo, que ela praticamente não incorpora conteúdos originais, visto que se trata, em essência, da tradução do sinótico *Cronicão Iriense* e de uma parte da *História Compostelana* (até ca. 1105-1108).

Sobreviveram, ao menos, duas cópias que reproduzem, de modo integral, o original do ACS, custodiadas pela Biblioteca Nacional de Madrid e pela Biblioteca Histórica da Universidade de Salamanca, ambas do séc. XVII. Estes manuscritos incluem o episódio dos “sucessos contemporâneos” situados entre 1459 e 1468, portanto, em parte coevos da escrita da obra. Esta narrativa tem como ponto de partida o facto de Rodrigo de Luna, arcebispo compostelano falecido em 1460, ter sido sepultado (ca. 1465) na igreja de Íria, reativando uma das maiores glórias desse templo: contar com a sepultura de 28 bispos, o que se traduzia numa proporção simbolicamente paralela de indulgências. No entanto, considerou-se que essa narrativa comprometia o valor probatório que, a favor das tradições jacobeanas, se pretendia para a obra, porquanto supunha, em palavras de Castellá Ferrer, uma mistura suspeita “de cosas, entre los tiempos antiguos, de los más modernos”. Obviamente, também

não ajudava o conteúdo do colofão situando a gênese da *Crónica* no âmbito da Sé compostelana e por mão de um simples clérigo como Rui Vasques. Ao que parece, a solução inicial consistiu em forjar uma (denominada) *Historia Iriense* em castelhano com traços medievalizantes da qual Castellá Ferrer, a quem foi entregue por membros do Cabido compostelano como “verdadera” –a de Rui Vasques seria uma cópia dela–, reproduziu alguns fragmentos na sua *Historia del Apóstol* (1610). Sem margem para dúvidas, nessa “cópia” já foram omitidos os segmentos citados, do mesmo modo que no traslado hoje custodiado pela Biblioteca Vaticana –a que atribuímos o rótulo de *História de Íria*–, objeto central de estudo nesta publicação. Note-se que essa supressão veio a criar uma contradição interna no texto, dado que nos preliminares dela se anuncia que o relato histórico se prolonga “ata o tempo em que somos”; “tempo” que só pode corresponder aos “sucessos contemporâneos”. A gênese desse códice conservado em Roma situa-se no contexto da polémica pela segunda proclamação de Santa Teresa como copatrona, entre 1626 e 1629. Com efeito, uma nota na capa do manuscrito explica que fora lavrada na Sé de Santiago para Tomás Tamayo de Vargas, autor de um memorial em defesa do patronato único para Santiago, a ele encomendado pela Igreja de Santiago. Além da referida amputação, a adulteração do exemplar em questão foi completada com a introdução de um posfácio em que se atribui a autoria da obra a João Rodrigues do Padrom e de uma breve anotação, na margem do primeiro fólio, situando a composição da obra em 1444, certamente com o intuito de se adequar à cronologia conhecida do padronês.

Apesar de que já no séc. XIX um investigador como Antonio Paz y Meliá, através de análises e interpretações criteriosas, tinha evidenciado a impostura que subjaz a essas intervenções, David Mackenzie, em meados do século passado, caía na armadilha concebida havia mais de trezentos anos no seio da Sé compostelana. Assim, em dois trabalhos insignificantes, nos vários sentidos desse adjetivo, chegava a admitir para a cópia vaticana uma origem independente da do códice conservado em Santiago, com base nas omissões de texto e na introdução das notas a que fizemos menção e, por outro lado, na (incorreta) interpretação de algumas diferenças linguísticas. Tudo

levava a pensar que a opinião do britânico seria votada ao definitivo esquecimento até que, na segunda década deste século, foi achada e, inopinadamente, ressuscitada por Ana Isabel Boullón Agrelo. Em estudos anteriores, alguns mesmo prévios às publicações de Boullón Agrelo, Souto Cabo (2001, 2014, 2022) já demonstrou com provas indelmentáveis que a obra de Rui Vasques fora necessariamente o antígrafo da cópia conservada em Roma. Com esse mesmo intuito, no trabalho que agora apresentamos, orientamos o foco para a análise de aspetos concretos da tese de Boullón Agrelo (cf. *infra*).

Dado que no manuscrito em questão não se especifica o nome do copista, ignorava-se quem fora o autor desse traslado; porém, pelas soluções linguísticas nele adotadas, era fácil concluir que fora alguém procedente do extremo sudeste da atual província de Pontevedra, muito provavelmente da Paradanta, comarca em cujo interior se situa o concelho de Crecente (ou Crescente). A interpretação dos dados, um tanto confusos, fornecidos por Antonio Paz y Meliá sobre o colofão do manuscrito que pertenceu a Aureliano Fernández Guerra, gémeo do conservado em Roma, colocaram-nos na pista do seu possível autor: Gregório de Lobarriñas Feijó, cura de Crecente e comissário da Inquisição galega. Essa possibilidade viu-se confirmada pela afinidade da letra do manuscrito com a do crecentino e é corroborada pelas citadas características linguísticas.

A ligação dos conteúdos da *Crónica de Santa Maria de Íria* à temática jacobea sobrevivia no séc. XVIII quando Pedro de Otero Romero y Torres, por provável encomenda dos cónegos irienses, decide utilizar a armação dessa obra para criar o que podemos justamente denominar de “falso cronicão”: a *Ystoria de la Santa Yglesia de Yria Flavia*. Na ficção criada por quem foi advogado régio, a breve crónica de Rui Vasques teria sido um “mal formado borrador” daquela que ele simula estar apenas a transcrever, denunciando o uso que, como embrião da sua, ele próprio lhe deu. Contudo, o embuste é fácil de descobrir pois, neste caso, não foram suprimidos –mas, sim, mal datados e reposicionados– os “sucessos contemporâneos” uma vez que Otero prolonga o relato histórico até ao séc. XV para concluir a sua *Ystória* com eles. Por estranho que possa parecer, dado que o relato desses sucessos é totalmente indissociável do escrito por

Rui Vasques, Boullón Agrelo também quis utilizar esta obra como (impossível) apoio das suas conjeturas, assunto já analisado por Souto Cabo (2014, 2022).

Este trabalho, além desta introdução, estrutura-se em três partes. A primeira, da autoria de José António Souto Cabo, contém quatro secções. Na primeira contempla-se a figura de Gregório de Lobaríñas (§1.1). A análise pormenorizada dos argumentos textuais aduzidos por Boullón Agrelo, em sustento da suas conjeturas sobre a genealogia dessa cópia, integra-se na alínea seguinte (§1.2). Como complemento da anterior, são considerados outros dados de natureza diversa que não a validam (§1.3). A caracterização linguística do texto manuscrito (§1.4) e um apêndice (§1.5) contendo um soneto em castelhano, como único impresso de Lobaríñas dado ao prelo por ele, completam esta primeira divisão.

A segunda parte, obra de Ramón Mariño Paz, mostra como Lobaríñas modificou a língua do manuscrito de Rui Vasques para adaptá-la ao galego que melhor conhecia: a variedade popular falada nas terras de Crecente entre as últimas décadas do séc. XVI e as primeiras do séc. XVII. Na primeira secção (§2.1) são discutidas as intervenções modernizadoras; na segunda (§2.2), as adaptações ao uso de Crecente sem carácter modernizador; na terceira (§2.2), as acomodações a um uso popular não necessariamente moderno nem especificamente próprio de Crecente; na quarta (§2.4), as intervenções motivadas pela influência do castelhano ou pelo desejo de a evitar; na quinta, (§2.5), outras alterações; na última (§2.6), é lançada uma hipótese sobre a motivação destas intervenções linguísticas.

O trabalho completa-se, na terceira parte, com as edições do manuscrito da *Crónica de Santa Maria de Íria* do Arquivo da Catedral de Santiago e da cópia conservada na Biblioteca Vaticana. Essas edições, de que são responsáveis, respetivamente, José António Souto Cabo e Ramón Mariño Paz, constituem a base para as múltiplas remissões textuais incluídas no estudo de Souto Cabo, ocasionalmente complementadas pela referência aos manuscritos no caso da reprodução de imagens. Pelo contrário, as referências textuais do manuscrito C que são feitas no trabalho de Mariño Paz foram tiradas da edição contida em Souto Cabo (2001), a única rigorosa

e disponível quando praticamente todo esse trabalho foi realizado, entre 2021 e 2022. As poucas diferenças entre a “Primeira leitura” da edição de 2001 e a que agora apresenta Souto, referidas na seção 3.1 da terceira parte deste livro, não afetam a análise realizada por Mariño, de modo que se torna desnecessário o enorme esforço que implicaria revisar cada uma das inúmeras formas nele citadas para fazer alterações que têm a ver apenas com a marcação da expansão das abreviaturas ou com pormenores sem importância para a substância deste estudo. Por isso decidimos manter a edição apresentada em Souto Cabo (2001) como fonte para as formas do manuscrito C citadas na segunda parte.

---

\*\* Siglas arquivísticas: ACS = Arquivo da Catedral de Santiago, AHN = Arquivo Histórico Nacional (Madrid), AHPOu = Arquivo Histórico Provincial de Ourense, AMFP = Arquivo do mosteiro de Ferreira de Pantom, BCLM = Biblioteca de Castilla-La Mancha (Toledo), BNE = Biblioteca Nacional de España (Madrid), BNP = Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa), BRAH = Biblioteca de la Real Academia de la Historia (Madrid), USAL = Universidade de Salamanca, USC = Universidade de Santiago de Compostela.

# PRIMEIRA PARTE

ORIGEM E IDENTIDADE DA *HISTÓRIA DE ÍRIA*

José António Souto Cabo





Além das cópias seiscentistas da *Crónica de Santa Maria de Iria*<sup>1</sup> –cit. *Clria*– conservadas na Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. M), na Universidade de Salamanca (Ms. S) e na Biblioteca Apostólica Vaticana (Ms. V) –cit. *HIria*<sup>2</sup>–, temos constância de uma outra (por enquanto) perdida que pertenceu a Aureliano Fernández Guerra<sup>3</sup>. Tal códice foi utilizado, incluindo a reprodução de vários fragmentos, por este último e por Fidel Fita em *Recuerdos de un viaje a Santiago de Galicia* –cit. *Recuerdos*– (1880: 28-29, 31, 33, 39, 138). De acordo com os autores citados, tratava-se de um traslado efetuado no primeiro terço do séc. XVII pela mesma mão que lavrou a *HIria*<sup>4</sup>. Por outro lado, acreditando nas (falaciosas) anotações contidas no próprio códice, esses estudiosos foram levados a pensar que o autor tinha sido João Rodrigues da Câmara ou do Padrom e que o seu antígrafo “desaparecido” pertencera à Sé compostelana:

El ejemplar que posee D. Aureliano Fernández-Guerra, y ha descrito D. Tomas Muñoz, carece de aquella larga interpolación, adjudica la obra á nuestro Juan Rodriguez, y afirma que se escribió en 1444. Este ejemplar ó copia se tomó de un manuscrito que se hallaba en el archivo de la Catedral Compostelana; y desgraciadamente ha desaparecido. Pertenece al primer tercio del siglo XVII, cuando se sacó otra copia para Tamayo de Vargas, la cual existe en Roma. Ambas son del mismo tiempo y amanuense (Fita / Fernández Guerra 1880: 39)<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> O original autógrafo, custodiado no ACS, será também nomeado como “Ms. C”. Nesse entendimento, as referências à obra em questão podem ser, nalguns casos, equivalentes ao conteúdo desse códice concreto.

<sup>2</sup> Esta sigla toma como base o rótulo que lhe é atribuído no primeiro fólio: *Historia de Yria*. Como foi dito, no colofão autoneomeia-se como *Libro dos bispos de Yrea e Santiago*, título que utilizamos nesta publicação.

<sup>3</sup> Para o correto entendimento deste trabalho, é muito conveniente (ou mesmo imprescindível) a leitura prévia de Souto Cabo (2001, 2014, 2022).

<sup>4</sup> Não se pode duvidar da íntima relação entre ambas as versões a todos os níveis. Notemos que partilham, por exemplo, a omissão do fragmento “et tomasen enxemplo das noblezas” (1.2).

<sup>5</sup> Na verdade, Tomás Muñoz y Romero (1858: 210), apesar de se referir a ele como “Escrito en idioma gallego, por Juan Rodriguez. Año 1444”, fala de duas cópias do (mesmo) “original, existente en la biblioteca de la santa iglesia de Santiago”: a de Fernández Guerra e a da “Biblioteca Nacional, F 178”.

A partir dos esclarecimentos oferecidos pelos redatores, bem como do exame dos trechos nela estampados, conclui-se que nos encontramos perante uma cópia paralela ou –o que é mais provável– derivada do manuscrito V (cf. *infra*). Com efeito, o texto que editam Fita e Fernández Guerra contém marcas textuais que o fazem dependente do conservado em Roma (cf. *infra*)<sup>6</sup>. Contudo, existem múltiplos indícios para pensar que os fragmentos impressos nos *Recuerdos* estão longe de reproduzir fielmente o que constava na versão manuscrita original, como se evidencia pela presença de um número notável de lições infiéis à *Hlria*, a imensa maioria introduzida de modo propositado (cf. *infra*).

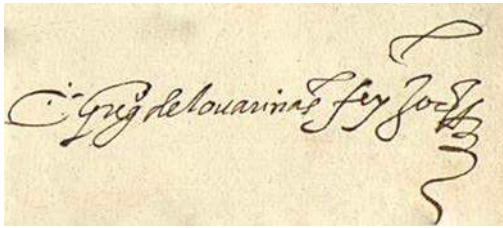
Paz y Meliá foi um dos estudiosos que emitiu juízos mais certos, do ponto de vista científico, a respeito da tradição manuscrita da *Clria*<sup>7</sup>. Interessa-nos a informação que inclui em *Obras de Juan Rodríguez de la Cámara (ó del Padrón)* sobre o manuscrito de Fernández Guerra e, em concreto, a reprodução do “colofão” do mesmo: “Fin do libro dos bispos de Irea e Santiago, que *entendo composo* Juan Rodriguez do Pudia. (?) Gerg. de Couariñas fey. No ay otro papel en esta lengua en España. Es raro” (Paz y Meliá 1884: 397).

*Tres manuscritos de la referida Crónica..... — pág. XXXIII, línea 4.—Pertenece el primero, dije, al Sr. D. Aureliano Fernández Guerra, y se copió de otro, hoy perdido, propio de la Catedral de Santiago. Es de letra del siglo xvii y comprende 13 hojas en folio (págs. 166 á 177) Reza la portada, que es de letra diferente de la del texto: «Historia de Iria, que trata de su origen, obispos, de la invencion del cuerpo de Santiago, fundacion de la iglesia de Compostela, algunos milagros del Apostol, aparicion al rey Don Ramiro y á su exercito, peleando contra los moros, voto del reino, y otras cosas pertenecientes á la Historia de España, escrito en idioma gallego, año de 1444, por Juan Rodriguez. No hay otro original en esta lengua.» Termina el manuscrito con esta nota: «Fin do libro dos bispos de Irea e Santiago, que *entendo composo* Juan Rodriguez do Pudia. (?) Gerg. de Couariñas fey.—No ay otro papel en esta lengua en España. Es raro.»*

<sup>6</sup> Sobrevivem algumas dúvidas sobre a tradição manuscrita secundária em que se integra a cópia elaborada por Lobarriñas, a quem, contudo, são atribuídas neste trabalho, de modo genérico, as divergências de V a respeito de C.

<sup>7</sup> Boullón Agrelo (2020: 137) tentou desvalorizar as opiniões deste estudioso, dado que, obviamente, não coincidem com as suas elucubrações sobre a origem de V. Veja-se Souto Cabo (2022).

Como vemos, a primeira frase coincide literalmente com aquela com que se encerra o Ms. V. Pelo contrário, as duas últimas correspondem a informações que, no manuscrito da Vaticana, ocupam a capa do códice. Entre elas surge uma indicação na qual descobrimos o nome de “Gregório de Lobarina Feijó”, indigitado, portanto, como copista do manuscrito. O que se está a transcrever é, sem dúvida, uma rubrica de Lobarina por parte de alguém que desconhecia a identidade do assinante. Isto justifica, por exemplo, a troca entre <e> e <r>, a consideração do <l> capital como sendo um <c> e, sobretudo, a omissão da última sílaba (<jo>) do apelido *Feyjo*, por ter sido confundida com os rabiscos finais da rubrica<sup>8</sup>.



AHN, Inquisición, Leg. 2145, Exp. 1, fl. 1397r

A possibilidade de o manuscrito V ter sido escrito por Lobarina viu-se confirmada pela configuração gráfica desse códice, quando conferida com outros escritos desse autor<sup>9</sup>. Em direção convergente apontam as características linguísticas do exemplar conservado em Roma, pois correspondem com precisão à área em que se situa o município (atualmente pontevedrês) de Crecente, tal como se expõe, de diversas perspetivas, nesta publicação (cf. *infra*).

<sup>8</sup> Como se reflete na imagem, Lobarina costumava separar em duas sequências gráficas esses elementos.

<sup>9</sup> A verificação desse aspeto, confiada à empresa *Dehistoria*, foi efetuada a partir de um confronto entre a letra de V e outros dois escritos de Lobarina. Em concreto, foram tomados como referência contrastiva o pedido de autorização para publicar *As Galegadas* (= A [1616]) e a demanda com que se abre o “Proceso criminal de Antonio Rodriguez” (= B [1623]) (cf. *infra*). Eis a conclusão que me foi comunicada em 2021.03.09: “El escriba del texto C [= V] es sin lugar a dudas el mismo que escribió el texto A y el texto B, es decir, por lo tanto, no cabe duda de que el autor del texto C es Gregorio de Lobarina”. Também se nota, como era esperável, o carácter “más caligráfico” de V.



S. Pedro de Crecente

Trata-se, portanto, de Gregório de Lobarriñas Feijó (ca. 1577–ca. 1637), cura de Crecente (ou Crescente<sup>10</sup>) e comissário da Inquisição na Galiza<sup>11</sup>, autor de diversas obras, mesmo algumas em galego(-português), mas perdidas quase na totalidade<sup>12</sup>. Uma fonte importante

<sup>10</sup> Esta última forma é utilizada com frequência na documentação da época.

<sup>11</sup> A sua biografia e obra foram exploradas, nas linhas essenciais, por Fernando Bouza (2009) e, muito recentemente, por Ramos Rodríguez (2023). O indubitável valor deste último trabalho vê-se parcialmente ensombrecido pela pouco ponderada análise da obra de Lobarriñas e da sua significação, sobretudo no que respeita ao contexto sociolinguístico em que se insere (cf. *infra*). São também muito aventuradas as ideias que, de modo ambíguo, expõe sobre a *História de D. Servando* e o seu relacionamento com Lobarriñas.

<sup>12</sup> O soneto *Coged niñas del Sil, las más graciosas*, editado em apêndice a este trabalho, forma parte de uma coleção poética preliminar às *Tragedias de amor* (1607) de Juan de Arze Solórzano. Este último foi preceptor de Pedro Fernández de Castro (1576-1622), VII conde de Lemos. Lembremos que Góngora, Lope de Vega ou o próprio Cervantes aparecem associados à figura de quem também foi conde de Sárria.

de informações sobre a sua biografia, pessoal e familiar, é constituída pela documentação, de 1623 a 1627, contida no pleito que estabeleceu com António Rodriguez, clérigo racioneiro da Ribeira na colegiada de S. Pedro de Crecente, portanto, companheiro de profissão do nosso autor<sup>13</sup>. A eclosão do litígio –de raízes antigas– deu-se no domingo 2 de abril de 1623, quando Lobaríñas se opôs a que António Rodríguez tirasse da citada igreja uma ara de pedra do altar da Virgem do Rosário e vários ornamentos litúrgicos para os levar à ermida de Nossa Senhora do Castro. No decorrer da violenta disputa, mesmo com derramamento de sangue, António Rodríguez manifestou publicamente que Gregório Lobaríñas era “nieto de un sambenitado” (fl. 3r), isto é, de alguém que fora condenado pela Inquisição<sup>14</sup>.

Lobaríñas descreve, em diversas alegações inseridas nessa questão judicial, a sua situação pessoal e profissional<sup>15</sup>. Sabemos que era membro de um grupo familiar natural de Crecente e, por outro lado, que já exercia como racioneiro da igreja dessa localidade havia mais de vinte anos, e como comissário da Inquisição por um período superior aos doze<sup>16</sup>. O facto de ter sido questionada a pureza de sangue de um dos seus avôs foi, por outro lado, ensejo que

<sup>13</sup> AHN, Inquisición, 2145, Exp. I. Ainda que Lobaríñas verá reconhecidas algumas das suas demandas, o pleito conclui com a imposição de penas para ambos.

<sup>14</sup> Sobre o pleito, veja-se a análise de Ramos Rodríguez (2023: 153-222).

<sup>15</sup> “Gregorio de Lovariñas Feyjoo, beneficiado y cura de la villa de Crescente y su arbabal y comissario del Santo Oficio [...] siendo yo hombre honrado, buen cristiano temeroso de Dios, cura en la dicha iglesia y beneficiado, el más antiguo y a más de veintidós años, graduado y natural de la dicha felegresía y criado en ella. Cristiano biejo, descendiente de tales cristianos biejos, limpios de toda raza de moro, judío ni penitenciado por el Santo Oficio, y siendo todos los dichos mis ascendientes, por padre y madre vezinos y naturales de la dicha felegresía, y de los mejores y más limpios linages más antiguos y más linpios que ay en todas las dichas felegresías de Crecente y al rededor, y siendo ansí mesmo comissario del Santo Oficio, a más de doze años, trayendo la crus y ynsignia” (fls. 139r-139v [1623.04.03]). Por essa mesma fonte, sabemos da existência de, pelo menos, três irmãos (Álvaro, João e Miguel).

<sup>16</sup> Com efeito, ele foi promovido a comissário da Inquisição em 1610.05.10: “El bachiller Gregorio de Lobaríñas, racionero de la colegial de Crecente, obispado de Tuid, fue promovido por comissario por los inquisidores Muñoz y Ochoa en 10 de mayo de 610. Es arciprestazgo de tierra de San Martín y tiene 18 feligresías» (AHN, Inquisición, Leg. 2886 [“Memorial de los comissarios y notarios, assí eclesiásticos como seglares, que al presente ay en la Inquisición del reyno de Galicia”]).

habilmente aproveitou para exalçar as próprias origens familiares, fazendo jus à “pretensão linajuda” que lhe atribui Bouza (2009: 26, n. 78)<sup>17</sup>. De facto, é fácil constatar-mos essa intenção no conteúdo de algumas das questões, redigidas pelo próprio Gregório, às quais deviam dar resposta as suas testemunhas<sup>18</sup>:

II. Si saben que Pedro de Lovariñas y Inés Martínez Feyjoo fueron vecinos de la dicha felegresía del Arrabal de Crescente, personas limpias de toda raza de moros, judíos o penitenciados por el Santo Oficio, nobles descendientes que fueron el dicho Pedro de Lovariñas de la Casa do Castro de Lovariñas, que es en la dicha felegresía. Y la dicha Inés Martiz descendiente de la Casa dos Feyjoos, que es junto a Celanova. Las cuales dichas casas son solares de nobles, de donde han procedido y descendido muchos nobles de este reyno, como fueron los dichos Pedro de Lovariñas y Inés Martiz, y en tal possisión han estado y están, fueron avidos y tenidos en la dicha tierra y más partes donde fueron conocidos, sin que ubiese otra cosa en contrario<sup>19</sup>.

III. Si saben que los dichos Pedro Lovariñas y Inés Martiz Feyjoo fueron casados y velados, el uno con el otro y, turante entre ellos el matrimonio, ubieron y procrearon por su hijo legítimo a Christóval Pérez de Lovariñas, vezino que fue de la dicha villa de Crescente; el qual, como tal hijo de los sobredichos, era avido y tenido por noble hijodalgo, notorio y limpio de toda raza [de moros, judíos o penitenciados por el Santo Oficio]. Y fue casado y velado con Sabina Álvarez, del qual dicho matrimonio ubieron y procrearon por su hijo legítimo al dicho Gregorio de Lovariñas.

<sup>17</sup> Utilizamos este artigo de Fernando Bouza como fonte para algumas das questões tratadas nesta secção, mas partimos da consulta direta da documentação referida ao respeito.

<sup>18</sup> Procedemos a normalizar parcialmente, do ponto de vista gráfico, os textos do séc. XVII, de origem manuscrita ou impressa, reproduzidos neste trabalho.

<sup>19</sup> Encontramos o nome de Pedro de Lobariñas, provável avô de Gregório de Lobariñas, numa escritura de 1505 em que se refere a sua participação num aforamento integrado no couto do Roças (AHN, Clero Secular-Regular, Most. de Melom, 1480, nº 2). Também se faz menção a um Álvaro de Lobariñas por ser o titular de um empraçamento limítrofe. O couto citado, pertencente ao mosteiro de Melom, situava-se, provavelmente, na freguesia de Sela (conc. Arbo).

594  
459

Las Preguntas siguientes Seran en las Alas de los Regios y  
 Juan Gregorio de Louarinas, fey juo beneficiado de la villa  
 de Crescente y en Arcahal cónsul arrio del dho. officio en  
 pleito que trata con Antonio Dho. clérigo Racionero de  
 La Riera y

Primera Se preguntado por el conocimiento de las par  
 tes y noticia de su dho. pleito y causas

Si saben que Pedro de Louarinas y Ines martir fey juo fueron  
 vecinos de la dha. felegria del Arcahal de Crescente Por  
 donas limpios de la rassa de moros feydos y dimiten u  
 dos por el dho. officio nobles descendientes que feyeron, el dho.  
 Pedro de Louarinas de la casa de castro de Louarinas que es  
 en la dha. felegria y de la dha. Ines martir descendiente  
 de la casa de fey juo que es junto a Colencia las quales  
 dhas. casas son solares de nobles de don de se procedidos y de  
 unido muchos nobles de este Reyno como fueron los dho. P  
 de Louarinas y Ines martir y en la dha. felegria honestado y  
 estan feyeron auudos y tenidos en la dha. Sabana y mas parte  
 don de feyeron cono vados, en que vbiere Inuasa en contra

Si saben que los dho. Pedro de Louarinas y Ines martir fey juo  
 fueron casados y velados e uno con el otro y trasante ante  
 ellos el matrimonio vbiere y procrearon por su dho. legitimo  
 al fidalgo que es de Louarinas y que fue de la dha. villa de Cres  
 cente el qual como al dho. dho. Pedro de Louarinas era auudo y teni  
 do por noble el dho. de dha. y de Louarinas y limpio de la dha. rassa  
 fue casado y vela do con Sabana Alcaal del qual dho.  
 matrimonio vbiere y procrearon por su dho. legitimo al  
 dho. Gregorio de Louarinas

Si saben que la dha. Sabana Alcaal fue dho. legitimo de dha.  
 fey juo descendiente de la casa de Sigüenza que es en la dha.  
 y de Catalina Broxloor que feyeron vbiere de la dha. villa de

III. Si saben que la dicha Sabina Álvarez fue hija legítima de Álvaro Ferreyro, descendiente de la casa dos Siguíns, que es en la Limia, y de Catalina Baylloa, que fueron vezinos de la dicha villa de Crescente, personas principales, nobles christianos biejos, limpios de toda raza de moro, judío o penitenciado por el Santo Oficio y de otra nota de infamia. Y por tales fueron avidos y tenidos y conocidos y comunmente reputados en la dicha tierra y en las demás partes donde les conocían, por ser el dicho **Álvaro Ferreyro** hombre de mucho valor, rico y hazendado. Y rigió y gobernó, mientras fue bivo, toda tierra de San Martiño y jurisdicción de Fornelos. Y los señores de ella le honravan y respetavan. Y todos los vezinos de la dicha tierra le estimavan y respetavan por señor de la dicha tierra, les estimavan y respetavan por ser de las dichas calidades (fls. 594r-594v [I624.01.12])<sup>20</sup>.

Entre outros aspetos, Lobaríñas reclama-se descendente, por via materna, dos *Siguíns* –Seguins ou Seguinos– da Lima (ou Límia) ou-rensana. Ora bem, como se sabe, o (fingido) tradutor para galego da obra de D. Servando foi o bispo Pedro Fernandes de Temes também conhecido como “Seguino”, descendente pela mesma via cognática dessa estirpe: “eu Don Pedro Fernandes de Temes, a quen os de Orense chaman Seguino, por me vir por parte de may, que por meu pay decendo dos Fernandes de Temes de Chantada” (Souto Cabo 2007: 57). Note-se, por sua vez, que, de acordo com a ficção criada, D. Pedro Seguino e os Boán estariam, afinal, ligados familiarmente uma vez que, na *História de D. Servando*, os Fernandes de Temes e os Boáns aparecem integrados na mesma linhagem: “Ferrnandes de Temes e Boan e Buxam” (Souto Cabo 2007: 66).

Por outro lado, Gregório solicitou que se incorporasse, na documentação do pleito, cópia de várias escrituras antigas em apoio da sua causa. As de maior interesse são aquelas relacionadas com a linhagem do autor. O documento mais extenso é um acórdão de 1601 entre Maria de Urquiçu, em nome do marido, Pedro Pérez de

<sup>20</sup> O Santo Oficio deu, neste ponto, a razão a Lobaríñas: “Fallamos que debemos declarar y declaramos al dicho Gregorio de Lobaríñas Feijó ser persona christiano viexo, limpio de toda raza de moro, judío, penitenciado por el Santo Ofizio ni por otro tribunal y lo mismo sus padres, abuelos, acedientes y demás antepassados” (fl. 1362r).

Sotomayor, e os vassallos da terra de S. Martinho (fls. 461r-494b). Estes últimos eram representados, entre outros, pelo próprio Lobarriñas e pelo pai dele: “Bachiller Gregorio de Lovarinas Feixoo, racionero del Arraval de Crecente, y Christoval Peres de Lovarinas, rexidor del concejo de Tierra de San Martino” (fl. 476v). No caso de uma escritura de 1461, contendo a sentença sobre a administração do mosteiro de S. Pedro de Crecente (fls. 495r-497r), o interesse para Lobarriñas resultava da referência a “antepassados del dicho Gregorio Lovariñas y como eran nobles del solar do Castro o Castelo de Lovariñas” (fl. 460v). Com efeito, entre os fregueses que exercem como testemunhas são citados “Fernan Bayllon”, “Juan Bayllon” –parentes, portanto, da avó materna (cf. *supra*)–, “Pedro de Lovariñas” e “Afonso do Castelo de Lovariñas” (fl. 495)<sup>21</sup>. Trata-se de um texto, talvez transcrito pelo próprio Lobarriñas, sobre cuja autenticidade temos algumas dúvidas, a julgar pela sua configuração linguística<sup>22</sup>.

Além das informações referidas, são escassos os dados sobre a biografia de Lobarriñas<sup>23</sup>; talvez o de maior relevo tem a ver com a sua presença como estudante em Salamanca onde terá composto os *Pastores de Tormes*, segundo no-lo indicava o seu sobrinho, também chamado Gregório de Lobarriñas Feijó (II), em carta a António Pais de Sande de 1662.04.14<sup>24</sup>. Ao que parece, a obra seguia o modelo da *Arcadia* (1598) de Lope de Vega, explicitamente considerado “íntimo amigo” de Lobarriñas<sup>25</sup>. Sabemos, com efeito, que o escritor madrileno permaneceu em Alba de Tormes entre 1592 e 1595, integrado na

<sup>21</sup> Ele também solicitou uma “carta executoria en favor de los dichos vezinos de Crecente” em que teria intervindo Álvaro Ferreiro, o que demonstraria como foi “amparo y gobierno de la dicha tierra” (fl. 460v).

<sup>22</sup> Se, na verdade, estamos perante um documento apócrifo, o Pedro de Lobarriñas citado poderia ser (errónea e) implicitamente postulado como avó de Gregório de Lobarriñas. Ramos Rodríguez (2023: 30), que não duvida da autenticidade do escrito, considera-o o seu bisavó.

<sup>23</sup> Ele foi também colegial de Santa Cruz de Valhadolid. Encontramos esse dado em diversos estudiosos, mas desconhecemos qual é a fonte (Rey Castelao 2003: 558).

<sup>24</sup> O sobrinho oferece informações sobre a situação e paradeiro das obras do tio, objeto de interesse por parte de Jerónimo de Mascarenhas, por intermédio de Sande. Sobre a identidade destes últimos, veja-se Ramos Rodríguez (2023: 103-107).

<sup>25</sup> BNE, Ms. 2389, fls. 120r-121r. A carta foi editada e analisada por Salvá (1953), que também faz um levantamento dos autores que se serviram da obra de Lobarriñas. Ramos Rodríguez (2023: 251-252) inclui edição dessa missiva.

corte ducal de Alba de Tormes, contexto em que se pôde situar o contacto com Lobarriñas. A missiva citada, reproduzida parcialmente a seguir, dá também conta da existência doutras duas obras do tio:

Mi tío, señor, se llamó el licenciado Gregorio de Lovariñas Feijoo, fue comissario del Santo Oficio, letrado (según su fama lo dice) grande, pero fue muy dado a humanidades, en que salió perito. Compuso entre muchas otras cossas tres libros: uno en Salamanca, intitulado *Pastores de Tormes*, es a manera de la *Arcadia* de Lope, su íntimo amigo. Tiene prosa y verso a lo pastoril, pero es de mucho gusto porque, de quantos géneros de verso ay, está adornado. Ay cédula real para imprimille, y está ya aprobado, pero como faltó el dueño flaquearon las alas. Otro avía intitulado *Antigüidades de Galicia, su lengua, reyes y fundacion*, también estaba ya aprobado, y cédula del rey para podelle imprimir. Esta está aquí en cassa, el libro lo imbió al doctor Araujoo que vivía en Monçon [...] y, como se lebantó el reyno, se quedó con él, aunque acá quedó el rasguño, pero a de costar a ajustar trabajo. El maior de todos, y de más substancia es la *Historia de los Santos de Galicia*. Está el libro acabado con toda perfección, es maior que una parte del *Flos Sanctorum* de Villegas. Quiso la poca suerte que acaballe y acabarse al dueño la vida todo fue uno. Teniale dedicado al padre confesor D. fr. Antonio Sarmiento.

A *Historia de los Santos de Galicia* foi largamente aproveitada por autores dos sécs. XVII e XVIII (Ramos Rodríguez 2023: 73-91), sendo conhecida também como *Topografía sacra de Galicia* ou *Topografía de los santos de Galicia*<sup>26</sup>. Huerta y Vega nos *Annales de el reyno de Galicia* (1736: 326r) reproduz um fragmento, intitulado-a como

<sup>26</sup> Pensamos que Salvá (1953: 118) se engana ao afirmar que “El libro de las *Antigüedades de Galicia* es, sin duda, el que Nicolás Antonio y los bibliógrafos que le siguen intitulan *Topografía sacra de Galicia*, en el que trata de la «lengua, reyes, y fundación» de aquel reino, siendo con carácter regional precursor de la magna obra del P. Flórez”. O erro resulta da tentativa de compatibilizar o conteúdo da carta com a informação de Nicolás António (1783: 544), que faz alusão a *De los Santos de Galicia* e à *Topografía sacra de Galicia*, embora se trate da mesma obra –como suspeita o próprio polígrafo hispalense–, mas não às *Antigüedades*. O testemunho de Cardoso (1666: 838), que a denomina *Topographia Sacra* ou *Topographia dos Sanctos de Galiza*, evidencia que, desde cedo, incorporou no título o termo “topografía”.

*Santos de Galicia*, a propósito do lugar em que se produziu uma batalha contra os mouros no ano de 821:

También en el nombre Anceo ay variedades, porque Sandoval quiere sea Narcea y Castellá Ferrer, que Cea, a tres leguas de Orense. Pero el licenciado Lobarriñas impugna estas opiniones con gran fundamento y afirma que el río Anceo de los antiguos baixa de los montes de el Suido, passa immediato a la Casa de Sotomayor, y entra en la mar a la Puente San-Payo. «Aquí en un monte (prosigue este autor) que se llama oy día “Anceo”, se hallan aún muchos hierros de lanzas, herraduras de cavallos, y otras cosas, que muestran haver habido allí una gran batalla, y en medio de él está un monumento de piedra bien labrado, donde dicen está un gran príncipe enterrado, a que por religión nadie se atreve a tocar. La misma tradición de la comarca afirma, que fue allí una gran mortandad de moros. Yo he visto y notado la disposición de el sitio, que es un recuesto y llanada capaz, y muy a propósito para ello. Bastantes son estos argumentos para pensar fue aquí la rota de el moro Alahez, y no en otra parte». He copiado a este autor, porque corre manuscrito, y es de los que más juiciosamente escribe, de los que he leído, que han historiado las cosas de Galicia.

Como vemos, trata-se de uma obra que, mesmo tomando como partida o santoral galego, incluía informações de natureza diversa<sup>27</sup>. Também interessa notar o grande crédito de que gozava Lobarriñas como historiador eclesiástico ainda na primeira metade do séc. XVIII. A última referência a essa compilação hagiográfica procede de um manuscrito de ca. 1781 que contém uma espécie de guia eclesiástico da diocese de Ourense (Hernández de Figueiredo 2017: 367)<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> Conhecemos o texto de um hino em latim relativo a Santa Eufémia que estava incluído nessa obra de Lobarriñas –provavelmente da sua autoria– reproduzido no *Martirologio* de Tamayo de Salazar (1656) (cf. *infra*).

<sup>28</sup> O manuscrito conserva-se na Biblioteca de USC: *Obispado de Orense con sus beneficios y anexos y las jurisdicciones y cotos de la provincia con otras varias curiosidades* (RSE 4727). Murguía (1901: XIV) faz também alusão e esse trabalho –considerando-o perdido– como último testemunho conhecido dessa obra de Lobarriñas: “Hemos trabajado bastante para hallar la importante obra de Lobarriñas, mas no logramos conseguirlo. Sin un dichoso azar que nos lo devuelva, puede darse por perdida, y es gran lástima. Llegó hasta mediados del siglo pasado, puesto que se cita en un trabajo relativo á la provincia de Orense, que poseía la Biblioteca de la Sociedad Económica de Santiago, en donde le vimos y de donde desapareció”.

Na missiva antes citada, o sobrinho do racioneiro de Crecente não faz qualquer alusão explícita à produção historiográfica do tio em galego(-português), aspeto de grande interesse, pela sua raridade, no contexto temporal em que se produz. Sabemos, contudo, que Lobaríñas pediu autorização para publicar um livro em galego nos anos de 1616 e 1626 (Bouza 2009: 28-29, 2012: 181). Ainda que, muito provavelmente, se trate da mesma obra –e suspeitamos que, por sua vez, coincidente com as *Antigüidades*–, encontramos dois títulos diversos: *Galegadas* e *Historia de Galicia*. Relativamente ao primeiro, cuja publicação foi rejeitada, o próprio autor explicava assim o seu conteúdo no pedido de autorização para a publicação<sup>29</sup>: “contiene, en lengua gallega, el origen de aquel reyno, prosiguiendo por los reyes y señores que le governaron, desde el diluvio general hasta la venida de nuestro señor Jesu Christo, con otras antigüedades dignas de saberse”. Quanto ao último, conhecemos a lacónica resposta positiva de Diego González Villarroel à (nunca efetuada) publicação: “un libro que ha compuesto intitulado *Istoria de Galicia* desde o funduza (sic [“a fundação”?]) hasta la benida de Nuestro Señor, en lengua propia y natural gallega”<sup>30</sup>. Tal como sugeriu Bouza (2009: 33), a recusa, no caso da primeira tentativa, poderá estar relacionada com a origem da polémica do patronato, dado que o “encomendero” que emitiu parecer desfavorável foi Francisco Márquez de Gaceta, que “ha pasado a la historia aureolado por su «teresianismo» y su privilegiada relación con los carmelitas”<sup>31</sup>. Com efeito, a temática santiaguista

<sup>29</sup> AHN, Consejos, Leg. 45027.

<sup>30</sup> AHN, Consejos, Lib. 646, fl. 228r. Ramos Rodríguez (2023: 59-61) liga a autorização a eventuais vínculos de Lobaríñas com António Sarmiento –a quem o crecentino dedicava a *Historia de los Santos de Galicia*–, identificado por esse estudioso com António de Souto Maior, confessor de Filipe IV. Notemos, contudo, que o apelido com que é lembrado pelo sobrinho de Lobaríñas é “Sarmiento”.

<sup>31</sup> Considero anacrónicas as observações sociolinguísticas que Ramos Rodríguez (2023: 47-58) manifesta a respeito de diversos aspetos como o abandono do uso escrito do galego, o contexto em que surge a obra, as dificuldades que teve Lobaríñas para obter licença de publicação ou as pretensões dele com o uso do galego. Por outro lado, custa ainda entender os louvores hiperbólicos que tece sobre a produção desconhecida de Lobaríñas (“O proxecto máis ambicioso dunha época”, “a obra mais importante escrita en galego na época escura da nosa produción literaria”, pp. 52-53), isentando, aliás, o autor de qualquer relacionamento com as falsificações históricas do período, realidade desconhecida no estudo de Ramos Rodríguez (cf. *infra*).

terá sido um dos ingredientes das *Galegadas*, como corresponde ao período caracterizado pela publicação da *Historia del apóstol de Jesus Christo Sanctiago* (1610) de Mauro Castellá ou da *Historia del glorioso apóstol Santiago* (1615) de Ojea, o que nos aproximaria claramente da motivação que está por trás da cópia da *CIria* da Biblioteca Vaticana.

Como vimos, o sobrinho do nosso autor fazia menção à obra em questão como *Antigüidades de Galicia, su lengua, reyes y fundacion*, título que, com algumas variantes não significativas a respeito do seu conteúdo, surge noutras referências já citadas. Esse rótulo poderia, na verdade, parecer enigmático ou extravagante se pensássemos que o seu referente era apenas o antigo reino da Galiza, coincidente, em linhas gerais, com a atual comunidade autónoma espanhola<sup>32</sup>. No entanto, temos dados que nos asseguram que nas *Antigüidades de Galicia*, conhecidas como *Galegadas* ou *Historia de Galicia*, não só se contemplava a história antiga dessa Galiza, como também, pelo menos, a da área da província portuguesa tradicionalmente conhecida como “Entre-Douro-e-Minho”, composta pelos atuais distritos de Braga, Porto e Viana do Castelo, e parte dos de Aveiro, Viseu e Vila Real, abrangendo, assim, uma parte substancial do território da Galécia romana<sup>33</sup>. A informação procede, em primeiro lugar, de Manuel Pereira de Novais (1916: 37), portuense que foi frade do mosteiro de S. Martinho Pinário nos dois últimos terços do séc. XVII<sup>34</sup>. Ele oferece esse dado no primeiro volume do *Episcopologio*

<sup>32</sup> Ramos Rodríguez (2023: 66-71) considera que o opúsculo “Descendencia de la cassa y familia de Noboa, fortaleza de Mazeda de Limia”, redigido por Lobarriñas em 1615, seria uma parte dessa *Historia de Galicia*. Trata-se da história da linhagem dos Nóvoa até ao séc. XVI transmitida por uma cópia de 1654 custodiada pelo AHPOU (Casas particulares, Caixa 9725) em cuja introdução se diz que “Después [Lobarriñas] compuso un libro de los linages y antigüedades de este reino que decía esto mismo”. Do nosso ponto de vista, trata-se de um traslado do original elaborado pelo próprio Lobarriñas em castelhano, não uma tradução de um suposto texto em galego, como quer Ramos Rodríguez. A coincidência argumental (“decía esto mismo”) não implica que na *Historia* se reproduzisse literalmente esse texto, sobretudo se tivermos em conta a sua notável extensão (52 páginas), mas apenas os mesmos conteúdos informativos.

<sup>33</sup> Lembremos que a obra teria natureza de miscelânea, similar à *História de D. Servando*, o que era habitual na altura.

<sup>34</sup> Ao que parece, ele foi também, durante doze anos, prior do mosteiro de S. Martinho de Oçom (conc. Mugia/Muxia).

da cidade de onde era natural, corroborando-o ainda por outras indicações históricas concretas<sup>35</sup>:

Tuve, así mesmo, otros apuntamientos grandes, que copié de diversos papeles, que juntó con mucha curiosidad y erudición el licenciado don Gregorio de Lobarina, abbad de la villa de Crescente, en el obispado de Tuy, cuyos trabajos paran oy en cassa del abbad de Par[da]vedra, cerca de la villa de Villanova de los Infantes y de nuestro insigne monasterio de San Salvador de Celanova, del Orden de N. P. S. Benito –fundación de nuestro grande obispo de Dumio N. P. S. Rosendo–, sobriño del dicho abbad D. Gregorio de Lobarina. **El qual, como tractava de escribir la *Historia particular del reyno de Galicia*, comprehendendo en ella a la provincia de Entre Duero y Miño, como parte muy principal d’él, en tiempos antiguos, como es notorio, vio con mucho asierto y elección los archivos principales de dicho reyno y de esta provincia, y manoseó muchos papeles, que vi y me fueron de grande provecho, dándome luz de algunos obispos, que pone por praelados de nuestra Ciudad, como apuntaré en sus lugares, dando a cada uno lo que es suyo, y a este auctor las gracias d’esta advertencia.**

Como vemos, Novais teve conhecimento do “rasgunho” da *Historia de Galicia* que ficara na posse do sobriño de Lobarina, na altura pároco de Pardavedra (conc. Bolo, Ourense), por ocasião de uma viagem às terras de Celanova entre 1677-1680 (Ramos Rodríguez 2023: 64). O interesse para o beneditino derivava, portanto, da incorporação nela de informações relativas à província portuguesa citada, considerada “parte muy principal” do antigo reino da Galiza “en tiempos antiguos”, incluindo, por exemplo, informações sobre prelados do Porto na alta Idade Média<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Novais (1913: 10-12; 1916: 27-28, 303-304). Veja-se Ramos Rodríguez (2023: 62-66). O manuscrito original da obra encontra-se na Biblioteca da Universidade de Santiago (Ms. 88), instituição que também custodia um exemplar da (citada) edição impressa no Porto em inícios do séc. XX (R 5709).

<sup>36</sup> Uma evidência concreta surge na informação transmitida por Cardoso (1657: 680) a respeito de uma carta escrita por Lobarina ao arcebispo D. Rodrigo da Cunha, em 1636.05.01, sobre a história de Braga. Trata-se, em concreto, dos antecedentes familiares de Santa Senhorinha de Basto, que o de Crecente faz “descendente dos reis de Leão e condes de Coimbra”.

Como apontava o sobrinho do racioneiro na carta a Pais de Sande, Lobariñas emprestara o manuscrito da sua *História* ao seu amigo João Salgado de Araújo<sup>37</sup>, comissário do Santo Ofício e canonista natural de Monção, mas esse exemplar nunca foi restituído ao crecentino nem aos seus herdeiros<sup>38</sup>. Ora bem, o monçanense foi autor do (nunca publicado) *Compendio de la verdadera y legítima nobleza y sus casas solariegas. En que se escribe la historia del reino de Galizia y comarcas de entre Duero y Miño y Tras-los-Montes desde el principio de su primera población hasta nuestros tiempos*<sup>39</sup>. O primeiro volume, para o qual lhe foi concedida licença de impressão em 1635, tem uma função introdutória. Além de teorizar sobre o conceito de ‘nobreza’, inclui, entre outros argumentos, a descrição de Europa e uma extensa história do mundo, de acordo, obviamente, com a narrativa bíblica. O segundo, conservado numa fase de redação inconclusa, é consagrado ao “nobiliário”, ordenado alfabeticamente, e a outras questões de interesse histórico a ele ligadas<sup>40</sup>. Em diversos pontos da obra, o monçanense faz uma apologia hiperbólica da Galiza,

<sup>37</sup> Sobre a vida e obra de Salgado de Araújo, leia-se o trabalho de Santos Fernández (2003: 622-632) dedicado a estudar a origem do *Memorial, información y defensión apologética del patronato de España por el apóstol Santiago* escrito por aquele (cf. *infra*).

<sup>38</sup> O envio desse exemplar a Araújo é um importante indício sobre a cumplicidade intelectual que, com este último, mantinha Lobariñas.

<sup>39</sup> AHN, Consejos, Leg. 50816/1 e 50816/2. Araújo (1638) publicou uma pequena amostra dessa obra como *Sumario de la familia ilustrissima de Vasconcelos, historiada y con elogios*. Nos esclarecimentos introdutórios consta que se tratava de um capítulo do que seria terceiro tomo: “Que si bien es verdad tengo escrito difusamente desta familia en el tercer tomo de la *Historia y nobleza del reyno de Galizia y provincias de Entre Duero y Miño y Tras-los-Montes*, son de tanta eficacia los actos positivos de buenos exemplos que se hallan en esta prosapia, que traté de anticiparla con este *Sumario*”. Repare-se no uso de um rótulo parcialmente diverso daquele que figura no manuscrito conservado no AHN.

<sup>40</sup> Entre as informações de Bouza (2009: 11-12, 14, 17-18, 25) sobre o conteúdo desse manuscrito, cabe sublinhar o reconhecimento dos vínculos com o Conde de Gondomar: “En ese conjunto de partes componentes [...] destacan unos *Hechos particulares hazañosos de algunos caballeros gallegos*, también referenciados como *Observaciones de cosas de Galicia y aquí la carta del conde de Gondomar que refiere proezas de gallegos*. Como vemos, la larga sombra de Diego Sarmiento de Acuña también se extendía hasta el canonista Salgado de Araujo” (p. 18). Apesar do interesse que a análise dessa obra encerra para o estudo das *Galegadas*, Ramos Rodríguez (2023: 117, n. 84) manifesta que “No caso do trabalho de João Salgado de Araujo, o acesso á documentación é complexo” (cf. *infra*). O manuscrito encontra-se, sem qualquer restrição, disponível para consulta no AHN.

Compendio

De la verdadera y legitima  
noblez y sus casas  
Solariegas

En que se describe la historia del Reino  
de Galicia y comarcas de entre  
Duero y Miño y tres legaman-  
tes desde el principio de su  
primera poblacion  
hasta nuestros  
tiempos .

Tomo primero.

Por el doctor Juan Salgado de mayo Pre-  
sidentario Apostolico Abad de las  
Iglesias de Vera, con gnrario  
del su to officio .

*Compendio de la verdadera y legitima nobleza y sus casas solariegas*  
AHN, Consejos, Leg. 50816/1, fl. 1R

designadamente, pela precocidade da presença do cristianismo nela e pela pureza de origem dos seus habitantes e, portanto, da camada aristocrática<sup>41</sup>.

Apesar das dificuldades que coloca a comparação entre os desconhecidos trabalhos históricos de Lobariñas e os de Salgado de Araújo, estamos em crer, como suspeitam outros investigadores<sup>42</sup>, que este último se terá aproveitado, em maior ou menor medida, da obra do cura de Crecente, na sua posse desde meados da década de vinte<sup>43</sup>. É, portanto, uma prova de que o palco da obra de Lobariñas foi “la antigua Galicia” e não apenas aquela submetida a Castela, definitivamente, desde o primeiro terço do séc. XIII. Ora bem, não podemos descartar, antes pelo contrário, que a perspectiva adotada pelo crecentino seja, afinal, consequência do influxo intelectual sobre ele exercido por Salgado de Araújo (cf. *infra*).

Dado que não conservamos o texto das *Galegadas*, nem mesmo informação sobre um aspeto essencial como é o da sua natureza (poética, prosística ou, porventura, mista), só podemos tecer conjecturas sobre a presença nelas do “galego”, quer como argumento, quer como veículo linguístico. Antes de mais, devemos entender que sob a alusão a “su lengua”, como um dos ingredientes temáticos das *Antigüidades de Galicia*, de acordo com o apontamento do sobrinho de Lobariñas (cf. *supra*), se está a falar, obviamente, da língua do conjunto desse noroeste galaico-português, identificável com a Galiza alto-medieval, objeto de estudo na obra em questão, e não da variante, digamos, galega (espanhola) de modo exclusivo. Nessa conformidade, a reflexão linguística transmitida nas *Galegadas* terá, porventura, privilegiado o facto de se tratar da modalidade antiga do português, nos termos positivos em que era considerada, por

---

<sup>41</sup> Falta um estudo abrangente desse *Compendio* orientado, sobretudo, a perceber as peculiaridades da perspectiva luso-galaica própria do autor.

<sup>42</sup> Ramos Rodríguez (2023: 123) considera, de facto, que “as investigacións de Gregorio teñen que estar reflectidas nas obras de Araújo”.

<sup>43</sup> Bouza (2009: 17) manifesta, contudo, que na obra de Araújo “no hay, por desgracia, mención alguna que permita identificar la huella textual de las Antigüidades de Lobariñas en el grueso volumen de papeles diversos que João Salgado de Araújo había reunido y manejaba en la composición del nuevo tomo de su obra”.

exemplo, por João de Barros (1540: 56v) na sua *Gramática* (a respeito do uso de alguns vocábulos): “Nam somente os que achamos per escrituras antigas, mas muitos que se usam antre Douro e Minho, **conservador da semente portuguesa**: os quâes algũs indoutos desprezam, por nam saberem a raiz donde nâcem”<sup>44</sup>. Estaríamos, por outro lado, perante uma visão similar àquela que manifestaram alguns historiadores galegos na segunda metade do séc. XVII, como Álvarez Sotelo na sua *Historia general del reino de Galicia*: “la lengua portuguesa es la misma gallega llevada á la Lusitania por los gallegos que, expelidos con sus armas de aquel reino los árabes, le poblaron e introdujeron la suya”<sup>45</sup>.

No caso de Lobaríñas parte-se de uma conceção, como dissemos, abrangente da Galiza, o que se explica facilmente pela naturalidade do crecentino e pelo contexto político da União Ibérica em que se inseriu o seu percurso vital. É importante levarmos em linha de conta que, na memória vital do cura de Crecente, as terras situadas na outra margem do (seu) Minho não constituíam propriamente um território estrangeiro, nem politicamente, visto que a união (dinástica) entre Portugal e os restantes reinos da Península se tinha produzido quando ele era apenas uma criança de três ou quatro anos. O uso do galego numa obra da natureza que supomos para as *Galegadas* responde, portanto, a uma conjuntura histórica muito concreta: a que se deu entre 1580 e 1640. Devemos, assim, supor que Lobaríñas considerava a sua modalidade linguística, utilizada como língua veicular das *Galegadas*, como representante desse antigo português; portanto, na mesma medida em que o era a língua falada na altura no Entre-Douro-e-Minho, nomeadamente a do Alto Minho, variedade que dificilmente poderia identificar como idioma diferente do seu. Ora bem, visto que a obra incorporava uma parte importante de conteúdos referidos ao território situado

<sup>44</sup> É interessante lembrarmos aqui a revalorização da antiga Gallaecia, como “ascendente prestigante de Portugal”, que se observa, por exemplo, na *Geographia d’Entre Douro e Minho e Trás os Montes* (1548) de João de Barros (secretário de D. João III), face à “*restauratio* resendiana da Lusitania” (Sánchez Tarrío 2010: 179).

<sup>45</sup> BRAH, Ms. 9/5521, fl.26r.

a sul do Minho, podendo concitar o interesse de público de origem portuguesa, como de facto aconteceu, não existe alternativa à possibilidade de ser a adequação a essa eventual recepção, em última instância, a motivação principal que o levou a utilizar o “galego”; uma vez que na Galiza o uso escrito do idioma próprio para uma obra desse tipo era insólito e desnecessário, sendo de excluir, categoricamente, qualquer tipo de anacrónica reivindicação do mesmo, como algum estudioso, de modo irrefletido, pretende<sup>46</sup>.

Não temos nenhum dado que nos permita conhecer nada da língua escrita utilizada por Lobaríñas nas *Galegadas*, mas seguramente não diferia, no substancial, daquela que empregou para copiar a *Hlria*. Assim sendo, ela terá coincidido com os usos próprios da área de Crecente, salvo no recurso ocasional à formação do plural das palavras findas em // seguindo o modelo culto “português” (*animais*), ainda que também próprio da faixa oriental da Galiza<sup>47</sup>, e na introdução de um verniz rústico ou popularizante, mas conseguido mesmo de modo artificioso (cf. *infra*).

Por outro lado, falta ainda por esclarecer o sentido do diálogo que se produzia entre essa obra e *Os Lusíadas* (1572), uma vez que o título das *Galegadas* foi moldado, sem dúvida alguma, a partir daquele que utilizou Luís de Camões (cf. *infra*); o que nos leva a inferir a presença nelas de “resonancias épicas” (Bouza 2009: 32), neste caso aplicadas à recuperação da memória dessa antiga Galiza. Esta proximidade com a epopeia lusitana poderá estar obviamente relacionada, como já foi sugerido, com Lope de Vega, grande admirador da obra de Camões e, ao mesmo tempo, “amigo íntimo” de Lobaríñas (cf. *supra*)<sup>48</sup>. Ora bem, também a respeito da questão camoniana voltamos a encontrar o amigo do cura de Crecente: João Salgado de Araújo<sup>49</sup>. Com efeito, na edição de *Lusíadas* “comentadas” por Faria

<sup>46</sup> Lembremos que na *História de D. Servando* o uso do galego responde, aliás, a uma necessidade de verossimilhança.

<sup>47</sup> Realidade, obviamente, desconhecida pelo crecentino.

<sup>48</sup> Lope de Vega foi autor do “Elogio al comentador” com que se abre a edição dos *Lusíadas* de Faria e Sousa (1639).

<sup>49</sup> Na secção nº 9 do *Elogio*, citado na nota anterior, o escritor madrileno refere-se ao “doctor Juan Salgado de Araújo, abad de las iglesias de Pera i commissario del Santo

e Sousa (1639) –repare-se que o título era tomado como uma forma feminina, o que explica o rótulo das *Galegadas*<sup>50</sup>–, este último recorria à autoridade do monçanense para falar das origens familiares de Camões (cf. *supra*): “Refiérello más largamente el doctor Juan Salgado de Araujo, abad de las iglesias de Pera, diligente investigador de las Casas de Galicia, en el libro que tiene compuesto d’ellas”. O que referia Araújo no *Compendio*, seguido por Faria e Sousa, era a integração de Camões na linhagem galega dos Camanhos, com solar inicial na ria de Noia e definitivo em Rubiáns (conc. Vila Garcia)<sup>51</sup>, antes de passarem a Portugal:

Era Luis de Camões cavallero por sangre, de la ilustre, de los reynos de Galicia i Portugal, desta manera: tradiciones i constante fama publican entre Noya i tierra de Barcala i Soneyra, fue solar de la familia de los Caamaños, señores de diez y siete pueblos, o feligresías [...] passándose a vivir en una casa fuerte llamada Rubianes [...] que es oy el solar y mayorazgo, entre Pontevedra i Villa García [...]. Refiérello más largamente el doctor Juan Salgado de Araújo, abad de las iglesias de Pera, diligente investigador de las Casas de Galicia, en el libro que tiene compuesto d’ellas. // En Portugal tiene principio la familia d’este apellido (con alguna corrupción, pues dezimos “Camoens”), en Vasco Pérez de Camões, que desde Galicia passó a servir al rey don Fernando de Portugal, el año 1370; por ventura obligado de las mismas causas que obligaron su gente a perder aquel primer señorío i passarse a Rubianes (Faria e Sousa 1639: 18)<sup>52</sup>.

---

Ofício” dado que este cita Faria e Sousa nos seus “doctos” escritos, nomeadamente dentro da publicação relativa à linhagem dos Vasconcelos (cf. *supra*).

<sup>50</sup> *Lusiadas* [...] comentadas por Manuel de Faria i Sousa. De acordo com a informação do autor, a obra foi começada em 1614.

<sup>51</sup> Na verdade, o solar originário dos Camões foi (a freguesia de Santa Eulália de) Camos –conhecido na Idade Média pelas formas *Camones* (latina) ou *Camões* (romance)– no Vale Minhor (conc. Nigrám).

<sup>52</sup> No segundo volume do *Compendio* de Araújo, o capítulo dedicado à *Casa y familia de Camaño* (fls. 162r-169v) constitui uma unidade independente (em limpo) que, na encadernação, foi inserida no interior de um bifólio com informação genealógica (em fase de rascunho) sobre os Camões (com a epígrafe de *Camaño*), que aparece, assim, materialmente dissociada em dois segmentos (fls. 161r-161v, 170r-170v). Porém, o facto de ter ficado livre uma boa parte do último fólio daquele (169v) permitiu nela referir diversos dados genéricos sobre as origens familiares do poeta, sublinhando essa identificação entre Camanhos (galegos) e Camões (portugueses): “Y por la muerte



Se, como suspeitamos, Salgado de Araújo e Lobarriñas partilharam algumas informações (cf. *supra*), não é impossível que este último tenha tratado das origens familiares galegas do poeta — e talvez da sua obra — e que tal facto esteja relacionado, de algum modo, com a composição das *Galegadas*. Como veremos a seguir, os vínculos do crecentino com Araújo também nos aproximam do assunto central deste trabalho: a cópia da *Crónica de Santa Maria de Íria* do fundo Barberini da Biblioteca Vaticana efetuada pelo galego, certamente, no contexto da polémica despoletada pela possibilidade de santa Teresa ser declarada, junto com o apóstolo, copadroeira de Espanha.

O citado traslado teve, ao que parece, como primeiro destinatário Tomás Tamayo de Vargas (1588-1641), como ficou consignado no próprio manuscrito: “Ex Bibliotheca Compostellanae Ecclesiae habuit D. Thomas Tamaio de Vargas, historiographus regius”. Supomos, portanto, que foi através dele que chegou às mãos do cardeal Francesco Barberini (1597-1679), influente sobrinho de Urbano VIII, papa entre 1623 e 1644, portanto no período de apogeu da polémica sobre o patronato<sup>53</sup>. Foi esse cronista, qualificado por Gody Alcantara (1868: 223) como “campeón de los falsos cronicones”, uma das figuras a que a Igreja compostelana encomendou a defesa da causa santiaguista, o que se materializou na elaboração de um *Memorial a su magestad en nombre de la Iglesia de Santiago i del clero*

---

del rei don Pedro pasó desta casa a Portugal, a servir al rei don Fernando, Vasco Pérez de Camaño [...], al qual el rei don Fernando heredó en Portugal con villas y tierras de que le hizo donación y fue origen de los Camoes en aquel reino; familia mui noble y que emparentó con muchas de las mejores y fue progenitor del insigne poeta Luis de Camoes, que propriamente es «Luis de Caamaño», porque todos los sumarios que tratan de la descendencia de Vasco Fernández de Camoes dicen que era gallego, y en Galicia nunca ubo Camoes, sino Camaño, y que fuese gallego lo prueba últimamente el chantre de Évora, a donde se podrá ver esta descendencia”. O chantre de Évora é Manuel Severim de Faria, a quem se deve uma das mais antigas biografias de Camões, incluída nas *Vidas de portugueses ilustres* (BNP, COD. 13117, fls. 261-53v). Ele não estabelece aquela identificação, limita-se a atribuir a Vasco Peres de Camões a transferência para Portugal e a situar o solar originário dos Camões no promontório Nereo (ou cabo de Fisterra).

<sup>53</sup> Barberini parece ter estado envolvido na questão do patronato, como se evidencia pelo envio que lhe fez Olivares, em 1626, do *Libro de la vida* da abulense “con el fin de obtener la ratificación pontificia del patronato teresiano” (Santos Fernández 2003: 617), o que, de facto, aconteceu.

*de las de España* (1628)<sup>54</sup>. Numa missiva a Tamayo para solicitar essa colaboraçã, a agrupaçã capitular compostelana, louvando as qualidades do cronista, mostrava-se bem conhecedora dos seus trabalhos, sobretudo daqueles em que este manifestara e defendera “verdades”, como tinha acontecido no tocante a Flávio Dextro<sup>55</sup>:

Mucho hemos dicho en sólo la demostración de nuestra confianza, que depositamos en el valor de V. M., y mayor nos queda en el corazón por significar quan agradecido deve mostrarse en todas ocasiones, sino supiéramos ser muy natural de V. M. la manifestación de las verdades y defensa de las mismas, y pues ambas las han experimentado la santa Iglesia de Toledo, la *Historia* del Mariana<sup>56</sup> y *Flavio Dextro*, bien podrá experimentarlas también el hijo del Trueno en el rayo de la pluma de V. M., que el Santo sabrá muy bien vencer —como ya a millares de moros— el olvido del siglo presente en premiar tan eficaz coronista [1627.12.05]<sup>57</sup>.

Estamos perante um suposto historiador do séc. IV a quem Jerónimo Román de la Higuera, membro da Companhia de Jesus, atribuiu uma das falsificações mais conhecidas do período, o *Chronicon omnimodaе historiae*<sup>58</sup>, obra que tem, precisamente, como um dos seus argumentos fundamentais a pregação de Santiago na Península, linha temática revisitada noutras criações apócrifas do período.

O interesse da causa santiaguista pela *Clria* poderá estar relacionado, entre outros motivos, com uma das suas fontes, o *Privilegio dos Votos*, documento cujo argumento central é a Batalha de Clavijo

<sup>54</sup> O documento aparece assinado pelo arcebispo, mas a autoria deve ser atribuída a Tamayo de Vargas. Veja-se Díaz Fernández (1995: 107-108) e Candelas Colodrón (2007: 216-217; 2008: 20-27).

<sup>55</sup> Trata-se das *Novedades antiguas. Flavio Lucio Dextro Caballero español de Barcelona Prefecto-Pretorio de Oriente Governador de Toledo por los años del Señor CCCC / defendido por Don Thomas Tamaio de Vargas*. Madrid: Pedro Tazo (1624).

<sup>56</sup> Alude à *Historia General del P. D. Juan de Mariana defendida por el doctor don Thomas Tamaio de Vargas*, Toledo: Diego Rodríguez (1616).

<sup>57</sup> ACS, *Minutario de cartas y exposiciones*, IG 940, fl. 270v.

<sup>58</sup> O jesuíta, pai deste falso cronicão, inspirou-se na existência, no séc. IV, de um Númio Emiliano Dextro, citado por S. Jerónimo. Vejam-se, entre outros, Godoy Alcántara (1868: 17-31, 221-224) e Caro Baroja (1992: 163-187).

(Souto Cabo 2001: 147). No contexto desse episódio bélico, o Apóstolo apareceu em sonhos ao rei Ramiro autodeclarando-se protetor de Espanha por desígnio de Jesus Cristo<sup>59</sup>: “–Eu soo o apostollo Santiago, a que meu senhor Jhesu Christo encomendou toda España, a qual me caeu por sorte para que a convertese aa sua santa fe catholica et a defendese” (*CIria* 4.7). Tal facto será lembrado no *Memorial*: “Quien dio la victoria de setenta mil moros al señor rei Don Ramiro en Clavijo, i la paz i libertad a los reinos de España, sino Sanctiago, gloriándose en ella de ser su Patrón, i acclamándolo todos por tal, por averle visto pelear contra sus enemigos en su defensa” (fl. 7r). No entanto, a fonte para essa notícia, tal como se declara, não é a *CIria*, mas o próprio *Privilegio* em versão e tradução de Fernán Nuñez de Guzmán (fl. 7v).

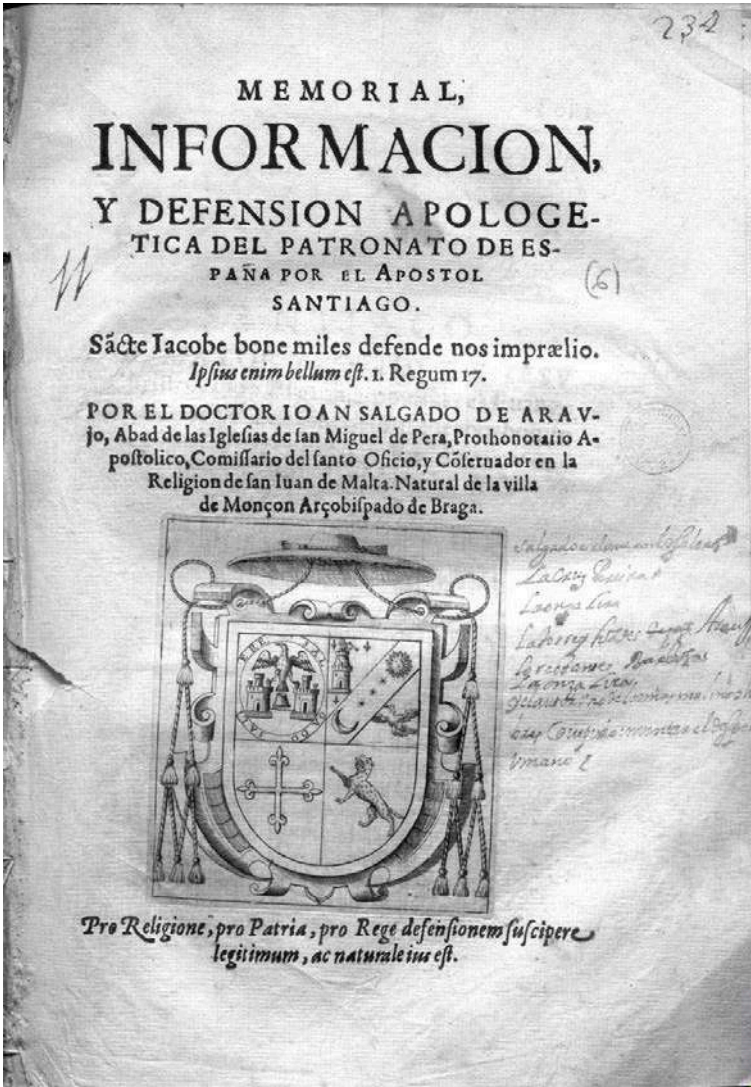
Entre os memorandos favoráveis à causa do Apóstolo, como o de Tamayo de Vargas, os mais famosos, pela notoriedade do seu autor, terão sido o *Memorial por el patronato de Santiago* (1628) e *Su espada por Santiago* (1628) devidos a Francisco de Quevedo y Villegas<sup>60</sup>. Pouco tempo depois saía do prelo o, muito menos conhecido, *Memorial, información y defensión apologética del patronato de España por el apóstol Santiago* (1629)<sup>61</sup> do próprio Salgado de Araújo<sup>62</sup>.

<sup>59</sup> Como nota Candelas Colodrón (2008: 58), esse acontecimento vai fornecer um importante argumento para os defensores de Santiago, entre os quais se encontrava Quevedo: “Quevedo pasa a la argumentación con su idea básica: Santiago no es patrón porque lo eligió el reino, sino porque cuando no había reino lo eligió Cristo [...]. Quevedo ejemplifica esta idea con el episodio clave de la batalla de Clavijo, varias veces referido, desde distintas perspectivas”. Lembremos que o citado *Privilegio* era, por outro lado, fundamento para a receita do imposto conhecido como Voto de Santiago, assunto também envolvido em polémica durante o período. Sobre esta questão, veja-se o estudo abrangente de Rey Castelao (1985).

<sup>60</sup> Veja-se Candelas Colodrón (2008: 45-65).

<sup>61</sup> Só se conhece a existência de dois exemplares desta obra. Um, acéfalo, da Hispanic Society of America e outro, a que falta parte do artigo oitavo e o nono (final), da toledana Biblioteca de Castilla-La Mancha (BCLM). A sua génese foi pormenorizadamente descrita por Santos Fernández (2003). Quanto ao conservado em Toledo, a primeira notícia sobre ele provém de Bouza (2009: 27, n. 89).

<sup>62</sup> Conhecemos com detalhe o processo de elaboração do *Memorial* de Araújo, entre 1628 e 1629, graças ao estudo da correspondência entre este último e o Cabido compostelano por Santos Fernández (2003).



João Salgado de Araújo, *Memorial, información y defensión apologética* (1629)  
BCLM, F. A., 1-3329(6)

Ora bem, ao passo que nos escritos de Quevedo e de Tamayo de Vargas<sup>63</sup> não se atribui qualquer protagonismo ao reino da Galiza, uma vez que é considerada, de acordo com a lógica institucional imperante, como parte indistinta da coroa de Castela<sup>64</sup>, o de Monção, com uma perspetiva diversa, faz uma reivindicação entusiástica do reino galaico no que toca ao tema jacobeu, nomeadamente no capítulo nono: “Es muy justo que al reyno de Galicia cupiesse em depósito el cuerpo del apóstol Santiago”<sup>65</sup>. A Galiza a que se refere corresponde, mais uma vez, ao reino alto-medieval cujo limite meridional era o rio Douro (“Porque Galizia antigamente se dividía de la Lusitana por el río Duero, antes que uviesse Portugal”), postulando a continuidade, em época contemporânea, do carácter galego de Braga como capital do mesmo: “... que non por ella ha perdido Braga la naturaleza de Galizia, de que ha sido corona, y en consecuencia el privilegio que le alcanza del depósito que Galizia tiene y que, en quanto Galicia, es preferida con todo lo demás de aquel reyno a todos los otros de España”. De facto, a vinda inicial de Santiago ao Noroeste peninsular é relacionada com as *grandezas* de Braga: “Y dize don Mauro que todas estas grandezas de la ciudad de Braga convidaron al santo Apostol a yrse a ella para encontrarse con los mayores de los gentiles, como era costumbre, en la qual y sus distritos dize predicó con gran concurso y fruto” (p. 33)<sup>66</sup>. Encontramos, portanto, associados de novo Salgado de Araújo e Lobariñas Feijó, neste caso, pela vinculação de ambos à defesa da causa santiaguista,

<sup>63</sup> Araújo (1629: 1) declara, explicitamente, conhecer o que foi obra deste último: “Ha llegado a mis manos la copia de un memorial impresso, que el ilustríssimo señor Arçobispo de Santiago embió a sua Magestad” (cf. *infra*).

<sup>64</sup> Tamayo de Vargas, além daqueles, faz menção aos de Aragão, Catalunha, Valência, Navarra e Portugal.

<sup>65</sup> Pelo contrário, trata com severidade os autores castelhanos que duvidaram da vinda do Apóstolo à Península: “Luego, bolvamos a repetir lo que al principio propusimos: es a saber, que autores castellanos fueron los que no solo pusieron em duda la predicación de Santiago em España, sino también la venida a ella de su santíssimo cuerpo” (p. 27).

<sup>66</sup> Com efeito, essa mesma ideia surge na obra de Mauro Castellá Ferrer (1610: 71r): “Todas estas grandezas de Brachara Augusta –y ser convento juridico de los romanos– combidaron a nuestro Apóstol a yrse a ella, para encontrarse con los mayores de los gentiles como fue su costumbre, a donde predicó, fundó aquella santa y apóstolica Yglesia y dexó en ella a san Pedro por obispo, como tenemos dicho”.

cada um com o respetivo contributo: o *Memorial* e a cópia da *Clria*. É óbvio que não estamos perante uma coincidência fortuita; ela terá resultado dos estreitos laços, humanos e intelectuais, existentes entre eles, facto na verdade salientável para a questão central deste trabalho (cf. *infra*).

Não temos informação precisa sobre as circunstâncias concretas em que se produziu o traslado em questão, mas podemos tecer algumas conjeturas ao respeito. Lembremos, em primeiro lugar, que a elaboração da cópia poderá ter coincidido com a conclusão do pleito em que Lobaríñas se viu envolvido, contenda que o obrigou a viajar a Santiago de Compostela, enquanto sede da Inquisição galega, e mesmo a permanecer na cidade<sup>67</sup>. Com efeito, a sentença definitiva ao litígio foi dada em 1627.06.08<sup>68</sup>, portanto quando dava início a polémica sobre o patronato jacobeu. Esta foi resultado da promulgação pelas Cortes, em 1626, do decreto que determinava o copatrocinio de Santa Teresa, aprovado pelo Papa em breve de 1627.07.21<sup>69</sup>. Parece, portanto, lógico situar a encomenda da cópia em questão nessa conjuntura. Terá, porventura, formado parte da informação documental fornecida pela Sé a Tamayo de Vargas, ainda que este, afinal, não a tenha aduzido diretamente, talvez pelas dúvidas que podia gerar (cf. *infra*). O nome de Salgado de Araújo vem também de novo à baila, neste caso, pelos seus prováveis contactos com Tamayo de Vargas. Com efeito, foi este último quem elaborou, em agosto de 1636, para o Consejo Real o relatório (ou  *censura* ) sobre o *Compendio de la verdadera i legitima nobleza* do monçanense,

<sup>67</sup> Lobaríñas parece ter sido obrigado a permanecer confinado em Santiago pelo menos na primeira fase do pleito: “el comissario queda en el interim preso: esta ciudad por carcel” (AHN, Inquisición, Leg. 2892, nº 58 [1623.08.03]). No entanto, inicialmente fora recluso nos paços episcopais de Tui e na casa de um particular nessa mesma cidade (fls. 379r-380r). Temos notícia da presença de familiares do cura de Crecente em Santiago em meados do século. Assim, o arquivo da Sé de Santiago custodia uma carta de pagamento a Benito Feijó de Lobaríñas e à mulher, Benita Fandiño, efetuada por Pedro Pardo de Andrade, cônego da Sé Compostelana (ACS, P 204, fls. 41r-41v [1659.02.05]).

<sup>68</sup> AHN, Inquisición, 2145, Exp. 1, fl. 1434r.

<sup>69</sup> Santa Teresa fora, de modo efêmero, proclamada copadroeira de Espanha entre 1617 e 1618, mas não temos argumentos para associar a origem de V a esse período.

N.º 1

Este libro del Compendio de la doctrina de los sacramentos  
 de el Sr. Juan de Siles de Arce, y de  
 me a mandarlo leer, para en su leyenda, examinar la  
 materia, que a poco de lo que en toda la antigüedad que  
 no supiere, ni viera de la doctrina de los sacramentos.  
 La doctrina de los sacramentos a efectos de la doctrina de los sacramentos.  
 de los sacramentos de el Sr. de Arce con la doctrina que por  
 parte se abiere a sacar a los sacramentos de los  
 sacramentos, y tiene un concepto de los sacramentos, que omision  
 y persona de cualquier especie, que por el tiempo  
 por el tiempo de los sacramentos, los sacramentos de los  
 no sea un conueniente a los dogmas de el Sr. de Arce, de los  
 de los Padres, y pueblo de los sacramentos, de los  
 de los Padres, y pueblo de los sacramentos, de los

Don Thomas Tamayo  
 de Arce

Tomás Tamayo de Vargas, "Censura" do *Compendio*  
 AHN, Consejos, Leg. 50816/1 (avulso)

possibilitando a licença de impressão do mesmo, o que, pelos termos em que foi redigido, nos leva a suspeitar de proximidade humana e intelectual entre ambos<sup>70</sup>. Não temos, contudo, dados para saber se Araújo teve algum tipo de intervenção na origem e história material da *HIria*, o que, contudo, parece plausível levando em linha de conta os seus vínculos com todas as instâncias intervenientes (Sé de Santiago, Gregório de Lobariñas e Tamayo de Vargas), tal como foi referido nas páginas anteriores.

É, sob outra perspectiva, interessante lembrarmos o estreito contacto que Lobariñas teve com os Boán, a julgar pela proximidade que ele revela com a *História de D. Servando*. Como já acima fizemos notar, o cura de Crecente queria-se descendente dos Seguints, ligando-se, assim, ao fictício tradutor para galego da obra de D. Servando, o que não deixa de ser significativo num escritor (também) em galego do séc. XVII. Entre os aspetos que evidenciam a ligação à obra criada pelos Boáns, o mais surpreendente é a notícia segundo a qual terá sido Lobariñas quem achou a *História de D. Servando* no cartório de uma antiquíssima –mas, significativamente, desconhecida– paróquia tudense, de acordo com o transmitido por Jorge Cardoso no *Agiológio Lusitano* (1652: 435)<sup>71</sup>:

<sup>70</sup> “Este libro del *Compendio de la verdadera i legítima nobleza* que el doctor Juan Salgado de Araújo a escrito, V. A. me a mandado ver, trata tan cumplida i exactamente esta materia que apenas dexa cosa en toda la antigüedad que no ilustre, valiéndose de la auctoridad de los que mejor la an tratado. Ninguno a escrito en España tan copiosamente, por que merece que V. A. le honre con la licencia que pide para que se aliente a sacar a luz muchas cosas d’este género, que tiene incansablemente trabajadas; i que conviene que persona de su limpia sangre trate, para que no se tengan por sospechosas en otras manos. En ésta no ai cosa que no sea mui conforme a los dogmas de nuestra fe, doctrina de los Padres i provecho de las costumbres” (AHN, Consejos, Leg. 50816/1).

<sup>71</sup> De modo mais sintético, encontramos essa mesma informação no terceiro volume do *Agiológio* (1666: 84-85): “Do pouco que se sabe de S. Silvano martyr, infirirá qualquer desapaixonado juizo ser nosso portuez, quando o não dissera expressamente Servando, bispo d’Orense, na sua antiga *História de Galiza*, que descubrio num dos seus cartóreos, o doctor Gregorio de Louvarinas Feijó, cura da igreja de Cresente, e benemérito chronista dos sanctos daquela provincia, advertindo-nos que fazia menção deste illustre martyr, na sua *Topographia Sacra de Galiza*, década 2., n. I. onde afirma ser «portuez del linage de los Silvas»”.

Trata de todos [estes santos] Servando, confessor del rei D. Rodrigo, que depois foi bispo de Orense, reinando D. Pelaio, no livro que escreveo em latim das cousas notáveis daquelles tempos, mormente da província de Galliza, assi ecclesiasticas, como políticas, de famílias, e antiguidades, o qual averá 400 anos traduzio em gallego outro bispo também de Orense, chamado D. Pedro Seguino, hum dos principaes discípulos de S. Theotónio, **cujo original escrito em pergaminho achou no cartório de hũa antiquíssima paróchia de Tuy o licenciado Gregório de Louvarinas Feijó**, cura de Crecente, exquisito antiquário, que o tem em seu poder; o qual diz, faz larga menção destes gloriosos martyres na *Topographia dos Sanctos de Galliza*, que tem para dar a estampa, décad. 2. n. 2 como nos constou de várias cartas, que em diversos tempos nos fez mercee escrever, que temos em nosso poder.

Como vemos, o hagiógrafo lisboeta manifesta, ao mesmo tempo, ter mantido uma relação de correspondência com Lobariñas Feijó. Os esclarecimentos de Cardoso (1666: 72) sobre uma missiva de 1637.07.25, que recebera do cura de Crecente, constituem a mais antiga notícia relativa à existência da *História de D. Servando* (Souto Cabo 2007: 27)<sup>72</sup>:

... como deixou escrito na sua *Hist. de Galiza*, Servando bispo de Aurense, confessor del rei D. Rodrigo, a qual traduzio na materna D. Pedro Seguino, prelado da mesma Igreja, e discípulo de S. Theotónio no mosteiro de S. Cruz de Coimbra, aos quaes segue

---

<sup>72</sup> A descrição do relacionamento de Lobariñas com a *História de D. Servando* por parte de Ramos Rodríguez (2023: 95) é confusa e imprecisa. Em primeiro lugar, admite que o crecentino achou “fortuitamente” o manuscrito dessa obra: “Neste proceso de busca probablemente deu co códice de *Historia de D. Servando*, achado que foi coñecido no seu tempo porque Gregorio informou del ás suas amizades”. Por outro lado, supõe, sem aduzir argumentos, que Lobariñas dispunha desse cronição já antes de 1616, altura em que situa o início da elaboração da *Historia de los Santos de Galicia*, tirando como conclusão que esse dado “pon en cuestión moito do que se leva dito sobre esa historia” (p. 98). Ao que parece, ele atribui aos Boán apenas que “se popularizase ao longo dos séculos” e que “o seu orixinal chegase ata os nosos días” (p. 126), de facto em nenhum momento reconhece a natureza apócrifa da obra atribuída aos bispos ourensanos chegando a falar da “falsidade do relato que sobre esta obra se foi configurando desde o século XVII e que se segue mantendo na historiografía oficial” (p. 11).

o licenciado Gregório de Louvarinhas Feijó, cura de Cresente, na *Topographia* sacra daquela Província, Décad. 2. N. I. E indagando nós algũas notícias de sanctos portugueses, que nessa andão, por não aver o tal livro saído à luz até então, se dignou responder-nos, por carta sua de «25 de julio de 1637» as palavras seguintes: «Los dos Silvanos, uno martyr, y otro obispo, y martyr, fueron naturales de Portugal, del linage de los Silvas, los quales padecieron en tiempo del emperador Maximino. Ita Serbandus Episcopus Auriensi».

Ainda que a prática da historiografia fictícia seja mais norma do que exceção na primeira metade do séc. XVII, o envolvimento de Lobaríñas na “invenção” da *História de D. Servando* aproxima-o dos falsificadores do período (cf. *supra*)<sup>73</sup>. Esta constatação é importante porquanto a sua intervenção na cópia da *Crónica* constitui um exemplo de manipulação. Com o intuito de criar um documento útil para o partido santiaguista na polémica do patronato, Lobaríñas seguindo a sugestão do Cabido compostelano, terá considerado a possibilidade de atribuir a paternidade da obra ao afamado João Rodrigues da Câmara ou do Padrom por via da sua “tradicional” associação à vila galega e, portanto, a Íria<sup>74</sup>. Tentava assim contornar as suspeitas que pairavam sobre o trabalho de Rui Vasques, a julgar

<sup>73</sup> Ramos Rodríguez (2023: 96) vincula as notícias do *Martirologio* de Tamayo de Salazar (1656: 413) sobre S. Eufémia provenientes da *História de D. Servando* “á información que lle transmitiron os manuscritos de Gregorio Lobaríñas”. No entanto, Tamayo de Salazar não relaciona Lobaríñas com o excerto da *História de D. Servando* por ele reproduzido, mas apenas com um hino sobre a santa, tomado, com efeito, da *Historia de los Santos de Galicia* (“Sanctis Gallaeciae codicem MS”) de Lobaríñas (pp. 415, 494). O cântico aparece qualificado como “vetusto carmine”, mas estamos em crer que se trata, na verdade, de uma criação de Lobaríñas. Por outro lado, as características do fragmento da *História de D. Servando* nessa obra inserido evidenciam que o seu antígrafo não foi o manuscrito (original) do ACS, mas algum dos exemplares derivados da cópia feita por José Pellicer de Tovar em 1646 (Tamayo de Salazar 1656: 413-414, 493; Souto Cabo 2007: 172-173). Note-se que Ramos Rodríguez reproduz, parcialmente, o texto do *Martirologio*, mas surpreende que nada nos diga sobre a sua configuração linguística e o que dela se pode deduzir.

<sup>74</sup> Muito provavelmente, ele também conhecia os vínculos do franciscano com Tui (Souto Cabo 2022: 215-217).

pelo estado de opinião que nos transmite Castellá – na sua *Historia del Apóstol* (1610: 273v)<sup>75</sup>:

La *Historia Iriense* refiere también esta batalla en el mismo tiempo. Algunos traslados ay della, que tienen mezcla de cosas entre los tiempos antiguos de los más modernos. A mi me dio la verdadera don Diego Xuárez canónigo de la apostólica Iglesia de Santiago, hombre bien curioso en escrituras antiguas, a quien costó a buscar ésta harto trabajo, (según me dixo) por aver hallados otros traslados con errores y diferentes. Y adviértase, que una que se halla en Galicia que escribió un clérigo llamado Ruy Vázquez, poco más ha de cien años, no es la *Iriense*, aunque toma muchas cosas della<sup>76</sup>.

Para conseguir esse objetivo, além de indigitar o nome do da Câmara como autor (“Fin do *Libro dos bispos de Yrea e Santiago*, que entendo compuso Jan Rodriguez do Padron”, fl. 18v) e de atribuir à obra uma cronologia que conciliasse bem com a do padronês (“Fue año 1444 en que se escribió esta historia”, fl. 1r), era necessário, ao invés, apagar o colofão – dado que inclui o nome de Rui Vasques – e o relato dos sucessos situados entre 1459 e 1468, por serem incompatíveis com a data de 1444<sup>77</sup> (Souto Cabo 2022: 613-617).

<sup>75</sup> O Cabido compostelano já era consciente dessa desconfiança em 1607, tal como se reflete numa missiva enviada a Sanz del Castillo: “entre estos va la *Historia Iriense*, la cual vea V. M. solo, porque no nos es en nada favorable, antes tiene algunas cosas apócrifas” (Iglesias Ortega 2017: 2).

<sup>76</sup> De acordo com os fragmentos reproduzidos pelo historiador celanovense (fls. 72r, 193r, 194v, 219r-219v, 232r-232v, 238v, 239r), a *Historia Iriense* que lhe entregou Diego Xuárez constituía uma tradução (arcaizante) para castelhano da *Crónica*, certamente com a amputação do relato sobre os sucessos de 1459-1468. A ela referem-se Fita e Fernández Guerra (1880: 39) como “anónima en castellano, de que dispuso Castellá Ferrer”. Estamos perante a primeira tentativa de travestir a *Crónica* “para lle outorgar unha validade histórica que a presenza dos sucesos contemporáneos e a autoria de Rui Vasques puñan en dúbida” (Souto Cabo 2001: 21); a segunda (conhecida) deve-se, portanto, à pena do cura de Crecente.

<sup>77</sup> Leia-se Souto Cabo (2022: 613-617). Apesar de não se contar com informação precisa ao respeito, o falecimento de João Rodrigues do Padrom situa-se ca. 1450.

Lobariñas não só procedeu a “modernizar desinhibidamente” a língua do manuscrito que lhe serve de modelo, tal como expõe Mariño Paz nesta publicação, também não mostrou qualquer escrúpulo à hora de intervir sobre texto da *Crónica*, sempre que assim o julgou necessário. Essas múltiplas intervenções respondem a uma casuística diversa, mas coincidem, em boa medida, no desejo de tornar mais fácil a compreensão da obra; o que implicava, por via de regra, a emenda propositada de “incorreções”, fossem elas reais ou imaginadas pelo copista<sup>78</sup>. A incapacidade para decifrar o significado real (de uma parte diminuta) das faltas de fidelidade de V a respeito do que lemos no manuscrito custodiado na Sé de Santiago levou a que fossem tecidas elucubrações despropositadas sobre o relacionamento existente entre eles, assunto de que já nos temos ocupado e ao qual dedicamos a secção seguinte.

## 2. ESPECULAÇÕES, LAPSOS E DESCUIDOS

Em trabalho recente (Souto Cabo 2022), dávamos resposta às teorias propaladas por Boullón Agrelo (2019, 2020) sobre a tradição manuscrita da *Crónica de Santa Maria de Íria* segundo as quais os códices conservados no Arquivo da Catedral de Santiago (C) e na Biblioteca Apostólica Vaticana (V) remontariam, de modo independente, a um original perdido de ca. 1444 (cf. *supra*). Porém, de acordo com as múltiplas evidências expostas nesse nosso estudo, não há margem para duvidar de que o texto custodiado em Roma constitui simplesmente uma cópia de C, e que este último é o original autógrafo da obra em questão<sup>79</sup>. Na verdade, a nossa “resposta” era desnecessária, uma vez que já em publicações anteriores tínhamos coletado argumentos (mais do que) suficientes para inviabilizar, no seu germe, as teses da professora compostelana (Souto Cabo 2001, 2014).

<sup>78</sup> Apesar de, no conjunto, Lobariñas ter feito uma leitura aceitável da *Crónica*, ele tropeça amiúde quando encontra peculiaridades que desconhece, surgindo então lições imaginativas. Ao anterior soma-se certo desleixo na elaboração da cópia.

<sup>79</sup> Em princípio, o texto da *Crónica* parece derivar diretamente do Ms. C, mas não podemos afastar, obviamente, a possibilidade de ter existido uma cópia interposta.





Assim, por exemplo, demonstráramos de modo indesmentível que a *Clria* incorpora, em qualquer um dos manuscritos, dados tirados do *Privilégio de Gelmires*, falsificação propositadamente forjada para (abrir) o *Tombo de Íria*<sup>80</sup>, cujo limite *post quem* pode ser situado em meados de 1456, o que torna inviável a atribuição da data de 1444; além de deitar abaixo as especulações sobre o tipo de conexão que se estabelece entre esse apócrifo e a *Crónica*. Boullón Agrelo escamoteou a falta de argumentos, para refutar as provas por nós aduzidas, com o mais absoluto silêncio sobre o tema em questão, seguindo o princípio de ocultar (ou distorcer) qualquer dado que não convenha às suas teorias<sup>81</sup>.

No artigo citado em primeiro lugar, apresentámos uma amostra dos erros interpretativos de Boullón Agrelo, sendo característica comum a todos eles o facto de se basearem em análises a que se pode atribuir o qualificativo de “ineficientes”. Em todos os casos, existem explicações alternativas mais congruentes do que aquelas formuladas pela professora compostelana para dilucidar as divergências em questão, constituindo –paradoxalmente para os seus propósitos– provas da dependência genealógica de V a respeito de C. Muitos dos argumentos por mim expostos representam evidências indesmentíveis dessa dependência, uma vez que descobrem na *HIria* o reflexo de características privativas e irrepetíveis, por “acidentais”, do códice compostelano (Souto Cabo 2022: 636-638), algumas das quais são também (re)consideradas neste trabalho.

Como dissemos, Boullón Agrelo apresentou as suas conjecturas em dois artigos com diferentes centros de interesse: a transmissão textual e a língua. A respeito do primeiro dos aspetos, devemos

<sup>80</sup> ACS, CF 23.

<sup>81</sup> Boullón Agrelo pretendeu apoiar-se num trabalho de López Alsina em que este investigador, induzido em erro pela proposta de Mackenzie, supunha que o (falso) *Privilégio* gelmiriano, com que se abre o *Tombo de Íria* (ACS), derivava da *Clria*, invertendo o relacionamento real (Souto Cabo 2014: 307-313). Boullón Agrelo chega a afirmar que López Alsina “demostró de manera concluyente” que a *Clria* “fue encargada por los clérigos de la hoy denominada colegiata de Íria” (Boullón Agrelo 2020: 138). O nosso colega, que já não compartilha aquele suposto –tal como nos confirmou em comunicação pessoal–, limitou-se a seguir confiadamente as conclusões de Mackenzie; não cabe falar de (uma impossível e irreal) demonstração.

lembrar, antes de mais, que a *Clria* apresenta marcas que nos aproximam de uma versão escriturada em limpo de forma prematura (Souto Cabo 2022: 603, n. 35)<sup>82</sup>, o que se traduz em diversas deficiências redacionais que, logicamente, Lobarriñas tentou emendar, dando origem a algumas das discrepâncias que, a respeito de C, vemos na *Hlria*<sup>83</sup>. Boullón Agrelo, que não consegue perceber essa realidade nem as suas consequências, propõe explicações fantasiosas para esses casos, pretendendo que as soluções achadas *ope ingenii* pelo racioneiro poderiam representar um estado textual prévio<sup>84</sup>. A atuação da professora compostelana, obviando a prudência científica mais elementar, não conhece qualquer limite; como se evidencia, por exemplo, pelas propostas relativas à substituição de *cinballo* (C) por *cinboreo* (V) ou à de *Esclusas* (C) por *Selvas* (V) (Souto Cabo 2022: 633-635), provas indiretas das dificuldades que teve para achar um único exemplo com valor probatório em que assentar as suas teorias.

Relativamente aos que denomina “indícios lingüísticos”, considerados no artigo com data de 2019, interessa atentar para a afirmação com que introduz o parágrafo intitulado “Léxico”, mas que reflete a perspetiva que, tomada num sentido genérico, subjaz ao conjunto do trabalho: “Suponse que canto máis transcorre o tempo hai máis presenza de castellanismos, pero nos dous textos que confrontamos ocorre nalgúns casos a situación inversa: castellanismos (ou formas coincidentes co castelán) no texto medieval correspondentes a evolucións patrimoniais no texto do século XVII” (Boullón Agrelo

<sup>82</sup> O que se reflete, a nível material, em vários aspetos, como a reescritura da primeira frase do texto (com correção de erros), a emenda do segmento repetido no fl. 1va, a utilização das margens para completar o relato dos sucessos contemporâneos ou a reserva de espaço para concluir (ou refazer) o relato sobre os restos mortais de S. Paio, etc.

<sup>83</sup> Noutros casos, foram os problemas de interpretação que resultavam da configuração das letras <n>, <u>, <a> e <o> que desencadearam a intervenção corretiva de Lobarriñas.

<sup>84</sup> Boullón Agrelo não pôde deixar de mencionar aqueles “casos en que en V hay una deficiencia de copia al compararlo con el original latino, mientras que C presenta la lección correcta; muchos de ellos son por omisión (más de veinte) o por substitución (más de cincuenta), pero podrían ser considerados como errores de copia de V respecto a C”. No entanto, na sua análise omite qualquer referência concreta a eles sob o estranho pretexto de que “la situación inversa [...] tiene valor separativo, pues demuestra que C no procede de V”. Como é que um manuscrito do séc. XV (C) poderia proceder doutro do séc. XVII (V)?

2019: 88)<sup>85</sup>. Essa suposição, cuja realidade textual está longe de ser tão mecânica como ela o descreve<sup>86</sup>, não é válida de nenhum modo para o período posterior à extinção do nosso idioma como veículo da escrita, substituído progressivamente pelo castelhano ao longo da segunda metade do séc. XV e primeiros anos do séc. XVI. A partir desse momento, o recurso ao galego, como fenómeno excepcional, responde a uma vontade positiva de o utilizar, o que naturalmente se vê acompanhado por aquilo que podemos denominar “critério de pureza lingüística” (Souto Cabo 2001: 23) –alheio à Idade Média–, implementado de acordo com as conceções e conhecimentos de quem tomou a pena<sup>87</sup>. Ainda que o manuscrito V se pudesse apresentar, em princípio, como uma simples cópia, Lobarinañas não duvidou em reescrever do ponto de vista lingüístico a *Crónica de Santa Maria de Íria*, muito provavelmente, de acordo com o modelo por ele adotado para as *Galegadas*. Algumas das intervenções praticadas supuseram a substituição de castelhanismos, aparentes ou reais, por outras formas tidas por (mais) galegas pelo racioneiro. Mariño Paz oferece uma explicação integral e coerente para esse conjunto de alterações, invalidando as análises praticadas, com falta de perspetiva, por Boullón Agrelo, aliás, apenas para um exíguo número delas. É por este motivo que, na secção que se segue, obviamos justificar a presença em V de termos como **embeja**, **mor**, **nembro**, **nen**, **oitavo**, **persoa**, **ilumear** ou **Jan**. Pelas mesmas razões, não analisamos alguns aspetos de natureza morfossintática considerados por Boullón Agrelo, como pode ser o caso das variantes que apresenta para o verbo *escrever*.

<sup>85</sup> Contra o que parece deduzir-se do discurso de Boullón Agrelo, a interferência do castelhano em V é, como cabia esperar, muito superior àquela que detetamos em C. Com efeito, no manuscrito da Biblioteca Vaticana não só sobrevive a maior parte dos castelhanismos presentes em C, tendo passado alguns a ser sistemáticos, também encontramos um grande número de formas alheias ou moldadas pelo espanhol que não aparecem no exemplar compostelano.

<sup>86</sup> Não podemos esquecer, aliás, o facto de a tipologia documental ter sido um condicionante decisivo na maior ou menor presença de castelhanismos na Idade Média galega (Souto Cabo 2001: 2005-2007).

<sup>87</sup> A tradução mais visível dessa determinação é a invenção de vocábulos com uma forma que nunca existiu nas escassas amostras do galego escrito entre os sécs. XVI e XVIII (Souto Cabo 2007: 185). Essa prática sobrevive, infelizmente, em modos diversos até aos tempos atuais.

## 2.1. ESCRIPVEU RUY VAASQUES

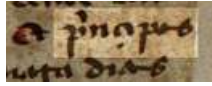
No exame dos exemplos aduzidos por Boullón Agrelo não seguimos a classificação nem a ordem por ela adotadas, visto que respondem a critérios baseados em suposições irreais. Por outro lado, para as referências localizadoras, tomamos como base a própria estruturação editorial dos textos apresentados nesta publicação, tal como foi previamente indicado.

## 2.1.1. CON TODOLOS PRINCIPES DE SEU REYNO

Um dos argumentos mais desconcertantes dos manejados por Boullón Agrelo (2019: 82) tem a ver com aquilo que deduz da presença da forma **principais** em V (fl. 7r), pretendendo centrar a atenção apenas no morfema de plural *-is*: “O interesante neste caso non é a variación léxica (*principes/principais*), senón que en V se utiliza o plural en *ais* (<latín *-ALES*), diferente á súa propia (*ás*): parece signo claro de que o copista mantivo literalmente a forma orixinal presente no antígrafo, que non sería, evidentemente, *principes*, a de Rui Vázquez”.

Antes de mais, o leitor deve estar consciente de que a lição de V (**principais**) constitui uma interpretação errada do termo *principes* de C (fl. 6ra), uma vez que esta última é a tradução correta do *principibus* da fonte latina (Souto Cabo 2001: 65, n. 79). Como notava Lorenzo (1977, s. v. *príncipe*), o vocábulo conservou ao longo de toda a Idade Média os significados de “soberano, jefe, persona principal”, aduzindo, entre outros, os testemunhos da *Clria*, da *Crónica troiana* (“alcaides et príncipes et podestades”) ou dos *Milagres de Santiago* (“et mádo meter en carcere ata que ouvese cōsello con seus príncipes sobrela morte que lle daría”). Lobarriñas, a partir da compreensão já moderna de “príncipe” (‘filho de monarca herdeiro da coroa’), não terá compreendido o significado da palavra nesse contexto (“ouvo seu consello acerca da cibdade de Lion con todolos arçobispos et obispos, abbades, religiosos et con todolos principes de seu reino” [C 4.7]), sendo levado a deduzir que se tratava dos ‘principais’. Essa interpretação, de facto, repete-se de novo quando trasladou a frase “foi dende lançado porlos caballeyros et principes da terra”

(C 4.13)<sup>88</sup>, substituindo de novo *principes* por *prencipás* em V, o que não é revelado por Boullón Agrelo<sup>89</sup>.



*principes* (C, fl. 8rb)

Uma vez que a presença do termo “principal” em V (em lugar do correto “príncipe” de C) não serve, antes pelo contrário, para abonar as conjecturas de Boullón Agrelo, por conseguinte, é um contrassenso argumentar sobre o valor probatório que, a favor da independência genealógica de V a respeito de C, poderia ter o plural em *-is* nessa palavra. Como vemos, Boullón Agrelo (2019: 81) pretende sustentar tal valia no facto de essa terminação não ser a própria do autor da cópia: “Por tanto, o copista do século XVI (sic) tende a usar a sua propia forma [*-ás*], salvo nunhas poucas palabras”. A exposição da professora compostelana é confusa e imprecisa, dado que *-is*, como morfema de plural para os vocábulos em *-al*, com dezoito exemplos (**ocidentais**, **principais**, **quais/cais**<sub>16</sub>), atinge uma proporção mesmo superior àquela que resulta da assimilação à tónica e resolução do hiato em crase (*-ALES* > *-aes* > *-aas* > *-as*), para a qual registamos dezassete (**cardeas**<sub>35</sub>, **oficeas**, **prencipás**). Aliás, Boullón Agrelo parece desconhecer um dado fundamental: a terminação medieval, propriamente dita, era *-aes*, sendo residual a ocorrência de *-ais* antes do séc. XVI; realidade que invalida, por si só, a sua proposta (cf. *infra*)<sup>90</sup>.

Do confronto entre os manuscritos C e V, no referente ao aspeto em questão, podemos ainda extrair outros dados que reafirmam a dependência de V relativamente a C. Em primeiro lugar, cumpre

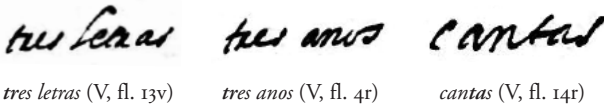
<sup>88</sup> Também neste caso remonta a um *principibus* na fonte (Souto Cabo 2001: 71, n. 116).

<sup>89</sup> O silêncio sobre este segundo caso poderá estar relacionado com a tentativa da professora compostelana de camuflar o erro em que incorreu Mackenzie na sua edição ao interpretar essa forma de C como *principas* (‘principais’), segundo se deduz da informação oferecida pela própria Boullón Agrelo (2015: 63) ao confrontar a lição de C editada pelo britânico com o que se lê no manuscrito da Vaticana: “*principas* C8ra – *prencipás* V9v”.

<sup>90</sup> A consulta do CGPA oferece as percentagens de 99,84 para *quaes* e de 0,15 para *quais* na prosa notarial da Galiza.

salientar que, para além das formas **cales** (= *quaes* [C 6.2]) e **fieles** (= *fiees* [C 5.4]), exclusivas de V, o manuscrito da Vaticana concorda justamente com C na formação do plural seguindo o modelo castelhano (apenas) para **ocidentales** [V 5.4] e **provinciales** (V 5.4)<sup>91</sup>. Note-se, aliás, que V reproduz a alternância que observamos em C para o primeiro dos termos: *ocidentales* (C 5.4) = **ocidentales** (V), *ocidentaes* (C 6.5) = **ocidentais** (V).

De acordo com a análise de Boullón Agrelo (2019: 81), o manuscrito V só apresentaria um único caso do plural com supressão da lateral e acréscimo de *-es*. Trata-se da forma (que ela transcreve como) *taes* (V 6.1), em lugar da qual esperaríamos, em coerência com as práticas desse manuscrito, “*tas*” ou “*tais*”. No entanto, uma observação atenta revela que essa solução excecional não existe, uma vez que se trata do numeral **tres**, tal como se deduz do confronto visual entre esse termo e outros contendo as sequências <ta> e <tr><sup>92</sup>.

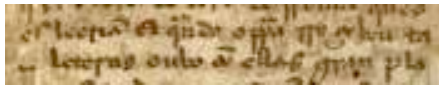


A explicação para esse resultado inesperado encontra-se na deterioração material do termo em C, com o apagamento (quase) total da segunda sílaba, o que induziu o desatento copista a interpretar que se tratava do numeral **tres** (“*tres letras*”)<sup>93</sup>. Estamos perante o reflexo de uma característica exclusiva, enquanto acidental, de um manuscrito naqueles que dele descendem, o que constitui uma evidência incontestável para o estabelecimento de dependências genealógicas.

<sup>91</sup> Ambos os manuscritos coincidem tipologicamente em *villes* (C 5.2) = **viles** (V), mas para este termo a terminação *-les* foi habitual na Galiza durante o período medieval.

<sup>92</sup> O óculo da vogal <a> pode, ocasionalmente, ficar ocluído pela tinta, mas continua a apresentar uma forma arredondada ou oval que o distingue do <r>. Este surge amiúde, como é o caso, com uma configuração idêntica à do <i>, do qual apenas pode ser distinguido porque o último costuma ser encimado, embora de modo não sistemático, por marca diacrítica.

<sup>93</sup> Essa mesma circunstância levou, certamente, López Ferreiro (1888: 88) a estampar *tales*. A expressão “*taes letras*” aparece em duas ocasiões em C, mas a primeira ocorrência foi omitida em V.



ta|es leteras (C, fl. 111ra)

## 2.1.2. CONDOLEUSE

O participípio de presente *condolens* que encontramos na *História Compostelana* –cit HC– foi traduzido na *Clria* como *condoleuse* (5.3). No entanto, a configuração do <u> idêntica à de um <n> fez com que o copista de V tenha acrescentado a sílaba <do>, que considerou faltosa, para transformar o pretérito na forma de gerúndio **condolendose**:

Comes itaque dominus Raimundus, uir idoneus atque discretus, **condolens** Compostellanae ecclesie, non iuxta canonum instituta, ut supra diximus, ordinate, non inconsultis quattuor episcopis, videlicet Petro Lucensi, Gunsaluo Minduniensi, Auderico Tudense, Petro Auriensi, quosdam seniorum et populum huius ecclesie [...] sic adloquor **dicens** ... (HC I.4:2-7).

Et o conde don Reymundo, varon catolico et discreto, **condoleuse** da Egleja Conpostellana, que non estava justamente nin ben ordenada; et con consello dos obispos de Lugo et Mondenedo, Ourense et de Tui et de outros señores da egleja, con bóo desejo de piedade, **disolles** asy... (C).

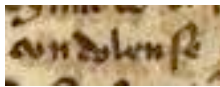
Y o conde don Bermundo, varon catoleco e discreto, **condolendose** da Eygreje Compostelan, que no estaua justamente nen venerada, e con consello dos bispos de Lugo e Mondañedo, Ourense e Tuid e doutros señores da eygreje, con boo desejo e piedade **dixo** lles assi... (V)<sup>94</sup>.

Boullón Agrelo (2020: 150) não desaproveitou a ocasião para reivindicar, como original, a lição de V:

<sup>94</sup> Notem-se as lições erradas de V: **Bermundo** (por *Reimundo*) e **venerada** (por “ben ordenada”). Boullón Agrelo não as mostra ao leitor reduzindo ao mínimo possível a informação relativa à fonte: “Fuente lat.: «condolens Compostellanae ecclesie»”.

En *C* falta una sílaba en el verbo; López Ferreiro, Mackenzie e (sic) Souto editan *condoleuse*, que también sería admisible por el sentido, pero no (sic) manuscrito está escrito <n> [...]. *V* transmite bien la probable lección de su modelo, un gerundio, para traducir el participio de presente del texto latino.

Mais uma vez, a argumentação é confusa, ou mesmo arditosa, pois parece sugerir ao leitor que o participio de presente latino deveria ser necessariamente traduzido por um gerúndio, o que é contrariado pelo próprio texto da *Clria*. Com efeito, de acordo com a comprovação efetuada, mais de metade das vinte formas latinas desse mesmo tipo (em *-ans* ou *-ens*) tem como correlato, na versão romance, uma forma pessoal de pretérito<sup>95</sup>; assim acontece, por exemplo, com o *diso* (“disolles asy”) que, como tradução de *dicens*, observamos no mesmo parágrafo em que ocorre *condoleuse* (cf. *supra*).

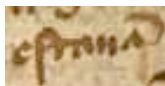


*condoleuse* (C, fl. 9rb)

Sem excluirmos a possibilidade de a forma plasmada por Rui Vasques ter resultado de mimetismo parcial a respeito do que lia na fonte latina, este exemplo de <n> com o valor de <u> está longe de ser um caso isolado no manuscrito. Com efeito, ao longo da obra encontramos diversos termos na mesma situação, sendo um dos mais claros exemplos a forma verbal *coutaron* (“et coutaron et franquearon o Santo Lugar”, [C 4.3]) facilmente interpretável como “contaron”<sup>96</sup>.



*priuillegio* (C, fl. 14ra)



*estauan* (C, fl. 14rb)



*coutaron* (C, fl. 5rb)

<sup>95</sup> *maldicens* = *maldiso*, *dimittens* = *leixou*, *succedens* = *socedeu*, *distribuens* = *encomendou*, *dicens* = *diso*, *intrans* = *entrou*, *postulans* = *pedeu*, *gerens* (fugam) = *fogeu*, *succedens* = *socedeu*, *proclamans* = *clamou*, *dicens* = *diso*, *commodans* = *revolve-as* (4.2., 4.5, 4.7, 4.10, 4.11, 4.12, 4.13, 5.1, 5.3, 6.3, 6.5).

<sup>96</sup> Neste caso, Lobarriñas preferiu contornar a dificuldade omitindo esse vocábulo (“E franquearon o Santo Lugar”), sendo outra prova de C ter constituído o seu antígrafo.

A intervenção “corretiva” praticada em V explica-se, precisamente, pela presença do ambíguo grafema na fonte –com independência da sua motivação– e constitui, de novo, mais uma prova de que esse manuscrito deriva necessariamente de C.

### 2.1.3. *MEDICAVAN*

Por motivos óbvios, Boullón Agrelo não costuma atribuir valor probatório, em favor das suas conjeturas, àquelas lições divergentes de V, a respeito de C, quando são também partilhadas pelos outros dois traslados seiscentistas (M, S), pois não existem dúvidas sobre a relação de dependência destes últimos a respeito do códice que se custodia na Sé de Santiago. Apesar de os copistas de M e de S serem pouco propensos a introduzir alterações no exemplar que copiam, emendaram, de tempos a tempos, o texto lavrado por Rui Vasques, vindo a coincidir (fortuita e ocasionalmente) com alguma das inúmeras intervenções de Lobariñas.

O proceder habitual da professora compostelana conhece, contudo, uma inopinada exceção no que se refere à transformação de *medicavan* (C 5.2) em *mendicavan*, emenda em que coincidem todas as cópias (M, fl. 18r; S, fl. 72v; V, fl. 11r). Com efeito, Boullón Agrelo inclui esse caso na alínea dedicada às hipotéticas “omisiones”, o que é surpreendente, porquanto a inclusão do <n> se justifica facilmente *ope ingenii*, o que nos leva a suspeitar que existe outra motivação para colecionar este (improcedente) exemplo. Na verdade, o propósito de Boullón Agrelo (2020: 150) é denegrir a nossa edição de 2001 com os argumentos fúteis que observamos na exposição do caso: “La probable omisión de la lineta en *medicauan* en el texto de Rui Vázquez (que *B* y *S* sí repusieron) provoca que en el glosario léxico de Souto [Cabo] (2001, 248) aparezca un ficticio *medicar* en vez de *mendicar* (mod. *mendigar*). La forma correcta está en *V*”.

Em primeiro lugar, cumpre notar que o tipo patrimonial *mendigar* não pode ser qualificado, com propósito contrastivo, como “mod[erno]”, dado que já se regista desde o séc. XIII, por exemplo nas *Cantigas de Santa Maria* (*mendigasse*). A forma propriamente “moderna” seria *mendicar*, cultismo latinizante documentado em

castelhano no séc. XV, mas que só ocorre em âmbito (galego-)português no séc. XVI<sup>97</sup>. O anterior, somado ao facto de não aparecer na fonte e de se tratar de ocorrência única, levou-nos a manter na nossa edição *medicavan*, seguindo o princípio (explícito) de não introduzirmos correções desde que exista a possibilidade de a escrita ter sido “consciente, mesmo se constitui um «erro»” (Souto Cabo 2001: 45); sobretudo, levando em consideração o desempenho de Rui Vasques como copista. Por seu turno, a presença desse resultado concreto no texto por nós publicado, em forma idêntica à adotada, nas respetivas edições, por López Ferreiro (1888: 70) e por Carro García (1951: 67), impunha necessariamente a sua inclusão no glossário sob o lema do infinitivo (entre parênteses retos) “[*MEDICAR*]”, de acordo com as regras habituais de organização desses compêndios lexicais. Por outro lado, ao atribuir o rótulo de “correcta” à forma presente em V e o de “fictício” ao lema *medicar*, Boullón Agrelo revela, mais uma vez, uma notável confusão concetual, pois pretende subordinar as propriedades do texto a uma realidade externa, como já víamos nos casos do termo *cinballo* e do antropónimo *Esclusas* (Souto Cabo 2022: 633-635).

#### 2.1.4. ET DIZ O SEU PETAFE

Utilizando, mais uma vez, o testemunho de V como parâmetro para identificar hipotéticos lapsos de cópia em C, a académica considera a existência de um erro por posposição a partir do contraste que se dá entre os textos seguintes:

Et diz o seu pet(r)afe, dis asy: «Aqui folga ...» (C 2.8)

E diz o seu petafe assi: «Aqui folga ...» (V)

Segundo Boullón Agrelo (2020: 152): “en estrecha relación con el anterior está este error por posposición, también de alta significatividad

<sup>97</sup> Veja-se Machado (1977, s. v. *Mendigar*): “A divergente culta *medicar* também no séc. XVI: «e se perden uns vivendo mal, e outros *medicando*, porque não têm outra vida». Eis um exemplo tirado do CORDE: “él está tan bajo y pobre que ha menester ir a *medicar* a casa ajena” (1613).

(Fernández Ordóñez 2002, 151), en que Rui Vázquez repite el verbo inmediatamente después de la frase nominal”<sup>98</sup>. Em primeiro lugar, cumpre frisar que a sequência em questão, ainda hoje perfeitamente aceitável, não contém nada que se possa considerar “erro”<sup>99</sup>; de facto, a reiteração do verbo após o sintagma nominal que, precisamente, constitui o sujeito da oração nada tem de estranho, antes pelo contrário, a sintaxe esperável seria “Et o seu petafe diz asi” e não “Et diz o seu petafe asi”<sup>100</sup>, o que nos levaria a pensar, na verdade, num erro por antecipação da forma verbal “diz” no texto de C, portanto, não reconhecido por Lobarinañas.

A respeito do caso em questão, Boullón Agrelo (2020: 152) faz o comentário seguinte: “Se trata de un error difícil de percibir, como evidencia el hecho de que algunos editores lo interpretaron como una única palabra: así López Ferreiro (1888), *petrefediz*, y Pedro Otero, que incluso le inventou (sic) una definición: «*Petrafediz* es lo mismo que escudo de armas hecho en piedra»”<sup>101</sup>. Sobre este aspeto, há importantes lacunas na informação que nos transmite a professora compostelana. Em primeiro lugar, não nos diz que Carro García (1951: 40) editou *petiafe*, nem que o manuscrito S apresenta também *petrefediz*, coincidindo com a lição do cónego compostelano e a de Pedro de Otero. Cumpre notar, aliás, que este último não inclui o fragmento em questão na sua *Historia de la Santa Iglesia de Iria Flavia* –cit. *HIglesia*– como se poderia deduzir das palavras de Boullón Agrelo<sup>102</sup>. Ele utiliza esse termo em dois passos da obra, sem paralelo na *CIria*, com valores diferentes (Arias e Noia 2011: 103, 159): (i) inscrição do túmulo do bispo Agácio e

<sup>98</sup> A “significatividad” a que se refere Fernández Ordóñez (2002: 151) tem a ver com a possibilidade de serem interpretadas como “variantes relacionadas con el proceso de copia” e não doutro tipo.

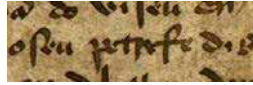
<sup>99</sup> Tampouco se vê qual pode ser o estreito relacionamento com o erro (“de moytos dóos”) por ela considerado antes deste.

<sup>100</sup> A fonte é o *CI* (3:23) onde lemos: “ubi scriptum est epitaphyon: «Hic requiescit [...]»”.

<sup>101</sup> Na verdade, a forma utilizada por Otero nessa glosa –e ainda o vocábulo do texto a que se refere– é *Petrefediz*. A variante *Petrafediz* surge com anterioridade (Arias e Noia 2011: 103).

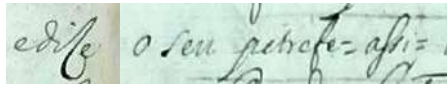
<sup>102</sup> Sobre a natureza dessa obra e o seu relacionamento com a *CIria*, veja-se Souto Cabo (2014: 313-323; 2022: 246-250).

(ii) brasão de armas do nobre Giraldo<sup>103</sup>. Com independência do relativo à segmentação, as variantes citadas (*petrefediz* ou *petiafe*) têm necessariamente origem no Ms. C. Elas foram geradas pelas dúvidas a que deu lugar a emenda praticada por Rui Vasques quando transformou em <ta> a sequência <tr> (escrita inicialmente) pela sobreposição parcial da vogal ao <r>. Trata-se, assim, de uma prova categórica de que a obra de Pedro de Otero bebe, direta ou indiretamente, do exemplar da Sé compostelana, contrariando as pretensões da professora compostelana a esse respeito (cf. *infra*).



*o seu pet(r)afe dis* (C, fl. 2va)

Por outro lado, Boullón Agrelo ignora (?) outro dado de grande interesse: no manuscrito S (fl. 6iv) deparamo-nos com a mesma versão que encontrávamos na *HIria*; isto é, também se prescinde da segunda ocorrência da P<sub>3</sub> do presente do indicativo do verbo “dizer”: “e dize o seu petrefe assi”, evidenciando que se trata de uma intervenção *ope ingenii* sem maior relevância<sup>104</sup>.



*e dize o seu petrefe assi* (S, fl. 6iv)

### 2.1.5. AO MOSTEYRO DE CHANTADA<sup>105</sup>

De acordo com a *HC*<sup>106</sup>, Gelmires conseguiu que D. Raimundo de Borgonha, em situação vitalmente terminal, e a mulher, D. Urraca,

<sup>103</sup> Não é este o único vocábulo “inventado” a partir do texto da *CIria* (Souto Cabo 2014: 318-322).

<sup>104</sup> Não se omite esse elemento em M (fl. 5r): “E dize o seu pitafe, diz assi”.

<sup>105</sup> A questão central desta alínea foi já contemplada em trabalho prévio (Souto Cabo 2022: 631); no entanto, retomamos parte do seu conteúdo por estarem envolvidos outros assuntos ali não analisados em detalhe.

<sup>106</sup> “consul R. [...] apud uillam Grialium secus Sanctum Facundum positam graui egrimonie languore detinebatur, idem consul note predicti presulis clementia quasi ad desiderabile salutis anime sue refugium, ut ad sese uenire dignaretur, nuntios suos

entregassem à Sé de Santiago diversos bens: o mosteiro de Chantada, a igreja de S. Mamede e diversas igrejas e herdades situadas entre os rios Tambre e Ulha. No entanto, a imperícia de Rui Vasques deu origem a uma apresentação inexata na *Clria* (6.11) consoante a qual o Conde teria dado as herdades situadas entre os rios Tambre e Ulha ao mosteiro de Chantada, à igreja de S. Mamede e a outras igrejas (cf. *infra*)<sup>107</sup>:

Et foy à villa de Grallal acerca de San Fagundo a visitar o principe Reymundo, et foy ende recebido con gran reverencia et dou o sacramento ao dito principe, que confiou de sua alma et fazenda, o qual leyxou, *ao mosteyro de Chantada* en Riba de Miño et à egleja de San Mamede et aas outras eglejas, herdades que el avia entrella Ulla et o Tamere.

O trecho apresenta-se assim em V:

E foi a vila de Grallal a visitar o principe Reimundo —estava esta dita vila cerca de San Fagundo— e foi ende reciuido con gran reuerencia e deu o sacramento ao dito principe, que confiou del sua alma; e facendo o qu’el deixou **ô mosteiro de Chantada**, en Riu de Miño, y a eygreje de San Mamede y as outras eygrejes y herdades que y auia entre Vlla y o Tamare (V).

Lobaríñas parece ter-se deparado com diversos problemas para elaborar o traslado, a começar pelo esquecimento da locução prepositiva “acerca de”, o que o obrigou a precisar, já fora de lugar,

---

destinauit. Ante cuius presentiam [...], tanta ueneratione uenerandus episcopus est susceptus [...]. Nam postquam consul [...] et se et omnia sue potestati consistentia arbitrio presulis commisit, in ripa fluminis Mineis monasterium de Plantata cum suis apenditiis ecclesie sancti Iacobi fidelissima litterarum attestacione dare uoluit” (I.26:24-28). No capítulo seguinte refere-se à doação de “sancto Mamete cum suis omnibus pertinentiis (I.27:11-12) e de “omnes ecclesias et hereditates [...] inter fluuios Vliam scilicet et Tamarim” (I.27:18-20).

<sup>107</sup> A origem da divergência pode assentar, por um lado, na tentativa de sintetizar informações de dois capítulos sucessivos da *HC* (I.26 e I.27) e, por outro, na dificuldade de entender a realidade que subjaz à doação. Com efeito, a partir do séc. XIV, num contexto em que triunfam os ideais da reforma gregoriana e dos concílios do séc. XIII, a posse de bens eclesiásticos por parte dos leigos, tão frequente até meados desta última centúria, tinha ficado reduzida ao direito de apresentação ou à receita de rendas.

a situação de Grajal de Campos. Também não terá percebido o sentido de “que confiou de sua alma e fazenda”, isto é, confiou (ao bispo) a sua alma e tudo aquilo que lhe dizia respeito<sup>108</sup>, frase com que Rui Vasques sintetiza duas ideias de *HC* (I.26:18-26): (i) “consul note predicti presulis clementia quasi ad desiderabile salutis anime sue refugium [...] nuntios suos destinavit”, (ii) “omnia sue potestati consistentia arbitrio presulis commisit”. É também confusa a parte final com a introdução da conjunção copulativa e de um “aparente” pronome adverbial *y* (“*y* herdades que *y* auia entre Vila *y* o Tamare”) (cf. *infra*).

Se não se trata de um simples lapso (por repetição ou antecipação de *y*), a troca de “el (avia)” para “*y* (avia)” resultou certamente de não ter reconhecido o valor que, nesse contexto, tinha *haber* como verbo de posse, aceção para a qual já fora praticamente substituído por *ter* em meados do séc. XVI. De facto, a presença do pronome na frase “herdades que el avia” da *Clria* é imprescindível por se tratar de propriedades que era suposto terem pertencido ao Conde, sendo “ele” quem as entrega<sup>109</sup>. Por outro lado, a introdução desse *y* poderá ser interpretada como artifício medievalizante, uma vez que se apresenta em modo claramente desacertado. Com efeito, enquanto pronome adverbial, era usado em referências anafóricas; isto é, para situar algo num espaço já mencionado ou implícito pelo discurso prévio, o que excluía a repetição do (mesmo) complemento circunstancial, sendo, aliás, incompatível com a introdução doutro diferente<sup>110</sup>. A presença, portanto, incorreta desse elemento em V deriva na contradição que supõe localizar *y* as herdades —o que equivaleria a situá-las em Riba de Minho— e, logo

<sup>108</sup> A ampla gama semântica com que contava o termo *fazenda* na Idade Média era já certamente desconhecida para Lobarriñas. Vejam-se, por exemplo, os glossários das *Cantigas de Santa Maria*: “factos, actos da vida, negócios, interesses” (Mettman 1981, s. v. *fazenda*) e de *Universo Cantigas*: “situación, asunto, estado, condición, intereses” (UC, s. v. *fazenda*).

<sup>109</sup> Na *HC*, a cessão parece ter sido implementada pela infanta Urraca, o que condiz com o estado físico em que se encontrava o marido.

<sup>110</sup> Veja-se, por exemplo, a descrição de Meilán García (2007) para o espanhol, mas válida para o galego-português.

a seguir, dizer que estavam entre os rios Tambre e Ulha, portanto numa área não minhotoa.

Boullón Agrelo (2020: 150-151) desconhece os graves problemas que afetam o texto de *V* –além disso, mal interpretado por ela–, mas pretende outorgar, de modo aventurado, prioridade a essas lições/versões incorretas sobre as de *C* com estes argumentos:

Junto con pequeñas deficiencias en los dos textos (*Chatada C, e facenda* en vez de *e fazendo C, quel* en vez de *qual V*), en *C* (y *B* y *S*) parece haber un problema de transmisión, pues en la *HC* se dice que el príncipe le deja a la Iglesia de Santiago esas posesiones (*Chantada, San Mamede y otras*); **al incluir *C* esa preposición *leyxou (a) o mosteyro, convierte el complemento directo en indirecto***. El texto de *V* es coherente y se ajusta al sentido del original. Por otro lado, en *C* también falta el pronombre que sí consta en *V* y que modifica el sentido de la frase: *confiou de sua alma*. Además, hace falta restituir, según autoriza *V*, la conjunción que aparece en *eygrejes y herdades*. Finalmente, en *V* se utiliza el adverbio locativo medieval y ‘allí’, que debía figurar en el modelo y que Rui Vázquez banalizó en *el* (véase Boullón Agrelo, en prensa<sup>111</sup>).

Como vemos, considera como aspeto central a identificação da instituição a que se destinava a doação. Segundo foi notado, na *Compostelana*, trata-se da Sé de Santiago, mencionada explicitamente: “*Monasterium de Plantata [...] ecclesie Sancti Iacobi [...] dare uoluit*” (I.26:27) ou de modo mais impreciso: “*ecclesias et hereditates [...] apostolice ecclesie [...] contulisset*” (I.27:20). Ora bem, em nenhum momento, a Igreja de Santiago é citada, na *Clria*, como recetora de qualquer dádiva por parte do Conde, como já notávamos no início desta alínea. Estamos, portanto, perante uma interpretação inventada

<sup>111</sup> No artigo citado como “en prensa”, Boullón Agrelo (2019: 87) faz uma surpreendente afirmação: “Non é esperable que, se *C* fose o orixinal, o copista do século XVII cambiase o pronome por *y*, mentres que, pola contra, si é plausible que Rui Vázquez actualizase unha forma que xa na súa época se debía sentir arcaica por outra máis idiomática”. As lições “*el avia*” e “*y avia*” não são equiparáveis, portanto, o que temos em *C* não pode ser considerado uma atualização “máis idiomática” a respeito de *V*. Lembremos que o citado pronome adverbial está presente, com quatro ocorrências, na *Clria* e que também foi utilizado, por exemplo, na *História de D. Servando* (Sou- to Cabo 2007: 237).

por Boullón Agrelo, dado que lhe interessava centrar a atenção na lição “o mosteiro de Chantada”, atribuída por ela a V, por considerá-la mais próxima da fonte do que “ao mosteyro de Chantada” de C, tal como explicava no excerto do seu artigo acima reproduzido. Como já expusemos num trabalho prévio (Souto Cabo 2022: 281), a lição correta de V é “ô mosteiro de Chantada”, respondendo o acento circunflexo sobre o artigo à marca que maioritariamente utiliza Lobaríñas para indicar a contração da preposição “a” com o artigo definido (cf. *infra*). Uma vez que o ô de V equivale, em termos linguísticos, ao *ao* que lemos em C, só podemos concluir que o mosteiro de Chantada também aparece como beneficiário no manuscrito do Vaticano, sendo impropriedade a interpretação de Boullón Agrelo. Lobaríñas, por lapso de atenção, encadeou a seguir elementos que, no antígrafo, funcionavam como dois complementos de natureza diversa (OI e OD), dando origem a uma espécie de frase lacunar.

#### 2.1.6. INIMIGOS DA EGLLEJA ROMANA

Rui Vasques descreveu os acontecimentos vividos por Gelmires na sua viagem a Roma para solicitar ao Papa o uso do pálio (6.5). Como noutros casos, trata-se dum breve extrato de argumentos que, apresentados em modo muito sumário, tirou da *HC* (I.16):

Et quantos traballos et angustias pasou et sofreu enno camiño, et outrosy con quantas onras et pricissoos foy recebido de moytos arçobispos et obispos et abbades, reys, principes enno dito camiño, et quantas celebrações de missas et predicaciones fezo ennas eglejas et mosteyros por onde passou, et infestações que recebeu el, et os seus inimigos da Egleja Romana, seeria longo de escripvir.

Lobaríñas trasladou esse excerto com alguma omissão (“et obispos”), várias formas artificiais e, por não ter percebido o sentido da sequência final (cf. *infra*), com o acréscimo de **dos** antes do termo **anemigos**:

E cantos traballos e angustias pasou e sofreu no camiño, y outrosi con cantas honrras e procison foi reciuido de muitos arcebispos y abbades, reis e princepes no dito camiño, e cantas celebracons de

misas e predicaçons fezo nas eygrejes e mosteiros pour onde pasou e infestaçons que recebeu ele y **os suos dos anemig<os>** da Eygreje Romana, seria longo de escribir<sup>112</sup>.

É precisamente essa contração da preposição com o artigo (**dos**) que pretende utilizar Boullón Agrelo (2020: 150) para propugnar a independência genealógica de V a respeito de C, inspirando-se naquilo que manifestava Mackenzie na sua (nunca divulgada) tese de doutoramento<sup>113</sup>. Eis o seu raciocínio:

La omisión de la contracción *de + os* en C deturpa el sentido, como había detectado Mackenzie (1974, 247) «the enemies are those of Alfonso VI, «quosdam **inimicorum suorum** ... Imperatoris Domini Alfonsi sibi insidias apposuisse» (HC p. 44), pero no *B, S* ni Souto [Cabo], ya que es fácil que pase desapercibido. La preposición debía figurar en el modelo, puesto que está en V, y fue omitida por Rui Vázquez.

A proposta parece tão incoerente como a anterior, uma vez que, como se vê, Afonso VI (como acontecia previamente com a Sé de Santiago) não surge nesse contexto narrativo concreto da *Crónica*, do qual se deduz que o referente do possessivo “seus (inimigos)” é Gelmires, único protagonista do deslocamento, e não o monarca. Pelas mudanças introduzidas, tudo leva a pensar que Lobariñas pretendeu resolver o problema que lhe criava o (para ele estranho) segmento textual “infestações que recebeu el et os seus inimigos da Eggleja romana”<sup>114</sup>, cujo significado real lhe passou, obviamente, despercebido (cf. *infra*). Com a modificação introduzida, esse fragmento

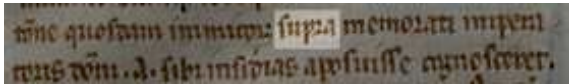
<sup>112</sup> Boullón Agrelo (2020: 150) atribui a V a sequência “ele et os suos” em lugar da correta “ele y os suos”.

<sup>113</sup> Lembremos que um exemplar dessa obra está na posse de Boullón Agrelo, de acordo com as suas próprias declarações.

<sup>114</sup> Afonso VI é previamente referido pelo facto de Gelmires lhe ter pedido licença para solicitar o pálio: “Et por que a sua santa Eggleja de Santiago fosse mays onrada, proposo en seu coraçõ para que, avida licencia del rey don Afonso, fose a Roma ao Santo Padre a pedirle que podesen celebrar con palio, o qual outro obispo, que fose antes del, non podera aver nin alcançar do papa” (6.5), o que deriva da HC I.16.I. O termo “infestações” poderá ser um substantivo deverbal que remonta ao latim INFESTO (‘atacar, molestar’). Segundo notamos a seguir, é por trás da referência às *infestações* (‘emboscadas’) que poderíamos descobrir uma alusão imprecisa a esses

passou a adquirir um novo sentido (em V): ‘Gelmires e os seus receberam ataques por parte dos (que também eram) inimigos da Igreja de Roma’. Este entendimento desse passo de V – o único possível – também não quadra, de modo nenhum, com a sugestão que, a respeito desse passo do manuscrito C, fizera o britânico, utilizada agora pela professora compostelana em auxílio das suas conjeturas.

Na verdade, como aconteceu a Lobariñas, Mackenzie também não conseguiu compreender corretamente a frase em questão, mas acreditou ter encontrado a chave interpretativa na correspondência literal entre “inimicorum suorum” e “os seus inimigos” (cf. *supra*). De acordo com a informação transmitida por Boullón Agrelo, essa frase latina surge na p. 44 da *História Compostelana*, o que remete necessariamente para a edição de Flórez (1765), a única disponível até 1988. Com efeito, na publicação do agostiniano surge esse segmento para aludir às notícias sobre uma, não consumada, emboscada contra Gelmires por parte dos que eram inimigos do Imperador: “quosdam **inimicorum suorum** memorati Imperatoris Doñi A.” No entanto, estamos perante uma lição incorreta devida a Flórez, que estampou o possessivo *suorum* em lugar do correto *supra*; isto é, “quosdam inimicorum **supramemorati** imperatoris domni Adefonsi”; o que deita abaixo, estrondosamente, as especulações de (Mackenzie-)Boullón Agrelo a esse respeito. A situação descrita vem a evidenciar ainda mais nitidamente, se possível, a total ausência de lógica da conjetura de Boullón Agrelo. Surpreende, aliás, que não diga nada sobre a impropriedade da lição da *HC* manejada pelo britânico; o que nos faz “suspeitar” que a professora compostelana não chegou a consultar a edição de Falque (1988: 37), onde se assinala o erro de Flórez, nem o manuscrito S da *Compostelana*<sup>115</sup>.



*História Compostelana* (S), USAL, Ms. 2658, fl. 22ra

inimigos de Afonso VI (Souto Cabo 2001: 83, n. 176), mas não na frase concreta de que se está a tratar.

<sup>115</sup> O códice salmantino, disponível on-line, é a única fonte válida para editar esse fragmento, uma vez que falta no códice custodiado no Arquivo da Catedral de Santiago (Souto Cabo 2018: 240-241, 256-257).

Devido ao tipo de expressão sinótica utilizada, como noutras múltiplas ocasiões, pelo autor da *Clria*, Lobariñas não se terá apercebido de que se estavam a enunciar dois assuntos diversos: (i) as (eventuais) ciladas contra o bispo e (ii) o tema dos inimigos que tinha Gelmires dentro da própria Igreja de Roma, aspeto fulcral do episódio em foco. Estes últimos são, portanto, os “inimigos da Eglleja Romana” a que se alude nesse passo na *Clria*, não os impossíveis adversários de Afonso VI. O próprio Rui Vasques declara, como vimos, ter deparado com um assunto “longo de escripvir”, passando a oferecer, logo a seguir, um esmerado e extenso relato do mesmo<sup>116</sup>. Tratava-se de magnificar o triunfo que supôs para Gelmires conseguir o pάλio junto do Papa, apesar da atitude hostil que tivera Roma contra Santiago, e como isso se traduzira historicamente na oposição a engrandecer a Igreja compostelana: “Porlo qual era grande odio ena Eglleja Romana contra a Eglleja de Conpostela. Et que o papa [et] cardeas fezeran decreto que a Eglleja compostellana non fose acrecentada nin mays soblimada, poy que se levantava en soberbea contr’ a Eglleja Romana” (6.5).

Lembremos que o tema da injusta oposição de Roma às aspirações de Santiago parece ter sido especialmente grato ao autor da nossa *Crónica*, como se evidencia pela incorporação de um episódio da segunda parte da *HC* (II.3:44-45), relativo à isenção de Santiago a respeito de Braga, situado fora das balizas narrativas da *Clria*<sup>117</sup>. Eis um breve excerto: “... ca enton a Egleja de Roma avia en odio a Eglleja de Santiago, porque lle non obedescia tanto como devia, et se afirmava sua ygoal e cabeça das egllejas occidentales” (5.4)<sup>118</sup>.

### 2.1.7. A GARDAREN

Boullón Agrelo (2020: 152) considera a existência da uma segmentação errónea a partir do resultado *agardaren* que ela lê em C

<sup>116</sup> Nele são incluídas a alocação do abade de Cluny e uma notícia sobre o tratamento que fora dado em Santiago ao cardeal legado.

<sup>117</sup> Lembremos que Rui Vasques segue o *Registrum* gelmiriano apenas até ao capítulo 44 do Livro Primeiro, sendo totalmente excepcional a incorporação, como é o caso, de argumentos procedentes dos livros segundo e terceiro (Souto Cabo 2001: 92, 140-141).

<sup>118</sup> Veja-se Souto Cabo (2001: 140-141, 151-152).

quando se traduz o escatocolo do diploma papal pelo qual a Igreja de Santiago obteve a isenção relativamente a Braga (cf. *infra*):

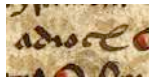
Rui Vázquez interpretó como verbo *agardar* ‘esperar’ lo que era una secuencia de pron. acusativo + verbo *gardar* ‘observar, cumplir’, pero el pronombre debía ser masculino, *o*, para concordar con el antecedente, *indulto* [...]. En *V*, sin embargo, se sigue mejor el original, la enmienda debe ser *os que o gardaren*.

O leitor deve estar consciente de que, de acordo com as características da escrita do manuscrito C, existiriam, em princípio, três interpretações possíveis para a sequência em questão: “agardaren”, “a gardaren” e “o gardaren”. Porém, atendendo ao contexto em que se integra e ao facto de na *Crónica* o verbo *agardar* surgir apenas com o significado de ‘esperar’, só as duas últimas é que são viáveis. A atribuição desse valor semântico à forma verbal utilizada por Rui Vasques, pretendida por Boullón Agrelo para apoiar a sua conjectura, não faz sentido no contexto em que surge: trata-se de *guardar*, isto é, ‘observar, cumprir’.

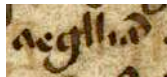
Note-se ainda que esse códice apresenta com alguma frequência um tipo de <a> que “reúne os valores de /a/ e /o/” (Souto Cabo 2001: 45, n. 80) e que a ligação à palavra seguinte de artigos ou pronomes, grafados por uma única letra, conta com uma alta frequência; de facto, só no mesmo fólio registamos outros cinco exemplos: “acathedra”, “adiocesi”, “aeglleja”, “orregemento”, “osanto”. Não existe, portanto, nenhum indício que nos permita falar de segmentação errónea como quer Boullón Agrelo.



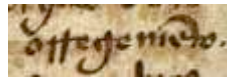
a gardaren



a diocesi



a eglleja



o rregemento

Quanto ao antecedente pronominal, devemos levar em linha de conta que na fonte não está presente o termo latino a que etimologicamente remonta “indulto”. No segmento prévio, encontramos dois enunciados independentes (*HC* I,5:52-64), por um lado, a condenação pelo incumprimento da *pagina* (‘escrito papal’): “persona huius

decreti *paginam* sciens contra *eam* temere uenire temptauerit [...]” e, a seguir, outro diferente em que se pede a paz para os que acatarem todas as disposições: “*hec* obseruantibus [...] sit pax ...”. Seja, muito provavelmente, porque se tomou o substantivo *letera* –equivalendo ao *paginam* latino– como antecedente ou por ter interpretado o demonstrativo neutro plural *hec* (= *haec*) como um (nominativo) feminino singular, o uso da forma feminina do pronome por Rui Vasques é perfeitamente admissível:

Enna qual *letera* se contiña [...]. Et se algũ arçobispo, enperador, rey, príncipe, duque, marques, conde, juiz ou outra qualquer persona, ecclesiastica ou saglar, pasar contra este indulto, seja maldito, et escomungado et partido da fe catholica, et os que *a* gardaren ajan paz con Christo para senpre (5.4).

É, por outro lado, fácil de explicar esta nova emenda de Lobarriñas, dado que entendeu como antecedente o *indulto*.

#### 2.1.8. A QUAL ACHAVASE INCULTA

Do mesmo modo que no caso anterior, Boullón (2020: 152) considerava que a lição “achavase inculta” de C (5.4) seria um erro de segmentação em lugar do (para ela) correto “achou a se inculta” que apresenta V; vindo a descrever o percurso do hipotético erro deste modo: “achou a sé > achouase > achauase ‘achávase’, como consequencia de una deficiencia de copia”<sup>119</sup>. De acordo com a análise já

<sup>119</sup> Em apoio dessa interpretação, pretende valer-se da fonte de que deriva: “El texto latino corrobora la versión de V, que nos es recuperable *ope ingenii*, dado que tendría perfectamente sentido si no fuese por la falta de concordancia del artículo” (Boullón Agrelo 2020: 152). No entanto, a frase latina e o contexto em que se insere não depõem a favor da interpretação de Boullón, uma vez que apresentam notáveis divergências com a versão romance. O elemento fulcral do texto latino é o facto de Dalmácio se ter deparado com a Sé como “vinha sem cultivar” (“*Hic sedem quasi incultam reperiens vineam*”, *HC* I.5:10-11), imagem que não foi retomada na versão galego-portuguesa. Por outro lado, o uso da locução pronominal “a qual” faz todo o sentido ao encabeçar uma oração subordinada de relativo imediata ao seu antecedente: “santa Egleja de Santiago”. Pelo contrário, a menção explícita da Sé nesse local, tal como vemos em V, é redundante, induzindo em confusão; pois a Igreja de Santiago e a Sé são a mesma entidade.

apresentada (Souto Cabo 2022: 632), a hipótese parte de uma presunção falsa de Boullón Agrelo, pois ignora que o termo *sé* surge sistematicamente durante a Idade Média com hiato vocálico, de tal modo que a sequência “achou a seen/séen/sée, see inculta” nunca teria sido objeto daquela suposta segmentação<sup>120</sup>. Na verdade, a versão que apresenta V resultou da necessidade de adaptar a frase ao lapso gráfico –talvez só aparente– que se produz em C ao apresentar o esperado “a qual” como “o qual”<sup>121</sup>: “o qual achauase inculta” (C) > “o cal achou a se inculta” (V)<sup>122</sup>. A lição da *Hlria* demonstra, ao contrário do que pretende Boullón Agrelo, que C foi o seu antígrafo<sup>123</sup>, visto que se trata de uma reação de Lobarriñas a um “lapso” accidental do códice compostelano; o erro de segmentação está, portanto, em V<sup>124</sup>.

### 2.1.9. VILLA CRUZ

Entre os limites da terra coutada para a Igreja Compostelana estabelecidos por Afonso o Casto no *Cronicão Iriense* –cit. *CI*– (4:21) cita-se a *villa Astructi*, que poderia corresponder ao atual Vilastrexe (Vilhestro, conc. Santiago de Compostela). Por provável desconhecimento do referente, na *Clria* foi traduzido como **Villa Cruz** (2.10)<sup>125</sup>. A propósito do nome em questão, Boullón Agrelo (2020: 155-156) cria ilusoriamente um “caso de difracción”:

<sup>120</sup> As variantes citadas (*see, sée, seen, séén*) são aquelas que registamos na *Clria*.

<sup>121</sup> Lembremos que o Ms. C apresenta ocasionalmente trocas gráficas entre <o> e <a>, o que nos impediria de falar propriamente de “erro”. Eis alguns exemplos: “Afonso” (*Afonso*), “Aluoro” (*Alvaro*), “da” (*do*), “enna” (*enno*), “envalvdo” (*envolvdo*), “lauantoron” (*leuantaron*), “tada” (*toda*), “manjas” (*monjas*), “moyor” (*mayor*), “Ordonia” (*Ordonio*), etc. (Souto Cabo 2001: 39, 96, 98, 99, 103, 106, 118, 122, 135).

<sup>122</sup> Na nossa edição fora, de facto, reproduzida como “[a] qual”, sendo refletida em nota a situação do manuscrito (Souto Cabo 2001: 76, 120, n. 461).

<sup>123</sup> Ao assumir que o texto de C “tendría perfectamente sentido si no fuese por la falta de concordancia del artículo”, Boullón Agrelo (2020: 152) reconhece, indiretamente, que a versão de V nasce de uma interpretação errada do copista da *Hlria* causada por essa anomalia (grafo-)linguística.

<sup>124</sup> Encontramos um caso similar na transformação de “senoreou a Braga” (C 2.4) em “señoreaua Braga” (V). Neste caso, a reinterpretação de Lobarriñas parece ter sido despoletada pelo (inesperado) uso de *senhorear* (‘dominar’) acompanhado, neste contexto, da preposição *a*.

<sup>125</sup> Como noutros casos similares, Rui Vasques não “traduz” a forma do antígrafo, identifica-a com um topónimo que ele conhece ou cuja existência intui.

Para lo que importa a la transmisión, está claro que Rui Vázquez banalizó en *Villa Cruz* la lectio difficilior del antígrafo, mientras que en las otras copias se manifiestan distintas variantes (*Vilaestriz* V, *Villastruns* O); a ellas se pueden añadir las variantes *Villanstruz* de Castellá (1610, 232r), que se basa en un ejemplar distinto del de Rui Vázquez, y *Vallastras* de Gándara (1678, 356).

Apesar de que as variantes usadas por Pedro de Otero<sup>126</sup>, Castellá Ferrer e Felipe de la Gándara não podem ser, nem de modo remoto, relacionadas com as da *Clria* através de qualquer processo equivalente ao que, normalmente, se considera “cópia” no âmbito da crítica textual, Boullón Agrelo persevera no exercício da ecdótica-ficção até limites inesperados.

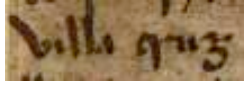
Notemos, em primeiro lugar, que Otero Romero adota uma forma próxima daquela que utilizara Castellá Ferrer –citado mais de cem vezes na *Hlglesia*– um século antes, até porque a lição correta deve ser *Villastrunz* (e não *Villastruns*<sup>127</sup>). Por sua vez, a variante que aparece na obra do historiador celanovense remonta a uma grosseira versão apócrifa em castelhano forjada na Sé de Santiago, em finais do séc. XVI, que se pretendia fazer passar (de modo frauduloso) como “la verdadera” *Historia Iriense*, segundo declara, com alguma ingenuidade, o próprio Castellá Ferrer (Souto Cabo 2001: 21) (cf. *supra*). Os autores dessa versão tentaram repristinar diversas formas, o que explica o *Villastrunz* (para o latino *villa Astructi*)<sup>128</sup>, propósito corroborado, ainda na mesma frase, pela recuperação de *Siona*, topónimo também relatinizado partindo de *Siaoniam* do *Iriense* (4:20), em lugar do (tipo) esperável e correto *Syonlla* que lemos em C (*Sionella* em V); uma vez que corresponde à freguesia compostelana desse nome (Sionlha). Quanto à solução utilizada por Gándara (1678: 356), apesar de aludir a uma “Historia Iriense, escrita en

<sup>126</sup> Boullón Agrelo identifica a *Hlglesia* da autoria de Pedro de Otero com a sigla O.

<sup>127</sup> Otero y Romero, mesmo utilizando materiais textuais da *Clria*, cria uma nova versão, acrescentando um dado sobre a extensão do couto que não aparece na fonte latina: “fesso couto de tres millas por Sionlla e por Lestedo e hasta el Tamere” (Arias e Noia 2011: 132).

<sup>128</sup> Não podemos excluir, contudo, que a se trate de uma leitura inexata e imaginativa do texto de C (Souto Cabo 2014: 321, n. 47).

language Gallego”, a referência não se integra na citação de um fragmento dessa obra, mas apenas num confuso esclarecimento geográfico, aliás, cheio de erros de diversa natureza: “y le dio un termino, y coto redondo por Siolle, e Lestedo (esto es, el Estrobe, y Puente Siolla) *Vallastras* hasta el rio Tambre”.



*Villa Cruz* (C, fl. 3va)



*Vilaescriz* (V, fl. 4v)

A forma do topónimo que encontramos em V apresenta alguns problemas de interpretação, mas não pode ser entendida como “Vilaescriz”, segundo propõe Boullón Agrelo. Em primeiro lugar, surge a dúvida sobre a letra similar a um <c> cujo valor, ambíguo, pode ser também <e>, entendimento que viria induzido pela configuração do <c> (de *cruz*) em C. É ainda necessário ter em conta que a sequência <st>, que descobre a professora compostelana nessa forma de V, nunca se resolve com bucle no segmento superior, portanto, não cabe identificá-la nesse termo. Quando existe, o nexa <st>, aliás muito frequente, apresenta um traço vertical descendente sem qualquer curvatura, como observamos na imagem (*restituise, enesto*). Do anterior, deduz-se que a lição de V não mantém um vínculo específico com aquilo que plasmaram Otero, Castellá ou Gándara.



*restituise enesto* (V, fl. 12v)

*heregias* (V, fl. 3r)

Por outro lado, segundo se evidencia no exemplo de “heregias”, o elemento gráfico que se resolve em anel superior pode servir apenas como nexa com a letra seguinte –neste caso um <s>– sem contar com valor próprio. Temos, portanto, várias interpretações possíveis para o que escreveu Lobaríñas (“Vilaescriz”, “Vilaesriíz”, etc.), mas todas remontam a uma leitura deficiente do texto de C através de equivalências fáceis de estabelecer.

2.1.10. *ATHEULFO*

Uma das notas “originais” introduzidas por Rui Vasques na *Clria* (4.2) foi considerar que uma incursão dos normandos na Galiza tivera como causa a (falsa) acusação de sodomia de que fora objeto o bispo Ataulfo. Essa motivação, ausente nas fontes latinas (*HC* e *CI*<sup>29</sup>), é estabelecida quando se relata a transferência do corpo desse prelado desde as Astúrias para Compostela:

Et despoys Sisinando, obispo, seu sobriño e socessor, trouso o corpo do dito santo Atheulfo de Asturias, et con grande onra o sepultou en Conpostella. **Et porlo pecado que contra el fezeron**, vieron cen nabes armadas de normanos a Galiza, et guerrearon por tres anos et destroyron a terra, **por aquel pecado que fezeron contra o santo obispo Atheulfo**, en tal guisa que matavan et captivavan homes et molleres et os moços pequenos.

Talvez pela escassa utilidade do episódio para os propósitos com que foi lavrada a cópia de V, Lobarriñas encurta-o omitindo algumas informações relativas à sepultura em Compostela (“et con grande onra o sepultou en ...”) e a frase em que Rui Vasques reiterava, com maior precisão, o motivo da vinda dos normandos:

E despois Sisanando, bispo, seu sobriño e sucesor, trouxo o corpo do dito bispo santo Atheulfo das Estureas a Compostela. **E polo pecado que contra el feceron**, vieron cen naues armadas de normanos a Galicea e guerrearon por tres anos e destroyron a terra en tal guisa que matauan e catiuauan omes e mulleres y os moços pequenos.

Boullón Agrelo (2020: 151), suprimindo na sua argumentação a parte inicial do episódio (“E despois ... Compostela”), essencial para perceber a atuação do copista nesse contexto, aproveita essa diferença

<sup>129</sup> “Sisnandus [...] Adaulfo successit [...]. Is etiam predecessoris sui eiusdem Adaulfi sanctam uitam recolens summe ac fraterne dilectiones desiderio Asturienses partes intrauit eumque mortuum Compostellam asportauit et cum summa reuerentia sepeliuit. (*HC* I.2:69-76); “Eo tempore centum naues normannorum in Galletiam uenerunt, et post triennium ad propria sunt reuerse” (*CI* 5:12-14).

para incluir a sequência “por aquel pecado que fezeron contra o santo obispo Atheulfo” entre os “erros por anticipación, típicos de copia”. Além de se enganar na tipologia (seria, na verdade, um caso de posposição), é óbvio que não estamos perante um erro por repetição; de facto, trata-se de duas frases diversas nos seus componentes e na sintaxe. A segunda, muito mais complexa, reconduz propositalmente a ambiguidade que, sobre o assunto em questão, se podia gerar a partir dos imprecisos “porlo pecado” e “contra el”. Para isto, usa como anafórico textual o determinante *aquel* (*pecado*), com o qual estabelece uma clara ligação com um antecedente, já distante, e precisa a identidade do bispo:

Et porlo pecado que contra el fezeron ...

... por aquel pecado que fezeron contra o santo obispo Atheulfo ...

#### 2.1.II. *VIRON MOYTAS NAVES DE NORMANOS*

Como acima dissemos —e ainda se deprende de vários dos casos já analisados—, a *Clria* apresenta irregularidades, de diversa natureza, impróprias de uma fase de escrituração definitiva (cf. *supra*)<sup>130</sup>, o que condiz, aliás, com o proceder desatento de Rui Vasques (cf. *supra*). As anomalias redacionais provocaram intervenções corretivas de Lobarifias em V que Boullón Agrelo interpreta como lições corretas procedentes do “antecedente comum” por ela imaginado. É por isso que, nesta e nas alíneas que se seguem, consideraremos especificamente algumas delas.

Um dos excertos da *Clria* (4.10) que apresenta marcas de uma narrativa não totalmente (ou não bem) consolidada tem a ver com uma incursão de normandos e flamengos até Compostela, entrando pelo setor setentrional da ria de Arousa:

<sup>130</sup> Trata-se de uma característica que se repete noutros testemunhos da prosa galega medieval, como se sublinha em Pichel *et al.* (2020: 104): “Algúns erros textuais na tradución e compilación fan pensar nun estado redaccional inconcluso ou experimental para C (similar ao que, de modo particular, se pode observar nos testemuños hoxe conservados da *Historia troiana* [...] ou dos *Mirages de Santiago* [...]), quer un rascuño preliminar ou versión preparatoria autógrafa, quer unha versión xa posta en limpo mais de forma deficiente, prematura ou precipitada”.

Et en este ano, enna dominica mediante de Coreesma, **viron** moytas naves de normanos, et frandeses et moyta gente de enemigos da fe {...} ao porto de Vacariça}, et entraron a Ylia. Et por toda a terra roubaron omes et molleres, et poynan fogo e destroyron a terra ata Conpostella.

O manuscrito do Vaticano diverge do anterior por apresentar uma P6 do pretérito do indicativo do verbo *vir* (“**vieron** muitas naves de normandos”) em lugar da correspondente de *veer* (*viron*) que lemos em C, substituição em que subjaz a consideração de o sujeito daquela forma verbal serem as naves dos normandos. Boullón Agrelo (2020: 148) considera que C conteria um erro por substituição com estes argumentos:

El texto original (*uenerunt*) corrobora la forma verbal *vieron* (forma medieval gallega del verbo *vir* ‘venir’) de V; en C, por el contrario, se interpreta erróneamente el verbo *ver* (*viron*). Si V fuese copia de C, trasladaría *viron*, porque la secuencia tiene perfecto sentido (en castellano ‘vieron’ / ‘vinieron’). La lección de V autoriza la enmienda de C para *vi[e]ron*.

Em primeiro lugar, não se pode afirmar, de nenhum modo, que a frase “tiene perfecto sentido” com a forma verbal *viron*, pois é óbvio que nos encontramos perante uma expressão não aceitável gramaticalmente (“viron [...] ao porto de Vacariça”), o que, precisamente, provocou a alteração para **vieron** em V com o intuito de emendar, *ope ingenii*, o que Lobarriñas identificou como erro, circunstância que a académica não devia ocultar ao leitor.

Como vemos, Boullón Agrelo (2020: 148) pretende sustentar a sua argumentação numa hipotética conformidade de V com a fonte, o *Cronicão Iriense*, citando este excerto: “Fuente lat.: «ecce nuntii *uenerunt* ante eum dicentes quod normani»”. A professora compos-telana demonstra, com o seu comentário, não ter percebido o significado da frase latina –sem correlato, como tal, no texto romance–, pois o sujeito de *uenerunt* no texto do *Cronicão* não são as naves dos

normandos, mas os mensageiros (*nuntii*) que foram ante Sisnando (“ante eum”)<sup>131</sup> comunicar a presença dos invasores em terra<sup>132</sup>.

O autor da *Clria* apresenta uma versão em vários pontos dissemelhante, a começar pela interpretação imaginativa que faz do alerta dado pelos mensageiros, traduzido sinteticamente na forma verbal **viron** (“viron moytas naves de normanos ...”). Assim, remontando-se a um momento anterior àquele com que se inicia o texto latino, refere esse avistamento das embarcações, portanto, ainda no mar, e a chegada ao porto de Vacariça. No entanto, Rui Vasques, após citar a identidade dos que vinham nas naves, assumiu estes como sujeito gramatical, seguindo o “molde” do texto latino, no qual —é importante sublinhar isto— não se fala dos navios, entrando em contradição com o seu próprio relato prévio<sup>133</sup>.

#### 2.1.12. DOTOU O SANTO LUGAR CON MOYTOS DÓÓS

Uma notória irregularidade textual da *Clria* (2.10) tem a ver com a repetição da sequência **moytos dóós** em dois locais próximos. O contexto agramatical em que se produz a primeira ocorrência é facilmente identificável como causa que levou Lobariñas a expurgar esse elemento. Boullón Agrelo (2020: 151) considera a existência de um “error por anticipación” em C, hipótese sugerida por mim em 2001, mas que eu formulei em modo diverso ao postulado pela académica (cf. *infra*). Eis o texto da fonte latina (*CI* 4:16-19), a tradução de Rui Vasques e, a seguir, a versão de Lobariñas:

... cum summa reuerentia, uenit causa orationis **ad Beatum Iacobum Apostolum**, et ibi, cum lacrimis et assiduis orationibus, **multa obtulit dona.**

<sup>131</sup> “Tunc Sisnandus [...] ad propriam rediit [...] ecce nuntii uenerunt ante eum ...” (*CI* 11:12-14).

<sup>132</sup> Note-se que estes últimos já tinham ultrapassado a área das junqueiras e avançavam na direção de Íria, cativando homens e mulheres: “gens multa inimicorum, ueniens de luncariis uolentes ire ad Hyriam, quos cum homines et mulieres in itinere inueniebant ducebant captos” (*CI* 11:15-18). Trata-se provavelmente da área em que o atual concelho de Dodro confina com o Ulha, caracterizada pela presença de uma extensa junqueira, pouco antes de o rio deixar de ser navegável.

<sup>133</sup> Rui Vasques emenda o *CI* situando a meta dos inimigos em Compostela e não em Íria.

Et con grant reverencia veeo en romaria a **Santo Lugar de moytos dóós** et con lagrimas et continuas orações hedificou et dotou o Santo Lugar **con moytos dóós** et joyas.

E con gran reuerencia ven en romeria ao Santo Lugar e con lagrimas e continuas oraçons edificou e dotou o Santo Lugar **con muitos dons e joyas**.

No entanto, a anomalia textual não fica limitada apenas à reiteração desse elemento, como supõe Boullón Agrelo; começa com a inesperada falta do artigo antes de “Santo Lugar”. Essa ausência justificar-se-ia se se tratasse do topónimo “Santiago”, tal como é exigido pela fonte: “ad Beatum Iacobum” (cf. *supra*). É um importante indício para pensar que nos encontramos perante a omissão de “Santiago” provocada pela antecipação, não emendada<sup>134</sup>, da sequência “Santo Lugar (de) moytos dóós”<sup>135</sup>, o que passou despercebido a Lobarina (e a Boullón Agrelo). Eis a frase provavelmente pretendia pelo autor: “Et con grant reverencia veeo en romaria a [Santiago] et con lagrimas et continuas orações hedificou et dotou o Santo Lugar con moytos dóós et joyas”. Note-se que, se admitíssemos como correta a primeira ocorrência de “Santo Lugar”, a sua reiteração era supérflua, dado que podia ser funcionalmente substituído por um pronome: “e o dotou/dotou-o con moytos dóós e joyas”<sup>136</sup>.

Deparamo-nos com uma situação similar quando se faz menção à ignorância que existia na Península relativamente ao cristianismo antes da pregação do Apóstolo. Assim, a frase “conhecimento algũu da fe de Jhesu Christo” foi, logo a seguir, reescrita com a omissão de *algũu*: “Et porquanto a Espana aynda non avia conhecimento algũu da fe de Jhesu Christo, conhecimento da fe de Jhesu Christo” (*Clria*, 2.1). Na *HIria* evitou-se a repetição, mas Boullón não aduz este caso

<sup>134</sup> Notemos que, nessa fase, já só seriam possíveis correções de dimensões muito limitadas, o que explica a sobrevivência doutros casos da mesma natureza.

<sup>135</sup> De acordo com o critério conservador utilizado na nossa edição anterior, optávamos por “a(o) santo lugar (de moitos dóós) et, con lagrimas et continuas orações, hedificou et dotou o santo lugar con moitos dóós et joias”.

<sup>136</sup> A frase “de moytos dóós” não antecipa em rigor “con moytos doos”, uma vez que estamos perante uma escolha diferente, mas também válida, para a preposição inicial, o que evidencia a instabilidade na fixação do texto.

em apoio das suas teorias porque os manuscritos M e S refletem a mesma situação de V. O facto de a sequência “da fe de Jhesu Christo” aparecer reiterada em linhas contíguas provocou que fosse cancelada, tendo sido riscada com uma linha vermelha, talvez pelo próprio Rui Vasques. Esta foi, de certeza, causa da omissão (em V e ainda) em S e M, códices que só exceccionalmente praticam intervenções corretivas.

### 2.1.13. MELLOR ERA SOFRER EN BATALLA

Na alínea dedicada às hipotéticas omissões de C, Boullón Agrelo (2020: 149) considera, em primeiro lugar, a ausência de “morrer” na frase “Et foy acordado que **mellor era en batalla** que sofrer et padecer tanto obprobrio” (4.7) representada em V por “E foi acordado que **millor era en batalla morrer** que sufrir e padecer tanto apremeo e oproiio”. Para a professora compostelana, a situação deste último manuscrito “denota que el antecedente común no tenía esa carencia”. É óbvio que o Lobariñas, como qualquer pessoa que tenha feito uma leitura minimamente reflexiva do que lemos em C, terá notado a aparente ausência de algum termo (substantivo ou infinitivo) com o sentido de ‘sofrimento’ ou ‘morte’ para fazer com que a frase não fique gramaticalmente coxa. Perante essa situação, levando em linha de conta o tipo de traslado interventivo que se faz em V, parece expectável que, como solução, se tenha recorrido ao infinitivo **morrer**. Ora bem, a sintaxe é um indício para evidenciar que se trata de uma emenda *ope ingenii* uma vez que essa forma verbal não se encontra na posição que, normalmente, lhe corresponderia, imediatamente após a forma verbal *era*. Isto é assi porque o autor material de V só se terá apercebido da deficiência quando já copiara “en batalla”, foi então que o introduziu —ou porque se deixou arrastar pela aparente sintaxe do texto que copiava. Repare-se que na fonte, o *Privilégio dos Votos*, só se fala, com efeito, da necessidade de acabar com o opróbrio que sofriam os cristãos “obprobria cogitauimus abolere”, o que só impõe a frase “padecer tanto obprobrio”, mas não o verbo *sofrer*. A proposta mais económica para emendar o erro em que Rui Vasques incorreu —e não corrigiu— é antecipar a forma *sofrer* fazendo-a sujeito de *era*: “que mellor era sofrer en batalla que padecer tanto obprobrio et

determento da santa fe catholica”. Seja como for, trata-se, portanto, de um lapso não emendado, similar aos citados anteriormente.

Lobariñas terá prestado especial atenção ao episódio em questão uma vez que se trata precisamente do relato da batalha de Clavijo (Souto Cabo 2001: 147), acontecimento lendário em que se sustentou o Voto de Santiago e a defesa do patronato exclusivo para o Apóstolo. Para reforçar a motivação dos cristãos, ele acrescenta o **apremeo** –além do opróbrio e detrimento da fé– a que eram submetidos. Neste caso, Boullón Agrelo só não apõe a C um lapso por omissão porque o substantivo *apremio* –deverbal de *apremiar*– é um termo castelhano registado apenas a partir de meados do séc. XVI<sup>137</sup>.

#### 2.1.14. REPAROU MOY EN BÓO ESTADO

A *Compostelana* descreve de modo impreciso a atuação do bispo Gudesteus a favor da Igreja compostelana, fazendo, laconicamente, alusão ao restabelecimento da dignidade e dos senhorios: “dignitatem et honores huius apostolice ecclesie ad statum rectitudinis promouere uoluit” (HC I.2:228-230). Para descrever essas ações, Rui Vasques utiliza uma frase lacunar do ponto de vista linguístico: “reparou moy et en bóo estado os Santos Lugares” (4.13)<sup>138</sup>. Com o intuito de emendar a deficiência expressiva que se gerava, o copista do manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid praticou uma económica intervenção suprimindo a copulativa e reordenando sintaticamente os elementos: “reparou en moi bo estado” (M, fl. 16v). A intervenção que observamos na *Hlria* foi de maior alcance: “reparou muito e **poso en bô estado**”<sup>139</sup>. Boullón Agrelo (2020: 149), mais uma vez, pretende atribuir a V a lição correta: “es fácilmente enmendable a la vista de V”, apesar de a emenda ser totalmente previsível, como, de resto, vem atestado pelo Ms. M.

<sup>137</sup> Para estabelecer a cronologia de alguns vocábulos castelhanos, utilizamos o CORDE e o DCECH.

<sup>138</sup> Eis o contexto completo: “Et el morto, foy elegido por bispo Gudesteus, duodecimo, seu sobrino, o qual seguindo o camiño et ensinanza do dito Cresconio, seu tío, reparou moy et en bóo estado os Santos Lugares de Conpostella et de Iria”.

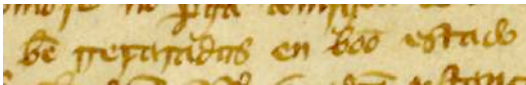
<sup>139</sup> O manuscrito salmantino não introduz qualquer modificação (fl. 71r).

Não é possível saber o que tencionava escrever Rui Vasques, mas podemos pensar na omissão da forma adverbial *ben*, que viria especificada por *moy*, como se deduz da presença da locução adverbial “*moy ben*” associada funcionalmente ao verbo *reparar* em duas ocasiões num parágrafo prévio: “reparou *moy ben* a dita egleja”, “todo asi *moy ben* reparado” (4.12). A falta poderá estar relacionada com alguma eventual anomalia no fim da linha que atualmente conclui com aquele advérbio. Com efeito, o vocábulo *moy*, cuja dimensão ultrapassa, com muito, a das restantes ocorrências deste termo, foi escrito sobre texto apagado, ainda claramente perceptível, que supera o limite vertical da coluna de texto.



*moy* (C, fl. 8va)

De acordo com o que tem vindo a ser apontado, podemos pensar que foi intuito, malsucedido, do autor plasmar a frase “reparou *moy ben* et en bóo estado os santos lugares de Compostela et de Yria”<sup>140</sup>. Devemos ter em conta que o verbo *reparar* na Idade Média conservava o significado, hoje secundário, de ‘restabelecer, repor’, pelo qual admitia um complemento como “em bom estado”. Um diploma do núcleo documental do mosteiro de Pombeiro de 1407 constitui uma excelente prova disto, já que nele se exige ao arrendatário que mantenha as casas que lhe são cedidas “*ben reparadas en bõo estado*”<sup>141</sup>, reproduzindo um esquema em tudo semelhante ao que, restituindo o faltoso *ben*, encontramos na *Clria*.



*ben reparadas en bõo estado*  
AHPOu, Most. de Pombeiro, nº 13

<sup>140</sup> Uma proposta mais económica seria “reparou et en *moy bóo estado*”, apenas com inversão da ordem de *moy* e *en*.

<sup>141</sup> Lucas Álvarez / Lucas Domínguez (1996, nº 71): “tenades as casas dos ditos lugares cubertas e *ben reparadas en bõo estado*”.

Lobariñas, fazendo uma leitura moderna, viu-se na necessidade de inserir uma forma do verbo *pôr* para adequar a frase aos usos que já no séc. XVII impunha, como na atualidade, o verbo *reparar*, sempre carregado de aceção positiva ('renovar, melhorar').

## 2.1.15. VICENÇO

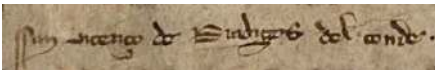
Consideramos, a seguir, o caso das variantes para o antropónimo/hagiónimo *Vicente*, aspeto muito elucidativo sobre o *modus operandi* de Boullón Agrelo (2019: 92). Em primeiro lugar, cumpre notar que uma das lições que Boullón Agrelo atribui à *Clria* deve ser emendada para *Vicenço* (6.2) em lugar de *Vicente*, à luz unânime dos testemunhos seiscentistas<sup>142</sup>. Do anterior seguem-se as seguintes correspondências entre C e V: *Vicenço* (C 6.2) = **Vincenso** (V), *Vicente* (C 6.2) = **Vicente** (V), *Vicenço* (C 6.5) = **Vicenço** (V). Isto é, a intervenção de Lobariñas limitou-se a acrescentar um <n> após o <i> nas duas variantes que apresenta o nome de um cónego (6.2), mas manteve inalterada a denominação do santo (*San Vicenço*, 6.5). Eis as considerações que, sobre a questão, tece a professora compostelana:

Na Idade Media a forma xeral para o haxiotopónimo era *San Vicenço*, pero como nome persoal comézase a ver *Vicente* desde o século XIII, e no século XVII estaba xa xeneralizado. En V utilízanse dúas formas, unha máis próxima á tradicional (non só na terminación, senón tamén na consoante nasal trabando a primeira sílaba), e outra, *Vicente*, a medio camiño entre *Vicente*, que debía ser xa a forma coetánea, e a medieval. Esta última debía estar presente no orixinal, e sería actualizada en dúas ocasións por Rui Vázquez<sup>143</sup>.

<sup>142</sup> A danificação do soporte resultou no apagamento da última sílaba, mas a coincidência das três cópias na terminação *-çol-so* (S, fl. 75v; M, fl. 22r; V, fl. 13v) leva a pensar, obviamente, que se trat(av)a de *Vicenço*. O facto de o antropónimo ser atribuído, pouco depois, ao mesmo personagem como *Vicente* é a causa para que esta última variante tenha sido estampada nas edições da *Crónica*.

<sup>143</sup> Note-se, portanto, que não existem diferenças entre ambos os manuscritos no que se refere à "terminación", como supõe Boullón Agrelo, mas apenas à presença do <n>.

As conclusões que tira das diferenças que existem entre os manuscritos em questão, misturando dados reais com outros inexatos, são confusas e desinformadas. Com efeito, a forma que predomina na Idade Média é *Vicenço* seguida, a grande distância, por *Vicente*; mas a presença do <n> a seguir o <i> inicial não pode ser considerada, para nenhuma delas, como marca de carácter tradicional ou medievalizante, como sub-repticiamente sugere Boullón Agrelo, induzindo o leitor em erro. Na verdade, ainda que no étimo latino estava presente a nasal em coda da primeira sílaba (UINCENTIUS), nas línguas peninsulares impuseram-se os resultados sem esse elemento (*Vicente*, *Vicenç* / *Vicent*), o que levou mesmo a “admitir a existência de um lat. hispânico \**Vicente*- (cp. *Vicencio*)” (Machado 1984, s. v. *Vicente*), informação que Boullón Agrelo, alegadamente versada em onomástica, desconhece. Na base de dados CGPA descobrimos apenas quatro ocorrências do tipo *Vincenço* para o período medieval —o que suporia um exíguo e irrelevante 0,8% do total: duas no séc. XIV e duas para o séc. XV. A consulta dos originais correspondentes aos anos de 1327 (Mosteiro de Osseira)<sup>144</sup>, 1396 (Mosteiro de Pombeiro)<sup>145</sup> e 1468 (Mosteiro de Ferreira de Pantom)<sup>146</sup> evidenciou que se trata de erros de transcrição dos respetivos editores em lugar do correto *Vicenço*, situação que se poderá repetir, muito provavelmente, no de 1460 (Mosteiro de Pedroso) a que não tivemos acesso por se encontrar, na atualidade, em paradeiro desconhecido<sup>147</sup>. Conclui-se que, muito provavelmente, na Idade Média galega não se registou a variante (alatinada) com <n>.



*San Vicenço de Riadigos del Conde* (1327)



*dia de San Viçenço* (1396)

<sup>144</sup> AHN, Clero Secular-Regular, Most. de Osseira, pasta 1543, nº 7.

<sup>145</sup> AHPOu, Most. de Pombeiro, Pergaminhos, nº 10.

<sup>146</sup> AMFP, Pergaminhos, nº 3/183. Notemos, contudo, que o original é, em boa medida, ilegível.

<sup>147</sup> É isso que pudemos verificar *in situ* com a ajuda de Félix Villares Mouteira, deão e arquivista da Sé de Mondonhede, a quem agradecemos os esforços por localizar esse escrito.

Ora bem, se essa forma alternativa não existiu, de facto, na *Idade Média*, como pode afirmar Boullón Agrelo que o *Vincente* de *V* estaria, pelo acréscimo do <n>, mais próximo da forma medieval? A citada base de dados só contém um exemplo de *Vincente*, mas num documento em castelhano do sínodo celebrado em Tui no ano de 1528, o que nos faz pensar na vontade, já em período renascentista, de repristinar o antropónimo a partir da forma latina, italiana (*Vincenzo*) ou francesa (*Vincent*). Trata-se de uma prática que, de acordo com os dados do CORDE, observamos no âmbito castelhano ao longo dos sécs. XVI e XVII em autores como Cervantes, Gonzalo García de Santa María ou Baltasar Gracián.



Vincenzo [...] Vicente (S, fl. 75v)

Por outro lado, Boullón Agrelo não nota que o copista do manuscrito salmantino (fl. 75v) praticou uma intervenção em tudo semelhante, também apenas para o nome do cónego, transformando as formas de *C Vicenço* e *Vicente*, respetivamente, em *Vincenço* e *Vincente*<sup>148</sup>. O “desconhecimento” dessa realidade — a somar a outros casos anteriores — é ainda mais difícil de entender se tivermos em conta que ela diz estar na posse da edição da *Clria* de Mackenzie em que se transcreve o texto “co cotexo dos seus codices descripti localizados ata o momento: B (na Biblioteca Nacional de Madrid, copiada no séc. XVI) e S (Salamanca, copiada no XVII)” (Boullón Agrelo 2015: 51)<sup>149</sup>.

<sup>148</sup> O Ms. M apresenta os mesmos resultados que encontramos em C (fl. 22r).

<sup>149</sup> Paradoxalmente, chegou a fazer o seguinte comentário crítico sobre a minha edição: “Souto [Cabo] (2001), aunque ya se conocía *V*, anotó las variantes de los editores anteriores (López Ferreiro e Carro), pero a pesar de ser más relevante para la transmisión textual, no hizo lo mismo con las de los manuscritos *V*, *B* o *S*” (Boullón Agrelo 2020: 146).

## 2.1.16. ASOBIABAN

Boullón Agrelo (2019: 80-81) alude àqueles casos em que o manuscrito compostelano se afasta da oposição <b> vs. <v> esperada, ao passo que V apresentaria a forma “correta”, do qual deduz que: “Se neses casos Rui Vázquez non continúa a grafía medieval parece mostra de que o exemplar da copia seiscentista é outro”<sup>150</sup>. O raciocínio da nossa colega parte do seguinte pressuposto:

... para estes usos o copista de V estaba condicionado non só polos dos castelán da súa época [...], senón tamén polos do exemplar que estaba a copiar. Por conseguinte, a súa tendencia natural é modernizar seguindo os usos coetáneos, pero os casos de conservación da grafía medieval poden explicarse por imitación do orixinal.

Aquilo que supõe Boullón Agrelo não coincide com a situação que, ao respeito, apresentava o castelhano da primeira metade do séc. XVII<sup>151</sup>. Com efeito, até à implementação da reforma ortográfica em 1726-1739 pela RAE, “os usos coetáneos” do espanhol no referente à oposição gráfica em questão coincidiam, em termos gerais, com os medievais (galego-portugueses ou castelhanos). Portanto, quando Lobarina emenda os “erros” gráficos cometidos por Rui Vasques, naturais em textos do séc. XV produzidos no norte de Portugal e na Galiza (Maia 1986: 474-475), está a aplicar a norma do (seu) espanhol<sup>152</sup>, que nisso coincidia com a tradicional galego-portuguesa, não a imitar o “orixinal” medieval inventado por Boullón Agrelo. Isso explica todos os exemplos por ela aduzidos: (i) substituição de <b> por <v><sup>153</sup> no morfema do pretérito imperfeito da

<sup>150</sup> Nessa confusa frase, o leitor deve entender que o exemplar utilizado como modelo para a cópia seiscentista não tinha como antígrafo o produzido por Rui Vasques.

<sup>151</sup> É ainda mais surpreendente se pensarmos que faz menção ao trabalho de Mariño Paz (1997) em que se descrevem acertadamente as práticas em textos do galego médio, incluindo a cópia efetuada por Lobarina. O nosso colega salienta, com efeito, o “indiscutible apego ós usos gráficos tradicionais” na *Hlria* (p. 14).

<sup>152</sup> Note-se a presença de formas como *avido* (‘havido’), *governo* ou *honnavan* no fragmento, acima reproduzido, de um texto escrito por Lobarina.

<sup>153</sup> Lembremos que, na altura, o grafema vê apresentava dois alógrafos <v> ou <u>, cuja distribuição não estava necessariamente sujeita ao carácter consonântico ou vocálico

C<sub>I</sub> (*asobiaban* > *asobiauan*), em formas do verbo “haver” (*oubo* > *ouuo*) e em diversos termos (*caballeiro* > *caualeiro*, *beo* > *viu*, *nabes* > *naues*, *delubio* > *deluuiio*, *brebe* > *breue*, etc.) ou (ii) de <v> por <b> em vários vocábulos (*proveza* > *pobreza*, *vondade* > *bondade*, *voa* > *boa*). De resto, no que toca ao aspeto em questão, a característica mais notável de V é, sem dúvida, a utilização de <b> onde caberia esperar <v>: *abôs*, *aproube*, *arbores*, *baka*, *bellos*, *bibeu*, *botos*, *cabaleria*, *çalebraba*, *chamaban*, *emboltos*, *estuberon*, *iscribiron*, *nobenta*, *lançaba*, *lebantado*, *nabes*, *nobe*, *oubera*, *obellas*, *pribou*, *rebelado*, *trabou*, *vibesen*, etc.<sup>154</sup>.

## 2.2. GLOSADA POR EL LIZENCIADO D. PEDRO DE OTERO

Como foi notado (Souto Cabo 2022: 599-600), Boullón Agrelo tentou também recorrer à *Hlglesia* (*Historia de la Santa Iglesia de Iria Flavia*) de Pedro de Otero Romero y Torres em auxílio das suas propostas<sup>155</sup>. Como explicávamos noutro lugar, a pretensão carece da mais mínima lógica, uma vez que a obra de quem foi advogado régio inclui o capítulo sobre os sucessos contemporâneos de 1459-1468, embora travestidos temporalmente; vindo a assegurar que remonta à *Crónica* de Rui Vasques, ainda que, muito provavelmente, através de exemplar interposto<sup>156</sup>. Para salvar este irremovível obstáculo, a professora compostelana, sem mais fundamento que a própria fantasia, decidiu “inventar uma nova teoria (comportando a existência de um novo testemunho). Assim, Pedro de Otero não se teria servido só de C, mas também doutro manuscrito diferente da *CIria* –que nem sequer seria parente próximo de V–” (Souto Cabo 2022: 600). Entra no domínio do absurdo pensar, como faz Boullón Agrelo, que o advogado pôde recorrer a dois códices da *CIria* que teriam –convém não nos esquecermos– exatamente o mesmo

---

do fonema que representavam.

<sup>154</sup> Nalguns casos há coincidência com as formas que lemos em C.

<sup>155</sup> Veja-se a nossa análise pormenorizada sobre as características dessa produção (Souto Cabo 2014: 313-323).

<sup>156</sup> Como vimos, a lição *petrafediz/petrefediz* da *Hlglesia* (Arias e Noia 2011: 130, 159) remonta necessariamente ao Ms. C.

conteúdo; de facto, Otero só faz menção a um único exemplar do “archiuo secular” de Padrom (Arias e Noia 2011: 85)<sup>157</sup>. É, portanto, fácil deduzirmos que este último era apenas uma cópia (mais ou menos) adulterada da *Clria*, o que deita abaixo todas as especulações da académica sobre a *HIglesia*<sup>158</sup>.

Apesar de Pedro de Otero incorporar fragmentos da *Clria* com o intuito de introduzir numa armação medievalizante a sua apócrifa criação, a *HIglesia* não pode ser aproximada de nada parecido a uma cópia (de um suposto antecedente ou parente) da *Clria*, como pretende Boullón Agrelo. De facto, contém um volume ingente de informações sem relação com esta última. Repare-se que, face aos 14 fólhos que formam o manuscrito compostelano, o texto galego da *HIglesia* –considerando apenas a parte que se corresponde com a nossa *Crónica*– é integrado por 62 fólhos (Arias / Noia 2005: 19)<sup>159</sup>. Por outro lado, como é esperável numa obra produzida por um fervoroso santiagouista no séc. XVIII e baseada em mais de uma centena de fontes bibliográficas (maioritariamente modernas<sup>160</sup>), a *HIglesia* diverge amiúde dos dados obsoletos e/ou desacertados transmitidos pela *Clria*, considerada explicitamente como um “mal formado borrador” da versão que ele finge estar (apenas) a copiar (Souto Cabo 2014: 314, 316). Em nada nos pode surpreender, portanto, que Pedro de Otero se afaste repetidamente de Rui Vasques, mesmo quando perfilha fragmentos da *Clria*. Porém, Boullón Agrelo (2020: 153), com base em algumas dessas discrepâncias, manifesta que a *HIglesia*

<sup>157</sup> Boullón Agrelo (2020: 145) evidencia, neste e noutros aspetos, sérias dificuldades para assimilar o conteúdo do nosso trabalho de 2014. Assim, apesar de reconhecer que Otero “sigue en muchos aspectos el texto de Rui Vázquez (incluye la interpolación, como se ha dicho) e introduce datos de su cosecha” continua a pensar que “eso no significa que no hubiese consultado otro manuscrito medieval” baseando-se em interpretações arbitrárias do cotejo textual.

<sup>158</sup> Em apoio da sua teoria, aduz algumas reflexões de Arias e Noia sobre a relação entre o texto que editaram e a *Clria* (Boullón Agrelo 2020: 146), mas induzindo o leitor em engano, pois esses autores em nenhum momento consideram a possibilidade de Otero ter consultado duas versões dessa obra.

<sup>159</sup> Dado que Otero preenche o hiato temporal, entre o séc. XII e o séc. XV, da *Crónica*, uma parte importante dos sucessos narrados não tem paralelo entre ambos os textos, mas serve para evidenciar que a *HIglesia* não se subordina à *Clria*.

<sup>160</sup> Veja-se o excelente “Apêndice de autores e obras citados” no interior da obra e nas notas marginais que se inclui na edição de Arias e Noia (2011: 247-273).

poderia oferecer “en diversas ocasiones [...] la lección (más) correcta ...” que aquela que observamos em C e V, o que revela, aliás, desorientação sobre os critérios que permitem identificar o que é (ou não) lição correta, confundida com veracidade histórica ou historiográfica<sup>161</sup>. Vejamos, a seguir, alguns destes casos.

Por um lapso de Rui Vasques, na *Clria* não se faz menção, no episódio dedicado ao achamento do túmulo apostólico, ao nome do bispo Teodomiro no lugar em que, a julgarmos pelas fontes latinas, deveria comparecer (Souto Cabo 2001: 55, n. 33-35). Essa omissão acarreta uma confusão (momentânea) sobre quem tinha protagonizado essa descoberta, uma vez que, aparentemente, é atribuída a Afonso o Casto:

Et, despoys da morte del rey Veremundo, foy elegido por rey don Afonso o Casto, era de oytocentos et viinte et noble anos. O qual reynou cinquenta et dous anos et cinco messes et treze dias; et foy santo varon en sua vida et de muy santa conversaçõ. **Ao qual Deus tevo por ben de revellar o corpo do glorioso Apostollo, señor Santiago**, en tempo do dito rey don Afonso o Casto enna dita era en maneyra que agora oyredes (2.10)<sup>162</sup>.

Como era previsível, Pedro de Otero Romero não deixou de incluir na sua obra o relato em questão, enfeitando-o, em modo de “copia e cola”, com excertos tirados da *Clria*, mas inseridos num contexto narrativo, totalmente diverso, construído a partir de informações doutras procedências, como é fácil de verificar:

También Theodesindo se falla auer sucedido ao dito Atahulfo. E lle socedeu o **Santo Theodomi**ro a quen en a er[a] de 849 teuo

<sup>161</sup> É por este raciocínio ilógico que se explica, por exemplo, a preferência dada por Boullón Agrelo ao resultado *Seluas* de V em detrimento do *Escluas* de C (Souto Cabo 2022: 633-634). Veja-se também o caso de *cinboreo* (V) vs. *cinbalo* (C) (Souto Cabo 2022: 634-635).

<sup>162</sup> Porém, Rui Vasques parece ter-se apercebido do descuido antes de concluir o episódio. Terá sido esse o motivo que o levou a substituir a esperável menção da morte de Teodomiro (“cuius tempore defunctus est Theodomirus” [HC I.2:1]) por um esclarecimento temporal relativo à localização dos factos narrados durante a prelácia desse bispo: “et esto en tempo de Theodomiro obispo” (4.1).

Deus por uen de rrebelar o corpo do Glorioso apostol Señor Santiago, reinando en Galicia o dito D. Afonso e en Francia Carlo Magno, gouernando a Ygreja Romana o Papa Leon 3º en maneira que agora oiredes (*Hlglesia* 52).

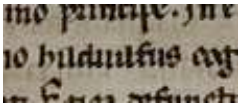
Não se pode duvidar, portanto, de que o enunciado em que se identifica nominalmente o prelado é uma simples criação de Pedro de Otero. Porém, Boullón Agrelo (2020: 154) sugere, de modo pouco preciso, que a *Hlglesia* conteria uma espécie de versão mais correta, pela inclusão dessa menção a Teodomiro: “... falta tanto em *C* como em *V* la primera referencia a Teodomiro [...], en *O*, sin embargo, está presente”. Para camuflar a falta de evidências em que suportar a sua conjectura, a académica reproduz apenas o segmento “E lle socedeu [...] Santiago”, omitindo as sequências prévia e posterior da *Hlglesia* sem qualquer paralelo na *Clria*. Também evita citar como fonte o *Iriense* uma vez que a frase “E foi santo varon en sua vida e de mui santa converssaçon”, não reproduzida por Pedro de Otero, traduz amplificando “Theodomiro, nobili uiro et sanctissimo” do *CI* (4.15-16).

Rui Vasques utilizou os nomes de *Cintolla* e *Adulso* para aludir a um monarca godo e ao que foi sétimo bispo de Íria, conhecidos na historiografia moderna como “Chintila/Cintila” (ou “Quintila”) e “Idulfo”, respetivamente. As variantes usadas na *Clria* são explicáveis a partir do que lemos nas cópias S (séc. XIII) e P (séc. XV) do *CI*, elaboradas no *scriptorium* da Sé de Santiago de Compostela<sup>163</sup>. Para o primeiro, ambos transmitem a denominação de *Cintola*, que identificamos facilmente como antecedente da plasmada na *Clria*; enquanto o bispo recebe a designação de *Hildiulfus*, a qual, por interpretação deficiente, originou *Adulso*<sup>164</sup>. Por sua vez, Lobariñas, com base nos resultados da *Clria*, atribui-lhes os nomes de *Cintoela* e *Odulco*<sup>165</sup>.

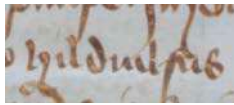
<sup>163</sup> Veja-se Souto Cabo (2018: 240-242). O códice S é, com toda a probabilidade, antecedente (mediato ou imediato) da *Clria*.

<sup>164</sup> Entre outros aspetos, além da supressão do agá inicial ou da consideração do <f> como <s>, o <a> inicial resultou de ter interpretado a sequência <il> como sendo um <a> (de capelo), o que facilmente se deduz da observação do termo em questão nos manuscritos citados, nomeadamente em P.

<sup>165</sup> Confunde, no caso deste último, o <a> com um <o>, induzido pela forma dúbia que a vogal inicial tem em C, e toma o <s> por <c>.



*Hildiulfus* (S, fl. 126ra)



*Hildiulfus* (P, fl. 173va)



*Adulfo* (C, fl. 2vb)

Como era previsível, na setecentista *Higlesia* encontramos as formas restituídas (modernas) *Cintilla* e *Ydulfo*, já habituais na bibliografia do século anterior e bem conhecidas por Pedro de Otero, como se evidencia pelo conteúdo das notas marginais<sup>166</sup>. Boullón Agrelo (2020: 154), que continua a não entender a natureza da obra de Otero y Torres, pretende utilizar também a situação descrita como prova de que o advogado régio se serviu de um manuscrito da *Clria* diferente daquele que, segundo as suas elucubrações, teria dado origem a C e a V: “las formas anómalas de estos nombres están en C y V, y no en O, lo que puede explicarse si la variante procede del antecedente inmediato de los dos primeros manuscritos, pero no de la fuente de O”<sup>167</sup>. Um confronto dos contextos em que ocorrem esses antropónimos serve para evidenciar que a *Clria* não pode ser considerada fonte da *Higlesia*, sendo totalmente improcedente o tipo de relação que Boullón Agrelo tenciona estabelecer entre esses códices.

### Adulso

Et en outro concílio de Tolledo foi *Adulso Felix* septimo bispo de Iria (*Clria* 2.7).

<sup>166</sup> Veja-se Arias e Noia (2011: III, 114). O resultado que, para o bispo iriense, utiliza o advogado régio está presente com leve variante gráfica (*Hidulpho Felix*) na *História de D. Servando* (Souto Cabo 2007: 59) –obra que Boullón Agrelo ignora nos seus trabalhos– ou, com idêntica forma, em *El cisne occidental* de Felipe de la Gándara (1678: 289), publicação a que Pedro de Otero se refere nas notas marginais ao episódio em que esse prelado é citado.

<sup>167</sup> Boullón Agrelo (2020: 153) chega a apontar a hipótese de que “las lecciones correctas que él [Pedro de Otero] ofrece podrían explicarse en algún caso por conjetura, aunque el alto número de ellas y su procedimiento tan riguroso de tratar la historia, parece que tuvo a la vista otro texto”. Não cabe, obviamente, falar da “conjetura” como via para repristinar as denominações deturpadas pela tradição manuscrita medieval, mas do conhecimento que o advogado régio tinha da bibliografia santiagoista produzida até ao séc. XVIII.

E, en esta dita era fezo juntar outro Concilio en Braga o dito rey Vuambano en que presideu Leonisio Metropolitano de Braga, en que se ordenou que en a Missa non se ofrezesse mais que pan e viño e que en o viño se mesturasse agua segund acostumamos; e que os Cregos non tubessen mulleres sinon que fossen proboadas por testimoniales e que os beneficiados cuidassen mais dos dereitos das Ygrejas que de o[s] seus propios e en este Concilio firma *Ydulfo Feliz de Yria*, que foi o Obispo 27º, que era natural de esta terra da familia dos Espallas (*HIglesia* 36).

### Cintolla

Et morreu Sesinando, rey, et foy levantado por rey *Cintolla* enno concilio tolletano, enno qual concilio foy Gutumaro, quarto obispo de Yria (*CIria* 2.7).

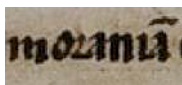
Á morte de Sisebuto quedou seu fillo Recaredo o 2º deste nome, que morreu mozo, e os Godos nomearon por Rey a *Cintilla* en a era de 674. E en este ano juntou o Concilio 5º de Toledo con 68 obispos en que se ordenou que todos os anos se cantassen as Ladayñas por tres días en dezembre, en que presideu Eugenio Arcobispo de Toledo sendo Papa o dito Honorio. E depois en a era seguinte de 675, o dito rey *Cintilla* fezo juntar outro Concilio que foi o 6º de Toledo [...]. Morto o dito Rey *Cintillano* en a era de 683 desque reynou quatro anos e noue días, elegeron a seu fillo que auia por seu nome Tulga [...] (*HIglesia* 32-33)

Boullón Agrelo (2020: 155) associa aos anteriores, por motivos difíceis de perceber, o caso doutros topónimos e antropónimos em que observa (o que denomina) variação “errónea” nos manuscritos da *CIria*, uma vez que os resultados concretos registados não se refletem, segundo ela, nos “manuscritos medievales del CrIriense”: “O bien el error estaba en el antecedente romance común perdido, o bien el texto original fue traducido a partir de uno de los manuscritos medievales perdidos del CrIriense”<sup>168</sup>. Ora bem, é fácil seguir o

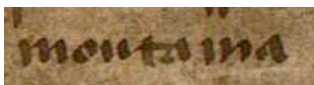
<sup>168</sup> Por aquilo que nos é dado deduzir da tradição manuscrita do *CI* (associada na Galiza à da *HC*), para a elaboração da *CIria* parece ter sido utilizado o manuscrito *S* ou uma cópia dele, hoje perdida, cuja configuração gráfica gerava alguns problemas de interpretação, sobretudo quando se tratava de nomes próprios desconhecidos por Rui Vasques. Poderia tratar-se do códice que, provavelmente, pertenceu a Diogo de

percurso evolutivo, do ponto de vista gráfico, das formas de que fala Boullón –e ainda de muitas outras por ela não arroladas– a partir da cópia do *Iriense* associada ao mais antigo códice da *Compostelana* (S).

*Moraniam* (S) → *Mourainal Moutama* (C) → *Montama* (V)



S (fl. 125vb)

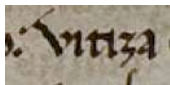


C (fl. 2rb)

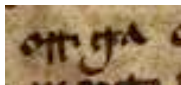
*emontama,*

V (fl. 2vb)

*Vitiza* (S) → *Orriga* (C) → *Ouriga*<sup>169</sup> (V), *Orrega* (Hlglesia)



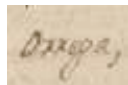
S (fl. 126ra)



C (fl. 2vb)

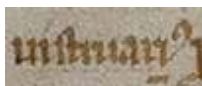
*Ouriga*

V (fl. 3v)

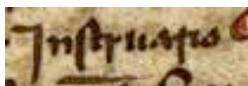


Hlglesia (fl. 73v)

*Uístruarius* (S) → *Jnstruario* (C) → *Jnstiuario* (V)



S (fl. 16va)



C (fl. 8rb)

*Jnstiuario*

V (fl. 10r)

### 2.3. RECUERDOS DE UN VIAJE A SANTIAGO

O manuscrito de que se valeram Fita e Fernández-Guerra em *Recuerdos* (1880) está estreitamente relacionado com V; há mesmo motivos para pensar que, afinal, podemos estar perante uma cópia deste último (cf. *infra*). No entanto, como também foi sublinhado, o texto dos excertos reproduzidos por esses autores foi amiúde modificado,

Muros. A letra “gótica” desse manuscrito terá estado na origem de leituras divergentes notadas por Díaz y Díaz *et al.* (1983: 56-57, 69-70).

<sup>169</sup> Como noutros casos, estamos perante um caso de hipercharacterização com o uso de <ou> por <o>, similar a outros presentes em V. Veja-se o estudo de Mariño Paz nesta mesma publicação (§4.3).

em modos diversos, a respeito do seu modelo<sup>170</sup>. Além de modernizações e castelhanizações gráficas ou morfológicas, outras alterações são de maior entidade e parecem responder a um intuito, em várias direções, diferencialista<sup>171</sup>.

Entre essas formas divergentes encontra-se o particípio **recebudo** em lugar do *reciuido* plasmado na cópia de Lobarriñas, que por sua vez remonta ao *recebido* de C (6.10). Na tentativa compulsiva por inventar a existência de versões de nossa *Crónica* diferentes geneticamente de C, Boullón Agrelo (2019: 84) interpreta deste modo essa forma verbal: “Isto apunta a que no seu exemplar o particípio remataba en -udo, pero tanto Rui Vázquez coma o copista de V o modernizaron”. Esperaríamos que tivesse aduzido algum tipo de justificação em que basear essa hipótese; no entanto, não fornece qualquer informação textual para provar que ca. 1444 –data que, de modo mais ou menos explícito, atribui à hipotética redação da

<sup>170</sup> A peculiaridade linguística mais notável surge no excerto incluído por Fita como apêndice oitavo de *Recuerdos*: “Prólogo de la Historia de Iria por Juan Rodríguez del Padrón” (Fita e Fernández-Guerra 1880: 138). Trata-se do recurso às terminações *-ren* (*foren*, *quixerense*) e *-ran* (*duráran*, *predicáran*, *trouxèran*) como MNP para a P6 do pretérito perfeito, representadas por *-ron* em V. Ainda que seria possível relacionar esses usos com traços dialetais rastejáveis no ALGa.I/2, parece lógico considerá-los intrusões espúrias. Relativamente à citada em primeiro lugar, pode tratar-se mesmo de um catalanismo imputável ao editor (de origem catalã); de facto, *foren* é a forma catalã correspondente do verbo “ser”. O uso de *-ran* terá resultado, muito provavelmente, de um engano na identificação do mais-que-perfeito do indicativo simples galego-português e dos seus valores. Como dissemos, a *Hlria* apresenta, para os casos citados, apenas formas em *-ron*. Notemos, contudo, a ocorrência de *descenderen* para o *descenderon* de C (4.3), certamente por cruzamento com um (esperável) futuro do conjuntivo (cf. *infra*). O exemplar da Vaticana também inclui *vieran* (2.2) e *puxeran* (4.2) para trasladar, respetivamente, a formas *vieron* e *poseron* de C. A presença deste último tipo (em *-ran*) poder-nos-ia levar a pensar na neutralização a favor da mesma pessoa do mais-que-perfeito que observamos numa parte da Baixa Límia ourensana, mas o exíguo número de exemplos aconselha não descartarmos o lapso gráfico como causa.

<sup>171</sup> Eis algumas outras variantes seguidas das formas de V entre parênteses: *acolléan* (acollían), *aotorgadas* (outorgadas), *assi* (asi), *avea* (avia), *vendita* (bendita), *caes* (quais), *canónegos* (canonigos), *coñecemento* (conecemento), *corónicas* (cronicas), *dazasete* (dezasete), *decipulos/decipolos* (dicipulos), *diu* (din), *ende* (onde), *fosse* (fose), *gintis* (gentis), *il* (o art.), *Jesochisto* (Jesuchristo), *Joan* (Juan), *llej* (lei), *mouros* (muros), *nen* (non), *per* (por), *pouvada* (poboad), *privilégeos* (privilegios), *recebudo* (reciuido), *reverenza* (reuerencea), *riparou* (reparou), *sepoltaron* (sepultaron), *simos* (somos), *suo* (seu), *vocable* (vocabele), etc.

*Crónica*— seria esperável o uso dessa solução. Ora bem, de acordo com os dados do CGPA, o derradeiro exemplo galego de participio em *-udo* para *receber* situa-se em 1434, sendo a ocorrência desse tipo esporádica desde princípios do século, o que não deixa alternativa à possibilidade de essa forma ter sido introduzida como artifício (arcaizante?)<sup>172</sup>. É óbvio que se trata simplesmente de um dos múltiplos exemplos da manipulação praticada por Fidel Fita, conhecedor da documentação medieval; de facto, os *Recuerdos*, além dos fragmentos da *Crónica*, incluem vários passos dos *Milagres de Santiago* (Fita e Fernández-Guerra 1880: 50, 54), obra situada ca. 1390-1420 e caracterizada, precisamente, pela presença (ainda) maioritária da variante em *-udo* (Mariño Paz 2005: 8) com duas ocorrências de *rreçebudos*.

Não é a anterior a única divergência entre V e o publicado nos *Recuerdos* que Boullón Agrelo pretende utilizar em apoio das suas teorias. No caso que a seguir analisamos, aproveita o contraste entre o *ende* que lemos nos *Recuerdos* e os resultados de C (“con el” [2.1]) e V (**coele**):

... e, desque os sete dicipulos que trouxeron o corpo de Santiago y o sepultaron e quixeronse tornar para Jerusalem, leixaron **coele** dous dicipulos que predicaron e conuerteron mui poucos christans (V)

... é desque os sete dicípolos, que trouxèran o corpo de Sanctiago, y o sepoltaron, é quixérense tornar para Jerusalem, leixaron **ende** dous decípolos que predicáran: e converteron muy poucos christans (Fita / Fernández Guerra 1880: 138)<sup>173</sup>

Para Boullón Agrelo (2019: 86): “Isto apunta a que tanto Rui Vázquez coma o copista de V actualizaron o texto, mentres que en F [= *Recuerdos*] se mantivo o orixinal”. A suposição baseia-se em que no séc. XVII esse pronome adverbial “usábase [...] escasamente, e con

<sup>172</sup> Não podemos descartar que se trate de uma leitura errada do *reciuido* de V.

<sup>173</sup> A introdução de *ende*, após a referência a Jerusalém, acaba por gerar alguma confusão.

alguns valores xa distintos dos medievais”. Visto que o argumento relativo ao escasso uso desse pronome adverbial no séc. XVII não é, obviamente, aplicável ao manuscrito C, a nossa colega pretende demonstrar com dados quantitativos “em bruto” o decréscimo desse elemento no séc. XV, utilizando-os também para explicar um caso de substituição de *entonces* (C, 4.7) por *ende* em V<sup>174</sup>. Para justificar a hipótese segundo a qual na “época [de Rui Vasques] estava começando a caer en desuso”, ela apresenta uma figura em que se estabelecem três cortes cronológicos correspondentes aos sécs. XIII, XIV e XV, observando-se um aumento de uso no séc. XIV e um certo decréscimo no séc. XV. No gráfico, elaborado a partir de números absolutos, não se discriminam os diversos valores de *ende* (Meilán García 1994) nem se avaliam os pesos relativos para cada um desses segmentos cronológicos, o que o torna inútil para chegar a alguma conclusão válida. Ora bem, quando confrontamos a *Clria* (1467-1468) com os *Milagres de Santiago* (ca. 1370-1420), obra de origem e tipologia similares, observamos que o uso de *ende* na nossa *Crónica*, ponderado pela dimensão de ambas produções, multiplica por 4,5 o registado nos *Milagres*, o que desmente, de todo em todo, a teoria de Boullón Agrelo.

Na verdade, a substituição de *coele* (V) por *ende* na cópia utilizada por Fidel Fita entende-se muito facilmente se observarmos com alguma atenção o manuscrito da Vaticana. Com efeito, o que lemos em V tem origem na emenda de *eoeli*<sup>175</sup> para *coele*, o que explica a (má) interpretação do <c> inicial como <e>; erro que, por sua vez, está na base da transformação em *ende*, ajudada pela leitura da sequência <el> como <d>. Não é admissível que Boullón Agrelo tenha silenciado esse dado fulcral para entendermos a origem do *ende* em questão, induzindo, mais uma vez, o leitor em engano.

<sup>174</sup> Neste caso, a causa da troca veio muito provavelmente determinada pelo facto de *entonces* aparecer segmentado na passagem de linha (“ent[õ]ces”, fl. 6rb), o que conduziu Lobarriñas, em leitura apressada, a ler a primeira parte como “ende”. De resto, a forma em questão possui o valor de ‘ali’ e não o de ‘então, naquele tempo’, de facto, a própria Boullón Agrelo (2019: 85) não lhe atribui este último significado.

<sup>175</sup> Trata-se de um lapso gráfico cuja conformação original poderá não ser totalmente reconhecível naquilo que hoje podemos ler.

*coele*      *ende*      *coele*  
*coele* (V, fl. iv)      *ende* (V, fl. iv)      *coele* (V, fl. 17v)

O caso em análise não só não prova, portanto, a independência do manuscrito que pertenceu a Fernández-Guerra a respeito de V, como constitui um argumento categórico para demonstrar que este último foi o seu antígrafo (imediate ou não)<sup>176</sup>.

### 3. POR SUA LEYtura

Como acontece com o último caso da alínea anterior – e é sublinhado reiteradamente nestas páginas –, um dos indícios mais seguros para estabelecer dependências entre manuscritos tem a ver com aquelas lições presentes numa cópia que, necessariamente, remontam à composição (material e/ou linguística) do antígrafo. Como foi notado num trabalho prévio (Souto Cabo 2022: 636–638), a presença em V de formas como **Compostela** (4.11)<sup>177</sup>, **Ginebra** (4.3) ou  **pobos** (5.4) constitui, por motivos diversos, prova indesmentível da sua subordinação genealógica a C<sup>178</sup>. Nas páginas do presente estudo já fizemos também alusão ao caso da transformação de *taes* (C) em **tres** (V), causada pela obliteração das duas últimas letras (-es) no manuscrito compostelano. A seguir selecionamos alguns exemplos da natureza similar e ainda outros vinculados à distribuição de variantes entre C e V<sup>179</sup>.

<sup>176</sup> Parece, assim, muito provável que Lobarriñas tenha cometido um erro de leitura ao interpretar a sua própria cópia de V. Como dissemos, sobrevivem algumas incertezas sobre a tradição manuscrita secundária em que se integra esse códice.

<sup>177</sup> Um aspeto, não notado no trabalho anterior, que evidencia a natureza adventícia desta forma em C tem a ver com a presença de um só <I> no topónimo (*Compostella*), o que só se repete noutra ocasião (4.1) face a dezasseis ocorrências de *Conpostella*. A presença do duplo ele não admite exceção no adjetivo “compostelano” (*compostellano, compostellana*).

<sup>178</sup> Na verdade, a prática totalidade dos casos aduzidos por Boullón Agrelo entra nessa categoria, dado que se trata das réplicas textuais de Lobarriñas às dificuldades que encontra no traslado de C.

<sup>179</sup> Para não alongar em excesso esta exposição, omitimos outros muitos de menor entidade, já que os colecionados não deixam margem para dúvidas sobre o descabido das propostas de Boullón Agrelo.

## 3.1. CRESCONIO

Dois prelados compartilham a denominação de *Cresconio* na *Clria*, porém, o de cronologia mais recuada viu o seu nome modificado, na ocorrência única, para **Gresconio** em V (2.9)<sup>180</sup>. Uma observação atenta das peculiaridades gráficas dessa forma no manuscrito C explica facilmente a lição de V. Com efeito, a primeira letra é o resultado de “reciclar” graficamente uma conjunção copulativa *et* (escrita por lapso) num <c> capital, que, por esse motivo, acaba por ter a aparência de um <G><sup>181</sup>. Notemos que no fólio 3r, aquele em que surge esse vocábulo, o recheio cromático em vermelho fica limitado (e sem exceção) à conjunção copulativa, vindo a confirmar que, em origem, se tratava desse elemento<sup>182</sup>. Devemos lembrar, por outro lado, que o <c> nunca apresenta a conformação gráfica que exhibe no nome em questão.



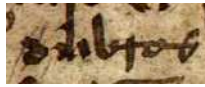
## 3.2. LIBROS

De acordo com o relato da *Compostelana*, a mãe do bispo Gundesindo teve, após a morte do filho, uma visão onírica. Nela, um “santo varon” queimava todos os livros do ofício eclesiástico que se encontravam na igreja onde a mulher costumava orar pelo prelado, cuja alma fora sequestrada pelos diabos (*diabros*). Porém, um leitor da *Crónica* poderá duvidar se os queimados foram **libros**, tal como se deduz da fonte (“*volumina*, que ad officium ecclesie in librario reponi consuerant”), ou **diabros**.

<sup>180</sup> Pelo contrário, os manuscritos M (fl. 5v) e S (fl. 61v) coincidem em *Cresconio*.

<sup>181</sup> O manuscrito compostelano só contém um exemplo, reproduzido na imagem, de *Cresconio* com capital inicial no fl. 8va.

<sup>182</sup> Só dois dos nove vocábulos para os quais se usou um <c> capital apresentam essa letra colorida no conjunto dos fólhos 2v, 3r e 3v: *ca* (2vb) e *cathedra* (3va).



*diabros* > *libros* (C, fl. 5vb)

Isto é assim porque o último dos vocábulos terá sido objeto de uma intervenção corretiva por parte do próprio Rui Vasques, que quis emendar o erro (inicial) *diabros* para (o correto) *libros* com a introdução de um <l> entre o <i> e o <a><sup>183</sup>. No entanto, o facto de o traçado da haste desse <l> ter vindo a coincidir, quase totalmente, com o da cauda inferior de um <s> situado na linha superior malogrou, em parte, a emenda, dado que mantém no leitor a impressão visual de se tratar de *diabros*. É por esse motivo que na *HLria*, tal como acontece em M (fl. 11r) e S (fl. 66v), foi reproduzido o erro (**diabros**), uma vez que a lição correta (**libros**) era dificilmente recuperável sem o auxílio das fontes.

### 3.3. O QUE LLE ERA MENESTER

Rui Vasques juntou espacialmente os três primeiros elementos da sequência “o que lle era(n) menester” (6.13) e, seguindo uma prática frequente no manuscrito, traçou o <o> inicial em modo graficamente dúbio, de tal modo que pode ser interpretado como <o> ou <a>.



*o que lle era(n)* (C, fl. 14rb)



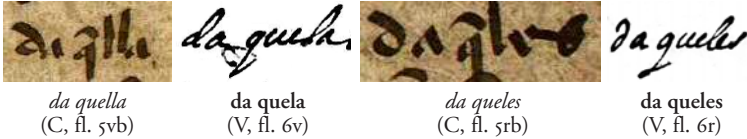
*aquello que lle* (V, fl. 18r)

<sup>183</sup> Os conteúdos narrativos nunca foram objeto de emenda posterior na *CLria*, o que requereria um (improvável) cotejo com as fontes. Notemos, aliás, que o primeiro <d> –de *diabros*– era, em origem, um <o> transformado grosseiramente naquela consoante. A sequência <di> encontra-se riscada em modo similar ao que observamos noutras retificações autorais, como as que se praticaram, por exemplo, sobre as formas erradas *Gimera* e *poboos* (Souto Cabo 2022: 636-638).

Perante essa situação, Lobaríñas interpretou a amálgama como sendo o demonstrativo **aquello**, pelo qual se viu obrigado a refazer a frase em que se integra: “aquello que lle era menester”<sup>184</sup>.

### 3.4. DA QUELLA

Nas duas ocasiões em que a preposição “de” contrai com o demonstrativo “aquele”, Rui Vasques apresentou essa unidade afastando graficamente a sílaba inicial do resto: *da quella* (4.6), *da queles* (4.3), o que não acontece nas restantes ocorrências desse demonstrativo. Lobaríñas reproduziu maquinalmente a segmentação que observou em C: *da queela*, *da queles*.



### 3.5. MOSTEYRO DE CIINZ

O topónimo correspondente à freguesia de S. Nicolau de Cis (conc. Oça dos Rios) apresenta três variantes grafofónicas em C: *Cijnz* (6.15), *Cijnz* (4.8, 6.9) e *Cins* (6.15)<sup>185</sup>. As formas acabadas em -s foram plasmadas em V como *Cins*, ao passo que os resultados em -z e -e só estes – foram trasladados como **Cruz**, lição que se explica facilmente pela configuração gráfica dessas formas em C. Lobaríñas, como leitor do séc. XVII, não os soube interpretar, tomando a sequência <ij> como sendo um <r> e o <n> como <u><sup>186</sup>.

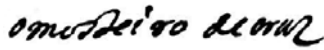
<sup>184</sup> Não descartamos a possibilidade de o racioneiro tê-lo percebido como um segmento lacunoso que ele reconstrói integrando os elementos aparentemente faltosos: “aquell[o que lle] era menester”. Ramón Mariño considera a possibilidade de o <o> ter sido sobreposto ao segundo <l> com a finalidade de apagar esta consoante, donde deduz que a lição pretendida por Lobaríñas seria *aquelo*.

<sup>185</sup> Nas fontes latinas aparece “monasterio Ciniense”.

<sup>186</sup> Observamos essa mesma situação no Ms. S (fls. 68v, 78v). No Ms. M encontramos as formas *Ciria* (fl. 13v) e *Cines* (fl. 26v). Este último resultado evidencia que o copista tinha notícia do cenóbio em questão, pois foi a forma castelhanizada utilizada até tempos recentes.



mosteiro de Cijnz (C, fl. 13ra)



mosteiro de Cruz (V, fl. 16r)

### 3.6. ATA QUE O CORPO

O castelhanismo arcaico *fásta* ('até') concorre na língua escrita desde o séc. XIV com as formas galego-portuguesas correspondentes, tornando-se maioritário desde meados do séc. XV. Os resultados autóctones apenas contam com uma presença diminuta nas últimas décadas do séc. XV, vindo a desaparecer, na prática, desde o séc. XVI (Rábade Castinheira 1989: 828)<sup>187</sup>. A nossa *Crónica*, em plena conformidade com o período em que foi lavrada, inclui ainda 14 registos de *ata* (37%), mas o maioritário é *fásta*, representado em 24 ocasiões. No espanhol do primeiro quartel do séc. XVII, quando Lobarriñas fez a cópia da *Crónica*, o uso de *fásta* já era totalmente residual, face ao geral "(h)*asta*", portanto, para o racioneiro seria um termo arcaico, mas não necessariamente privativo do castelhanho<sup>188</sup>. Relativamente à forma galega, não temos dados que nos permitam concluir se ainda sobrevivia na área de Crecente<sup>189</sup>, porém, o facto de Lobarriñas ter utilizado *ata* na frase "foi ata Portugal" (6.4) no traslado que faz de "foy a Purtugal" (C), sugere, com efeito, que não lhe era totalmente alheia<sup>190</sup>. Seja como for, o que nos interessa é notar que Lobarriñas se limitou a reproduzir, com total precisão, a distribuição de variáveis que, com seis alternâncias, encontrou em C, tal como se reflete a seguir: *ata* (1.2<sub>2</sub>, 1.3), *fásta* (1.3<sub>II</sub>), *ata* (2.8), *fásta* (2.8), *ata* (2.10), *fásta* (2.10, 4.1, 4.2, 4.7), *ata* (4.7, 4.10<sub>3</sub>, 5.3,

<sup>187</sup> De acordo com o ALGa.II:353, na oralidade galega contemporânea só se registou a forma castelhana ou outras resultado do cruzamento com ela (v.g. "astra").

<sup>188</sup> É importante salientar que se trata da forma exclusiva na *História de D. Servando* (Souto Cabo 2007: 240).

<sup>189</sup> Notemos a ocorrência de *ata* no pontevedrés *Diálogo de Alberte e Bieito* de ca. 1595-1596 (Álvarez / Rodríguez Montederrama 2002: 280).

<sup>190</sup> No mesmo sentido aponta o facto de ter encimado com um acento o <a> da última sílaba em quatro das ocorrências, com o provável intuito de indicar a natureza aguda dessa preposição: **atá**.

5.4<sub>2</sub>, 6.3). Se acreditássemos nas suposições de Boullón Agrelo sobre a origem de C, não só esperaríamos muitos mais exemplos de *ata* em V, como seria também totalmente improvável a perfeita coincidência distributiva.

### 3.7. APROUVE A DEUS

Por outros motivos, é talvez ainda mais significativo o paralelismo que observamos no âmbito da morfologia verbal. A presença de *-e* como MNP da P<sub>3</sub> dos pretéritos fortes na *Crónica* limita-se a uma ocorrência de *oube* (6.15) e duas de *aprouve* (2.2, 5.4). No resto dos casos temos *-o*, maioritário, portanto, no caso de *aver* com dez exemplos e exclusiva para todos os verbos que admitiram historicamente essa alternância (Souto Cabo 2001: 189-198)<sup>191</sup>. O recurso a *-o* progrediu ao longo da Idade Média, assim, nos *Milagres de Santiago* ainda observamos um predomínio quase absoluto de *-e* em *aprazer* e *aver*, a que só foge, de facto, um caso de *ouvo*. Lobarriñas, reproduzindo com precisão o que lia em C, copia os resultados em *-e* citados apesar de lhe serem, muito provavelmente, alheios: *aproube*<sub>2</sub>, *ouve*<sup>192</sup>.

### 3.8. AS FILLAS: TEREIJA, ORDONIA E RANIMIRA

O descuido com que Lobarriñas efetuou a cópia de C reflete-se, entre outros aspetos, na existência de um número importante de omissões em V, amiúde induzidas por haplografia ou homeoteleuto. A mais importante supôs a subtração de 45 linhas por salto entre dois pontos similares das colunas esquerda e direita do fólio IIV<sup>193</sup>. Como a citada, todas representam provas de que C foi o antígrafo

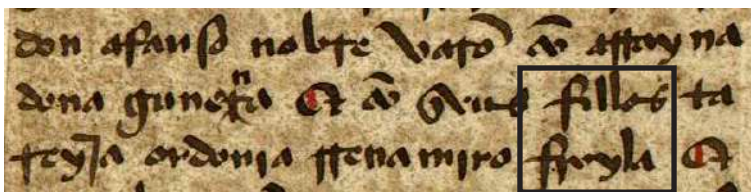
<sup>191</sup> Só as formas da P<sub>3</sub> do pretérito de “*haber*” é que conservaram até à atualidade esse resultado em *-e* (‘houve’) na área corunhesa do Barbaña (ALGa.I.2:276, n. 4).

<sup>192</sup> Outras alternâncias entre variantes que observamos em C, como *Castella* (6.3) vs. *Castilla* (4.7), *ocidentaes* (6.5) vs. *ocidentales* (5.4) ou *trasladaçon* (5.4) vs. *trelladaçon* (1.3), refletem-se em V com idênticos padrões distributivos: **Castela** vs. **Castilla**, **ocidentais** vs. **ocidentales**, **trasladacion** vs. **treloadacion**.

<sup>193</sup> Entre “ano Domini milesimo CXXII” (C, fl. IIVa, l. 4) e “ano Domini milesimo CXXIII” (C, fl. IIVb, l. 11).

de V, uma vez que se explicam pela conformação material do texto no manuscrito compostelano. Neste trabalho, a simples título de amostra, apresentamos duas que nos parecem significativas.

Na enumeração dos filhos do rei Afonso que, com ele, peregrinaram a Santiago, o substantivo *fillos* e o nome próprio *Froyla* surgem em ponto idêntico de linhas contíguas (C 4.3). Essa circunstância, somada à semelhança estrutural existente entre ambos os termos, fez com que o autor de V saltasse da primeira para a segunda, vindo a ser omitidos os nomes de *Tareija*<sup>194</sup>, *Ordonio* e *Renamiro*. O copista de V só se apercebeu do erro quando a frase já fora completada; contudo, concebeu um modo imaginativo de o corrigir, sem se ver obrigado a cancelar e rescrever. Para isto, dado que a última letra do nome *Ordonio*, situado depois de *Tareija*, apresenta (mais uma vez) aquela configuração gráfica que induz a ler *Ordonia*, decidiu acrescentar, mesmo se deslocada, uma lista de filhas, para o qual teve ainda de transformar *Renamiro* em *Renamira*<sup>195</sup>.



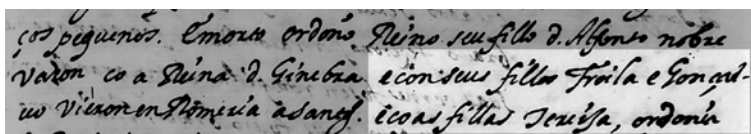
*fillos [...]* *Froyla* (C, fl. 5ra)

Surge assim a curiosa versão de V em que Afonso o Casto e Ximena “con seus fillos Froila e Gonçalvo vieron en romeria a Santiago e coas fillas Tereija, Ordonia e Ranimira”<sup>196</sup>.

<sup>194</sup> Trata-se de um erro do Ms. S da *HC* cuja causa foi a substituição de *Garsia* por *Tarsia* (García Álvarez 1963: III).

<sup>195</sup> *Chriense*: “et cum filiis suis Tarsia, Ordonio, Ranemiro, Froila et Gundisaluo in Locum Sanctum venerunt”.

<sup>196</sup> O manuscrito M (fl. 10r) resolveu, com alguma perspicácia, o problema que supunha a forma *Ordonia* transformando-o em patronímico de Teresa: “Tareija Ordoñiz, rey Ramiro e Gonçalvo”. O copista de S (fl. 65r) escreveu inicialmente *Ordonio*, mas corrigiu para *Ordonia*.



e con seus fillos [...] e coas fillas (V, fl. 5v)

### 3.9. OUUESEN E TOUESEN

Rui Vasques omitiu o segmento <er> quando pretendia escrever a forma *ouveron* (5.4) —como tradução do lat. *HABUERUNT* (Souto Cabo 2001: 77, n. 145)—, convertida, assim, num irreal *ouven*. Lobarriñas, desconhecendo a fonte e o sentido da frase, terá pensado, com o intuito de manter a terminação *-en*, que se tratava de lapso por **ouuesen**, pretérito imperfeito do conjuntivo, que não faz sentido no contexto lingüístico em que surge, tendo sido também levado a transformar, por inércia, o *tiinan* ('tinham') que surge a seguir em **touesen**<sup>197</sup>.

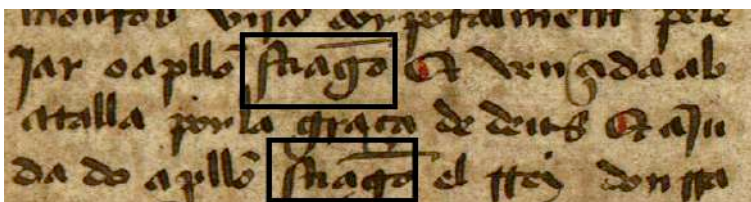
Enna qual letera se contiña que o Santo Padre, por reverencia do apostollo Santiago, mudava e traspasava a cathedra episcopal que os obispos predecesores d'Almacio {ouve[ro]n} et tiinan enna Eggleja de Yria enna Eggleja de Santiago de Conpostella (Ms. C).

En aquella letra se continua que o Santo Padre, por reuerencia do apostol Santiago, mudava e traspasava a cathedra episcopal que os bispos precesores [de] Dalmacio **ouuesen** e **touesen** na Eygreje de Yrea ena de Santiago de Compostela (Ms. V).

### 3.10. O APOSTOLLO SANTIAGO

Finalizamos esta secção com outra omissão causada por homeoteleuto ao passar Lobarriñas de uma menção do “apostollo Santiago” (4.7) para outra que se encontra dúas linhas adiante, mas exatadamente no mesmo ponto do lineamento gráfico, circunstância que, de certeza, está na origem da transposição.

<sup>197</sup> O autor do Ms. M (fl. 19v) modificou a primeira forma verbal em “abian”. Como noutros casos, o Ms. S (fl. 73v) manteve a leitura do códice compostelano (“ouben e tiñan”)



e con seus fillos [...] e coas fillas (V, fl. 6va)

Com esse acidente, o texto de C (“[...] viian corporalmente pelear o apóstollo Santiago. Et vencida a batalla, porla graça de Deus et ajuda do apóstollo Santiago, el rey don Ramiro [...]”) viu-se reduzido em V a “[...] viian corporalmente pelear o Apostole Santiago. El rei don Ramiro [...]”.

#### 4. A LÍNGUA DA *HISTÓRIA DE ÍRIA*

Ainda que Lobaríñas manteve soluções do texto de Rui Vasques alheias à língua por ele próprio falada, algumas das quais contempladas na alínea prévia, a sua intervenção na cópia da *Crónica de Santa Maria de Íria* é, na verdade, singular precisamente por refletir em boa medida muitas das características do galego falado, nomeadamente no extremo sudeste da antiga província de Tui, nos primeiros decénios do séc. XVII. É prova disso o facto de que, mesmo desconhecendo a identidade do autor, não encerra dificuldade chegar à conclusão de que o texto fora lavrado por alguém natural daquela área (cf. *infra*); isto apesar das mudanças por que passou a língua nos quatrocentos anos que medeiam entre a altura em que foi escrita e a atualidade. Porém, tal realidade condiz com as conclusões similares tiradas, por exemplo, a respeito da *História de D. Servando*, vinculada a um espaço geográfico não muito afastado da anterior.

Não é objetivo desta secção proceder a uma análise (nem mesmo superficial) da língua do texto, mas apenas sublinhar algumas das suas características; por um lado, pelo seu interesse para a história do galego-português na Galiza e, por outro, pela possibilidade, que estamos a salientar, de vincularmos a cópia em questão a uma determinada área geoletal. Os nossos breves comentários complementam,

no que lhes diz respeito, a acurada análise das diferenças entre C e V levada a cabo por Mariño Paz nesta mesma publicação.

#### 4.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL

##### ASPETOS GRAFOFÓNICOS

Constitui um traço notável do nosso texto o recurso, em 28 ocasiões, a um diacrítico, de configuração parecida com o acento circunflexo, cuja função habitual é espelhar a contração da preposição *a* com o artigo (dito) determinado<sup>198</sup>: *ô* ('ao'), *â* ('à'), *âs* ('às'). A utilização do circunflexo –resultado de combinar o acento agudo e o grave (‘‘)– para refletir a contração de duas vogais remonta ao grego clássico helenístico. Nessa linha, Duarte Nunes de Leão, na *Ortografia da língua portuguesa* (1576), propunha o seu uso com um valor diacrítico sobre as vogais <a>, <e>, <o> (*amarâ* ['amará'], *côr* ['cor'], *ê* ['é'], *fêz* ['fez']), equiparando-o, como melhor opção, à duplicação vocálica praticada por alguns escritores (*amaraa*): “Mas o melhor será notar a diferença com os acentos, por não poer letras ociosas, que na verdade se não pronunciaão” (fl. 67r).

Lobariñas não utilizou um grafema específico para representar a nasal velar em posição intervocálica, que se confunde graficamente, pelo uso de <n>, com a nasal alveolar: **dalguna, duna, nenguna, nuna, una**. Contrasta, neste aspeto, com a *História de D. Servando* caracterizada pelo emprego maioritário de <nh> (Souto Cabo 2007: 203).

Um atributo da *Hlria* tem a ver com o que Mariño Paz, nesta obra, denomina “alteracións popularizadoras”. Trata-se de uma intervenção que resulta de confundir alguns traços da oralidade popularizante, mesmo a partir do castelhano, com o que seja o galego: **anamigos, curaçon, deciprina** ('disciplina'), **endo** ('indo'), **encrito** ('ínclito'), **legitemos, permeiro** ('primeiro'), **presoas, probe, ultimo**, etc.

<sup>198</sup> Veja-se o estudo de Mariño Paz nesta mesma publicação (Anexo 5).

Pelo contrário, parece duvidoso que devamos outorgar esse mesmo estatuto de informalidade à prática (quase sistemática) que se reflete num conjunto muito numeroso de termos acabados em *-ea* e *-eo* como **concileo**, **continencea**, **concordea**, **familea**, **Francea**, **Galicea**, **gracea**, **juiceo**, **justicea**, **memorea**, **obsequeas**, **oficeo**, **provincea**, **refitoreo**, **sceencea**, **sentencea**, **vigilea**, **Yrea**, etc. Pensamos que se trata de um modo de representar o ditongo crescente em posição postónica final a que faz alusão, por exemplo, Fernão de Oliveira (1536) na *Gramática*: “... e se a tal penultima assi de vogaes puras não tiver o acento não na escreveremos com *i* senão com *e*, como *glorea* e *memorea*” (fl. 13r), “E em lugar de *i* pequeno serve *e* pequeno, como *memorea*, *hostea*, *necessareo*, *reverencea*, nas penultimas, das quaes partes [...] eu nunca escreveria *i* se não *e*” (fl. 16v). Esse uso reaparece nas obras do gramático João de Barros e noutros autores portugueses dos sécs. XVI e XVII<sup>199</sup>.

Uma manifestação linguística, na verdade, singular tem a ver com os vocábulos criados artificialmente partindo de uma correlação analógica entre castelhano e galego: **compostelan** (‘compostelana’), **crerigal**, **ecresiaistego**, **ilumiar**, **ocean** (‘oceano’), **pelegríños**, **pour**, **pouso** (‘pôs’), **preceouso**, **toudos**, **tournasen**, etc.

Como corresponde ao período em que foi elaborado, o texto apresenta algumas peculiaridades gráficas comuns ao espaço ibérico centro-ocidental, ainda vigentes no conjunto da lusofonia, mas que serão reconvertidas no âmbito do castelhano (e no das modalidades linguísticas a ele subordinadas) a partir do séc. XVIII.

- ¶ Embora de modo irregular, surgem as oposições <-s-> vs. <-ss-> e <z> vs. <c/ç>: (i) **acusado**, **casíña**, **meses**, **poso**, **presente**, **quiso**, **religiosos**, **tesouro**; **ardentissimo**, **assi**, **chamasse**, **fosse**, **missa**, **passan**, **sucessores**, **trouxessen**; (ii) **dezesete**, **doze**, **fezeron**, **gozo**, **nobreza**, **omezio**, **yazia**, **Zebedeu**; **começa**, **destruiçon**, **eleiçon**, **força**, **lançou**, **moço**, **Morraço**, **paço**, **pedaços**, **persiguiçon**, **presença**, **setecentos**, **socedeu**,

<sup>199</sup> Veja-se a perspectiva de Mariño Paz neste volume.

**vergonça**, etc. Na esteira do seu modelo (Souto Cabo 2001: 169-171), os usos não etimológicos predominam na representação das apicoalveolares, mas são muito menos expressivos no referente às predorsodentais: (i) **cassa** (C = *cassa*), **posso** (C = *poso*), **presso** (C = *preso*), **viesen** (C = *viesen*); (ii) **batizou** (C = *bautizoo*), **decer** (C = *dizer*), **doce** (C = *doze*), **docentos** (C = *dozentos*), **facer** (C = *fazer*), **fecesen** (C = *fezesen*), **feço** (C = *fezo*), **fortaleça** (C = *fortolleza*), **Galiça** (C = *Galiza*), **once** (C = *onze*), **paçes** (C = *pazes*), **raçon** (C = *razon*), **reçando** (C = *rezando*), etc.

¶ No caso de <j><sup>+a,e,o,u</sup> / <g><sup>+e,i</sup> vs. <x>, a discriminação gráfica entre a prepalatal surda e sonora parece mais nítida, o que também condiz com a situação da *Crónica* (Souto Cabo 2001: 169): **ajan**, **ajuda**, **anjós**, **cuja**, **desejo**, **embeja** (C = *envidia*), **eygreja**, **eygreje**, **gentis**, **ja**, **jacia**, **jejuns**, **Jan**, **Jesuchristo**, **joyas**, **juiz**, **liñage**, **mensageiro**, **monjas**, **monge**, **nojo**, **pelejar**, **prijons**, **regeu**, **seja**, **Tereija**, **trager**, **Virge**; **deixase**, **dixo**, **embaixada**, **luxuria**, **trouxo**, etc.<sup>200</sup>.

¶ Num parágrafo prévio, já contemplámos alguns aspetos do contraste gráfico entre <b> vs. <v> no texto elaborado por Lobaríñas. Como não podia deixar de ser, o racioneiro acompanhou as práticas vigentes no castelhano da época, não sem as contravir em numerosas ocasiões, o que está longe de constituir um proceder excecional na altura, sobretudo levando em consideração o tipo de obra. Como se sabe, a principal diferença a respeito da ortografia espanhola atual tem a ver com a substituição, no séc. XVIII, de <v> com origem num -B- latino por <b>. Entram, portanto, dentro do expetável formas como **andauan**, **aueredes**, **auia**, **caualeiros**, **Cordoua**, **deuian**, **escreuendo**, **estaua**, **gouernou**, **ouuese**, etc.

<sup>200</sup> Como corresponde a um texto impresso, o soneto de Lobaríñas incluído na coletânea em homenagem a Solórzano, reproduzido em apêndice, respeita os contrastes gráficos em questão: *invidiosas*, *graciosas*, *hermosas*, *rosas*; *belleza*, *hazer*, *naturaleza*, *pinzel*; *alcança*, *celebró*, *cielo*, *criança*; *coged*, *jamás*, *juntas*; *roxos*, *texed*.

## ASPETOS MORFOLÓGICOS

Um dos dados de maior relevância no campo da morfologia nominal prende-se com os resultados do sufixo latino -IONE, em concreto, a presença maioritária de termos com eliminação histórica da semivogal, confirmando a clara prevalência desse tipo no séc. XVII (Souto Cabo 2007: 208-219). A manutenção da mesma solução também no plural é um dado importante, entre outros, para assegurar que não se trata de uma prática artificiosa<sup>201</sup>: **condiçon**, **defenson**, **destruiçon**, **edificaçon** (C = *bedificacion*), **eleiçon** (C = *esleaçõn*), **oraçon**, **oraçons**, **persiguiçon**, **posison**, **posisons**, **proci-son**, **procisons**, **vison**, etc<sup>202</sup>.

Como vimos, para o plural das palavras acabadas em -l, a *HL-ria* apresenta, além de castelhanismos em -les (**fieles**, **provinciales**, etc.) –que já começam a surgir em finais da Idade Média–, duas soluções autóctones. Estas, caracterizadas pela queda dessa consoante, mostram dois resultados diversos: (i) coalescência das vogais que ficaram em contacto (**cardeas**<sub>6</sub> [‘cardeais’], **fies**<sub>2</sub> [‘fiéis’], **gentis**, **ynfies**<sub>2</sub> [‘infieis’], **oficeas** [‘oficiais’], **prencipas** [‘principais’]) ou (ii) transformação delas em ditongo, mas restrita a termos findos em -al (**ocidentais**, **principais**, **quais/cais**<sub>16</sub>), sendo, aliás, quase sistemática no caso do relativo *qual*, salvo por um exemplo em -les (**cales**). A formação desses plurais em -is por parte do Lobariñas parece constituir uma anomalia, dado que Crecente se integra no espaço em que vigorou o primeiro dos resultados, o que é confirmado, numa perspetiva histórica, pela toponímia da região de confluência das atuais províncias de Pontevedra e Ourense (TONG)<sup>203</sup> ou por

<sup>201</sup> Lembremos que a solução medieval (e lusitana) é -ões.

<sup>202</sup> A vitalidade das variantes com eliminação do iode é menor no caso das terminações -ço, -ça, de facto só podemos colecionar *presença* –sem precedente em C– e **Galiça**, face ao habitual **Galicía** ou **Galicea**; apesar de *Galiza* não admitir exceção na *Clria*. Também encontramos o gerúndio **menospreçando**. A situação contrasta, em parte, com a *História de D. Servando*, na qual o resultado galego-português representa cerca de 30%.

<sup>203</sup> Notemos, a título de exemplo, denominações como *Carvalhás* (Figueira, conc. Crecente; Tortoreos, conc. Neves), *Casás* (Fustáns, conc. Gomesende; Rebordechám, conc. Crecente; Rubiás, conc. Ramirás), *Codessás* (Quins, conc. Melom), *Cortinhás* (Rebordechám, conc. Crecente; Vila Meá, conc. Ramirás), *Currás* (Crecente, conc.

textos produzidos em áreas próximas como o *Diálogo entre Alberto e Bieito* (ca. 1596) ou o *Entremês famoso* (1671)<sup>204</sup>. Lembremos, aliás, que no texto não se regista uma evolução paralela a esta última para lat. -ANES, -ONES (*cans*, *celebraçons*, etc.), contrariando o que acontece na oralidade atual. A interpretação lógica leva-nos a pensar que a presença em V da variante acabada em ditongo decrescente resultou de mimetismo com os usos habituais a sul do Minho, bem conhecidos de Lobariñas Feijó por via oral (desde a infância, como crecentino) e escrita (pelo seu largo contacto com textos de origem portuguesa)<sup>205</sup>.

Lobariñas transformou o adjetivo *viindeiras* (5.4) da *Clria* em *vindoiras*, o que supõe a utilização propositada desse termo com o sufixo *-doiro* (*vindoiro*), uso até agora desconhecido na Galiza antes do séc. XIX. Trata-se, como se sabe, do termo comum ao espaço lusófono e origem da variante mais frequente *vindouro* (cf. *infra*).

Não menos importantes são os dados que nos fornece o *HIria* sobre um aspeto crítico da morfologia verbal histórica do galego: o problema da adscrição à C2 ou à C3 de verbos que na Idade Média se integravam no primeiro dos paradigmas, mas que na oralidade espontânea atual já seguem maioritariamente o modelo castelhano (C3). Além da inserção na C2, em diversas proporções, de verbos como *decer/dicer* ('dizer'), *eliger* ('eleger'), *receber*, *sofrer* ou *viver*, o testemunho da cópia de Lobariñas é especialmente significativo no caso de *escrever*. Com efeito, ainda que na *Clria* se molda à C3, Lobariñas plasmou várias formas do mesmo de acordo com a segunda

---

Crecente; Fustáns, conc. Gomesende; Paizás, conc. Ramirás; Ribarteme, conc. Neves; Xacebáns, conc. Quintela de Leirado), *Espinhas* (Condado, conc. Padrenda), *Miudás* (Rebordechám, conc. Crecente), *Novás* (Filgueira, conc. Crecente; Mourentám, conc. Arbo; Parada das Achas, conc. Caniça; Taboexa, conc. Neves), *Riás* (Mourentám, conc. Arbo), *Tojás* (Esposende, conc. Ribadávía), *Uzás* (Sanim, conc. Ribadávía), etc.

<sup>204</sup> Veja-se a informação oferecida por Mariño Paz nesta mesma obra.

<sup>205</sup> Não parece que a ocorrência de formas em -ais no ocidente corunhês (TONG) –espaço afastado de Crecente em mais de 80 km em linha reta– possa ser relacionada com o aspeto em questão. Aliás, este tipo em -ais (lat. <-ALES) pode ser encontrado um pouco por toda a Galiza, mas é infrequente na área média do Minho em que se localiza Crecente. Divergimos, portanto, parcialmente do posicionamento expresso por Mariño Paz neste mesmo trabalho.

conjugação (escrebeu<sub>2</sub>, escreuendo, escreberon)<sup>206</sup>, o que vem ao encontro doutros registos do período que demonstram a sobrevivência deste verbo na C2, ainda no séc. XVII, em terras do sudoeste galego, não apenas em textos lusitanizantes, como algumas das *Cartas ao conde de Gondomar*. A situação da *HIria* constitui uma prova de que a mudança de conjugação, para o conjunto dos verbos citados, foi, afinal, um fenómeno relativamente moderno, que só pode ser atribuído à pressão do espanhol (Souto Cabo 2009).

O testemunho do nosso texto vem também evidenciar o predomínio, durante os sécs. XVI a XVIII, do tipo **trager** ('trazer'), ainda não substituído por *traguer* (descendente legítimo do anterior por via analógica), vindo a constituir um novo argumento para confirmar a origem espúria de *traer*<sup>207</sup>.

A conjugação copulativa apresenta-se sob dois alomorfes (gráficos) em função da pronúncia desse elemento por condicionamentos de fonética sintática. Com efeito, quando seguido de vogal, na maior parte da Galiza é articulado como um alomorfe assilábico /i/, donde surge a representação dela, de modo quase sistemático, como *y* ou *i* por parte Lobarriñas<sup>208</sup>, que utiliza *e* antes de consoante<sup>209</sup>.

<sup>206</sup> As duas últimas formas, sem paralelo na *Crónica de Santa Maria de Íria*, parecem assegurar que se trata de resultados reais e não de imitação da forma lusitana, o que dificilmente se teria plasmado em tempos verbais que não fossem o infinitivo.

<sup>207</sup> Bestilleiro Bello (2005: 36) pretendeu demonstrar a antiguidade do infinitivo *traer*, mesmo situando a sua presença no séc. XIII, e fê-lo colecionando um exíguo número de exemplos –apenas seis– para o conjunto da Idade Média, maioritariamente do séc. XV. A consulta dos documentos originais em que aparecem os dois únicos casos dessa forma, por ele registados, no Duzentos revelou que se trata, na verdade, de *téer* (AHN, Clero Secular-Regular, Most. de Sobrado, 543, n.º 20 [1281.07.08]) e de *traier* (AHN, Clero Secular-Regular, Most. de Sobrado, 544, n.º 20 [1292.07.21]). Não tivemos acesso, por enquanto, aos restantes exemplares.

<sup>208</sup> Boullón Agrelo (2015: 56) chegou a pensar que se tratava das formas castelhanas: “aparece a interferencia do español, y (249 ocor., grafado i en 5 ocasións)”. Veja-se Souto Cabo (2022: 597, n. 21).

<sup>209</sup> Estamos perante uma prática bem conhecida noutros documentos do período (cf. *infra*), mas que não se reflete, por exemplo, na *História de D. Servando*, em que a diminuta presença de *y* parece responder apenas a sugestão castelhana.

## ASPETOS LEXICAIS

Não surpreende, antes pelo contrário, que a *Clria* contenha diversas formas procedentes da língua de Castela (Souto Cabo 2001: 205-206), refletindo o que era norma, sem exceção, nas produções escritas do nosso país na segunda metade do séc. XV<sup>210</sup>. Apesar de Lobaríñas ter integrado outros (numerosos) castelhanismos no seu texto –mesmo frases completas em espanhol–, ele também procedeu a substituir alguns dos resultados espúrios presentes no antígrafo que copiava pelos correspondentes galegos. No caso das palavras gramaticais, encontram-se nessa situação os termos seguintes de C: *nin*<sub>19</sub> (*nen*<sub>2</sub>), *sin*<sub>1</sub> (*sen*<sub>8</sub>). O aspeto mais significativo prende-se com a correção sistemática de *nin* para **nen**<sub>14</sub> ou **ne**<sub>2</sub>, donde se deduz que o resultado galego-português terá sido o próprio do cura de Crecente e que só essa forma é que Lobaríñas tinha por galega<sup>211</sup>. Tudo leva a pensar, com efeito, que a presença quase exclusiva da solução similar à arcaica do castelhano (*nin*) em C resultou de mimetismo com a língua de Castela, não de um reflexo da oralidade. Nesse sentido, convém lembrarmos que nos *Milagres de Santiago*, obra produzida em ambiente compostelano ca. 1390-1400, a solução castelhana (ainda) não está presente. Salvo por uma ocorrência isolada de *nin*, observamos uma situação similar no, muito castelhanizado, *Livro de notas de Álvaro Pais* (1457) com 76 exemplos de *nen* (Tato Plaza 1999, s. v.).

## 4.2. APROXIMAÇÃO GEOLINGÜÍSTICA

Como foi notado, Lobaríñas utilizou, pelo menos maioritariamente, aqueles resultados linguísticos que lhe eram naturais e, portanto, próprios naquela altura da área em que se situa o atual concelho de Crecente. Apesar de que não todos esses traços, nem do mesmo

<sup>210</sup> Ainda que com raízes muito anteriores, a castelhanização da língua escrita na Galiza experimentou uma virulenta progressão a partir de meados do séc. XV, culminando, no primeiro decénio da centúria seguinte, com a prática extinção do nosso idioma nesse âmbito.

<sup>211</sup> Como vimos, em correspondência com a conservação de **nen**, surge o indefinido **nenguna**<sub>2</sub>.

modo, tenham sobrevivido até tempos recentes na oralidade desse território –constituindo, por isso, dados muito significativos para a história e variedade da língua no período–, parece existir uma clara continuidade na maior parte dos casos, o que nos permite associar o texto ao setor sudeste da comarca da Paradanta (cf. *infra*). Apresentamos, a seguir, uma seleção de fenômenos que conhecem variação diatópica na Galiza, com a indicação das soluções que parecem caracterizar, com maior ou menor nitidez, a cópia efetuada por Lobaríñas.

1. Fricativas apicoalveolares e predorsodentais: ausência de neutralização<sup>212</sup>.
2. Resultado da terminação latina -ANA: *-an*.
3. Resultado da terminação latina -ANU: *-an*.
4. Resultado do grupo latino -OCT-: *-oit-*.
5. Resultado do grupo latino -O:RI-: *-oir-*.
6. Resultado do grupo latino -ULT-: *-uit-*.
7. Resultado do grupo latino inicial QUA-: *ca-*.
8. Plural de nomes e pronomes em *-n*: *-ns*.
9. Plural de nomes e pronomes em *-al*: *-ás, -ais*.
10. Pronome pessoal sujeito de P2: *tu*.
11. Pronome pessoal tônico de P3: *el / ele*.
12. Pronome pessoal de P2 OI: *te*<sup>213</sup>.
13. Pronome pessoal de P3 OD precedido de forma verbal em ditongo decrescente: *o*.
14. Pronome demonstrativo: *isto*.
15. Adjetivo “bom”: *bô*.
16. Adjetivo “maior”: *mor*.

<sup>212</sup> A situação deste traço é em boa medida incerta, pois não temos dados que nos certifiquem claramente sobre existência de variação ao longo do espaço galego no que se refere ao aspeto fónico apontado, nem é possível determinar até que ponto o texto poderá refletir a oralidade.

<sup>213</sup> Só contamos com um exemplo isolado do pronome de P2 com essa função: “E Deus **te** dara vitorea de todolos anamigos” (V 4.7).

17. Vogal temática da P3 de verbos da C2 e C3: |'e| vs. |'i|.
18. Morfema de NP da P2 dos pretéritos: *-che*.
19. P3 do pretérito perfeito do verbo “vir”: *ven / veu*.
20. P3 do pretérito perfeito do verbo “dar”: *deu*.
21. Verbo “escrever”: *escrever / escribir*.
22. Verbo “ouvir”: *oir / ouvir*.
23. Verbo “pôr”: *por*.

A partir de um número reduzido de traços, podemos desenhar a seguinte exposição localizadora. Em primeiro lugar, levando em linha de conta formas como **mañan** (nº 2), **irman** (nº 3), **varons** (nº 8) ou **bô** (nº 15), é óbvio que nos situamos na faixa ocidental galega. A combinação desses resultados com outros, como **isto** (nº 14), **muito** (nº 6), **oito** (nº 4), **perdeu** vs. **partiu** (nº 17)<sup>214</sup>, **deu** (nº 20) ou **escrevendo** (nº 21)<sup>215</sup>, remete-nos claramente para o extremo meridional da província de Pontevedra, em boa medida coincidente com o território da atual diocese de Tui. Finalmente, a associação das características representadas por **vindoiras** (nº 5), **tu** (nº 10), **ven** (nº 19) ou **mor** (nº 16) aponta, embora de modo menos nítido, para o sudeste dessa última demarcação, setor geográfico em que se encontra Crecente. Além da significação um tanto ou quanto imprecisa, no sentido apontado, dos dois últimos resultados<sup>216</sup>, o primeiro vincula o texto ao interior dessa área tudense, uma vez que no ocidente da mesma a sequência *-oir-* aparece hoje transformada em *-our-* (v.g. *couro*). Quanto ao pronome pessoal sujeito de segunda pessoa *tu*, na atualidade, surge nos extremos meridionais dessa área, correspondendo o oriental àquele em que se encontram as terras de onde procedia o racioneiro; no entanto, a sua comparência na *HIria* tem um valor probatório assaz incerto pela diminuta

<sup>214</sup> Apesar de Lobarriñas ter conservado ocasionalmente a terminação *-eu* para verbos da C3, seguindo o que lia em C, pensamos que a solução própria era aquela em que não se produz neutralização a favor da C2.

<sup>215</sup> Utilizamos os dados correspondentes do ALGa.I, ALGa.II e ALGa.III e a projeção de dados históricos considerados neste trabalho.

<sup>216</sup> Veja-se a análise de Mariño Paz nesta publicação.

presença da variante *ti* na documentação anterior ao séc. XVIII<sup>217</sup>. Seja como for, os dados analisados confirmam com precisão, maior ou menor, a atribuição a Gregório de Loberiñas Feijó da autoria da cópia da *Crónica de Santa Maria Íria* custodiada pela Biblioteca Apostólica Vaticana<sup>218</sup>.

5. APÊNDICE

Del licenciado  
Gregorio de Lobera Feijó,  
al autor.

Soneto

Coged, ninfas del Sil, las más graciosas  
flores de quantas roba el tiempo avaro,  
y d'ellas y del Lauro, a Febo caro,  
con roxos lilijs, y purpúreas rosas,  
texted alegres, ya nada invidiosas  
de las del Pó famoso y Mincio claro,  
guirnaldas a este vuestro espíritu raro,  
que tanto os celebró, ninfas hermosas,  
las gracias, que jamás la industria alcança,  
juntas el largo cielo en él inspira,  
por hazer inmortal vuestra belleza.  
Diole Orfeo la voz, Delio la lyra,  
Amor la blanda pluma y la criança  
y su propio pinzel naturaleza.

DEL LICENCIADO  
Gregorio de Lobera Feijo,  
al Autor.

SONETO. (fas)

**C**Oged Ninfas del Sil, las mas gracio  
flores, d'quátas roba el tiépo avaro,  
y dellas, y del Lauro a Febo caro,  
con roxos lilijs, y purpureas rosas.

Texted alegres, ya nada invidiosas,  
de las del Pó famoso, y Mincio claro  
guirnaldas a este vuestro espíritu raro,  
que tâto os celebrò, Ninfas hermosas

**Las gfas qjamas la industria alcança,  
juntas el largo Cielo en el inspira,  
por hazer inmortal vuestra belleza.**

**Diole Orfeo la voz, Delio la Lyra,  
Amor la blanda pluma y la criança,  
y fu propio pinzel naturaleza.**

<sup>217</sup> De facto, antes desse século, só o documentamos, alternando com *tu*, numa persoa-nagem galega do *Entremés famoso* (1671), obra cuja ação dramática se situa na freguesia tudense de Caldelas, atualmente em área de *ti*: “E **tu** ainda estas roncando”, “E **ti**, y os bosos” (Mariño Paz 1997).

<sup>218</sup> Boullón Agrelo (2015: 61-70) analisou também alguns destes traços vindo a propor “a procedencia lingüística do copista nunha área ó sur de Pontevedra [...] concretamente á macrosubárea Verdugo-Miño [...] pero descartando a microsubárea do Baixo Miño”.

## SEGUNDA PARTE

A INTERVENCIÓN LINGÜÍSTICA DE LOBARIÑAS  
SOBRE O TEXTO DO MANUSCRITO C

Ramón Mariño Paz





Salta á vista que no traslado da *Crónica de Santa María de Iria* que por volta de 1626 ou 1627<sup>219</sup> titulou *Historia de Yria* Gregorio Lobarriñas Feijó (ca. 1577- ca. 1637) non pretendeu facer unha copia fiel daquel “papel raro, por no auer otro escripto en la lengua gallega,” con que naquela altura traballou no arquivo da sé compostelá. En efecto, posto á tarefa de transcribir para Tomás Tamayo de Vargas, Cronista Real de Castela, aquela única peza en galego da biblioteca catedralicia de Santiago que entre 1467 e 1468 escribira o clérigo Rui Vasques<sup>220</sup>, Lobarriñas non actuou animado pola intención de lla copiar *ad litteram* ao cronista de corte, senón que evidenciou desde o primeiro ata o último folio do seu traballo unha ostensíbel vontade de intervir sobre ela tanto no tocante á supresión e adición de diversos fragmentos de texto<sup>221</sup> coma no relativo aos mesmos trazos gráficos, fónicos, morfolóxicos, gramaticais e lexicais da lingua en que a obra se redactara. Lonxe, certamente con toda a determinación, de tal compromiso de fidelidade, decidido a modernizar desinhibidamente o texto do manuscrito catrocentista depositado no arquivo catedralicio de Santiago, don Gregorio, que coma calquera galego do seu tempo estaba orfo de formación escolar e académica en lingua galega e tampouco podía contar para esta angueira coas

---

<sup>219</sup> Por culpa do preito que mantivo co tamén racioneiro Antonio Rodríguez, Gregorio Lobarriñas estivo en Compostela entre 1623 e 1627, con permisos temporais para permanecer en Crecente e unha estada de varios meses en Madrid en 1626 (cf. Ramos Rodríguez 2023: 188-213). Como a súa persoalísima copia da *Crónica de Iria* se concibiu como un instrumento que podía axudar a Tomás Tamayo de Vargas a redactar un memorial en favor da causa santiaguista no decurso da polémica polo padroado de España, e como sabemos que en decembro de 1627 Tamayo estaba a redactar o seu *Memorial a su magestad en nombre de la Iglesia de Santiago i del clero de las de España* (1628) (cf. Candelas Colodrón 2007:112), eu inclínome a pensar que Lobarriñas debeu de realizar o seu traslado da *Crónica de Iria* en 1627 ou non moito antes de 1627.

<sup>220</sup> Obviamente, estas páxinas están escritas desde a convicción de que Souto Cabo demostra con sólidas evidencias na primeira parte deste libro que o manuscrito V depende directamente de C. Creo, por tanto, que Gregorio Lobarriñas, durante a súa permanencia en Santiago mentres a Inquisición deliberaba sobre o seu litixio con Antonio Rodríguez, traballou sobre a obra que entre 1467 e 1468 escribira Rui Vasques.

<sup>221</sup> Sobre este tipo de intervencións véxase o estudo de Souto Cabo neste mesmo libro.

orientacións de inexistentes gramáticas, dicionarios ou academias, debeu de resolver que o menos gravoso para el sería acomodar a lingua do manuscrito do século XV á variedade de galego que con certeza coñecía mellor: a modalidade popular propia da comarca de Crecente entre as últimas décadas do século XVI e as primeiras do XVII. A súa intervención, por tanto, operou no eixe da variación diacrónica, no eixe da variación diatópica e no eixe da variación diastrática, de tal forma que transformou un produto lingüístico catrocentista e compostelán con certas pretensións latinizantes nun produto lingüístico seiscentista en que se fixo patente unha coloración dialectal ben diferente, a da súa terra natal, e en moitos casos tamén unha moderada orientación popularizadora. Naturalmente, esta intervención non a puido facer subtraéndose á tensión entre a influencia castelanizante do medio en que vivía e unha moderada vocación descastelanizante que como creador debía de sentir, unha tensión en que desde o final da Idade Media se debate a xeneralidade dos escritores en galego, que só do Rexurdimento en diante puideron traballar co auxilio de gramáticas e dicionarios e só a partir de 1983 dispuxeron da referencia dun estándar ortográfico e morfolóxico declarado oficial pola Lei de Normalización Lingüística.

Presentarei en primeiro lugar as intervencións modernizadoras efectuadas por Lobariñas, distinguindo entre aquelas que implicaron a escolla de variantes que podemos presumir que eran propias da variedade do Crecente do seu tempo, aquelas para as que non podemos facer tal presunción –xa porque entón debían de estar moi estendidas ou case xeneralizadas, xa porque carecemos de referencias que nos poidan orientar sobre a súa hipotética distribución diatópica naqueles días– e, por último, aqueloutras que simplemente carecen hoxe e carecían daquela de variación diatópica. Despois disto sinalarei as variábeis en que Lobariñas alterou o texto de Rui Vasques porque se inclinou a favor das solucións características da súa terra, mais sen que haxa motivos fundados para caracterizar tales escollas como escollas modernizadoras. A seguir expoñerei as alteracións popularizadoras para as que non existen indicios que nos permitan falar de que estamos ante a substitución de variantes máis antigas por variantes máis modernas nin de variantes compostelás por variantes

específicas de Crecente, senón simplemente ante a selección de solucións máis achegadas á oralidade popular da xeneralidade de Galicia ca as que figuran no manuscrito C. Finalmente, mostrarei como se materializou a tensión entre castelanzación e descastelanzación no traslado realizado por Gregorio Lobarriñas<sup>222</sup>.

#### I. INTERVENCIÓN MODERNIZADORAS

Dado que as innovacións lingüísticas creadas polos falantes non substitúen dun día para outro as variantes preexistentes para a expresión dunha determinada variábel, senón que pasan a competir con elas nas dimensións espacial, social e contextual da variación durante períodos de tempo que poden durar séculos, é obvio que o cambio lingüístico non consiste no troco instantáneo dunha forma vella por unha forma nova, senón no cambio dun determinado estado de variación por outro estado de variación diferente. Por tanto, cando aquí fale de intervencións modernizadoras estarei a referirme ás veces a casos en que Gregorio Lobarriñas adoptou variantes que no tempo de Rui Vasques aínda non existían, mais noutras ocasións, as máis numerosas, estarei a tratar de variábeis en que o estado de variación que cabe inferir para a décimo quinta centuria sería diferente do que se pode colixir para a décimo sétima, de forma que o que no tempo do clérigo compostelán era raro ou minoritario sería xa común en vida do crecentino. É así como deben entenderse nesta exposición as intervencións modernizadoras que Lobarriñas practicou en V, é dicir, como alteracións en que a pluma do século XVII escribiu unha forma que arredor de cento cincuenta anos antes non existía ou desbotou outra que, se no século XV gozaba dun uso entendido, na década de 1620 resultaba moito máis infrecuente, polo que o artífice de V decidiu cambiala por unha alternativa innovadora que daquela debía de ser xa maioritaria.

---

<sup>222</sup> Sobre o galego do manuscrito V contamos ata o de agora coas análises ou apuntamentos de Mackenzie (1994), Souto Cabo (2001: 23) e Boullón Agrelo (2015, 2019, 2020).

## I. I. VARIÁBEIS CON DISTRIBUCIÓN DIATÓPICA DAS VARIANTES CONJECTURÁBEL PARA O TEMPO DE GREGORIO LOBARIÑAS E ESCOLLA DAS SOLUCIÓNS PROPIAS DE CRECENTE

En non poucos casos as referencias que nos proporcionan os traballos de dialectoloxía galega que se fixeron anos atrás (cf. ALGa 1, ALGa 2, ALGa 3, Fernández Rei 1990) e algunhas outras noticias permítennos conxecturar con bastantes garantías cal sería o uso propio da cormarca natal de Gregorio Lobarriñas durante as últimas décadas do século XVI e as primeiras do XVII. Entre esas outras noticias revístense de especial interese as informacións recollidas entre finais do século XIX e principios do XX por José Leite de Vasconcellos (1928, 1987) en lugares do norte de Portugal moi próximos a Crecente ou mesmo veciños del: Melgaço, Castro Laboreiro, Monção, Paredes de Coura, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca<sup>223</sup>... Afortunadamente, para realizarmos este labor contamos ademais coa valiosísima axuda dun feixe de breves cartas redactadas ou ditadas a un escribente por persoas oriúndas de terras situadas poucas leguas ao oeste de Crecente entre trinta e vinte anos antes de que Gregorio Lobarriñas tomase entre as súas mans a obra de Rui Vasques: falo, claro está, da correspondencia en galego enviada a Diego Sarmiento de Acuña, señor de Gondomar, entre finais do século XVI e principios do XVII (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05). Por idénticas razóns de proximidade espacial e temporal resultaranos de moita axuda o entremés titulado *A contenda dos labradores de Caldelas*, elaborado e ambientado na área tudense en 1671 por Gabriel Feijó de Araújo e tamén coñecido como *Entremés famoso sobre a pesca do río Miño* (cf. Mariño Paz 1997a). Así mesmo, serannos moi útiles as referencias que poidamos tirar do pontevedrés *Diálogo de Alberte e Bieito* (ca. 1595-1596)

<sup>223</sup> Algo máis afastadas da vila natal de Lobarriñas están as terras de Trás-os-Montes e das Beiras, cuxos falares explorou tamén Vasconcellos (1985). As variedades fronteirizas trasmontanas foron o concreto obxecto de estudo de Santos (1962-63/1964-65/1966-68). A pesar desa maior distancia respecto de Crecente, algúns datos de interese para nós conteñen tamén estes dous traballos, polo que volveremos os ollos a eles de vez en cando. Hai unha boa recompilación de moitos dos trazos característicos do portugués setentrional en Sánchez Rei (2021).

(cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002) e mais da *Historia de don Servando* (ca. 1625-1637), escrita en estrita contemporaneidade co manuscrito V por un individuo cuxo percurso vital transcorreu principalmente por terras non demasiado distantes de Crecente polo leste —os actuais concellos de Chantada, Coles e Ourense—, xa que, segundo Souto Cabo (2007: 188), a que pode denominarse “área deste texto”, aquela a que apunta a localización das variantes que o seu autor adoptou para as variábeis con variación diatópica, sería “un espazo xeográfico delimitado nun rádio de aprox. 40 km con centro na cidade de Ourense e que inclui, para alén do NW ourensano, o SW de Lugo e a rexión pontevedresa colindante”. Referencias máis nebulosas para nós mais non desprezábeis son as que nos pode proporcionar a *Canción galega en loor de don Diego das Mariñas Parragués*, escrita por volta de 1594 nunha variedade lingüística con trazos con distribución diatópica que apuntan á rexión galega centro-occidental, con exclusión da área tudense, segundo Álvarez e Rodríguez Montederramo (2003: 270).

Con todos estes medios procurarei aproximarme ao que poderían ser os usos do Crecente de Lobariñas en distintas variábeis, unhas veces con solucións que xa compartirían a maioría dos xeolectos galegos da época e outras con variantes con difusión espacial máis reducida.

#### I. I. I. RESULTADOS DA DESNASALIZACIÓN VOCÁLICA

Entre as variábeis destes resultados en que a intervención da man de don Gregorio se fixo máis ostensíbel figuran, en primeiro lugar, aquelas en que os resultados do Crecente do seu tempo xa eran presumiblemente só os da faixa occidental de Galicia, e non os dun territorio máis amplo ou mesmo os da maior parte do espazo galegófono. Esta é, como pode verse na Táboa 1, a selección que o trasladador da obra de Rui Vasques fixo sistematicamente no caso daqueles procesos de desnasalización vocálica en que na sílaba final da palabra se orixinaron solucións con desenvolvemento de consoante nasal posnuclear, propias do bloque occidental, ou con desnasalización completa, características dos bloques central e oriental, coa excepción da área ancaresa. Como pode verse no clásico manual

de Fernández Rei (1990: 59-64, 66-67) ou no ALGa 2 (mapas 31, 32, 63, 65, 68 ou 219) e no ALGa 3 (mapas 209, 217 ou 253), as isoglosas que hai unhas décadas delimitaban as zonas cos resultados *-án* e *-ao* provenientes do latín *-ANUM* (*irmán/irmao*) non coincidían exactamente nin coas que separaban as que tiñan *-án* ou *-á* para *-ANAM* (*irmán/irmá*), nin coas que reflectían a distribución dos resultados de *-ANOS* e *-ANAS* (*irmáns/irmaos*, *irmáns/irmás*) nin coas que daban conta das solucións occidental e central para *-ANES*, *-ENES*, *-ONES* ou *-UNOS* (*cans/cas*, *bens/bes*, *razóns/razós*, *uns/us*<sup>224</sup>), mais en todo caso o xeolecto de Crecente caracterizábase daquela, e tamén na actualidade, por presentar sempre as variantes que triunfaron ao oeste das ditas isoglosas: *o irmán*, *a irmán*, *os irmáns*, *as irmáns*, *cans*, *bens*, *razóns*, *uns*. En efecto, estas opcións con ou sen desenvolvemento de consoante nasal posnuclear teñen hoxe unha distribución espacial cuxa fronteira discorre polo sur varios quilómetros ao leste de Crecente, como probabelmente o faría tamén nas primeiras décadas do século XVII, segundo cabe inferir das anotacións que entre mediados e finais do XVIII fixeron os beneditinos Martín Sarmiento e Juan Sobreira (cf. Mariño Paz 2017: 450-459).

	C	V
I. <i>-ão(s)</i> → <i>-an(s)</i>	<i>christãos</i> (2.1), <i>christaãos</i> (4.7 -4 v.-, 6.3), <i>christaooos</i> (6.6)	<i>christans</i> (2.1), <i>cristans</i> (4.7 -4 v.-, 6.3), <i>cristans</i> (6.6) <sup>225</sup>
	<i>ciudadãos</i> (6.12 -2 v.-), <i>ciudadaoos</i> (6.12)	<i>ciudadans</i> (6.12 -2 v.-), <i>ciudadans</i> (6.12)
	<i>irmão</i> (4.1, 4.5, 5.6, 6.3, 6.12), <i>irmão</i> (4.13, 6.12), <i>irmãoo</i> (4.7, 5.6), <i>irmão</i> (4.3), <i>Irmaóó</i> (6.5), <i>jrmãos</i> (5.6)	<i>irman</i> (4.1, 4.5, 5.6, 6.3, 6.12), <i>jrman</i> (4.13, 6.12), <i>irman</i> (4.7, 5.6), <i>hirman</i> (4.3), <i>Irman</i> (6.5), <i>irmans</i> (5.6)
	<i>mão</i> (4.9 -3 v.-, 6.12), <i>maão</i> (4.7), <i>mãos</i> (4.2, 4.10), <i>maãos</i> (4.9)	<i>man</i> (4.9 -3 v.-, 6.12), <i>man</i> (4.7), <i>mans</i> (4.2, 4.10), <i>mans</i> (4.9)
	<i>pagãos</i> (4.12)	<i>pagans</i> (4.12)
	<i>saão</i> (6.13)	<i>san</i> (6.13)

<sup>224</sup> No caso desta variábel intervéñ tamén, xunto a outras, a variante *unbos*, con moitísima presenza na Galicia central e oriental e mesmo en puntos do extremo oriental do bloque occidental (cf. ALGa 2, mapa 219).

<sup>225</sup> Polo contrario, *christaãos* (C, 5.4) transformouse no castelanismos *christianos* (V, 5.4).

2. -āa → -an	Dormeāa (2.4)	Dormean (2.4)
	manāa (4.2, 6.13)	mañan (4.2, 6.13)
3. -āes → -ans	cāes (4.2)	cans (4.2)
4. -ēes → -ens	beens (5.2), bees (4.13, 5.2)	bens (5.2, 4.13, 5.2)
5. -ōes, -ōos, -óos, -oos → -ons	celebrações (6.5)	celebraçons (6.5)
	comiōos (6.6)	comunions (6.6)
	confesoos (6.6)	confesions (6.6)
	corações (6.5)	curaçons (6.5)
	destribuições (6.10)	destribuçons (6.10)
	donações (5.4, 6.3)	donaçons (5.4, 6.3)
	dóos (2.10)	dons (2.10)
	infestações (6.5)	infestaçons (6.5)
	jurdições (5.4)	jurdiçons (5.4)
	orações (2.10, 4.5, 4.9 -3 v.-, 6.6), oraçōos (4.5)	oraçons (2.10, 4.5, 4.9 -3 v.-, 6.6), oraçons (4.5)
	posisoões (6.4), posisoos (5.1, 5.2), posisóos (6.10)	posisons (6.4), posisons (5.1, 5.2), posesons (6.10)
	predicações (6.5), predicacōos (2.6)	predicaçons (6.5), predicaçons (2.6)
	pricições (6.15)	procisons (6.15)
	prijooos (5.1)	prijons (5.1)
provações (4.5)	poblaçons (4.5)	
razões (5.6)	raçons (5.6)	
varões (2.10), varoões (4.7), varōos (5.3), Vaarooos (5.3)	varons (2.10), varons (4.7), varons (5.3), Varons (5.3)	
6. -ūus, -uus → -uns	algūus (1.2), algūus (2.2, 2.10, 4.3, 4.10, 4.12, 6.10), alguus (5.1)	algu <sup>ns</sup> (1.2), alguns (2.2, 2.10, 4.3, 4.10, 4.12, 6.10), alguns (5.1)
	hūus (4.1)	uns (4.1)
	jajūus (4.5)	jejuns (4.5) <sup>226</sup>

Táboa 1. Alteracións con desenvolvemento de consoante nasal posnuclear na sílaba final.

<sup>226</sup> Non actuou así con **lūus** (C, 6.7), mais non porque escollese unha variante diatópica impropia de Crecente, senón porque o castelanizou en **lunes** (V, 6.7).

A Táboa I mostra que con estas variábeis o racioneiro de Crecente actuou sen concesións a ningún uso diferente do da súa terra natal, mesmo acomodando a el o topónimo *Dormeá*, lugar do concello de Boimorto que debe de ser o que en C (2.4) se refire como *Dormeãa* e en V (2.4) como *Dormean*<sup>227</sup>, e nunha ocasión o cultismo *Compostellana*, que, se maioritariamente foi mantido como *Compostelana* (V, 5.4, 6.5 -2 v.-), en 5.3 foi transformado en *Compostelan*: “Eglleja *Compostellana*” (C, 5.3) → “Eyreje *Compostelan*” (V, 5.3). Así mesmo, os rexistros innovadores de C, quer con desenvolvemento de consoante nasal implosiva (*beens*, 5.2; *confesoons*, 6.6), quer sen ela (*bees*, 4.13, 5.2; *dóós*, 2.10; *posisoos*, 5.1, 5.2; *posisóós*, 6.10; *prijoos*, 5.1; *Vaaroos*, 5.3), pasaron a V tamén coa forma propia do xeolecto crecentino: *bens* (4.13, 5.2 -2 v.-), *confesions* (6.6), *dons* (2.10), *posisons* (5.1, 5.2), *poseosons* (6.10), *prijons* (5.1), *Varons* (5.3). Creo que foi esta determinación con que o copista optou por este tipo de plural o que o levou incluso a converter o paroxítono *virgêes* (C, 4.7) en *virgens* (V, 4.7), unha solución de plural para esta voz para a que non coñezo ningún antecedente medieval (cf. TMILG), que é moi rara na tradición escrita moderna (cf. TILG) e que probabelmente non se utilizaría tampouco na oralidade popular de Crecente nas primeiras décadas do século XVI<sup>228</sup>. Por outra parte, aínda que *virgen* conta con numerosos rexistros nas nosas fontes medievais, é obvio que para o clérigo Lobaríñas debeu de pesar moito neste acto de escritura o modelo do castelán *virgen*. Canto á transformación de *crimes* (C, 5.6) en *crimens* (V, 5.6), opino que é probábel que resultase da aplicación da norma favorábel aos plurais terminados en <-ns>, mesmo en palabras graves como *virgen*<sup>229</sup>, non á forma galega *crime*, senón ao castelanismo *crimen*. Como máis adiante veremos, a

<sup>227</sup> Polo contrario, si respectou a solución central do topónimo *Montãos* (C, 2.4, 4.5, 5.2), que deixou como *Montaos* (V, 2.4, 5.2) ou *Montaus* (V, 4.5).

<sup>228</sup> Creo significativo que Leite de Vasconcellos (1928: 16, 192; 1985: 120, 199) deixase testemuño do uso de *birge* en localidades portuguesas tan próximas a Crecente como Monção, así como en lugares algo máis distantes como Guimarães, Vinhais ou Vila Pouca de Aguiar. Para ese *virge* con betacismo esperaríase un plural *virges*.

<sup>229</sup> Esta, e non *virge* nin *virxe*, é a variante maioritaria, con moito, nas fontes do galego medio (cf. Gondomar).

pegada castelanizante no conxunto das palabras lexicais non foi leve en V, polo que esta hipótese encaixa ben coa práctica escrituraria de Gregorio Lobariñas<sup>230</sup>.

Unha destas solucións occidentais (*mans*) lese tamén nunha carta enviada en 1598 ao señor de Gondomar que está escrita con certeza nunha variedade de galego suroccidental (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 244)<sup>231</sup>. Tamén se corresponden cos do manuscrito V os resultados que achamos nos parlamentos dos personaxes galegos d'*A contenda* de 1671: *lan*, *man*, *mans*, *mañan* (cf. Lorenzo 2019: 18, 26), *alguns* e *vns* (cf. Mariño Paz 1997a: 2v). E responden á mesma tipoloxía de variantes occidentais os rexistros que se poden extraer do pontevedrés *Diálogo de Alberte e Bieito*, de entre 1595 e 1596: *Gargallóns*, *leóns*, *peóns*, *tezeláns*, *man*, *mans*, *vns* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 263)<sup>232</sup>.

<sup>230</sup> Concordo, por tanto, coas obxeccións que Souto Cabo (2022: 633) lle apuxo á proposta de Boullón Agrelo (2019: 77-78), para quen o *crimen* de V podería derivar do desenvolvemento como <n> dunha posíbel lineta abreviativa dun suposto \**crimēs* que puido estar presente nun hipotético antígrafo diferente de C e anterior a el. Nin *crimen(s)* nin *crimē(s)* se atestan nunca nas fontes galegas medievais segundo o TMLG, polo que a proposta de Boullón se torna pouco digna de crédito.

<sup>231</sup> Tamén é certo que en dúas versións dunha mesma carta redactada en Baiona o 20 de maio de 1603 alternan os masculinos *yrmán*, *hirmao* e *yrmao*, o feminino *hirmán*, os plurais *beis*, *miñas* *yrmas* e *oraçois* e ademais *man*, *mao* e *maus*. Os seus editores afirman non saber en que medida esta mestura “é atribuíble á dupla autoría [a da remitente e a do seu escribente], a vicisitudes biográficas que descoñecemos ou a factores varios de prestixio que puideron primar unhas formas sobre as súas correspondentes, aos que pode ser máis sensible alguén que non se sente seguro das súas destrezas lingüísticas” (Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 247). Non nos serven para o propósito que aquí perseguimos os testemuños presentes en dúas cartas a Diego Sarmiento de Acuña que o remitente pretendeu escribir en portugués (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 255-257).

<sup>232</sup> Nas súas pescudas de finais do século XIX e principios do XX Leite de Vasconcellos anotou tamén este tipo de solucións en localidades portuguesas moi próximas a Crecente: *cans*, *pans*, (os/as) *irmáns* ou *carbóns* en Parada do Monte (Melgaço); *cabanchóns* na Cividade (Melgaço); *cáns*, *mans*, *botons*, *coraçons*, *ladrons* ou *testóns* en Melgaço; *maçons* en Monção; etc. (cf. Vasconcellos 1928: 304, 310, 317, 321, 341; Sánchez Rei 2021: 284-287). Tamén deixou constancia de que “o povo em vez de *Fiães* (forma culta)” dicía *Fiáns* (Vasconcellos 1928: 348); *Fiães* é unha freguesía do concello de Melgaço. Baseándose en datos recompilados entre 1942 e 1970 para o Inquérito Lingüístico Boléo, Maia (2022: 164, 173, 175) mostrou que naquel tempo, tan próximo xa a nós, as solucións a *irmán* e *manhán* aínda formaban unha área “bastante compacta e homogénea” no concello de Melgaço.

Acordes co uso entón presumíbel para Crecente, mais tamén para outros moitos territorios occidentais, centrais e orientais do país galego, son as alteracións de V en que o grafema <n> representa con certeza a consoante nasal velar que se xerou no ataque da sílaba seguinte á aquela en que nas correspondentes formas de C temos <ñ><sup>233</sup>. En efecto, os **hña** (2.IO -2 v.-, 4.5 -2 v.-, 4.6 -2 v.-, 4.7 -2 v.-, 4.9, 4.II, 6.9, 6.IO, 6.I4), **hña** (4.7, 6.5, 6.8, 6.IO -2 v.-), **de hña** (4.7 -2 v.-, 6.I3), **en hña** (4.7), **de algña** (5.4), **ningña** (2.I) e **nñña** (4.2) de C pasaron en V para **vna** (2.IO -2 v.-, 4.5 -2 v.-, 4.6 -2 v.-, 4.7 -2 v.-, 4.9, 4.II, 6.9, 6.IO, 6.I4), **una** (4.7, 6.5, 6.8, 6.IO -2 v.-), **duna** (4.7 -2 v.-, 6.I3), **nuna** (4.7), **dalguna** (5.4), **nenguna** (2.I) e **nenguna** (4.2).

Intervencións modernizadoras en que o uso de Crecente non diferiría tampouco do prevalecente en moitos, na maioría ou na totalidade dos xeolectos do galego do tempo de Lobaríñas serían tamén as que transformaron os **bño** (2.7), **bños** (2.2, 4.II), **bña** (4.II -2 v.-, 4.I3, 6.9, 6.IO) ou **bñas**<sup>234</sup> (4.9, 4.II, 6.IO) de C nos **bñ** (2.7), **bñs** (2.2, 4.II), **boñ** (4.II -2 v.-, 4.I3, 6.9, 6.IO) e **boñs** (4.9, 4.II, 6.IO) de V; os **algñu** (C, 1.2, 2.I, 4.2, 5.4), **hñu** (C, 1.I, 1.3, 2.I...), **hñu** (C, 5.3, 6.2, 6.5...), **de hñu** (C, 2.3), **jajñu** (C, 2.IO) ou **ningñu** (C, 4.2) en **algun** (V, 1.2, 2.I, 4.2, 5.4), **vn** (V, 1.I, 1.3, 2.I...), **un** (V, 5.3, 6.2, 6.5...), **dun** (V, 2.3), **jejun** (V, 2.IO) e **ningun** (V, 4.2); **Bragña** (C, 1.I, 2.3, 2.4 -3 v.-, 6.5, 6.7) en **Bragñ** (V, 1.I, 2.3, 2.4 -3 v.-, 6.5, 6.7); **mñeda** (C, 6.II, 6.I2 -2 v.-, 6.I3) en **moedñ** (V, 6.II, 6.I2 -2 v.-, 6.I3); **veño** (C, 4.7) eu **veñ** (4.7); ou **viñr** (C, 4.II, 5.2) en **vir** (V, 4.II) ou **viñr** (V, 5.2). Canto ao cambio de **espesidñe** (C, 2.IO) por **espesidue**

<sup>233</sup> A supoñer no primeiro cuartel do XVII unha difusión desta variante moito maior ca a que terían entón as referidas na Táboa 1 é ao que invitan os datos de finais do XX que se consignan no ALGa 2 (mapa 218) e no ALGa 3 (mapa 258). Tamén cómpre considerar aquí que entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX Leite de Vasconcellos rexistrou a consoante nasal velar nestas voces en Melgaço, Monção ou Guimarães, ao lado mesmo de Crecente ou moi preto del (cf. Vasconcellos 1928: 313, 317, 321, 322, 397, 399; Sánchez Rei 2021: 237-238), así como no moito máis distante concello de Bragança (Vasconcellos 1985: 123, 124, 129, 133). En 1959 e 1960 Santos (1964-65: 218) oñuna na Petisqueira e mais en Deilão, tamén no termo municipal de Bragança.

<sup>234</sup> Abundan en C as ocorrencias deste adxectivo sen lineta indicadora de nasalidade, ocorrencias que obviamente se corresponden en V tamén con formas desnasalizadas.

(V, 2.10), creo que debemos consideralo con cautela, pois, sendo unha palabra con moi contados rexistros tanto nas fontes medievas (cf. TMILG: s.v. *espesedūe*, *espesidūe*) coma nas modernas (cf. TILG: s.v. *espesidume*; CORGA: s.v. *espesidume*; DdD: s.v. *espesedume*, *espesidume*), é probábel que Gregorio Lobarriñas a descoñecese e, por tanto, que se limitase a retirarlle a lineta abreviativa cando a pasou de C para V, sen que realmente tivese constancia da existencia dunha voz *espesidūe* que estivese en uso no galego do seu tempo.

#### I. I. 2. PLURAL DOS NOMES E PRONOMES POLISÍLABOS AGUDOS OU MONOSÍLABOS ACABADOS EN /l/ NO SINGULAR

Como pode observarse na Táboa 2, no caso dos polisílabos Lobarriñas alterou en bastantes ocasións as variantes deste tipo de plurais que se achan en C, unhas veces para substituír solucións con hiato de vogais heterorgánicas por outras con asimilación e coalescencia (*cardeaes* > *cardeaa*s > *cardeás*, *oficeaes* > *oficeaa*s > *oficeás*), outras para cambiar unha forma con hiato de vogais homorgánicas por outra con crase de tales vogais (*fiees* > *fies*, *gentiis*<sup>235</sup> > *gentis*), nunha ocasión para pasar un hiato de vogais homorgánicas a unha solución con mantemento de /l/ (*fiees* → *fieles*) e só unha vez para transformar un hiato de vogais heterorgánicas en ditongo decrecente (*ocidentaes* > *ocidentais*). Ademais, o substantivo *principes* converteuno unha vez en *principais* e outra en *prencipás*, con nova alternancia de variantes. Unicamente se abstivo de modificar a forma do plural nos minoritarios **ocidentales** (5.4) e **prounciales** (5.4)<sup>236</sup>.

Do meu punto de vista, é probábel que deste xeito reproducise en certa maneira a situación de variación que se debía de dar no seu tempo en grandes áreas da Galicia central e occidental (cf. Mariño Paz 2004: 181-184), cun emprego maioritario das variantes con síncope de /l/ e crase do hiato (*cardeás*, *fiés*) –logo da asimilación, cando esta era o necesario paso previo–, mais alternando coas que

<sup>235</sup> Resultado da previa asimilación *genties* > *gentiis*.

<sup>236</sup> Por outra parte, mudou o **ispañoo**s de C (5.1) para **hispaños** (V, 5.1)

conservan o /l/ (*occidentales*)<sup>237</sup> e tamén coas que fixeron do primitivo hiato un ditongo decrecente (*occidentais*). Respecto disto, paréceme significativo que estas últimas, confinadas no galego popular de mediados e finais do século XX no centro e o sur da Galicia oriental (cf. Fernández Rei 1990: 65), fosen utilizadas nos séculos XVIII e XIX por escritores occidentais como Diego Cernadas (cf. Mariño Paz 2004: 183), como o autor das cincuenta décimas dirixidas contra este mesmo clérigo ou como o compostelán Vicente de Turnes (cf. Fernández Salgado 2017: 102-103), o que ao meu modo de ver apunta a que esta modalidade de plural tamén se empregou na oralidade popular destas zonas nun pasado non demasiado remoto<sup>238</sup>. Igualmente, paréceme revelador e seguramente indicador dunha certa antigüidade desta variante do plural na Galicia occidental que un topónimo como (*Os*) *Casais* se rexistre en varios concellos do oeste da actual provincia da Coruña (Cabana de Bergantiños, Carballo, Mazaricos, Outes, Tordoia, Val do Dubra, Vimianzo), outro como *Novais* en Ames e Val do Dubra e outro como *Os Currais* en Santiago de Compostela e Zas (cf. TONG; Boullón Agrelo 2015: 64).

É probábel, por tanto, que esta situación de variación, con preponderancia das solucións con asimilación e crase (*cardeás, prencipás...*) e coexistencia minoritaria das outras alternativas, fose ben coñecida por Lobariñas, seguramente por se dar no seu tempo tanto por terras de Crecente coma noutras comarcas galegas, entre elas a da Compostela en que durante meses tivo que permanecer obrigado pola Inquisición, precisamente na tempada en que fixo o traslado da obra que escribira Rui Vasques. Así mesmo, unha situación de variación próxima a esta debía de darse tamén nas terras portuguesas veciñas de Crecente, mais con presumíbel predominio das variantes terminadas en *-is*. Cara a isto apunta o feito de que entre finais do

<sup>237</sup> De feito, n'*A contenda* caldelá de 1671, ben próxima no espazo e mais no tempo a Lobariñas, afloran nas intervencións dos galegos *raís* 'reais' e *manteles* (cf. Lorenzo 2019: 26), mentres que ao fidalgo portugués lle lemos *papeis* (cf. Mariño Paz 1997a: 11). Semellante a este é o testemuño do *Diálogo de Alberte e Bieito* (ca. 1595-1596), onde alternan *barrís, pichés, tonés, sutís* e *cas* 'cales' con *fieles* e *lebreles* (cf. Álvarez Rodríguez Montederramo 2002: 263).

<sup>238</sup> Concorda con esta apreciación Fernández Salgado (2017: 103).

século XIX e principios do XX Leite de Vasconcellos (1928: 321) recollese, xunto a outros con subtracción da consoante lateral, plurais como *cereales*, *lençoles* e *mandiles* en Castro Laboreiro e na Cividade, dous lugares do concello de Melgaço. É igualmente revelador que Santos (1964-65: 231) detectase tamén estes plurais por toda a fronteira trasmontana aínda en 1959 e 1960, coa interesante particularidade de que recibiu noticias de que antigamente “eram os mais vulgares para os nomes terminados em *l*”. Por tanto, parece sensato concluír que a variación que para esta variábel observamos no manuscrito V pode estar inspirada na propia variación que a respecto dela se debía de dar no tempo de Gregorio de Lobarriñas tanto no seu Crecente natal coma en Melgaço e na súa contorna.

	C	V
I. POLISÍLABOS AGUDOS	cardenaes (5.4 -2 v.-), cardeaes (5.4 -4 v.-), cardeaes (5.6), cardeaes (6.5), cardeas (6.5 -4 v.-, 6.15), cardeas (5.1, 6.15)	cardeas (5.4 -2 v.-), cardeas (5.4 -4 v.-), cardeás (5.6), cardias (6.5), cardeas (6.5 -4 v.- 6.15), cardeas (5.1, 6.15)
	fiees (6.3), fiees (5.4), fiees (6.6)	fies (6.3), fieles (5.4), fiés (6.6)
	gentiis (2.1, 2.2)	gentis (2.1, 2.1)
	infieés (2.9), infiees (5.6)	ynfies (2.9), ynfies (5.6)
	ocidentaes (6.5) ocidentales (5.4)	ocidentais (6.5) ocidentales (5.4)
	oficeaes (6.12)	oficeas (6.12)
	príncipes (4.7), príncipes (4.13)	principais (4.7), prencipás (4.13)
	provenciaes (5.4)	prouinciales (5.4)
2. MONOSÍLABOS	males (5.3)	males (5.3)
	quaes (2.8, 2.9 -2 v.-, 5.6, 6.3, 6.8, 6.12), quaes (2.1, 5.6), quaes (2.10 -2 v.-, 4.2, 6.5, 6.12 -2 v.-), quaes (1.3, 2.3), quaes (6.2)	quais (2.8, 2.9 -2 v.-, 5.6, 6.3, 6.8, 6.12), cais (2.1, 5.6), quais (2.10 -2 v.-, 4.2, 6.5, 6.12 -2 v.-), cais (1.3, 2.3), cales (6.2)
	villes (5.2)	viles (5.2)

Táboa 2. Formación do plural dos nomes e pronomes polisílabos agudos ou monosílabos acabados en //l/ no singular.

Polo contrario, non estou tan seguro de que a case absoluta constancia con que optou polo monosílabo *quais* ou *cais* se correspondese con idéntico uso constante ou tan maioritario na lingua popular de Crecente e doutros puntos da Galicia central e occidental

daquel tempo, en que talvez correse moito tamén a alternativa *cas* ou *quas*, rexistrada en fontes do XVI, do XVII, do XVIII e de principios do XIX xunto con *tas*, plural de *tal*, e *mas*, plural de *mal* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 263; Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 300; Fernández Salgado 2017: 102; Mariño Paz 2003: 170; Mariño Paz 2004: 184; Souto Cabo 2007: 207). Con todo, a ocorrencia de *quais* nunha carta remitida ao señor de Gondomar desde Baiona en 1603 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 289) invita a conxecturar un escenario de variación entre *quais* ou *cais* e *quas* ou *cas* por todo aquel treito pontevedrés do Miño durante o século XVII, con porcentaxes de uso para ambas as formas de plural talvez non demasiado desemeillantes. Ademais, cómpre lembralo, o uso popular do veciño Melgaço operaría tamén como instigador do frecuente emprego de *quais* e *cais* en V.

En *males* (V, 5.3) e *viles* (V, 5.2) non houbo alteración da solución de C, que quizais era frecuente e incluso estaría en fase expansiva en moitas variedades diatópicas do galego nas primeiras décadas do XVII.

### I.1.3. LIGADURA DA PREPOSICIÓN CON CO ARTIGO DETERMINADO FEMININO, CO ARTIGO *EL*, COS PRONOMES PERSOAIS DE TERCEIRA PERSOA E COS DEMOSTRATIVOS

A ligadura da preposición *con* co artigo *lo* nas fontes escritas da Idade Media presenta unha enorme variación. Non é este un lugar apropiado para expoñela. Polo contrario, o que si interesa nesta presentación é subliñar que, se no encontro de *con* co artigo determinado masculino e co artigo indeterminado Lobarriñas se mostrou pouco intervencionista coas formas nunca aglutinadas que atopou en C, na ligadura de *con* co artigo determinado feminino actuou con determinación modernizadora, pois optou sempre por unha solución moi rara no galego medieval (cf. TMILG): *coa*, ben con unión, ben con separación gráfica entre as dúas sílabas da contracción (véxase a Táboa 3). Esta é precisamente a solución que para o galego oral do noso tempo mostra o ALGa 2 (mapa 204) en puntos próximos a Crecente como Padrenda, A Caniza, O Porriño e Mondariz e, en variación con *ca*, tamén en Salvaterra de Miño e Ramirás. Ben é

certo que o mesmo mapa rexistra *ca* como única forma empregada na veciña Arbo. Á vista disto, non se pode deixar de considerar moi significativo que en cartas ao señor de Gondomar de 1603 e 1605 se lean, respectivamente, *coas* e *coa* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 272), ou que *coa* se utilice tamén n'*A contenda dos labradores de Caldelas* de 1671 tanto en boca de galegos coma nas intervencións de portugueses (cf. Mariño Paz 1997a: IV, 2v, 3r, 3v), mentres que, dada a inconcreción da súa localización espacial, se reviste de menos interese a presenza tamén de *coa* e non *ca* na *Canción galega en loor de don Diego das Mariñas Parragués*, escrita por volta de 1594 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2003: 293). A terras non demasiado distantes de Crecente –noroeste ourensán, suroeste lugués, sueste pontevedrés (cf. Souto Cabo 2007: 188)– apunta tamén o testemuño da *Historia de don Servando*, na que o habitual é igualmente *coa(s)* (cf. Souto Cabo 2007: 205-206, 278).

Para o encontro da preposición *con* co pronome persoal de terceira persoa, *co el* e *cu el* son as variantes que o ALGa 2 (mapa 165) amosa consistentemente para o galego de hoxe en toda a área en que está enclavado Crecente, polo sur da provincia de Pontevedra e o oeste da de Ourense. Como expoño na Táboa 3, Lobarriñas cambiou para *co ele(s)* ou *co elas* 9 dos 10 casos de *con el(es)* ou *con elas* de C, dando por tanto un testemuño inequívoco de que esta solución, impropia do galego escrito medieval, era para el a máis familiar<sup>239</sup>. Esta é tamén a opción que se detecta en dúas cartas a Diego Sarmiento de Acuña, señor de Gondomar, datadas en 1605, en que se len *coela* e *coeles* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 272). É igualmente *co eles* o que vemos n'*A contenda* de 1671 (cf. Mariño Paz 1997a: 2v) e, na *Historia de don Servando*, *coela(s)* e *coiles* (cf. Souto Cabo 2007: 213, 279).

Finalmente, repárese na Táboa 3 en que Lobarriñas tamén practicou este tipo de ligadura co demostrativo *aquela*, mentres que o obviou con *estas*. É significativo, por tanto, que *coeste* se rexistre

<sup>239</sup> Véxase na Táboa 3 que tamén cambiou para *co el rei* un dos sete rexistros de *con el rei* que aparecen en C, estendendo ocasionalmente ao encontro de *con* con este artigo a práctica que adoitou adoptar ante a súa ligadura con pronome persoal de P3.

nunha carta ao señor de Gondomar datada en 1603 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 272), *co esta n'A contenda*<sup>240</sup> (cf. Mariño Paz 1997a: 3v), *coestas e coaquel* na *Historia de don Seruando* (cf. Souto Cabo 2007: 216, 279) e *coesa* na devandita canción a don Diego das Mariñas, de localización moito máis imprecisa (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2003: 267).

	C	V
CON + ARTIGO DETERMINADO	<i>con o</i> (4.6), <i>con o</i> (6.13), <i>con os</i> (2.8), <i>con os</i> (4.10) <i>com o</i> (6.15), <i>con o</i> (4.6, 4.12), <i>con o</i> (4.12, 6.2), <i>con os</i> (6.13, 6.14) <i>con a</i> (4.2, 4.10, 6.3, 6.7), <i>con a</i> (5.4), <i>con as</i> (6.7)	<i>cô</i> (4.6), <i>co o</i> (6.13), <i>cos</i> (2.8), <i>co os</i> (4.10) <i>con o</i> (6.15), <i>con o</i> (4.6, 4.12), <i>cono</i> (4.12, 6.2), <i>conos</i> (6.13, 6.14) <i>co a</i> (4.2 <sup>241</sup> , 4.10, 6.3, 6.7), <i>coa</i> (5.4), <i>co as</i> (6.7)
CON + ARTIGO INDETERMINADO	<i>con hũu</i> (4.2, 6.10), <i>con hũu</i> (4.7), <i>con hũa</i> (4.7), <i>con hũa</i> (6.8)	<i>con un</i> (4.2, 6.10), <i>con vn</i> (4.7), <i>con una</i> (4.7), <i>con una</i> (6.8)
CON + ARTIGO EL	<i>con el rei</i> (4.12) <i>con el rei</i> (4.7), <i>con el rei</i> (4.8), <i>con el rei</i> (6.1, 6.2, 6.13), <i>con el rei</i> (6.12)	<i>co el rei</i> (4.12) <i>con el rei</i> (4.7), <i>con el rei</i> (4.8), <i>con el rey</i> (6.1, 6.2, 6.13), <i>con el rey</i> (6.12) <sup>242</sup>
CON + PRONOME PERSOAL DE P3	<i>con el</i> (2.1), <i>con el</i> (4.2, 6.13), <i>con el</i> (4.7) <i>con elles</i> (2.10, 6.13 -2 v.-), <i>con eles</i> (6.8) <i>con ellas</i> (6.1) <i>con el</i> (4.9)	<i>coele</i> (2.1, 4.2, 6.13), <i>coele</i> (4.7) <i>co eles</i> (2.10, 6.13 -2 v.-), <i>co eles</i> (6.8) <i>co elas</i> (6.1) <i>con ele</i> (4.9)
CON + DEMOSTRATIVO	<i>con aquela</i> (4.7) <i>con estas armas</i> (4.7)	<i>co aquela</i> (4.7) <i>con estas armas</i> (4.7)

Táboa 3. Ligaduras da preposición *con*.

<sup>240</sup> Con *co iço* na intervención dunha muller portuguesa (cf. Mariño Paz 1997a: 3r).

<sup>241</sup> Tamén “co as” (V, 4.3), sen correspondencia en C.

<sup>242</sup> Tampouco adoptou a variante *co el* nestoutro caso, en que transformou un pronome persoal *el* en artigo: “Et despois el rei Veremundo veeo à eglleja de Santiago et veeo **con el** o bispo don Pedro, et reparou moi ben a dita eglleja et cibdade” (C, 4.12) → “E despois el rey Bermudo ven a eygreje de Santiago **con el** obispo don Pedro e reparou mui ben a dita eygreje e cidade” (V, 4.12).

## I.1.4. CLÍTICO COMPLEMENTO DIRECTO DE P6 VERBAIS

No manuscrito catrocentista de Rui Vasques as P6 verbais seguidas dun clítico complemento directo amosan a asimilación dilatoria habida entre a consoante nasal con que finaliza a forma verbal e a consoante lateral alveolar inicial do pronome: *ajudáronlo* > *ajudáronno*. A primeira destas dúas consoantes nasais represéntase nese manuscrito mediante o trazo xeral abreviativo. Lobarriñas reduciu sempre a <n> estas secuencias:

*ajudarono* (C, 4.12) → *ajudarono* (V, 4.12)  
*começaronno* (C, 4.2) → *começaronno* (V, 4.2)  
*combateronno* (C, 6.13) → *combaterono* (V, 6.13)  
*Fezeronno* (C, 4.2) → *Fezerono* (V, 4.2)

Esta era non só a solución propia da maioría das variedades diatópicas do galego a finais do século XX, senón tamén a da área de Crecen-te, aínda que na veciña Caniza se utilizaba en variación con *-nno(s)/-nna(s)*: *colléronol/colléronno* (cf. ALGa 2, mapa 171). Consonte o mesmo mapa, en puntos próximos do sur da provincia de Pontevedra e do suroeste da de Ourense *collérono* (con /n/) tamén se usa actualmente en variación con *collérono* (con /ŋ/), mais esta variante con consoante nasal velar pódese igualmente corresponder na escrita cun signo gráfico simple <n>, que é tanto a opción de Lobarriñas coma a que se ve de forma constante nas outras fontes do galego medio.

Por todo o dito, é moi verosímil que esta intervención modernizadora de V se resolvese tamén coa adopción da variante propia do xeolecto da terra natal do seu responsábel.

## I.1.5. INTERPOLACIÓN DE ELEMENTOS ENTRE O CLÍTICO PREVERBAL E O VERBO

Estas disposicións sintácticas, que acadaron nos nosos textos medievais un abundante emprego en estruturas con interposición de elementos tipoloxicamente diversos, entraron no galego medio nun proceso de retirada que aínda progresou desde o século XIX ata a actualidade (cf. Sánchez Rei 1999, 2016). Ora ben, como pode verse

na Táboa 4, Gregorio Lobaríñas conservou nada menos que seis dos dez casos que presentaban estas interpolacións no manuscrito C, mentres que só en catro deles modificou o texto para situar o clítico inmediatamente antes do verbo. Obsérvase que os elementos que mantiveron a interpolación no seu traslado a V responden ás tipoloxías máis comúns para os escasos rexistros que presentan estas disposicións sintácticas nas fontes daquel tempo, é dicir, representan as tipoloxías que máis se resistiron á extinción destas construcións: unha frase nominal suxeito (*Deus*), un pronome persoal suxeito (*el*) e un adverbio (*ansi e*, sobre todo, *non*), case sempre con *non* máis de unha palabra entre o clítico e o verbo. Especialmente revelador da produtividade que este recurso retiña na primeira metade da décimo sétima centuria se torna o feito de que Lobaríñas crease unha estrutura con interpolación de *non* nun contexto en que non había clítico en C: “dos **que non saben** nen creen ja **que** fose obispado” (C, 1.2) → “dos **que o non sauen** nen creen ja que fosse bispado” (V, 1.2). Así e todo, tamén é certo que tres dos catro casos en que o noso clérigo interveu para colocar o clítico inmediatamente antes do verbo conteñen igualmente un adverbio (*logo*, *asi*, *non*) e só nunha ocasión o que desprazou foi unha estrutura máis complexa: unha frase preposicional complemento axente (*pola gracia de Deus*).

	C	V
SUPRESIÓN DA INTERPOLACIÓN	<p>Et entonces o santo obispo o tomou por los cornos, <b>os quaes lle logo ficaron</b> <i>ernas</i> mãos (4.2)</p> <p>preguntou cuja era <i>aquella</i> cassa et <i>aquel</i> lugar <b>en que lle asi morreran</b> <i>quantos consigo</i> tragia (4.12)</p> <p>ca <i>enton</i> a Egleja de Roma avia en odio a Egleja de <i>Santiago</i>, <b>porque lle non obedescia</b> tanto como devia (5.4)</p> <p>Et <i>porque</i> a <i>santa</i> Egleja de Compostella, <b>que lle porla graça de Deus fora encomendada</b>, fora por gran tempo desolada de pastor... (6.8)</p>	<p>Y entonces o santo bispo o tomou po los cornos, <b>os quais lle ficaron logo</b> nas mans (4.2)</p> <p>preguntou cuja era aquela cassa y aquele lugar <b>en que asi lle morreran</b> cantos consigo tragia (4.12)</p> <p>ca <i>enton</i> a Eygreje de Roma auia en odio a de Santiago <b>porque non lle obedecia</b> tanto como deuia (5.4)</p> <p>E <i>porque</i> a <i>santa</i> Yglesia de Compostela, <b>que lle fora pola gracia de Deus encomendada</b>, fora por gran tempo disolada de pastor... (6.8)</p>

<p>CONSERVACIÓN DA INTERPOLACIÓN</p>	<p>mais foi atormentado <i>em</i>nas grandes febres et dolores <b>que lle Deus dou</b> (2.5) totalas cousas <b>que lle el mandava fazer</b> (2.5) levantouse mui de manãa aquel día <b>que o asi avian de lançar</b> ao touro (4.2) Et avia dez anos <b>que lles non pagaran</b> as parias (4.7) <b>por que</b> de <i>aqui</i> en diante por tal ocasion a eglleja de Compostella <b>se non destruia</b> (5.6) <b>por que a non fezesen</b> falssa (6.12)</p>	<p>mais foi atormentado nas grandes febres e dolores <b>que lle Deus deu</b> (2.5) toudalas cousas <b>que lle el mandava fazer</b> (2.5) leuantouse mui de mañan aquel día <b>que o ansi auian de lanzar</b> ô touro (4.2) e auia dez años <b>que lles non pagaran</b> as pareas (4.7) <b>por que</b> d'aqui en diante por tal acaison a eygreje de Compostella <b>se non destruya</b> (5.6) <b>por que a non fecesen</b> falsa (6.12)</p>
<p>CREACIÓN DA INTERPOLACIÓN</p>	<p><i>querendo</i> a algũu tanto tornar à memoria <b>dos que non saben nen</b> creen ja <i>que</i> fose obispado (1.2)</p>	<p><i>querendo</i> a algun tanto tornar á mamorea <b>dos que o non sauen nen</b> creen ja que fosse bispado (1.2)</p>

Táboa 4. Supresión, conservación e creación de estruturas sintácticas con interpolación.

Contamos con algunhas referencias coas que podemos especular sobre o posíbel uso destas dúas variantes construtivas no Crecente das primeiras décadas do século XVII. O ALGA 2 (mapas 193 e 194) mostra que en variedades conservadoras de lugares non demasiado distantes desa vila aínda se usaban hai unhas décadas secuencias sintácticas coma as visíbeis en *mira que te non esquezas, cantas veces me non teño lembrado de ti!, eu tampouco lle non podó, tamén lle non podó* ou *por iso che eu digo*, a miúdo alternando con aquelas que sitúan o clítico xusto antes do verbo. Ademais, nunha carta remitida ao señor de Gondomar en 1605 rexístrase un caso con interpolación do adverbio *naom* ‘non’: “e se naom *que llos naom prestem*” (Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 288). Estas dúas referencias, unidas ao propio testemuño que nos proporciona o manuscrito elaborado por Gregorio Lobaríñas, móvenme a pensar que por volta de 1627 na oralidade das terras de Crecente debían de coexistir con vitalidade semellante a interpolación e a ausencia dela con elementos como os adverbios *non* e *así* e os pronomes persoais suxeito. En

termos moi semellantes a estes conserváronse estas estruturas sintácticas no portugués setentrional ata tempos ben recentes (cf. Sánchez Rei 2021: 381-391).

Por todo isto, creo que o conxunto das supresións, conservacións e creacións de V en relación con esta variábel se debían de corresponder con bastante fidelidade coa súa marcha evolutiva no dialecto natal de don Gregorio entre finais do século XVI e principios do XVII.

#### 1.1.6. MORFOLOXÍA VERBAL

Modernizadora e con moi probábel acomodación ao uso de Crecente é a intervención consistente en mudar para *-che* a desinencia número-persoal *-ste* da P2 do pretérito de indicativo que levou dos **amaste** (5.6), **enviaste** (5.6) e **onraste** (5.6) de C para os **amache** (5.6), **imbiache** (5.6) e **honrrache** (5.6) de V. Se as fontes para o estudo do galego medio revelan un uso desta innovación moi estendido polo centro e o occidente de Galicia entre os séculos XVI e XVIII<sup>243</sup>, o ALGa 1 (mapa 7) pon de manifesto que por volta de 1975 esas variantes seguían a usarse, xunto coas alternativas con desinencia *-ches*, por toda a comarca en que se sitúa Crecente. Tamén nos resultan de moito valor nesta pescuda certos datos recolectados por Leite de Vasconcellos, que entre finais do XIX e principios do XX detectou o uso desta desinencia (*foche*, *sandache*, *traballache*, *trouceche*, *vieche*...) en Melgaço e Parada do Monte, localidades portuguesas veciñas de Crecente (cf. Vasconcellos 1928: 170, 171, 305, 323, 328; Sánchez Rei 2021: 293-294).

No ámbito da morfoloxía verbal irregular presento a seguir as intervencións de Lobariñas que me parecen dignas de mención por revelaren, se se teñen en conta as referencias que ofrecen as fontes do

<sup>243</sup> Concretamente, en textos temporalmente próximos desta *Historia de Yria* vemos tres rexistros de *-che* nos sonetos de Gómez Tonel e Vázquez Neira de 1612 e unha ocorrencia da mesma desinencia en alternancia con dúas de *-ste* no *Diálogo de Alberte e Bieito* (ca. 1595-1596) (cf. Mariño Paz 2015: 107).

galego medio e o Atlas Lingüístico Galego, que se trata de escollas modernizadoras a prol dunha variante probabelmente propia nas primeiras décadas do século XVII da variedade xeolectal da súa comarca natal e de residencia habitual durante moitos anos.

Na P6 do presente de indicativo de *decer*, *dicer* ou *decir* cambiou os **dizen** (1.3, 2.8, 4.3, 4.10, 6.8) de C para **din**, mais mantivo as variantes conservadoras **dize** (1.3), **diz** (2.1, 2.8) e **dizen** (4.7), que en V son **diz** (1.3), **diz** (2.1, 2.8) e **dicen** (4.7). O ALGa 1 (mapa 234) mostra uso alternante de *din* e *dicen* en lugares moi próximos a Crecente como Mondariz e Pontearas. Por outra parte, o *Diálogo de Alberte e Bieito* de entre 1595 e 1596 contén dous rexistros de *din* que nos fan presumir que esta innovación, cuxo primeiro testemuño data de arredor de 1536, tamén se empregaba na cidade de Pontevedra e na súa contorna ao final do século XVI (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 269; Mariño Paz 2019b: 99, 101, 106), mentres que na *Historia de don Servando* de entre 1625 e 1635 detectamos tres ocorrencias de *din* entre 18 de *diz*, *dize* ou *dizen* (cf. Souto Cabo 2007: 288) que nos moven a concluír o mesmo sobre as terras do suroeste lugués, o noroeste ourensán e a rexión pontevedresa veciña. A estes datos podemos engadir agora os da *Historia de Yria* para o Crecente da década de 1620. Creo, por tanto, que esta innovación debía de coexistir daquela por toda a banda norte do treito final do Miño coa variante conservadora, que é precisamente a que lemos nunha carta enviada ao señor de Gondomar no ano 1604 en que os trazos do galego miñoto se mesturan con outros da Galicia central e oriental, onde a súa remitente residiu durante unha parte da súa vida (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 251, 275).

Nos tempos do tema de perfecto deste mesmo verbo Lobarriñas practicou sistematicamente un cambio do lexema *dis-* por *dix-* ou *dij-*, con palatalización da súa consoante final. Así, onde en C lemos **disso** (4.9), **diso** (2.10, 4.5, 4.7, 4.9, 4.10, 4.12, 5.1, 5.3, 6.5 -2 v.-, 6.12, 6.13 -2 v.-), **maldiso** (4.10), **maldiso** (6.12), **diseron** (5.1, 6.13), **diseron** (4.12), **disera** (4.2) e **disera** (6.5 -2 v.), en V topamos con **dixo** (4.9), **dixo** (2.10, 4.5, 4.7, 4.9, 4.10, 4.12, 5.1, 5.3, 6.5 -2 v.-, 6.12, 6.13 -2 v.-), **maldixo** (4.10), **maldijo** (6.12), **dixeron** (5.1, 6.13),

**dix[e]r[o]n**<sup>244</sup> (4.12), **dixer[a]** (4.2) e **dixera** (6.5 -2 v.-). O ALGa I (mapas 237, 240) mostra o actual uso deste lexema na zona de Crecente, como tamén en case toda Galicia. Así mesmo, é esta a variante empregada nunha carta escrita na vila de Gondomar en 1605 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 275) e, ademais, a única que se rexistra nas fontes do galego medio que se recompilaron no recurso denominado tamén Gondomar e tamén na *Historia de don Servando* (ca. 1625-1637) (cf. Souto Cabo 2007: 225, 289).

Non sistemática, mais si considerábel, é a tendencia para a modernización das formas do tema de perfecto de *querer*, xa que **quiso** (C, 4.8) pasou para **quixo**, **quiseron** (C, 2.1) e **quiseran** (C, 5.4) para **quixeron** e **quisesen** (C, 4.3) para **quixesen**, mentres que non se alteraron catro ocorrencias de **quiso** (C e V, 2.5, 6.2 -2 v.-, 6.13). Foi a variante con consoante palatal a única que se empregou en cartas ao señor de Gondomar de 1604 e 1605 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 296), a única que se utilizou na *Historia de don Servando* de entre 1625 e 1635 (cf. Souto Cabo 2007: 230), a única que devolven os recursos TILG e Gondomar para o galego medio<sup>245</sup> e mais a que o ALGa I (mapas, 340, 341, 344) indica como propia de Crecente e da maior parte de Galicia hai unhas décadas<sup>246</sup>.

Polo contrario, o manuscrito depositado na Biblioteca Apostólica Vaticana revela un proceso de cambio moito menos adiantado co tema de perfecto do verbo *facere*. En efecto, coa inmensa maioría das numerosas formas del que se usaron en C ou non se practicou cambio ningún, de modo que *fez-* permaneceu como *fez-*, ou ben se practicou un cambio que para Lobariñas sería meramente gráfico, de forma que **fezo** pasou para **feço** (C e V, 2.4, 2.7, 2.8...), **fezeron** para **feceron** (C e V, 2.2, 4.2), **fezera** para **fecera** (C e V, 6.3, 6.10),

<sup>244</sup> No manuscrito lese *dixoren*, con intercambio entre a vogal temática e a vogal da desinencia.

<sup>245</sup> N'A *contenda* de 1671 o morgado portugués si usa formas con este lexema: *quiser* e *quisermos* (cf. Mariño Paz 1997a: 11).

<sup>246</sup> Así mesmo, foi o lexema con consoante palatal *quij-* o que Leite de Vasconcellos (1928: 62, 69, 197, 217, 318, 323, 325, 328) detectou ao final do século XIX no portugués setentrional de Melgaço, Ponte de Lima e Guimarães, entre outros lugares. Esta variante con consoante palatal era aínda moi frecuente nos falares fronteirizos de Trás-os-Montes á altura de 1959 e 1960 (cf. Santos 1964-65: 236).

**fezesen** para **fecesen** (C e V, 4.7, 6.12), etc. Hai, con todo, seis excepcións que exhiben catro lexemas diferentes: 1) *fez*: **fezo** (C, 4.3) pasou para **fez** (V, 4.3), con apócope, forma xa frecuente na Idade Media que contén o mesmo lexema ca a maioría das aquí rexistradas<sup>247</sup>; 2) *fic-* ou *fiç-*: **fezo** (C, 4.3) cambiou para **fiço** (V, 4.3), **fezeron** (C, 2.9) para **ficeron** (V, 2.9) e **fezera** (C, 2.3) para **fiçera** (V, 2.3); 3) *fex-*: **fezo** (C, 4.11) mudou en **fexo** (V, 4.11); e 4) *fix-*: **hedificou** (C, 2.3) substituíuse por **fixo** (V, 2.3)<sup>248</sup>. Canto a isto, resulta orientativo que, mentres que o pontevedrés *Diálogo de Alberte e Bieito* (ca. 1595-1596) presenta *fijo*, *figeron* e *figera* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 269) e *n'A contenda* (1671) unha portuguesa di *fes* e un galego *fijemos* (cf. Mariño Paz 1997a: 3r e 2v, respectivamente), a *Canción galega en loor de don Diego das Mariñas Parragués*, de arredor de 1594, aínda contén *feço* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2003: 271) e a *Historia de don Servando* (ca. 1625-1635) ignora por completo as solucións con consoante prepalatal na raíz (cf. Souto Cabo 2007: 226). Non menos esclarecedores do comportamento de Lobaríñas resultan os datos da correspondencia remitida ao señor de Gondomar desde terras do Baixo Miño poucos anos antes de que el escribise o manuscrito V, pois nesas cartas lemos dous *fes* (1603), un *fezeron* (1605), dous *fizo* (1596), un *fizeron* (1605), dous *fijera* (1598, 1604) e un *fixese* (1605) (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 280). Coido, en fin, que esta variación entre formas conservadoras e innovadoras para este lexema verbal, con preferencia polas primeiras, debía de ser dar por aqueles anos tamén unhas

<sup>247</sup> Lobaríñas transformou “Et fezo os ditos mosteiros” (C, 4.3) en “E fez os ditos mosteiros” (V, 4.3). En principio, cabería a posibilidade de que se tratase dun caso de elisión do <-o> final de *fezo* por contacto co <-o> inicial de *os*, mais creo que isto é improbable porque en V as soldaduras de palabras debidas a elisión vocálica se marcan cunha inmediatez entre as unidades afectadas que neste caso non se dá: cf. *anteles* (fl. 7v), *contreles* (fl. 2r), *desdá torre* (fl. 1r), *desdó deluio* (fl. 1r), *paras Estureas* (fl. 6r), *sobreles* (fl. 7r), etc.

<sup>248</sup> “Et quando o dito rei Miro foi asentado emna posison do dito lugar [...], **hedificou** emno dito lugar de Illa hũa eglleja a seruiço de Deus et aa onra de San *Martino* et de *Santa Elolia*” de C correspóndese en V con “Cando o dito rei Miro foi asentado na posison do dito lugar de Yria, **fixo** eygreje a seruiçio de Deus e a onra de San *Martiño* e de *Santa Olaya*”.

leguas ao leste de Gondomar, pois a isto precisamente apunta o noso manuscrito da Biblioteca Vaticana<sup>249</sup>.

Algo parecido acontece co tema de perfecto de *pór*, en que hai preponderancia da conservación da única variante utilizada en C (*pos-*), con pouco espazo para as innovacións con elevación da vogal radical (*pus-*) ou con elevación da vogal radical e palatalización da consoante posterior (*pux-*). Conservación témola na mudanza de **poseran** (C, 6.10) en **poseron** (V, 6.10)<sup>250</sup> e mais nos casos de **poso** (C e V, 4.7, 4.8, 6.6, 6.10 -2 v.-, 6.15 -2 v.-) e **proposo** (C e V, 4.11, 6.5), aos que cómpre sumar aqueles en que só houbo cambio gráfico entre <s> e <ss>: **posso** (C, 4.7) → **poso** (V, 4.7), **poso** (C, 5.2) → **posso** (V, 5.2). Tamén houbo selección da variante máis conservadora en **poso** (V, 4.13) e mais en **composo** (V, 6.16), que non teñen correspondencia en C porque foron escritas autonomamente por Lobarriñas. A innovación *pus-* só comparece unha vez nunha P3 (**poso**, C, 5.1 → **puso**, V, 5.1), ao paso que de *pux-* non se rexistran máis ca dúas ocorrencias: **poseron** (C, 4.2) → **puxeran** (V, 4.2) e **poseron** (C, 6.5) → **puxeron** (V, 6.5). Non falta tampouco unha probábel pseudogaleguización (cf. 4.2.3) por introdución impropia do ditongo /ou/ en **posou** (V, 6.12), que se corresponde en C con **poso** (6.12). Para o estado de variación deste lexema a correspondencia remitida ao señor de Gondomar préstanos pouco auxilio, pois só nos achega unha forma de antepretérito, a innovadora *pujera* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 293), e tampouco nos serve de moita axuda *A contenda*, na que só vemos un *pus* no parlamento dunha moza portuguesa (cf. Mariño Paz 1997a: 3f). Mais estes dous datos cobran valor se os unimos ao que proporciona a *Canción galega en loor de don Diego das Mariñas Parragués*, escrita tamén en vida de Gregorio Lobarriñas (ca. 1594), pois nela comparece

<sup>249</sup> Por volta de 1975 xa non se recadou nesta comarca ningunha forma coas raíces *fec-*, *fic-* ou *fex-* (cf. ALGa I, mapas 259-265, 269), que si perduran na actualidade en territorios orientais.

<sup>250</sup> Non se esqueza tampouco o descoído en que incorreu o transmisor do século XVII ao poñer **pasaron** (V, 6.13) onde C dicía **poseron**: “et cessaron de combater et **poseron** ende suas tendas en derredor” (C, 6.13) → “E cesaron de combater e **pasaron** ende suas tendas en derredor” (V, 6.13).

a variante conservadora *poso* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2003: 271), que xunto a outras formas sen consoante prepalatal na raíz se le tamén na *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 229). Parece moi plausíbel, por tanto, que o clérigo de Crecente estivese familiarizado con variedades xeolectais do galego con variación entre formas conservadoras e formas innovadoras para o tema de perfecto de *pór*, con predominio das primeiras. Arredor de 1975 eran raras as variantes *pus-* e *pos-* por Crecente e a súa rodeada, mais os investigadores do Atlas Lingüístico Galego aínda detectaron *puso* no Covelo (Pontevedra) e *poso* en Entrimo (Ourense) (cf. ALGa I, mapas 323-327, 331).

*Trager* era xa na Idade Media un verbo irregular cuxo tema de perfecto sigmático<sup>251</sup> tiña estendida a consoante palatal do lexema a todas as persoas e a todos os tempos. Lobariñas limitouse a trasladar sen cambios de relevancia para o que aquí nos ocupa os **trouxo** (4.4, 5.1, 6.4, 6.8), **trouxeon** (2.1, 6.3), **trouxeira**<sup>252</sup> (6.7) e **trouxeisen** (6.15) de C e modificou para **trouxo** (V, 4.2) o excepcional **trouso** (C, 4.2) do manuscrito de Rui Vasques.

En definitiva, as alteracións que Lobariñas efectuou nos cinco temas de perfecto anteriormente sinalados constituíron unha intervención de orientación modernizadora con adaptación aos usos que entón debían de ser propios da súa variedade diatópica de referencia. Ademais, estas alteracións parecen estar en sintonía co que foran e eran os ritmos con que estaba a avanzar esta mudanza morfolóxica en galego. En efecto, como ben estudou Varela Barreiro (1999), na Galicia medieval *dizer* era xa o verbo irregular que tiña máis adiantado o proceso de difusión do tema de perfecto con consoante palatal no lexema, ao paso que *fazer*, *põer*, *querer* e outros se atopaban en fases máis atrasadas. Por súa vez, o tema de perfecto con sibilante de *trager* xa na Idade Media mostraba a consoante palatal (*troux-*) en todas as persoas e tempos implicados, cunha insólita excepción, precisamente o *trouso* da *Crónica de Santa María de Iria*, que Lobariñas Feijó non deixou de alterar. Nas fontes do galego medio *decer*

<sup>251</sup> Existía tamén a variante *trouw-*.

<sup>252</sup> Esta forma pasou para **trouxeon** en V.

e as súas variantes xa exhiben xeneralizada a innovación, mentres que *pór*, *querer* e, sobre todo, *facen* presentan aínda un número non desprezábel de variantes conservadoras.

Tamén reclaman atención as intervencións de Lobariñas sobre os temas de perfecto dos verbos *estar* e *ter*. Canto ao primeiro deles, cambiou *esteveron* (C, 4.7) para *estuberon* (V, 4.7) e *estevese* (C, 4.2) para *estouese* (V, 4.2). Canto ao segundo, mantivo o lexema de C, o máis común na lingua medieval, nos casos de *tevo* (2.10, 5.2, 5.4), *retevo* (5.6) e *teveron* (2.8, 4.1, 4.2), que en V son *teuo* (2.10, 5.2, 5.4), *reteuo* ((5.6) e *teueron* (2.8, 4.1, 4.2), mais modificouno nos de *tevo* (C, 5.1), que pasou para *touo* (V, 5.1), e *tevera* (C, 5.3 -2 v.-), que nunha ocasión alterou para *touer[a]* (V, 5.3) e na outra para *toubera* (V, 5.3). Así mesmo, converteu en *touesen* (V, 5.4) un *tiinan* de C (5.4). Do meu punto de vista, trátase de actuacións que semellan reflectir unha fase de transición entre o estado de cousas propio da Idade Media e o seu estado actual nas terras de Crecente, en que o ALGa 1 (mapas 246, 247, 250, 376) amosa un uso estabilizado de (*es*) *tuv-* mais con (*es*) *tiv-* en lugares próximos da provincia de Pontevedra, mentres que de (*es*) *tev-*, (*es*) *tov-* e (*es*) *touv-* só quedan rastros en puntos diseminados moi distantes da vila natal de Lobariñas. En distintas fontes do galego medio, entre as que non faltan a correspondencia a Gondomar, *A contenda dos labradores de Caldelas* e a *Historia de don Servando*, percíbese ben o progreso que daquela estaban a experimentar os lexemas (*es*) *tuv-* e (*es*) *tov-* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 300; Lorenzo 2019: 27; Mariño Paz 2003: 247; Souto Cabo 2007: 225, 231-232).

O tema de presente de *poer* transformouse de maneira case sistemática no de *pór*, que é o que hoxe prevalece non só por Crecente e a súa rodeada, senón en xeral por toda a Galicia meridional, en non poucos lugares cedendo ante o avance de *poñer* (cf. ALGa 1, mapas 319-322, 328, 329, 332-334; Louredo Rodríguez 2018). Os datos de que dispoñemos para os séculos XVI, XVII e XVIII permiten conxectar con garantías que daquela *pór* estaba diatopicamente máis difundido ca hoxe e que desde logo sería a variante propia do galego meridional, como ben mostran, entre numerosos rexistros máis, os que achamos na correspondencia ao señor de Gondomar

e n' *A contenda* de 1671 (cf. Mariño Paz 2020a: 129-136). En consonancia con isto, no infinitivo don Gregorio substituíu **poer** (C, 4.11, 5.6, 6.9) por **por** (V, 4.11, 5.6, 6.9) e **poer** (C, 6.10) por **pôr** (V, 6.10), mais mantívoo unha vez: **poer** (C e V, 5.6); no xerundio pasou **poendo** (C, 6.3) para **pondo** (V, 6.3) e no copretérito, **poinan** (C, 4.10) para **puñan** (V, 4.10); no pospretérito conservou **poria** (C e V, 5.6) sen alteracións.

O imperativo **fais** (C, 4.7), de *fazer*, modificouno para **faz** (V, 4.7), evitando así unha variante xa minoritaria no galego medieval que aínda se rexistra na *Canción galega en loor de don Diego das Mariñas Parragués* (ca. 1594) (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2003: 271) mais que el debía de ignorar: “Porende confortate, et levantate et todolos *que contigo son*, et **fais** dizer missas...” → “Por ende confortate e leuantate e todolos *que contigo son* e **faz** decer misas...”. Esta forma *faz* da P2 do imperativo, que se usa tamén na coeva *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 226), fai supoñer unha idéntica na P3 do presente de indicativo, que é precisamente a que vemos nas cartas ao señor de Gondomar redactadas unhas décadas antes (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 280).

No verbo *sair* o imperativo **sal** (C, 4.7), formado pola regular apócope da vogal átona final (lat. SALĪ), modernizouno Lobariñas en **say** (V, 4.7), variante refeita sobre a P3 do presente de indicativo, onde por súa vez o *sal* (< lat. SALĪT) preponderante na Idade Media sufriu a competencia do analóxico *sae, sai* (cf. Ferreiro 1995: 60, 283). O ALGa I (mapas 163, 172) mostra *sai*, presente de indicativo e imperativo, como variante en uso no galego moderno en numerosos puntos próximos a Crecente.

En sentido inverso, tórnase significativo que Lobariñas non actuase sobre as formas do copretérito de *ir* do manuscrito C, pois os **ia** (C, 4.7), **ian** (C, 5.6) e **ian** (C, 6.5, 6.13) de Vasques quedaron en **ya** (V, 4.7), **yan** (V, 5.6) e **yan** (V, 6.5, 6.13) no papel que acabou depositado na Biblioteca Vaticana. Non podemos deixar de conectar este comportamento co feito de que, nun contexto de notorio predominio das variantes *iba, ibas, iba...*, o ALGa I (mapa 287) aínda mostra a moderna persistencia de *ía* polas terras de Crecente.

Non tan seguro, mais si moi probábel, é que poidamos soste análoga afirmación a propósito das formas con lexema *vi-* para o tema de perfecto de *viir*, que Lobarriñas tampouco tocou<sup>253</sup>: **vieron** (C e V, 4.2, 4.3...), **viera** (C e V, 2.1, 2.5...), **vieste** (C e V, 2.6, 4.2...), **viesen** (C e V, 2.2, 6.7), **viesem** (C, 1.2) → **viesen** (V, 1.2). Esta variante *vi-* xa é rara nas fontes do galego medio, mais non sen excepcións tan significativas como a da *Historia de don Servando*, onde con todo é maioritaria *viñ-* (cf. Souto Cabo 2007: 233, 373). Ademais, nos nosos días o ALGa 1 (mapas 412, 414-417, 419) aínda rexistrou o uso de *vieste*, *viera*, *vieste*... en Camposancos (A Guarda), a unha discreta distancia de Crecente en dirección oeste<sup>254</sup>. Do meu punto de vista, a conxunción dos testemuños do manuscrito V, da *Historia de don Servando* e do ALGa torna moi probábel que no primeiro terzo do século XVII *vi-* fose un lexema moi vivo no galego meridional falado desde o extremo occidental ata o interior ourensán.

Moita prudencia esixe tamén o observábel no conxunto das formas do tema de presente de *trager*, que Lobarriñas non alterou: **trager** (C e V, 4.11), **tragido** (C e V, 1.2, 1.3), **tragia** (C e V, 4.9 -3 v.-, 4.12), **tragian** (C e V, 4.9). *Trager* foi tamén a forma pola que el optou ao interpretar erroneamente o *traer* ‘atraizoar’ que utilizara Rui Vasques, de tal forma que pasou “Et alguus seus inimigos por zelo de envidia disseron a el rei *que el que queria traer* o reino de Galiza, et o *queria tirar a el rei et darllo...*” (C, 5.1) para “Y alguns seus anamigos por celo da embeja dixeron al rey que ele queria **trager** o reino de Galicea

<sup>253</sup> Coherente con esta práctica é a súa selección da variante *vieron* cando decidiu corrixir un erro de redacción de C pasando “**vieron** moytas naves de normanos...” (4.10) para “**vieron** muitas naves de normanos...” (V, 4.10). Sobre esta corrección véxase máis arriba a reflexión de Souto Cabo (\*\*).

<sup>254</sup> Ora ben, se do lado galego aínda se utilizaban hai uns cincuenta anos variantes do tema de perfecto deste verbo sen xeración de consoante nasal palatal, en terras de Portugal situadas ao pé da fronteira miñota ou non moi lonxe dela como Melgaço, Parada do Monte, Monção, Barcelos ou Guimarães rexistrou Leite de Vasconcellos (1928: 162, 171, 218, 306, 326, 328, 393, 399-400) entre os séculos XIX e XX *binheche*, *binhestes*, *binheron* ou *binhera*. O mesmo lexema ofúno tamén nos concellos trasmontanos de Vinhais, Bragança e Valpaços (Vasconcellos 1985: 70, 119, 126, 132, 146, 154, 162, 195) e en 1959 e 1960 Santos (1964-65: 238) detectou que o seu uso aínda era frecuente nos falares fronteirizos desas terras ata a zona de Miranda do Douro.

y o quería tirar ao rei e dalo...” (V, 5.1). Como en V se empregan constantemente <gue> e <gui> para representar a consoante oclusiva velar sonora ante vogal palatal (**guerra**, 2.2; **siguientes**, 4.3; **persigui-ron**, 2.2; **guisa**, 4.2; etc.) e <ge> e <gi> para a fricativa prepalatal xorda no mesmo contexto (**Virgen**, 1.1; **eygrege**, 2.3; **Egito**, 1.3 -2 v.-; etc.), creo que debemos ler as devanditas formas de *trager* con fricativa prepalatal xorda, e non coma se fosen variantes gráficas de *traquer*, que é a solución máis documentada nas fontes do galego medio e de principios do XIX (cf. Bestilleiro Bello 2002: 149-162). Quere isto dicir que a variante con fricativa prepalatal, maioritaria na lingua medieval, perduraba no galego de Crecente, con probábel realización xorda, no tempo de Gregorio Lobarfiñas? Carezo de datos que me permitan aseguralo e o feito de que o ALGa 1 (mapas 381-385, 388, 392-396) non rexistire a perduración do lexema con consoante palatal en ningún punto do territorio opón unha pequena dificultade á aceptación desta hipótese. Así e todo, a manifesta tendencia de Lobarfiñas a modernizar a lingua de C aproximándoa dos usos do Crecente en que el naceu e viviu constitúe un indicio que torna plausíbel a idea de que /tra'ger/ ou /tra'jer/ se empregasen aínda daquela naquela comarca. Vistos á luz que proxectan estes datos de V, coído que o *tragia* do *Diálogo de Alberte e Bieito* (ca. 1595-1596) (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 301), o *tragees* da *Canción galega en loor de don Diego das Mariñas Parragués* de arredor de 1594 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2003: 301) e os *tragendo*, *tragia* e *traxia* da *Historia de don Servando* de entre 1625 e 1635 (cf. Souto Cabo 2007: 232) poden interpretarse de igual maneira. Finalmente, cabe dicir o mesmo do imperativo *traje-me*, do verbo *trazer*, que Leite de Vasconcellos (1928: 326) anotou en Melgaço a finais do século XIX ou a principios do XX, do *trajem* que se le nunha conversación entre dous camponeses de Castro Laboreiro que quen naquela altura era abade de Melgaço compuxo e lle remitiu ao eminente dialectólogo en 1903 (Vasconcellos 1928: 368) e mais do *trajer* que o mesmo Leite situou en Paços de Ferreira, un municipio situado bastante máis ao sur, non lonxe do Porto (Vasconcellos 1928: 513).

Reflexións non moi diferentes desta son as que inspira o feito de que no verbo *poder* tamén permanecesen en V o tema de perfecto

*pod*<sup>255</sup> (para o que o ALGa I –mapas 312, 313 e 316– só apunta hoxe rexistros na área asturiana) e o presente de subxuntivo **posa** (C e V, 5.6<sup>256</sup>), do que non queda rastro no galego moderno (cf. ALGa I, mapas 314 e 315) mais si comparece na intervención dun galego n’*A contenda* de 1671 (cf. Mariño Paz 1997a: 1v). Coas formas do tema de perfecto deste verbo en V cadra o *podese* dunha carta ao señor de Gondomar de 1605 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 292-293) e tamén os *podo* e *poderon* da *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 228).

#### 1.1.7. MUI OU MUITO COMO ADVERBIO MODIFICADOR DE ADXECTIVOS OU ADVERBIOS

No manuscrito elaborado por Rui Vasques o adverbio *moito* ou *muito*, cando funciona como modificador dun adxectivo ou doutro adverbio, adopta preferentemente a forma reducida *moi* ou *mui*, que é a preferida nel cando ese adxectivo ou adverbio modificado empeza por consoante, ao paso que antecedendo unha palabra iniciada por vogal as variantes plena e apocopada do adverbio se usan en proporcións semellantes (cf. Souto Cabo 2001: 204). Na Táboa 5 vese que Lobariñas tendeu a cambiar para a preponderante no galego moderno os minoritarios casos de uso da variante plena que atopou en C. Ora ben, abstívose de facelo en dúas ocasións, sen dúbida porque a forma non apocopada tampouco lle resultaba estraña neste contexto<sup>257</sup>.

<sup>255</sup> Véxanse **podo** (C e V, 6.3, 6.5), **poderon** (C e V, 6.12, 6.13), **podera** (C e V, 2.1, 6.5), etc.

<sup>256</sup> Iso si, “non creo que a **posas** alcançar” (C, 6.5) transformouse en “non creo que a **podras** acabar” (V, 6.5).

<sup>257</sup> Do meu punto de vista, na cláusula que indico a seguir o de Crecente interpretou erroneamente o sentido de C, de tal forma que o que neste manuscrito catrocentista era un *mal* adverbio pasou a ser en V un *mal* substantivo: “Este non foi bõ rei **ca usou moito mal**” (C, 2.7) → “Este non foi bõ rey, **causou moito mal**” (V, 2.7). Creio que a disposición material do que Lobariñas escribiu nesta pasaxe de V presenta a lectura que propono na miña edición como a máis verosímil. Por tanto, este caso non o podemos computar xunto cos outros dous en que *muito* si se mantivo ante un adxectivo.

Condúceme a esta conclusión non o uso de finais do século XX reflectido para a zona no ALGa 2 (mapa 139), senón a conxunción dos datos tirados de V con outros que proceden de textos próximos a el no espazo e no tempo. En efecto, se o ALGa mostra que no galego popular actual só quedan contados e dispersos puntos que manteñen a construción *moito / muito guapa* e que ningún deles se encontra nin no sur pontevedrés nin no oeste ourensán, os rexistros da *Historia de Yria* de Lobarinañas, da correspondencia en galego enviada ao señor de Gondomar, d'*A contenda dos labradores de Caldelas* e da *Historia de don Servando* invitan a concluír con fundamento que por terras do sur da actual provincia de Pontevedra, do noroeste da de Ourense e do suroeste da de Lugo se deberon de empregar, polo menos ata ben avanzado o século XVII, tanto *moi* ou *mui* coma *moito* ou *muito* como modificadores de adxectivos ou adverbios.

	C	V
MOITO → MUI	moito alegre (4.5) moito espantados (4.2) moito espantado (6.5) moito boas (6.10)	mui alegre (4.5) mui espantados (4.2) mui espantado (6.5) mui boas (6.10)
MOITO / MUTTO → MUITO	Irmaóó muito amado (6.5) Et fezo outras cousas en derredor da eglleja <b>moi</b> ben obradas, et fezo outras cousas ende <b>moito</b> boas (6.8)	Irman muito amado (6.5) E feço outras cousas en derredor de eygreje <b>mui</b> ben obradas y outras cousas ende <b>muito</b> boas (6.8)

Táboa 5. *Mui* ou *muito* como adverbio modificador de adxectivos.

Nas cartas a Gondomar hai cinco ocorrencias de *muy* ante adxectivo ou adverbio, mais nunha datada en 1605 que o seu remitente pretendeu escribir en portugués –con deficientes resultados–, aflora *muito* neste contexto: *muyto grande*, *muyto curto*, *muyto pequeno* e *mujto escasa* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 287-288). As grandes deficiencias do portugués desta carta, moi aberta á incorporación de trazos transfronteirizos, propios das dúas bandas do Miño (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 255-258), conxugadas cos testemuños dos outros tres textos que

decontado aducirei, fanme pensar que probabelmente este uso non era daquela, como apuntan Álvarez e Rodríguez Montederramo (2004-05: II, 257), “característico dos portugueses para os falantes do sur de Galicia”, senón unha opción tamén moi viva en bastantes variedades galegas meridionais.

Apunta a isto o testemuño d’*A contenda dos labradores de Caldelas*, o entremés tudense de 1671, no que así os personaxes galegos coma os portugueses usan a forma plena ou a apocopada segundo as demandas das necesidades de medida, ritmo e rima dos versos que pronuncian. En efecto, se nas intervencións dos portugueses se len “mui entallado”, “meu mui doce amado”, “mui amorosos”, “mui quirido”, “muy galão è muy airos”, “muto bein perfeisoado”, “muto retorto” e “muto brioso” (cf. Mariño Paz 1997a: fols. 2r, 3r, 4r, 4r, 2r, 2r, 2r e 2r, respectivamente), nas do galego Roleiro atopamos “mui pagados”, “mui ben” e un “cortesés muito” en que a inversión da orde sintáctica normal non é máis ca unha licenza poética necesaria para conseguir a construción dun verso de once sílabas con acento na sexta:

Non ay que fiar neles,  
 porqu’o cabo an de por mesa è manteles.  
 Mais bejos calados,  
 qu’andan **cortesés muito** è mesurados  
 (cf. Mariño Paz 1997a: 2v, 3r e 3v, respectivamente).

Finalmente, na *Historia de don Servando* (ca. 1625-1635) temos coexistencia das variantes plena e apocopada ante adxectivos ou ante o adverbio *mal*, con lixeira maioría para a segunda (cf. Souto Cabo 2007: 238).

Á luz destes datos, paréceme sensato concluír que é moi probábel que os resultados da intervención de Lobariñas en relación con esta variábel reproducisen con bastante fidelidade o que debía de ser o uso propio da comarca de Crecente no seu tempo: a alternancia entre *mui* e *muito*, con certa preferencia pola variante recortada. Concorda con esta hipótese o feito de que entre finais do século XIX e os primeiros tempos do XX Leite de Vasconcellos (1928:

330) rexístrase no veciño Melgaço esta mesma alternancia. E tamén cómpre considerar que nos falares fronteirizos da máis distante terra de Trás-os-Montes o uso de *mui* en próclise nestes contextos era “sistemático” en 1959 e 1960, segundo Santos (1964-65: 224).

#### 1.1.8. SUBSTITUCIÓN DA PREPOSICIÓN *DES* POR *DESDE*

*Des* utilizouse moito máis ca *desde* nas fontes medievais galegas e portuguesas (cf. Lorenzo 1975-77: II, 445, 455; Maia 1986: 859-860), mais no portugués posmedieval quedou relegada ao dominio das variedades populares (cf. Maia 1986: 860) e non coñezo rexistros dela nas fontes do galego medio (cf. Gondomar), non sendo como elemento integrante da locución conxuntiva *des que*, presente n'*A contenda* de 1671: “Desque se acabou a guerra, / gerra quer esta canalla?” (cf. Mariño Paz 1997a: iv). O ALGa 2 (mapa 355) preséntaa como unha forma rarísima no galego popular de finais do século XX. Como poderá verse na Táboa 6 (sección 1.2.2), Gregorio Lobarriñas substituíuna sempre por *desde*, a solución que probabelmente tería no seu tempo maior frecuencia de uso polo sueste da actual provincia de Pontevedra e as terras confinantes da de Ourense, coma hoxe (cf. ALGa 2, mapa 355).

#### 1.1.9. A CONXUNCIÓN COPULATIVA *E* EN CONTEXTO ANTEVOCÁLICO

A resolución con que Gregorio Lobarriñas actuou en relación con esta variábel vese ben patente cando se repara na gran cantidade de casos en que alterou o uso de *C* e o exíguo número deles en que se abstivo de facelo. A extensa táboa que presento como Anexo I ofrece os pormenores desta intervención.

Salta á vista que, se en posición anteconsonántica o trasladador mantivo como *e* o *e* ou *et* de *C*, na antevocálica comportouse cunha determinación próxima á sistematicidade, pois na inmensa maioría dos casos posibles mudou *e* ou *et* para *y*, así ante vogal átona coma ante vogal tónica: “feita **et** **hedificada**” (*C*, 1.1) → “feita **y** **edificada**” (*V*, 1.1), **Et estando** (*C*, 2.5) → **Y estando** (*V*, 2.5), **Et el** (*C*, 6.13) → **y ele** (*V*, 6.13), **et outras** (*C*, 6.13) → **y outras** (*V*, 6.13), etc. Evitou

facelo, iso si, ante palabra que empezase por /i/ e tamén se advirte no Anexo I que entre as escasas excepcións en que non interveu hai unha proporción considerábel delas en que seleccionou *e* diante de vogal tónica: “barbaros **et ismaelitas**” (C, 4.13) → “barbaros e **ysmaelitas**” (V, 4.13), **Et esto** (C, 5.3 -2 v.-) → **E ysto** (V, 5.3 -2 v.-), **et esto** (C, 5.4, 6.10) → **e isto** (V, 5.4, 6.10), “sublingos **et ungos**” (C, 2.2) → “solingos e **vngos**” (V, 2.2), “nobre, inclito” (C, 2.5) → “nobre e **encrito**” (V, 2.5), “**Et hūus dizian**” (C, 4.1) → “**E uns decian**” (V, 4.1), **et enviaron** (C, 4.7) → **e embiaron** (V, 4.7), **et a cidade** (C, 5.2) → **e a cidade** (V, 5.2)...

Nos nosos días este uso de [j] como variante da conxunción copulativa é propio da maioría das variedades diatópicas galegas, coa excepción das do occidente das provincias da Coruña e Pontevedra, onde non se encontra Crecente<sup>258</sup> (cf. Fernández Rei 1990: 103-104). Se a determinación con que Lobariñas interveu en relación con esta variábel non fose suficientemente reveladora, os testemuños da correspondencia en galego ao señor de Gondomar e d'*A contenda dos labradores de Caldelas* de 1671 veñen a confirmar que daquela este uso estaba consolidado por toda aquela zona miñota. En efecto, se no entremés os parlamentos dos personaxes galegos e portugueses presentan *e* ante palabra que comece por consoante, mais exhiben case sempre *y* se o que segue é unha vogal (cf. Lorenzo 2019: 24-25), as tendencias que se observan nas cartas remitidas a Diego Sarmiento de Acuña son as mesmas (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 277-278), como tamén o son no *Diálogo de Alberte e Bieito* da vila de Pontevedra (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 272, 293).

Esta intervención de Gregorio Lobariñas pódese caracterizar como modernizadora, se non no plano fónico, si polo menos no gráfico, xa que o emprego de <y> ou <i> como conxunción copulativa ante palabra que empeza por vogal é un uso alleo á escritura medieval ou polo menos estrañísimo nela (cf. DDGM, TMILG,

<sup>258</sup> Hai poucos anos Rodríguez Rodríguez (2016: 111) sinalou a persistencia deste uso no actual galego do concello de Entrimo, situado a pouca distancia do de Crecente, na Limia Baixa.

UC)<sup>259</sup>. A dúbida de como se pronunciarían os *e* ou *et* medievais situados ante vogal non a podemos desprezar cos recursos que temos ao noso dispor, mais si podemos afirmar que Gregorio Lobariñas quixo representar con toda a transparencia un fenómeno de índole fonética que con certeza tiña no seu tempo, como ten hoxe, variación diatópica<sup>260</sup>.

#### I.2. VARIÁBEIS CUNHA VARIANTE MOI ESTENDIDA OU CASE XENERALIZADA NO TEMPO DE LOBARIÑAS OU SEN DISTRIBUCIÓN DIATÓPICA DAS VARIANTES CONXECTURÁBEL PARA ESA ÉPOCA

Presento nesta sección outros dous tipos de variábeis en que o racioneiro de Crecente exerceu tamén unha intervención modernizadora. Están, por unha parte, aquelas en que a variante innovadora debía de ter xa naquel tempo unha difusión de tal magnitude que a súa selección non podería conferirlle ao texto, nin moito menos, unha coloración dialectal crecentina. Por outra, están aquelas para as que hoxe non podemos postular ningunha distribución diatópica para finais do XVI e principios do XVII, ben porque as fontes ao noso alcance non nos permiten facelo, ben porque se trata de variábeis que probabelmente presentarían entón variación diastrática ou diafásica, mais non variación espacial.

<sup>259</sup> Que a pronuncia desta conxunción ante vogal sería desde antigo /i/ por máis que na escritura se representase como *e*, *et* ou *ed* xa o advertiu Nunes (1989: 353) para o portugués: “A pronúncia desta conjunção deve ter sido *é*, como ainda em galego em certos casos, mas, porque, seguida de vogal, soava *í*, assim também passou a proferir-se, ainda antes de consoante”. A mesma opinión expresouna Vasconcellos (1928: 369). En galego non triunfou esta extensión de /i/ a contextos sen condicionamento fonético, non sendo en variedades con forte impacto do castelán.

<sup>260</sup> A afirmación de que se trata dunha “interferencia do español” (Boullón Agrelo 2015: 56) só podería ter algún sentido se con ela a súa responsábel se referise exclusivamente á selección case sistemática do signo gráfico <y> para representar esta variante da conxunción copulativa, con reducidísimo espazo para <i>, que en todo caso tamén se usaba entón en castelán con este valor (cf. CDH, CORDE). Ora ben, Boullón non fai esta puntualización e non sinala que Lobariñas seleccionou <y>, ou rarisimamente <i>, só en posición antevoacálica, é dicir, nun contexto ben definido en que este fenómeno de variación foneticamente condicionada ten raíces antigas no noso idioma.

## I.2. I. TRATAMENTO DOS HIATOS INTRAVOCABULARES

Indicios da coalescencia que liquidaba os hiatos intravocabulares compostos por vogais homorgánicas xa os hai nas fontes galegas do século XIII, pero a escritura medieval mostrouse bastante remisa a reflectir con transparencia esta innovación xa entón en proceso de difusión. Polo contrario, nas escasas fontes do século XVI son xa moi poucos os rexistros deste tipo de hiatos, que nas do XVII e o XVIII se van facendo aínda máis raros (cf. Mariño Paz 2017: 272-280, 464-465). Carecemos de datos que nos poidan orientar sobre a posíbel distribución diatópica dunha hipotética resistencia á xeneralización desta mudanza entre a décimo sexta e a décimo sétima centurias, mais si podemos afirmar que Gregorio Lobarinañas adoptou a solución innovadora con moi poucas excepcións no seu manuscrito<sup>261</sup>: **algũu** (C, 1.2, 2.1, 4.2...) → **algun** (V, 1.2, 2.1, 4.2...), **avoos** (C, 6.12) → **abôs** (V, 6.12), **bóó** (C, 2.6, 2.10, 6.6) → **bo** (V, 2.6, 2.10, 6.6), **bóó** (C, 4.11, 4.13, 6.4) → **bô** (V, 4.11, 4.13, 6.4), **Bragãa** (C, 1.1, 2.3, 2.4 -3 v.-, 6.5, 6.7) → **Braga** (V, 1.1, 2.3, 2.4 -3 v.-, 6.5, 6.7), **hũu** (C, 1.1, 1.3, 2.1, 2.3, 2.5...) → **vn** (V, 1.1, 1.3, 2.1, 2.3, 2.5...), **máá** (C, 4.12) → **mâ** (V, 4.12), **maa** (C, 4.6) → **mâ** (V, 4.6), **paaços** (C, 6.8) → **paços** (V, 6.8), **sosteer** (C, 2.2) → **soster** (V, 2.2)... Fixo o mesmo cos hiatos orixinariamente heterorgánicos que no manuscrito C xa comparecían modificados por asimilación: **Coreesma** (C, 4.10, 4.13, 6.10) → **Coresma** (V, 4.10, 4.13, 6.10), **dóós** (C, 2.10) → **dons** (V, 2.10), **gentiis** (C, 2.1, 2.2) → **gentis** (V, 2.1, 2.2), **moordomo** (C, 4.6, 5.2) → **mordomo** (V, 4.6, 5.2), **sasenta** (C, 2.6) → **sasenta** (V, 2.6), etc. Tamén resolveu con

<sup>261</sup> As de **creer** (C, 2.5) → **creer** (V, 2.5) e **creesse** (C, 2.5) → **creese** (V, 2.5) víronse favorecidas polo modelo do castelán, mais non as de **pobóó** (C, 5.5) → **poboo** (V, 5.5) ou **pobóó** (C, 5.6) → **pobóo** (V, 5.6). A corrección de **fe** (C, 2.1, 2.5, 2.6) por **fee** (V, 2.1, 2.5, 2.6) tamén contou co apoio da notábel frecuencia de uso desta variante de **fe** con hiato gráfico no castelán da época (cf. CDH, CORDE). No caso de **lee** ‘le’ Lobarinañas adoptou unha insólita forma non con coalescencia, senón con ditongación secuencial: “segundo se léé por sua leitura et porlo libro a que dizen ‘Calixto’” (C, 1.3) → “segun se lei por sua leitura e po lo libro a que din Calixto” (V, 1.3).

simplificación as duplicacións vocálicas sen fundamento etimolóxico de **antiigos** (C, 4.II -3 v.-), **antiigos** (C, 6.6), **antiúgos** (C, 1.2), **antiúgos** (C, 6.6) e **antiigas** (C, 1.2), que converteu en **antigos** (V, 4.II -3 v.-), **antiguos** (V, 6.6), **antigos** (V, 1.2), **antiguos** (V, 6.6) e **antigoas** (V, 1.2). Igualmente, optou pola solución moderna nun caso de hiato de vogais homorgánicas que, mantendo a estrutura bisilábica, se transformou por disimilación: **candeeiros** (C, 6.10) → **candieiros** (V, 6.10).

No caso do hiato de **angeo** (C, 4.10) e **angeos** (C, 2.10, 4.4) adoptou o resultado ao que se chegou debido á omisión do primeiro núcleo vocálico: **anjo** (V, 4.10), **anjos** (V, 2.10, 4.4).

Sobre o tratamento recibido por outros hiatos véxase o dito en I.I.1 e I.I.2.

#### I.2.2. TRATAMENTO DO ALOMORFO *LO* DO ARTIGO DETERMINADO TRAS AS PREPOSICIÓNS *DES*, *DESDE*, *ENTRE/ONTRE* E *SOBRE*

O manuscrito V transparente unha ostensíbel intervención modernizadora na supresión do alomorfo *lo* despois das preposicións *desde*, *entre/ontre* e *sobre*, que sempre se acompañan del en C. Nos casos de *entre* e *sobre*, este alomorfo aparecería inicialmente coas variantes sen metátese da vibrante (*\*enterl\*onter* < lat. ĪNTER, *sober/sobor* < lat. SŪPER), para a partir delas estenderse, xa sen condicionamento fonético, ata as formas metatizadas: *\*enter lo* > *\*entel-lo* > *\*ente-lo* → *entre-lo*; *\*sober lo* > *sobel-lo* > *sobe-lo* → *sobre-lo* (cf. Ferreiro 1995: 235). Para o seu uso tras a preposición *desde* cómpre pensar nunha presumíbel extensión analóxica a partir do seu emprego con *des*, que é sistemático en C (cf. Souto Cabo 2001: 173). Segundo mostro na Táboa 6, Lobariñas pasou *lo* para *o* despois de *desde* e *ontre*, omitiuno logo de *entre* e en dúas das súas cinco ocorrencias tamén o mudou para *o* despois de *sobre*, mantendo a variante de C nos outros tres casos. Como ademais cambiou *des* para *desde* (cf. I.I.8), na súa *Historia de Yria* desapareceron tamén as ocorrencias de *lo* en combinación con *des*. Nada podo dicir con fundamento sobre a hipotética distribución diatópica desta innovación no seu tempo.

	C	V
DESDE	desdelo delubio (1.3), desdelo saimento (1.3)	desd'ó deluio (1.3), desde o saimento (1.3)
ENTRE/ONTRE	entrella Ulla et o Tamere (6.11) ontrelos obispos (6.11)	entre Vlla y o Tamare (6.11) entre os bispos (6.11)
SOBRE	sobrelo altar (6.12), sobrelos comires (6.11) sobrelos bees (4.13), sobrelo dito altar (6.6), sobrelo qual (6.15)	sobre o altar (6.12), sobre os limites (6.11) sobelos bens (4.13), sobelo dito altar (6.6), sobe lo qual (6.15)
DES	desla torre (1.3), desla captividade (1.3), desla passion (1.3), deslo rio de Pisorga (6.3)	desd'á torre (1.3), desde a catiuidade (1.3), desde a paseon (1.3), desd'o rio de Pisorga (6.3)

Táboa 6. Alteracións de V con supresión ou mantemento do alomorfo *lo* despois das preposicións *desde*, *entre/ontre*, *sobre* e *des*.

### 1.2.3. LIGADURAS DAS PREPOSICIÓNS *DE* E *EN*

Ao contrario do que acontece cando se encontra co artigo determinado, a preposición *de* nunca aparece soldada ao artigo indeterminado no manuscrito C (cf. Souto Cabo 2001: 174). Lobariñas interveu sempre nestes casos para adoptar a que con certeza era a solución xeneralizada na lingua oral do seu tempo: “filla **de hūu** príncipe” (C, 2.3) → “filla **dun** príncipe” (V, 2.3), “en cima **de hūu** caballo branquo” (C, 4.7) → “encima **dun** cabalo branco” (V, 4.7), “en cima **de hūa** moa” (C, 4.7) → “encima **duna** moa” (V, 4.7), “aste **de hūa** lança” (C, 4.7) → “haste **duna** lança” (V, 4.7), “o bispo adoesceu **de hūa** grande enfermidade” (C, 6.13) → “o bispo adoeceu **duna** grande enfermidade” (V, 6.13). Polo contrario, non practicou a contracción de *de* con *un* cando se trataba dun numeral cardinal: “Et regendo asi por espacio **de hūu** ano” (C, 5.4) → “E regendoa assi por espacio **de un** ano” (V, 5.4). Co cuantificador *algún/algunha* só podemos sinalar un caso sen intervención e outro con ela: “**de algūus** anos” (C, 2.2) → “**de alguns** anos” (V, 2.2), “**de algūa** onra” (C, 5.4) → “**dalguna** honrra” (V, 5.4)<sup>262</sup>.

<sup>262</sup> Cos demostrativos *de* xa contrae de regra en C. Só nunha ocasión se desfixo esta ligadura en V: “destrouiçon **desa** eglleja” (C, 5.6) → “destruoiçon **de esa** eygreje” (V, 5.6).

A ligadura da preposición *en* co artigo determinado represéntase no manuscrito C coas formas **ēno(s)/ēna(s)** (I.1, 2.2, 2.10, 4.10...), que xeneralizadamente, con moi raras excepcións, pasaron en V para as modernas **no(s)** e **na(s)** (I.1, 2.2, 2.10, 4.10...). Co artigo indeterminado Rui Vasques non practicou nunca a aglutinación, ao paso que Lobaríñas oscilou entre un tratamento e o outro: **en hūu** (C, 2.10, 4.6...) → **nun** (V, 2.10, 4.6...), **en hūa** (C, 4.7) → **nuna** (V, 4.7), mais **en hūu** (C, 4.7) → **en vn** (V, 4.7) e **en hūa** (C, 4.11) → **en vna** (V, 4.11). Polo contrario, a substitución polas solucións xeneralizadas no galego posmedieval foi o que claramente predominou cando o termo rexido pola preposición *en* era un demostrativo: **en este** (C, 2.2, 2.4, 2.5 -2 v.-, 4.4, 4.10, 5.1, 5.2) → **neste** (V, 2.2, 2.4, 2.5 -2 v.-, 4.4, 4.10, 5.1, 5.2), **En esto** (C, 4.9) → **Neste** (V, 4.9), **en estes** (C, 5.6) → **nestes** (V, 5.6), **en aquel** (C, 2.10) → **naquel** (V, 2.10), **en aquela** (C, 6.13) → **naquela** (V, 6.13), fronte a só **en este** (C, 2.6, 2.9, 5.1, 5.6) → **en este** (V, 2.6, 2.9, 5.1, 5.6)<sup>263</sup>. Na lingua escrita medieval aprécianse distintos tratamentos para esta xunción da preposición *en* cos demostrativos (cf. Sánchez Rei 2002: 70-72) e, se Vasques optou en data tan tardía coma os anos 1467 e 1468 polo máis conservador deles, Lobaríñas acolleuse maioritariamente a aquel que, coñecéndose xa no galego medieval, se impuxo xeneralizadamente nos tempos modernos.

Seguida do pronome persoal de terceira persoa, *en* presenta dous tratamentos distintos en C. O primeiro deles, consistente na omisión de toda ligadura, resolveuse en V coa adopción da solución xa corrente e xeneralizada no galego posmedieval, con xunción: **en ella** (C, 2.8, 4.2) → **nela** (V, 2.8, 4.2), **en ela** (C, 4.11) → **nela** (V, 4.11), **en ellas** (C, 4.8) → **nelas** (V, 4.8). O segundo tratamento de C foi o resultado do desenvolvemento dunha consoante nasal en coda silábica como resolución dunha previa resonancia nasal vocálica orixinada por unha consoante nasal intervocálica que se perdeu: *en ela*

<sup>263</sup> Lobaríñas tampouco practicou a ligadura nunha ocasión en que cambiou *et* por *en*: “Et este tempo, o conde don Roi *Vaasques*...” (C, 4.12) → “En este tempo o conde Rui *Vazquez*...” (V, 4.12).

> *ēela* > *ēla* > *enla*<sup>264</sup>. Lobaríñas resolveuno nunha ocasión cunha forma sen aglutinación e noutras dúas coa solución xeneralizada no galego moderno: “Et contense *enmos* privilegios da Eglleja de Iria *que enla* son sepultados viinte et oito” (C, 2.10) → “e conten[s]e nos preuilegios da Eygreje de Yrea *que en ela* son sepultados vinte e oito” (V, 2.10); “et gran pecado *que* se seguia en dar as ditas donzellas *para que conprisen enllas* sua luxuria” (C, 4.7) → “e gran pecado que se seguia en dar as ditas doncelas para que cumprisen *nelas* sua luxuria” (V, 4.7); “Et a dita eglleja asi feita, poso *enlla* candeeiros et ornamentos conpotentes ao culto ecclesiastico” (C, 6.10) → “Y a dita eygreje asi feita, poso *nela* candieiros e ornamentos competentes ao culto ecresiasitigo” (V, 6.10).

#### 1.2.4. NOSTRO SEÑOR, NOSO SEÑOR

A par do común posesivo *noso*, na lingua medieval usouse moito ante o substantivo *Señor*, empregado co significado de ‘Deus’, a variante latinizante *nostro*, seguramente debida á influencia da linguaxe eclesiástica (cf. Nunes 1989: 245; Williams 1975: 160; Lorenzo 1975-77: II, 906-907). Rui Vasques escribiuna por extenso, sen abreviar, só unha vez (“**Nostro** Señor”, C, 6.15); nesa ocasión Lobaríñas cambiouna para o moderno “**Noso** Señor” (V, 6.15)<sup>265</sup>.

#### 1.2.5. INCORPORACIÓN DO ARTIGO DETERMINADO A FRASES NOMINAIS CON POSESIVO

Se nas fontes do galego medieval son moi frecuentes as frases nominais con posesivo que non o acompañan de artigo determinado, as do galego medio e as do século XIX dan testemuño inequívoco do avance da preferencia polas estruturas dese tipo que si incorporan

<sup>264</sup> Estas variantes, visíbeis en diversas fontes, xurdiron tamén en combinación cos demostrativos: *en este* > *ēeste* > *ēste* > *enste* (cf. Maia 1986: 673, 687-688; Souto Cabo 2000: 183; Sánchez Rei 2002: 70-72).

<sup>265</sup> Nas seccións 3.1 e 3.2, omitidas en V, aparece cadanseu rexistro de “*Nostro* Señor”, con abreviatura que remite inequivocamente para *Nostro*. Os “**Nostro** Señor” de C (2.1) e C (4.5) pasaron respectivamente para “**Noso** Señor” (V, 2.1) e “**Noso** Señor” (V, 4.5).

ese elemento determinativo (cf. Silva Domínguez 2002: 153-164). Pois ben, tamén en relación con esta variábel adoptou a man responsábel de V unha actitude actualizadora que, se non foi nin moito menos sistemática, si interveu nun considerábel número de casos:

1. Fezeronno por *razon* de tan feo et *tan* grande pecado, por *que suas carnes* fosen ronpidas (C, 4.2) → Fezerono por *raçon* de tan feo e tan grande pecado, por que *as suas carnes* fosen rompidas (V, 4.2)
2. Et despois senpre viveu religiosamente et finceu *sua vida* en paz (C, 4.5) → e despois sempre bibiu relixeosamente e feneceu *a sua vida* en paz (V, 4.5)
3. el rei Renamiro tornouse *para Leon*, et aos *quínze* anos de seu reinado finceu *sua vida* (C, 4.11) → ó rei Ramiro tornouse para [L]ion y aos quince anos de seu reinado feneceu *a sua vida* (V, 4.11)
4. ajuntou *toda sua companhia* e proposo de viinr a *Santiago* en romaria (C, 4.11) → ajuntou *toda a sua compañía* e proposo de vir a Santiago en romaria (V, 4.11)
5. ouvo seu consello acerqua da cibdade de Lion *con* todolos arçobispos, et obispos, abbades, religiosos et *con* todolos principes **de seu reino** (C, 4.7) → ouuo seu consello açerca da cidade de Leon con todos los arçobispos e vispos, abbades, religiosos e con todolos principais **do seu reino** (V, 4.7)
6. *con* consello de todolos **de sua corte** (C, 5.4) → con consello de todos os **da sua corte** (V, 5.4)
7. *con* licencia **de seu abbade** (C, 5.4) → con licencea **do suo abbade** (V, 5.4)
8. Et logo, en saindo, o *apostollo Santiago* pareceu ante eles en cima **de seu cavallo branco** (C, 4.7) → E logo, en saindo, o apostole *Santiago* pareceu ant' eles encima **do seu caualo branco** (V, 4.7)
9. Et *con* os *ditos* soldos et o mais **de sua cassa** reparou o *dito* castello (C, 6.14) → e conos ditos soldos y o mais **da sua cassa** reparou o dito castelo (V, 6.14)
10. estando ela ante o altar maior do *mosteiro en sua oraçõn* rezando (C, 4.9) → estando ela asi ante o altar mayor do *mosteiro na sua oraçõn*, reçando (V, 4.9)
11. Et porla graça de *Deus* et **sua industria** (C, 6.2) → e pola gracia de Deus e **pola sua endustrea** (V, 6.2)

12. Et despois *que* o dito obispo foi *conseg*rado, veose *para* *sua* *eglleja* (C, 6.3) → E, despois que o dito bispo foi consagrado, veuse *para a* *sua* *eygreje* (V, 6.3)

Non é o obxectivo deste capítulo a análise pormenorizada de cada proceso de cambio implicado nas distintas variábeis que van sendo nel presentadas, senón a caracterización da intervención lingüística que Gregorio Lobarriñas realizou sobre a obra de Rui Vasques. Por tanto, contentareime con sinalar aquí que, se ben segundo Silva Domínguez (2002: 160) as frases nominais con posesivo que son termo de preposición aparecen maioritariamente nos textos do galego medio coa estrutura non articulada conservada, o certo é que no manuscrito V hai ata sete casos (os que levan os números 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 12 na relación anterior) en que se incorporou neste contexto un artigo a unha frase nominal que non o levaba en C, así como outro (o 11) en que Lobarriñas introduciu o artigo nunha frase preposicional creada por el mais ausente no manuscrito catrocentista. Ben é certo que tamén non son poucas as ocorrencias de estruturas deste tipo sobre as que Lobarriñas non actuou: “et tragia a pelle *que* ella dera ao pobre sacerdote **por sua alma**” (C, 4.9) → “e tragia a p[el]le que ela dera ao proue sacerdote **por sua alma**” (V, 4.9); “et oubo *con* el grande alegría *porque* seu marido era librado do poderio do diablo **por suas orações**” (C, 4.9) → “ouuo con ele grande alegría *porque* seu marido era librado do poder do diablo **por suas oraçons**” (V, 4.9); “Et este rei Veremundo, de consello dos maiores **de seu reino**, lançou fora...” (C, 4.11) → “Y este rei Bermundo, de consello dos mayores **de seu reino**, lançou fora...” (V, 4.11); “se *con* **sua ajuda** podesen cobrar o reino” (C, 4.12) → “se **con sua ajuda** podesen cobrar o reino” (V, 4.12); etc.

Así mesmo, paréceme digno de atención que o crego de Crecente mantivese sen artigo tres lexías complexas altamente estandarizadas no galego medieval (cf. Silva Domínguez 2001)<sup>266</sup>: “**fazia**

<sup>266</sup> Como cabe esperar dado o uso establecido ao respecto en todas as fases da historia da lingua galega, tampouco tocou a ausencia do artigo nas frases nominais non integradas en vocativos que teñen como núcleo un substantivo que expresa unha relación de parentesco, especialmente se esta relación ten un referente único e o

suas orações et esmoldas por el rei” (C, 4.9) → “**facia suas oraçons** y esmolas por el rey” (V, 4.9); “Et enton eles, **avido seu acordo** et conselo en *presença* do dito Reimundo,...” (C, 5.3) → “Y enton eles, **avido seu acordo** e consello en *presencia* do dito Reimundo,...” (V, 5.3); “et *que* elles en *aquela* noite **aviirian seu acordo** et lle darian boa resposta” (C, 6.13) → “qu’eles naquela noite **auerian seu acordo** e lle darian boa resposta” (V, 6.13); “Et *quando* os condes et potestades de Galiza *viron que* o dito obispo [...] *non* usava *dereitamente* como devia [...], **avido seu consello**, levantaron por rei...” (C, 4.II) → “E cando os condes e potestades de Galicea *viron que* o dito bispo [...] *non* vsaua *dereitamente* como deuia [...], **avido seu consello**, lebantaron por rei...” (V, 4.II).

#### I.2.6. TRATAMENTO DA DESINENCIA DOS PARTICIPIOS DOS VERBOS DA CII E MAIS DE *VÏIR* E OS SEUS DERIVADOS

As fontes medievas galegas e portuguesas revelan que entre os séculos XIII e XVI estaba en marcha unha mudanza conducente a substituír por *-idol-ida* a antiga desinencia *-udol-uda* dos participios dos verbos da CII e mais de *vïir* e os seus derivados (cf. Carvalho 2001; Mariño Paz 2005). Esta mudanza xa se achaba moi consolidada ao se iniciar o século XVI, mais tanto as fontes galegas coma as portuguesas permiten conxectar que entón aínda opoñían bastante resistencia a ela os verbos con hiato *-ee-*, *-êe-* ou *-ïi-* no infinitivo (*creer*, *leer*, *têer*, *veer*, *vïir* e derivados) e que naquel tempo tiñan aínda notábel vitalidade os participios *contiúdo*, *conviúdo* e *tiúdo*, este último coa acepción de ‘obrigado’. Neste contexto, a *Crónica de Santa María de Iria* de 1467 e 1468 maniféstase como unha obra con notorio predominio da variante innovadora, coa única excepción de

---

substantivo está en singular, dúas circunstancias que fan aumentar o grao de determinación intrínseca do núcleo do sintagma: “**seu marido**” (C e V, 6.3, 4.9 -2 v.-); “**seu marido**” (C, 4.9) → “**suo** marido” (V, 4.9); “**sua** madre” (C e V, 1.1, 4.5); “**sua** moller” (C, 4.9, 5.4) → “**sua** muller” (V, 4.9, 5.4); “**seu** padre” (C, 2.6) → “**seu** pay” (V, 2.6); “**seu** fillo” (C e V, 2.7, 4.2, 4.3 -2 v.-, 4.5, 4.II); “**seu** irmão” (C, 4.3) → “**seu** hirman” (V, 4.3); “**seu** irmão” (C, 4.5) → “**seu** irman” (V, 4.5); “**seu** irmãoo” (C, 4.7) → “**seu** irman” (V, 4.7); etc.

dúas ocorrencias dun dos resistentes participios a que antes me referín: **contiudas** (C, 2.4, 6.5). Lobaríñas transformou **contiudas** (C, 6.5) en **contidas** (V, 6.5), pero fíxoo con dúbidas, pois este participio aparece confusamente retocado no seu manuscrito con tinta grosa. Por outra parte, resulta evidente que non entendeu o **contiudas** de C (2.4), xa que o corrixiu, sen sentido, por **continuadas**:

O qual rei Miro, *enno dito concilio*, outorgou e dou à seen de Iria: Diocensiis, et terra de Moraço, et Salnes, et Mouraina, et [...] outras terras *que ennas canonicas et previllegios da dita eglleja* son **contiudas** (C, 2.4).

O coal rei Miro no dito concileo otorgou e deu a cadeira dioceusis terra de Morraço e Salnes, e Montama, [...] y otras terras que nas canonecas e preuilegios da dita eygreje son **continuadas** (V, 2.4).

Parece, por tanto, que este participio xa era para o noso clérigo un arcaísmo opaco, como sen dúbida o sería tamén para a gran maioría dos galegos do seu tempo. Con todo, non estamos en condicións de descartar que, como reliquias dunha época en que tales participios foran comúns, *tiudo* ou *contiudo* perdurasen aínda nalgunha variedade do galego oral de principios da décimo sétima centuria.

#### 1.2.7. SUBXUNTIVO IRREAL

No manuscrito C as formas verbais que teñen sufixo modo-temporal *ra* son todas de antepretérito de indicativo, ao paso que o pretérito de subxuntivo sempre se expresa nel con formas que levan o sufixo modo-temporal (*s*)*se* (cf. Souto Cabo 2001: 190). Case todas as devanditas formas de antepretérito se manteñen como tales en V, con ocasionais e moi minoritarias excepcións con substitución por unidades do pretérito de indicativo<sup>267</sup>. Así mesmo, as formas de pretérito de subxuntivo de C adoitan pasar a V mantendo esa

<sup>267</sup> Trátase de casos coma este: “os *quaes trouxeron confirmaçom do privilegio que o Santo Padre Urbano outorgara* ao obispo Dalmacio” (C, 6.3) → “Os quais trouxeron confirmaçom do priuilegio que o Santo Padre Vrbano *outorgou* ao bispo Dalmacio” (V, 6.3).

adscripción modo-temporal, norma que se rompe en dúas pasaxes en que o subxuntivo irreal que Rui Vasques expresou con unidades con *se* pasou a escribirse no texto de Lobaríñas con unidades coa desinencia *ra*:

nunca o touro bravo curou de lle fazer mal ao *santo* obispo, antes se foi asentar de gionllos *ante* el, manso como se **fose** cordeiro (C, 4.2)  
→ e nunca o touro curou de lle facer mal ao santo bispo, antes se foi asentar de gionllos *ante* el, manso como si **fora** cordeiro (V, 4.2)

veeo el rei ao concilio et trouxo *consigo* ao *obispo* don Diego Paes *que* tiina preso asi como se **viесе** solto, *pero con* boas gardas (C, 5.1)  
→ ven el rey al concileo e trouxo *consigo* o bispo don Diego Paez, *que* tiña preso, asi como se **viera** solto *pero con* boas gardas (V, 5.1).

Carezo de datos que me permitan facer conxecturas dotadas dunha mínima solidez a propósito do éxito que esta innovación tería nas primeiras décadas do século XVII nas terras de Crecente e, por extensión, en toda Galicia. O que si podo afirmar é que os dous cambios de C a V anteriormente sinalados son rexistros dunha mudanza daquela en marcha que triunfou ata se instalar como uso maioritario no galego moderno, así na lingua oral coma na escrita<sup>268</sup> (cf. Xove 1986; Veiga 1991).

#### 1.2.8. PREPOSICIÓNS E LOCUCIÓNS PREPOSITIVAS

Lobaríñas substituíu por *entre* as dúas ocorrencias de *ontre* que puido ler en C e mantivo sen alteracións todas as de *entre*: **ontre** (C, 2.3) → **entre** (V, 2.3), **ontrelos** (C, 6.II) → **entre os** (V, 6.II). A preposición *ontre* usouse frecuentemente en textos galegos –non tanto nos portugueses– dos séculos XIII, XIV e XV (cf. Lorenzo 1975-77: II, 936-937; Maia 1986: 861), mais non quedou rastro dela nas fontes do galego medio nin se emprega tampouco no galego contemporáneo. Curiosamente, os rexistros medievais apuntan a que *ontre* se debeu

<sup>268</sup> Santos (1964-65: 258) deixou tamén un parco testemuño da súa vixencia nos falares fronteirizos de Trás-os-Montes en 1959 e 1960.

de empregar naquela época tanto nas terras de Compostela como nas de Crecente, e en xeral por toda a Galicia occidental e aínda en amplas zonas do centro (cf. Álvarez/Xove 1998: 38-40). O testemuño de Lobaríñas invita a supoñer que nas primeiras décadas do século XVII esa variante xa se abandonara na súa comarca natal e a completa ausencia de rexistros dela nas fontes do galego medio, tratándose, como se trata, dunha variante dunha preposición de uso frecuente, leva a concluír que o mesmo debeu de suceder no conxunto do territorio.

Algo menos de determinación evidenciou don Gregorio con **acerqua de** ‘preto de’, pois só a cambiou para **cerca de**, a única variante propia do galego posmedieval, en dúas ocasións (C e V, 4.8, 6.11), ao paso que noutras catro conservou a forma sen aférese (C e V, 4.7, 4.12, 6.5, 6.11)<sup>269</sup>. Con todo, a variante aferética xa se le tamén en C nun caso en que non foi alterada en V: “**cerqua do río**” (C, 6.9) → “**cerca do río**” (V, 6.9). Para as dúas solucións hai documentación medieval (cf. Lorenzo 1975-77: II, 18-19, 306).

#### 1.2.9. DE ANTE A ANTES

No manuscrito C coexisten a variante máis antiga deste adverbio, *ante*, e a máis moderna e menos frecuente na lingua medieval, *antes*, que é ademais a que se impuxo na lingua posmedieval. Lobaríñas mantivo os catro rexistros de **antes** da obra de Vasques (C e V, 4.2, 4.10, 6.5, 6.13), pero ademais cambiou **ante** para **antes** en catro ocasións, tres delas coa vogal final representada mediante abreviatura no texto da biblioteca catedralicia de Compostela: **ante** (C, 1.2) → **antes** (V, 1.2), **ante** (C, 2.2, 6.10, 6.13) → **antes** (V, 2.2, 6.10, 6.13). Só nun caso deixou estar a variante **ante** de C: **ante** (C, 5.5) → **ante** (V, 5.5).

<sup>269</sup> En 4.11 cambiou “**acerqua de Monte Rosso**” (C) para “**junto a Monterroso**” (V, 4.11). En cambio, non tocou o único caso de C en que esta locución significaba ‘a respecto de’: “qualquer cousa *que* ordenardes **acerca do** regemento” (5.3) → “calquer cousa que ordenardes **acerca do** regemento” (V, 5.3). Con esta acepción existen rexistros de *acerca de* desde o século XIV (cf. Lorenzo 1975-77: II, 18).

## I.2. IO. LÉXICO

## I.2. IO. I. PALABRAS CREADAS POR DERIVACIÓN SUFIXAL

Como resultados provenientes do sufixo nominal latino -BĪLIS, as variantes predominantes no galego medieval foron aquelas en que non se produciu a síncope da vogal postónica interna (-*vele*, -*vel*, -*vile* ou -*vil* no singular e -*veles*, -*vilis*, -*vees* ou -*vijs* no plural), ao paso que aquelas que si coñeceron esa síncope (-*ble(s)* ou raramente -*bre(s)*), iguais ás do castelán, foron moi minoritarias ata mediados do século XV e só a partir de entón coñeceron unha fulgurante expansión ligada á prosa notarial. Polo contrario, nas fontes do galego medio os rexistros son practicamente todos para as variantes -*bre* e -*ble*. Pois ben, o participio verbal **estabiliscidos** que se le en C (6.3) trasladouse a V como **estabrecidos** (6.3), unha forma que existe postular unha base adxectiva *estabre* e non *estábil*, que é a que fai supoñer o manuscrito de Vasques (cf. Mariño Paz 2020b: 236).

Por outra parte, no galego medio e no contemporáneo -*ble* / -*bel* mantivo a súa contenda xa medieval con outros sufixos para expresar a capacidade activa, valor semántico que adopta cando se agrega a bases verbais intransitivas ou usadas intransitivamente. En efecto, para a expresión deste valor semántico -*vel* competiu no galego medieval con outros sufixos que tamén se engadían e engaden a bases preferentemente verbais: -(*s*)ivo (*sucesívelle* / *sucesivo*), -*deiro* (*durávil* / *duradeiro*) e -*nte* (*convínivel* / *conviniente*, *semellávil* / *semellante*). Pois ben, é significativo que Lobaríñas cambiase para **semellantes** (V, 6.8) o **semellaveles** (6.8) de C, pois con este adxectivo a variante co sufixo -*nte* foi a única que perdurou no galego moderno (cf. Mariño Paz 2020b: 248).

En catro das súas sete ocorrencias no manuscrito C o sufixo nominal -*aría* foi convertido en -*ería* en V: **caballaría** (C, 5.3, 6.13) → **cabalería** (V, 5.3, 6.13), **romaría** (C, 2.10, 4.3) → **romería** (V, 2.10, 4.3), **romaría** (C, 4.1, 4.7, 4.11) → **romaría** (V, 4.1, 4.7, 4.11). Se nas fontes medievais a variante predominante para este sufixo é, con moita diferenza, -*aría* (cf. López Viñas 2015: 101-108; Ferreiro 1997: 120-122), nos poucos textos que temos para o galego medio os números de rexistros de ambas equilíbranse, con lixeira vantaxe

para *-ería* no conxunto dos textos reunidos no recurso Gondomar e predominio de sete ocorrencias fronte a tres na *Historia de don Servando* de entre 1625 e 1637 (cf. Souto Cabo 2007: 211). Por conseguinte, a intervención de Lobarriñas en relación con este sufixo camiñou en plena sintonía coa tendencia que no seu tempo se ía estendendo para esta mudanza en marcha, que certamente debeu de contar co influente modelo do castelán como motivación coadxuvante.

O sufixo nominal latino *-ĪŌNE*, que, dependendo das bases a que se engadise, podía adoptar as formas *-TĪŌNE*, *-SĪŌNE* ou *-XĪŌNE* (cf. Ferreiro 1997: 140-141), preséntase nas fontes galegas medievais quer cun resultado patrimonial, con absorción do iode na consoante precedente (*-ón*), quer cun resultado culto, con mantemento dese iode (*-ión*) (cf. Mariño Paz 1998b). Esta variación mantívose moi viva nas fontes dos séculos XVI, XVII e XVIII e tamén nas de principios do XIX (cf. Mariño Paz 2003: 186-190) e, por máis que a tendencia para o triunfo da variante culta seguise avanzando nos anos seguintes, aínda ao final da primeira década do XX García de Diego (1909: 186) sinalou que os substantivos abstractos con sufixo *-azón* alternaban con “las [formas] renovadas en *acción*: *perlong-acción*, *prant-acción*, etc.”. En xeral, os cultismos e neoloxismos con este sufixo que penetraron no galego do final da Idade Media en diante fixérono acolléndose á súa variante culta e co castelán como idioma intermediario.

Como pode comprobarse no Anexo 2, con esta variábel Lobarriñas evidenciou unha práctica modernizadora moi moderada, pois foron manifesta maioría os casos en que non alterou a solución ‘consoante + ón’ de C e poucos aqueles en que fixo o cambio de ‘consoante + ón’ para ‘consoante + *ión* (ou a variante hiática *eón*)<sup>270</sup>. Máis aínda, en tres dos oito rexistros que en C presentaban a terminación *-ión* optou por mudala para *-ón*. Con certeza, nun traslado en que a intervención modernizadora do copista é tan decidida como imos vendo, o comportamento que se advirte en relación con

<sup>270</sup> Cómpre considerar á parte a seguinte ocorrencia, que en V aparece inmersa nunha cláusula redactada en castelán: “Tua *petiçon* porla Eglléja de Santiago recebemos” (C, 5.6) → “Tu *petición* por la Yglesia de Santiago receuimos” (V, 5.6).

esta variábel revela que para Lobarriñas a variante patrimonial deste sufixo era aínda unha solución con moita vitalidade.

No manuscrito catrocentista compostelán este sufixo vai precedido dos ditongos /oi/ e /ui/ en *destróiçon* e *destribuições*. Para estes derivados tales formas, con mantemento das secuencias vocálicas /o'i/ e /u'i/ que nos verbos que lles serven de base se presentan en hiato, son normais no galego medieval (cf. TMILG, DDGM), mais desapareceron no galego moderno. Obsérvese que Lobarriñas interveu sobre *destribuições* (C, 6.10), que mudou para *destribuçons* (V, 6.10), mais non sobre *destróiçon* (C, 2.3, 5.6 -2 v.-), onde conservou o ditongo, xa coa variante /oi/, xa con /ui/: *destruiçon* (V, 2.3, 5.6), *destróiçon* (V, 5.6).

Pola súa parte, o sufixo nominal latino -NTĪA deu *-nça* como resultado patrimonial no galego medieval, mais produciu *-ncia*, con acomodación culta, nos vocábulos chegados tardiamente do latín (cf. Ferreiro 1997: 135-138). Nos textos de entre o século XIII e principios do XVI esta solución culta empezou a estenderse a palabras derivadas con este sufixo que anteriormente tiveran unha evolución patrimonial, o que provocou escenarios de variación para algunhas voces (*licença* vs. *licencia* ou *sentença* vs. *sentencia*, por exemplo). Unha pugna análoga a esta afectou tamén a substantivos comúns e nomes propios que non contiñan ese sufixo, mais si unha terminación popular *-ço* / *-ça* ou *-zo* / *-za*, con absorción do iode na consoante anterior, que desde o século XIII contendía coa culta *-cio* / *-cia*, favorecida pola súa coincidencia co resultado triunfante nos cognados casteláns dos termos galegos que estaban inmersos neste caso de variación. Foi o que pasou, por exemplo, entre *graça* e *gracia*.

Nas fontes do galego medio e de principios do XIX substantivos como *prezo*, *servizo*, *xuízo* e *xustiza* están xa case sempre en desvantaxe en relación coas alternativas *precio*, *servicio*, *xuício* e *xusticia*, ao tempo que nelas van aflorando as creacións defensivas consistentes en aplicarlles o resultado patrimonial a voces cultas: *cienza*, *comerzo*, *consequenza*, *correspondenza*. Ademais, o acrecentamento lexical supuxo, desde o final da Idade Media en diante, a entrada de numerosos cultismos con terminacións deste tipo co iode mantido (*existencia*, *milicia*, *subsistencia*...), ao paso que o aumento do peso

da influencia do castelán sobre os letrados e sobre a sociedade en xeral impulsou o avance de variantes como *espacio*, *Francia*, *Galicia*, *gracia*, *presencia*, *sentencia*..., en detrimento das máis antigas e patrimoniais *espazo*, *Franza*, *Galiza*, *graza*, *presenza*, *sentenza*, etc. (cf. Mariño Paz 2003: 183-186).

No Anexo 3 advírtese que con esta variábel don Gregorio foi moito máis proclive á actualización ca coa dos resultados do sufixo latino -ĬŌNE. Só en dous casos conservou a terminación patrimonial con iode absorbido de C (e incluso unha vez optou autonomamente, sen a tomar do antígrafo, por unha palabra con ela: *presença*), mentres que en 40 ocasións o que fixo foi substituíla por outra que o mantiña ou que o convertía en núcleo silábico /e/, solucións que con certeza se identificarían coas que para el serían usuais nas variedades de galego que lle resultarían máis próximas. Tamén é significativo que conservase sempre as formas que xa se presentaban co iode mantido en C, sen lles aplicar aos cultismos intervencións diferencionalistas con terminacións en -ço ou en -ça (*deligencea*, *sciencea*..., non *deligença* nin *sciença*...) e sen buscar tampouco a recuperación de resultados patrimoniais que foran comúns na Idade Media (*espacio*, non *espaço*; *licencia* ou *licencea*, non *licença*).

#### 1.2.10.2. OUTROS CASOS DE MODERNIZACIÓN DO LÉXICO

En consonancia coas intervencións modernizadoras do léxico relacionadas con procesos de sufixación ou con voces con terminacións que acabaron ingresando en escenarios de cambio análogos aos de certos sufixos cos que tiñan un vínculo paronomásico, Lobarfiñas fixo tamén outras numerosas substitucións que implicaron o abandono dunha palabra ou da variante dunha palabra que fora corrente ou tivera certa circulación no galego medieval para adoptar aquela voz ou aquela variante que, sendo case sempre coñecida xa antes do século XVI, se impuxo no canto dela no galego moderno<sup>271</sup>. Repárese ben en que moi a miúdo o que temos é a substitución dunha variante máis común

<sup>271</sup> Información histórica sobre o uso de case todas estas voces no galego e no portugués atopárase en Lorenzo (1975-77: II) e mais en DDGM e TMLG.

no galego medieval por outra que é propia do galego medio ou máis frecuente nel. Ás veces trátase da substitución de variantes patrimoniais vivas na Idade Media (*estoria, fegura*) por variantes cultas que son as que acabaron por impoñerse posteriormente (*historia, figura*). Presento estas intervencións no Anexo 4, acompañándoas cando me pareceu necesario das oportunas notas explicativas ou informativas.

### I.2. IO.3. TRASLADOS DESACERTADOS DE VOCES ANTIGAS

Non constan no Anexo 4, pois non se trata de casos de modernización do léxico, tres vocábulos de C que Gregorio Lobarriñas non entendeu, polo que acabou por facer deles cadanseu traslado erróneo: *enxeptar* ‘eximir’, *lanpada* e *traer* ‘traizoar’. Véxase:

Et por esto **enxeptou** todolos de alta mar *que avian* de viir cada semana hũ dia a reparar *emno dıto castello* (C, 6.14). → E por isto **enxemprou** todos os de alta mar que auian de vir cada semana vn dia a reparar no dito castello (V, 6.14).

Et a sua morte foi elegido por obıso de Iria et de Santiago don Cresconio, varon moi noble de bõa generaçom et moita nobleza, **lanpada** resplandecente (C, 4.13). → Y â sua morte foi elegido por bispo de Yrea e Santiago don Cresconio, varon mui nobre de boa jeneraçom e muita nobreza, **limpada** resprandecente (V, 4.13).

Et alguus seus inimigos por zelo de envidia disseron a el rei *que el que queria traer* o reino de Galiza, et o *queria* tirar a el rei et darllo aos ingleses et normanos, seus inimigos (C, 5.1). → Y alguns seus anamigos por celo da embeja dixeron al rey que ele queria **trager** o reino de Galicea y o *queria* tirar ao rei e dalo aos ingleses e normanos, seus anamigos (V, 5.1).

De *enxeptar* só me consta no galego medieval o rexistro da *Crónica de Santa María de Iria* (cf. TMILG). *Lámpada* ou *lámpaa* foi voz usada no galego medieval (cf. Lorenzo 1975-77: II, 743-744) para a que non existen rexistros nas fontes do galego medio (cf. Gondomar, TILG). O TILG devolve numerosos rexistros de *lámpara* ou *lamppra* desde 1820, mentres que *lámpada* non aparece nel ata 1894 e non empeza a gañar certa frecuencia de uso ata 1925. *Traer* ‘traizoar’ empregouse en textos galegos medievais (cf. Lorenzo 1975-77:

II, 1276) mais posteriormente perdeuse, como pon en evidencia o mesmo testemuño do manuscrito V. Tratábase, con certeza, de tres palabras antigas que o racioneiro de Crecente ignoraba. Non as modernizou, senón que fixo delas traslados desacertados.

### I.3. VARIÁBEIS SEN DISTRIBUCIÓN DIATÓPICA DAS VARIANTES

Evidentemente, carecen deste tipo de variación as variábeis gráficas, sobre as que Lobariñas interveu tamén con ánimo modernizador<sup>272</sup>. Indico só as principais alteracións que practicou:

- a. Nos encontros entre a preposición *por* e o artigo determinado substituíu as formas sen explicitación gráfica da asimilación consonántica por outras en que esta si se explicita: **porla** (C, 1.2) → **po la** (V, 1.2), **porla** (C, 2.5) → **pola** (V, 2.5), **porlo** (C, 1.3) → **po lo** (V, 1.3), **porlo** (2.3, 2.5) → **polo** (V, 2.3, 2.5), **porlos** (C, 2.1, 2.2) → **po los** (V, 2.1, 2.2), etc. Son excepcionais os seguintes casos: “**porla** graça” (C, 5.4) → , “**por la** gracia (V, 5.4)”, “**porlos** reis d’España et **porlos** nobres fiees *christãos*” (C, 6.3) → “**por los** reyes de España e **por los** nobres e fiees cristans” (V, 6.3).
- b. Converteu en <ll> o <l> con valor de lateral palatal e en <l> o <ll> con valor de lateral alveolar: **acolian** (C, 4.13) → **acollian** (V, 4.13), **preguntoules** (C, 2.3) → **preguntouilles** (V, 2.3), **trabalou** (C, 2.6) → **traballou** (V, 2.6), **alli** (C, 2.10) → **ali** (V, 2.10), **donzellas** (C, 4.7) → **doncelas** (V, 4.7), **Tolledo** (C, 2.7 -2 v.-) → **Toledo** (V, 2.7 -2 v.-), etc.
- c. Corrixiu para <ñ> os casos en que en C a consoante nasal palatal se representaba con <n><sup>273</sup>: **camino** (C, 4.9) → **camiño** (V, 4.9), **enpoçonado** (C, 4.9) → **empeçoñado** (V, 4.9), **sobriño** (C, 4.1, 4.2) → **sobriño** (V, 4.1, 4.2), etc.

<sup>272</sup> Non se lles pode atribuír carácter modernizador ás non demasiadas mudanzas que Lobariñas introduciu no ámbito da representación das consoantes fricativas dorsodentais (<c, ç; z>), apicoalveolares (<ss; s>) e prepalatais (<x; g; j>). Sobre esta cuestión véxase a análise de Souto Cabo neste mesmo libro (cf. pp. 108-109).

<sup>273</sup> As ocorrencias de <ñ> con valor palatal de C teñen correspondencias con <ñ> en V.

- d. Para a representación da consoante /b/ fixo cambios que adaptaron os usos de C a usos alleos ao galego medieval mais que se infiltraron nas escasos textos en galego do seu tempo (cf. Mariño Paz 1997b) porque estaban consagrados no castelán<sup>274</sup>, no que xa contaban con extensa tradición. Así, evitou o emprego de dous <b> ou dous <v> ou <u> na mesma palabra aínda que o seu étimo o xustificase, práctica moi común durante séculos que foi expresamente condenada pola Real Academia Española (1726-1739: I, LXXII) na súa primeira proposta ortográfica: **revolveas** (C, 6.5) → **rebolueuas** (V, 6.5), **vivessen** (C, 2.2) → **vibesen** (V, 2.2), **vivos** (C, 2.2) → **vibos** (V, 2.2), **viveron** (C, 2.9) → **biuiron** (V, 2.9), **vivendo** (C, 5.4) → **vibendo** (V, 5.4), **vivia** (C, 4.9) → **vibia** (V, 4.9). Así mesmo, adoptou o uso que era daquela habitual en castelán para a escritura do verbo *enviar*, un *embiar*<sup>275</sup> que xa fora corrente durante a Idade Media nesa lingua (cf. CDH, CORDE), mais non no galego: **enviar** (C, 6.2) → **embiar** (V, 6.2), **enviaste** (C, 5.6) → **imbiache** (V, 5.6), **enviou** (C, 4.4 -2 v.-, 4.13, 6.1, 6.3) → **embiou** (V, 4.4 -2 v.-, 4.13, 6.1, 6.3), **enviou** (C, 4.4) → **embio** (V, 4.4), **enviou** (C, 4.4) → **embiô** (V, 4.4), **enviou** (C, 5.6) → **imbiou** (V, 5.6), **enviaron** (C, 4.7) → **embiaron** (V, 4.7), **envies** (C, 5.6) → **embies** (V, 5.6), **enviara** (C, 6.5) → **imbiara** (V, 6.5). Curiosamente, o racioneiro crecentino substituíu o castelanismo **envidia** (C, 5.1) pola forma galega **embeja** (V, 5.1), para a que así e todo se inspirou nun modelo gráfico tamén moi corrente no castelán do seu tempo: o de *embidia* (cf. CDH, CORDE).
- e. Cambiou para <c> o dígrafo <qu> con valor de /k/ ante vogal non palatal: **arquá** (C, 4.11) → **arca** (V, 4.11), **branquas** (C, 4.9) → **brancas** (V, 4.9), **cerquar** (C, 4.8, 6.13) → **cercar** (V, 4.8, 6.13), **pouqua** (C, 4.7) → **pouca** (V, 4.7), etc.

<sup>274</sup> Por este motivo, esta alteración tamén se podería tratar na sección 4.1. Se a abordo aquí é porque me parece oportuno presentar conxuntamente todas as intervencións gráficas.

<sup>275</sup> Así o dicía a Real Academia Española no seu primeiro dicionario, publicado entre 1726 e 1739: “ENVIAR. V. a. [...] Viene del nombre Via, por lo que se debe escribir con v y no con b, como regularmente se halla escrito” (Real Academia Española 1726/1739: s.v.; cf. NTLLE).

- f. Mudou para <c> os usos latinizantes de <sc> en verbos incoativos: **adoesceu** (C, 6.13) → **adoeceu** (V, 6.13), **aparescera** (C, 4.7) → **aparecera** (V, 4.7), **conoscendo** (4.4) → **coñecendo** (V, 4.4), **envellescesen** (C, 4.3) → **embellecesen** (V, 4.3), etc. Tamén o fixo cando a utilización de <sc> non tiña fundamentación etimolóxica, de modo que **comesçou**<sup>276</sup> (C, 4.8, 4.II, 5.3, 6.3, 6.14) se tornou en **começou** (V, 4.8, 4.II, 5.3, 6.3, 6.14). Esta corrección, que estaba en liña co que entón se adoitaba facer, non sen excepcións, coa escritura destes verbos en castelán (cf. CDH, CORDE), non tiña implicacións de índole fonolóxica, pois os resultados con desafricación de /ts/ no século XVII tanto se podían representar con <sc> coma con <c>. Lobarriñas practicou o mesmo cambio na transformación de **disciplina** (C, 4.8) en **deciprina** (V, 4.8), mais non tocou **sciencia** (C, 4.II) nin **sciencia** (C, 6.II), que deixou en **sciencea** (V, 4.II) e **sciencea** (V, 6.II). **Diciplina** e **sciencia** eran formas habituais no castelán escrito dos séculos XVI e XVII (cf. CDH, CORDE).
- g. Coa obvia excepción das voces contidas nos pequenos fragmentos en latín, pasou para <-n> os contados casos de <-m> en posición final de palabra que se observan en C: **forom** (C, 1.3) → **foron** (V, 1.3), **gram** (C, 4.7) → **gran** (V, 4.7), **pregom** (C, 4.7) → **pregon** (V, 4.7), **viesem** (C, 1.2) → **viesen** (V, 1.2), etc.
- h. Suprimiu o grupo <nr> de **viinr** (C, 4.II, 5.2), que pasou para **vir** (V, 4.II, 5.2). Do século XIII ao XVI, e tanto en textos galegos coma en textos portugueses, tivo unha non desdeñábel circulación a práctica de escribir os infinitivos de *têer*, de *vijr* e dos verbos derivados deles con <nr> na coda silábica: *teenr*, *vijnr* (cf. Lorenzo 1975-77: II, 1315; Mariño Paz 2002: 82-83).

<sup>276</sup> Rui Vasques tamén escribiu **comesçou**, forma que se mantivo en V agás en **começou** (C, 6.8), que pasou para **començou** (V, 6.8).

Como un grupo homosilábico de consoante nasal e vibrante non é posíbel nesa posición posnuclear, inclínome a considerar que se tratou dun uso simplemente gráfico transmitido por costume de xeración en xeración para o que non teño unha explicación convincente. Lobarriñas tamén se desentendeu neste caso da práctica gráfica medieval presente en C.

- i. Por último, en relación coa toma de posición sobre certas cuestións ortográficas que na nosa tradición moderna suscitaron dúbidas a moitos escritores en galego carentes de norma, revístense de particular interese os valores con que en non poucas ocasións Lobarriñas empregou os acentos circunflexo e agudo e mais a duplicación vocálica, que poden verse no Anexo 5. Trátase, desde logo, de usos faltos de toda a sistematicidade, mais dous deles, pola súa relativa recorrencia, merecen ser postos aquí de relevo: a marcaxe das contraccións da preposición *a* cos artigos determinados, xa con acento circunflexo, xa con acento agudo, xa con duplicación vocálica, xa con duplicación vocálica e acento agudo, e mais a crase de antigos hiatos homorgánicos, con acento circunflexo ou con acento agudo. Para ambos os usos se poden sinalar numerosísimas excepcións, sen marca ningunha, mais con todo invitan a pensar que a persoa que os despregou debía de ter certo hábito de escribir en galego e tamén certas ideas, por nebulosas que fosen, a propósito dos valores con que nesa escritura se poderían utilizar os acentos e a duplicación vocálica.

## 2. ADAPTACIÓNS AO USO DE CRECENTE NON MODERNIZADORAS

Agrupo nesta sección as intervencións de Lobarriñas que non implicaron o abandono de formas de C que no paso do século XV ao século XVII se fixeron moi infrecuentes ou mesmo desapareceron en galego, senón a substitución de variantes de C que se conservaban con vigor no XVII por outras que, empregándose –probabelmente ou con toda a certeza– xa na Idade Media, debían de ser propias do xeolecto de Crecente durante a vida do responsábel da elaboración

de V. Por razóns evidentes, nesta parte da exposición volverán a ser nos de moita axuda os testemuños que poidamos tirar do *Atlas Lingüístico Galego*, da correspondencia en galego remitida ao señor de Gondomar, d'*A contenda dos labradores de Caldelas*, do *Diálogo de Alberte e Bieito*, da *Historia de don Servando* ou das fontes que nos informan sobre variantes características do portugués setentrional entre o final da Idade Media e o século XX, entre as que salientan as producidas por José Leite de Vasconcellos.

## 2.1. RESULTADOS CON SUBTRACCIÓN DA SEMICONSOANTE VELAR EN VOCES CON ÉTIMOS LATINOS CO GRUPO QUA- INICIAL

No manuscrito que elaborou no século XV Rui Vasques mantivo xeneralizadamente o grupo gráfico <qu-> nestas voces<sup>277</sup> (cf. Souto Cabo 2001: 172), cousa que certamente debe interpretarse non como un indicio da conservación oral das súas variantes con semiconsoante velar nas variedades de galego que lle serían máis familiares, senón como unha extensión ao romance dun hábito gráfico aprendido para a escritura en latín que no galego medieval, como é sobradamente coñecido, gozou de moita difusión, aínda que non sen deixar espazo para o emprego das formas con omisión de <u> (cf. Mariño Paz 2017: 384-388).

Como mostro no Anexo 6, Lobariñas optou moi maioritariamente por reflectir de forma explícita na escrita o que, atendendo aos datos modernos do ALGa 2 (mapas 263, 280, 369, 370, 371) e do ALGa 3 (mapas 395 e 396), debía de ser no seu tempo, e probabelmente desde moito antes, o resultado propio de Crecente e da súa contorna: aquel que presentaba omisión da semiconsoante velar<sup>278</sup>.

<sup>277</sup> Na familia de palabras de *garda* e *gardar*, que derivan de voces xermánicas con [w] inicial, V conserva as formas gráficas con omisión de <u> que xa se empregan en C: **agardar** (C, 4.11), **gardar** (C, 5.3, 6.14), **gardaren** (C, 5.4), **garda** (C, 6.12), **A Garda** (C, 4.3), **gardas** (C, 5.1) → **agardar** (V, 4.11), **gardar** (V, 5.3, 6.14), **gardaren** (V, 5.4), **garda** (V, 6.12), **A Garda** (V, 4.3), **gardas** (V, 5.1).

<sup>278</sup> Coma hoxe, naquel tempo o uso propio de terras situadas un pouco máis ao oeste debía de ser a da conservación de [w] nas voces procedentes de palabras latinas con QUA- inicial ou xermánicas con [w]- (*cuatro*, *cuando*, *guardar*...), pois este é o que se rexistra preferentemente nas cartas ao señor de Gondomar (cf. Álvarez/Rodríguez

Este tratamento estendeuno tamén, non sen variación, ao numeral ordinal *quarto*, que nas fontes galegas adoita presentarse con mantemento de [w], se ben nas medievais xa hai rexistros de *carto* como substantivo partitivo (cf. DDGM, TMILG). Sistemáticamente omitiu a semiconsoante con *quorenta*, onde en posición átona [w] asimilou a vogal seguinte e despois desapareceu: *corenta* é tamén hoxe a variante utilizada nas terras de Crecente<sup>279</sup> (cf. ALGa 2, mapa 295, e ALGa 3, mapa 397) e para os séculos XVI, XVII e XVIII temos evidencias do seu uso por Guimarães ou Beça, no outro lado da raia (cf. Sánchez Rei 2021: 220-221).

## 2.2. DE MOITO A MUITO E A PROPÓSITO DOUTROS CASOS CON PASO DE /oi/ A /ui/

Conforme pode verse na Táboa 7, Gregorio Lobarriñas converteu en *muito(s) / -a(s)* todas as ocorrencias de *moito(s) / -a(s)* que hai en C menos unha, mantivo todos os casos de *muito(s) / -a(s)* debidos a Rui Vasques agás un, pasou para *mui* todos os rexistros de *moi* que se presentaban en C e non modificou nunca *mui* para *moi*, de tal forma que en V só quedaron dúas aparicións deste adverbio ou cuantificador que exhibisen un resultado que non tivese o ditongo /'ui/ na sílaba tónica: **moitas** (V, 4.12) e **mutos** (V, 6.13).

---

Montederramo 2004-05: II, 244, 251, 269, 281). Porén, n'*A contenda dos labradores de Caldelas* (cf. Mariño Paz 1997a) as variantes observábeis coinciden coas maioritarias no manuscrito V, así en personaxes galegos coma en personaxes portugueses: *agardéis* (2v), *cando* (1r), *cantia(s)* (1r), *cantos* (1v, 3v), *catrocentos* (1v), *garda* (1r), *gardai* (2v)... Por outra parte, entre o XIX e o XX Leite de Vasconcellos deixou noticias da persistencia destas solucións nos falares populares de Guimarães, Ponte de Lima ou Póvoa de Lanhoso (cf. Vasconcellos 1928: 193; Sánchez Rei 2021: 218-219) e Domingos (2004: 11) deu testemuño hai vinte anos de que daquela aínda non desapareceran por completo no Alto Minho.

<sup>279</sup> **Coreesma** xa aparecía en C (4.10, 4.13, 6.10) e mantívose en V, con crase do hiato: **Coreesma** (4.10, 4.13, 6.10). O **quoresmas** de C (2.10) converteuno Lobarriñas en **carentenas** (V, 2.10), tamén con supresión da semiconsoante velar.

	C	V
MOITO(S) / -A(S) → MUITO(S) / -A(S)	moito (2.2, 2.7, 4.9, 5.1 -2 v.-, 5.3, 5.4, 5.6 -2 v.-, 6.8, 6.10), moita (4.10, 4.13, 5.1), moitos (2.10 -2 v.-, 4.1, 4.4, 4.7, 5.4, 5.6, 6.5, 6.13), moitas (2.9, 4.3, 4.5 -3 v.-, 4.8 -2 v.-, 4.9 -2 v.-, 4.10, 4.11, 4.12, 5.1, 5.3, 6.2, 6.5, 6.9 -2 v.-, 6.10, 6.13)	muito (2.2, 2.7, 4.9, 5.1 -2 v.-, 5.3, 5.4, 5.6 -2 v.-, 6.8, 6.10), muita (4.10, 4.13, 5.1), muitos (2.10 -2 v.-, 4.1, 4.4, 4.7, 5.4, 5.6, 6.5, 6.13), muitas (2.9, 4.3, 4.5 -3 v.-, 4.8 -2 v.-, 4.9 -2 v.-, 4.10, 4.11, 4.12, 5.1, 5.3, 6.2, 6.5, 6.9 -2 v.-, 6.10, 6.13)
MUITO(S) / -A(S) → MUITO(S) / -A(S)	muito (6.5), muitos (6.2), muita (4.7, 5.4, 6.2, 6.5 -2 v.-), muita (4.13), muitas (2.4, 2.9, 2.10 -2 v.-, 4.5, 4.7 -2 v.-, 4.9 -2 v.-, 4.12, 4.13, 6.5, 6.11, 6.13 -2 v.-)	muito (6.5), muitos (6.2), muita (4.7, 5.4, 6.2, 6.5 -2 v.-), muitas (4.13), muitas (2.4, 2.9, 2.10 -2 v.-, 4.5, 4.7 -2 v.-, 4.9 -2 v.-, 4.12, 4.13, 6.5, 6.11, 6.13 -2 v.-)
MUITOS → MUTOS	muitos (6.13)	mutos (6.13)
MOITAS → MOITAS	moitas (4.12)	moitas (4.12)
MOI → MUI <sup>280</sup>	moi (2.4, 2.9, 2.10 -2 v.-, 4.1, 4.3, 4.5 -3 v.-, 4.9, 4.10, 4.11 -2 v.-, 4.12, 4.13, 5.1, 5.3 -4 v.-, 5.4, 5.5 -2 v.-, 5.6, 6.5, 6.6 -3 v.-, 6.8, 6.10), moi (4.12, 5.6, 6.9 -2 v.-, 6.10)	mui (2.4, 2.9, 2.10 -2 v.-, 4.1, 4.3, 4.5 -3 v.-, 4.9, 4.10, 4.11 -2 v.-, 4.12, 4.13, 5.1, 5.3 -4 v.-, 5.4, 5.5 -2 v.-, 5.6, 6.5, 6.6 -3 v.-, 6.8, 6.10), muy (4.12, 5.6, 6.9 -2 v.-, 6.10)
MUI → MUI	mui (2.1, 2.3, 2.5 -2 v.-, 2.10 -3 v.-, 4.2 -2 v.-, 4.8, 5.4 -2 v.-, 5.6, 6.6 -3 v.-, 6.8, 6.10 -2 v.-, 6.13 -3 v.-), mui (2.6, 6.10, 6.13 -2 v.-)	mui (2.1, 2.3, 2.5 -2 v.-, 2.10 -3 v.-, 4.2 -2 v.-, 4.8, 5.4 -2 v.-, 5.6, 6.6 -3 v.-, 6.8, 6.10 -2 v.-, 6.13 -3 v.-), muy (2.6, 6.10, 6.13 -2 v.-)

Táboa 7. Alteración e conservación do ditongo de *moito(s) / -a(s)*, de *muito(s) / -a(s)* e de *moi*.

O ALGa 3 (mapas 17-19) mostra que no noso tempo Crecente se encontra dentro do territorio en que /ui/ é o resultado propio do grupo latino -ŪLT- tónico ou átono. Ora ben, para *muito* e *vuitre* as variantes *moito* e *vutre* rexistráronse en localidades próximas ao concello en que Lobarina naceu. *Mui* e *muito*, xa coñecidos en fontes galegas desde o século XIII (cf. Lorenzo 1975-77: II, 881-884,

<sup>280</sup> Tamén *moi* (C, 4.13) → *muito* (V, 4.13).

885-888; Maia 1986: 557-558), ocorren sen competencia de *moi* e *moito* na correspondencia en galego ao señor de Gondomar (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 287-288) e tamén sen competencia das variantes con /'oi/ aparecen nos parlamentos dos personaxes galegos d'*A contenda* de 1671 (cf. Lorenzo 2019: 28). Ademais usáronse, igualmente con exclusividade, no *Diálogo de Alberte e Bieito* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 297).

Canto ao solitario caso do cambio de **moitos** (C, 6.13) para **mutos** (V, 6.13), cómpre relacionalo coa circunstancia de que os personaxes portugueses d'*A contenda* usen a forma apocopada *mui* ou *muy* e as plenas *muto*, *mutos*, *muta* e *mutas* (cf. Lorenzo 2019: 29) e, así mesmo, co feito de que, como xa sinalou Leite de Vasconcellos (1987: 118), *mũto* se diga “partout”<sup>281</sup> en Portugal, cousa que, na opinión do esclarecido dialectólogo luso, se explica pola tendencia portuguesa “à simplifier la diphtongue *ui*, soit orale, soit nasale”, como ben poñen de manifesto as formas comúns *chuva*, *fruto*, *enxuto*, *cutelo* e *lutar* e mais a popular *cudar* (Vasconcellos 1987: 118). *Muto*, por tanto, non debía de ser variante rara para Gregorio Lobañas, ben porque a oíse no territorio situado ao norte do Miño, ben porque a sentíse no veciño Portugal.

En consonancia coa súa intervención sobre *moito* e *moi*, Lobañas tamén modificou para variantes con /'ui/ outros substantivos comúns ou nomes propios con étimos que non contiñan o grupo latino -ŪLT- e que se presentaban co resultado /oi/ en C: **coita** (C, 2.2), **coitas** (C, 6.13) → **cuita** (V, 2.2), **cuitas** (V, 6.13); **Froitoso** (C, 6.4, 6.6) → **Fruitoso** (V, 6.4, 6.6); **moimento** (C, 4.6), **moimento** (C, 4.6) → **muymento** (V, 4.6), **muimento** (V, 4.6), mais con conservación en **moimento** (C, 2.10) → **moimento** (V, 2.10); **Roi** (C, 4.12) → **Rui** (V, 4.12)<sup>282</sup>. No caso de **Lois** (C, 4.5) → **Luis** (V, 4.5) é probábel que o cambio implicase a conversión do ditongo decrecente en hiato.

<sup>281</sup> Un lugar próximo a Crecente onde Leite de Vasconcellos (1928: 194) anotou o uso de *mũto* foi Guimarães. Santos (1964-65: 241), pola súa parte, deixou constancia do uso de *muto* en lugares de Trás-os-Montes.

<sup>282</sup> A variante *Rui* conservouna: **Rui** (C, 4.11 -2 v.-) → **Rui** (V, 4.11 -2 v.-).

Canto ao paso de **arvores de froitas** (C, 6.9) para **fruteiras** (V, 6.9), cómpre lembrar que no galego contemporáneo *fruta* está xeneralizado en Galicia, coa única excepción do centro e o noroeste da provincia da Coruña, onde a lingua popular conserva *froita* (cf. ALGa 3, mapa 6).

### 2.3. DE RESTOIRAR A RESTOURAR

Para o latín RESTAURĀRE a solución máis abundante, con moito, nas fontes do galego medieval é *restoirar*, con cambio de /ou/, resultado regular do /au/ latino, para /oi/ (cf. TMILG). *Restaurar* e *restourar* son, polo contrario, extremadamente infrecuentes nos textos desa época. Lobarriñas non tocou a P<sub>3</sub> do pretérito do indicativo **restourou** (C e V, 4.5), mais si pasou **restoirar** (C, 5.3) para **restourar** (V, 5.3) e **restoirado** (C, 6.14) para **restourado** (V, 6.14). Como no século XVIII *pexadouro*, *salmoura* ou *vasoura* eran formas usadas por terras de Tui (cf. Mariño Paz 2017: 467-468) e nos nosos días *couro* é variante de *coiro* propia de concellos próximos a Crecente como O Porriño e Salvaterra de Miño (cf. ALGa 3, mapa 393), cabe a posibilidade de que *restourar* cadrase mellor ca *restoirar* co uso de Crecente nas primeiras décadas do século XVII. E coido que tamén se debe ponderar aquí o feito de que Leite de Vasconcellos (1928: 338) oíse *afiadoira* e *afiadoura* (e talvez tamén *amoladoira* e *amoladoura*) en Melgaço.

### 2.4. ALOMORFOS LO E NO DO ARTIGO DETERMINADO

No manuscrito C o emprego do alomorfo *lo* do artigo determinado é moi raro despois de forma verbal terminada en consoante vibrante e nunca ocorre despois de forma verbal acabada en /s/. De feito, só aparece na cláusula “receber **la** *consegração* (C, 5.6) (cf. Souto Cabo 2001: 173). Nestes contextos, Lobarriñas respectou tanto as habituais omisións deste alomorfo en C coma esta excepción: “receber **la** *consagração*” (V, 5.6). O ALGa 2 (mapas 210-212) sitúa Crecente na proximidade tanto de lugares que practican habitualmente a xeración deste alomorfo nestes contextos coma de lugares que non o fan. Se a isto sumamos a histórica resistencia de moitos autores a reflectir

no galego escrito esta particularidade, contaremos, a meu parecer, coas claves que axudan a entender a actuación de Lobaríñas a propósito desta cuestión. Convén apuntar, ademais, que a alternancia entre o uso de *lo* e o de *o* neste contexto, con preferencia por *o*, tamén se dá na correspondencia ao señor de Gondomar (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 290) e mais n'*A contenda* de 1671, na que, fronte a sete casos de *o* tras forma verbal acabada en vibrante (“à de auer *o* diablo”, IV; “defender *a* causa”, IV; “redar ò bandullo”, IV; “tocar ò sino”, 2 v; “custar *alloada* ‘a *alloada*” 2v; “por ò abade”, 2 v; “aqueibar *o* pensamento”, 3v), os personaxes galegos exhiben estas catro ocorrencias de *lo* despois de vibrante ou de /s/: “Seica ben tomalo frio / à lor da calor que bai?” (2r); “Pardios que chan de saltalas moos” (2r); “*polas* cousas en pas”, 3r; “e digo que deijemola endeita”, 3v (cf. Mariño Paz 1997a). Polo contrario, non se marcou este alomorfo nestes contextos nin no *Diálogo de Alberte e Bieito* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 264, 297) nin na *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 205).

Atendendo a unha tendencia ben coñecida no galego oral de distintas épocas, nunha ocasión introduciuse en V o alomorfo *los* despois da conxunción adversativa *mais*, alí onde o clérigo do século XV non o utilizara: “Et enton os bandalos, et sublingos et ungos, que eran señores da terra, pugnaron regeamente contra elles, mais os godos venceron” (C, 2.2) → “Y en[t]on os vandalos e solingos e vn-gos, que eran señores da terra, punaron receamente contr’eles, mai los godos venceron” (V, 2.2). Así mesmo, fíxose unha modificación análoga a esta despois dun participio verbal en plural: “Porlos seus pecados foron vencidos os *christaños* a cruel pejeja” (C, 4.7) → “e po los seus pecados foron vencedolos cristans a cruel pejeja” (V, 4.7). *A contenda* presenta un caso equiparábel a estes dous tras o substantivo *brasas*: “y amaneçe vnha mañan de neboeiro / en fumo à caça, y en braçalo quinteiro” (cf. Mariño Paz 1997a: 3v).

Onde Rui Vasques si adoitou empregar *lo* foi despois do cuantificador *todos*. Só prescindiu del nun caso. Neste contexto o copista de Crecente actuou de forma algo menos asistemática, mais fluando tamén entre usos distintos que oiría así na súa comarca natal coma en terras próximas a ela:

**todolos** seus caballeiros (C, 6.13) → **todos os** seus cabaleiros (V, 6.13)

**todolos** de alta mar (C, 6.14) → **todos os** de alta mar (V, 6.14)

**todalas** cousas (C, 5.4-2 v.-, 6.3) → **todas as** cousas (V, 5.4-2 v.-, 6.3)

**todalas** donaçōes (C, 6.3) → **todas as** donaçōns (V, 6.3)

**todalas** cousas (C, 2.5) → **toudalas** cousas (V, 2.5)

**todalas** egllejas (C, 5.4) → **todalas** eygrejes (V, 5.4)

**todas as** egllejas (C, 2.8) → **todalas** eygrejes (V, 2.8)

Canto á posíbel distribución das variantes *todos os* e *tó dolos* no sueste da actual provincia de Pontevedra e no Ourense confinante nas primeiras décadas do século XVII, poden resultar orientativos os datos que para o tramo final do século XX ofrece o ALGa 2 (mapa 213): *todos os* en Arbo, A Caniza e Padrenda; *tó dolos* no Porriño e mais en Mondariz; *todos os* e *tó dolos* en Salvaterra de Miño. Non se utilizou *las* tras *todas* nunha carta ao señor de Gondomar datada en 1603 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 290) nin no mesmo contexto se marcou tampouco este alomorfo na *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 205)

Hai, finalmente, dous casos en que o redactor de V marcou explicitamente a selección do alomorfo *no* do artigo determinado, unha despois da conxunción *nen* e outra despois de forma verbal terminada en consoante nasal:

*nin* trautava ben o poboo *nin os* ricos homes da terra (C, 4.II) →

nen tratava ben o pobo *nenos* ricos homes da terra (V, 4.II)

et destroiron *os* arrabaldes (C, 6.13) → e destroirono arrabal (V, 6.13)

Consonte o ALGa 2 (mapa 214), nos nosos días este alomorfo *no* do artigo determinado non se utiliza nos concellos limítrofes de Crecente, pero si en Salvaterra de Miño, Salceda de Caselas, Mondariz e O Porriño. Ademais, o precioso testemuño da seguinte estrofa de transmisión oral, recollida por Leite de Vasconcellos (1928: 336) en Melgaço, deixa constancia de que este alomorfo tamén se usou, polo menos ata non hai moito, no portugués do outro lado do río e da raia: “Os olhos pretos sōm falsos / Os brancos sōm lixoldeiros: / Bibã nos acastanhados, / Que sōm liais, berdadeiros!”.

## 2.5. PRONOME PERSOAL MASCULINO DE P3, SUXEITO OU TERMO DE PREPOSICIÓN

Se en C este pronome é sempre *el* (cf. Souto Cabo 2001: 182), en V aparece a miúdo no seu lugar –non sempre, nin moito menos– a variante *ele*<sup>283</sup>. Na Táboa 8 indico os casos en que Lobariñas practicou esta intervención.

	C	V
NON CONTRAÍDO	el (2.10, 4.5, 4.6, 4.7, 4.9 -2 v.-, 4.13 -3 v.-, 5.1, 6.5, 6.13 -2 v.-) et outras terras et posisoos <i>que</i> lle estragou (5.2)	ele (2.10, 4.5, 4.6, 4.7, 4.9 -2 v.-, 4.13 -3 v.-, 5.1, 6.5, 6.13 -2 v.-) y outras terras e posisons <i>que</i> <b>ele</b> estragou (5.2)
CONTRAÍDO COAS PREPOSICIÓN <i>CON E DE</i>	<i>con</i> el (2.1), <i>con</i> el (4.2, 6.13), <i>con</i> el (4.7), <i>del</i> (6.5)	coele (2.1, 4.2, 6.13), coele (4.7), dele (6.5)

Táboa 8. Intervencións sobre o pronome *el*.

O ALGa 2 (mapa 159) sitúa *ele*, en alternancia con *el*, en Salceda de Caselas, a poucos quilómetros de Crecente. Ademais *ele* empregouse en cartas ao señor de Gondomar de 1603 e 1619 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 278) e tamén no pontevedrés *Diálogo de Alberte e Bieito* de 1595 ou 1596<sup>284</sup> (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 265, 293). Se a isto se engade que na Idade Media *ele* xa era unha variante deste pronome propia do suroeste galego (cf. Álvarez/Xove 1998: 45-47), non poderemos senón concluir que Lobariñas, nos casos sinalados na Táboa 8, acomodou o uso de C ao que para el debía de ser, con seguranza, máis familiar: a coexistencia entre *el* e *ele*.

<sup>283</sup> Tamén fixo nunha ocasión o cambio de *aquel* para *aquele*, se ben tendeu a non tocar este demostrativo: “*aquel* lugar” (C, 4.12) → “*aquele* lugar” (V, 4.12).

<sup>284</sup> Non en cambio n’*A contenda*, nin por parte dos galegos nin por parte dos portugueses (cf. Lorenzo 2019: 27, 28).

## 2.6. CLÍTICO COMPLEMENTO DIRECTO DE TERCEIRA PERSOA TRAS FORMA VERBAL ACABADA EN DITONGO DECRECENTE

Lobariñas non alterou nunca o alomorfo deste clítico que nesta distribución se usaba en C, que por outra parte é o que ocorre tamén na práctica totalidade dos rexistros que temos para o galego medieval: *o(s) / a(s)*. O que si fixo foi restituír en case todos os casos o sufixo número-persoal *-u* das formas verbais con que o clítico se combinaba, que no manuscrito compostelán se omitiu para simplificar a secuencia conformada por ditongo decrecente tónico seguido de núcleo vocálico, segundo adoitou facerse en numerosos textos medievais: “asentoos” (C, 4.13) → “asantouos” (V, 4.13), “asentóós” (C, 6.4) → “asentouos” (V, 6.4), “cercóó” (C, 6.6) → “cercouo” (V, 6.6), “cercoa” (C, 6.9) → “cercouo” (V, 6.9), “mandoo” (C, 4.8) → “mandou o” (V, 4.8), “mandóó” (C, 5.1) → “mandou o” (V, 5.1), “privóó” (C, 5.1) → “priebou ó” (V, 5.1), “revolveas” (C, 6.5) → “rebolueuas” (V, 6.5), “sostentoos” (C, 4.3) → “sustentouos” (V, 4.3). Con cambio de próclise para énclise, fixo o mesmo nestoutro caso: “et o apousentou” (C, 6.5) → “e apousentouo” (V, 6.5). Polo contrario, non o fixo en “ungeoos”<sup>285</sup> ‘unxiunos’ (C, 6.6) → “ungeas” (V, 6.6).

Por tanto, o clérigo crecentino, tan inclinado a modernizar o texto de C e a adaptalo aos usos lingüísticos característicos da súa terra, non introduciu nunca neste contexto a innovación *no(s) / na(s)*, da que xa temos un primeiro rexistro coñecido no *Cancioneiro de Afonso Pérez* de finais do XIV ou principios do XV e outros catro<sup>286</sup> en obras do XVII (cf. Varela Barreiro 2015). Se esta circunstancia me fixo sospeitar xa en primeira instancia que Lobariñas non estaba familiarizado con esta variante pronominal innovadora, a miña sospeita transformouse en convicción cando

<sup>285</sup> Talvez con abertura para /o/ do sufixo número-persoal, talvez por simple duplicación inmotivada de <o>.

<sup>286</sup> Varela Barreiro (2015) só sinala tres neste século, un deles na *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 214). Mais a estes tres débese engadir o seguinte, tirado precisamente d’*A contenda dos labradores de Caldelas* (1671): “einos de por en talladas [a eles]” (cf. Mariño Paz 1997a: iv)

comprobei que na secuencia que a seguir cito a solución *foyo* saíu espontaneamente da súa pluma, xa que na correspondente pasaxe de C Rui Vasques non combinara o verbo *foy* con ningún clítico:

Et quando el rei Veremundo soubo da viinda del rei Renamiro, juntou todolos galegos do reino de Galiza, et **foi agardar** a Portella de Ares acerca de Monte Rosso (C, 4.11) → E cando el rey Bermudo soubo da vinda del rei Ramiro, juntou todos los galegos do reino de Galice e **foyo agardar** á Portela de Ares, junto a Monterroso (V, 4.11).

Segundo o ALGA 2 (mapas 172-175), solucións como *saudeio*, *viua*, *deixouo* ou *deixoua* rexistráronse hai unhas décadas nos concellos de Salvaterra de Miño, Salceda de Caselas e O Porriño, pouco distantes do de Crecente. A meu ver, este dato non fai outra cousa que reforzar a hipótese de que na pasaxe anteriormente reproducida Lobariñas alterou o texto de C, quizais de forma non intencionada, e ao facelo adoptou unha variante non modernizadora que era a propia da comarca da que el era natural e tamén a que Rui Vasques utilizara noutros lugares da súa obra.

### 2.7. DEMOSTRATIVOS INVARIÁBEIS

A Táboa 9 mostra que, das dezasete ocorrencias de *esto* en C que teñen correlato en V, doce foron cambiadas para *isto* e cinco mantivéronse. Ademais, observamos que nunha ocasión Lobariñas transformou un “todo o que lle” nun “todo aquilo que lle”, probablemente debido a unha errónea interpretación da lección de C que Souto Cabo explica neste mesmo libro (cf. pp. 100-101). En conxunto, pois, é ben perceptíbel a súa disposición a alterar tamén neste aspecto as formas de C para adoptar as que certamente serían no seu tempo propias de Crecente, como tamén o son na actualidade (cf. ALGA 2, mapas 226, 230, 235). Mesmo se advirte que naquela área do sueste pontevedrés o demostrativo invariábel da terceira persoa que recolle o ALGA 2 (mapa 234) nos nosos días é *aquelo*, é dicir, o que espontaneamente empregou don Gregorio sen o condicionante dun seu correlato en C, e non *aquilo*.

	C	V
ESTO → ISTO	esto (2.10, 4.1, 5.4, 6.5, 6.10, 6.13 -2 v.-, 6.14), esto (4.12), esto (4.10, 5.3 -2 v.-)	isto (2.10, 4.1, 5.4, 6.5, 6.10, 6.13 -2 v.-, 6.14), istu <sup>287</sup> (4.12), ysto (4.10, 5.3 -2 v.-)
ESTO → ESTO	et esto (5.1, 6.10), en esto (5.6), desto (6.11, 6.13)	y esto (5.1, 6.10), nesto (5.6), desto (6.11, 6.13)
O QUE → AQUELO QUE	et todo o que lle era menester (6.13)	e todo aquilo que lle era menester (6.13)

Táboa 9. Tratamento dos demostrativos invariábeis.

Esta disposición territorial das variantes do demostrativo invariábel ten raíces medievais naquela zona. En efecto, a documentación conservada reflicte desde o século XIII unha sólida instalación de *isto* na zona central e meridional da actual provincia de Pontevedra, aínda que non sen unha competencia con *esto* que, con todo, é moito menos contundente ca a que *esso* e *aquelo* exercían sobre *isso* e *aquilo* (cf. Maia 1986: 683-690; Álvarez/Xove 1998: 43-45). En tempos e lugares moi próximos aos de Lobarriñas estes demostrativos con /'i/ tamén se empregaron en cartas ao señor de Gondomar de 1603 e 1605<sup>288</sup> (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 275, 279). N' *A contenda dos labradores de Caldelas* de 1671 utilizáronse de forma sistemática e por parte tanto dos personaxes galegos coma dos personaxes portugueses (cf. Lorenzo 2019: 28, 29).

## 2.8. DE MAIOR A MOR

Cando funcionaba como adxectivo<sup>289</sup>, Lobarriñas foi case sistemático na substitución do *maior* de C pola súa variante *mor*: “**maior** parte” (C, 2.2) → “**mor** parte” (V, 2.2), “**maior** eglleja” (C, 4.3) → “**mór** eygreje” (V, 4.3), “capellan **maior**” (C, 4.3) → “capelan **mor**” (V, 4.3),

<sup>287</sup> Esta variante terminada en <-u> aparece nunha oración engadida no folio 9v por alguén que non era Lobarriñas.

<sup>288</sup> Nesta correspondencia achamos só *isto* e alternancia entre *eso* e *isso*.

<sup>289</sup> Non o fixo con *maiores* como substantivo: “de consello dos **maiores** de seu reino” (C, 4.11) → “de consello dos **mayores** de seu reino” (V, 4.11).

“con a maior diligencia” (C, 6.3) → “co a mor deligencea” (V, 6.3), “maior captella” (C, 6.12) → “mor coutela” (6.12)<sup>290</sup>. Sen crase do hiato (“meyrino móór” en 1261, “moor grao” en 1357...) ou, como nome propio, xa con ela (*Mor*, anos 1296, 1385...) (cf. Lorenzo 1975-77: II, 280; TMILG; Mariño Paz 2017: 278), contamos con rexistros desta solución desde o século XIII. Como, segundo o ALGa 2 (mapa 137) e o ALGa 3 (mapa 156), no galego popular dos nosos días *mor* está en uso no oeste ourensán confinante co concello de Crecente ou próximo a el (Ramirás, Boborás, Santo Amaro, Ribadavia, Calvos de Randín...)<sup>291</sup>, tórnase moi verosímil que Gregorio Lobarriñas fixese as alteracións que sinalo nesta epígrafe por esta variante do adxectivo *maior* lle resultar máis familiar ca a que figura en C. Os rexistros da *Historia de don Servando* de entre 1625 e 1635 (“*mor eyreja*”, “fillo *mor*”..., cf. Souto Cabo 2007: 212, 326) reforzan sen dúbida a fundamentación desta hipótese<sup>292</sup>.

## 2.9. VERBOS QUE FLUTÚAN ENTRE A ADSCRICIÓN Á CII E A ADSCRICIÓN Á CIII

Como mostra o Anexo 7, non houbo no traballo de Lobarriñas unha decidida actuación interventora que convertese de forma constante verbos da segunda conxugación (CII) en verbos da terceira (CIII), actuación que estaría en sintonía co parsimonioso discorrer dun cambio en marcha desde a Idade Media que respondía en principio a motivacións sistémicas que sobre todo nos sociolectos dos máis instruídos non tardaron en atopar o reforzo que ofrecía o modelo

<sup>290</sup> Non interveu en “altar maior” (C, 4.9) → “altar mayor” (V, 4.9) e non considero o caso de “letania maior” (C, 4.7) → “ledaiña ma[yor]” (V, 4.7) por haber nel unha escrituración errada en V.

<sup>291</sup> Creo, por tanto, que errou Boullón Agrelo (2019: 91) ao afirmar que *mor* era unha variante “desusada” no tempo en que Lobarriñas fixo o seu traslado de C.

<sup>292</sup> Tamén lle engaden verosimilitude a inclusión de *maor* no *Vocabulario de palabras e modos de falar do Minho e Beira* de Rafael Bluteau (1728: 503) e o comentario que a propósito desta forma recollida polo padre teatino fixo Leite de Vasconcellos (1928: 110) en 1886: “Assim se diz no Alto- e Baixo-Minho”. O ilustre lingüista portugués insistiu no uso de *maor* por todo o Minho noutros lugares (Vasconcellos 1928: 195) e sinalou o de *mor* na aldea de Zeive, no concello trasmontano de Vinhais (Vasconcellos 1985: 67).

do castelán. Certamente, alteracións consistentes neste cambio de conjugación –ou ben actuacións con mantemento da adscrición á CIII cando esta xa se daba no texto de Vasques– obsérvanse en V, mais son máis numerosos os casos de permanencia de verbos na CII e mesmo non faltan accións de conversión do *escripvir* de C en *escreber* que non podemos deixar de relacionar cos seguintes tres datos. O primeiro deles, dado a coñecer por Maia (1986: 730), é o de que na documentación notarial de entre os séculos XIII e XVI que ela editou e estudou as formas do modelo de *escriuir* son as únicas que se encontran nos textos producidos en lugares pertencentes ás actuais provincias da Coruña, Lugo e Ourense, mentres que na cidade de Pontevedra e no extremo occidental da súa actual provincia se redactaron documentos en que aparecen as alternativas *escreuer* ou *escriuer*. O segundo amplía oportunamente esta información proporcionada por Maia, pois consiste no uso de *escrever* nunha escritura labrada en 1268 en Ribadavia, unha vila situada a só 16 quilómetros ao norte de Crecente (*apud* Souto Cabo 2012: 156, nota 114). O terceiro, máis revelador aínda por proceder de textos redactados poucos anos antes ca o manuscrito V, é o de que en cartas en galego enviadas ao señor de Gondomar desde terras próximas a Crecente polo oeste se utilizaron formas de *escrever* ou *escreber*<sup>293</sup> (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 279). Logo tórnase máis ca probábel que *escreber*, como tamén *escribir*, fose unha forma en uso no galego de Crecente nos tempos de don Gregorio Lobarfiñas.

Outro verbo sobre o que cómpre dicir algo é o procedente do latino DĪCĒRE. Lobarfiñas optou case sempre por mantelo na segunda conjugación, quer como *dicer*, quer como *decer*, e só nunha ocasión transformou un *dezer* de C (5.2) en *decir* (V, 5.2)<sup>294</sup>. Dos tres modelos (*decer*, *dicer* e *decir*), o máis frecuente en V é o primeiro<sup>295</sup>,

<sup>293</sup> Por tanto, contra o apuntado ou suxerido por Boullón Agrelo (2019: 83), debemos dicir que no século XVII a conjugación deste verbo pola segunda conjugación si perduraba, polo menos en distintas variedades do sur pontevedrés.

<sup>294</sup> As formas do copretérito (*dizian*, C, 4.1 -2 v.- → *decian*, V, 4.1 -2 v.-, etc.) non permiten facer afirmacións seguras sobre esta cuestión.

<sup>295</sup> Os datos reflectidos no Anexo 7, aos que remito, mostran que errou Boullón Agrelo (2015: 60) cando afirmou que “os testemuños da copia do XVII apuntan cara á

que o ALGa 1 (mapa 242) aínda mostra con bastante vigor no occidente da provincia da Coruña e no suroeste da de Ourense e, como variante ás veces en retirada e a miúdo coexistente con *dicir* ou *de-cir*, tamén en distintos puntos da faixa occidental do país. Entre estes últimos figura o propio Crecente, así como lugares próximos a el como Guillade (concello de Pontearreas), Poza (municipio de Salvaterra de Miño), A Caniza, A Franqueira (concello da Caniza) ou Monterredondo (municipio de Padrenda). Sabemos, por outra parte, que as fontes de estudo dispoñíbeis permiten afirmar que *de-cer* era no XVII, no XVIII e aínda no XIX un modelo moi vivo en variedades dunha larga faixa de terra galega occidental e central (cf. Mariño Paz 2003: 201-205; Mariño Paz 2019a: 149; Souto Cabo 2007: 221, 289) e, con maior concreción, que en cartas enviadas ao señor de Gondomar nos anos 1603 e 1605 desde terras situadas non moitos quilómetros ao oeste de Crecente se empregaron tamén *dezer* e *dezeren* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 257, 275). Ademais, n' *A contenda dos labradores de Caldelas* de 1671 ponse *decer* na boca de personaxes galegos (cf. Mariño Paz 1997a: 2v, 3v), cando, curiosamente, o morgado portugués o que di é *dicir*, *decendo* e *decer*<sup>296</sup> (cf. Mariño Paz 1997a: 1r, 1r e 2r, respectivamente). Á vista de todo isto, podemos estar certos de que tamén no caso desta variábel Gregorio Lobarriñas se ativo ás variantes que no seu tempo se usarían no sueste da actual provincia de Pontevedra, na beira norte do río Miño.

En fin, considerada no seu conxunto, cunha xusta ponderación do tratamento dispensado a todos os verbos implicados nela, que son numerosos, non se pode afirmar que Lobarriñas fixese unha intervención netamente modernizadora con esta variábel da adscripción

---

consolidación" de *dicir*. Así mesmo, creo que tampouco acertou ao se pronunciar do mesmo modo e no mesmo lugar a propósito de *elegir*, *recibir*, *sufrir* e *vivir*, xa que en V hai 4 formas de *eleger* ou *eliger* e 3 de *elegir* ou (*e*)*ligir*, 12 de *receber* e 7 de *recebir* ou *recibir*, 1 de *sofrer* e 1 *sufrir* e vantaxe moi axustada de *vivir* (3 casos) sobre *viver* (2 casos).

<sup>296</sup> Desde logo, do emprego de *dezer* no norte de Portugal hai extensa documentación debida a José Leite de Vasconcellos e a outros autores (cf. Vasconcellos 1928: 242; Sánchez Rei 2021: 311-312).

de unidades verbais á CII ou á CIII, e isto sucedeu porque con toda a certeza entre os séculos XV e XVII tampouco se dera na lingua oral un avance claro das súas variantes innovadoras, que se orientaban cara á terceira conxugación. Polo que ten que ver coa variación espacial, para a maioría dos verbos implicados nesta mudanza carecemos de informacións que nos permitan especular con fundamento sobre a súa distribución diatópica nos séculos XVI e XVII.

## 2.10. VOGAL TEMÁTICA DA P<sub>3</sub> DOS PRETÉRITOS DE INDICATIVO DOS VERBOS REGULARES DA CIII E DO VERBO *VER*

Como pode apreciarse na Táboa 10, en V fixéronse vinte e dous cambios de /'e/ por /'i/ como vogal temática desta clase de formas verbais, mentres que só en sete ocasións se deixou sen tocar a variante pola que optara maioritariamente Vasques, sen dúbida a máis frecuente na variedade diatópica compostelá xa no século XV. Tampouco se alteraron os tres casos en que xa en C se escollera a forma con vogal temática /'i/.

Tamén cómpre considerar aquí os cambios practicados en formas de dous verbos que en C se adscribiron sempre á CII (cf. sección 2.9 e Souto Cabo 2001: 263, 277), pero que en V oscilaron entre as dúas conxugacións: **recebeu** (C, 6.1, 6.5) → **recebiu** (V, 6.1, 6.5), **viveu** (C, 4.5, 4.10) → **bibiú** (V, 4.5, 4.10). Con certeza, nestas catro ocorrencias Lobarriñas tratou tales formas como propias de verbos da CIII, posto que en V non hai nunca verbos adscritos sempre á CII que adopten para a P<sub>3</sub> do pretérito de indicativo formas con /'i/ como vogal temática.

Así mesmo, Lobarriñas optou por *escribiu* nun caso en que Rui Vasques empregara o copretérito: **escripvia** (C, 6.2) → **escribiu** (V, 6.2). No cambio de **escripveu** (C, 6.2 -2 v.-) por **escrebeu** (V, 6.2 -2 v.-) o máis probábel é que optase por conxugar este verbo pola CII.

Así, pois, en V hai un total de vinte e dúas formas deste tipo con /'i/ como vogal temática que en C se presentaban con /'e/, fronte a só sete que retiveron o /'e/ que xa tiñan en C. E a estas sete probablemente haberá que retirarlles as dúas de **escrebeu**, que deben de remitir, como antes dixeran, a *escreber* e non a *escribir*.

	C	V
-EU, -EO → -IU	afligeu (5.2) compreu (4.1) deströeu (2.6, 4.12, 5.1, 5.2) escripveu (5.6), escripveu (5.6) fögeu (2.8, 4.12), fögeu (4.7) oieu (2.10 -2 v.-, 4.5, 4.12), oeu (2.10, 4.10, 6.13) parteu (4.9) veu (4.10, 4.12), beo 'viu' (4.7)	afrigiü (5.2) compriu (4.1) destruyü (2.6, 4.12, 5.1, 5.2) iscribiü (5.6), escribiü (5.6) fugiü (2.8, 4.12 <sup>297</sup> ), fögiü (4.7) oyü (2.10 -2 v.-, 4.5, 4.12 <sup>298</sup> ), oyü (2.10, 4.10, 6.13) partiu (4.9) viü (4.10, 4.12),viü (4.7)
-EU → -EU, -EO, -E	escripveu (6.2 -2 v.-) oprimeu (4.8) parteu (5.1) pedeu (4.11, 5.4) ungeoos (6.6)	escrebeu (6.2 -2 v.-) opremeo (4.8) parteu (5.1) pedeu (4.11, 5.4) ungeas <sup>299</sup> (6.6)
-IO → -IU	constituio (6.10) sentio (4.9) vio (2.10)	costituyü (6.10) sintiu (4.9) viü (2.10)

Táboa 10. Alteracións da vogal temática das P<sub>3</sub> dos pretéritos de indicativo dos verbos regulares da CIII e do verbo *ver*.

O ALGa I (mapa 145) deixa ver Crecente e a súa redonda como lugares claramente enclavados no territorio en que estas formas verbais teñen a vogal temática /'i/ na CIII. Cadra perfectamente con isto e coas referencias que nos subministra o manuscrito V o feito de que os personaxes galegos d'*A contenda* digan *pariu e viu*<sup>300</sup> (cf. Mariño Paz 1997a: 2r e 2r -2 v.-, respectivamente).

<sup>297</sup> Este caso de 4.12 aparece nunha oración engadida no folio 9v por alguén que non era Lobarriñas.

<sup>298</sup> Este caso de 4.12 aparece nunha oración engadida no folio 9v por alguén que non era Lobarriñas.

<sup>299</sup> Nesta forma a secuencia de ditongo decrecente seguido de núcleo silábico simplifícouse mediante a síncope do sufixo número-personal.

<sup>300</sup> Aparece *saleu* nunha carta escrita ao señor de Gondomar en 1596. Ora ben, o seu remitente, que era castelán e non galego, viviu en Compostela como deán durante un tempo (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 238, 296), polo que é case seguro que debemos imputar esta forma verbal ao seu contacto co xoelecto compostelán de finais do século XVI.

2.II. SUFIXO NÚMERO-PERSOAL DA P3 DOS PRETÉRITOS DE INDICATIVO DOS VERBOS REGULARES DA CII E DA CIII E DOS IRREGULARES *VER* E *VIR*

Segundo vimos na sección anterior, só en tres ocasións conxugou Rui Vasques dous verbos da CIII e mais *ver* cunha vogal temática /'i/ nesta persoa e neste tempo. Nas tres ocasións fíxoa seguir dun sufixo número-persoal *-o* que, á vista das referencias que hoxe nos proporciona o ALGa 1 (mapa 145), talvez fose corrente no seu tempo na Santa Baía de Chacín en que el exerceu como clérigo. Lobarriñas cambiou sempre para *-u* este sufixo *-o* nesta clase de verbos: **constituo** (C, 6.10) → **constituyu** (V, 6.10), **sentio** (C, 4.9) → **sintiu** (V, 4.9), **vio** (C, 2.10) → **viu** (V, 2.10).

Como mostra a Táboa 10, cos verbos da CIII que nesta persoa e tempo conxugou con vogal temática /'e/ Vasques adoptou case sempre un sufixo número-persoal *-u*<sup>301</sup> que Lobarriñas só alterou nunha ocasión: **oprimeu** (C, 4.8) → **opremeo** (V, 4.8). No entanto, con *ver* o clérigo de Chacín optou unha vez por un *-o* que en V pasou a *-u*: **beo** (C, 4.7) → **viu** (V, 4.7). Non houbo mudanza da desinencia número-persoal en **veu** (C, 4.10, 4.12) → **viu** (V, 4.10, 4.12).

Finalmente, cos verbos da CII o manuscrito C oscila entre *-eu* e *-eo*, con preferencia avultadísima por *-eu*. Polo contrario, con *vir* só admite *-eo*. Nos casos de *-eo* V oscila tamén entre a alteración e a conservación<sup>302</sup> (**veñose** → **veose**, 2.3; **vééo** → **veo**, 4.13; **veose** → **veuse**, 2.6; **veño** → **veu**, 4.7; **viveo** → **bibeu**, 4.5), mentres que case sempre mantivo *-eu*, coa seguinte excepción: **morreu** (C, 2.5) → **morreo** (V, 2.5).

Podemos afirmar, por tanto, que Lobarriñas evitou a desinencia *-io* pero admitiu *-eo*, se ben adoptou *-eu* con moitísima máis frecuencia. Cadra ben este comportamento co feito de que hoxe Crecente estea moi lonxe do recanto fisterrán en que se usa *-io* (cf.

<sup>301</sup> Non en **segueo** 'seguuu' (C, 6.11), que en V é forma de copretérito: **seguia** (6.11).

<sup>302</sup> Co pretérito de *vir* tamén houbo algúns casos de cambio para *ven* (cf. 2.13).

ALGa 1, mapas 55, 145, 402) e non tanto coa circunstancia de que na actualidade *-eo* só se rexistre no nordés pontevedrés (As Cruces, Lalín...) e mais na banda oriental (cf. ALGa 1, mapa 55). Nos textos da Idade Media hai tamén rexistros de *-o* e de *-u* para este sufixo verbal, tanto con verbos da CII coma con verbos da CIII (cf. Lorenzo 1985: 83-84, 120-121, 159; Maia 1986: 744). Dos máis próximos no espazo e no tempo a Lobariñas podemos dicir que na correspondencia a Gondomar só achamos o sufixo *-u* *-mereceu* e *pidiu* en cartas remitidas desde Baiona en 1603, *saleu* na escrita en 1596 por un castelán que residiu un tempo en Santiago (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 286, 292, 296)– e que o mesmo pasa co *Diálogo de Alberte e Bieito*, no que lemos *biu* e *mordeu* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 290, 296). N’*A contenda* de 1671 vemos *pariu* e *viu* na intervención dun galego (cf. Mariño Paz 1997a: 2r e 2r -2 v.-), pero *berteu*, *tenjeu* e tamén *beo* ‘veu’ no parlamento dunha moza do outro lado do Miño (cf. Mariño Paz 1997a: 3r). Tamén debemos considerar aquí que Leite de Vasconcellos (1928: 311, 181, 194, 323, 397, 461; 1985: 13-14, 30, 53, 57, 69, 118, 120, 133, 134, 148, 158, 161, 163, 165, 183, 184, 194) advertiu que entre o XIX e o XX se dicía *fugiu* en Melgaço<sup>303</sup>, Monção, Guimarães, Vila Nova da Cerveira e diversos lugares de Trás-os-Montes, e non *fugio* como na Beira. En conxunto, pois, paréceme que os datos aquí recadados converten en moi verosímil que Gregorio Lobariñas se inspirase no uso vixente ou preponderante no seu tempo en Crecente cando evitou a desinencia *-io* de C pero admitiu *-eo* moi minoritariamente.

## 2.12. P3 DO PRETÉRITO DE INDICATIVO DO VERBO *DAR*

Para a expresión desta variábel a única variante que utilizou Rui Vasques foi *dou*, ben atestada xa nas fontes medievais (cf. Maia 1986: 776-777) e hoxe en día de uso consolidado nas terras de Compostela (cf. ALGa 1, mapa 225). Lobariñas mantívoo en cinco ocasións<sup>304</sup>,

<sup>303</sup> Ora ben, na freguesía de Parada do Monte, pertencente a este concello de Melgaço, rexistrou en 1902 “*mentio*, não *mentiu*” (Vasconcellos 1928: 304).

<sup>304</sup> Son as seguintes: **dou** (C e V, 4.9, 6.10, 6.11, 6.12, 6.13).

mais noutras trece substituíuna pola que sen dúbida era propia no seu tempo, coma hoxe (cf. ALGa I, mapa 225), da comarca de Crecente: **dou** (C, 2.4, 2.5 -2 v.-, 2.10 -2 v.-, 4.5 -2 v.-, 4.7, 4.9, 6.7, 6.8, 6.10, 6.11) → **deu** (V, 2.4, 2.5 -2 v.-, 2.10 -2 v.-, 4.5 -2 v.-, 4.7, 4.9, 6.7, 6.8, 6.10, 6.11). Ademais, no traslado da seguinte pasaxe operou moi libremente, de tal forma que escribiu unha forma *deu* que non tiña correspondencia en C:

Et dito Leonegildo, rei, indurado porlo *espíritu* diabolico, non quiso creer, mais, porla vondade et santidade do dito arçobispo Leandro, doulle hñu seu fillo a que chamavan Recaredo. Et o *santo* arçobispo bautizoo, et por tal via o criou et ensinou enna *santa* fe catholica... (C, 2.5) → Y o dito Leouigildo, rey, foi endureado polo *ispiritu* diaboleco: non quiso creer, mais pola bondade do dito arçobispo Liandro deulle Deus vn fillo, y este o **deu** a criar ao santo arçobispo; o o fillo chamaronlle Recaredo y o santo arçobispo o batiçou e criou por tal uia y ensinou na *santa* fee catholica... (V, 2.5).

### 2.13. P3 DO PRETÉRITO DE INDICATIVO DO VERBO *VIR*

Unha particularidade da morfoloxía verbal irregular en que, dada a súa singularidade, as escollas observábeis en V son especialmente reveladoras é a que afecta a P3 do pretérito de indicativo do verbo *vir*. En efecto, alí onde no manuscrito de 1467 e 1468 se len, con ou sen lineta indicativa de resonancia nasal, **veñose** (2.3), **veño** (4.7), **vëoo** (6.13), **veose** (2.6), **vééo** (4.13), **veeo** (6.3, 6.13), **veño** (4.7), **veeo** (2.8, 2.10, 4.12, 5.1) e **veeo** (4.12), no traslado do XVII áchanse **veose** (2.3), **veu** (4.7), **veu** (6.13), **veuse** (2.6), **veo** (4.13), **veu** (6.3, 6.13) e, con consoante nasal posnuclear, **ven** (4.7), **ven** (2.8, 2.10, 4.12, 5.1) e **ben** (4.12), de modo que, por exemplo, a secuencia “Et en *aquel* tempo **veño** Haudirahaman, rei de Cordova” de C (4.7) aparece en V do seguinte xeito: “No cal tempo **ven** Audirahaman, rei de Cordoua” (4.7). O ALGa I (mapa 413) mostra que no terzo final do século XX esta variante *ven* se usaba nun lugar moi próximo a Crecente, a aldea de Guillade, no concello de Pontearas, así como no non demasiado distante municipio ourensán de Calvos de Randín e tamén no

occidente coruñés. Logo é ben verosímil que a variación entre *veo*, *veu* e *ven* que se dá en V reflectise a situación que a respecto disto se daría no Crecente de principios do XVII e que Lobarriñas tamén actuase neste caso acomodando ao seu xeolecto natal as solucións polas que optara Rui Vasques<sup>305</sup>.

Non se lle pode asignar a esta intervención un carácter modernizador. Non fixen unha busca sistemática nas fontes escritas do galego e do portugués medievais, mais polo menos podo mencionar dúas ocorrencias seguras e unha discutíbel pero verosímil de *ven* como P3 do pretérito de indicativo de *vīr* en composicións de dous trobadores do norte de Portugal<sup>306</sup>. As seguras ocorren na cantiga 1176 (B 1163, V 766), de Roi Martiinz do Casal, que se pode ler en *Universo Cantigas* (UC), en LP (145.4) e mais en *Littera*. Nesta cantiga de amigo utilizouse esta variante verbal nos versos “atá que *ven* meu lum’e meu prazer” (v. 4) e “atá que *ven* meu ben e meu lume” (v. 16), onde se revela inequivocamente como forma de pasado se se le no contexto enteiro da composición e, sobre todo, se se confronta co *veo* que aparece no verso simétrico “atá que *veo* meu lum’e meu ben” (v.10). Non tan segura, mais si verosímil, é a interpretación de *ven* como P3 do pretérito de indicativo na cantiga 643 (B 628, V 229), “Agora *ven* o meu amigo”, de Fernan Rodriguez de Calheiros (UC, 643). Por todo isto, creo sensato inferir que o pretérito *ven*, que sería minoritario no século XV tanto en Galicia coma en Portugal, seguiría séndoo no XVII, mais debía de resultarlle próximo a Lobarriñas por se empregar no xeolecto das terras onde nacera.

<sup>305</sup> Cabe a posibilidade de que *ven* resultase da conversión da resonancia nasal da vogal nuclear de *vēo* nun apéndice consonántico nasal, mais tamén é posíbel que proceda dunha transformación do latín *VĒNĪT* debida ás regulares apócopies da consoante oclusiva e da vogal átona finais. Ante a dúbida, prefiro catalogar esta intervención no apartado da morfoloxía verbal, onde encaixa con toda a certeza, antes ca no dos resultados da desnasalización vocálica.

<sup>306</sup> Debo a localización destes tres rexistros ao colega Manuel Ferreiro Fernández, director do proxecto *Universo Cantigas*, da Universidade da Coruña. Agradézolle moito a amabilidade e a rapidez con que respondeu á miña consulta.

## 2.14. DE OÍR A OUVIR

Se en dezasete ocasións<sup>307</sup> non se modificou o lexema deste verbo, que no manuscrito de Vasques responde sempre ao modelo de *oír*, en dous casos o que se fixo foi substituílo por *ouv-*, unha vez no copretérito e outra no pretérito de indicativo: **oian** (C, 2.10) → **ouuian** (V, 2.10), **oiron** (C, 4.4) → **ouuiron** (V, 4.4). Na actualidade o ALGa I (mapas 294-308) sitúa *ouvir* en diversos puntos próximos a Crecente que están localizados no sur da provincia de Pontevedra (O Porriño, Mondariz, Pontearas, Tui...) ou no oeste da de Ourense (Avión, Padrenda...), unha zona en que ademais se rexistran tamén *oír* e, con menor frecuencia, *ouír*. Consonte eses mapas, os niveis de permanencia do modelo de *ouvir* nos nosos días varían duns tempos verbais para outros. *Ouvir* xa se rexistra xunto a *oír* na documentación medieval do recanto suroccidental da actual provincia de Pontevedra (cf. Maia 1986: 550-551, 933; Álvarez/Xove 1998: 47-48) e, en fontes escritas en vida de Lobariñas ou en tempos próximos a ela, lense *oubir* nunha carta ao señor de Gondomar de 1603 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 291) e *ouben* nun parlamento do labrador galego d'*A contenda* de 1671 (cf. Mariño Paz 1997a: IV).

## 2.15. USO DA P6 DO ANTEPRETÉRITO CO VALOR DE P6 DO PRETÉRITO DE INDICATIVO

Lobariñas case sempre mantivo o sufixo número-persoal *-ron* cando trasladou para V formas verbais da P6 do pretérito de indicativo, mais en dúas ocasións cambiouno para *-ran*, de modo que de **vieron** (C, 2.2) fixo **vieran** (V, 2.2) e de **poseron** (C, 4.2), **puxeran** (V, 4.2). Como hai unhas décadas o ALGa I (mapas 11, 58, 147, 416) recolleu este uso en Bubaces e Vuscalque, dous lugares do concello limiao de

<sup>307</sup> Son as seguintes: **oir** (C e V, 6.6), **oiredes** (C e V, 2.10), **oieu** (C, 2.10 -2 v.-, 4.5, 4.12) → **oyu** (V, 2.10 -2 v.-, 4.5, 4.12 –este caso de 4.12 aparece nunha oración engadida no folio 9v por alguén que non era Lobariñas–), **oer** (C, 2.10, 4.10, 6.13) → **oyu** (V, 2.10, 4.10, 6.13), **oiron** (C, 4.7) → **oiron** (V, 4.7), **oiron** (C, 6.13) → **oyron** (V, 6.13), **oira** (C, 5.6) → **oyra** (V, 5.6), **oise** (C, 4.11) → **oyse** (V, 4.11), **oida** (C e V, 4.7), **oida** (C, 4.13, 5.6) → **oyda** (V, 4.13, 5.6), **oidas** (C, 5.6) → **oydas** (V, 5.6).

Lobios, non demasiado distante de Crecente, cabe a posibilidade de que tamén nestes dous casos o clérigo do XVII modificase conscientemente a lección de C para adoptar formas características da súa freguesía e comarca natais e de residencia habitual. No entanto, hai dúas circunstancias que aconsellan prudencia: en primeiro lugar, que observamos unha mudanza en sentido contrario na substitución de **quiseran** (C, 5.4) por **quixeron** (V, 5.4); e, por outra parte, que os exemplos aducíbeis son porcentualmente tan escasos que non debemos descartar que non se trate de cambios intencionados, senón de simples lapsos gráficos de don Gregorio.

#### 2.16. DE ALÓ A ALÁ, DE ALÁ A LÁ

Lobariñas cambiou para *alá* un adverbio de lugar *aló* que ocorría no manuscrito C e transformou en *lá* a única ocorrencia de *alá* no texto catrocentista que trasladou: “non quiso el *que* el **alo** fose” (C, 6.2) → “non quiso el *que* **ala** fose” (V, 6.2); “et *que* ende avia cardeaes, os quaes recebesen ao cardeal llegado et lle fezesen outra tanta onra *quanta* os cardeas de Roma *fazian* aos de *Santiago*, *quando* **ala** *ian*” (C, 6.5) → “e *que* ende auia cardias, os quais recebesen ao cardeal legado e lle fecessen tanta honrra *canta* os cardeas de Roma *facian* aos de *Santiago* *cando* **la** *yan*” (V, 6.5). Polo contrario, non modificou o *acá* de proximidade que nunha ocasión empregara Rui Vasques: “*que* *aprouesse* a sua Santidade de o enviar **aca** consagrar” (C, 6.2) → “*que* *aprouese* a Sua Santidade de ô embiar a consagrar **aca**” (V, 6.2).

Se as fontes medievais conservadas apuntan a un uso non raro entón de *aló* e *acó* por terras meridionais (cf. Álvarez/Xove 2008b: 378-387, 398-399), na actualidade *alá* e *acá* son as únicas formas que se empregan nelas, ao tempo que no norte predominan *aló* e *acó*, mais con presenza crecente das alternativas terminadas en *-á* (cf. ALGa 2, mapas 313, 315, 316; Álvarez/Xove 2008a). De 1619 temos *acó* nunha carta remitida ao señor de Gondomar por Rodrigo de Moscoso e Sandoval, deán de Santiago (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 259-261, 268), o que apunta a que na Compostela do XVII estas formas acabadas en *-ó* debían de conservar o uso social que xa terían nos tempos de Rui Vasques. Polo contrario,

noutra carta ao mesmo destinatario que lle enviou en 1604 unha muller orixinaria de terras meridionais o que se le é *acá* (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 251, 268). Son tamén *acà* (iv) e *alà* (2r) as formas seleccionadas por Gabriel Feijó de Araújo para poñer en labios galegos n'*A contenda* de 1671 (cf. Mariño Paz 1997a: iv, 2r) e, así mesmo, as que se empregaron no *Diálogo de Alberte e Bieito*, texto pontevedrés de 1595 ou 1596 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 271), e mais na *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 236, 254, 256). En conxunto, os datos aquí reunidos permiten concluír con garantías que *aló* (e *acó*) debían de ser formas estrañas á variedade de galego máis familiar para Gregorio Lobarfiñas.

Por outra parte, que o ALGa 2 (mapa 316) rexistre *lá*, en alternancia con *alá*, en Salceda de Caselas e mais en Caldelas (Tui), preto de Crecente, esclarece as razóns que deberon de alentar o cambio de *alá* por *lá* que tamén fixo a man responsábel da escritura do manuscrito V.

## 2.17. DE DESPOIS A DEPOIS

*Despois* foi a única variante que Rui Vasques adoptou para este adverbio (cf. Souto Cabo 2001: 230), que pode ser parte integrante da locución preposicional *despois de* ou da locución conxuntiva *despois que*. Gregorio Lobarfiñas modificouno en nove ocasións para *depois*, mentres que noutras dezaioito non o alterou: **despois** (C, 1.2, 2.10, 4.2, 4.5, 4.13, 6.2 -2 v.-, 6.3, 6.11) → **depois** (V, 1.2, 2.10, 4.2, 4.5, 4.13, 6.2 -2 v.-, 6.3, 6.11). Nas fontes medievas hai abundantes rexistros de variantes del con *de-* inicial, quer seguido de *pus*, quer seguido de *pos*, quer seguido de *pois*. Aínda que afloran desde o século XIII e abundan tamén nas décadas seguintes, moitos destes rexistros son de finais do XIV ou do XV e non poucos deles proceden de textos notariais elaborados en terras non demasiado distantes de Crecente: *depus* ou *de pus* en Melón (1396) e Ribadavia (1406, 1470, 1483, 1490...); *depos* ou *de pos* en Tui (1367, 1368, 1369, 1370, 1494), Baiona (1378) ou Melón (1368, 1370, 1371); *depoys* en Ribadavia (1483, 1490) e mais en Sobroso (1432) (cf. Álvarez/Xove 1998: 32-36). Por tanto,

é moi verosímil que *depois* fose regularmente utilizado á par de *depois* na comarca de Crecente entre as últimas décadas do XVI e as primeiras do XVII.

## 2.18. DE QUASI A CAIXE

Na única pasaxe de C trasladada a V que contiña un adverbio *quasi* Lobaríñas optou por substituílo por *caixe*<sup>308</sup>: “Et porque a memoria da Eglleja de Iria he ja **quasi** perdida” (C, 1.2) → “E porque á memoria da Eygreje de Yria é ja **caixe** perdida” (V, 1.2). Esta forma foi rexistrada por García (1985: s.v.) en Montederramo, no interior ourensán, e ademais comparece a par de *caixeque* no dicionario etimolóxico de Rivas Quintas (2015: 98, 127), investigador natural de Xunqueira de Ambía, municipio non demasiado distante de Crecente en dirección leste<sup>309</sup>. Así mesmo, Leite de Vasconcellos (1928: 63, 93, 193, 197, 219, 229, 236, 377; 1985: 190) deu noticia do uso de *caize* ou *caise* en Ponte de Lima, de *quaije* e *aquaije* en varios puntos do norte e do centro de Portugal, de *acaijo* e *caijo* en Guimarães e de *caije* en Baião. O conxunto destas referencias galegas e portuguesas tornan moi probábel que *caixe* fose de novo unha variante viva no galego de Crecente por volta de 1600 e por iso mesmo escollida por Lobaríñas no canto de *quasi*.

## 2.19. DE NIN A NEN, DE NINGŪA A NENGUNA

Lobaríñas cambiou case sempre para *nen* a conxunción *nin* de C<sup>310</sup> e non alterou unha ocorrencia de *nen* que xa aparecía no manuscrito de Vasques: **nin** (C, 4.3 -2 v.-, 4.II -4 v.-, 5.2, 5.3, 5.4 -2 v.-, 6.8 -2 v.-, 6.13) → **nen** (V, 4.3 -2 v.-, 4.II -4 v.-, 5.2, 5.3, 5.4 -2 v.-, 6.8 -2 v.-, 6.13), **nen** (C, 1.2) → **nen** (V, 1.2). Hai tamén dous raros casos de

<sup>308</sup> Aparecía outro caso de *quasi* no fragmento de 6.3 que el omitiu no seu traslado.

<sup>309</sup> Debido aos contactos profesionais e humanos que con el mantiven especialmente entre 1986 e 1990, cónstame que na súa expresión oral espontánea este investigador utilizaba regularmente as variantes *caixe* e *caixe que*.

<sup>310</sup> O caso de [nin] (C, 2.10), unha forma integrada polo editor Souto Cabo, tamén se corresponde con **nen** en V (2.10).

paso de **nin** (C, 5.6, 6.5) a **ne** (V, 5.6, 6.5), o primeiro en posición antevoacálica e o segundo en posición anteconsonántica. O que nunca aparece en V é a solución *nin*.

A variante máis rexistrada no galego medieval é, con diferenza, *nen*, mais xa se ven rexistros do *nin* en documentos do século XIII (cf. Maia 1986: 876-878; Lorenzo 1975-77: II, 894-895; TMILG). Dado que o ALGa 2 (mapa 372) presenta nos nosos días un uso xeneralizado de *nin* por toda Galicia, mais con alternancia entre *nin* e *nen* en Salceda de Caselas, bastante preto de Crecente, parécese moi probábel que a sistematicidade con que don Gregorio actuou neste caso se debe a que no seu xeolecto o uso común era entón o de *nen*. A isto mesmo apuntan tamén o rexistro de *nen*, e non de *nin*, nunha carta remitida ao señor de Gondomar en 1603 (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 288), e mais a alternancia entre *nen* (cf. Mariño Paz 1997a: IV, 3r, 3v) e *nin* (cf. Mariño Paz 1997a: 3r) n'*A contenda* de Caldelas de 1671<sup>311</sup>. Tamén é *nen* a única variante que se le no *Diálogo de Alberte e Bieito* (ca. 1595-1596) de Pontevedra, onde alcanza nada menos ca nove ocorrencias (cf. Álvarez/Rodríguez Montederramo 2002: 297). Así mesmo, hai presenza moi minoritaria de *nen* na *Historia de don Servando* (cf. Souto Cabo 2007: 240, 328).

En conexión con esta conxunción hai que considerar a actuación de Lobarriñas sobre o cuantificador *ningũu*, para o que só adoptou a variante con /e/ átono no feminino: **ningũa** (C, 2.1) → **nenguna** (V, 2.1), **nihũa** (C, 4.2) → **nenguna** (V, 4.2), **ningũ** (C, 2.2) → **ningun** (V, 2.2), **ningũu** (C, 4.2) → **ningun** (V, 4.2). O ALGa 2 (mapas 257, 258) non recolle ningún rexistro de *nengún* nin de *nengunha* (nin de *neñún* ou *neñunha*) en toda a Galicia actual e os textos próximos no espazo e no tempo a V tampouco non ofrecen máis ca a variante con /i/: *ningún* en cartas a Gondomar de 1598 e 1604 (Álvarez/Rodríguez Montederramo 2004-05: II, 288), un revelador verso “*nen ningun bello de cento*” n'*A contenda* (Mariño Paz 1997a: 3r), con uso consecutivo da conxunción *nen* e o cuantificador *ningun*<sup>312</sup>, e *ningun* e

<sup>311</sup> Un personaxe portugués deste entremés di *nein* (Mariño Paz 1997a: 3v).

<sup>312</sup> Os personaxes portugueses din *ninhun* (Mariño Paz 1997a: 2r) e *ninhuma* (Mariño Paz 1997a: 1r).

*ningõa* na *Historia de don Servando* (Souto Cabo 2007: 217, 329). Así e todo, os rexistros de *nen* antes mencionados tornan plausíbel que no xeolecto crecentino do tempo de Lobarriñas tamén perdurase a variante *nengún* deste cuantificador negativo, unha variante que, á vista dos datos que expuxemos aquí, debeu de desaparecer na zona en beneficio de *ningún* antes de que *nen* o fixese a favor de *nin*.

## 2.20. DE *PERO* A *PEROL*

Ata en catro ocasións substituíu Lobarriñas por *perol* a conxunción adversativa *pero* de C<sup>313</sup>:

1. et outros dizian *que* lle chamasen Bisria, *porque* era sita ontre dous rios, he a saber: o rio de Saar et o rio da Ulla. **Però** foi acordado *que* lle chamasen Iria (C, 2.3) → y outros que lle chamasse Biseria, *porque* era sita entre dous rios, o rio de Sar y o da Vlla. **Perol** foi acordado que lle chamasen Yria (V, 2.3).
2. A qual licencia lle dou o papa Urbano, **però** *con* tal condiçõn *que* senpre a see de Iria fosse a segunda see onrada (C, 2.10) → a cal licencea depois a gran tempo gonou o bispo Dalmaceo por priuilegeo do papa Vrbano, que lla deu, **perol** *con* tal condiçõn *que* sempre a se de Yrea fose a sigunda se onrada (V, 2.10).
3. Et ao tempo da morte morreu morte supitanea, **però** sua madre *que* era molter moi devota, *con* grande nojo, lançouse *con* gran gemedo e lagrimas en oraçõn de noite et de dia... (C, 4.5) → Y ao tempo da morte morre[u] a morte supitanea. **Perol** sua madre, que era muller mui deuota, *con* grande nojo lançouse *con* gran gimido e lagrimas en oraçõn de noite e dia... (V, 4.5).
4. Et foille respondido *que* a Egllēja Conpostellana ensoberbecia et se queria igoalar *con* a Egllēja Romana. **Però** finalmente tanta foi a omilldade et santidade do obispo Dalmacio que o papa et cardeaes et todo o concilio *con* grandes preces inpretrou... (C, 5.4) → E foille respondido que a Eygreje Compostelana se ensoberuecia e se queria ygoalar coa de Roma. **Perol** finalmente tanta foi a vmildade e santidade do obispo Dalmacio que o papa e cardeas e todo o concileo *con* grandes preces empetrou... (V, 5.4).

<sup>313</sup> En cinco casos mantívoa: **però** (C, 2.10, 4.8, 5.1, 6.5, 6.6) → **pero** (V, 2.10, 4.8, 5.1, 6.5, 6.6). Non tocou a conxunción *enpero*: **enperò** (C, 6.5) → **empero** (V, 6.5).

Como xa advertiu Souto Cabo (2022: 635), a conxunción *perol* aparece nunha cantiga de Gomes Garcia, trobador da liñaxe galega de Soutomaior do tempo de Afonso X e Sancho IV: “*perol* foi-s’el nou-tro dia de aqui” (B 925, V 513). Sabemos ademais que nas primeiras décadas do século XVI Gil Vicente puxo *perol* e *emperol* nas bocas de varios personaxes rústicos portugueses dos seus autos e traxicomédias (cf. Teyssier 2005: 160-162) e que estas dúas formas comparecen caracterizadas como antigas en clásicos da lexicografía portuguesa como Morais Silva (1980: s.v.) e Figueiredo (1996: s.v.). Pois ben, se este testemuño de Gil Vicente permite caracterizar *perol* como unha variante propia do portugués popular da primeira metade do XVI, o de Gomes Garcia invita a pensar que é posíbel que a finais do XIII esa variante da conxunción adversativa *pero* se empregase tamén por terras galegas non demasiado afastadas de Crecente.

Os únicos rexistros posmedievais e galegos de *perol* que coñezo son os catro debidos a Gregorio Lobarriñas (cf. DdD, TILG, Gondomar). Por tanto, as referencias que neste caso podemos tomar son escasas, como acabamos de ver, mais creo que polo menos permiten presentar como plausíbel que *perol* fose aínda unha variante en uso no xeolecto crecentino das primeiras décadas da décimo sétima centuria.

## 2.21. DE EGGLEJA A EYGREJE E OUTROS CASOS DE ADOPCIÓN DE /e/ ÁTONO FINAL

Foron pouquísimas as ocorrencias da palabra *eglleja* –case sempre abreviada en C– que o trasladador do século XVII non transformou en *eygreje* ou *eygrege*<sup>314</sup>, segundo se pode comprobar na Táboa II. Ben se ve, por tanto, que Lobarriñas actuou nisto con toda a determinación e, ao meu modo de ver, a clave que nos permite comprender esta conduta vénnos da man de José Leite de Vasconcellos, quen como consecuencia das numerosas expedicións a Melgaço que fixo

<sup>314</sup> Como apunta Santamarina (2008: 939), os resultados de ECCLESIA con /e/ átono final quizais proveñan dun antigo xenitivo ou dun antigo locativo, se ben o máis probábel é que a palatalización da súa vogal final fose inducida modernamente pola consoante fricativa prepalatal que está no ataque desa sílaba. Foi tamén isto o que sucedeu, por exemplo, en *laxa* > *laxe* ou en *Baleixa* > *Valeixe*.

entre 1891 e 1924 puido escribir o seguinte con todo o fundamento: “ouvi algures [dentro do concello de Melgaço] *igrêja* e *igreje*, e em S. Gregório [localidade de Melgaço] *igreije* ‘igreja’” (Vasconcellos 1928: 319). Xunto a isto, o dialectólogo luso tamén deixou constancia de que *igrêje* se usaba en Paredes de Coura (Vasconcellos 1928: 445), poucos quilómetros ao suroeste de Melgaço e de Crecente. Por outra parte, tampouco deberíamos pasar por alto que na súa exploración dialectolóxica da fala do veciño Monção Leite anotou o seguinte: “Em vez de *Soajo* ouvi pronunciar *Soaje*, isto é, ‘frêguesia de *Soaje*’, com *-e*, ou por influência de *j*, ou da planta chamada *soaje*, também conhecida em Monção” (Vasconcellos 1928: 396). Á vista destes datos, e considerando a resolución con que Gregorio Lobarinañas actuou noutros casos para optar constantemente en V por variantes propias do seu concello natal e de terras próximas a el, paréceme moi probábel que pola mesma razón decidise cambiar para *eygreje* o *eglleja* do manuscrito de Rui Vasques.

	C	V
EGLLEJA → EYGREJE	eglleja (2.10, 6.5)	eygreje (2.10, 6.5)
	eglleja (1.1, 1.2, 2.3 -3 v.-, 2.4 -2 v.-, 2.8, 2.10 -3 v.-, 4.1 -2 v.-, 4.2, 4.3 -9 v.-, 4.4 -2 v.-, 4.5 -4 v.-, 4.7, 4.8 -4 v.-, 4.11 -5 v.-, 4.12 -4 v.-, 4.13 -3 v.-, 5.1 -5 v.-, 5.2 -5 v.-, 5.3 -5 v.-, 5.4 -12 v.-, 5.5 -2 v.-, 5.6 -9 v.-, 6.1, 6.2, 6.3 -4 v.-, 6.4, 6.5 -12 v.-, 6.7 -2 v.-, 6.8 -2 v.-, 6.9, 6.10 -7 v.-, 6.11 -4 v.-, 6.12, 6.13 -2 v.-)	eygreje (1.1, 1.2, 2.3 -3 v.-, 2.4 -2 v.-, 2.8, 2.10 -3 v.-, 4.1 -2 v.-, 4.2, 4.3 -9 v.-, 4.4 -2 v.-, 4.5 -4 v.-, 4.7, 4.8 -4 v.-, 4.11 -5 v.-, 4.12 -4 v.-, 4.13 -3 v.-, 5.1 -5 v.-, 5.2 -5 v.-, 5.3 -5 v.-, 5.4 -12 v.-, 5.5 -2 v.-, 5.6 -9 v.-, 6.1, 6.2, 6.3 -4 v.-, 6.4, 6.5 -12 v.-, 6.7 -2 v.-, 6.8 -2 v.-, 6.9, 6.10 -7 v.-, 6.11 -4 v.-, 6.12, 6.13 -2 v.-)
	eglleja (2.3, 5.3, 6.4, 6.5)	eygreje (2.3, 5.3, 6.4, 6.5)
	eglleja (4.2)	eygreje (4.2)
	iglleja (4.3)	eygreje (4.3)
	cibdade (4.8)	eygreje (4.8)
	egllejas (2.8, 2.9, 4.5, 4.9, 5.4, 6.5, 6.10, 6.11 -3 v.-, 6.13)	eygrejes (2.8, 2.9, 4.5, 4.9, 5.4, 6.5, 6.10, 6.11 -3 v.-, 6.13)
eglejas (6.5)	eygrejes (6.5)	
Egleja (5.4)	Eygreje (5.4)	
EGLLEJA → EYGREJA	eglleja (2.5)	eygreja (2.5)
EGLLEJA → YGLESIA	Eglleja (5.4, 6.8), Eglleja (6.5)	Yglesia (5.4, 6.8), Jglesia (6.5)

Táboa 11. Alteracións da palabra *eglleja*.

Carezo de información que me permita aseguralo con toda a convicción, mais, en vista do anterior, sospeito que o racioneiro de Crecente tamén se debeu de inspirar en usos populares comúns na súa terra cando con moita frecuencia corrixiu *apóstolo* para *apóstole*, como indico na Táboa 12. A meu ver, cabe a posibilidade de que *apóstole* sexa unha variante paragóxica de *apóstol*, forma castelaniante que tamén empregou moitas veces<sup>315</sup>.

As outras alteracións a que foi sometida esta voz consistiron na súa castelaniación: *apostol*. Só no seguinte caso conservou Lobarriñas a forma de C: **Apostollo** (C, 2.1) → **Apostolo** (V, 2.1).

	C	V
APÓSTOLO → APÓSTOLE	<i>apostollo</i> (2.10 -6 v.-, 4.1 -2 v.-, 4.4, 4.5 -2 v.-, 4.7 -7 v.-, 4.8, 4.10, 4.12) <i>apostolo</i> (4.1, 6.5) <i>apostollos</i> (5.4, 6.5, 6.10)	<i>apostole</i> (2.10 -6 v.-, 4.1 -2 v.-, 4.4, 4.5 -2 v.-, 4.7 -7 v.-, 4.8, 4.10, 4.12) <i>apostole</i> (4.1, 6.5) <i>apostoles</i> <sup>316</sup> (5.4, 6.5, 6.10)
APÓSTOLO → APÓSTOL	<i>apostollo</i> (4.11, 4.12, 5.4 -3 v.-, 6.5 -3 v.-, 6.6 -4 v.-, 6.10 -2 v.-, 6.13) o <i>'postollo</i> (6.13)	<i>apostol</i> (4.11, 4.12, 5.4 -3 v.-, 6.5 -3 v.-, 6.6 -4 v.-, 6.10 -2 v.-, 6.13) o <i>apostol</i> (6.13)

Táboa 12. Alteracións da palabra *apostolo*.

## 2.22. UNHA EXCEPCIÓN: O USO EXPLETIVO DO PRONOME *EL*

O racioneiro de Crecente suprimiu o único caso de uso expletivo do pronome *el* que se acha no manuscrito C: “Et alli foi *el* a *primeira* vez *que* chamaron «Santiago» en España” (C, 4.7) → “Y ali foi a

<sup>315</sup> Tampouco dispoño de informacións que me permitan considerar como casos de adopción dunha variante propia de xeolecto crecentino as substitucións de /o/ por /e/ en posición átona final que Lobarriñas fixo con dous nomes propios: un antroponónimo (*Cucufato* → *Cucufate*, 6.4) e un topónimo (*Mosonço* → *Moconse*, 4.11, con metátese). De *Cucufate* cómpre ponderar que se trata dunha forma normal para este nome tanto en castelán coma en portugués (cf. Ferro Ruibal 1992: 212). De *Moconse* debemos dicir que é moi improbábel, case por completo inverosímil, que Crecente dispuxese no século XVII dunha variante propia para o topónimo Mezonzo, que dá nome a unha freguesía do concello de Vilasantar, situado no sueste da actual provincia da Coruña.

<sup>316</sup> Estes plurais tamén se poderían asociar cun singular *apóstol*.

permeira vez que chamaron Santiago en España” (V, 4.7)<sup>317</sup>. No entanto, o ALGa 2 (mapas 166 e 167) si sitúa na actualidade usos iguais ou parecidos a este de C naquela zona do sueste pontevedrés e o oeste ourensán, e Leite de Vasconcellos (1928: 222) deu noticia deles tamén “na linguagem familiar” de Guimarães e “de outras localidades” portuguesas próximas. Obviamente, non podemos tirar conclusións de ningún tipo a partir dun único caso, mais debe quedar constancia de que nesta ocasión a man de Lobaríñas suprimiu un recurso lingüístico de C que debía de ter curso na lingua oral das terras de Compostela na segunda metade do século XV e probabelmente tamén nas de Crecente uns cen ou cento cincuenta anos despois.

### 3. ALTERACIÓNS POPULARIZADORAS

Desposuído do prestixio social de que gozara nos derradeiros séculos medievais, ignorado como materia de estudo en todos os niveis do aparato educativo da Galicia da Idade Moderna, orfo de academias ou de círculos letrados que lle puidesen sinalar normas para un uso culto que puidesen concitar o consenso aprobatorio de grupos socialmente relevantes, carente por completo de gramáticas, dicionarios ou prontuarios ortográficos coma os que para o castelán e o portugués empezaran a publicarse a finais do século XV ou na primeira metade do XVI, o galego era xeralmente considerado no tempo de Gregorio Lobaríñas un dialecto ou variedade lingüística inservíbel para as funcións administrativas, escolares, académicas e científicas e só raramente escollido para a elaboración dalgúns textos escritos, case sempre epistolares (cartas de Nicolao de Ventín e Pedro Fiz, correspondencia ao señor de Gondomar) ou de ton literario menor (poesías de circunstancias, entremeses...). Nestas

<sup>317</sup> Coido que Boullón Agrelo (2019: 82), que parece descoñecer os usos medievais e posmedievais de *perol* que anotei en 2.19 e só menciona un dos catro rexistros desta conxunción en V, erra ao interpretala como o resultado da fusión entre *pero* e un pronome *el* expletivo. Coincido con Souto Cabo (2022: 635) na apreciación de que a tonicidade do pronome persoal faría esperar un resultado *per'el* e tamén na idea de que a dita interpretación non cabe en ningún dos outros usos de *perol* en V que a nosa colega non menciona.

circunstancias, os fenómenos propios da oralidade popular que nas linguas prestixiadas adoitan evitarse na escritura non só non batían con filtros normativizadores daquela inexistentes para o galego, senón que incluso resultaban promovidos e alentados polo feito de que para os poucos letrados que ocasionalmente decidían escribir nese “dialecto” a principal referencia para o seu uso escrito non podía ser outra ca a variedade oral popular que lles resultase máis próxima, na que os devanditos fenómenos terían unha gran recorrencia. Estamos a falar fundamentalmente de alteracións vocálicas de diverso tipo e de modificacións dos grupos consonánticos homo e heterosilábicos de voces cultas que nin son modernizadoras nin teñen unha distribución diatópica definida, pois preséntanse en xeral en todas as variedades orais populares da nosa lingua. Lobarriñas recorreu a elas con determinación evidente.

### 3.1. ASIMILACIÓN E DISIMILACIÓN VOCÁLICAS<sup>318</sup>

Trátase de fenómenos que se rexistran con abundancia na xeneralidade das fontes dispoñíbeis para o estudo do galego medio (Mariño Paz 2017: 435-436). Adoitan afectar as vogais situadas nunha posición átona, como ben se pode ver no Anexo 8, mais non falta en V un caso en que o seu responsábel alterou a vogal tónica, presumiblemente por asimilación inducida pola semiconsoante palatal da sílaba inmediatamente posterior: **Lucrecia** (C, 6.II) → **Lucricia** (V, 6.II).

Non faltan, nin moito menos, os casos en que Lobarriñas actuou en sentido contrario, é dicir, corrixindo asimilacións que Rui Vasques practicara en C, cousa que con certeza fala transparentemente da súa falta de referencias claras sobre o tipo de escollas esperábeis en textos

<sup>318</sup> Houbo selección dunha variante con asimilación consonántica e posterior absorción da vibrante asimilada pola consoante palatal seguinte na substitución de **pedirlle** (C, 6.5) por **pedille** (V, 6.5). Consonántica é tamén a disimilación que suprimiu a segunda das vibrantes de **obprobrio** (C, 4.7; lat. OPPROBRIUM) e **oprobrio** (C, 5.2), que pasaron para **oprouio** (V, 4.7) e **oprobeo** (V, 5.2). No caso de **inpretrou** (C, 5.4) → **empetrou** (V, 5.4), máis ca disimilación o que houbo foi unha restauración do resultado máis próximo ao étimo (lat. IMPETRARE), sen consoante vibrante na segunda sílaba.

cultos escritos en galego naquel tempo: **conpotentes** (C, 6.10) → **competentes** (V, 6.10), **consintimento** (C, 5.1 -2 v.-) → **consentimento** (V, 5.1 -2 v.-), **fortolleza** (C, 6.13) → **fortaleça** (V, 6.13), **ligitimos** (C, 5.1) → **legitemos** (V, 5.1), **presbitoro** (C, 6.10) → **presvitero** (V, 6.10), **pricições** (C, 6.15) → **procisons** (V, 6.15), **pricissom** (C, 6.2), → **procison** (V, 6.2), **pricison** (C, 6.7) → **procison** (V, 6.7), **pricisson** (C, 6.5, 6.7) → **procison** (V, 6.5, 6.7), **pricissoos** (C, 6.5) → **procison[s]** (V, 6.5), **Purtugal** (C, 4.9, 6.4) → **Portugal** (V, 4.9, 6.4), **Salame** (C, 6.10) → **Salome** (V, 6.10), **Sibilla** (C, 2.5) → **Seuilla** (V, 2.5), **Sivilla** (C, 2.7) → **Seuilla** (V, 2.7), **Sogovea** (C, 6.13) → **Segouia** (V, 6.13), **vistido** (C, 4.2) → **vestido**<sup>319</sup> (V, 4.2), **vistiduras** (C, 5.2) → **vestiduras** (V, 5.2), **vistimenta** (C, 4.2 -2 v.-) → **vestimenta** (V, 4.2 -2 v.-).

Segundo se mostra tamén no Anexo 8, entre as disimilacións vocálicas predominan as que consisten no aumento da distancia entre os graos de abertura de vogais contiguas en hiato, que produce os cambios de **cardeas** por **cardias**, **Leandro** por **Liandro**, **Leon** por **[L]ion**, **Leonegildo** por **Liobigildo** e **peor** por **pior**. Alteracións de signo contrario, con corrección de disimilacións presentes en C, practícounas Lobaríñas nos seguintes casos: **consegraçon** (C, 5.6, 6.2 -2 v.-) → **consagraçon** (V, 5.6, 6.2 -2 v.-), **consegurado** (C, 4.6, 4.8, 6.2, 6.3) → **consagrado** (V, 4.6, 4.8, 6.2, 6.3), **consegrraron** (C, 4.3) → **consagraron** (V, 4.3), **consegrou** (C, 6.6) → **consagrou** (V, 6.6), **devaçon** (C, 4.9, 6.13) → **deuoçon** (V, 4.9, 6.13), **ociano** (C, 4.7) → **oceano** (V, 4.7), **ociano** (C, 6.3) → **ocean** (V, 6.3), **sateenta** (C, 6.8) → **setenta** (V, 6.8).

### 3.2. ABERTURA DAS VOGAIS /i/ E /u/ EN POSICIÓN DE NÚCLEO DE SÍLABA ÁTONA E ACTUACIÓNS DE SIGNO CONTRARIO

Os testemuños deste tipo de procesos, que apuntan á distinción de só dous niveis de altura nas posicións átonas, abundan tamén en todo tipo de fontes do galego medio, desde as lexicográficas ata as epistolares, pasando por distintos xéneros de textos literarios e

<sup>319</sup> Non houbo corrección noutro caso de 4.2: **vistido** (C, 4.2) → **vistido** (V, 4.2).

paraliterarios (cf. Mariño Paz 2017: 436-437). No manuscrito V son particularmente frecuentes as súas documentacións, sobre todo cando a vogal afectada é a palatal /i/, segundo mostro no Anexo 9, en que algúns dos casos incluídos tamén se poderían interpretar como disimilacións. En catro ocasións Lobariñas fíxoo incluso en posición tónica: **idevos** (C, 5.3) → **edeuos** (V, 5.3), **indo** (C, 6.2) → **endo** (V, 6.2), **inclito** (C, 2.5) → **encrito** (V, 2.5), “foron **vencidos** os **christaños**” (C, 4.7) → “foron **vencedolos** cristans” (V, 4.7). Só no caso de **firmosfera** (C, 4.7) → **fermosfera** (V, 4.7) implicou esta intervención a selección dunha variante máis culta da palabra afectada.

Son menos frecuentes no texto de Lobariñas as actuacións de signo contrario, que case sempre implicaban a selección de variantes máis cultas ca as de C. En tres ocasións consistiron na elevación de /e/ para restaurar o /i/ propio dos respectivos étimos: **defenir** (C, 5.6) → **difinir** (V, 5.6) –con asimilación da vogal átona inicial–, **provinciales** (C, 5.4) → **prounciales** (V, 5.4), **privilegios** (C, 1.2) → **priuilegios** (V, 1.2). En cambio, a elevación da vogal palatal átona comportou a escolla dunha vogal máis distanciada da etimolóxica nas transformacións de **desolada** (C, 6.8) en **disolada** (V, 6.8), **levantado** (C, 4.7) en **libantado** (V, 4.7) e **sabedor** (C, 4.II -2 v.-) e **sabedores** (C, 2.3, 4.I, 5.3, 6.5, 6.6) en **sauidor** (V, 4.II -2 v.-) e **sauidores** (V, 2.3, 4.I, 5.3, 6.5, 6.6). Pola súa parte, as elevacións de /o/ para o /u/ etimolóxico son menos raras ca as que operaron sobre a vogal palatal media: **homilldade** (C, 6.5) → **humildade**<sup>320</sup> (V, 6.5), **omilldade** (C, 5.4, 6.5) → **humildade** (V, 5.4, 6.5), **omilldade** (C, 5.4 -2 v.-, 6.5, 6.II) → **vmildade** (V, 5.4 -2 v.-, 6.5, 6.II), **soblímada** (C, 6.5) → **sublimada** (V, 6.5), **socessor** (C, 4.2) → **sucesor** (V, 4.2), **sospiros** (C, 6.13) → **suspiros** (V, 6.13). Substitución de /o/ por /u/ non etimolóxico practicouna o clérigo crecentino coa palabra **coraçón**: **coraçon** (C, 5.6 -2 v.-, 6.5 -3 v.-) → **curaçon** (V, 5.6 -2 v.-, 6.5 -3 v.-), **corações** (C, 6.5) → **curaçons** (V, 6.5).

En conxunto, claro está, son notoriamente máis abundantes en V as alteracións consistentes no descenso de vogais altas átonas de

<sup>320</sup> Non se efectuou o cambio no outro caso de 6.5: **homilldade** (C, 6.5) → **homildade** (V, 6.5).

voces presentes en C ca estas operacións contrarias, pero a desorientación de Lobariñas en relación co modelo culto recomendábel para o idioma galego naquela altura produciu como resultado que tampouco fosen raras no papel remitido a Tamayo de Vargas estoutras intervencións elevadoras.

### 3.3. CONVERSIÓN DE DITONGOS CRECENTES EN HIATOS OU CREACIÓN DELES A PARTIR DE FORMAS SEN DITONGO. ACTUACIÓNS DE SIGNO CONTRARIO

De se practicaren con vogais /i/ ou /u/ situadas na marxe prenuclear de ditongos crecentes, as súas aberturas para /e/ e /o/, respectivamente, producen o resultado de que tales ditongos se convierten en hiatos. Estes procesos vincúlanse coa resistencia das variedades populares do galego, antigas e modernas, a articular este tipo de ditongos, que son moi infrecuentes no noso vocabulario patrimonial. Testemuños deles hainos xa nas fontes medievais e non escasean nin nas do galego medio (cf. Mariño Paz 2017: 281-282, 437-438) nin, como oportunamente observa Souto Cabo no capítulo anterior desta obra, nas obras de diversos escritores portugueses dos séculos XVI e XVII que, sabéndoo ou non, actuaron consonte o que Fernão de Oliveira prescribira na súa *Gramática*, é dicir, empregando <e> para representar a semiconsoante dos ditongos crecentes átonos *-io* e *-ia*<sup>321</sup>.

Lobariñas explotou este recurso popularizador de forma pouco menos que sistemática. Como pode apreciarse no Anexo 10, estas alteracións da lingua de C abundan moito máis con [j] ca con [w] e danse máis nas posicións átonas ca na tónica, se ben a man alteradora de don Gregorio non se detivo nin sequera á hora de transformar un ditongo crecente tónico nun hiato constituído por dúas

<sup>321</sup> Do meu punto de vista, tanto a prescrición de Fernão de Oliveira coma o uso observábel en escritores portugueses do Quiñentos e o Seiscentos debían de estar inspirados nunha moi estendida realización oral destes ditongos como hiatos, con transformación da semiconsoante palatal nunha vogal máis aberta e pronunciada como núcleo silábico. Creo, por tanto, que a este recurso se lle pode manter a consideración de popularizador, sen que a isto se opoña o feito de que en Portugal alcanzase o benplácito de gramáticos e escritores.

vogais idénticas: **sciencia** (C, 4.11) → **scencea** (V, 4.11). O seu gusto por este tipo de secuencias faise patente tamén cando as palabras de C que transformou non contiñan un ditongo crecente: **antiigas** (C, 1.2) → **antigoas** (V, 1.2), **cinballo** (C, 6.6) → **cinboreo** (V, 6.6), **França** (C, 4.1 -2 v.-) → **Francea** (V, 4.1 -2v.-), **jajuus** (C, 4.9) → **vigileas** (V, 4.9), **juizo** (C, 4.13) → **juiceo** (V, 4.13), **justiça** (C, 4.13) → **justicea** (V, 4.13), **sentença** (C, 4.2, 6.3) → **sentencea** (V, 4.2, 6.3)... No caso de **idonia** (C, 5.6) → **idonea** (V, 5.6) a intervención significou non a escolla dunha variante interpretábel como máis popular ca a de C, senón a restitución da solución culta da palabra.

Son moi minoritarias, mais non faltan tampouco neste caso as intervencións que camiñaron xustamente na dirección contraria á das reunidas no Anexo 10, pois fixeron ditongos crecentes a partir de hiatos presentes en C: **deante** (C, 6.6) → **diente** (V, 6.6), **medeo** (C, 6.10) → **medio** (V, 6.10), **paleo** (C, 5.4) → **palio** (V, 5.4), **soberbea** (C, 4.10, 6.5) → **soberuía** (V, 4.10, 6.5), **Sogovea** (C, 6.13) → **Segouia** (V, 6.13)<sup>322</sup>.

### 3.4. OUTRAS ALTERACIÓNS VOCÁLICAS

No traballo de crego de Crecente afloraron aínda outros casos de alteración de vogais átonas en que non sempre se percibe claramente cal foi o seu elemento indutor. Do meu punto de vista, podemos consideralos intervencións do copista amparadas e inspiradas pola grande inestabilidade das vogais átonas na oralidade popular, con numerosas modificacións de altura ou de punto de articulación: **Asturias** (C, 4.2) → **Estureas** (V, 4.2), **enemigos** (C, 4.7) → **anamigos** (V, 4.7), **inimigos** (C, 5.1 -2 v.-, 6.2 -2 v.-, 6.13 -2 v.-) → **anamigos** (V, 5.1 -2 v.-, 6.2 -2 v.-, 6.13 -2 v.-), **inamiigos** (C, 5.6) → **anamiigos** (V, 5.6), **inimigos** (C, 6.5) → **anemig<os>** (V, 6.5); **entraballo** ‘intervalo’ (C, 1.2) → **antrealo** (V, 1.2); **Mondenedo** (C, 5.3) → **Mondañado** (V, 5.3), **Mo[n]danedo** (C, 6.15) → **Mondañado** (V,

<sup>322</sup> Co nome do bispo Teodomiro a modificación que se practicou converteu o seu hiato en ditongo decrecente: **Theodomiro** (C, 4.1) → **Teodomiro** (V, 4.1), **Theodomi-ro** (C, 4.1 -2 v.-) → **Theodomiro** (V, 4.1 -2 v.-).

6.15); **refortorio** (C, 6.10) → **refitoreo** (V, 6.10); **trabutaria** (C, 4.7) → **trebutaria** (V, 4.7); **raina** (C, 6.11) → **reña** (V, 6.11).

Tamén houbo lugar para os fenómenos consistentes na subtracción de unidades vocálicas: aféreses en **ajuntados** (C, 4.1) → **juntados** (V, 4.1), **Aleixandre** (C, 1.3) → **Leixandre** (V, 1.3) e **Aleixandre** (C, 1.3) → **Leixandre** (V, 1.3); síncope en **poderoso** (C, 5.3) → **podroso** (V, 5.3).

Outras dúas veces fixo intervencións que consistiron na adición de vogais: unha prótese en **revelado** (C, 2.10) → **arreuelado** (V, 2.10), unha anaptixe en **nobre** (C, 4.3) → **nobele** (V, 4.3). No entanto, tamén corrixiu unha prótese e unha anaptixe de C: “**Atanta** era a pobleza” (C, 5.2) → “E **tanta** era a probeza” (V, 5.2), **mitiras** (C, 6.15) → **mitras** (V, 6.15).

Finalmente, nunha ocasión emendou a crase entre o artigo e a vogal inicial da palabra *apostollo* que Rui Vasques marcara explicitamente no manuscrito da sé compostelá: “*que entendia ir a pé a a vissitar o ‘postollo Santiago’*” (C, 6.13) → “*que entendia ir a pê a visitar o apostol Santiago’*” (V, 6.13).

Trátase, en fin, de distintas formas de alteración das vogais átonas das que hai cumprida documentación nas fontes do galego medio (cf. Mariño Paz 2017: 438-444).

### 3.5. METÁTESES

Velaquí un recurso popularizador que Lobarriñas Feijó explotou moderadamente, e non sen que se lle poidan mencionar tamén contraexemplos como **bulra** (C, 1.2) → **burla** (V, 1.2) ou **proveza** (C, 6.10) → **pobreza** (V, 6.10), cousa que unha vez máis pon en evidencia a súa carencia de principios sólidos no tocante aos criterios con que se deberían seleccionar as variantes fonéticas de moitas palabras no rexistro culto, carencia que, en todo caso, era entón a norma para todos aqueles que ocasionalmente escribían algo en galego. A metátese é unha alteración que adoita comparecer en moitos dos textos do galego medio e que resulta especialmente frecuente coa consoante vibrante como segundo elemento dun grupo consonántico homosilábico (cf., entre outros, Fernández Salgado 2017: 101,

Mariño Paz 2012: 147-148, Mariño Paz 2019a; 152, Souto Cabo 2007: 204). Como pode verse no TILG ou en Gondomar, as variantes metatizadas que se incorporaron a V tiveron en xeral fluída circulación nas fontes do galego medio, coas excepcións de *acaíson* e *perlacia*.

	C	V
FERMOSAS → FREMOSAS	fermosas (6.2, 6.6 -2 v.-)	fremosas (6.2, 6.6 -2 v.-)
OCASSION → ACAISON	ocassion (5.6)	acaision (5.6)
PERSONA → PRESOA	<i>pe</i> rsona (5.6 -2 v.-), <i>pe</i> rsonas (2.10, 6.15)	presoa (5.6 -2 v.-), presoa <sup>323</sup> (2.10, 6.15)
POBLEZA → PROBEZA	pobleza (5.2)	probeza (5.2)
POBRE → PROBE	pobre (4.9), pobre (4.9), pobres (2.2, 4.3, 5.2 -2 v.-)	probe (4.9), proue (4.9), probres <sup>324</sup> (2.2, 4.3, 5.2 -2 v.-)
PRELACIA → PERLACIA	<i>pre</i> lacia (5.6)	perlacia <sup>325</sup> (5.6)
PRELADO → PERLADO	prelado (5.3, 5.6)	perlado (5.3, 5.6)
PRIMEIRO → PERMEIRO	<i>prime</i> iro (1.1, 1.3, 2.3 -2 v.-, 4.1 -2 v.-, 4.6, 5.2, 6.7), <i>pri</i> - <i>me</i> ira (4.7), <i>prime</i> ira (6.10)	permeiro (1.1, 1.3, 2.3 -2 v.-, 4.1 -2 v.-, 4.6, 5.2, 6.7), <i>per</i> - <i>me</i> ira (4.7), <i>prime</i> ira (6.10)
PRIMEIRAMENTE → PERMEIRAMENTE	<i>prime</i> iramente (1.1)	permeiramente <sup>326</sup> (1.1)

Táboa 13. Metáteses.

### 3.6. ALTERACIÓNS DOS GRUPOS CONSONÁNTICOS HOMOSILÁBICOS DE CULTISMOS, SEMICULTISMOS E NEOLOXISMOS

Para estes grupos, as fontes do galego medio reflicten de maneira ostensíbel que naquel tempo non só se mantiñan firmemente con /r/, secundando raramente a substitución por /l/, os semicultismos

<sup>323</sup> Non practicou a metátese en dúas ocorrencias desta palabra: *pe*rsona (C, 5.4, 6.3) → *pe*rsoa (V, 5.4, 6.3).

<sup>324</sup> En dous casos a metátese xa estaba en C: *pro*ves (C, 4.5) → *pro*ues (V, 4.5), *pro*-*vizilla* (C, 6.10) → *pro*ueciña (V, 6.10). Nunha ocasión mantivo a variante sen metátese da fonte: *pro*bres (C e V, 2.2).

<sup>325</sup> Non houbo cambio en *pre*lacia (C e V, 4.13).

<sup>326</sup> Houbo castellanización neste caso: *prime*iramente (C, 4.3) → *primer*amente (V, 4.3).

que xa presentaban esa consoante vibrante na Idade Media (*branco, nobre...*), senón que ademais gozaba de extraordinaria vitalidade a tendencia a incorporárllela aos cultismos e préstamos tardíos, principalmente tomados do castelán, que en orixe contiñan un grupo consonántico homosilábico con /l/ na segunda posición: *fruta, praineta* ‘planeta’, etc. As excepcións a esta pauta que se poden tirar de fontes dos séculos XVI e XVII son rarísimas (cf. Mariño Paz 2017: 509-513).

No relativo a isto a intervención de Lobarina sobre o texto de C está en plena sintonía coa dita tendencia, como ben se advirte no Anexo II. Cadran con ela tanto a conservación da vibrante nas formas que xa a tiñan no manuscrito de Vasques<sup>327</sup> coma a pouco menos que sistemática adopción dela nas palabras que no texto custodiado na biblioteca catedralicia de Santiago presentaban grupos consonánticos con /l/ na segunda posición. Ao actuar así o clérigo de Crecente acolleu un trazo que contribuíu, xunto a outros, a conferirlle ao seu traslado unha orientación máis próxima á lingua popular ca a do manuscrito catrocentista. Con certeza, estas alteracións supoñían a selección dun trazo que, como é ben sabido, non caracterizaba daquela ningunha modalidade diatópica concreta da lingua galega, senón o conxunto das súas variedades populares e aínda o conxunto das variedades populares de grandes áreas portuguesas e ástur-leonesas<sup>328</sup>. Polo contrario, a anaptixe pola que se optou no cambio de *noble* por *nobele* debía de ser moito menos frecuente na oralidade daquela época.

<sup>327</sup> Non actuou, por exemplo, nos seguintes casos: *branquo* (C, 4.7) → *branco* (V, 4.7), *branco* (C, 4.7) → *branco* (V, 4.7), *branquas* (C, 4.9) → *brancas* (V, 4.9); *diabro* (C, 4.5 -2 v.-, 4.9) → *diabro* (V, 4.5 -2 v.-, 4.9), *diabros* (C, 4.5 -2 v.-, 4.9) → *diabros* (V, 4.5 -2 v.-, 4.9); *ingreses* (C e V, 5.1).

<sup>328</sup> Don Gregorio substituíu sistematicamente *clérigo* pola popular *crego*, voz que seguramente lle era moi familiar, como invitan a pensar o feito de que Leite de Vasconcellos a rexistrase en Melgaço (cf. Vasconcellos 1928: 345; Sánchez Rei 2021: 460) e o de que n’*A contenda se lean crego e crega* (3r) (cf. Mariño Paz 1997a). Ora ben, non cabe dúbida de que *crego* tamén era entón unha palabra de uso habitual en moitas máis comarcas galegas. O seu modelo inspirou en tres casos a substitución do *clerizia* de C por *cregucia* (véxase o Anexo II).

## 3.7. ALTERACIÓNS DOS GRUPOS CONSONÁNTICOS HETEROSILÁBICOS

Se no relativo a este pormenor se advirte no manuscrito de Vasques unha notábel inclinación latinizante (cf. Souto Cabo 2001: 165), a intervención de Lobaríñas en relación con el caracterizouse xustamente por unha decidida orientación deslatinizante e popularizadora acorde coas tendencias conxecturábeis para o galego oral do seu tempo (cf. Mariño Paz 2017: 516-527), como ben salta á vista coa consulta do Anexo 12. En efecto, o trasladador do século XVII actuou con moi poucas excepcións<sup>329</sup> sobre as consoantes oclusivas orais e nasais situadas nas codas silábicas, ben eliminándoas, ben substituíndoas por unha semiconsoante palatal ou velar. Desde logo, estas intervencións non deixaron de afectar as non poucas consoantes oclusivas posnucleares que en C se escribiron inspiradas por unha intención latinizante mal fundamentada, é dicir, carente de sustento etimolóxico: *abtoridade*, *calunpnas* e *colunpnas*, *calunpnias*, *captella*, *condenpnado*, *escripvir*, *obprobrio*, *rectorica*, *sollenpnemente*, *solempnidade*, *subcessores*, *sublingos*. A tendencia a suprimir a coda non se detivo ante outros sons articulados máis débiles, como as consoantes fricativas<sup>330</sup>: **desciplina** (C, 4.8) → **deci-prina** (V, 4.8).

A preferencia pola sílaba sen coda tamén se advirte nestoutras tres alteracións en que non se modificou unha consoante posnuclear –nin, por tanto, un grupo consonántico–, senón unha semiconsoante palatal: **esleito** (C, 6.1, 6.2 -3 v.-) → **eleto** (V, 6.1, 6.2 -3 v.-), **leitura** (C, 1.3) → **letura** (V, 1.3), **perfeizon** (C, 6.8) → **perfeccion** (V, 6.8).

É excepcional a seguinte substitución da variante popular de C por unha variante culta en V: **costituiron** (C, 4.3) → **constituiron** (V, 4.3).

<sup>329</sup> Anótense só **Babzista** (C, 6.5) → **Baptista** (V, 6.5), con cambio de oclusiva sonora por oclusiva xorda, e **obsequías** (C, 6.11) → **obsequeas** (V, 6.11).

<sup>330</sup> O de **indulto** (C, 5.4) → **ynduto** (V, 5.4) debe de ser un caso de simple descoido, con omisión involuntaria de <l>, xa que esta consoante líquida se articula facilmente na coda silábica.

## 3.8. ELISIÓNS VOCÁLICAS

Lobariñas recorreu con moderación a este trazo, que certamente debía de se dar tanto nas variedades populares do seu tempo coma nas propias de labios máis cultivados: “**ata que o corpo**” (C, 1.2) → “**atá c’ó corpo**” (V, 1.2), “**perdeuse a memoria**” (C, 2.1) → “**perdeus’a mamorea**” (V, 2.1), “**poderio de armas**” (C, 2.2) → “**poderio d’armas**” (V, 2.2), **contra elles** (C, 2.2) → **contr’eles** (V, 2.2), **home onrado** (C, 4.II) → **hom’onrado** (V, 4.II)... Unha relación completa destas elisións de V acharase máis abaixo, na exposición dos criterios que seguín para a súa edición (cf. pp. 278-279).

## 3.9. OUTRAS ALTERACIÓNS POPULARIZADORAS

Coido, finalmente, que tamén se poden presentar nesta sección outras tres alteracións:

1. Os cambios de prefixos operados nos pasos de **destroian** (C, 5.6) a **estruian** (V, 5.6) e de **diforme** (C, 6.6) a **desforme** (V, 6.6).
2. A substitución de *Eolalie* e de *Elolia* pola variante popular *Olaya*: **Santa Eolalie** (C, 1.1, 6.14) → **Santa Olaya** (V, 1.1, 6.14), **Santa Elolia** (C, 2.3) → **Santa Olaya** (2.3).
3. A transformación de **asi** (C, 4.2) en **ansi** (V, 4.2), excepcional porque o normal é que en V se conserve o **asi** de C. Trátase dunha popularización (cf. DCECH) que talvez se poida considerar castelanizante, da que hai rexistros medievais só desde a segunda metade do XIV (cf. TMILG e Anexo 13).

## 4. ALTERACIÓNS CASTELANIZANTES E DESCATELANIZANTES

Como clérigo letrado en latín e castelán que naceu e viviu nunha comarca rural moi distante dos pequenos centros urbanos ou vilagos da Galicia que navegaba entre os séculos XVI e XVII (Santiago de Compostela, Pontevedra, Tui, A Coruña, Lugo, Ourense...), cabe imaxinar Gregorio Lobariñas como unha persoa que probablemente sería dona dun galego con baixo impacto do castelán nos niveis fonético e

gramatical mais que xa cargaría co moderado fardo de castelanismos lexicais ou semánticos esperábeis nunha persoa alfabetizada do seu tempo. Ademais, esa súa condición de sacerdote de orixe rural con actividade intelectual que implicou a lectura de textos da Galicia e do Portugal medievais<sup>331</sup> facultouno con certeza para corrixir en certos casos algúns trazos lingüísticos da obra de Rui Vasques que resultaran da influencia do castelán. Ora ben, como xa na Idade Media fixeran outros autores (cf. Mariño Paz 2018) e como aínda despois del farían moitos máis, o desexo de eludir esa pesada influencia levouno nalgunhas ocasións a practicar intervencións con creación de falsos galeguismos. Coido que a todo isto apuntan en conxunto estourtas alteracións que, en definitiva, son consecuencia da tensión en que se moveron e se moven tantos escritores galegos tardomedievais ou posmedievais, marcados pola influencia castelanizante que inevitabelmente reciben e ao mesmo tempo animados por un impulso depurador que os inclina a desterrar das súas obras, con acerto ou sen el, toda interferencia da lingua dominante que consideren inaceptábel.

#### 4. I. ALTERACIÓNS CASTELANIZANTES

##### 4. I. I. MONOTONGACIÓNS

Hai, para comezar, un pequeno grupo de monotongacións de /ei/ que non deben de ser outra cousa que descoidos de escritura que non reflecten monotongacións paralelas na lingua oral de Lobariñas. Creo moi probábel que así debamos interpretar os catro casos que afectan un sufixo *-eir-* que en V se mantén case sempre sen alteración –**primeiro** (C, 6.3) → **primero** (V, 6.3), **primeiramente** (C, 4.3) → **primera-****mente** (V, 4.3), **terceiro** (C, 2.7) → **tercero** (V, 2.7), **verdadeiramente** (C, 5.4) → **verdaderamente** (V, 5.4)– e inspírame máis dúbidas o de **pellejarei** (C, 4.7) → **pelejare** (V, 4.7) porque en V se detectan tamén ata seis monotongacións de /ou/ na desinencia doutras tantas terceiras persoas de singular de pretéritos regulares de indicativo: **continuou**

<sup>331</sup> Cómpre lembrar aquí o que xa Souto Cabo sinalou anteriormente neste volume: que George Cardoso (1652: 435) o xulgou un “exquisito antiquario” no seu *Agiologio Lusitano*.

(C, 4.9) → **continuo** (V, 4.9), **enton** (C, 4.10) → **entro** (V, 4.10)<sup>332</sup>, **enviulle** (C, 4.4) → **embiolle** (V, 4.4), **levou** (C, 4.9) → **lebo** (V, 4.9), **libroo** (C, 4.2) → **o libro** (V, 4.2)<sup>333</sup>, **reinou** (C, 4.3) → **reino** (V, 4.3). A estas seis cómpre engadir aínda outras oito monotongacións do mesmo ditongo: **aprouvesse** (C, 6.2) → **aprouese**<sup>334</sup> (V, 6.2), **douradas** (C, 6.6) → **doradas** (V, 6.6), **outeiro** (C, 4.7) → **oteiro** (V, 4.7), **outorgou** (C, 2.4, 6.10) → **otorgou** (V, 2.4, 6.10), **outras** (C, 2.4, 4.11) → **otras** (V, 2.4, 4.11), **ouvo** (C, 4.6) → **ouo**<sup>335</sup> (V, 4.6).

#### 4.1.2. CAMBIOS NA ADSCRICIÓN DE XÉNERO E NA FORMACIÓN DO PLURAL

Este tipo de alteracións tivo un alcance limitado. En tres ocorrencias de substantivos procedentes da terceira declinación latina cos que cristalizaron distintas adscripcións de xénero en galego e castelán o copista de Crecente fixo modificacións consistentes en lles adxudicar o xénero

<sup>332</sup> Aquí parece haber unha intervención consciente de Lobarriñas destinada a corrixir unha pasaxe de C deficientemente redactada: “Non sabemos se fezo oração ante o altar do Apostollo, señor Santiago, antes entrou, con a espada nua emnas mãos, enton por força enno dormitorio onde estava dormindo o bíspo Roosende con outros señores” (C, 4.10) → “Non saemos se feço oração ante o altar do Apostole, antes entrou co a espada desnuda nas mans, entro por força no dormitoréo onde estaua durmindo o bispo Rosendo con outros siñores” (V, 4.10). Corrección consciente da redacción de C, mais co evidente descoido da utilización da forma verbal **entro**.

<sup>333</sup> Nesta ocasión a forma monotongada de C respondía á habitual simplificación medieval da secuencia de semiconsoante rodeada de dos núcleos vocálicos que se conformaba ao engadir un clítico complemento directo a un verbo terminado en ditongo decrecente: “Mais como a miser[i]cordia de Deus non desanpara aaos que en ella confian, et porque o santo obíspo era sen culpa, **libroo** Deus como adiante dira” (C, 4.2) → “Mais como a miserecordea de Deus non desampara á os que nela confian, e porque o santo bispo era sen culpa, **o libro** Deus como adiante se dira” (V, 4.2). Poida que Lobarriñas, non se percatando desa particularidade do galego medieval, pensase que *libro* sería tamén a forma pola que Vasques optaría aínda que despois dela non aparecese o clítico complemento directo.

<sup>334</sup> Quizais Lobarriñas incorreu aquí no erro de non apreciar o sinal abreviativo que a forma verbal tiña en C, mais tamén pode ser que se resistise a escribir consecutivamente dous <u> (*aprouuese*), o primeiro con valor vocálico e o segundo con valor consonántico. Con todo, si escribiu <uu> repetidas veces nos tempos do tema de perfecto do verbo *auer*.

<sup>335</sup> Talvez tamén actuou así aquí por unha resistencia puntual a escribir dous <uu> consecutivos nunha forma verbal que, no entanto, aparece con eles ata en oito ocasións no seu manuscrito: *ouuo*. Ou, se cadra, foi unha analogía con **touo** (V, 5.1) o que o inspirou nesta ocasión.

propio dos seus cognados na lingua teito: **custume romano** (C, 6.5) → **custume romana** (V, 6.5)<sup>336</sup>, **hũa gran dolor** (C, 4.12) → **vn grande dolor** (V, 4.12)<sup>337</sup>, **porlo mar** (C, 4.8) → **pola mar** (V, 4.8)<sup>338</sup>.

Por outra parte, se ata en sete ocasións conservou o plural *reis* que aparecía en C, houbo un caso en que practicou a súa castelanización: **reis** (C, 6.3) → **reyes** (V, 6.3).

#### 4.1.3. PALABRAS GRAMATICAI

O reducido número de unidades deste tipo que sufriron substitución por formas do castelán e o carácter excepcional con que estas substitucións se produciron revela o baixo grao de interferencia que neste nivel lingüístico exerceu a lingua teito sobre o labor de traslado realizado por don Gregorio. Das consignadas na Táboa 14, unicamente alcanzaron a sistematicidade a de **meesimo**, con só dúas ocorrencias, as dos numerais **terceiro** e **terça**, só con unha cada un, e a da preposición **segundo**, mentres que son excepcionais ou moi minoritarias todas as restantes agás a de **cujo**, para o que non se deu máis ca un caso de conservación e outro de castelanización. O TILG e Gondomar revelan índices de mantemento moi baixos de *segundo* nas fontes do galego medio, discretos nos casos de *terça*, *terceiro* en posición prenominal e *cujo* e moi altos no de *mesmo*.

	C	V
ARTIGOS	veeo el rei ao concilio (5.1), fezo o altar et capella de Sam Salvador (6.6)	ven el rey al concileo (5.1), feço o altar e la capela de San Salvador (6.6)
POSESIVOS	por todos seus reinos (4.7) seu marido (4.9), de seu abbade (5.4), et os seus (6.5)	por todos sus reinos (4.7) suo marido (4.9), do suo abbade (5.4), y os suos <sup>339</sup> (6.5)

<sup>336</sup> Polo contrario, mantivo o xénero masculino deste substantivo en C en dúas ocasións: V (2.3, 4.13). Non se pode determinar o seu xénero en V (6.1).

<sup>337</sup> Non se pode facer unha adscrición de xénero segura en 2.5: “*ernas grandes febres et dolores*” (C, 2.5) → “*nas grandes febres e dolores*” (V, 2.5).

<sup>338</sup> Porén, conservou o xénero masculino do substantivo nas ocorrencias de 1.3, 4.7 e 6.3. E non alterou a colocación castelá **alta mar** ‘mar aberto, mar a fóra’, presente en 6.14.

<sup>339</sup> Probabelmente estas alteracións foron inducidas polo posesivo castelán *suyo*.

4. ALTERACIÓNS CASTELANIZANTES E DESCATELANIZANTES

POSESIVO RELATIVO	cujo (6.5)	cuyo (6.5) <sup>340</sup>
INDEFINIDOS	algũus (2.3) meesimo (2.10 -2 v.-)	algunos (2.3) mismo (2.10 -2 v.-)
NÚMERAS	viinte (2.7) primeiro ano (6.3) terceiro obispo (2.7) terça parte (2.2)	veinte (2.7) primero <sup>341</sup> ano (6.3) tercero bispo (2.7) terçera parte (2.2)
ADVERBIOS RELATIVOS	onde (4.1, 4.9, 5.4)	donde <sup>342</sup> (4.1, 4.9, 5.4)
PREPOSICIÓNS	segundo (2.3, 2.10), segundo (6.5), segund (5.1) sen (2.10)	sigun (2.3, 2.10), segun (6.5), sigun (5.1) <sup>343</sup> sin (2.10)

Táboa 14. Castelanizacións de palabras gramaticais.

Nun pequeno número de casos as alteracións efectuadas sobre palabras gramaticais foron de índole sintáctica.

En dúas ocasións Lobarriñas modificou a posición do clítico complemento directo, pasándoo da éncise á próclise en contextos sintácticos en que no castelán do século XV se foran dando pasos cara á preferencia pola anteposición (cf. Eberenz 2004: 616-617), tendencia que no XVI e no XVII progresou notabelmente (cf. Girón Alconchel 2004: 878):

Mais como a miser[i]cordia de Deus *non* desanpara aas *que* en ella *confian*, et porque o *santo* obispo era sen culpa, **libroo** Deus como adiante dira (C, 4.2) → Mais como a miserecordea de Deus non desanpara á os que nela *confian*, e porque o *santo* bispo era sen culpa, **o libro** Deus como adiante se dira (V, 4.2).

Et *quantos* descenderon da linajeen *daqueles quatro que* acusaron seu tio, o *bispo* *santo* Hateulfo, **fezóós** esclavos et *servos* da *eglleja para* senpre (C, 4.3) → E cantos decenderen do liñage *daqueles*

<sup>340</sup> A outra ocorrencia non a castelanizou: **cuja** (C e V, 4.12).

<sup>341</sup> Tamén o adverbio derivado **primeiramente** (C, 4.3) → **primeramente** (V, 4.3).

<sup>342</sup> En V tamén hai 16 ocorrencias de **onde**.

<sup>343</sup> Lobarriñas non usou nunca *segundo* como preposición, pois en ningún caso descastelanizou o *segun* de C: **segun** (C, 2.1, 4.1, 6.2, 6.5) → **sigun** (V, 2.1, 4.1, 6.2, 6.5), **segun** (C, 6.4, 6.5, 6.15) → **segun** (6.4, 6.5, 6.15).

catro que acusaron seu tío Ateulfo **os fiço** escrabos e seruos da eygreje para sempre (V, 4.3).

No ámbito dos clíticos tamén merece unha referencia o feito de que Lobaríñas non interviñese sobre dous casos de uso de *lle* como complemento directo do verbo *prove(e)r* que se encontran no manuscrito C:

Et veendo el rei don Afonso en *tan* gran roina et peligro por mingoa de pastor, et *querendolle* proveer de pastor, *emno concilio que* celebrava Ricardo... (C, 5.1) → E, vendo a el rey *don* Alfonso en tal royna e piligro por mingoa de pastor e *querendolle* probar de pastor no concileo que çalebrava Ricardo... (V, 5.1).

Et ordenou *enna dita* sée seteenta et dous canonigos a semellança dos sateenta et dous dicipulus de Jhesu Christo, provendolles de congruo maantemento (C, 6.8) → Y ordenou na dita sê setenta e dous canonigos a semellança dos setenta e dous dicipulos de Christo, prouendolles de congruo manteneamento (V, 6.8).

En principio pode parecer que se trata dun uso inducido polo leísmo castelán, que coñeceu unha notábel progresión durante o século XV (cf. Eberenz 2004: 615) e tempo despois foi adoptado con exclusividade absoluta ou case absoluta por clásicos como Lope de Vega, Tirso de Molina, Quevedo ou Calderón de la Barca (cf. Girón Alconchel 2004: 876). Mais cómpre cautela con esta cuestión. É certo que, co infinitivo *proveer* e entre arredor de 1450 e 1650, o CORDE ofrece ata 67 casos de *le(s)* como complemento directo (*proveerle(s)*), 106 ocorrencias de *proveerlo(s)* e 65 de *proveerla(s)*, pero tamén o é que o TMILG e o CGPA mostran, do século XIII ao XVI e tanto en textos galegos coma en textos portugueses, rexistros deste verbo acompañado dun complemento de persoa que se expresa mediante unha frase preposicional encabezada por *a* ou mediante un clítico *lle* / *lhe*, así como outras ocorrencias en que se emprega cun complemento de persoa que se expresa cunha frase nominal (por tanto, sen preposición *a*) ou cun clítico *o* ou *lo*<sup>344</sup>. Por tanto, enténdese

<sup>344</sup> Presento só algúns casos tomados destes dous corpus, aos que remito o lector para os detalles bibliográficos: “Et deven senpre a **proveer** a o espitaleyro quando for, a seu

ben que os “querendolle proveer” e “provendolles” non lle causasen estrañeza ao clérigo de Crecente nin suscitasen a súa acción correctora e, desde logo, non parece que poidamos falar aquí de castelanismos. Con todo, o fenómeno merece un estudo moito máis demorado.

A man de Gregorio Lobarriñas si operou sobre dous usos sintácticos da preposición *a*. Un deles é o seu emprego como marcador da función de complemento directo. No manuscrito C advírtese variación entre a súa utilización e a súa omisión cando a dita función é desempeñada por unha frase nominal en posición posverbal que leva un artigo determinado que ten como núcleo un substantivo común con referente humano, a miúdo acompañado dun nome propio en aposición<sup>345</sup>: *el rei don Rodrigo, o bispo don Diego, ao conde Froila...* Con estas estruturas Lobarriñas mantivo o marcador preposicional case sempre que aparecía en C<sup>346</sup> mais, como mostro na Táboa 15, en tres ocasións introduciuno cando Vasques o omitira<sup>347</sup>. Nun caso en que a función de complemento

---

pan et a seu vino” (Santa María de Oseira, documento do ano 1277); “que elle nõ se obryguava a prometer tall cousa, pero o seu talamte hera o ffazer saber quamdo Deus prougrese de **lhe prover** dello” (Fernão Lopes: *Crónica de D. João I*, 1443); “A este mãdameto som emadidos todollos mãdametos que enduzẽ a dar reverẽcia e obediẽcia aos superiores e aos anciaãos, e a bem fazer spiritual e temporalmete aos proximos, e a ter cuidado os superiores de **proveer** os inferiores, e a dar cada huõ o que deve ao proximo em todallas cousas” (*Catecismo pequeno de D. Diogo Ortiz*, 1504), “Et [esto] nos daredes por noso moordomo et **proveelo** edes de comer et de beber mentre con vosco [col]ler os froytos dos ditos lugares” (Santa María de Oseira, documento do ano 1373).

<sup>345</sup> Véxanse casos de C con e sen preposición *a* en construcións deste tipo en López Martínez (1993: III-II4).

<sup>346</sup> Indico só algúns destes casos de mantemento, que son numerosos: “Et o *santo bispo* Roosende maldiso **ao obispo** Sisinando” (C, 4.10) → “Y o santo bispo Rosendo maldixo **ao bispo** Sisinando” (V, 4.10), “et foron chamar **ao conde** Froila *que* jazia escondido **emmo monte**” (C, 4.13) → “e foron chamar **o conde** Froila, que jacia escondido no monte” (V, 4.13), “Et demais *que* fazia **exempto ao bispo** de Santiago et seus subcessores *que non* fosen subjectos *nin* fosen sufraganos” (C, 5.4) → “E demais que facía esento a **o bispo** de Santiago e seus sucesores que non fosen sogetos nen fosen sofraganos” (V, 5.4), “et *que* ende avia cardeaes, os quaes recebesen **ao** cardeal legado et lle fezesen outra tanta onra...” (C, 6.5) → “e que ende auia cardias, os quais recebesen **ao** cardeal legado e lle fecessen tanta honrra...” (V, 6.5), etc.

<sup>347</sup> Outras veces non o fixo: “Et el rei, como espertou, chamou os arçobispos et **bispos** et caballeiros *que* con el estaban et disolles a vison” (C, 4.7) → “Y el rei, como desperitou, chamou os arcebispos e bispos e caualeiros que coele estauan e dixolles a vison”

directo é realizada por un pronomine relativo con antecedente explícito, tamén con referente humano, a preposición falta tamén na fonte catrocentista<sup>348</sup>, mais comparece na do século XVII, como consta na Táboa 15. Coido que se trata de catro intervencións inducidas pola disposición sintáctica que naquela altura (séculos XVI-XVII) xa predominaba amplamente no castelán para a marcaxe desta función sintáctica neste tipo de condicións (cf. Laca 2006: 435, 443-444, 448-450, 455-458), mais, como máis abaixo veremos (cf. 4.2.1), o crecentino tamén fixo na lingua de C unha modificación de signo contrario, o que quere dicir que se achaba ante unha variábel en que ambas as variantes posíbeis (complemento directo con ou sen preposición *a* cando a función é desempeñada por unha frase nominal en posición posverbal que leva un artigo determinado que ten como núcleo un substantivo común con referente humano) lle parecían aceptábeis. Certamente, se para o caso dos falantes non alfabetizados e distantes do mundo oficial e do contacto asiduo con foráneos, antigamente moi maioritarios, cabería contemplar esta mudanza, de se dar entre eles, como un proceso xerado autonomamente, na actividade lingüística das elites letradas galegas dos séculos XV, XVI e XVII ese cambio non podía deixar de estar tutelado polo modelo prestixioso da lingua en que máis a miúdo lían e escribían e en que con certa frecuencia tamén falarían, unhas veces con outros galegos e non raramente con xente nacida noutras terras ibéricas e non ibéricas.

---

(V, 4.7), “acharon ja o papa Urbano finado” (C, 5.6) → “acharon o papa Vrbano finado” (V, 5.6), etc.

<sup>348</sup> Si se usou nunha estrutura en que é complemento directo un sintagma nominal con pronomine relativo sen antecedente e sen núcleo léxico: “Mais como a miser[i]cordia de Deus non desanpara **aaos que** en ella confían...” (C, 4.2). Lobaríñas non modificou a construción neste caso: “Mais como a miserecordea de Deus non desanpara **á os** que nela confían...” (V, 4.2).

	C	V
PRONOME RELATIVO	Et enton eles [...] <i>con</i> grandes preces et rogos lle pediron a hñu <i>clerigo</i> a <i>que</i> diziam Diego Gelmeriz, [...] o qual eles <i>viran</i> et conoscián moi ben (5.3)	Y enton eles [...] con grandes preces e rogos lle pediron a un crego a quen decían <u>Diego <i>Gelmirez</i></u> , [...] a o qual eles viran e coñeceran mui ben (5.3)
FRASE NOMINAL CON ARTIGO DETERMINADO E NÚCLEO CON REFERENTE HUMANO	et venceron <b>el</b> rei don Rodrigo por los seus pecados (2.8) Et el rei fezo logo tornar o <i>bispo</i> don Diego aas cadeas et tevóó gran tempo (5.1) vëoo o <i>bispo</i> et achou el rei et a raina en sua camara (6.13)	e venceron <b>al</b> rey <i>don</i> Rodrigo po los seus pecados (2.8) Y el rey feço logo tornar a <b>ó</b> bispo don Diego ás cadeas e tebooo gran tempo (5.1) veu o bispo y achou <b>al</b> rey y a raina en sua camara (6.13)

Táboa 15. Alteraci3ns consistentes na inserci3n da preposici3n *a* en complementos directos con referente humano desempeñados por pronomes relativos ou por frases nominais en posici3n posverbal que levan un artigo determinado que ten como núcleo un substantivo com3n que pode ir acompañado dun nome propio en aposici3n.

Por outra parte, pode que non fose casual que en V desaparecese unha cláusula de C en que o complemento directo era desempeñado por un pronome persoal t3nico de terceira persoa non precedido de *a*, unha construci3n que a Lobarriñas debeu de resultarlle estraña, pois con este tipo de palabras o cambio debía de estar xeneralizado no seu tempo: “Et o santo *bispo* leixou a denidade, **et maldiso el**, et foise *para* as Esturias, et finouse *emna* era de novecentos et quatro” (C, 4.2) → “Y o santo *bispo* deixou a denidade e foise *para* as Estureas e finouse na era de nobecentos e catro” (V, 4.2).

O segundo uso sintáctico da preposici3n *a* que reclama a nosa atenci3n é o da súa inserci3n como membro integrante do sintagma *ir* + infinitivo, propia do castelán. Lobarriñas modificou desta forma unha das ocorrencias dese sintagma en C: “esto *que* tu *vas* **demandar** he hña gran cousa” (C, 6.5) → “isto que tu *vas* a **demandar** e una gran cousa”<sup>349</sup> (V, 6.5). Con certeza, o modelo da lingua dominante

<sup>349</sup> Nestoutro caso a preposici3n xa a usara Vasques en C, e Lobarriñas conservouna: “Et en outro dia **foi a fallar con** el rei” (C, 6.13) → “E no outro dia **foi a falar** con el rey” (V, 6.13).

favoreceu tamén esta modificación, pois, como advirten Company Company e Flores Dávila (2014: 1307) baseándose en datos recadados por Chantal Melis, se na segunda metade do século XIII a inclusión da preposición *a* no dito sintagma só alcanzaba nas fontes castelás exploradas unha porcentaxe do 14%, nos seguintes 140 anos esa porcentaxe triplicouse, de modo que na segunda metade do XV atinxiu case o 80% e no XVI “no hay documentaciones sin esta preposición en los constructos con *ir* + infinitivo”.

#### 4.1.4. PALABRAS LEXICAIS

A moderación con que se produciron intervencións sobre a lingua de C que supuxeron a castelanización de palabras gramaticais atopa o seu reverso na relativa abundancia de casos en que a alteración efectuada polo crego de Crecente significou a castelanización de palabras lexicais. É lóxico que así fose, xa que en calquera lingua sometida a un proceso de dialectalización son as primeiras, as pezas que configuran a súa estrutura gramatical, as que máis tardan en experimentar a interferencia inducida pola lingua que a domina, que non actúa intensa e xeneralizadamente sobre elas mentres non se alcanzan elevadas porcentaxes de poboación bilingüe diglósica. Na realidade, as palabras gramaticais son unidades moito máis estábeis e menos sometidas a mudanzas ca as lexicais tamén en linguas non sometidas a procesos de dominio, polo que é natural que ofrezan máis resistencia á interferencia en situacións de subordinación.

No Anexo 13 vese ben que Gregorio Lobarifias realizou abundantes castelanizacións do léxico do campo semántico da relixión, non poucas veces contrapesadas, cómpre advertilo, pola permanencia da variante non interferida en diversas pasaxes de V: *apostol*, *arciprestazgos*, *Aduiento*, *canonegos* e *canonigos*, *christianos*, *cinboreo*<sup>350</sup>, *comunions*, *comulgar*, *descomulgado*, *yglesia* e *jglesia*, *jajunar* (semicastelanismo

<sup>350</sup> Sobre a substitución de *cinballo* (C, 6.6) por *cinboreo* (V, 6.6) cf. Souto Cabo (2022: 634-635).

forxado sobre o modelo de *ayunar*), *mosterios* (outro semicastelanismo, este sobre o modelo de *monasterio*), *obispado*, *sede* ‘catedral’. Esta tendencia, perceptíbel en moi diversas fontes do galego medio (cf. Mariño Paz 1998a: 283), recibiu con certeza fortes estímulo na actividade lingüística dun sacerdote como don Gregorio, con certeza afeito ao contacto asiduo con fontes librescas en castelán e con outros clérigos galegos e foráneos que correntemente utilizarían tales voces castelás do campo semántico da relixión. Creo que debeu de ser tamén a súa cultura libresca a que o moveu a castelanizar sempre o nome dos reis que en C aparecían referidos como *Afonso*, a facelo nunha ocasión co dun bispo *Paio* e mesmo a preferir para o do conde don *Lois* a variante galega converxente coa do castelán<sup>351</sup>: **Lois** (C, 4.5) → **Luis** (V, 4.5).

Finalmente, cómpre anotar aquí a maneira en que Lobarriñas trasladou o fragmento de C que reproduce a seguir, acompañándoo inmediatamente despois da súa correspondencia en V:

Et foi acordado *que* mellor era [morrer] en batalla *que* sofrer et padecer tanto obprobrio et determento da *santa* fe catholica (C, 4.7).

E foi acordado que millor era en batalla morrer que sufrir e padecer tanto apremeo e oprouio e detrimento da santa fe catholica (V, 4.7).

Obsérvese que o cura de Crecente engadiu aquí por propia iniciativa o substantivo deverbil **apremeo**, que coa forma *apremio* só se empezou a consolidar no castelán a mediados do século XVI, segundo pode verse no CDH. No galego medieval a palabra que

<sup>351</sup> No caso dos nomes *Vicenço* e *Vicente* a intervención de Lobarriñas non foi máis alá de engadir un <n> na coda da primeira sílaba nas dúas ocasións en que esas dúas variantes designan no texto un cóengo (en 6.2): **Vicenço** (C, 6.2) → **Vincenso** (V, 6.2), **Vicente** (C, 6.2) → **Vicente** (V, 6.2). Como Souto Cabo explica neste mesmo libro (cf. pp. 84-86), tratábase dunha intervención inspirada por unha intención latinizadora (lat. UINCENTIUS, UINCENTEM) que tamén se observa en moitas fontes en castelán dos séculos XVI e XVII que revelan unha tendencia que cabe supoñer que influíu sobre don Gregorio. Polo contrario, a pluma do sacerdote crecentino respectou escrupulosamente *Vicenço* cando se trataba do nome dun santo popular en Galicia, nome que debía de conservar moita vitalidade no galego popular do seu tempo: **San Vicenço** (C e V, 6.5).

se usaba con este significado era *prema* (cf. DDGM, TMILG), de modo que podemos dicir que don Gregorio agregou aquí unha voz que con certeza aprendera debido ao trato asiduo que tería con obras escritas no idioma castelán.

#### 4.1.5. TREITOS EN CASTELÁN

En dous pequenos treitos, debido a evidentes perdas de concentración, Lobarriñas non copiou ou trasladou o texto de C, senón que o traduciu para o castelán:

Enna qual letera se contiña *que* o Santo Padre... (C, 5.4) → En aquella letra se continua<sup>352</sup> que o Santo Padre... (V, 5.4).

Tua petiçon porla Egleja de *Santiago* recebemos, e moito nos encomendamos... (C, 5.6) → Tu petición por la Yglesia de Santiago recibimos e moito nos encomendamos... (V, 5.6).

#### 4.2. ALTERACIÓNS DESCASTELANIZANTES

##### 4.2.1. PALABRAS GRAMATICAIS

Se en certos casos o traslado de C para V comportou a inserción da preposición *a* como marca de complemento directo cando esta función era desempeñada por unha frase nominal en posición posverbal que levaba un artigo determinado que tiña como núcleo un substantivo común con referente humano que podía acompañarse dun nome propio en aposición (cf. 4.1.3), nunha ocasión Lobarriñas fixo xustamente o contrario:

veo el rei ao concilio et trouxo *consigo* ao obispo don Diego Paes (C, 5.1) → ven el rey al concilio e trouxo *consigo* o bispo don Diego Paez (V, 5.1)

Sen dúbida, unha intervención coma esta arredaba a lingua de V do que no século XV e no XVII era habitual en castelán (cf. Laca 2006:

---

<sup>352</sup> Flagrante erro de tradución.

443-444) e era, por tanto, unha acción que poñía maior distancia coa lingua da corte ca a que nesta concreta pasaxe se usara en C. Con todo, cómpre sermos ben conscientes de que, como xa advertimos, en V coexisten actuacións de signo contrario con este tipo de estruturas.

Cando a función sintáctica de complemento directo era realizada por unha frase nominal posverbal cun nome propio humano como núcleo había xa en C unha maioría de casos con marcaxe preposicional (cf. López Martínez 1993: III-III4). O copista do XVII respectou moitos destes usos con e sen preposición<sup>353</sup>, mais en dúas ocasións retirouna cando si a escribira Rui Vasques:

Et este rei Veremundo, de consello dos maiores de seu reino, lançou fora et privou o dito don Paio [...] da egleja. Et fezo eleger por obispo a don *Pero Martiins* de Mosonço (C, 4.11) → Y este rei Bermundo, de consello dos mayores de seu reino, lançou fora e pribou o dito don Pelayo da eygreje e feço elegir por bispo don Pedro Martiz de Moconse (V, 4.11)

enviou a *Monin* Afonso et a outro *Monin* Gelmeriz, seu irmão, (C, 6.3) → embiou Amonin y outro Amonin Gelmirez, seu irman, (V, 6.3)

Parece que, no segundo destes dous exemplos, Lobarina interpretou a preposición *a* de C como a primeira sílaba do nome propio seguinte, interpretación que con certeza nos fala da súa disposición a aceptar complementos directos coma estes sen marcaxe preposicional. De feito, o seu emprego da maiúscula inicial na primeira ocorrencia do nome *Amonin* nesta pasaxe, que se repite inmediatamente despois na segunda, quere dicir que con toda a consciencia o home do XVII construíu aquí un complemento directo sen *a*. Neste tipo de estruturas a presenza da marca preposicional é constante en castelán desde os seus primeiros textos do século XII (cf. Laca 2006: 447), mentres que en galego temos evidencias do XVIII (cf. Vidal Fonseca 2019:

<sup>353</sup> Véxase, por exemplo: “et poso *enna* terra **Ares Dias** por seu meirino da terra” (C, 5.2) → “e posso na terra **Ares Diaz** por meiriño da terra” (V, 5.2), “et a maior captella poso por veedor a **Redulfo**, home de sutil engeño” (C, 6.12) → “y a mor coutela pouso por vedor a **Redulfo**, home de sutil engeño” (V, 6.12), etc.

260), do XIX (cf. Mariño Paz 2003: 260) e mesmo da actualidade (cf. Cidrás Escáneo 2006: 158-160) que mostran a perduración secular do uso non preposicionado. É certo que a porcentaxe de casos de marcación con *a* para estes complementos –sen alcanzar, nin moito menos, niveis que permitan falar de consolidación da mudanza– experimentou unha progresión entre os textos galegos do XIII e os do XV (cf. López Martínez 1993: 235-239), mais, como dixen en 4.1.3, non podemos ignorar que na actividade lingüística das elites letradas daquel tempo que produciron tales obras ese proceso non puido deixar de estar tutelado polo modelo do castelán. Lobarriñas, coa súa intervención nos dous casos antes mencionados, marcou distancias co idioma teito e seleccionou unha variante que sen dúbida sería no seu tempo de uso frecuente en moitas das variedades do galego popular.

Fóra desta cuestión, no ámbito das palabras gramaticais resta mencionar, en primeiro lugar, a corrección do artigo determinado que menciono deseguido, que é anecdótica porque en C se utilizan practicamente sempre os artigos galegos: “de como primeiramente foi feita et hedificada **lla** eglleja de Iria” (C, 1.1) → “de como permeiramente foi feita y edeficada a eygreje de Yria” (V, 1.1).

Ademais, a intervención descastelanizadora afectou tamén o adverbio relativo *adonde*, que en dúas ocasións foi corrixido para *onde* mentres que noutra<sup>354</sup> se mantivo:

*Enna* qual letera se contiña *que* o Santo Padre, por reverencia do apostollo *Santiago*, mudava et traspasava a cathedra episcopal, *que* os obíspos predecesores d’Almacio ouveron et tiinan *enna* Eglleja de Iria, *enna* Eglleja de *Santiago* de Compostella, **adonde** o corpo de *Santiago* verdadeiramente era sepultado (C, 5.4) → En aquela letra se continua que o Santo Padre, por reuerencia do apostol Santiago, mudava e trespasava a cathedra episcopal que os bispos precesores d’Almacio ouuesen e touesen na Eygreje de Yrea ena de Santiago de Compostela, **onde** o corpo de Santiago verdadeiramente era sepultado (V, 5.4).

<sup>354</sup> “Et depois, a pouquo tempo, foise o dito don Diego electo aa cibdade de Toledo, **adonde** o dito rei don Afonso estava *con* o arçobispo de Tolledo et con outros muitos señores” (C, 6.2) → “E depois a pouco tempo foise o dito don Diego eletto a cidade de Toledo, **adonde** o dito rey don Alfonso estaua cono arcebispo de Toledo e con outros muitos señores” (V, 6.2)

Et esto asi acabado, o *santo* obispo começou outra obra de piedade enno dito lugar. Et desfezo hũa eglleja moi provizilla, *que* estava ende feita enna ribeira do Sáár, **adonde** poseran o corpo de *Santiago*, quando o deceran da nave (C, 6.10). → E isto assi acabado, o santo bispo começou outra obra de piedade no dito lugar, desfeço una eygreje muy proueciña que estaua ende feita na riuera do Sar, **onde** poseron o corpo de Santiago cando o deceran da naue (V, 6.10).

## 4.2.2. PALABRAS LEXICAIS

Tamén houbo un pequeno espazo para a descastelanización neste ámbito. Certamente, as unidades lexicais que foron obxecto deste tipo de corrección foron moitas menos ca as que experimentaron a modificación de signo contrario, mais cómpre subliñar que entre as voces de C sometidas a descastelanización houbo cinco do campo semántico da relixión (*arçobispo*, *cardenaes*, *letania*, *obispado* e *obispo*) e un nome propio (*Juan*).

	C	V
ARÇOBISPO → ARCEBISPO	arçobispos <sup>355</sup> (4.7, 6.5), arçobispo (4.1, 6.2)	arcebispos (4.7, 6.5), arcebispo (4.1, 6.2)
CARDENAL → CARDEAL	cardenaes <sup>356</sup> (5.4 -2 v.-)	cardeas (5.4 -2 v.-)
ENVIDIA → EMBEJA	envidia (5.1)	embeja (5.1)
JUAN → JAN, JOAN	Juan Belet (1.3), don Juã (4.4), Juan Longobardo (6.12), Juan (6.12)	Jan Beleth (1.3), don Joan (4.4), Jan Lombardo (6.12), Jan (6.12) <sup>357</sup>
LETANIA → LEDAIÑA	letania (6.7)	ledaiña (6.7)

<sup>355</sup> Só nestes casos de 4.7 e 6.5 a vogal <o> está escrita, sen abreviar, en C, polo que só para eles cabe falar propiamente de actuación descastelanizadora por parte de Lobarriñas. Así e todo, os outros dous rexistros evidencian coñecemento e uso consciente da forma galega. Porén, o castelanismo tamén é moi frecuente en V, tanto se en C se corresponde cunha forma con vogal abreviada coma se non: *arçobispo* (C, 2.5 -3 v.-, 2.6, 2.7, 5.4) → *arçobispo* (V, 2.5 -4v., unha ocorrencia sen correspondencia en C-, 2.6, 2.7, 5.4), *arçobispos* (C, 4.7) → *arçobispos* (V, 4.7), *arçobispado* (C, 5.4) → *arçobispado* (V, 5.4), *arçobispal* (C, 6.8) → *arcobispal* (V, 6.8).

<sup>356</sup> En C é moito máis frecuente *cardeal*, variante que Lobarriñas respectou.

<sup>357</sup> Non fixo alteración cando *Juan* era nome de santo: “San *Juan Bapista*” (C, 6.5) → “San *Juan Baptista*” (V, 6.5), “San *Juan Bapista*” (C, 6.6) → “San *Juan Boutista*” (V, 6.6), “San *Juan Apostollo*” (C, 6.6) → “San *Juan Apóstol*” (V, 6.6).

OBISPADO → BISPADO	obispado (1.2, 5.6 -3 v.-), obispados (2.3), obispados (4.5, 6.II)	bispado <sup>358</sup> (1.2, 5.6 -3 v.-), bispos (2.3) <sup>359</sup> , bispados (4.5, 6.II) <sup>360</sup>
OBISPO → BISPO	obispo (2.3 -3 v.-, 2.6, 2.7 -7 v.-, 2.8, 2.9, 2.I0 -4 v.-, 4.I -2 v.-, 4.2 -10 v.-, 4.3 -3 v.-, 4.4 -3 v.-, 4.6 -2 v.-, 4.8 -2 v.-, 4.I0 -3 v.-, 4.II -5 v.-, 4.I2, 4.I3 -4 v.-, 5.I -5 v.-, 5.4 -3 v.-, 5.6 -3 v.-, 6.2 -2 v.-, 6.3 -2 v.-, 6.4, 6.5 -5 v.-, 6.6, 6.8, 6.9, 6.I0 -2 v.-, 6.II -3 v.-, 6.I2 -2 v.-, 6.I3 -3 v.-), obispos (2.6, 2.I0 -2 v.-, 4.I, 4.3, 5.3, 5.4 -3 v.-, 6.3, 6.I0, 6.II), obispos (4.7)	bispo (2.3 -3 v.-, 2.6, 2.7 -7 v.-, 2.8, 2.9, 2.I0 -4 v.-, 4.I -2 v.-, 4.2 -10 v.-, 4.3 -3 v.-, 4.4 -3 v.-, 4.6 -2 v.-, 4.8 -2 v.-, 4.I0 -3 v.-, 4.II -5 v.-, 4.I2, 4.I3 -4 v.-, 5.I -5 v.-, 5.4 -3 v.-, 5.6 -3 v.-, 6.2 -2 v.-, 6.3 -2 v.-, 6.4, 6.5 -5 v.-, 6.6, 6.8, 6.9, 6.I0 -2 v.-, 6.II -3 v.-, 6.I2 -2 v.-, 6.I3 -3 v.-), bispos (2.6, 2.I0 -2 v.-, 4.I, 4.3, 5.3, 5.4 -3 v.-, 6.3, 6.I0, 6.II), vispos (4.7) <sup>361</sup>
PERSONA → PERSOA, PRESOA	persona (5.4, 6.3), persona (5.6 -2 v.-), personas (2.I0, 6.I5)	persoa (5.4, 6.3), presoa (5.6 -2 v.-), presoa (2.I0, 6.I5)
POBLADA → POBOADA	poblada (2.I)	poboada (2.I)

Táboa 16. Alteracións descastelanzadoras de palabras lexicais.

Revelan tamén unha notábel consciencia lingüística as dúas substitucións do sufixo diminutivo *-illo* / *-illa* por *-iño* / *-iña*<sup>362</sup>: **provizilla** (C, 6.I0) → **proueciña** (V, 6.I0), **trautadillo** (C, 1.I) → **tratadiño** (V, 1.I).

No ámbito da morfoloxía verbal anótese tamén a corrección de **duro** (C, 2.2) por **durou** (V, 2.2).

<sup>358</sup> En 5.5, polo contrario, cambiou **bispado** para **obispado** (cf. Anexo 13).

<sup>359</sup> Aquí houbo un cambio de **obispados** por **bispos**: “Et ordenou ende obispo, segundo que avian ordenados novos obispados enna España porlo custume da Eglleja Romana” (C, 2.3) → “ordenou ende bispo signu que auia ordenados nobos bispos na España polo custume da Eygreje Romana” (V, 2.3).

<sup>360</sup> Só no seguinte caso non fixo Lobarriñas esta corrección: **obispado** (C, 5.4) → **obispado** (V, 5.4). Agás no rexistro mencionado no Anexo 13, os **bispo** e **bispado** de C mantivéronse en V.

<sup>361</sup> Rara vez deixou de facer Lobarriñas esta corrección: **obispo** (C, 2.6, 4.8, 5.4, 6.5) → **obispo** (V, 2.6, 4.8, 5.4, 6.5).

<sup>362</sup> Tamén substituíu por *-iñ(a)* o sufixo *-ull(a)* de **casulla** (C, 2.I0), que pasou para **casíña** (V, 2.I0), perdendo así o matiz peyorativo da forma de C. Non se trata dunha corrección descastelanzadora, pois existen rexistros antigos de *-ullo* en galego (cf. Ferreiro 1997: 195).

## 4.2.3. PSEUDOGALEGUISMOS

De forma perfectamente comparábel co proceder doutros escritores galegos anteriores e posteriores a el, Lobarriñas practicou unhas poucas intervencións sobre o texto de Vasques que, inspiradas polo bilingüismo consciente en que vivía e pola reacción defensiva que a influencia castelanizante suscitaba nel, consistiron finalmente en intentos de depuración innecesarios e non atinados. Vexamos.

Como reverso das monotongacións do ditongo /ou/ que consignei en 4.1.1 cómpre sinalar os ata dez casos de introdución indebida del en que incorreu o trasladador do século XVII: **por** ‘preposición’ (C, 2.1, 2.9, 4.2, 6.5, 6.10) → **pour** (V, 2.1, 2.9, 4.2, 6.5, 6.10), **poso** ‘puxo’ (C, 6.12) → **pouso**<sup>363</sup> (V, 6.12), **preçado** (C, 2.10) → **preceouso** (V, 2.10), **todalas cousas** (C, 2.5) → **toudalas cousas** (V, 2.5), **todos** (C, 5.2) → **toudos** (V, 5.2), **tornasen** (C, 5.5) → **tournasen** (V, 5.5). É esta mesma manipulación a que alterou o nome propio **Orriga** (C, 2.7 -2 v.-), que pasou para **Ouriga** (V, 2.7 -2 v.-). Sen dúbida, a existencia de numerosas voces e formas verbais do castelán que teñen cognados galegos cun ditongo decrecente foi tamén a forza indutora destoutras tres intervencións pseudogaleguizantes de Gregorio Lobarriñas: **fosse** (C, 6.5) → **foise** (V, 6.5)<sup>364</sup>, **matavan** (C, 2.2) → **matauron** (V, 2.2), **poderian** (C, 4.7) → **podeira** (V, 4.7).

Creo que ao mesmo pulo diferencialista que provocou estas ditongacións deberon de obedecer outras intervencións en que Lobarriñas lles aplicou a voces non patrimoniais certos cambios fonéticos

<sup>363</sup> En 1936 Leite de Vasconcellos (1985: 132) deixou constancia do uso de *pouso* ‘puxo’ e de *poude* ‘puido’ na Lombada (concello de Bragança), onde tamén oíu *toubo* (Vasconcellos 1985: 132). Ademais, en Laviados, no mesmo concello de Bragança, anotou *pouodo* e *toubo* (Vasconcellos 1985: 134). Desde logo, cabe pensar que tales formas populares obedecesen a impulsos analóxicos inducidos por *houbo*, co arraigado betacismo trasmontano, mais creo que no manuscrito de Lobarriñas o frecuente uso hipercorrecto de /ou/ que nel se observa torna verosímil que *pouso* fose un pseudogaleguismo e non unha variante de *poso* presuntamente empregada en Crecente ou nas veciñas terras portuguesas de Melgaço e das freguesías circundantes.

<sup>364</sup> “Et por que a sua *santa* Egleja de Santiago *fosse* mais onrada, propo...” (C, 6.5) → “E por que a su’eygreje de Santiago *foise* mais honrrada propo...” (V, 6.5).

que só se deran nas palabras latinas que se transmitiron pola vía popular: 1) sonorización da consoante oclusiva velar sonora en posición intervocálica: **clerical** (C, 6.10) → **crerigal** (V, 6.10), probablemente sobre o modelo de *clérigo* ou *crérigo*, e **ecclesiastica** (C, 5.1) → **ecresiastega** (V, 5.1), **ecclesiastica** (C, 5.4) → **ecresiastiga** (V, 5.4), **ecclesiastico** (C, 6.10) → **ecresiastigo** (V, 6.10)<sup>365</sup>; 2) síncope da consoante nasal alveolar e paso de Ī átono latino a /e/: **illuminar** (C, 2.10 -2 v.-) → **ilumear** (V, 2.10 -2 v.-), con presumíbel cruzamento con *alumear*; 3) desenvolvemento de consoante nasal posnuclear a partir de vogais nasalizadas por consoantes nasais intervocálicas que despois se sincoparon (OCEANU > \**oceão*): **ociano** (C, 6.3) → **ocean**<sup>366</sup> (V, 6.3); e 4) desenvolvemento de consoante nasal palatal en posición prenuclear a partir de vogais palatais nasalizadas por consoantes nasais intervocálicas que despois se perderon (PEREGRINOS > \**pelegrĩos*): **pelegrĩns** (C, 6.7) → **pelegrĩños** (V, 6.7).

## 5. OUTRAS ALTERACIÓNS

Non encaixan en ningunha das categorías recoñecidas nesta exposición unhas poucas alteracións máis que presento no Anexo 14. Só comento con toda a brevidade as que considero que necesitan algunha explicación sumaria.

O substantivo *linajeen*, coas súas diversas variantes gráficas e fonéticas, empregouse maioritariamente con xénero masculino nas nosas fontes medievais (cf. TMILG, DDGM). É infrecuente nelas o uso feminino que vemos no manuscrito C, que Lobarriñas cambiou polo masculino.

O estraño numeral ordinal *vicesion* ‘vixésimo’ foi omitido en V porque Lobarriñas suprimiu a aposición en que se encontraba, quizais por non a entender. Poida que *vicesion* fose un erro por *vicesimo*, utilizado en fontes galegas do século XV (cf. TMILG).

<sup>365</sup> Tamén **ecclesiastica** (C, 4.8) → **ecresiastica** (V, 4.8), **ecclesiasticos** (C, 5.2) → **eclesiasticos** (V, 5.2).

<sup>366</sup> Tamén **ociano** (C, 4.7) → **ocean** (V, 4.7).

No manuscrito C coexisten estas catro formas adverbiais: *entón*, *entonces*, *estonce* e *estonces* (cf. Souto Cabo 2001: 204, 234). O crego de Crecente tendeu a respectalas, mais non sen se permitir estas tres intervencións<sup>367</sup>: *enton* (C, 6.5) → *entonces* (V, 6.5), *entonces* (C, 4.1) → *estonces* (V, 4.1), *estonce* (C, 4.10) → *estonces* (V, 4.10). Se temos en conta que hai unhas décadas o ALGa 2 (mapa 340) situaba na zona de Crecente *entón* e *entonces*, con distintas variantes, e en Compostela e nas súas proximidades *entonces*, *estonces*, *estonce* e *entón*, parece verosímil que neste caso Lobaríñas fixese un cambio (de *entón* a *entonces*) entre dúas formas que lle resultarían moi familiares por se empregaren na súa comarca natal e outros dous (de *entonces* a *estonces* e de *estonce* a *estonces*) que tiñan como punto de destino unha variante que probabelmente non era propia do seu dialecto natal mais si aparecía no manuscrito compostelán de 1467 e 1468.

O trasladador mantivo a ocorrencia do adverbio *i* en 4.12<sup>368</sup>: “Et diseronlle *que* era do apóstollo *Santiago* [...], que *i* jazia sepultado” (C, 4.12) → “E dix[e]r[o]nll[e] que era do apóstol *Santiago* [...], que *y* jazia sepultado” (V, 4.12). Ora ben, en 6.11 empregoun nun contexto en que faltaba en C e fíxoo de tal forma que modificou o significado da forma verbal *auia*, que pasou do antigo valor de ‘tiña’ para o impersoal ou existencial de ‘había’: “o qual leyxou, ao mosteyro de Chantada en Riba de Miño, et à eglleja de San Mamede et aas outras egllejas, herdades que el avia entrella Ulla et o Tamere” (C, 6.11) → “e facendo o qu’el deixou ô mosteiro de Chantada, en Riua de Miño, y a eygreje de San Mamede y as outras eygrejes y herdades que y auia entre Vlla y o Tamare” (V, 6.11). Por outra parte, a inserción deste adverbio neste contexto realizouna incorrectamente, xa que a súa

<sup>367</sup> Hai unha cuarta intervención en que o cambio se fixo para colocar non outra variante deste adverbio, senón un adverbio distinto, moi usado tanto en C coma en V: *entonces* (C, 4.7) → *ende* (V, 4.7). Creo que non ten sentido especular aquí sobre a posibilidade de que Lobaríñas copiase este *ende* dun hipotético orixinal da *Crónica de Iria* anterior a C e hoxe perdido (cf. Boullón Agrelo 2019: 85-86), pois, como Souto Cabo demostra neste libro, V depende directamente de C. Véxase máis arriba a plausíbel motivación material desta mudanza que o noso colega propón (cf. p. 97).

<sup>368</sup> Esta actuación de Lobaríñas referenda a decisión editorial de Souto Cabo (2001: 116), que nesta pasaxe incluíu o adverbio *i* a pesar de non considerar clara a súa presenza no manuscrito.

referencia anafórica (“Riba de Miño”) era diferente da que se declaraba inmediatamente despois cunha frase preposicional que facía a función de complemento circunstancial (“entre Vlla y o Tamare”). Creo, por tanto, que Gregorio Lobaríñas, que probabelmente por non facer unha lectura atenta da fonte que estaba a copiar trasladou deficientemente toda a pasaxe en que este fragmento se integra, debeu de tratar de lle dar un retoque medievalizante a esta secuencia, con evidente desacerto. Ora ben, cabe tamén a posibilidade, apuntada por Souto Cabo neste mesmo volume (cf. pp. 63-67), de que se tratase dun simple lapso por repetición ou anticipación de *y*<sup>369</sup>.

Como resultado da voz latina MEMBRUM, nas fontes medievais rexístrase moito máis *nembro* ou *nembro* ca *menbro* (cf. TMILG, DDGM). Unha das escasas ocorrencias medievais de **menbro** é precisamente a do manuscrito C (6,5), que Lobaríñas cambiou para **nembro** (V, 6.5). Carezo de datos que me permitan pronunciarme con argumentos sólidos, de modo que me limitarei a sinalar aquí que 10 dos 54 testemuños de *nembro(s)* ou *nembro(s)* que ofrece o TMILG proceden do *Tratado de Alveitaría*, elaborado na zona de Baiona, non demasiado distante de Crecente polo oeste, durante o primeiro cuartel do século XV (cf. Pichel *et al.* 2020: 215-221). A proximidade espacial torna verosímil que no século XVII esta variante continuase usándose nas terras en que naceu Gregorio Lobaríñas, mais non teño datos que me permitan falar con máis seguranza.

Canto a *opas* ‘capas sen mangas’, a súa substitución polo hipe-rónimo *roupas* podería deberse a que don Gregorio descoñecese a palabra, escasamente utilizada nas fontes do galego medieval (cf. TMILG, DDGM). Con todo, a condición clerical do personaxe inclíname a desbotar esta hipótese. Quizais a paronomasia existente entre *opas* e *roupas*, co seu consecuente parecido gráfico, suscítase o cambio.

---

<sup>369</sup> Obviamente, dado que Souto Cabo demostra neste libro que V depende directamente de C, tampouco neste caso especularei sobre a posibilidade de que, como apunta Boullón Agrelo (2019: 87), Lobaríñas tomase este *y* dun suposto orixinal perdido que sería máis antigo ca o manuscrito de Rui Vasques.

Polo que se refire á palabra *sé* ‘catedral’, é evidente que a variante *seen*, frecuente en C, lle era estraña, pois cambiouna sempre para *sé* ou *sede*. Carezo de datos que me permitan facer observacións concluíntes, mais é probábel que esta variante fose de uso común na Compostela do século XV e non no Crecente do XVII.

Non dispoño de datos nin de indicios que me permitan pronunciar-me sobre se o cambio de *viindeiras* por *vindoiras* se pode relacionar tamén cun posíbel uso da segunda variante na comarca natal do responsábel do traslado.

Tampouco conto con datos suficientes para afirmar algo semellante a propósito da substitución de *queyra* por *quira* no presente de subxuntivo de *querer*<sup>370</sup>. Para o galego popular de finais do século XX o ALGa 1 (mapa 342) rexistra *quira* só no occidente coruñés, ao norte da ría de Muros e Noia, e na área asturiana, mais leo *quyra* nun documento de Montederramo datado en 1267 que está incluído en dúas edicións rigorosas (Souto Cabo 2008: 213; Lorenzo 2016: I, 440) e observo que o CGPA devolve tres casos de *quira*, un de *quyra* e dous de *quiran* en instrumentos dos séculos XIII, XIV e XV que se emitiron en Oseira, Santa María do Camiño (Pontevedra) e Vilar de Donas mais aparecen en edicións que considero menos ou moito menos fiábeis. O conxunto destes datos torna posíbel que no Crecente en que Lobariñas naceu e viviu se usase tamén esta variante verbal, mais non nos permite situarnos máis alá do límite que nos marca esta precavida hipótese.

## 6. POR QUE ACTUOU ASÍ LOBARIÑAS?

Non podo responder a esta pregunta con certezas. Só cunha hipótese que me parece verosímil e que a seguir presentarei.

Como fomos vendo nas páxinas anteriores, hai unha multitude de evidencias que poñen de manifesto que Gregorio Lobariñas non tivo ningunha intención de lle enviar a Tomás Tamayo de Vargas unha copia fiel do manuscrito C da *Crónica de Santa María de Iria*.

<sup>370</sup> Non houbo, en cambio, modificación de *queyras* (C, 5.6), que permaneceu como *queiras* (V, 5.6).

Non só non tivo reparos en suprimirlle o que adoita coñecerse como relato dos feitos contemporáneos, en cambiarlle o colofón por outro en que suxire a autoría de Xoán Rodríguez de Padrón e en facerlle outras intervencións editoriais que Souto Cabo detalla noutro capítulo deste libro, senón que ademais modificou o galego con que a obra estaba escrita en numerosos aspectos gráficos, fonéticos, morfolóxicos, sintácticos e lexicais<sup>371</sup>. En efecto, desde o primeiro ata o derradeiro folio que empregou para facer o seu traslado o beneficiado da freguesía de Crecente practicou sobre a lingua con que Rui Vasques escribira a súa obra innumerábeis alteracións de carácter modernizador, con selección próxima á sistematicidade das variantes propias da súa terra cando se enfrontaba con variábeis dotadas de variación diatópica<sup>372</sup> e cunha tendencia a conferirlle ao seu traballo unha aproximación á oralidade popular maior ca a que se advertía no manuscrito depositado no arquivo da catedral compostelá. Obviamente, na realización deste labor tamén deixou testemuños moi valiosos do que foi a súa praxe como escritor en galego en relación co problema da influencia castelanizante do medio en que vivía e as accións de carácter depurador que contra tal influencia se poderían opoñer.

---

<sup>371</sup> Convén non esquecer que o racioneiro de Crecente fixo isto nun tempo e nun espazo en que proliferaron as falsificacións da historia feitas adoito con intereses relixiosos diversos, como ben advertiu Caro Baroja (1992: 97): “De fines del siglo xvi a mediados del xvii, se da en España una peculiar efervescencia en lo de inventar textos históricos. Los falsarios [...] se hallaban dominados por intereses religiosos en esencia”. A súa relación cos irmáns Fernández de Boán, tratada por Souto Cabo no primeiro capítulo desta obra, sitúa Lobarriñas no principal círculo de falsarios da Galicia do seu tempo e axuda a comprender que a disposición mental con que realizou o traslado do manuscrito C non lle inspiraría ningún tipo de escrúpulo á hora de intervir nin sobre os contidos e o colofón da crónica catrocentista nin, menos aínda, sobre a lingua en que esta estaba escrita.

<sup>372</sup> Por este motivo, o manuscrito V constitúe hoxe para nós un privilexiado observatorio do xeolecto de Crecente e a súa rodeada nas primeiras décadas do século XVII. En unión con outras dúas fontes de estudo moi próximas a el no espazo e no tempo, a correspondencia en galego ao señor de Gondomar de finais do século XVI e principios do XVII e *A contenda dos labradores de Caldelas de 1671*, o traslado de C que fixo Lobarriñas permite facer unha reconstrución bastante minuciosa do que serían naquel tempo as variedades populares de galego faladas por todo o Baixo Miño.

Do meu punto de vista, a determinación con que actuou desta maneira enténdese mellor se cando realizou este traballo para Tarmayo de Vargas o supoñemos instalado nunha práctica de escritura en galego con certo grao de consolidación que sen dúbida ensaiara e perfeccionara antes, cando tempo atrás escribira *As Galegadas*, un relato da historia do reino de Galicia para o que infrutuosamente solicitara permiso de impresión ao Consejo Real de Castilla en 1616 (cf. Bouza 2009: 28-37; Ramos Rodríguez 2023: 54-57). A redacción do manuscrito V debeu de facela anos despois, cando no marco dun proceso por inxurias en que estivo inmerso entre 1623 e 1627 padeceu prisión en Santiago de Compostela, aínda que con permisos temporais para viaxar a Crecente e cunha estadía na corte madrileña de varios meses en 1626 (cf. Bouza 2009: 25-26; Ramos Rodríguez 2023: 188-13). Foi precisamente neste mesmo ano de 1626 cando don Gregorio obtivo licenza do Consejo Real de Castilla para publicar unha *Istoria de Galiçia*, tamén en galego, que talvez non fose outra cosa que unha refundición, ampliación ou adaptación d'*As Galegadas* de 1616 (cf. Ramos Rodríguez 2023: 59-62), o que move a pensar que por volta de 1625 volvería escribir un texto extenso na lingua en que debía de falar habitualmente. Desta vez si conseguiu a licenza preceptiva, mais a obra non chegou ao prelo debido probabelmente a que o clérigo non atopou quen lle financiase a publicación. Certamente, el non debía de estar entón en disposición de o facer, dados os grandes gastos que lle ocasionara e estaba aínda a ocasionar o seu preito con Antonio Rodríguez. En todo caso, as noticias de que dispoñemos permítennos conxectar con verosimilitude que, cando fixo o seu persoalísimo traslado do manuscrito C, o sacerdote de Crecente debía de estar instalado nunha práctica escrituraria en galego á que se debeu de acoller tamén para tal encomenda, moi lonxe, por tanto, de toda intención de actuar como un esforzado copista rutineiro daquel papel antigo. A súa condición de poeta lopesco autor da novela pastoril *Pastores de Tormes* e de varias obras de erudición histórica (cf. Bouza 2009: 26-28; Ramos Rodríguez 2023: 43-91) é, do meu punto de vista, un interesante dato que cómpre considerar para entender cabalmente a disposición mental con que se debeu de enfrontar ao manuscrito que entre 1467 e 1468 escribira

Rui Vasques. Como escritor en castelán e en galego, Gregorio Lobarriñas debía de ter unha vontade de estilo á que creo que non renunciou por completo cando se sentou a trasladar para Tamayo a *Crónica de Santa María de Iria*. Só se atopásemos os orixinais ou algunha copia d'*As Galegadas* e da *Istoria de Galicia* poderíamos verificar o acerto ou desacerto desta conxectura.

En todo caso, o que me parece incuestionábel é que o manuscrito V é unha obra que ata o de agora non foi estimada como merece, pois, polos valores que reúne e pola considerábel extensión que ten, constitúe unha peza da maior relevancia para a difícil reconstrución da historia da lingua galega no século XVII. En efecto, grazas á potente luz que proxecta, este persoalísimo texto de Gregorio Lobarriñas contribúe non pouco a alumear as tebras dos chamados Séculos Escuros, xa que, coma a *Historia de don Servando*, estrita coetánea súa, non só contén preciosos datos sobre o estado de numerosas variábeis lingüísticas do galego do Seiscentos, senón que ademais revela que na Galicia daquela tempo houbo algúns letrados que, animados por intencións falsificadoras diversas, tomaron a pluma para nos legar valiosísimos textos mellor ou peor escritos no que daquela xeralmente se concibía como un vulgar dialecto, o vulgar dialecto en que eles, con certeza, falaban acotío.

## 7. ANEXOS

ANEXO I. CONVERSIÓN EN [j] DA CONXUNCIÓN COPULATIVA E  
EN CONTEXTO ANTEVOCÁLICO

	C	V
ALTERACIÓN	feita et hedificada (1.1)	feita y edeficada (1.1)
	et o sepultaron (2.1)	y o sepultaron (2.1)
	os bandalos, et os soligos et os ungos (2.2)	os vandalos y os soligos y os vngos (2.2)
	Et os godos (2.2 -3 v.-)	Y os godos (2.2 -3 v.-)
	a terra, et as villas et castellos et lugares (2.2)	a terra y as vilas e castelos e lugares (2.2)
	Et enton os bandalos, et sublingos et ungos (2.2)	Y en[t]on os vandalos e solingos e vngos (2.2)
	et os comian (2.2)	y os comian (2.2)
	et o seniorio (2.2)	y ó señorío (2.2)
	et outros (2.3)	y outros (2.3)
	et o rio da Ulla (2.3)	y o da Vlla (2.3)
	et/Et el rei (2.4, 2.8, 4.7, 4.8, 5.1, 6.II, 6.13)	y/Y el rei (2.4, 2.8, 4.7, 4.8, 5.1, 6.II, 6.13)
	et outras terras (2.4)	y otras terras (2.4)
	Et estando (2.5)	Y estando (2.5)
	Et dito Leonegildo (2.5)	Y o dito Leouigildo (2.5)
	Et o <i>santo</i> arçobispo bautizoo, et por tal via o criou et ensinou <i>enna santa</i> fe catholica (2.5)	y o santo arçobispo o batizou e criou por tal uia y ensinou na santa fee catholica (2.5)
	Et à morte de seu padre Leonegildo (2.6)	Y a morte de Liouigildo, seu pay (2.6)
	o qual foi mui bóo rei (2.6)	Y este foi mui bo rey (2.6)
	et o <i>dito</i> arçobispo (2.6)	y o dito arçobispo (2.6)
	et asenorearon toda España (2.8)	i aseñorearon toda España (2.8)
	Et <i>aquí</i> (2.8, 6.2)	Y aquí (2.8, 6.2)
	Et este foi (2.8)	Y este foi (2.8)
	et oieu (2.10)	y oyu (2.20)
	et achou (2.10)	y achou (2.10)
	et en jajüu (2.10)	y en jejun (2.10)
	Et enton (2.10, 4.12, 5.1, 5.2, 5.3, 5.6, 6.12)	Y enton (2.10, 4.12, 5.1, 5.2, 5.3, 5.6, 6.12)
	gozo et alegria (2.10)	gozo y alegria (2.10)
consello et auctoridade (2.10)	consello y autoridade (2.10)	
et o <i>primeiro</i> (4.1)	y o permeiro (4.1)	
Et aa fin de Atheulfo (4.2)	Y a fin de Ateulfo (4.2)	

ALTERACIÓN	<p>postas aa <i>vergonça</i> et aa morte (4.2)  Et acabada a missa (4.2)  Et entonces (4.2)  et o touro se foi en paz (4.2)  et os seus falsos criados (4.2)  Et o santo <i>bispo</i> (4.2)  Et en memoria de tanto miragre (4.2)  et estevese (4.2)  et os moços (4.2)  Et ordenaron (4.3)  Et entonces el rei, et a raina et os  infantes (4.3)  santa <i>séc</i> e <i>iglleja</i> (4.3)  et/Et o <i>bispo</i> (4.3, 6.5)  et o <i>mosteiro</i> (4.3)  et a <i>eglleja</i> (4.3)  Et el rei et a raina (4.3)  Et aa morte do <i>dito</i> nobre rei (4.3)  Et estonces (4.4, 6.13)  a Deus et ao <i>Apostollo</i> (4.4)  et viveo mal et en pecado (4.5)  Et ao tempo da morte (4.5)  Et à vista de todos (4.5)  vigilias et orações (4.5)  Et ela (4.5, 4.9)  o teu fillo he tornado aa <i>compana</i>  dos <i>santos</i>, he perdoado de todos  seus pecados et librado do poder do  diabro (4.5)  fezo et ordenou (4.5)  Et a vella (4.6)  et el <i>non</i> ouvo (4.6)  et outros tantos fillos (4.7)  Et avido (4.7)  [et] <i>apareceulle</i> (4.7)  Et el respondeu (4.7)  et a defendese (4.7)  Et eu irei (4.7)  et ante ti (4.7)  et oiron missa (4.7)  Et oida a missa (4.7)  Et às oras (4.7)</p>	<p>postas a <i>vergonça</i> y a morte (4.2)  Y acabada a <i>misa</i> (4.2)  Y entonces (4.2)  y o touro se foi en paz (4.2)  y os seus falsos criados (4.2)  Y o santo <i>bispo</i> (4.2)  Y en memorea de tanto milagre (4.2)  y estouese (4.2)  y os moços (4.2)  Y ordenaron (4.3)  Y entonces o rei y a raina y os ynfan-  tes (4.3)  santa se y <i>eygreje</i> (4.3)  y/Y o <i>bispo</i> (4.3, 6.5)  y o <i>mosteiro</i> (4.3)  y a <i>eygreje</i> (4.3)  Y el rei y a reina (4.3)  Y à morte do <i>dito</i> nobele rey (4.3)  Y estonces (4.4, 6.13)  a Deus y o <i>Apostole</i> (4.4)  e bibeu mal y en pecado (4.5)  Y ao tempo da morte (4.5)  Y a vista de todos (4.5)  vigileas y oraçons (4.5)  Y ela (4.5, 4.9)  o teu fillo he tornado à <i>compania</i>  dos <i>santos</i> y he perdoado de todos  seus pecados e librado do poder do  diabro (4.5)  feço y ordenou (4.5)  Y a <i>bella</i> (4.6)  y ele <i>non</i> ouo (4.6)  y outros tantos fillos (4.7)  Y auido (4.7)  y <i>apareceulle</i> (4.7)  y ele respondeu (4.7)  y a defendese (4.7)  Y eu <i>yrey</i> (4.7)  y ante ti (4.7)  y oiron <i>misa</i> (4.7)  Y oida a <i>misa</i> (4.7)  Y às oras (4.7)</p>
------------	--	--

ALTERACIÓN	<p>Et alli (4.7)  a graça de Deus et a ajuda do  Apostollo (4.7)  consello et acordo (4.7)  Et despois de Ormigildo, obispo, foi  Sisnando, fillo do conde don Mendo,  foi consegrado en obispo septimo  enna Egllreja de Santiago. (4.8)  muros, et almenas (4.8)  Et o dito (4.9)  Et entraron (4.9)  Et a raina (4.9)  orações et esmoldas (4.9)  Et el disso (4.9 -2 v.-)  Et ella (4.9 -3 v.-)  orações et en esmoldas (4.9)  Et a raina (4.9)  Et el escusouse (4.9)  et el desaparesceulle (4.9)  Et este miragre (4.9)  Et o <i>santo</i> bispo (4.10)  Et estonce (4.10)  et/Et entrou (4.10, 4.12 -2 v.-)  et ali (4.10)  Et este fezo (4.11)  et o fezo (4.11)  os señores et antiigos (4.11)  bōos et antiigos (4.11)  Et este fezo (4.11)  et outras nobres cousas (4.11)  Et este rei (4.11)  onrado et amado (4.11)  Et alli (4.11)  et aos <i>quinze</i> anos (4.11)  <i>que</i> era grande señor dos esmaelitas,  escripvindolle (4.12)  Et Almeçor (4.12)  Et elles (4.12)  et o santo (4.12)  et <i>aquel</i> lugar (4.12)  <i>e</i> acerqua (4.12)</p>	<p>Y ali (4.7)  a gracia de Deus y ajuda do  Apostole (4.7)  consello y acordo (4.7)  E despois de Hermenegildo, bispo,  foi don Sisnando consagrado en obis-  po 7º -y era fillo do conde don  Mendo- na Eygreje de Santiago. (4.8)  muros y almenas (4.8)  Y o dito (4.9)  Y entrou (4.9)  Y a raina (4.9)  oraçons y esmolos (4.9)  Y el dixo (4.9 -2 v.-)  Y/y ela (4.9 -3 v.-)  oraçons y esmolos (4.9)  Y a raina (4.9)  Y ele escusouse (4.9)  Y el desapareceu (4.9)  Y este milagre (4.9)  Y o santo bispo (4.10)  Y estonces (4.10)  y/Y entrou (4.10, 4.12 -2 v.-)  y ali (4.10)  Y este feço (4.11)  y o fezo (4.11)  os señores y antigos (4.11)  bós y antigos (4.11)  Y este fexo (4.11)  y otras nobres cousas (4.11)  Y este rei (4.11)  onrrado y amado (4.11)  Y ali (4.11)  y aos quinze anos (4.11)  <i>que</i> era grande señor dos ismaelitas,  y escreuendolle (4.12)  Y Almanzor (4.12)  Y eles (4.12)  y o santo (4.12)  y <i>aquelo</i> lugar (4.12)  y acerca (4.12)</p>
------------	--	--

ALTERACIÓN	Et a sua morte (4.13)	Y à sua morte (4.13)
	Et acabou (4.13)	y acabou (4.13)
	et as torres (4.13)	i as torres (4.13)
	et o castello (4.13)	y o castelo (4.13)
	et os barbaros (4.13)	y os barbaros (4.13)
	Et el morto (4.13)	Y ele morto (4.13)
	et o conde (4.13)	y o conde (4.13)
	et, oida sua enbaixada, (4.13)	y oyda sua embaixada (4.13)
	et abriron as portas (4.13)	y abriron as portas (4.13)
	Et o conde (4.13)	Y o conde (4.13)
	et entrou (4.13)	y entrou (4.13)
	et avian (5.1)	y auian (5.1)
	Et o d'to (5.1, 5.4)	Y o dito (5.1, 5.4)
	Et alguus (5.1)	Y alguns (5.1)
	et o <i>queria</i> (5.1)	y o <i>queria</i> (5.1)
	Et en este tempo (5.1)	Y en este tempo (5.1)
	et esto (5.1, 6.10)	y esto (5.1, 6.10)
	et entregou (5.1)	y entregou (5.1)
	et o bago (5.1)	y o bago (5.1)
	et o cardeal (5.1)	y o cardeal (5.1)
	Et el rei (5.1)	Y el rey (5.1)
	confuso et acusado (5.1)	confuso y acusado (5.1)
	et o castello (5.2)	y o castelo (5.2)
	et outras terras (5.2)	y outras terras (5.2)
	et afligeu (5.2)	y afrigu (5.2)
	et a terra (5.2)	y a terra (5.2)
	Et o conde (5.3)	Y o conde (5.3)
	et a governara (5.3)	y a gouernara (5.3)
	et a librara (5.3)	y a librara (5.3)
	Et a rogo (5.3)	Y a rogo (5.3)
	et auctoridade (5.4)	y autoridade (5.4)
	Et o papa y os cardeaes (5.4)	Y o papa y os cardeas (5.4)
	Et os <i>que</i> a gardaren (5.4)	Y os que o gardaren (5.4)
et a clerizia (5.4)	y a creceria (5.4)	
E os d'itos senores (5.5)	Y os ditos señores (5.5)	
et acharon (5.6)	y acharon (5.6)	
Et d'to (5.6)	Y o dito (5.6)	
et os ynfiés (5.6)	y os ynfiés (5.6)	
et as outras (5.6)	y as outras (5.6)	
Et achamos (5.6)	Y achamos (5.6)	
traballos et angustias (5.6)	traballos y antigüas angustias (5.6)	

ALTERACIÓN	et onesta (5.6)	y onesta (5.6)
	ben honestamente (5.6)	ben y onestamente (5.6)
	et enviou (6.1)	y embiou (6.1)
	et o dito esleito (6.2)	y o dito eleto (6.2)
	Et escripveu (6.2)	y escribeu (6.2)
	et a outro (6.2)	y a outro (6.2)
	et à clerizia (6.2)	y a crerecia (6.2)
	et a outro (6.3)	y outro (6.3)
	et os votos (6.3)	y os botos (6.3)
	et asentóos (6.4)	y asentouos (6.4)
	et outrosi (6.5, 6.11)	y outrosi (6.5, 6.11)
	arçobispos, et obispos, et abbades (6.5)	arcebispos y abbades (6.5)
	et os seus (6.5)	y os suos (6.5)
	et ao apóstollo (6.5)	y ao apóstol (6.5)
	et a todos (6.5)	y a todos (6.5)
	Et enton (6.5)	y entonces (6.5)
	Et o <i>santo</i> obispo (6.6)	Y o santo bispo (6.6)
	et ascondido (6.6)	y escondido (6.6)
	et oir (6.6)	y oir (6.6)
	Et alende (6.6)	Y alen (6.6)
	et a capella (6.6 -2 v.-)	y a capela (6.6 -2 v.-)
	et <i>Santo</i> Andre (6.6)	y o San Andre (6.6)
	et o altar (6.6)	y o altar (6.6)
	et a <i>Santa</i> Cruz (6.7)	y a Santa Cruz (6.7)
	et a egliseja (6.7)	y a eygreje (6.7)
	enzo outeiro (6.7)	y o outeiro (6.7)
	Et ordenou (6.7, 6.8)	Y ordenou (6.7, 6.8)
	et fezo outras cousas (6.8)	y outras cousas (6.8)
	et outro (6.10 -2 v.-)	y outro (6.10 -2 v.-)
	et ornamentos (6.10)	y ornamentos (6.10)
	et as herdades (6.10)	y as herdades (6.10)
	et os outros (6.10)	y os outros (6.10)
	e evangelista (6.10)	y Euangelista (6.10)
Et a dita (6.10)	Y a dita (6.10)	
et otorgou (6.10)	y otorgou (6.10)	
Et en Postomarcos (6.11)	Y en Porto Marcos (6.11)	
et en Salnes (6.11)	y en San Lens (6.11)	
et os coutos (6.11)	y os coutos (6.11)	
et à egliseja de San Mamede et aas outras eglisejas, herdades <i>que</i> el avia entrella Ulla et o Tamere (6.11)	y a eygreje de San Mamede y as outras eygrejes y herdades <i>que</i> y auia entre Vila y o Tamare (6.11)	

	<p>et obseqñias (6.11)  et o burgo (6.11)  et esportaran (6.12)  et en presença (6.12)  Et entregou (6.12)  Enton o bïspo (6.12)  et os mais (6.13)  Et el (6.13)  et a raina (6.13)  e, entre muitas palabras (6.13)  Et o bïspo (6.13)  [et] a raina (6.13)  et achou (6.13)  et outras (6.13)  e estragavan (6.13)  et o mais (6.14)  et as poso (6.15)  et abbade (6.15)</p>	<p>y obsequeas (6.11)  y o burgo (6.11)  y esportaron (6.12)  y en presenca (6.12)  y entregou (6.12)  Y enton o bispo (6.12)  y os mais (6.13)  y ele (6.13)  y a raina (6.13)  y entre muitas palabras (6.13)  Y o bispo (6.13)  y a raina (6.13)  y achou (6.13)  y outras (6.13)  y estragauan (6.13)  y o mais (6.14)  y as poso (6.15)  y abade (6.15)</p>
CONSERVACIÓN	<p>sublingos et ungos (2.2)  nobre, inclito (2.5)  Ata este obïspo Leonesindo (2.8)  Et hïus dizian (4.1)  Et hedificou (4.3)  enna era de novecentos et cincoenta  et oito (4.4)  LXVIII anos (4.7)  Et avia (4.7)  et enviaron (4.7)  jajuu, et orações (4.9)  et entraron (4.10)  barbaros et ismaelitas (4.13)  et usando (4.13)  et olvidou (5.1)  et a cidade (5.2)  et andavan (5.2)  Et esto (5.3 -2 v.-)  et esto (5.4, 6.10)  a dita eglleja et o bïspado (5.5)  amar et onrar (5.6)  a vida et os custumes del (6.1)  et ordenou (6.1, 6.9)  traballos et angustias (6.5)  et enbaixador (6.5)  et ornamentos (6.10)</p>	<p>solingos e vngos (2.2)  nobre e encrito (2.5)  E atá este bispo Leonesindo (2.8)  E uns decian (4.1)  e edificou (4.3)  na era de novecentos e cincoenta e  oito (4.4)  sasenta e oito anos (4.7)  e auia (4.7)  e embiaron (4.7)  vigileas e orações (4.9)  e entraron (4.10)  barbaros e ysmaelitas (4.13)  e usando (4.13)  e oluidouse (5.1)  e a cidade (5.2)  e andauan (5.2)  E ysto (5.3 -2 v.-)  e isto (5.4, 6.10)  a dita eygreje e obispado (5.5)  amar e honrrar (5.6)  e a vida e custumes del (6.1)  e ordenou (6.1, 6.9)  traballos e angustias (6.5)  e embayxador (6.5)  e ornamentos (6.10)</p>

ANEXO 2. ALTERACIÓN E CONSERVACIÓN DOS RESULTADOS  
DO SUFIXO LATINO *-ĭŏNE*

	C	V
ALTERACIÓN 'cons. + <i>ón'</i> → 'cons. + <i>ión</i> ou <i>eón'</i>	Anunciaçon (6.5), Ascenson (6.5), confesoons (6.6), discreçon (5.3), oraçon (2.8), permisson (6.13), predicaçon (2.3), trelladaçon (1.3), trasladaçon (5.4), vison (2.10), vison (4.9)	Annunciacion (6.5), Ascension (6.5), confesions (6.6), discrecion (5.3), oracion (2.8), permission (6.13), predicaceon (2.3), treladacion (1.3), trasladacion (5.4), viseon (2.10), vision (4.9)
CONSERVACIÓN 'cons. + <i>ón'</i> → 'cons. + <i>ón'</i>	condiçon (2.10), confirmaçon (6.3), consagraçon (6.2), consegraçon (5.6, 6.2 -2 v.-), converssaçon (2.10), dedicaçon (6.5), defenson (4.13), distribuições (6.10), destroiçon (2.3, 5.6), destroiçon (5.6), devaçon (4.9, 6.13), esleaçon (6.1), generaçom (4.13), geraçaon (6.12), orações (2.10, 4.9 -3 v.-, 6.6), oraçon (2.10, 4.5, 4.7, 4.9 -3 v.-, 4.10), perseguicon (2.2), posison (2.3), posisoões (6.4), pricissom (6.2), priçisson (6.7), priçison (6.7), priçições (6.15), provações (4.5), recreaçon (6.9), revelaçon (2.10), subjeiçon (6.5), sustentaçon (6.7), tribulaçon (2.2), vison (4.7)	condiçon (2.10), confirmaçon (6.3), consagraçon (6.2), consagraçon (5.6, 6.2 -2 v.-), conuersaçon (2.10), Dedicacion (6.5), defenson (4.13), distribuçons (6.10), destroiçon (2.3, 5.6), destroiçon (5.6), deuoçon (4.9, 6.13), eleiçon (6.1), jeneraçon (4.13), geraçaon (6.12), oraçons (2.10, 4.9 -3 v.-, 6.6), oraçon (2.10, 4.5, 4.7, 4.9 -3 v.-, 4.10), persiguiçon (2.2), posison (2.3), posisons (6.4), procison (6.2), procison (6.7), procisons (6.15), poblaçons (4.5), recreaçon (6.9), reuelaçon (2.10), sojeiçon (6.5), sustentaçon (6.7), tribulaçon (2.2), vison (4.7)
ALTERACIÓN 'cons. + <i>ión'</i> → 'cons. + <i>ón'</i>	hedificacion (1.3 -2 v.-), ocassion (5.6)	edificaçon (1.3 -2 v.-), acaison (5.6)
CONSERVACIÓN 'cons. + <i>ión'</i> → 'cons. + <i>ión</i> ou <i>eón'</i>	escomion (6.3), passion (1.3), religion (4.13), religiõn (6.8, 6.9)	escomunión (6.3), paseon (1.3), religeon (4.13), religiõn (6.8, 6.9)

ANEXO 3. ALTERACIÓN E CONSERVACIÓN DAS TERMINACIÓNS  
NOMINAIS -CO/-ÇA, -ZO/-ZA E -CIO/-CIA

	C	V
<p>ALTERACIÓN</p> <p>-ço, -ça → -cio ou -ceo, -cia ou -cea</p> <p>-zo, -za → -cio ou -ceo, -cia ou -cea</p>	<p>França (2.5 -2 v.-), França (4.I -2 v.-)</p> <p>Galiza (2.2, 2.4 -2 v.-, 2.5, 2.6, 6.9), Galiza (4.2, 4.II -2 v.-, 4.12, 5.1, 5.3, 6.13)</p> <p>graça (2.3, 2.10, 5.4, 6.2, 6.7, 6.8), graça (2.10 -2 v.-, 4.7 -2 v.-, 4.10, 6.13), graças (2.10, 4.5)</p> <p>juízo (4.6), juízo (4.13)</p> <p>justiça (4.13), justificados (4.2)</p> <p>presença (5.3), presença (6.12)</p> <p>sentença (4.2, 6.3)</p> <p>serviço (2.3)</p>	<p>Francia (2.5 -2 v.-), Francea (4.I -2 v.-)</p> <p>Galia (2.2, 2.4 -2 v.-, 2.5, 2.6, 6.9), Galicea (4.2, 4.II -2 v.-, 4.12, 5.1, 5.3, 6.13)</p> <p>gracia (2.3, 2.10, 5.4, 6.2, 6.7, 6.8), gracea (2.10 -2 v.-, 4.7 -2 v.-, 4.10, 6.13), graceas (2.10, 4.5)</p> <p>juicio (4.6), juiceo (4.13)</p> <p>justicea (4.13), justiceados (4.2)</p> <p>presencia (5.3), presencia (6.12)<sup>373</sup></p> <p>sentencea (4.2, 6.3)</p> <p>servuicio (2.3)</p>
<p>CONSERVACIÓN</p> <p>-ça ou -za → -ça</p>	<p>Galiza (6.1)</p> <p>menospreçando (4.11)</p>	<p>Galiça (6.1)</p> <p>menospreçando (4.11)</p>
<p>CONSERVACIÓN</p> <p>-cio, -cia → -cio ou -ceo, -cia ou -cea</p>	<p>continencia (5.1)</p> <p>deligencia (5.3), diligencia (6.2)</p> <p>espacio (2.2, 5.4)</p> <p>gracias 'dádivas' (4.4)</p> <p>licencia (2.10), licencia (2.10, 5.1, 5.4, 6.5)</p> <p>negocios (5.1), negocios (5.3)</p> <p>obediencia (6.8)</p> <p>oficio (4.5 -2 v.-, 5.6, 6.10 -2 v.-), oficios (4.3), oficios (6.10)</p> <p>penitencias (2.8), penitencias (6.6)</p> <p>provincia (5.3 -2 v.-), provincia (5.4)</p> <p>reverencia (2.10 -2 v.-, 6.5 -2 v.-, 6.10), reverencia (2.10, 6.5, 6.7, 6.11)</p> <p>sciencia (4.11), sciencia (6.11)</p>	<p>continencea (5.1)</p> <p>deligencea (5.3), deligencea (6.2)</p> <p>espacio (2.2, 5.4)</p> <p>gracias 'dádivas' (4.4)</p> <p>licencia (2.10), licencea (2.10, 5.1, 5.4, 6.5)</p> <p>negoceos (5.1), negocios (5.3)</p> <p>obediencia (6.8)</p> <p>oficeo (4.5 -2 v.-, 5.6, 6.10 -2 v.-), oficeos (4.3), oficios (6.10)</p> <p>penitenceas (2.8), penitencias (6.6)</p> <p>prouincia (5.3 -2 v.-), prouincea (5.4)</p> <p>reuerencia (2.10 -2 v.-, 6.5 -2 v.-, 6.10), reuerencia (2.10, 6.5, 6.7, 6.11)</p> <p>sceencia (4.11), sciencia (6.11)</p>

<sup>373</sup> No entanto, nunha pasaxe en que en C non aparecía o substantivo *presença* Loba-riñas optou por unha redacción diverxente en que si empregou esta forma: “o qual queimou todo o moimento et sepulcro en *persona*, et [aa] vista de todos” (C, 4.6) → “o cal queimou todo o muimento e sepulcro en *presença* e vista de todos” (V, 4.6).

## ANEXO 4. MODERNIZACIÓN DO LÉXICO

	C	V
ASCONDER → ESCONDER	ascondido (2.10, 4.13, 6.6)	escondido (2.10, 4.13, 6.6)
CONOCEMENTO → CONENCIMENTO	conocemento (2.1)	conencemento (2.1)
CONOSKER → COÑECER <sup>374</sup>	conoscendo (4.4), conoscian (5.3)	coñecendo (4.4), coñeceran (5.3)
COMPRIR → CUMPRIR <sup>375</sup>	conprisen (4.7), conple (5.3)	cumprisen (4.7), cumpre (5.3)
DŌA → DON	dōas (6.13)	dones <sup>376</sup> (6.13)
ESLEAÇON → ELEIÇON	esleaçon (6.1)	eleiçon (6.1)
ESLEER → ELIGER, ELEGER, (E)LIGIR <sup>377</sup>	esleer (6.1), esleerian (6.1), esleesem (6.1), esleito (6.1, 6.2 -3 v.-)	eliger (6.1), ligirian (6.1), elegesen (6.1), eletto (6.1, 6.2 -3 v.-)
ESMOLDA → ESMOLA	esmollda (4.7), esmolldas (4.9 -2 v.-, 6.7)	esmollda (4.7), esmolldas (4.9 -2 v.-, 6.7)
ESTORIA → HISTORIA	estoria (6.4)	historia (6.4)
FANEIGA → FANEGA	faneiga (4.7)	faneiga (4.7)
FEĞURA → FIGURA	feguras (6.6 -2 v.-)	figuras (6.6 -2 v.-)
FIINCER → FENECER	fiinceu (4.5, 4.11)	feneceu (4.5, 4.11)
FIINCER → FINAR	fincidos (2.1)	finados (2.1)
GAANÇAR → GANAR <sup>378</sup>	gaançou (2.9, 6.2), gaançou (2.10)	ganou (2.9, 6.2), gonou (2.10),
HERESSÍA → HEREGÍA	eressia (2.6), heressias (2.6 -2 v.-)	heregia (2.6), heregias (2.6 -2 v.-)

<sup>374</sup> Mantivo **conoscian** (C, 6.1), que pasou a **conocian** (V, 6.1), cun simple cambio gráfico.

<sup>375</sup> Non alterou **conprido** (C, 6.6) → **comprido** (V, 6.6). Tampouco **conpreu** (C, 4.1), pois en **compriu** (V, 4.1) a mudanza afectou a vogal temática, non a vogal radical do verbo (cf. sección 2.10).

<sup>376</sup> Lobarriñas adoptou neste caso a voz *don*, que se empregou na Idade Media e perdeu no galego moderno, mais flexionándoa no plural á maneira do castelán.

<sup>377</sup> Tamén se usou en C a variante moderna, ben con adscrición á segunda conxugación (*eleger*), ben con adscrición á terceira (*eligir*). Lobarriñas respectouna, oscilando tamén entre a adscrición á segunda ou á terceira conxugación (cf. sección 2.9).

<sup>378</sup> Si conservou Lobarriñas tres rexistros de **gaançou** (C, 6.11, 6.15 -2 v.-), con crase do hiato: **gaançou** (V, 6.11, 6.15 -2 v.-).

LEIXAR → DEIXAR <sup>379</sup>	leixou (4.2, 6.11), leixaron (5.1), leixasse (2.5)	deixou (4.2, 6.11), deyxaron (5.1), deixase (2.5)
LÉTERA 'CARTA' → LETRA	letera (5.4), letras (4.4, 5.4, 5.6 -3 v.-, 6.1, 6.2 -3 v.-)	letra (5.4), letras (4.4, 5.4, 5.6 -3 v.-, 6.1, 6.2 -3 v.-)
MESSAGEIRO → MENSAGEIRO	messageiros (4.13), mesajeiros (4.13, 5.6), mesajeiros (6.5)	messageiros (4.13), mensageiros (4.13, 5.6), mensajeiros (6.5)
MOLLER <sup>380</sup> → MULLER	moller (4.5, 4.9, 5.4), mollerres (4.2, 4.10)	muller (4.5, 4.9, 5.4), mulleres (4.2, 4.10)
OFERESCER → OFRECER	oferescer (6.12), oferesceron (6.13), oferresceria (6.13)	ofrecer (6.12), ofreceron (6.13), ofrecería (6.13)
POÇOIA → PEÇOÑA	poçoia (4.9)	peçoña (4.9)
POBRAR, PROVAR → POBOAR <sup>381</sup>	pobrar (2.3), provara (2.3), provou (4.9)	poboar (2.3), poboara (2.3), pobou (4.9)
RELIQUAS → RELIQUIAS	reliquas (6.7, 6.10)	reliquias (6.7, 6.10)
REQUIZA → RIQUEZA	requizas (4.8, 4.12)	riquezas (4.8, 4.12)
ROMEU → ROMEIRO	romeu (6.7)	romeiro (6.7)
SER 'EXISTIR' → AVER	o gram captiverio <i>que</i> era en España (4.7)	o gran catiuerio <i>que</i> auia en España (4.7)
TRAUTADO <sup>382</sup> → TRATADO	trautadillo (1.1)	tratadiño (1.1)
TRAUTAR → TRATAR	trautava (4.11), traudou (4.12), trautado (5.6, 6.13)	trataba (4.11), tratou (4.12), tratado (5.6, 6.13)

<sup>379</sup> Trasladáronse sen cambios de C a V *leixou* (6.12), *leixaron* (2.1, 2.2) e *leixando* (2.6).

<sup>380</sup> Segundo Álvarez e Xove (1998: 40-42), *moller* é a variante que se recolle de forma constante, mesmo ata 1500, na documentación da Galicia occidental ou en obras compostelás como os *Mirages de Santiago* e a *Crónica de Santa María de Iria*. Pola súa parte, *muller* é unha variante que na Idade Media alterna con *moller* na documentación da Galicia oriental. Lorenzo (1975/1977: II, 864) afirma que *muller* se impuxo desde o século XVII.

<sup>381</sup> Por outra parte, descastelanizou *poblada* (C, 2.1), que pasou para *poboada* (V, 2.1), e castelanizou *provações* (C, 4.5), que deixou en *poblaçons* (V, 4.5).

<sup>382</sup> Os resultados con semiconsonantización velar da consoante oclusiva velar xorda en coda silábica de TRACTARE abundan no galego medieval, particularmente nos séculos XIV e XV (cf. Mariño Paz 2017: 404-405).

ANEXO 5. USOS OCASIONAIS DOS ACENTOS CIRUNFLEXO  
E AGUDO E DA DUPLICACIÓN VOCÁLICA

		C	V
ACENTO CIRUNFLEXO	Prep. <i>a</i> + artigo determinado	tornando <b>ao</b> proposito (2.9)	tornando <b>ô</b> proposito (2.9)
		lançar <b>ao</b> touro (4.2)	lanzar <b>ô</b> touro (4.2)
		enviou <b>ao</b> papa (4.4)	embio <sup>383</sup> <b>ô</b> papa (4.4)
		chegaron <b>ao</b> obispo (4.13)	chegaron <b>ô</b> bispo (4.13)
		et foron chamar <b>ao</b> conde Froila <i>que</i> jazia escondido <i>enno</i> monte (4.13)	e foron chamar <b>ô</b> conde Froila, <i>que</i> jacia escondido no monte (4.13)
		o <i>dito</i> Diego Gelmeriz entrou o <i>regemento</i> da <i>eglleja</i> (5.3)	o dito Diego Gelmirez entrou <b>ô</b> regemento da <i>eygreje</i> (5.3)
		chegou <b>ao</b> mosteiro de Crunego (6.5)	chegou <b>ô</b> mosteiro de Crunio (6.5)
		enviou seus mensaxeiros <b>ao</b> papa (6.5)	mandou seus mensaxeiros <b>ô</b> papa (6.5)
		leixou, <b>ao</b> mosteiro de Chantada en Riba de Miño, et à <i>eglleja</i> de San Mamede et aas outras <i>egllejas</i> , herdades <i>que</i> el avia... (6.11)	deixou <b>ô</b> mosteiro de Chantada, en Riba de Miño, y a <i>eygreje</i> de San Mamede y aas outras <i>eygrejes</i> y herdades <i>que</i> y auia... (6.11)
		Et <b>aa</b> morte do <i>dito</i> nobre rei don Afonso, reinou seu fillo (4.3)	Y <b>â</b> morte do dito nobele rey don Alfonso reinou seu fillo (4.3)
		o teu fillo he tornado <b>aa</b> <i>compana</i> dos <i>santos</i> (4.5)	o teu fillo he tornado <b>â</b> <i>compania</i> dos <i>santos</i> (4.5)
		et sairon <b>aa</b> batalla (4.7)	e sa[i]r[o]n <b>â</b> batalla (4.7)
		Et <b>às</b> horas (4.7)	Y <b>âs</b> oras (4.7)
		Et <b>a</b> sua morte (4.13)	Y <b>â</b> sua morte (4.13)
aseentoos consigo <b>aa</b> mesa (4.13)	asantouos consigo <b>â</b> mesa (4.13)		
Et el rei fezo logo tornar o <i>bispo</i> don Diego <b>aas</b> cadeas (5.1)	Y el rey feço logo tornar a <b>ô</b> <i>bispo</i> don Diego <b>âs</b> cadeas (5.1)		

<sup>383</sup> Aquí o circunflexo parece representar a monotongación que na lingua oral se pode dar como consecuencia da subtracción da semiconsoante velar de *enviou* para simplificar a secuencia 'vogal + semiconsoante + vogal' que se forma en *enviou ô*.

AGENTO CIRCUNFLEXO	Prep. <i>a</i> + artigo determinado	nin vinan aa eglleja (5.2)	nen viñan â eygreje (5.2)
		privilegios et donaçoes feitas porlos príncipes catholicos et fiees christaãos à Egllleja de Santiago (5.4)	priuilegios e donaçons feitos polos príncepes catolicos e fiees christianos â Eygreje de Santiago (5.4)
		escripveu aa clerizia et pobóo (5.6)	escribiu â crerecia e pobóo (5.6)
		ordenou ao dito don Diego Gelmeriz en subdiacono apostolico et enviou à Egllleja de Santiago para que o esleesem (6.1)	ordenou ao dito don Diego Gelmirez en sodiacono appostolico y embiou â Eygreje de Santiago para que o elegesen (6.1)
		todallas donaçoes et dadivas feitas à Egllleja de Santiago (6.3)	todas as donaçons e dadiuas feitas â Eygreje de Santiago (6.3)
		foi à corte romana (6.5)	foi â corte romana (6.5)
		chegou a corte de Roma (6.5)	chegou â corte de Roma (6.5)
		do qual foi trasladada a Egllleja de Iria en Compostella et sacada de subjeiçon da metropolitana, a Egllleja de Bragãa (6.5)	do qual foi trasladada á Jglesia de Yria en Compostela e sacada de sojeiçon da metropolitana â <sup>384</sup> Eygreje de Braga (6.5)
		fezo ende hũa moi boa eglleja aa onra de Santa Maria (6.10)	feço ende vna mui boa eygreje â honrra de Santa Maria (6.10)
		dou et outorgou aas ditas egllejas (6.10)	dou y otorgou âs ditas eygrejes (6.10)
		chegado aa morte (6.13)	chegado â morte (6.13)
	ante tirarian aas egllejas o que tiinan (6.13)	antes tirarian âs eygrejes o que tiñan (6.13)	
	<i>Con</i> + artigo determinado	tiina oito fillos <i>que</i> mantina <i>con</i> o leite daquela vaca (4.6)	t[i]ña oito fillos que mantiña cõ leite daquela baca (4.6)
	Artigo determinado sen contracción	Et dormindo ja o bïspo, eles se levantaron (4.13) et entrou <i>erna</i> camara, onde o bïspo jazia dormindo (4.13)	E, dormindo ja ô bispo, se lebantaron (4.13) y entrou na camara onde ô bispo jacia dormindo (4.13)
Clítico CD	de o enviar aca consagrar (6.2)	de ô embiar a consagrar aca (6.2)	

<sup>384</sup> Creio que este uso de *â* ‘*á*’ se debeu a que Lobarriñas fixo unha lectura pouco atenta desta pasaxe.

	Crase	auoos (6.12)	abôs (6.12)	
		bõo (2.7), bóo (4.II, 4.13, 6.4)	bô (2.7), bô (4.II, 4.13, 6.4)	
		maa (4.6, 4.12)	mâ (4.6, 4.12)	
		pécé (6.13)	pê (6.13)	
		sécé (6.8)	sê (6.8)	
		soo '(eu) son' (4.7)	Sô (4.7)	
	Outros	so a qual (2.7)	sô <sup>385</sup> o cal (2.7)	
		morreu <i>em</i> nas cadeas (4.13)	morreu nas cadeás (4.13)	
ACENTO AGUDO	prep. <i>a</i> + artigo determinado	a miser[i]cordia de Deus non desanpara <i>aaos que</i> en ella confian (4.2)	a miserecordea de Deus non desampara á os que nela confian (4.2)	
		fazia <i>exempto ao</i> bízpo de Santiago (5.4)	facia esento a ó bispo de Santiago (5.4)	
		tornar à memoria (1.2)	tornar á mamorea (1.2)	
		tornou as gentes <i>aa</i> fe catholica (2.6)	tornou as gentes á fee catholica (2.6)	
		et foi agardar a Portella de Ares (4.II)	foyo agardar á Portela de Ares (4.II)	
		veose a cibdade (6.13)	veuse á cidade (6.13)	
	Crase <sup>386</sup>	bõos (2.2, 4.II)	bós (2.2, 4.II)	
		fiees (6.6)	fiés (6.6)	
		máá morte (4.12)	má morte (4.12)	
		maior (4.3)	mór (4.3), 5.6)	
	Outro	so abito de religion et de ipocrisiia (4.13)	só o abeto de religeon e de hipocrisia (4.13)	
	DUPLICACIÓN DA VOGAL	prep. <i>a</i> + artigo determinado	doulle hũu seu fillo a que chamavañ Recaredo (2.5)	deulle Deus vn fillo, y este o deu a criar ao santo arço-bispo; o o fillo chamaronlle Recaredo (2.5)
			reduzir à memoria (1.2)	redocir a a memorea (1.2)
foron [...] à cidade de Neumanso (2.5)			foron [...] a a cidade de Neumanso (2.5)	
DUP. VOGAL E AENTO AGUDO	prep. <i>a</i> + artigo determinado	tornados à fe catholica (2.1)	tornados á a fee catholica (2.1)	
		por <i>que</i> se encomendase a memoria dos homes (1.2)	por que se encomendasen á a memorea dos homes (1.2)	

<sup>385</sup> Talvez por contaminación con *só* 'eu son'.

<sup>386</sup> En **pobóo** (V, 5.6) obsérvase o uso do acento agudo sobre unha vogal átona, mais sen crase do hiato. Probabelmente Lobarfiñas actuou así inducido polas plicas que nesa ocorrencia desa voz vería en C: **pobóo** (C, 5.6).

ANEXO 6. ALTERACIÓN E CONSERVACIÓN DOS RESULTADOS  
DO GRUPO LATINO *QUA-*

	C	V
QUAL → CAL	<p>qual (1.1, 2.3 -2 v.-, 2.4, 2.7 -5 v.-, 2.9 -3 v.-, 2.10 -3 v.-, 4.1, 4.2 -2 v.-, 4.3, 4.4 -2 v.-, 4.5, 4.6 -2 v.-, 4.7, 4.8 -2 v.-, 4.11, 4.13, 5.1, 5.2, 5.3, 5.4 -3 v.-, 6.2 -2 v.-, 6.3, 6.5 -4 v.-, 6.6, 6.7, 6.8, 6.9, 6.11, 6.12 -2 v.-), <i>qual</i> (2.6, 2.7, 4.7, 4.11)</p> <p>qual (2.10, 4.4, 4.5, 5.3, 6.5 -4 v.-, 6.6 -2 v.-, 6.15), <i>qual</i> (2.10), <i>qual</i> (2.3, 2.4 -2 v.-)</p>	<p>cal<sup>387</sup> (1.1, 2.3 -2 v.-, 2.4, 2.7 -5 v.-, 2.9 -3 v.-, 2.10 -3 v.-, 4.1, 4.2 -2 v.-, 4.3, 4.4 -2 v.-, 4.5, 4.6 -2 v.-, 4.7, 4.8 -2 v.-, 4.11, 4.13, 5.1, 5.2, 5.3, 5.4 -3 v.-, 6.2 -2 v.-, 6.3, 6.5 -4 v.-, 6.6, 6.7, 6.8, 6.9, 6.11, 6.12 -2 v.-), <i>cal</i> (2.6, 2.7, 4.7, 4.11)</p> <p>qual (2.10, 4.4, 4.5, 5.3, 6.5 -4 v.-, 6.6 -2 v.-, 6.15), <i>qual</i> (2.10), <i>coal</i> (2.3, 2.4 -2 v.-)</p>
	<p><i>quaes</i> (2.1, 5.6), <i>quaes</i> (1.3, 2.3), <i>quaes</i> (6.2)</p> <p><i>quaes</i> (2.8, 2.9 -2 v.-, 5.6, 6.3, 6.8, 6.12 -2 v.-), <i>quaes</i> (2.10 -2 v.-, 4.2, 6.5, 6.12)</p>	<p><i>cais</i> (2.1, 5.6), <i>cais</i> (1.3, 2.3), <i>cales</i> (6.2)</p> <p><i>quais</i> (2.8, 2.9 -2 v.-, 5.6, 6.3, 6.8, 6.12 -2 v.-), <i>quais</i> (2.10 -2 v.-, 4.2, 6.5, 6.12)</p>
QUALQUER → CALQUER	<p><i>qualquer</i> (5.3, 5.4)</p> <p><i>qualquer</i> (6.3)</p>	<p><i>calquer</i> (5.3 -2 v.-, 5.4)</p> <p><i>qualquer</i> (6.3)</p>
QUANDO → CANDO	<p><i>quando</i> (2.3), <i>quando</i> (4.2), <i>quando</i> (4.5, 4.7, 4.9, 4.10 -2 v.-, 4.11 -2 v.-, 4.12, 4.13, 5.4, 5.6, 6.5 -2 v.-, 6.10, 6.13 -2 v.-)</p> <p><i>quando</i> (2.10), <i>quando</i> (4.12)</p>	<p><i>cando</i><sup>388</sup> (2.3), <i>cando</i> (4.2), <i>cando</i> (4.5, 4.7, 4.9, 4.10 -2 v.-, 4.11 -2 v.-, 4.12, 4.13, 5.4, 5.6, 6.5 -2 v.-, 6.10, 6.13 -2 v.-)</p> <p><i>quando</i> (2.10), <i>quando</i> (4.12<sup>389</sup>)</p>
QUANTO → CANTO	<p><i>quanto</i> (1.2 -2 v.-, 2.1, 4.5, 4.9), <i>quantos</i> (4.3, 4.9, 4.12, 6.5), <i>quanta</i> (6.5), <i>quantas</i> (4.7, 6.5 -2 v.-, 6.13), <i>porquanto</i> (6.2, 6.10)</p>	<p><i>canto</i> (1.2 -2 v.-, 2.1, 4.5, 4.9), <i>cantos</i> (4.3, 4.9, 4.12, 6.5), <i>canta</i> (6.5), <i>cantas</i> (4.7, 6.5 -2 v.-, 6.13), <i>por canto</i> (6.2, 6.10)</p>
QUARTO → CARTO	<p><i>quarto obispo</i> (4.3)</p> <p><i>quarto obispo</i> (2.7)</p>	<p><i>carto bispo</i> (4.3)</p> <p><i>quarto bispo</i> (2.7)</p>
QUATRO → CATRO	<p><i>quatro</i> (2.8, 4.2), <i>quatro</i> (4.3), <i>quatro</i> (4.2, 5.6, 6.6)</p>	<p><i>catro</i> (2.8, 4.2), <i>catro</i> (4.3), <i>catro</i> (4.2, 5.6, 6.6)</p>
QUATROCENTOS → CATROCENTOS	<p><i>quatrocentos</i> (1.3, 2.2), <i>quatrocentos</i> (1.3 -2 v.-)</p>	<p><i>catrocentos</i> (1.3, 2.2), <i>catrocentos</i> (1.3 -2 v.-)</p>
QUORENTA → CORENTA	<p><i>quorenta</i> (1.3, 4.9 -2 v.-), <i>quorenta</i> (1.3, 2.8 -2 v.-), <i>quorenta</i> (4.3)</p>	<p><i>corenta</i> (1.3, 4.9 -2 v.-), <i>corenta</i> (1.3, 2.8 -2 v.-), <i>corenta</i> (4.3)</p>

<sup>387</sup> O sintagma “en *aquel tempo*” (C, 4.7) foi transformado en “No *cal tempo*” (V, 4.7).

<sup>388</sup> Tamén *cando* (V, 2.5), sen correspondencia en C.

<sup>389</sup> Este *quando* aparece nunha oración engadida no folio 9v por unha man que non era a de Lobarifñas.

ANEXO 7. VERBOS QUE FLUTÚAN ENTRE A ADSCRICIÓN  
Á CII E A ADSCRICIÓN Á CIII

	C	V
MUDANZA DA CII PARA A CIII	converter (2.1) dezer (5.2) eleger (4.11) esleerian (6.1) recebeu (6.1, 6.5), recibido (6.5), recibido (6.5, 6.10, 6.11), recebiido (6.13) reger (5.3) sofrer (4.7) viveu (4.5, 4.10), viveron (2.9)	conuertir (2.1) decir (5.2) elegir (4.11) ligirian (6.1) recebiu (6.1, 6.5), recibido (6.5), reciuido (6.5, 6.10, 6.11), reciuido (6.13) <sup>390</sup> regir <sup>391</sup> (5.3) sufrir (4.7) bibiu (4.5, 4.10), biuiron (2.9)
MUDANZA DA CIII PARA A CII	escripvindolle (4.12), escripviron (6.1), escripvieu <sup>392</sup> (6.2 -2 v.-)	escreuendolle (4.12), escreberon (6.1), escrebeu (6.2 -2 v.-)
PERMANENCIA NA CII	combater (6.13), combatero <del>no</del> (6.13) <del>con</del> vertese (6.11) corregese (4.8) dizer (4.7, 5.2), dezero (5.4), dizendo (6.12) elegeron (4.11, 5.4) esleer (6.1), esleesem (6.1) receber (5.6, 6.5), receber (6.2), recebeu (4.13, 5.3, 6.5 -2 v.-, 6.8), recebesen (6.5), receberon (5.6), receberon (5.1, 6.13)	combater (6.13), combaterono (6.13) conuertese (6.11) corregese (4.8) decer (4.7, 5.2), decendo (5.4), dicendo (6.12) elegeron (4.11, 5.4) eliger (6.1), elegesen (6.1) receber (5.6, 6.5), receuer (6.2), recebeu (4.13, 5.3, 6.5 -2 v.-, 6.8), recebesen (6.5), receueron (5.6), receberon (5.1, 6.13)

<sup>390</sup> Considero que as formas con /i/ como vogal radical se adscriben á CIII, e non a un inexistente *reciber*; **recibido** (C e V, 6.2) pode ser tanto da CII coma da CIII. Tamén aparece *receuir* nun fragmento en castelán: “Tua petiçon porla Eglleja de Santiago **recebemos**” (C, 5.6) → “Tu petición por la Yglesia de Santiago **receuimos**” (V, 5.6, en castelán).

<sup>391</sup> Como substantivo derivado temos **regedor** (C, 5.5) → **regidor** (V, 5.5) e **regedores** (C e V, 4.1).

<sup>392</sup> Como en C a P<sub>3</sub> dos pretéritos de indicativo fracos da CIII presenta maioritariamente vogal temática /e/ (cf. Souto Cabo 2001: 188-189), teño a certeza de que esta forma remite ao modelo *escripvir*.

	regeu (4.1 -2 v.-, 4.4, 5.6), regeroꝝ (2.10), regeꝛa (5.6), regendo (5.4) sofreu (6.5) viveo (4.5), vivendo (5.4)	regeu (4.1 -2 v.-, 4.4, 5.6), regeron (2.10), regeꝛa (5.6), regendoa (5.4) <sup>393</sup> sofreu (6.5) bibeu (4.5), vibendo (5.4)
PERMANENCIA NA CIII	elegir (5.6) escripvir (6.5), escribir (6.11 -2 v.-), escripveu (5.6), escripveu (5.6), escripvia (6.2)	eligir (5.6) escribir (6.5), escribir (6.11 -2 v.-), iscribiu (5.6), escribiu (5.6), escribiu (6.2)

---

<sup>393</sup> Como substantivo derivado, **regimento** (C e V, 5.3 -2 v.-, 5.5; C, 6.3).

## ANEXO 8. ASIMILACIÓNS E DISIMILACIÓNS DAS VOGAIS ÁTONAS

	C	V
ASIMILACIÓNS	asentado (6.13)	asantado (6.13)
	defenir (5.6)	difinir (V, 5.6)
	dormindo (4.10)	durmindo (4.10)
	elegir (5.6), elegido (2.10)	eligir (5.6), eligido (2.10)
	enfiridade (6.13)	infiridade (6.13)
	enviou (5.6), enviaste (5.6), enviara (6.5)	imbiou (5.6), imbiache (5.6), imbiara (6.5)
	escripto (1.2), <i>Esriptura</i> (1.2 -3 v.-), <i>escripviron</i> (1.2), <i>escripveu</i> (5.6)	iscrito (1.2), <i>Iscritura</i> (1.2 -3 v.-), <i>iscribiron</i> (1.2), <i>iscribiu</i> (5.6)
	<i>espiritu</i> (2.5)	ispiritu (2.5)
	gaançou (2.10)	gonou (2.10)
	ocassion (5.6)	acaison (5.6)
	perligo (5.1)	piligro (5.1)
	<i>persequiçon</i> (2.2), <i>persequiiron</i> (2.2)	persiquiçon (2.2), persiquiiron (2.2)
	seguia (4.7), <i>seguiron</i> (4.7), <i>seguindo</i> (4.13)	siguia (4.7), <i>siguiron</i> (4.7), <i>siguindo</i> (4.13)
	<i>segun</i> (2.1, 4.1, 4.7, 6.2, 6.5), <i>segundo</i> (2.3, 2.10), <i>segund</i> (5.1) (preposición)	<i>sigun</i> (2.1, 4.1, 4.7, 6.2, 6.5), <i>sigun</i> (2.3, 2.10), <i>sigun</i> (5.1) (preposición)
	<i>segundo</i> (2.6), <i>segundo</i> (2.6), <i>segunda</i> (2.10) (número ordinal)	<i>sigundo</i> (2.6), <i>sigundo</i> (2.6), <i>sigunda</i> (2.10) (número ordinal)
	sentio (4.9)	sintiu (4.9)
	<i>servido</i> (1.2)	siruido (1.2)
	solempnidade (6.5)	solinidade (6.5)
	vestir (4.2), <i>vestise</i> (4.2), <i>vestido</i> (4.10)	vistir (4.2), <i>vistise</i> (4.2), <i>vistido</i> (4.10)

Asimilacións inducidas por iode	mellor (4.7), mellores (4.12)	millor (4.7), millores (4.12) <sup>394</sup>
	señor (2.1, 2.2, 4.12, 6.10, 6.13), señores (4.8, 4.10, 4.11 -2 v.-, 5.3), senores (5.1, 5.5, 6.2), senorio (2.2, 4.13, 6.13), señorío (2.3, 6.12), señorios (1.1), senorios (5.4), asenoriava (2.3), senoreavan (2.4)	siñor <sup>395</sup> (2.1, 2.2, 4.12, 6.10, 6.13), siñores (4.8, 4.10, 4.11 -2 v.-, 5.3), siñores (5.1, 5.5, 6.2), siñorio (2.2, 4.13, 6.13), siñorio (2.3, 6.12), siñorios (1.1), siñorios (5.4), asiñoreaua (2.3), siñoreauan (2.4)
DISIMILACIONES	cardeas (6.5)	cardias (6.5)
	celebrava (5.1), celebrou (6.5)	çalebraba (5.1), çalebrou (6.5)
	dotou (4.5)	detou (4.5)
	Leandro (2.5 -2 v.-, 2.6)	Liandro (2.5 -2 v.-, 2.6)
	Leon (4.11)	[L]ion (4.11) <sup>396</sup>
	Leonegildo (2.5), Leonegildo (2.6)	Liobigildo (2.5), Liouigildo <sup>397</sup> (2.6)
	memoria (1.2 -2 v.-, 2.1 -2 v.-)	mamorea <sup>398</sup> (1.2 -2 v.-, 2.1 -2 v.-)
	peor (5.2)	pior (5.2)

<sup>394</sup> Lobarriñas non activou esta asimilación con **mellor** (C, 4.7), que pasou sen modificacións a V.

<sup>395</sup> En V tamén se usan, minoritariamente, **señor** e derivados de **señor**.

<sup>396</sup> O proceso contrario deuse en **Lion** (C, 4.7) → **Leon** (V, 4.7). Houbo mantemento en **Lion** (C, 5.6) → **Lion** (V, 5.6). Tanto en C coma en V predomina **Leon**.

<sup>397</sup> Non se practicou a alteración disimiladora neste caso: **Leonegildo** (C, 2.5) → **Leobegildo** (V, 2.5).

<sup>398</sup> Disimilación entre vogais de abertura media, con descenso da átona para distanciala máis da tónica: /e... 'o/ > /a... 'o/.

ANEXO 9. ABERTURA DAS VOGAIS /i/ E /u/ EN POSICIÓN  
DE NÚCLEO DE SÍLABA ÁTONA

	C	V
i. i → e	amistança (2.5)	amestança (2.5)
	dicipulo (4.12)	decipolo (4.12)
	dificultade (6.5)	defecultade (6.5)
	dignidade (6.5), dignidades (4.11), dignidades (4.11)	denidade (6.5), denidades (4.11), denedades (4.11)
	diligencia (6.3)	deligencea <sup>400</sup> (6.3)
	divinal (4.6, 4.13)	deuinal (4.6, 4.13)
	firmosfera (4.7)	fermosfera (4.7)
	hedificada (1.1), hedificou (5.4)	edeficada (1.1), edifecou (5.4)
	indigno (5.6)	endino (5.6)
	indurado (2.5)	endurado (2.5)
i.a. Posición pretónica <sup>399</sup>	industria (6.2), industria (6.10)	endustrea (6.2), endustria (6.10)
	injustamente (5.6)	enjustamente (5.6)
	inpretrou (5.4)	empetrou (5.4)
	miser[i]cordia (4.2)	miserecordea (4.2)
	nobilísimo (2.7)	nobeliximo (2.7)
	primeiro (1.1, 1.3, 2.3 -2 v.-, 4.1, 4.6, 5.2, 6.7), primeira (4.7), primeira (6.10)	permeiro (1.1, 1.3, 2.3 -2 v.-, 4.1, 4.6, 5.2, 6.7), permeira (4.7), permeira (6.10)
	principes (4.13)	prencipás (4.13)
	privilegio (6.10), privilegio (6.13), privilegios (2.10), privilegios (4.7 -2 v.-)	preuilegio (6.10), preuilegeo (6.13), preuilegios (2.10), preuilegios <sup>401</sup> (4.7 -2 v.-)
	religiosa (5.6)	relegeosa (5.6)
	supitania (4.6)	supetanea (4.6)

<sup>399</sup> Cómpre tomar en consideración tamén o caso de **ingreses** (C, 5.1) → **ingreses** (V, 5.1), pois en V parece haber un previo *engreses* corrixido despois para *ingreses*.

<sup>400</sup> No seguinte caso mantívose o /e/ átono inicial de C: **deligencia** (C, 5.3) → **deligencea** (V, 5.3).

<sup>401</sup> Mantívose o /e/ átono inicial de C nesta ocasión: **preuilegios** (C, 2.4) → **preuilegios** (V, 2.4).

1.b. Posición postónica	abito (4.13), habitos (6.8)	abeto (4.13), abetos <sup>402</sup> (6.8)	
	Apostolica (5.1)	Apostoleca (5.1)	
	canonicas (2.4)	canonecas (2.4)	
	canonicos (4.3), canonigo (5.3), canonigos (5.2, 5.6, 6.2 -2 v.-, 6.3)	canonegos (4.3), canonego (5.3), canonegos (5.2, 5.6, 6.2 -2 v.-, 6.3)	
	coengos (5.2)	canonegos (5.2)	
	catholico (2.3), catholicos (2.9), catholicos (1.2), cathollica (4.7), catolico (5.3), catholica (5.4, 5.6 -2 v.-, 6.13)	catheleco (2.3), catholecos (2.9), cathelecos (1.2), catholeca (4.7), catoleco (5.3), catholeca <sup>403</sup> (5.4, 5.6 -2 v.-, 6.13)	
	diabolico (2.5)	diaboleco (2.5)	
	ecclesiastica (5.1)	ecresiastega (5.1)	
	goticos (1.2)	goslecos (1.2)	
	lagrimas (4.7), lagrimas (6.13)	lagremas (4.7), lagremas (6.13)	
	ligitimos (5.1)	legitemos (5.1)	
	príncipe (2.3), príncipes (5.4, 6.5)	príncipe (2.3), príncepes <sup>404</sup> (5.4, 6.5)	
	rectorica (6.2)	retoreca (6.2)	
	ultimo (2.8 -2 v.-, 4.1)	vltemo (2.8 -2 v.-, 4.1)	
2. u → o	fugira (2.3)	fogira (2.3)	
	fundamento (1.2)	fondamento (1.2)	
	mundanal (4.6)	mondanal (4.6)	
	reduzir (1.2)	redocir (1.2)	
	subdiacono (6.1)	sodiacono (6.1)	
	subjectos (5.4), subjeiçon (6.5)	sogeitos (5.4), sojeiçon (6.5)	
	subjugar <sup>405</sup> (4.13)	sojugar (4.13)	
	sublimada (5.4), sublimada (6.10)	sobrimada (5.4), soblimada (6.10)	
	sublingos (2.2 -2 v.-)	solingos <sup>406</sup> (2.2 -2 v.-)	
	sufraganos (5.4)	sofraganos (5.4)	
2.b. Posición pretónica	suplicou (5.6)	sopricou (5.6)	
	2.b. Posición postónica	dicipulo (4.12)	decipolo (4.12)

<sup>402</sup> Non se practicou a abertura vocálica neste caso: **abito** (C, 4.3) → **abito** (V, 4.3).

<sup>403</sup> En V tamén hai 5 rexistros de **catholico** ou **catholica**, 1 de **catolica** e 1 de **catolicos**. En C non hai ningún caso de **cat(h)oleco** ou **cat(h)oleca**.

<sup>404</sup> En V tamén hai sete rexistros de **príncipe**. En C non hai ningún de **princepe**.

<sup>405</sup> Houbo substitución por un castelanismo con /o/ átono inicial en **subjugavan** (C, 5.6) → **sojzguan** (V, 5.6) e **subjugada** (C, 4.7) → **sojzgada** (V, 4.7).

<sup>406</sup> Tamén **soligos** (C e V, 2.2).



	miser[i]cordia (4.2), misericordia (4.5)	miserecordea (4.2), misericordea <sup>412</sup> (4.5)
	obsequias (6.11)	obsequeas (6.11)
	parias (4.7 -3 v.-)	pareas (4.7 -3 v.-)
	penitencias (2.8)	penitenceas (2.8)
	presença (6.12)	presencea (6.12)
	provincia (5.4)	prouincea (5.4)
	reverencia (2.10 -2 v.-, 6.5 -2 v.-, 6.10)	reuerencia <sup>413</sup> (2.10 -2 v.-, 6.5 -2 v.-, 6.10)
	sciencia (4.11), sciencia (6.11)	scencea (4.11), sciencea (6.11)
	sentença (4.2, 6.3)	sentencea (4.2, 6.3)
	sopitania (4.12), sopitania (4.12), supitania (4.6)	sopitanea (4.12), subitanea (4.12), supetanea (4.6)
	vigilias (4.5), jajuus (4.9)	vigileas (4.5), vigileas (4.9)
	vitoria (4.7, 6.13), vitorias (4.5)	vitorea (4.7, 6.13), vitoreas (4.5)
Posición tónica	justiçados (4.2)	ajusticeados (4.2)
2. je → ee Posición tónica	sciencia (4.11)	scencea (4.11)
3. jo, zo, çon → eo	sofrer et padescer tanto <b>obprobrio</b> et detremto da santa fe catholica (4.7)	sufrir e padecer tanto <b>apremeo</b> e oprouio e detrimto da santa fe catholica (4.7)
Posición átona	cinballo (6.6)	cinboreo (6.6)
	concilio (1.1, 2.4 -2 v.-, 2.7 -3 v.-, 5.1 -2 v.-, 5.4 -2 v.-, 5.6), conçilio (2.5, 2.7, 5.1 -2 v.-, 5.4 -2 v.-)	concileo <sup>414</sup> (1.1, 2.4 -2 v.-, 2.7 -3 v.-, 5.1 -2 v.-, 5.4 -2 v.-, 5.6), concileo (2.5, 2.7, 5.1 -2 v.-, 5.4 -2 v.-)
	Dalmacio (2.10)	Dalmaceo (2.10)
	dormitorio (4.10), dormitorio (6.10)	dormitoréo (4.10), dormitoreo (6.10)
	juizo (4.13)	juiceo (4.13)

<sup>412</sup> Non en *misericordia* (C, 5.6, 6.6) → *misericordia* (V, 5.6, 6.6).

<sup>413</sup> Non o fixo nestes casos: *reverencia* (C, 2.10, 5.4, 6.5, 6.7, 6.11) → *reuerencia* (V, 2.10, 5.4, 6.5, 6.7, 6.11).

<sup>414</sup> En V tamén hai 6 rexistros de *concilio* (2.3, 2.6 -5 v.), que se corresponden con *conçilio* ou *conçilio* en C.

	medio (4.6, 4.10)	medeo (4.6, 4.10)
	negocios (5.1)	negoceos <sup>415</sup> (5.1)
	oficio (4.5 -2 v.-, 5.6, 6.10 -2 v.-), oficios (4.3)	oficeo (4.5 -2 v.-, 5.6, 6.10 -2 v.-), oficeos <sup>416</sup> (4.3)
	oprobrio (5.2)	oprobeo (5.2)
	palio (6.5 -2 v.-)	paleo <sup>417</sup> (6.5 -2 v.-)
	privillio (2.10, 6.13, 6.15), privillio (6.13), privillio (6.13), privilegios (4.7 -2 v.-)	pruilegeo (2.10, 6.13, 6.15), pruilegeo (6.13), preuilegeo (6.13), preuilegios <sup>418</sup> (4.7 -2 v.-)
	refortorio (6.10)	refitoreo (6.10)
	religiosamente (4.5)	religeosamente (4.5)
Posición tónica	glorioso (2.10), glorioso (2.10)	groreoso (2.10), gro[r]eoso (2.10)
	precioso (2.10)	preceoso (2.10)
	preçado (2.10)	preceouso (2.10)
	predicaçon (2.3)	predicaceon (2.3)
	religion (4.13), religioso (4.1), religiosa (5.6)	religeon (4.13), religeoso (4.1), relegeosa (5.6)
vison (2.10)	viseon (2.10)	
4. wa → oa <sup>419</sup> Posición átona	antiigas (1.2)	antigoas (1.2)
Posición tónica	qual (2.3, 2.4 -2 v.-)	coal <sup>420</sup> (2.3, 2.4 -2 v.-)
5. we → oe Posición tónica	suevos (2.2, 2.3), suebos (2.2)	soeuos (2.2, 2.3), soeuos (2.2)

<sup>415</sup> Non o fixo en **negocios** (C, 5.3) → **negocios** (V, 5.3).

<sup>416</sup> Non no caso de **oficios** (C, 6.10) → **oficios** (V, 6.10).

<sup>417</sup> Non practicou o cambio noutras dúas ocasións: **palio** (C, 6.5 -2 v.-) → **palio** (V, 6.5 -2 v.-).

<sup>418</sup> Tamén hai 14 rexistros de **pruilegio(s)** ou **preuilegio(s)** en V.

<sup>419</sup> O proceso contrario dáse en **agoa** (C, 4.8) → **agua** (V, 4.8).

<sup>420</sup> Abundan moito máis en V os rexistros de **qual**, que é ademais a única variante que se usa en C.

ANEXO II. ALTERACIÓNS DOS GRUPOS CONSONÁNTICOS  
HOMOSILÁBICOS DE CULTISMOS, SEMICULTISMOS  
E NEOLOXISMOS

	C	V
AFLIGIR → AFRIGIR	afligueu (5.2)	afrigiu (5.2)
CLAMAR → CRAMAR	clamou (5.1)	cramou (5.1)
CLAMOR → CRAMOR	clamores (5.6)	cramores (5.6)
CLAUSTRA → CRAUSTRA	claustra (6.9)	craustra (6.9)
CLERICAL → CRERIGAL	clerical (6.10)	crerigal (6.10)
CLERIGO → CREGO	clerigo (5.3), clerigos (4.3, 5.1, 5.2, 5.3 -2 v.-, 6.8, 6.10, 6.11)	crego (5.3), cregos (4.3, 5.1, 5.2, 5.3 -2 v.-, 6.8, 6.10, 6.11)
CLERIZIA → CRERECIA, CREGUECIA	clerizia (5.4, 5.6, 6.1, 6.2), clerizia (5.4, 5.5), clerizia (4.3), clerizia (6.7 -2 v.-)	crerecia (5.4, 5.6, 6.1, 6.2), crerecia (5.4, 5.5), creguecia (4.3), cregecia (6.7 -2 v.-)
CONPLIR → CUMPRIR	conple (5.3)	cumpre (5.3)
CONSTANTINOPLA → CONSTANTINOPRA	Constantinopla (2.5, 2.6)	Constantinopra (2.5, 2.6)
DECLARAR → DECRARAR	declarou (5.6)	decrarou (5.6)
DISCIPLINA → DECIPRINA	disciplina (4.8)	deciprina (4.8)
ECCLESIASTICO → ECRESIASTEGO, ECRESIASTICO, ECRESIASTIGO	ecclesiastica (5.1), ecclesiastica (4.8), ecclesiastico (6.10), ecclesiastica (5.4)	ecresiastega (5.1), ecresiastica (4.8), ecresiastico (6.10), ecresiastiga (5.4) <sup>421</sup>
ENXEPTAR → ENXEMPRAR	enxeptou (6.14)	enxeprou (6.14)
ESCLAVO → ESCRABO	esclavos (4.3)	esrabos (4.3)
ESTABEDESCER → ESTRABRECER	estabiliscidos (6.3)	estabrecidos (6.3)
FLORESCER → FRORECER	floresceu (5.1)	froreceu (5.1)

<sup>421</sup> Tamén, sen cambio por consoante vibrante, *ecclesiásticos* (C, 5.2) → *eclesiásticos* (V, 5.2).

GLORIFICARSE → GRORIFICARSE	glorificouse (4.9)	grorificandose (4.9)
GLORIOSO → GROREOSO, GRORIOSO	glorioso (2.10), <i>glorioso</i> (2.10) <i>glorioso</i> (2.6, 4.12)	groreoso (2.10), gro[r]eoso (2.10), grorioso (2.6, 4.12)
INCLINADO → YNCRINADO	inclinados (5.5)	yncrinados (5.5)
INCLITO → ENCRITO	inclito (2.5)	encrito (2.5)
NOBLE → NOBRE, NOBELE	noble (2.10, 4.13), noble (4.8)	nobre (2.10, 4.13), nobele <sup>422</sup> (4.8)
NOBLEZA → NOBREZA	nobleza (4.13, 5.1)	nobreza (4.13, 5.1)
PLAZER → PRACER (subs.)	plazer (6.1)	pracer (6.1)
PLAZER → PRACER (vbo.)	plazia (6.1), plazendo (6.13)	pracia (6.1), pracendo (6.13)
PLATA → PRATA	plata <sup>423</sup> (6.6)	prata (6.6)
POBLEZA → PROBEZA	pobleza <sup>424</sup> (5.2)	probeza (5.2)
REGLA → REGRA	regla (5.1)	regra (5.1)
RESPLANDECENTE → RESPRANDECENTE	resplandecente (4.13)	resprandecente (4.13)
RETABLO → RETABRO	rezablo (6.6)	retabro <sup>425</sup> (6.6)
SEGLAR, SAGLAR → SEGRAR	seglar (4.5), seglares (5.2), saglar (5.4)	segrar (4.5), segrares (5.2), segrar <sup>426</sup> (5.4)
SINPLE → SIMPRE	simple (6.10)	simple (6.10)
SUBLIMAR → SOBRIMAR	sublimada (5.4)	sobrimada <sup>427</sup> (5.4)
SUPLICAR → SOPRICAR	suplicou (5.6)	sopricou (5.6)
TENPLO → TEMPRO	tenplo (1.3)	tempro (1.3)

<sup>422</sup> Tamén optou por esta variante con anaptixe en dous casos en que C tiña *nobre(s)* –*nobre* (C, 4.3) → *nobele* (V, 4.3), *nobres* (C, 6.13) → *nobeles* (V, 6.13)– e non modificou *nobres* (C e V, 4.7, 4.11). En V non se usaron nunca nin *noble* nin *nobleza*.

<sup>423</sup> Tamén *prata* (C e V, 4.11, 6.6).

<sup>424</sup> Tamén *proveza* (C, 6.10) → *pobreza* (V, 6.10).

<sup>425</sup> Tamén *retablo* (C e V, 6.6).

<sup>426</sup> Tamén *segrar* (C e V, 4.11, 6.15) e *segrares* (C e V, 5.1).

<sup>427</sup> Tamén *soblimada* (C, 6.5) → *sublimada* (V, 6.5) e *sublimada* (C, 6.10) → *soblimada* (V, 6.10).

ANEXO 12. ALTERACIÓNS DOS GRUPOS CONSONÁNTICOS  
HETEROSILÁBICOS

	C	V	
CON SUBTRACCIÓN DA CONSOANTE NA CODA	autoridade (2.10 -2 v.-, 5.4)	autoridade (2.10 -2 v.-, 5.4)	
	benignamente (4.13)	beninamente (4.13)	
	benignidade (5.6)	beninidade (5.6)	
	benigno (6.5)	benino (6.5)	
	caluꝛpnas (6.6), coluꝛpnas (6.6)	colunas (6.6), colunas (6.6)	
	caluꝛpnias (5.6)	caluneas (5.6)	
	captivavaꝛ (4.2)	catiuauan <sup>428</sup> (4.2)	
	captiverio (4.7)	catiuerio (4.7)	
	captividade (1.3 -2 v.-)	catiuidade (1.3 -2 v.-)	
	Carlo o Magno (4.1)	Carlomano <sup>429</sup> (4.1)	
	cibdadãos (6.12 -2 v.-), cibdadaos (6.12)	cidadans (6.12 -2 v.-), cidadans (6.12)	
	Consoantes oclusivas	cibdade (2.3, 2.6, 4.7, 4.12, 4.13, 5.4, 6.2, 6.7, 6.12, 6.13 -3 v.-)	cidade <sup>430</sup> (2.3, 2.6, 4.7, 4.12, 4.13, 5.4, 6.2, 6.7, 6.12, 6.13 -3 v.-)
		condeꝛpnado (4.2)	condenado (4.2)
		constituio (6.10)	costituyiu (6.10)
dignidade (6.5), dignidade (5.6), dignidades (4.11), dignidades (4.11)		denidade (6.5), dinidade (5.6), denidades (4.11), denedades <sup>431</sup> (4.11)	
digno (5.1), dignos (6.6)		dino (5.1), dinos (6.6)	
ecclésiastico (6.10), ecclésiastica (4.8), ecclésiastica (5.1), ecclésiastica (5.4), ecclésiasticos (5.2)		ecresiaſtigo (6.10), ecresiaſtica (4.8), ecresiaſtega (5.1), ecresiaſtiga (5.4), eclesiaſticos (5.2)	
Egipto (1.3 -2 v.-)		Egito (1.3 -2 v.-)	
electo (5.1, 6.2)		eieto (5.1, 6.2)	

<sup>428</sup> Tamén **catiuada** (C e V, 4.13).

<sup>429</sup> Tamén **Carlo o Mano** (C, 4.1) → **Carlo Mano** (V, 4.1).

<sup>430</sup> Tamén **cidade** (C e V, 2.5, 5.2).

<sup>431</sup> Tamén **denidade** (C e V, 4.2).

	enmendar (4.8), enmendase (4.8)	emendar (4.8), emendase (4.8)
	ensinança (4.13)	ensinança (4.13)
	escrípto (1.2)	iscrito (1.2)
	Éscritura (1.2 -3 v.-)	Iscritura (1.2 -3 v.-)
	escripvir (6.5), escripvia (6.2), escripveu (5.6), escripveu (5.6), escripveu (6.2 -2 v.-), escripviron (1.2), escripviron (6.1), escripvindo (4.12)	escribir (6.5), escribiu (6.2), iscribiu (5.6), escribiu (5.6), escrebeu (6.2 -2 v.-), iscribiron (1.2), escreberon (6.1), escreuendo <sup>432</sup> (4.12)
	exenpto (5.4), exenptos (5.4, 6.10)	esento (5.4), esentos <sup>433</sup> (5.4, 6.10)
	indigno (5.6)	endino (5.6)
	objecçõos (5.6)	ojetos (5.6)
	obprobrio (4.7)	oprouio <sup>434</sup> (4.7)
	pugnaron (2.2)	punaron (2.2)
	rectorica (6.2)	retoreca (6.2)
	septimo (2.7)	setimo (2.7)
	sexto (2.7, 4.6), sexta (2.8)	sesto (2.7, 4.6), sesta (2.8)
	sollenpnemente (6.5)	solenemente (6.5)
	solempnidade (6.5)	solinidade (6.5)
	subcessores (5.4, 6.5)	sucessores <sup>435</sup> (5.4, 6.5)
	subdiacono (6.1)	sodiacono (6.1)
	subjectos (5.4)	sogeitos (5.4)
	subjeiçon (6.5)	sojeiçon (6.5)
	subjugar (4.13), subjugavan (5.6), subjugada (4.7)	sojugar (4.13), sojuzgauan (5.6), sojuzgada (4.7)
	sublingos (2.2 -2 v.-)	solingos <sup>436</sup> (2.2 -2 v.-)
Consoantes fricativas	desciplina (4.8)	deciprina (4.8)
Consoantes líquidas	indulto (5.4)	ynduto (5.4)

<sup>432</sup> Tamén **escribir** (C e V, 6.11 -2 v.-).

<sup>433</sup> Tamén **esento** (C e V, 6.2) e **esentos** (C e V, 6.3).

<sup>434</sup> Tamén **oprobrio** (C, 5.2) → **oprobeo** (V, 5.2).

<sup>435</sup> Tamén **socessor** (C, 4.2) → **sucesor** (V, 4.2).

<sup>436</sup> Tamén **soligos** (C e V, 2.2).

CON SEMICONSONANTIZACIÓN PALATAL	octavo (2.7)	oítauo <sup>437</sup> (2.7)
	subjectos (5.4)	sogeitos (5.4)
CON SEMICONSONANTIZACIÓN VELAR	abtoridade (2.6)	autoridade <sup>438</sup> (2.6)
	Babzista (6.6)	Boutista <sup>439</sup> (6.6)
	captella (6.12)	coutela (6.12)

---

<sup>437</sup> Tamén **oitavo** (C, 4.8) → **oítauo** (V, 4.8).

<sup>438</sup> Con abandono da errónea restauración latinizante de **abtoridade**.

<sup>439</sup> Tamén **Babzista** (C, 6.5) → **Baptista** (V, 6.5).

ANEXO 13. ALTERACIÓNS OU SUBSTITUCIÓNS CASTELANIZA-  
DORAS DE PALABRAS LEXICAIS

	C	V
AFONSO → ALFONSO	Afonso o Casto (2.10 -3 v.-, 4.1 -2 v.-), Afonso (4.1, 4.3, 4.7, 5.1 -3 v.-, 5.4, 5.5, 5.6, 6.1, 6.2 -3 v.-, 6.5, 6.11), Afonso (4.3)	Alfonso o Casto (2.10 -3 v.-, 4.1 -2 v.-), Alfonso (4.1, 4.3, 4.7, 5.1 -3 v.-, 5.4, 5.5, 5.6, 6.1, 6.2 -3 v.-, 6.5, 6.11), Alfonso (4.3)
AMOESTAR → AMONESTAR	amoestar (4.8)	amonestar (4.8)
ANTIIGO → ANTIGUO	antiigos (6.6), antiígos (6.6)	antiguos (6.6), antiguos (6.6) <sup>440</sup>
ANO → AÑO	anos (4.7)	años <sup>441</sup> (4.7)
APOSTOLLO → APOSTOL	apostollo (4.11, 4.12, 5.4 -3 v.-, 6.5 -3 v.-, 6.6 -4 v.-, 6.10 -2 v.-, 6.13), o 'postollo (6.13)	apostol (4.11, 4.12, 5.4 -3 v.-, 6.5 -3 v.-, 6.6 -4 v.-, 6.10 -2 v.-, 6.13), o apostol (6.13) <sup>442</sup>
ARRABALDE → ARRABAL	arrabaldes (6.13)	arrabal <sup>443</sup> (6.13)
ACIPRESTADEGO → ARCIPRESTAZGO	aciprestadegos (6.15)	arciprestazgos (6.15) <sup>444</sup>
ASI → ANSI	así (4.2)	ansi (4.2)
AVENTO → ADUIENTO	Avento (6.10)	Aduiento (6.10)
BISPADO → OBISPADO	bispado (5.5)	obispado (5.5) <sup>445</sup>

<sup>440</sup> No seguinte treito o castelanismo de V non ten como base un rexistro de *antiigas* en C: “por poer fin a tantos traballos et angustias” (C, 5.6) → “por poer fin a tantos traballos y *antiguas* angustias” (V, 5.6).

<sup>441</sup> É moi probábel que se trate dun castelanismo puramente escriturario, pois o <ñ> que se ve en V neste concreto caso debeu de ser inducido polo trazo que Vasques colocou sobre o <o> da correspondente palabra de C: *anós*.

<sup>442</sup> Con todo, como vimos anteriormente (cf. 2.21, Táboa 12), Lobarriñas tamén optou moi a miúdo pola variante *apostole*.

<sup>443</sup> Lobarriñas utilizou esta palabra na súa solicitude de licenza de impresión para *As Gallegadas*, presentada ante o Consejo Real de Castilla o 4 de maio de 1616: “Gregorio de Louariñas Feyjoo, racionero de la villa de Crescente y su *arrabal* en el Reyno de Galizia...” (apud Bouza 2009: 36).

<sup>444</sup> No entanto, conservou o sufixo galego na voz *papadego* (C e V, 5.4).

<sup>445</sup> En V o <o> inicial desta ocorrencia da palabra está inequivocamente ligado co <b> seguinte. Con todo, con esta palabra foi moito máis frecuente a acción descastelanizadora, como pode verse na sección 4.2.2 (Táboa 16).

COENGO → CANONEGO, CANONIGO	coengos (5.2), coengos (6.10) canónicos (4.3)	canonegos (5.2), canonigos (6.10) canonegos (4.3) <sup>446</sup>
CHRISTAÃO → CHRISTIANO	chrístaaños (5.4)	christianos (5.4) <sup>447</sup>
CINBALLO → CINBOREO	cinballo (6.6)	cinboreo (6.6)
COMION → COMUNION	comiões (6.6)	comunions (6.6)
CO(N)MUNGAR → COMULGAR	comuzgar (4.7), comnungaron (4.7)	comulgar (4.7), comulgaron (4.7)
CRIMES → CRIMENS	crimes (5.6)	crimens <sup>448</sup> (5.6)
DŌAS → DONES	dōas (6.13)	dones (6.13)
DONA → DOÑA	dona (5.4, 6.13)	doña <sup>449</sup> (5.4, 6.13)
EGLLEJA → YGLESLIA	Egllēja (5.4, 6.8), Egllēja (6.5)	Yglesia (5.4, 6.8), Yglesia (6.5) <sup>450</sup>
ESCOMUNGADO → DESCOMULGADO	escomungado (5.4)	descomulgado (5.4)
GARROTAR → AGARROCHEAR	garrotar (4.2)	agarrochear <sup>451</sup> (4.2)
GRADE → GRADA	grades (6.6)	gradas (6.6)
JAJUAR → JAJUNAR	jajuava (4.13)	jajunaba (4.13)
JAZER → YAZER	jazia (4.1)	yazia (4.1)
JULGAR → JUZGAR	julgase (6.12)	juzgase (6.12)
LŪUS → LUNES	lūus (6.7)	lunes (6.7)
MANT(E)EMENTO → MANTENEMENTO	maantemento (6.8), mantee- mento (6.10)	mantenemento (6.8), mantene- mentos (6.10)
MEETADE → MITADE	meetade (6.7)	mitade (6.7)

<sup>446</sup> Mantívose o castelanismo de C nos seguintes casos: **canonigo** (C, 5.3) → **canonego** (V, 5.3), **canonigos** (C, 5.2, 5.6, 6.2 -2 v.-, 6.3) → **canonegos** (V, 5.2, 5.6, 6.2 -2 v.-, 6.3), **canonigos** (C, 6.6, 6.8, 6.10 -2 v.-) → **canonigos** (V, 6.6, 6.8, 6.10 -2 v.-).

<sup>447</sup> É moito máis frecuente en V a variante c(h)ristans (cf. I.1.1).

<sup>448</sup> Plural probablemente creado sobre a base do castelanismo *crimen* (cf. I.1.1).

<sup>449</sup> A alteración castelanizante dáse cando **dona** é unha forma de tratamento, non cando significa 'dama': "a boa **dona**" (C, 4.5) → "a boa **dona**" (V, 4.5)

<sup>450</sup> En V é moitísimo máis frecuente a variante **eygreje** (cf. 2.21, Táboa II).

<sup>451</sup> Verbo castelán para o que o CDH ofrece un rexistro de 1560. Para o substantivo *garrocha* a mesma fonte devolve ocorrencias datadas de 1492 en diante.

MOSTEIRO → MOSTERIOS	mosteiros (2.8, 2.9)	mosterios <sup>452</sup> (2.8, 2.9)
MULTIDÛE → MULTITUD	multidüe (4.12)	multitud (4.12)
NUA → DESNUDA	nua (4.10)	desnuda (4.10) <sup>453</sup>
PAIO → PELAYO	Paio (4.11)	Pelayo (4.11) <sup>454</sup>
PORTALGO → PORTADGO	portalgo (6.11)	portadgo <sup>455</sup> (6.11)
PROVAÇON → POBLAÇON	provações (4.5)	poblaçons (4.5)
QUERELARSE → QUERELLARSE	querelou[se] (5.6)	querellouse (5.6)
RAINA → REINA	raina (4.3 -3 v.-)	reina (4.3 -3 v.-) <sup>456</sup>
SÉE → SEDE	sée (4.1), seen (6.5)	sede (4.1), sede (6.5) <sup>457</sup>
SEGUINTE(E) → SIGUENTE	seguintes (4.3, 5.4, 5.6), seguint (5.4, 6.5)	siguientes <sup>458</sup> (4.3, 5.4, 5.6), siguiente (5.4, 6.5)
SUBJUGAR → SOJUZGAR	subjugada (4.7), subjugavan (5.6)	sojuzgada (4.7), sojuzgauan (5.6) <sup>459</sup>
TESTEMOIO → TESTIMONIO	testemoio (4.2 -2 v.-)	testimonio (4.2 -2 v.-)
VISTIARIO → VISTUARIO	vistiario (6.10)	vistuario (6.10)
VIUBA → VIUDA	viuba (4.6)	viuda (4.6)
VIDUADA → VINDA	viduada (5.6)	vinda <sup>460</sup> (5.6)

<sup>452</sup> En V é moito máis frecuente **mosteiro(s)**, que se pode corresponder en C con **moosteiro**, **mosteiro** ou **moesteiros**.

<sup>453</sup> Mantivo o castelanismo de C en **desnuda** (C e V, 4.7).

<sup>454</sup> Noutros oito casos non castelanizou, senón que mantivo **Paio** como **Payo**.

<sup>455</sup> Esta variante con síncope da vogal postónica do sufixo *-ádego* (*portadgo > portazgo*) ten antigos rexistros en castelán (cf. DCECH: s.v.; CDH, CORDE). O CORDE mostra 42 rexistros dela durante os séculos XVI e XVII; o CDH ofrece 34 entre 1500 e 1575.

<sup>456</sup> Con esta palabra houbo preponderancia do mantemento das variantes galegas: **raina** (C, 4.9 -3 v.-, 6.12, 6.13 -4 v.-) → **raiña** (V, 4.9 -3 v.-, 6.12, 6.13 -4 v.-), **raina** (C, 6.11) → **reiña** (V, 6.11).

<sup>457</sup> Foron moito máis numerosos en V os casos con mantemento da forma galega **sé** ‘catedral’, con diferentes variantes gráficas, segundo se pode ver no Anexo 14.

<sup>458</sup> Variante creada sobre o modelo do castelán *siguientes*. Conservouse a forma de C en **seguintes** (C, 2.9) → **seguintes** (V, 2.9).

<sup>459</sup> Non houbo castelanización nestoutro caso: **subjugar** (C, 4.13) → **sojugar** (V, 4.13).

<sup>460</sup> É probábel que este **vinda** de V sexa un lapso por **viuda**.

## ANEXO 14. OUTRAS ALTERACIÓNS

	C	V
PALATALIZACIÓN DE /s/	nobilisimo (2.7)	nobeliximo (2.7)
A LINAJEN → O LIÑAGE	da linajeen (4.3), sua linajeen (4.3)	do liñage (4.3), seu liñage (4.3) <sup>461</sup>
VICESIÓN 'VIXÉSIMO'	Et o dito <i>santo</i> Theodomiros, <b>vicesion</b> obispo de Iria, foi o <i>primeiro</i> obispo... (4.1)	Y o dito <i>San</i> Theodomiros foi ó <i>permeiro</i> bispo... (4.1)
PODESEN → PODISEN	podesen (4.8)	podisen (4.8)
QUEYRA → QUIRA	deus te <b>queyra</b> ajudar (6.5)	Deus te <b>quirra</b> ajudar (6.5)
FUTURO DE SUBXUNTIVO	Et <i>quantos</i> <b>descenderon</b> da linajeen <i>daqueles</i> <i>quatro</i> <i>que</i> <i>acusaron</i> seu tio [...], o <i>bispo</i> <i>santo</i> Hateulfo, <i>fezós</i> <i>esclavos</i> et <i>servos</i> da <i>eglleja</i> <i>para</i> <i>senpre</i> (4.3)	E cantos <b>decenderen</b> do liñage <i>daqueles</i> <i>catro</i> <i>que</i> <i>acusaron</i> seu tio Ateulfo os <i>fiço</i> <i>escrabos</i> e <i>seruos</i> da <i>eygreje</i> <i>para</i> <i>sempre</i> (4.3)
RESTAURACIÓN DA CONCORDANCIA	Ata este <i>obispo</i> Leonesindo <b>reinou</b> os <i>godos</i> (2.8)	E até este <i>bispo</i> Leonesindo <b>reinaron</b> os <i>godos</i> (2.8)
PALABRAS LEXICAIS  COMIRES → LÍMITES	Et <i>determinou</i> a <i>gran</i> <i>contenda</i> <i>que</i> <i>era</i> <i>ontrelos</i> <i>obispos</i> <i>de</i> <i>Burgos</i> <i>et</i> <i>de</i> <i>Osma</i> <i>sobrelos</i> <b>comires</b> dos <i>obispados</i> (6.11)	E <i>determinou</i> <i>gran</i> <i>contenda</i> <i>que</i> <i>era</i> <i>entre</i> os <i>bispos</i> <i>de</i> <i>Burgos</i> <i>e</i> <i>de</i> <i>Osma</i> <i>sobre</i> os <b>límites</b> do[s] <i>bispados</i> (6.11)
ENTON, ENTONCES, ESTONCE(S)	enton (6.5), entonces (4.1), estonce (4.10)	entonces (6.5), estonces (4.1), estonces (4.10)
INSTRUCTOS → INSTITUTOS	Et <i>constituio</i> <i>ende</i> <i>doze</i> <i>canonigos</i> <i>et</i> <i>hüu</i> <i>prior</i> , <i>por</i> <i>reverencia</i> dos <i>doze</i> <i>apostollos</i> <i>de</i> <i>noso</i> <i>señor</i> <i>Jhesu</i> <i>Christo</i> , <i>ben</i> <b>instructos</b> <i>erno</i> <i>oficio</i> <i>divino</i> (6.10).	E <i>constituyu</i> <i>ende</i> <i>doze</i> <i>canonigos</i> <i>e</i> <i>vn</i> <i>prior</i> <i>por</i> <i>reuerencia</i> dos <i>doce</i> <i>apostoles</i> <i>de</i> <i>Noso</i> <i>Siñor</i> <i>Jesuchristo</i> , <i>ben</i> <b>institutos</b> <i>no</i> <i>oficeo</i> <i>diuino</i> (6.10).
MEMBRO → NEMBRO	et <i>santo</i> <b>membro</b> da <i>Eglleja</i> <i>de</i> <i>Roma</i> (6.5)	e <i>santo</i> <b>nembro</b> da <i>Eygreje</i> <i>de</i> <i>Roma</i> (6.5)
QUORESMAS → CARENENAS	Et <i>contense</i> <i>ennos</i> <i>privilegios</i> <i>da</i> <i>Eglleja</i> <i>de</i> <i>Iria</i> <i>que</i> <i>enla</i> <i>son</i> <i>sepultados</i> <i>viinte</i> <i>et</i> <i>oito</i> , os <i>bispos</i> <i>santos</i> , <i>por</i> <i>reverencia</i> dos <i>quaes</i> <i>ende</i> <i>son</i> <i>outorgadas</i> <i>viinte</i> <i>et</i> <i>oito</i> <b>quoresmas</b> <i>de</i> <i>perdon</i> (2.10).	E <i>conten[s]e</i> <i>nos</i> <i>preuilegios</i> <i>da</i> <i>Eygreje</i> <i>de</i> <i>Yrea</i> <i>que</i> <i>en</i> <i>ela</i> <i>son</i> <i>sepultados</i> <i>vinte</i> <i>e</i> <i>oito</i> <i>bispos</i> <i>santos</i> , <i>por</i> <i>reuerencia</i> dos <i>quais</i> <i>ende</i> <i>son</i> <i>outorgadas</i> <i>vinte</i> <i>e</i> <i>oyto</i> <b>carenenas</b> <i>de</i> <i>perdon</i> (2.10).

<sup>461</sup> Non se pode determinar o xénero das dúas ocorrencias desta voz en 4.8.

OPAS → ROUPAS	Et recebeu deles juramento de obediencia et religion, et dou orden como andasen vestidos de <b>opas</b> e sobrepelizas (6.8).	E recebeu deles juramento de obediencia e religion e deu orden como andasen vestidos de <b>roupas</b> e sobrepelices (6.8).
SEEN → SÉ	seen (4.10, 4.11), seen (5.1 -2 v.-), séén (4.11), seen (6.5) séé (4.1)	se (4.10, 4.11), sé (5.1 -2 v.-), se (4.11), sede (6.5) sede (4.1)
VIINDEIRAS → VINDOIRAS	viindeiras (5.3)	vindoiras (5.3)
Y (ADVERBIO)	herdades <i>que</i> el avia entrella Ulla et o Tamere (6.11)	herdades que y auia entre Vlla y o Tamare (6.11)



# TERCEIRA PARTE

EDIÇÃO DOS TEXTOS

José António Souto Cabo  
Ramón Mariño Paz





O segundo volume da *Colección Histórico-Documental da Igrexa Compostelá*, promovida pelo Cabido da S.A.M.I. Catedral de Santiago e o Seminario de Estudos Galegos, esteve constituído pelo estudo e edição do códice da *Crónica de Santa Maria de Íria* do ACS da minha autoria. O texto foi apresentado em “duas leituras”; sendo a “segunda” (SL) a mais conservadora, no sentido de ter refletido com maior transparência características scriptográficas presentes no manuscrito, ao passo que na “primeira” (PL), sem atrair em nenhum aspeto a língua do texto, foram simplificados e atualizados diversos aspetos gráficos em que não é possível reconhecer qualquer interesse (estritamente) linguístico. Cada uma delas foi, respetivamente, acompanhada de um aparato crítico –entendido em sentido abrangente– diverso: (i) a reprodução, naquilo que foi possível, das fontes latinas extratadas e traduzidas na obra (PL) e (ii) uma série de esclarecimentos e comentários complementários sobre o texto manuscrito, junto com as lições divergentes das edições impressas anteriores (SL).

Levando em consideração o ingente volume de informações fornecido nessa edição dúplice, bem como o objetivo fundamental da presente publicação –isto é, o confronto com o texto da *HIria*–, prescindimos agora de qualquer indicação em nota de rodapé. No entanto, inserimos no texto uma série de símbolos –alguns já utilizados anteriormente– para ajudar o leitor a melhor conhecer e interpretar a situação do texto manuscrito: <texto> problemas de leitura ou de interpretação; (texto) unidades repetidas ou desnecessárias; [texto] letras ou palavras faltosas; /texto/ unidades introduzidas nas margens ou entrelinhadas; \*texto\* integrações espúrias; ~~texto~~ unidade expurgada, {texto} anomalias de redação. A respeito deste último, devemos lembrar que a *CIria* conserva pegadas textuais que remetem para um estado redaccional preparatório, mas que foi escriturado em limpo de forma prematura (cf. *supra*)<sup>462</sup>. Esta marcação serve, assim,

---

<sup>462</sup> Veja-se Pichel *et al.* (2020: 104).

entre outras finalidades, para identificar e delimitar seqüências que ficaram nessa fase não totalmente acabada, portanto imperfeita<sup>463</sup>.

Apesar de seguirmos os princípios gerais da PL, esta edição apresenta algumas divergências formais a respeito dela. Assim, não marcamos com nenhum procedimento tipográfico a expansão das abreviaturas. Eliminamos o acento agudo sobre a letra <a> como marca diacrítica em algumas palavras agudas. Também decidimos manter os usos de <y> do manuscrito apesar de contar, de modo sistemático, com o valor exclusivamente vocálico de /i/<sup>464</sup>.

Ainda que a edição que agora apresentamos se acomoda de modo quase sistemático à publicada em 2001, foi possível introduzir algumas correções menores e, sobretudo, reinterpretar o texto manuscrito conservado, tal como se reflete na apresentação editorial.

---

<sup>463</sup> Para a correto compreensão das mesmas, convém considerar as análises do texto efetuadas nesta obra e em publicações anteriores (Souto Cabo 2001, 2014, 2022).

<sup>464</sup> De modo excepcional, em exemplos utilizados para o estudo do texto, mantivemos <j> com valor vocálico e <u> com valor consonântico –normalmente editados como <i> e <v>–, desde que isso pudesse encerrar alguma utilidade.

3.2. EDICIÓN DA *HISTORIA DE IRIA*

O manuscrito de Gregorio Lobarinañas Feijó que aquí edito está depositado, coa referencia bibliográfica Barb. lat. 3578, no Fondo Barberini da Biblioteca Apostólica Vaticana (BITAGAP texid 21094, manid 1909). Ábrese, nun folio preliminar, coa advertencia de que se trata dun “Papel en lengua gallega”. Na folia seguinte lese esta presentación: “De Ecclesia Beatæ Mariæ Virginis / de Yria / In Diocesi Bracarenis / Ex Bibliotheca Compostellanæ / Ecclesiæ habuit / Dominus Thomas Tamaio de Vargas / Historiographus Regius. / Es papel raro por no auer otro escripto / en la lengua gallega”. Seguen despois 18 folios escritos a unha columna con numerosas anotacións marxinais pola esquerda. Todos eles están numerados na esquina superior dereita do seu recto. No encabezamento do folio 1r lese o seguinte título: “Historia de Yria”. A letra cursiva das follas preliminares, do corpo central do relato e das notas da marxe esquerda débese á man de Gregorio Lobarinañas. Nos folios 6r, 6v e 9v hai catro intervencións dunha man diferente.

As follas deste manuscrito, coñecido como V na tradición dos estudos sobre a *Crónica de Iria*, teñen unhas dimensións de 301 x 212 mm.

A edición desta *Historia de Iria* que presento nas seguintes páxinas aspira a ser un instrumento que permita, con todas as garantías, facer un estudo lingüístico do testemuño en si mesmo e tamén un confronto del con toda a tradición textual da *Crónica de Iria*. Ora ben, o obxectivo deste libro non é analizar toda esta tradición textual, senón só ofrecer unha edición contrastiva de C (o orixinal do século XV) e V e un estudo da intervención lingüística e de todo tipo que Gregorio Lobarinañas fixo sobre o texto do manuscrito catrocentista elaborado por Rui Vasques, un estudo que, do noso punto de vista, clarifica con datos incontestábeis a cuestión da xénese da *Crónica da Iria* e desmente a teoría de que houbera unha primitiva versión da obra anterior á de 1467-1468, é dicir, un antecedente de C co que supostamente traballarían tanto Rui Vasques coma Gregorio de Lobarinañas, o racioneiro de Crecente.

Esta edición pretende ser un instrumento útil para a consecución destes fins que non por iso se converta nun documento de lectura excesivamente dificultosa para o non especialista. Fixen, por tanto, unha edición interpretativa que obedece aos mesmos principios xerais que inspiraron a que José António Souto Cabo presenta para o manuscrito C nesta mesma publicación. É unha edición de V que lle garda o máximo respecto posíbel ao orixinal, unha edición en que intervín minimamente sobre os usos gráficos do texto, en que con certas excepcións adaptei a unión e separación de palabras ás practicas hoxe habituais, en que regularicei a puntuación en razón da interpretación que en cada pasaxe do manuscrito me pareceu máis acáida e fiel á intención do seu autor, en que modernicei e sistematicicei o uso de maiúsculas e minúsculas, en que desenvolvín as abreviaturas e en que só actuei para restituír ou corrixir algunha letra ou sílaba cando isto me pareceu moi conveniente para unha máis cómoda lectura do texto e nunca cando na escritura de Lobarriñas Feijó se puidese albiscar algún indicio de intencionalidade de poñer no manuscrito aquilo que finalmente puxo. Desde logo, tampouco intervín para corrixir os non poucos anacolutos que se observan en V, unhas veces motivados polos que nas mesmas pasaxes se len en C e noutras ocasións causados polo descoido e a lixeireza con que traballou Lobarriñas. Quixen facer, en definitiva, unha edición de V que permitise estudar con todas as garantías a lectura e o traslado que o racioneiro de Crecente fixo de C. Establecidos estes principios, dereime a seguir nos pormenores que me parece necesario explicitar.

Moi a miúdo os <i> de V levan non un punto, senón un acento agudo que parece ter un valor diacrítico, pois axuda a distinguir esta letra doutras, e particularmente de <e>. Por conseguinte, este trazo é, exactamente igual ca o punto que ás veces se utiliza no canto del, un elemento constitutivo do grafema <i>, de tal maneira que, do meu punto de vista, podemos afirmar que Lobarriñas Feijó non empregou co <i> acentos gráficos que indiquen tonicidade, senón só acentos ou puntos con valor diacrítico que serven para diferenciar esa letra doutras, e sobre todo de <e>. En vista disto, resolvín presentar sempre o <i> sen acento agudo, xa que creo que, leve punto ou leve acento, trátase en todos os casos da mesma unidade gráfica,

que é a que na escritura actual representamos como <i>. Con toda a consciencia, non esquivéi este problema acentuando os <i> á moderna, pois, dado que hai certos aspectos do sistema acentuador de Lobarriñas que serán tratados no meu estudo lingüístico, decidín non actuar sobre el. En todo caso, coido que esta decisión editorial sobre <i> é congruente co feito de que en V sexan moi escasos os acentos que indican a tonicidade dunha sílaba e coa evidencia de que no manuscrito este recurso gráfico tendeu a concentrarse, con valor diacrítico, en certos monosílabos resultantes de contraccións.

Non hai diferenzas de forma ostensíbeis entre o <j> maiúsculo e o minúsculo, e nin sequera se aprecian entre eles diferenzas claras de tamaño. Véxase, por exemplo, como nas primeiras liñas do folio 17v teñen formas e tamaños practicamente idénticos os <j> ou <J> de “Jan” (liñas 1, 2), “jrman” (liña 2), “eygreje” (liña 6), “juzgase” (liña 7) e “maldijoo” (liña 7), ou repárese en que pasa o mesmo na primeira liña do folio 10r con “jrman Jumara”. Fiel ao principio de respectar en todo o posíbel os usos gráficos de V, mantiven <j> con valor vocálico cando así aparece, mais optando polo seu formato maiúsculo ou minúsculo segundo corresponda en razón da norma de adecuar este aspecto da escrita do manuscrito ao que hoxe en día é habitual.

Ms. V, fl. 10r (“irman Jumara”)

Ms. V, fl. 17v (“irman o cal Jan”)

Non intervín nunca sobre a acentuación do texto. A separación de palabras regulariceina consonte os usos actuais, non sendo naqueles casos que poden ter interese para o estudo lingüístico, quer porque revelan certos trazos da oralidade do galego do século XVII que cómpre coñecer, quer porque mostran as decisións que Lobarriñas Feijó adoptou en relación coa maneira de representar na escrita certos fenómenos. Detereime a seguir nas cuestións relacionadas con isto que reclaman máis atención.

Respectei sempre as dúas formas, con soldadura ou con espazo en branco, que se utilizan en V para presentar a combinación de

verbos con pronomes enclíticos: “dandoas” (fl. 8r), “dixo lles” (fls. 9v, 11r), “feço lles” (fl. 10r), “feçoo” (fls. 3r, 8r), “foi se” (fl. 8v), “mal-dijoo” (fl. 17v), “mandou o prender” (fls. 8r), “mandou o prender e touo o preso” (fl. 10v), “preguntoulles” (fl. 2r), “querendo o abraçar” (fl. 8v), “regendoa” (fl. 11v), “vendo a el rey” (fl. 10v), “y o cardeal pribou ó do bispado” (fl. 10v), etc.

Non alterei a representación das asimilacións con que se resolven os encontros de certas preposicións, formas verbais, conxuncións ou cuantificadores con artigos determinados: “cono(s) ‘con + o(s)’ (fls. 9v, 13v, 17v, 18v), “destrouirono arrabal” (fl. 17v), “foron vencedolos cristans” (fl. 7r), “po los” (fls. 1r, 1v, 17v...), “mai los godos venceron” (fl. 2r), “polos” (fls. 8r, 9v, 10r...), “sobelos bens” (fl. 10r), “todos los” (fls. 6v, 7r, 9r), “toudalas cousas” (fl. 3r), etc. Tampouco o fixen coa variante con subtracción da consoante nasal que resulta do encontro da preposición *con* co pronome persoal tónico de terceira persoa ou co demostrativo *aquel(a)*, variante que ten unha sólida tradición no galego escrito posmedieval: “co aquela” (fl. 7v), “co elas” (fl. 13v), “coele” (fls. 1v, 5v, 7v, 17v), “co eles” (fls. 4r, 16r, 17v -2 veces-). Actuei da mesma forma cando *co* precede *el* artigo: “co el rei Bermundo” (fl. 9v).

Utilicei o apóstrofo para marcar as elisións con que se resolven os contactos doutras preposicións con pronomes ou artigos nos casos en que no galego actual tales contactos non se representan mediante soldadura gráfica: “anteles” (fl. 7v) → “ant’eles”, “contreles” (fl. 2r) → “contr’eles”, “desdá torre” (fl. 1r) → “desd’á torre”, “desdó deluuiio” (fl. 1r) → “desd’ó deluuiio”, “desdo rio” (fl. 14r) → “desd’o rio”, “fasta fin de” (fl. 1r) → “fast’a fin de”, “paras Estureas” (fl. 6r) → “par’as Estureas”, “sobreles” (fl. 7r) → “sobr’eles”. Polo contrario, atívenme ao uso actual cando se trata de contraccións que hoxe representamos con soldadura, deixando constancia en nota da lección do manuscrito cando me pareceu necesario: “da quela” (fl. 6v) → “daquela”, “da queles” (fl. 6r) → “daqueles”.

Tamén empreguei o apóstrofo para marcar as elisións habidas cando se deu o encontro dalgunhas preposicións con certos adverbios, substantivos comúns e nomes propios ou entre outras clases de palabras: “asu eygreje” (fl. 14r) → “a su’eygreje”, “Ataqui” (fl. 12r) →

“At’aquí”, “atá có corpo” (fl. 1r) → “atá c’ó corpo”, “Bispos precessores dalmacio” (fol. 12r) → “bispos precessores d’Almacio”, “cadano” (fls. 7r, 15v) → “cad’ano”, “da garrochar” (fl. 5r) → “d’agarrochar”, “dalen da mar” (fl. 3v) → “d’alen da mar”, “dali” (fl. 17v) → “d’ali”, “d amaya” (fl. 11v) → “d’Amaya”, “dante altares” (fl. 6r) → “d’Ante Altares”, “daqui” (fl. 13r) → “d’aquí”, “darmas” (fl. 1v) → “d’armas”, “descom<sup>on</sup>.” (fl. 14r) → “d’escomunión”, “desdali” (fl. 7v) → “desd’ali”, “dixer amissa” ‘dixera a misa’ (fl. 5v) → “dixer’a missa”, “doficeo” (fl. 6r) → “d’oficeo”, “douro” (fl. 15v) → “d’ouro”, “e facendo o quel deixou” (fl. 17r) → “e facendo o qu’el deixou”, “homonrrado” (fl. 9r) → “hom’onrrado”, “perdeusa mamorea” (fl. 1v) → “perdeus’a mamorea”, “quel” (fls. 13v, 18r) → “qu’el”, “queles” (fl. 18r) → “qu’eles”, “safirmaua” (fl. 12r) → “s’afirmaua”, “salgun” (fl. 5v) → “s’algun”, “salguns” (fl. 6r) → “s’alguns”, “tanto quel viesse” (fl. 13v) → “tanto qu’el viesse”, “toda noite” (fl. 7r) → “tod’a noite”, “Vendosasi” (fl. 5r) → “Vendos’asi”.

Igual ca en C, en V *ende* utilízase constantemente como adverbio que pode significar ‘aquí’, ‘aí’ ou ‘alí’. Pola súa parte, *dende* non é nunca preposición nin en V nin en C, senón unha frase preposicional que se escribe con soldadura gráfica e que está constituída por *de* e o adverbio *ende*, quer con valor semántico espacial, quer con valor temporal. Por este motivo, editei “dende” (fls. 1r, 2v, 5v, 7r, 9v, 12v, 14r -2 veces-) como “d’ende” e “de[n]de” (fl. 9v) como “d’e[n]de”.

Moitos dos casos de *eno* e *ena* que se len en V préstanse á seguinte dúbida: temos baixo estas formas a aglutinación gráfica da conxunción copulativa *e* con *no* ou *na* ‘prep. *en* + artigo’ ou debemos interpretar que o que Gregorio Lobarriñas fixo ao escribilas foi adoptar —sen modernizalos mediante aférese— os *enno* e *enna* ‘prep. *en* + artigo’ que se ven en C? Inclínome a favor da primeira interpretación, pois normalmente o clérigo de Crecente escribiu *no*, *na*, etc. onde no manuscrito do século XV se len *enno* ou *enna* con trazo abreviativo para unha das dúas consoantes nasais consecutivas. Só escapan a esta norma tres ocorrencias de *eno* co valor de ‘no’ (fls. 2v, 3r -2 veces-) e cinco de *ena* co valor de ‘na’ (fls. 4r, 4v -2 veces-, 8v, 12r) que me parecen con certeza o resultado dunha copia non modernizadora por parte de Lobarriñas Feijó e que polo tanto edito

sen separación. Nos restantes casos lin *e no* ou *e na*, interpretando, por tanto, que a vogal *e* é neles a conxunción copulativa; moi a miúdo trátase de secuencias “et *enno*” ou “et *enna*” de C que en V se transformaron en “eno” ou “ena”.

Aínda que en certos casos a separación entre os dous elementos que compoñen os adverbios de modo rematados en *-mente* é evidente, ostensíbel, eu editeinos case sempre xuntos, con dúas excepcións, ambas no folio 17v: “de rreja mente” (“de rrege a | mente” en C, fl. 14ra) e “de rrexha mente” (“de rregeamente” en C, fl. 14rb). Actuei así porque nestes dous casos cabe ler frases preposicionais construídas con *de* e con *mente* como núcleo da frase nominal que *de* introduce: “Jten, despois desto, d’ali a tres anos os mouros vieron a cercar a Toledo e combaterono muy **de rreja mente**”; “Começou de pelear mui **de rrexha mente** co eles”. Como isto pode ter algún interese, quer para o estudo do proceso de gramaticalización desta clase de adverbios, quer para unha análise estilística do texto de Lobariñas, decidín non alterar a separación destas palabras que se dá en V.

Para facilitar o cotexo entre ambos os textos, adoptei para esta edición de V a mesma segmentación en parágrafos que Souto Cabo dispuxo para C, agás cando a particular redacción de V o desaconsella, como creo que sucede, por exemplo, nunha ocasión na sección 6.6. Con esta intención trasladei tamén a esta edición de V a marcase das seis partes con distintas unidades menores que Souto Cabo (2001: 143-155) distinguiu na súa edición do manuscrito compostelán de 1467 e 1468, incluíndo, por obvios motivos, a indicación do espazo en branco correspondente á terceira parte, que Lobariñas omitiu integramente, e tamén a do treito de 6.3 que non copiou debido a un probábel salto de igual a igual. Esta segmentación en seis partes, segundo o seu responsábel, inspirouse en criterios de organización argumental e de aproveitamento das fontes que Rui Vasques manexou. O inicio de cada unha desas partes e subpartes indícase con números romanos e arábigos en letra negra, coma na edición de Souto Cabo.

Nos folios 8r, 9r, 10r, 11v e 15r subliñáronse certos nomes de bispos ou arcebispos e mosteiros e certos anos que se mencionan no relato. Eses subliñados revelan a importancia que tales nomes e datas

tiñan para Lobariñas ou para algún lector do texto que Lobariñas compuxo. Posto que se trata dun pormenor de interese para determinado tipo de estudos, non intervín sobre el e confirmei a súa presenza en V nas correspondentes notas de edición.

Dada a escaseza das abreviaturas en V e, sobre todo, o seu carácter en xeral non problemático, limitei a marcare dos seus desenvolvementos a uns poucos casos en que estimei necesario explicar por que o fixen dunha determinada maneira e non doutra: “*apostolica*” (fl. 11r), “*Appostolica*” (fl. 15r), “*apostolico*” (fls. 10v, 13v), “*doña*” (fls. 5v, 8r), “*escomunion*” (fl. 14r), “*Jten*” (fl. 17v), “*rey*” (fl. 9v) e “*Santo*” (fl. 15r). Polo mesmo motivo, editei “*dumiense*” na nota 13 da edición e “*cidadans*” na 173. O símbolo &, que por veces aparece como representante da conxunción copulativa, transcribino sempre como “e”.

Para lle facilitar ao lector a comprensión do estado exacto en que se encontra o manuscrito en distintas pasaxes, empreguei certos símbolos con valores iguais ou moi semellantes aos que Souto Cabo lles asigna na súa edición de C. Cando xulguei necesario corrixir ou reconstruír letras, sílabas ou palabras deturpadas no acto da copia, ilexíbeis ou dificilmente lexíbeis hoxe no manuscrito, ou ben engadir algunha que fose omitida inadvertidamente, puxen tales formas entre corchetes e en letra redonda ([texto]). Procurei facer isto con moderación e, como xa dixen, só cando non percibín na actuación de Lobariñas ningún indicio que me movese a sospeitar nel unha determinación de deixar o texto tal como efectivamente o deixou e sempre que a miña intervención non supuxese ningunha alteración de peso no relato transmitido polo racioneiro de Crecente nin unha emenda dos numerosos anacolutos en que incorreu, non sempre motivados polo deficiente estado en que Rui Vasques deixara a redacción de C.

As lecturas inseguras, case sempre motivadas polo descoido con que Lobariñas trazou algunhas letras, coloqueinas entre ángulos (<texto>).

Hai tres breves intervencións debidas a unha man distinta da que fixo a práctica totalidade do traslado. Como completan ou corrixen oportunamente a copia de C que fixo Lobariñas, incorporeinas á

miña edición, mais transcribíñas entre barras (/texto/) para marcar que son obra doutra persoa. Trátase, en primeiro lugar, dunha anotación realizada na banda esquerda do folio 6r que se acompaña dunha adición en galego no corpo do texto e doutra anotación marxinal no folio 9v. As intervencións do folio 6r fixéronse para corrixir un erro de copia (púxose na marxe “corenta” para corrixir un erróneo “cincoenta”) e para engadir unha frase de C que Lobariñas omitira; a do folio 9v, para restaurar un fragmento de C que tamén se omitira.

Hai ademais outra intervención no folio 2r en que se colocou sobre a conxunción copulativa *e* un trazo curvo cuxo valor non comprendo e se corrixiu “pobo era” para “pobo ara”, resultando, por tanto, “e pobo/a/ra”. A vogal temática *a*, engadida por unha man distinta da de Lobariñas, rodeeina tamén de barras.

As anotacións escritas en castelán na marxe esquerda das follas do manuscrito reproducínoas en notas. Tamén deixei constancia nelas de todas aquelas informacións que me pareceron necesarias para deixar constancia da lección exacta de V en certos casos.

Por último, sinaléi entre corchetes o inicio de cada folio ([fl. 1r], [fl. 1v], etc.).

EDIÇÃO CONTRASTIVA

*CRÓNICA DE SANTA MARIA DE ÍRIA (C)*

*HISTORIA DE IRIA (V)*



## I

[fl. 1ra]

1.1. {(Et enno nome de Deus, amen, et da Virgen Maria sua Maria)}. Enno nome de Deus et da <bendita> Virgen Santa Maria, sua <madre>. Aqui se começa hũu brebe trautadillo de como primeiramente foy feyta et hedificada lla eglleja de Yria, su vocabullo de Santa Eolalie et de San Martiño, et como, per quen foy feyto o bispado, et qual foy o primeyro {bisp(ad)o} et que terras et señorios lle deron enno concilio de Bragãa.

1.2. Os santos padres et doutores da Santa Escripura escripiron os feytos pasados por que se encomendase a memoria dos homes et {non perecese delas cousas} por entraballo de longos tempos, por que despoys deles viesem e achasen en escripto os principios et fundamentos, et tomasen enxemplo das noblezas dos santos homes antiĩgos et quanto traballaron por fondar et acrecentar os santos et devotos lugares en que Deus fose loado et servido.

Et porque a memoria da Egllleja de Yria he ja quasy perdida, porende eu, querendoa algũu tanto tornar à memoria dos <que o> non saben nen creen [fl. 1rb] ja que fose obispado –ante o han por <bulra>–, en leendo perlos llibros algũus de canonicas antiigas et privilegios goticos dos santos catholicos et devotos bispos de Yria et porla Escripura, <achey (por) fundamento> para reducir <à> memoria dos homes quanto duraron certas ydades do começo do mundo ata que o corpo de Santiago foy tragido a Conpostella. Et dende en diante apparecera porla presente escriptura ata (que) o tempo en que somos.

1.3. Onde o doutor Juan Belet dize que do <começo> do mundo ata a fin son sete mill anos, dos <quaes> desde Adan, primeyro home, fasta o delubio foron dous mill et dozentos et quorenta et dous anos; et desdelo delubio fasta a Torre <de Nenbrote> foron quinentos et viinte et cinco anos; et desla torre fasta a fin de Abraan foro[n] quinentos et dez anos; et desde Abráa fasta o saymento dos fillos

## I

[fl. 1r]<sup>1</sup>

1.1. En nome de Deus e da bendita Virgen Santa Maria, sua madre. Aqui se começa vn breue tratadiño de como permeiramente foi feita y edeficada a eygreje de Yria, su o vocabele de Santa Olaya, de San Martiño, e como e por que foi feito bispado, e cal foi ó primeiro bispo e que terras é siñorios lle deron no concileo de Braga.

1.2. Os santos padres e doutores da Santa Iscritura iscribiron os feytos pasados por que se encomendasen á a memorea<sup>2</sup> dos homes e non esperecesen as cousas por antreualo de longos tempos, por que depois deles viesen e achasen iscrito os principios e fundamentos dos santos homes antigos e canto traballaron por fondar e acrecentar os santos e deuotos lugares en que Deus fose loado e siruido.

E porque á mamorea da Eygreje de Yria é ja caixe perdida, por ende eu, querendo a algun tanto tornar á mamorea dos que o non sauen nen creen ja que fosse bispado –antes o han por burla–, en lendo po los libros, alguns de cronicas antiigas e priuilegios goslecoc<sup>3</sup> dos santos, cathelecos e deuotos bispos de Yrea e pola Iscritura, achei foi fundamento para redocir a a memorea dos homes canto duraron certas jdades do começo do mundo até c'ó corpo de Santiago<sup>4</sup> foi tragido a Compostela. E d'ende en diante aparecera po la presente iscritura até o tempo en que somos<sup>5</sup>.

1.3. Onde o doutor Jan Beleth diz que do começo do mundo até a fin son sete mil anos, dos cais desde Adan, primeiro home, fasta o deluuio foron dous mil e docentos e corenta è dous anos; e desd'ó deluuio fasta a torre de Nembroth foron quinentos e vintecinco anos; e desd'á torre fast'a fin de [fl. 1v] Abran foron quinentos e dez anos; e desde Abran fasta ó saimento dos fillos de <Isrreel><sup>6</sup> de Egito

de <Ijrehel> do Egipto, fasta ha hedificacion do templo de Salamon foron quatrocentos et triinta anos; et desdelo saymento do Egipto fasta ha hedificacion foron setecentos et quorenta et cinco anos; et desllo templo fasta a captividade foron quatrocentos et dez et sete anos; et desla captividade fasta Aleyxandre foron trezentos et dez et sete anos; et desde Aleyxandre fasta Jhesu Christo foron trezentos et treze anos; que son por todos {fasta Jhesu} cinco mill et quatrocentos et noventa et nove anos ou V U [D]<sup>os</sup> menos hũu ano. Et desla passion de Jhesu Christo fasta a trelladaçon do corpo de Santiago foron onze anos, que foy tragido porlo mar en sete dias ao porto de Yria et [fl. 1va] <sepultado> en Conpostella en tempo de <Luparia>, segundo se léé por sua leytura et porlo libro a que dizen “Calixto”.

## II

2.1. Et porquanto a Espana aynda non avia {(conoscemento algũu da fe de Jhesu Christo,) conoscemento da fe de Jhesu Christo}, a como <quer> que ende <en vida> viera predicar <o santo> Apostollo et non podera converter salvo hũu, segun diz o mestre Belet, ca <era> poblada et senorada a terra porlos gentiis. Et desque os sete dicipulos que trouxeron o <corpo> de Santiago et o <sepultaron> et quixeronse tornar para Jherusallem, leyxaron con el dous dicipulus que predicaron et <converteron> muy pouquos christãos, {que por elles en o qual tenpo foran tornados <aa> fe catholica}. Os quaes fincidos, et levoos Nostro Señor para sy, perdeuse a memoria do lugar en que fora sepultado o corpo de Santiago et creceron ende grandes matos et arvores, entanto que non avia del memoria ningũa en España.

2.2. Et en este tenpo os bandalos et os soligos et os ungos ensenoriaron toda Galiza por longos tenpos ante que viesen os godos et suevos. Et os godos começaron a reynar enna era de quatrocentos anos, et con poderio de armas, como bõos caballeyros, et foron cobrando a terra et as villas et castellos et lugares feytos porlos gentiis. Et enton os bandalos et sublingos et ungos, que eran senores da terra, pugnarõn regeamente contra elles, mays os godos venceron et fezeron cruel

e fasta a edificaçon do tempro de Salamon foron quatrocentos e trinta anos; e desde o saimento de Egito fasta a edificaçon foron setecentos e corenta e cinco anos; e desde este tempo fasta a catiuidade foron quatrocentos e dezesete anos; e desde a catiuidade fasta Leixandre foron trecentos e dezesete anos; e desde Leixandre fasta Jesucristo foron trecentos e dezesete anos; que son por todos fasta Jesuchristo cinco mil e quatrocentos e nobenta e noue anos, ou cinco mil menos vn ano. E desde a paseon de Jesuchristo fasta a treladacion do corpo de Santiago foron onze anos, que foi tragido polo mar en sete dias a o porto de Yrea e sepultado en Compostela en tempo de Luparea, segun se lei por sua letura e po lo libro a que din “Calixto”.

## II

2.1. E por canto en España ainda no auia conencemento algun da fe de Jesuchristo, como quer que ende en vida viera a predicar o santo Apostolo e non podera conuertir saluo un, sigun diz o mestre Belet, ca era poboada e señoreada a terra po los gentis. E desque os sete dicipulos que trouxeron o corpo de Santiago<sup>7</sup> y o sepultaron e quixeronse tornar para Jerusalem, leixaron coele<sup>8</sup> dous dicipulos que predicaron e conuerteron mui poucos christans, que pour eles en aquel tempo foron tornados á a fee catholica<sup>9</sup>. Os cais finados e lebandoos Noso Señor para si, perdeus'a mamorea do lugar en que fora sepultado o corpo de Santiago e creceron ende grandes arbores e matos, en tanto que no auia del mamorea nenguna en España.

2.2. Neste tempo os vandalos y os soligos y os vngos enseñorearon toda Galicia por longos tempos antes que viesen os godos e soeuos. Y os godos começaron a reinar na era de quatrocentos anos<sup>10</sup>, e con poderio d'armas, como bós caualeiros, foron cobrando a terra y as vilas e castelos e lugares feitos po [fl. 2r] los gentis. Y en[t]on os vandalos e solingos e vngos, que eran señores da terra, punaron re- ceamente contr' eles, mai los godos venceron e fezeron cruel guerra e

guerra et morte, entanto que os bandalos, sublingos [fl. ivb] et ungos leyxaron a terra et se traspasou a mayor parte deles [a] Africa.

Et os godos cobraron toda a terra et perseguiron moyto aos indigenos et pobres galegos que ficaron, por tal via que, vivos, os destruyam. E durou por cinco anos continos a dita crueldade, entanto que ningun non se podía sosteer. Et <tanta> foy a perseguiçon et coyta de fame que as madres matavan seus fillos et os comian con fame. Mays aprouve a Deus, Noso Señor et <Salvador>, que vieron en concordia, en <tal guisa> que os pobres galegos <ouvesen> a terça parte da terra, en que vivessen, et os godos et suebos as duas partes et o senorio. Et duro esta tribulaçon por espacio de algũs anos.

2.3. Mays porla graça de Deus et predicacion de San Martino o grego, obispo de Dumensiis, foy levantado por rey primeyro dos godos et suevos Miro, rey catholico muy virtuoso. Et como o dito rey foy apoderado enna cibdade de Lugo et enno señorío de toda a terra, et veëose ao castro de Ylio, que agora he chamado castro de Yria. O qual fezera et provara Ylia, filla de hũu principe rey de Troya, a qual fugira con el rey Theneo, seu marido, da destroyçon de Troya, e viera pobrar o dito lugar chamado Ylio. Et quando o dito rey Miro foy asentado enna posison do dito lugar et soubo os feytos antiigos, avido consello con os grandes de sua cassa, hedificou enno dito lugar de Ylia hũa eglleja a serviço de Deus et [fl. 2ra] aa onra de San Martino et de Santa Elolia, et ordenou ende obispo segundo que avian ordenados novos {obisp(ad)os} enna España porlo custume da Eglleja Romana.

Et feyta asy a dita eglleja, chamou seus sabedores ante sy et preguntoules como chamaria a ese lugar. Et algũs dezian que lle chamase Yria por Yriem, que asenoriava(n) o dito /<lugar>/; et outros dizian que lle chamasen Ylia, porla filla (porlle) do principe, rey troyano, que o primeiramente {pobrada}; et outros dizian que lle chamasen Bisria, porque era syta ontre dous rios, he a saber: o rio de Saar et o rio da Ulla. Pero foy acordado que lle chamasen Yria, enna qual eglleja foy o primeyro obispo Andreas, varon santo et religioso, que foy enno co[n]cilio de Lugo et despoys enno concilio de Bragãa con outros santos bispos, os quaes o receberam con grandes onras.

morte, en tanto que os vandalos, solingos e vngos leixaron a terra e se traspasou<sup>11</sup> a mor parte deles a Affrica.

Y os godos cobraron toda a terra e persiguiron muito aos indigenos e pobres galegos que fincaron, por tal uia que, vibos, os destruiam. E durou por cinco anos continos a dita crueldade, en tanto que ningun non se podía soster. E tanta foi a persiguiçon e cuita da fame qu<e a>s<sup>12</sup> madres matauron seus fillos y os comian con fame. Mais aproube a Deus, Noso Señor e Saluador, que vieran en concordia, en tal guisa que os probes galegos ouuesen a terçera parte da terra, en que vibesen, y os godos e soeuos as duas partes y ó señorío. E durou esta tribulaçon por espacio de alguns anos.

2.3. Mais po la gracia de Deus e predicaceon de San Martiño ó grego, bispo de Dumiensis<sup>13</sup>, foi lebandado por rey permeiro dos godos e soeuos Miro, rey catholeco mui virtuoso. E como o dito rey foi apoderado na cidade de Lugo e no<sup>14</sup> señorío de toda a terra, veose ao castelo de Yria, o cal fiçera<sup>15</sup> e pobo/a/ra<sup>16</sup> Jlia, filla dun princepe rei de Troya, a cal fogira có o rey Teneo, seu marido, da destruiçon de Troia, e vieron a poboar o deto lugar chamado Jlide. Cando o dito rei Miro foi asentado na posison do dito lugar de Yria, fixo eygreje a seruiçio de Deus e a onrra de San Martiño e de Santa Olaya, ordenou ende bispo sigun que auia ordenados nobos bispos na España polo custume da Eygreje Romana e, feita assi a dita eygreje, chamou seus sauidores ante si e preguntoules como chamaria a ese lugar. Y algunos decian que lle chamase Yria por Yrien, que asiñoreaua o dito lugar; y outros que lle chamasse Biseria, porque era sita entre dous rios, o rio de Sar y o da Vlla. [fl. 2v] Perol foi acordado que lle chamasen Yria, na coal eygreje foi o permeiro bispo Andres B[a]rar, santo e religioso, que foi no concilio de Braga con outros santos bispos, os cais o receueron con grandes honrras.

2.4. En este tempo senoreavan dous reys a Galiza, he a saber: rey Miro a Lugo et rey Arriamiro a Bragãa. O qual rey Arreamiro dende a tres anos se finou, et el rey Miro senoreou a Bragãa et sua terra et toda Galiza. Et foy rey de muytas virtudes et moy forte en armas; et fezo o segundo concilio enna eglleja de Bragãa, enno qual foy o dito santo bispo Andreas, enna era de seyscentos et dez anos. O qual rey Miro enno dito concilio outorgou e dou à seen de Yria [fl. 2rb] Diocensiis et terra de Moraço et Salnes et <Moutama> et Celenis et Montes et Mera et Merça et Taveyróos Velogia, Louro, Posstomarquos, Amaya, Cornado, Dormeãa, Entiins, Celtegos et Barqualla, Nemancos, Vimianço, Seaya, Bregantinos, Faro, Scutarios, Dubra, Montãos, Nimiros, Pruços, Visanquos, Labascengos et Arras et Cordeyro et outras terras que ennas canonicas et previllegios da dita eglleja son contiudas.

2.5. Et en este tempo levantouse Leonegildo o /arriano contra el rey de França et rogou a el rey Miro que o ajudase; et foron ambos contra el rey de França con grandes conpañas à cidade de Neumanso. Et estando para pelejar, vieron a concordia. Et tornandose, morreu enno camiño o muy noble ynclito rey Miro. Et Leonegildo o arriano ocupou toda a terra de Galiza chamandose rey, mays foy atormentado ennas grandes febres et dolores que lle Deus dou. En este tempo Leandro, arçobispo de Sybilla, viera do concilio de Constantinopla a fazer amistança et pazes con Gregorio, diacono da Eggleja de Roma, et foy predicar a Leonegildo que leyxasse a sandece dos arrianos et creesse enna Santa Treydade. Et dito Leonegildo, rey, indurado porlo espiritu diabolico, non quiso creer, mays, porla vondade et santidade do dito arçobispo Leandro, doulle hũu seu fillo a que chamavan Recaredo. Et o santo arçobispo bautizoo, et por tal via o criou et ensinou enna santa fe catholica [fl. 2va] et que todalas cousas que lle el mandava fazer, o moço as fazia de muy boa vontade.

2.6. Et à morte de seu padre Leonegildo, foy levantado por rey enno reyno de Galiza, enno concilio de Tolledo, o dito Recaredo, o qual foy muy bóo rey. Enno qual concilio foy don Diego o segundo

2.4. Neste tempo siñoreauan dous reis a Galicia, he a sauer: rey Miro a Lugo e rei Ramiro a Braga. O cal rei Ramiro d'ende a tres anos se finou, y el rei Miro señoereaua Braga e sua terra e toda Galicia. E foi rei de muitas virtudes e mui forte en armas; e feço o segundo concilio na eygreje de Braga, eno coal foi o santo bispo Andres, na era de seiscentos e dez anos. O coal rei Miro no dito concilio otorgou e deu a cadeira dioceusis terra de Morraço e Salnes e Montama e Celenis e Montes, Mera e Merca, Tubeiros, Belogra, Louro, Postomarcos, Amaya, Cornado e Barcala, Dormean, Entins, Celtegos, Nemancos, Bimianço, Seaya, Bregantinos, Parafeutarios, Dubra, Montaos, Nimirans, Pruços, Visanços, Lavaceuelgos e <Carrũs><sup>17</sup>, Cordeiro y otras terras que nas canonecas e preuilegios da dita eygreje son continuadas.

2.5. E neste tempo leuantouse Liobigildo o arriano contra el rey de Francia e rogou al rey Miro que o ajudase; e foron ambos contra el rei de Francia, con grandes conpañas, a a cidade de Neumansa. Y estando para pelejar, vieron a concordia. E tornandose, morreo no camiño o mui noble e encrito rey Miro. E Leobegildo o arriano ocupou toda a terra de Galicia chamandose rei, mais foi atormentado nas grandes febres e dolores que lle Deus deu. Neste tempo e cando Liandro, arçobispo de Seuilla, viera do concilio de Constantinopra a facer amestança e paces con Gregorio, diacono da eygreja de Roma, e foi predicar a Leouegildo que deixase a sandece dos arrianos e creese na Santa Treidade. Y o dito Leouigildo, rey, foi enduredo po lo ispiritu diaboleco: non quiso creer, mais po la bondade do dito arçobispo Liandro deulle Deus [fl. 3r] vn fillo, y este o deu a criar ao santo arçobispo; o o fillo chamaronlle Recaredo y o santo arçobispo o batiçou e criou por tal uia y ensinou na santa fee catholica que toudalas cousas que lle el mandaua facer, o moço as facia de mui boa vontade.

2.6. Y a morte de Liouigildo, seu pay, foi leuantado por rey no reino de Galicia eno concilio de Toledo; y este foi muy bo rei. Neste concilio foi don Diego o sigundo obispo de Yria<sup>18</sup>. E porque en España

obispo de Yria. Et <porque> en España polulava a grande ernessia arriana et en Galiza outra ernessia a que dezian preçoliana, et o dito arçobispo Leandro non podia tirar as ditas heressiias, tornouse a Constantinopla para que con abtoridade de todo o Concilio Constantino se viesse a España a predicar. Et fezóo asi et veose. Et tanto trabalou que destroeu as ditas herresiias por suas predicacões et tirou toda a España dos errores et tornou as gentes aa fe catholica, leyxando os ditos errores. Et en este tenpo foy feyto concilio et ajuntamento de saseenta et sete obispos enna cibdade de Tolledo, reynante o glorioso rey Recaredo, enno qual concilio foy o dito don Diego, que foy o segundo obispo de Yria.

2.7. Et morto o dito rey Recaredo, socedeu enno reyno Sisnando, o qual fezo outro concilio en Tolledo. Et foy ende don Samuel, terceyro obispo de Yria, so Ysydoro, arçobispo de Sivilla. Et morreu Sesinando, rey, et foy levantado por rey Cintolla enno concilio tolletano, enno qual concilio foy Gutumaro, quarto obispo de Yria. Et morto Cintolla, levantaron por rey Rocesinde, enno tenpo <do> qual foy Sendigo o quinto obispo de Yria. Et morto Rocesinde, [fl. 2vb] reynou Egiga, nobilissimo principe, enno /tenpo/ do qual foy Felix sexto obispo de Yria enna era de setecentos et viinte et seys. Este durou pouquo. Et en outro concilio de Tolledo foy Adulso Felix septimo obispo de Yria. Et morto Egiga, reynou seu fillo Orriga. Este non foy bõ rey, ca usou moyto mal. Foy enna era de setecentos et viinte et nove, so a qual foy Esclus octavo obispo de Yria. Et morto Orriga foy elegido dos godos por rey don Rodrigo, enno qual tenpo foy Leonesindo nono obispo de Yria.

2.8. Ata este obispo Leonesindo {reynou} os godos et asenorearon toda España fasta a era de setecentos et quorenta et sete anos. Os quaes reynaron trezentos et cinquenta et dous anos et quatro meses et cinco dias. Et aqui foy desbaratado o dito don Rodrigo por el rey Tarique, que veeo con os mouros de alen-mar, et venceron el rey don Rodrigo por los seus pecados. Et este foy o ultimo rey dos godos. Foy esta batalla dia quinta-feyra, ora de sexta, era de setecentos et quorenta et oyto. Et entraron os mouros et ganaron toda España

pululava a grande heregia que dician prisciliana y o dito arçobispo Liandro non podia tirar as ditas heregias, tornouse a Constantino-pra para que con autoridade de todo o Concilio Constantino se viesse a España a predicar. E feçoo asi et veuse. E tanto traballou que destruyó as ditas heregias por suas predicacões e tirou toda a España dos errores e tornou as gentes á fee catholica, leixando os ditos errores. En este tempo foi feito concilio e ajuntamento de sasenta e sete bispos na cidade de Toledo, reinante o grorioso rei Recaredo, no cal concilio foi o dito don Diego, que foi o segundo bispo de Yria.

2.7. E morto o dito rey Recaredo, socedeu no reino Sisnando, o cal feço outro concileo en Toledo. E foi ende don Samuel, terceiro bispo de Yrea<sup>19</sup>, só Jsidoro, arçobispo de Seuilla. E morreu Sisnando, rey, e foi lebantado por rey Cintoela no concileo toledano, no cal concileo foi Gutumaro, quarto bispo de Yrea<sup>20</sup>. E morto Cintoela, leuaron por rey Rocesinde, no tempo do cal foi Sendigo o quinto bispo de Yrea<sup>21</sup>. E morto Rocesinde, reinou Egiga, nobeliximo principe, eno tempo do cal foi Feliz sexto bispo de Yrea<sup>22</sup> na era [fl. 3v] de setecentos e veinte e seis. Este durou pouquo. No outro concileo de Toledo foi Odulco Feliz setimo bispo de Yrea<sup>23</sup>. E morto Egiga, reinou seu fillo Ouriga. Este non foi bõ rey, causou muito mal. Foi na era de setecentos e vinte e nove, sô o cal foi Seluas oitauo bispo de Yrea<sup>24</sup>. E morto Ouriga, foi elegido dos godos por rey Rodrigo, no cal tempo foi Leonesindo nono bispo de Yrea<sup>25</sup>.

2.8. E até este bispo Leonesindo reinaron os godos i asenorearon toda España fasta a era de setecentos e corenta e sete anos. Os quais reinaron trecentos e cinquenta e dous anos e catro meses e cinco dias. Y aqui foi desbaratado o dito rey don Rodrigo por el rey Tarife, que ven cos mouros d'alen da mar, e venceron al rey don Rodrigo po los seus pecados. Y este foi o vltemo rey dos godos. Foi esta vatalla dia quinta feira, ora de sesta, era de setecentos e corenta e oito. Entraron os mouros e ganaron toda España e destroiron e todalas eygrejes,

et destroyronna, et todas as egllejas, mosteyros et cassas de oraçon que en ella acharon, et teveron as Esturias cinco anos. Et el rey don Rodrigo, sendo desbaratado, fogueu, et dizen que fezo grandes penitencias. Et despoys da sua morte foy sepultado enna eglleja do Viseu en Purtugal. Et diz o seu pet(r)afe, dis asy: «Aqui folga o corpo del rey don Rodrigo, ultimo rey dos godos».

2.9. Et [fl. 3ra] en este tempo que asy foy perdida España, levantouse don Payo Favilla et gaançou as Esturias et correu con os mouros, et reynou dez et nove anos; en tempo do qual foy Emula decimo obispo de Yria. Este foy santo home et religioso.

Et morto don Payo Favila, reynaron os reys seguintes: Froyla reynou dous anos et hũu mes et hũu día; et socedeu en seu lugar outro rey que oubo outrosy nome Froyla, o qual reynou onze anos et cinco meses et viinte días; et despoys desto reynou Aurelio seys anos et seys meses, et socedeu en seu lugar Sylo et reynou onze anos et hũu mes et hũu día; et despoys deste reynou Mauregado cinco anos et seys meses; et socedeu en seu lugar Vermundo, o qual reynou tres anos et seys meses. Os quaes reys catholicos ouveron moytas guerras et traballos por librar Espana dos mouros et inficés; et fezeuon muytas egllejas, et mosteyros et lugares religiosos.

Et tornando ao proposito, en tempo dos ditos reys foron os bispos de Yria os que aqui dira: Romano XI, Agustino XII, Honorato XIII, Uncelle XIII, Cresconio XV<sup>o</sup>, Baula XVI, Guerdulfo XVII, Sinsando XVIII, Yldulfo XIX<sup>o</sup>. Os quaes viveron moy santamente.

2.10. Et despoys da morte del rey Veremundo, foy elegido por rey don Afonso o Casto, era de oytocentos et viinte et nove anos. O qual reynou cincoenta et dous anos et cinco messes et treze dias; et foy santo varon [fl. 3rb] en sua vida et de muy santa converssaçon. Ao qual Deus tevo por ben de revellar o corpo do glorioso Apostollo, señor Santiago, en tempo do dito rey don Afonso o Casto enna dita era en maneyra que agora oyredes. Por revelaçon foy àlgũus homes et personas de grande auctoridade demostrado; et apertamente viian grande[s] lumes de candeas arder de noyte et de dia en hũu monte muy espeso de muytas arvores et silvas a oyto milias de Yria, et que

mosterios e casas de oracion que nela acharon, e teueron as Esturias cinco anos. Y el rei don Rodrigo, sendo desbaratado, fugiu, e din que feço grandes penitencias. E despois da sua morte foi sepultado na eygreje de Viseu. E diz o seu petafe assi: «Aqui folga o corpo del rei don Rodrigo, vltemo rey dos godos».

2.9. En este tempo que assi foi perdida España leuantarõse don Payo Fauila e ganou as Estureas e correu dezenoue anos, en tempo do cal foi Emula decimo bispo de Yrea<sup>26</sup>. Este foi santo home e religioso.

E morto don Payo Fauila, reinaron os reis seguintes: Froila reinou dous anos e un mes e un día; e socedeu en seu lugar outro rey que ouuo outrosi nome Froila, o cal reinou onze anos e cinco meses e vinte dias; e despois deste reinou Aurelio sete [fl. 4r] anos e seis meses, e socedeu en seu lugar Silo: reinou onze anos e un mes e un dia; e despois deste reinou Mauregato cinco anos e seis meses, e socedeu en seu lugar Bermundo, o qual reinou tres anos e seis meses. Os quais reis catholecos ouveron muitas guerras e trauallõs pour librar España dos mouros e ynfies; e ficeron muitas eygrejes e mosterios e lugares religiosos.

E tornando ô proposito, en tempo dos ditos reis foron os bispos de Yrea os que aqui direy<sup>27</sup>: Romano II, Augustino II, Ornato<sup>28</sup> III, Vncello<sup>29</sup> IV, Gresconio<sup>30</sup> V, Baulio<sup>31</sup> VI, Guerdulfo<sup>32</sup> VII, Sinsando VIII, Jldulfo<sup>33</sup> IX; os quais biuiron muy santamente.

2.10. E despois da morte do rei Bermudo foi eligido por rei don Alfonso o Casto, era de oitocentos e vinte e nove anos. O qual reinou cincoenta e dous anos e cinco meses e treze dias; e foi santo varon en sua vida e de muy santa conuersaçon. Ao cal Deus teuo por ben de reuelar o corpo do apostole Santiago en tempo do dito rei don Alfonso o Casto ena dita era e na maneira que agora oiredes. Por reuelaçon<sup>34</sup> foi a alguns homes e presõas de grande autoridade demostrado; e auertamente viian grandes lumes de candeas arder noite e dia nun monte muy espeso de muitas arbores e silvas oito millas de Yrea, e que non se apagauan de dia nen de noite. E mais que ouuiã

non se apagavan de día [nin] de noyte. Et mays que oyan ende continuamente grandes cantares de angeos. Os quaes se foron ao dito obispo et lle contaron a dita vison. O qual quando oyeu, foy muy maravillado et foyse con elles ao dito lugar. Et porla graça de Deus, que queria illuminar et onrar a eglleja onde {(tal), porlo precioso thesouro do corpo glorioso [do] apostollo} Santiago, o dito /o/bispo por sy meesmo vio as ditas candeas luminarias et oyeu os ditos cantares angelicaes; et porla graça de Deus, entrou enna espediue do monte et achou hũa casulla pequena de arcos de marmores et dentro hũa tunba de moymento moy bóo. A qual asy achada, dou muytas graças a Deus et lançouse en oraçon et en jajũu; et foylle revellado que era aly sepultado o corpo do apostollo Santiago Zebedeu, que avia oytocentos anos que ally jazia ascondido en aquel {monte, et silvas et matos}. Et enton o dito obispo foyse a el rey don Afonso o Casto por sy meesmo et disolle todo: como a el, porla graça de Deus, fora revelado o corpo do apostollo Santiago. [fl. 3va] Et el rey quando esto oeu, ouvo gran gozo et alegria porlo señor Deus tener por ben de illuminar toda Espana por tan glorioso et preçado thesouro. Et con grant reverencia veoo en romaria {a [Santiago] (Santo Lugar de moytos dóos) et con lagrimas et continuas orações hedificou et dotou o Santo Lugar con moytos dóos} et joyas; et fezo couto por Syonlla et por Lestedo et por Villa Cruz ata o Tamere. Et con consello et auctoridade de moytos obispos et nobres varões, por honra et reverencia de tan grande apostollo hedificou ende moy grande et noble eglleja, et segundo que agora veedes. Et mudou o bispado de Yria enna santa eglleja do apostollo Santiago, pero que o fezo sen licencia do papa.

A qual licencia despoys a gran tenpo gaançou o bispo Da[l]macio por privilegio do papa; a qual licencia lle dou o papa Urbano, pero con tal condiçon que senpre a see de Yria fosse a segunda see onrada. {Que <rezeron> a santa cathedra apostolica foron os obispos de Yria fasta don Diego Paaes}, que foy o ultimo obispo de Yria. Et contense ennos privilegios da Eglla de Yria que enla son sepultados viinte et oyto {(os) bispos santos}, por reverencia dos quaes ende son outorgadas viinte et oyto quoesmas de perdon.

ende continuamente grandes cantares de anjos. Os quais se foron ao dito bispo e lle contaron a dita viseon. O cal quando o oyu foi mui marauillado e foise co eles ao dito lugar. E po la gracea de Deus, [fl. 4v] que queria ilumear e onrrar a eygreje onde tal perla e preceoso tesouro do corpo groreoso do apostole Santiago<sup>35</sup>, o dito bispo por si mesmo viu as ditas candeas luminareas y oyu os ditos cantares; e po la gracea de Deus, entrou ena espediue do monte y achou vna casinha pequena<sup>36</sup> de arcos de marmores e dentro vna tumba de moimento mui bo. A qual asi achada, deu muitas graceas a Deus e lançouse en oraçon y en jejun; e foille reuelado que era ali sepultado o corpo do apostole Santiago Zebedeu, que auia oitocentos anos que ali jacia escondido naquel monte e silvas e matos. Y enton o dito bispo foise al rey don Alfonso o Casto por si mesmo e dixolle todo: como a ele po la gracia de Deus foi arreuelado o corpo do apostole Santiago. El rey quando isto oyu, ouuo gran gozo y alegria po lo Señor Deus ter por ben de ilumear toda España por tan gro[r]eoso<sup>37</sup> e preceoso tesouro. E con gran reuerencia ven en romeria ao santo lugar e con lagrimas e continuas oraçons edificou e dotou o santo lugar con muitos dons e joyas; e fezo couto por Sionella e por Lestedo e por Vila<esc>riz<sup>38</sup> ata o Tamare. E con consello y autoridade de muitos bispos e nobres varons, por honrra e reuerencea de tan grande apostole edificou ende mui grande e noble eygreje, e sigun que agora ved<i>s<sup>39</sup>. E mudou o bispado de Yrea na santa eygreje do apostole Santiago, pero que o fezo sin licencia do papa.

A cal licencea depois a gran tempo gonou o bispo Dalmaceo por priuilego do papa Vrbano, que lla deu, perol con tal condiçon que sempre a se de Yrea fose a segunda se onrada. Que regeron a santa cathedra apostolica foron os bispos de Yrea fasta don Diego Paez<sup>40</sup>, que foi o vltimo bispo de Yrea. E conten[s]e<sup>41</sup> nos preuilegios da Eygreje de Yrea que en ela son sepultados vinte e oito bispos santos, por reuerencea dos quais ende son outorgadas vinte e oyto carentenas de perdon.

## III

3.1. Et o arçobispo de Santiago don Rodrigo de Luna, ultimo pasado, que y jaz sepultado dentro do coro da[s] gradizellas do altar mayor de Santa Maria d'Iria de Padron, o qual pasou moytos traballos en guerras con os caballeyros de seu arçobispado et con os cidadaos desta cidade de Santiago; outrosy con [fl. 3vb] o conde de Trastamar, que se apoderou enna cidade. Porlo qual, el yndo a mandado de noso señor el rey, {se levantaron /se/} contra el, non lle querendo obedescer por señor, et esto porlos pedidos grandes que el deytara enna cibdade; et villas et lugares desasperaron del. Esto foy enna era de mill et quatrocentos et cinquenta et nove anos. Outrosy el querendo cobrar sua eglleja et cidade, trouxo grandes et moy nobres condes consigo, o qual tragiria ben seyscentos omes d'armas et tres mill pioos. Et vieron sobrela cidade, mays non {sse ousaron de /se/ /a/ chegar aa cidade} porla grande gente de homes d'armas et homes de pee que ende ajuntaran o conde de Trastamar et os caballeyros. Et foyse pousar con elles à Rocha de Santiago.

Et dali en diante partironse para suas terras; non lle fezeron mays ajuda. Estes condes era[n] hũu Pero Alveres de Cabreyra, conde de Lemos, et outro o conde de Benabente. Porlo qual o arçobispo ficou enna Rocha Bra[n]qua de Padron, et ally se reparava con muytas ajudas que lle ende fazian; que tiina /el/ y acerqua de dozentos homes d'armas: hũus de Lopo Sanches seerian quorenta escudeyros, Vernaldo Yanes et seu yrmão con toda a cassa de Moscoso, Gomes Peres das Marinas, Alvaro de Souto Mayor, Fernan Peres d'Andrade; ende vespera que o fillo de Fernan Peres {/chegou/}, que se el finou, tragia oytenta rociis. Esta gente tenia el ja achegada para se lançar sobre Santiago; et Deus tevo por ben de o levar para sy. Et quada hũus {foron/se/} para suas casas, salvo oyteenta omes d'armas que y tiina o conde de Lemos. Estes non [fl. 4ra] se partiron dally fasta que veeo o yrmão (s) do arçobispo de Sevilla con quatrocentos omes d'armas, et poso rayal en derredor de toda a cidade de Santiago. Esto foy enna era de [m]ill CCCC<sup>tos</sup> et LXI. Durou o cerquo des dia de Santa Maria de março fasta pasado o San Juan, que he enno mes de <juyo>. Outrosy <resgistiron>

con o arçobispo don Rodrigo o cabildo de Santiago enna villa de Padron acerca de dous anos, fasta que se descerquou a cibdade et se partio dende o conde de Trastamar para sua terra. Enno camiño se lançou hũu capitan do conde de Lemos et lle matou muyta gente, et o desbaratou et lle prendeu dous fillos, porlo qual estiveron presos gran tenpo.

Enna era de mill et quatrocentos et saseenta et cinco, prendeu Vernaldo Eanes de Moscoso ao arçobispo de Santiago don Afonso de Fonseca enna villa de Noya, et o teve preso dous anos, pouquo mays. Outrosy seus criados fazian guerra a este caballeyro quanto podian, entanto que estes criados deste arçobispo prenderon dez et seys binificiados, os quaes eran arcidianos et cardeas et canonigos, porlos rescataren por dineyro; porlo qual, quando os ce/y/baron, rescataronnos por quinentas dobras. Outrosy este caballeyro lles veeo poer cerquo enna santa eglleja de Santiago en dia de Santa Maria Madalena, era de mill et CCCC<sup>tos</sup> LXVI anos. Ao Santiago que vina, os da eglleja poseron fogo enna Prataria et en derredor de tod' a eglleja, et ardeu todo. Este dito dia oubo este caballeyro hũa seetada, en dia de Santiago, porlo pescoço; durou fasta dia de Santo Agostin, que he enno mes <d'agosto>. [fl. 4rb] Por esto non se quitou o cerquo dos outros caballeyros.

Durou este cerco fasta janeyro; durou cinco meses fasta que ouveron sua concordia os caballeyros et con a cidade de Santiago, /con o arçobispo/; et por dez anos que non viese a seu arçobispado. En este cerquo morreu moyta gente de fora. Et os da eglleja fazian moyto mal con hũu trabuquo con que tiravan de cima da eglleja: lançava a pedra fasta a rua do Camiño. Et elles moy fortes en armas, entanto que aos palanquates vinan prender os homes et deyxavan outros feridos et se tornavan a sua eglleja. Despoys desto, nostro señor Jhesu Christo se vingou ven deles, porque todos eran perversos en maldades contra el; entanto que foy despoys desto muy grande mortalda, asy de moços como de omes et mollerres et dos caballeyros, que era hũa grande maravilla. Durou hũu ano contino esta mortalda en todo o reyno de Galliza.

3.2. En este encomedio, levantouse toda a terra con a Santa Yrmandade, entanto que nunca deyxaron fortolleza en todo o reyno de Galiza. Et esto foy porla maa vivenda dos caballeyros, que non

fazian senon furtar et roubar. Et por esto quiso Nostro Señor tornar porlo seu pobóo, que era este reyno de Galiza, todo destroydo porla maa vivenda destes caballeyros, entanto que tres deles morreron /enno segundo ano/ que tiveron a egleja de Santiago cerquada, et non fiquou deles fillos nen fillas, o qual foy hũu Vernaldo Eanes de Moscoso et seu yrmão Alvaro Peres de Montãos et Lopo Peres de Mendoça. Os outros que ficaron, ficaron ataes ben como o primeyro día que nasceran: sen terras et sen vallos.

/En este encomedio morreu Alvaro Páás de Souto Mayor enna cibdade de Tuy. Estava cerquado da Santa Irmandade; seerian fasta cinco mill omes de pee e de caballo. Mandou que entregasen a cibdade à Yrmandade. Falesceu enno mes de março, ano Domini Millesimo CCCC<sup>mo</sup> sesagesimo oytavo. Socedeu en seu lugar seu yrmão, Pero <Alveres> de Souto Mayor./

## IV

4.1. [fl. 4va] Enna Egleja de Santiago foron quatorze os obispos et tres regedores que a tiveron por tenpos fasta o bispo don Diego Gelmeriz, que foy o ultimo bispo et o primeyro arçobispo, o qual a regeu et governou moy santamente, segun que adiante seera dito.

Et desde que o dito don Afonso o Casto conpreu sua romaria, tornou para as Esturias para se véer con Carlo o Mano, rey de França, et finouse ennas Esturias. Et socedeu enno reyno seu sobriño Ranamiro, fillo de Veramundo, yrmão de Froyla, porque el rey don Afonso non avia fillos; et esto en tempo de Theodomiro obispo.

Et foron entonces ajuntados moytos sabedores sobre razon de como chamarian aa egleja onde jazia o corpo do apostolo Santiago. Et hũus dizian que lle chamasen “Lugar Santo”, et outros dizian “Liberum Donum”, et outros dizian que lle chamasen “Conpostela”.

Et o dito santo Theodomiro, vicesion obispo de Yria, foy o primeyro obispo que regeu a santa séé do apostollo Santiago en tempo de Carlo o Magno, rey de França, et de don Afonso o Casto, rey d’España. Et finouse o dito don Theodomiro, santo et religioso varon, et socedeu en seu lugar A(l)teulfo et foy ordenado obispo enna santa séé do apostollo Santiago.

## IV

4.1. Ena Eygreje de Santiago foron catorce bispos e tres regedores [fl. 5r] que á teueron por tempos fasta o bispo don Diego Gelmirez, que foi o vltemo bispo y o permeiro arcebispo, o cal á regeu e governou mui santamente, sigun que adiante sera dito.

E desde que o dito don Alfonso o Casto compriu sua romaria, tornou para as Estureas para se uer con Carlo Mano, rei de Francea, e finouse nas Esturias. E socedeu no reino seu sobriño rei Ramiro, fillo de Bermudo, irman de Froila, porque el rei don Alfonso no auia fillos; e isto en tempo de Teudomiro, bispo<sup>42</sup>.

E foron estonces juntados muitos sauidores sobre raçon de como chamaría a eygreje donde yazia o corpo do apostole Santiago. E uns decian que lle chamasen “Lugar Santo”, outros “Liber Donum” y outros decian que lle chamasen “Compostela”.

Y o dito San Theodomiro foi ó permeiro bispo que regeu a santa sede do apostole Santiago en tempo de Carlomano, rei de Francea, e de don Alfonso o Casto, rei de España. E finouse o dito Theodomiro, santo e relixeoso varon, e socedeu en seu lugar Ateulfo e foi ordenado bispo na santa se do apostole Santiago<sup>43</sup>.

4.2. Et morto Renamiro, socedeu enno reyno Ordonio, seu fillo. Et aa fin de [A]theulfo, obispo, socedeu enno santo lugar outro Atheulfo, obispo santo; o qual foy acusado de sodomia de quatro seus criados, [fl. 4vb] serventes da eglleja, et foy lançado enna praça con hũu touro bravo. Fezerono por razon de tan feo et tan grande pecado, por que suas carnes fosen ronpidas et, en tan grande praça, postas aa vergonça et aa morte por aquel touro bravo. Mays como a miser[i]cordia de Deus non desanpara aaos que en ella confian, et porque o santo obispo era sen culpa, libroo Deus como adiante dira. Veendo asy o santo obispo condenpnado por sentença tan cruel et con tal falso testemoyo, levantouse muy de manãa aquel dia que o asy avian de lançar ao touro et, confiando da piedade de Deus, celebrou missa con vistimenta de pontifical. Et acabada a missa, asy o tomaron como estava vestido enna vistimenta et muy cruelmente o levaron ao touro bravo. Miragre de Deus! A como quer que a aquelas oras poseron os cães ao touro et começaronno de garrotar porlo ensanar por que viesse ao santo obispo, et a como que o asy agarotaron et lle poseron os <cães> et lle asobiaban porlo ensanar, nunca o touro bravo curou de lle fazer mal ao santo obispo, antes se foy asentar de gionllos ante el, manso como se fose cordeyro. Et entonces o santo obispo o tomou porlos cornos, os quaes lle logo ficaron ennas mãos, et o touro se foy en paz. Et quando el rey et todolos que ende estavan viron atan grande miragre, foron moyto espantados; et os seus falsos criados, que lle levantaron o falso testemoyo, foron justiçados. Et o santo bispo leyxou a denidade et maldiso {el}, et foise para as Esturias [fl. 5ra] et finouse enna era de novecentos et quatro.

Et en memoria de tanto miragre, o manto con que el disera a missa et levaba vestido aquel dia que o deytaron ao touro foy despoys de tanta vertude que se algũu obispo o vestise para celebrar con el, et esteve/se/ en algũu pecado, non llo podian despoys sacar por nĩhũa maneyra. O qual teveron enna dita eglleja por reliquias gran tempo, et ningũu obispo non era ousado de o vestir fasta que porlos mouros se perdeu a terra.

Et despoys Sisinando, obispo, seu sobrino e socessor, trouso o corpo do dito santo Atheulfo de Asturias, et con grande onra o sepultou en Conpostella. Et porlo pecado que contra el fezeron, vieron

4.2. E morto ò rei Ramiro, socedeu no reino Ordoño, seu fillo. Y a fin de Ateulfo, bispo, socedeu en ó santo lugar outro Ateulfo, bispo santo<sup>44</sup>, o cal foi acusado de sodomia de catro seus criados, seruentes de eygreje, [e]<sup>45</sup> foi lanzado na praza con un touro brauo. Fezerono por raçon de tan feo e tan grande pecado, por que as suas carnes fosen rompidas en tan grande praza, postas a vergonça y a morte pour aquel touro brauo. Mais como a miserecordea de Deus non desampara á os que nela confian, e porque o santo bispo era sen culpa, o libro Deus como adiante se dira. Vendos'asi o santo bispo condenado por sentença tan cruel e con tan falso testimonio, leuantouse mui de mañan aquel dia que o ansi auian de lanzar ô touro e, confiando da piedade de Deus, celebrou mi[sa]<sup>46</sup> con vestimenta de pontifical. Y acabada a misa, asi o tomaron como estaua vestido na vestimenta e mui cruelmente ó leuaron a o touro brauo e começaronno d'agarrochar<sup>47</sup> polo ensañar por que viesse a o santo bispo. Milagre de Deus! Aquela ora lle puxeran os cans e lle asobiauan, e nunca o touro curou de lle facer mal [fl. 5v] ao santo bispo, antes se foi asentar de gionllos ante el, manso como si fora cordeiro. Y entonces o santo bispo o tomou po los cornos, os quais lle ficaron logo nas mans, y o touro se foi en paz. E cando el rei e todos os que ende estauan viron tan grande milagre, foron mui espantados; y os seus falsos criados, que lle lebantaron o falso testimonio, foron ajusticeados. Y o santo bispo deixou a denidade e foise para as Estureas e finouse na era de nobecentos e catro.

Y en memorea de tanto milagre, o manto con que el dixer'a missa<sup>48</sup> e lebauo<sup>49</sup> vestido aquel dia que o deitaron ao touro foi despois de tanta virtude que, s'algun bispo o vistise para celebrar coele y estouese en algun pecado, non llo podian depois sacar por nenguna maneira. O qual teueron na dita eygreje por reliquias grande tempo, e ningun bispo no era ousado de o vistir fasta que po los mouros se perdeu a terra.

E despois Sisinando, bispo, seu sobriño e sucesor, trouxo o corpo do dito bispo Santo Atheulfo das Estureas a Compostela. E polo pecado que contra el feceron, vieron cen naues armadas de normanos a Galicea e guerrearon por tres anos e destroyron a terra en tal guisa que matauan e catiuauan omes e mulleres y os moços pequenos.

cen nabes armadas de normanos a Galiza, et guerrearon por tres anos et destroyron a terra, por aquel pecado que fezeron contra o santo obispo Atheulfo, en tal guisa que matavan et captivavan homes et molleres et os moços pequenos.

4.3. Et morto Ordonio, reynou seu fillo don Afonso, nobre varon, con a rayna dona <Gimeŕ/n/a> et con seus fillos: Tareyja, <Ordonio>, Renamiro, Froyla et Gonçalvo. Et vieron en romaria a Santiago, et costituyron et fondaron enno santo lugar mayor eglleja et moy boa. Et ordenaron Sisinando obispo, en seu lugar, capellan mayor, o qual foy o quarto obispo en Santiago. Et feyta asy a dita eglleja, enna era de novecentos et dez et sete, consegraron a dita eglleja {os seguintes (os) obispos}: primeiramente Sisinando, obispo do dito lugar; Nauste de Coynbra, Luca de Saragoça, Argemiro de Lamego, Gomando da [fl. 5rb] Garda, Theodomiro de Viseu, Jacobo de Aureense. Et entonces el rey et a rayna et os infantes deron grandes dadivas et joyas, asy à santa sée e iglleja como aos bispos, et <coutaron> et fra[n]quearon o Santo Lugar et o bispo et clerigos da dita sée.

Et dende o santo bispo Sisinando, varon religioso et casto, ordenou moytas boas cousas da eglleja et clerizia et da familia. Et edificou et fezo o mosteyro d'Antealtares, so abbade Hateulfo; et o mosteyro de Pineyro, que agora dizen de San Martino, so abbade Gudo; et a eglleja de San Fiins do Loveo, onde estan as reliquias de San Fiins, para receber os pobres serventes da obra de Santiago. Et fezo os ditos mosteyros et sostentoos das rendas da eglleja, por que se algũs dos canonicos envellescesen et quisesen servir a Deus enno abito monacal, que fosen ende monjes. Et quantos descenderon da linajeen daqueles quatro que acusaron seu tio, o bispo santo Hateulfo, fezóos escravos et servos da eglleja para senpre, et que nunca eles nin sua linajeen ouvesen onras nin oficios da eglleja.

Et el rey et a rayna et seus fillos tornaronse para a[s] Esturias. Et aa morte do dito nobre rey don Afonso, reynou seu fillo don Garcia enna era de novecentos et quorenta et dous. Et morto don Garcia, reynou seu yrmão Ordonio enna era de novecentos et cinquenta et dous.

4.3. E morto Ordoño, reino seu fillo don Alfonso, nobre varon, co a reina *doña*<sup>50</sup> Ginebra, e con seus fillos Froila e Gonçaluo vieron en romeria a Santiago, e co as fillas Tereija, Ordonia e Ranimira. E constituiron e fondaron no santo lugar mór eygreje e mui boa y ordenaron Sisnando bispo, en seu lugar, capelan mor, o cal foi o carto bispo en Santiago<sup>51</sup>. E feita asi a dita eygreje, os siguientes bispos –primeiramente Sisnando, bispo do dito lugar; Nauste de Coimbra, Luca de Zaragoza, Argemiro de Lamego, Gomando da Garda, Theodomiro de Viseu, Jacobo de Aureense– consagraron a dita eygreje na era de nobecentos e dezasete<sup>52</sup>. Y entonces o rei y a reina y os ynfantes deron grandes dadiuas e joyas, asi a santa se y eygreje como aos bispos dela, e franquearon o santo lugar y o bispo e cregos da dita se.

E d'ende o dito santo bispo Sisnando, varon religioso e casto, ordenou muitas boas cousas da eygreje e creguecia e da familia. [fl. 6r] E edificou o mosteiro d'Ante Altares só o abbade Ateulfo y o mosteiro do Piñeiro, que agora din Santo Martiño, só o abbade Gudo, y a eygreje de San Finz de Louro, onde estan as reliquias de Santo Finz, para receuer os probes seruentes da obra de Santiago<sup>53</sup>. E fez os ditos mosteiros e sustentouos das rendas de eygreje por que s'alguns dos canonegos embellecesen e quixesen seruir a Deus no abito monacal, que fosen ende monjes. E cantos decenderen do liñage daqueles<sup>54</sup> catro que acusaron seu tio Ateulfo os fiço escravos e servos da eygreje para sempre, e que nunca eles nen seu liñage ouvesen honrras nen oficeos de eygreje.

Y el rei y a reina e seus fillos tornaronse par'as Estureas. Y à morte do dito nobele rey don Alfonso reinou seu fillo don Garcia na era de novecentos e cincoenta<sup>55</sup> e dous. /E morto don Garcia, reinou seu hirman Ordoño na era de 952/<sup>56</sup>.

4.4. Et estonces don Juan, obispo de Revena, que despoys de Sam Pedro cento et trinta et hũu anos regeu et governou a Eglleja de Roma, [fl. 5va] conoscendo a santidade do bispo Sisinando, {envioullor} por hũu seu porteyro leteras que rogase por el a Deus et ao Apostollo, señor Santiago, que fose seu defensor en este mundo et enno outro. Ao qual papa, o dito obispo Sisinando envioullor Ganelo, seu capellan, con grandes gracias; porlo qual capelan, el rey Ordonio enviou ao papa grandes joyas. O qual Ganelo morou en corte do papa hũu ano et trouxo para aa dita eglleja de Santiago moytos libros et joyas que lle enviou o papa ao obispo. Et despoys o santo obispo Sisinando se finou enna era de novecentos et cinquenta et oyto. Et enna sua morte oyron cantares dos angeos que dizian: “Veni, electi Dey, in terra in gaudium Domini tui”.

4.5. Et socedeu en seu lugar o bispo Gondesindo, quinto, que era fillo do conde don Loys; o qual usou mays do officio seglar ca do officio da Eglleja, et viveo mal et en pecado. Et ao tempo da morte morreu morte supitanea. Pero sua madre, que era moller moy devota, con grande nojo, lançouse con gran gemedo e lagrimas en oraçon de noyte et de dia ante o altar de Santiago, rezando a Deus porla alma do dito seu fillo que morrera; nin recebera os sacramentos de santa Eglleja. Et à vista de todos vieron os diabros por el. Et fazendo a dita oraçon, dava a proves todo quanto podia por amor de Deus. Et jazendo asy ante o altar de Santiago en oraçon, esperando que porla misericordia de Deus et rogo do apostollo Santiago que seu fillo fose librado [fl. 5vb] do poderio do diablo, et como ela era ja moy fraqua dos jajüus et vigílias et orações, hũa noyte, ante o altar de Santiago, moy cansada, adormeceuse et pareceulle que via todos los libros que siian enna dita eglleja, et que os queymava hũu santo varon. Et ela espantada, espertouse et disolle hũa voz: “Sabe que por tuas orações o teu fillo he tornado aa conpana dos santos, he perdoado de todos seus pecados et librado do poder do diablo por rogo do apostollo Santiago”. Et quando a boa dona oyeu aquela voz, foy moyto alegre et dou moytas graças a Nostro Señor Deus. Et despoys senpre viveu religiosamente et finceu sua vida en paz.

4.4. Y estonces don Joan, o bispo de Rauena, que despois de Santo Pedro regeu e governou a Eygreje de Roma, coñecendo a santidade do bispo Sisinando, embiulle por vn seu porteiro letras que rogase por el a Deus y o apostole Santiago que fose seu defensor neste mundo e no outro. Ao qual papa o dito bispo Sisinando embiou Janelo, seu capelan, con grandes gracias; po lo cal capelan o rei Ordoño embiô ô papa grandes joyas. O cal Janelo morou en corte do papa vn ano e trouxo para a dita eygreje de Santiago muitos libros e joyas que lle embiou o papa a o bispo. E despois o santo bispo Sisinando se finou na era de novecentos e cincoenta e oyto. E na sua morte ouuiron cantares de anjos que decian: “Veni, electe Dei, entra in gaudium Domini tui”.

4.5. E socedeu en seu lugar Gondesindo, quinto bispo<sup>57</sup>, o cal era fillo do conde don Luis; o cal vsou mais d’officeo segrar ca do officeo da Eygreje e bibeo mal y en pecado. Y ao tempo da morte morreu a morte<sup>58</sup> supitanea. Perol sua madre, que era muller mui deuota, con grande nojo<sup>59</sup> lançouse con gran gimido e lagrimas en oraçon de noite e dia ante o altar de Santiago rezando a Deus po la alma do dito seu fillo, que morrera e non receuera os sacramentos da santa Eygreje. Y a vista de todos vieron os diabros por ele. E facendo a dita oraçon, da[ua]<sup>60</sup> a proues todo canto podia por amor de Deus. E jacendo asi di[ante]<sup>61</sup> [fl. 6v] o altar de Santiago en oraçon, esperando a que po la misericordea de Deus e rogo do apostole Santiago que seu fillo fose librado do poder do diablo, e como ela era ja mui fraca dos jejun<sup>62</sup> e vigíleas y oraçons, vna noite, ante o altar de Santiago, mui cansada, adormeceuse e pareceulle que via que todos los diabros que sian na dita eygreje e que os queimava vn santo varon<sup>63</sup>. Y ela espantada, espertouse e dixolle vna voz: “Sabe que por tuas oraçons o teu fillo he tornado â compañía dos santos y he perdoado de todos seus pecados e librado do poder do diablo por rogo do apostole Santiago”. E cando a boa dona oyu aquela voz, foi mui alegre e deu muitas graceas a Noso Señor Jesuchristo. E despois sempre bibiu religiosamente e feneceu a sua vida en paz.

Et el rey Ordonio, despoys de moytas batallas et vitorias de mouros que venceu, et muytas provações de villas et lugares que fezo et dous obispados que novamente fezo et ordenou; conven a saber: Mondane(l)do et Leon, et moytas egllejas que restourou et dotou, doente de neumanca se finou en Leon. Et reynou seu yrmão Froyla enna era de novecentos et saseenta et dous. O qual Froyla dou Montãos à Eglleja de Santiago.

4.6. Et morto Gondesindo, obispo, foy consegurado Eremegildo, o sexto obispo de Santiago, que foy home lubrico et mu[n]danal. Hũu seu moordomo, a que dizian Nonia, tomou hũa vaca a hũa vella viuba que tiina oyto fillos que mantina con o leyte daquella vaca. Et a vella con lagrimas lançouse aaos péés do bispo, et el non ouvo dela misericordia. Et con o primeyro bocado [fl. 6ra] que el comeu da baca rebentou porlo medio et morreu maa morte supitania. Et sepultado en hũu moymento enno qual, por divinal juizo, se (le) levantou fogo do ceoo, o qual queymou todo o moymento et sepulcro en persona et [aa] vista de todos.

4.7. Et morto Froyla, reynou don Afonso, fillo de Ordonio, seys anos et seys messes. Et veõ a Santiago en romaria et dou ende muytas joyas et privilegios, segun se conten ennos libros dos privilegios. Et tornouse monje et renunciou o reynado a seu yrmãoo Renamiro, que reynou enna era de novecentos LXVIIIº anos.

Et en aquel tempo veõ Haudirahaman, rey de Cordova, con muyta compañia de mouros a Castilla; et foy vencido et tornouse a Cordova. Et porque toda a España fora destroyda en tempo del rey don Rodrigo, subjugada porlos mouros et feyta trabutaria, que lles davan os reys d'España cada ano cen donzellas virgões de maravillosa firmosura et cinquenta moços fillos dos nobres d'España, et outros tantos fillos dos homes do pobóo. Et avia dez anos que lles non pagaran as parias, et enviaron pedir as parias dos ditos dez anos. Et veendo o nobre rey Remiro o gran tributo que asy avian de pagar aos mouros et gran pecado que se seguia en dar as ditas donzellas para que conprisen enllas sua luxuria, o gram captiverio que era en España en dar cada ano tan nobres varoões, ouvo seu

O rei Ordoño, depois de muitas vatallas e vitoreas de mouros que venceu e muitas poblaçons de vilas e lugares que feço e dous bispados que nouamente feço y ordenou, conuen a sauer, Mondañedo e Leon, e muitas eygrejes que restourou e detou, doente de neumanca se finou en Leon. E reinou seu irman Froila na era de nouecentos e sasenta e dous. O qual Froila deu Montaus a Eygreje de Santiago.

4.6. E morto Gondesindo, bispo, foi consagrado Hermenegildo, o sexto bispo de Santiago<sup>64</sup>, que foi ome lubrico e mondanal. Vn seu mordomo, [a]<sup>65</sup> que decian Noma, tomou vna baca a vna bella viuda que t[i]ña<sup>66</sup> oito fillos que mantiña cô leite daquela<sup>67</sup> baca. Y a bella co[n]<sup>68</sup> lagrimas lançouse aos pes do bispo, y ele non ouo dela lastima<sup>69</sup>. E con o permeiro bocado que el comeu da baca rebentou po lo medeo e morreu mâ morte supetanea. E<sup>70</sup> sepultado nun muymto no cal, por deuinal juicio, se lebantou fogo do ceo, o cal queimou todo o muimento e sepulcro en presenza e vista de todos.

4.7. E morto Froila, reinou don Alfonso, fillo de Ordoño, seis años<sup>71</sup> e seis meses. E veu a Santiago en romaria e deu ende muitas joyas e preuilegeos, segun se conten nos libros dos preuilegeos. E tornouse monge e renunciou o reinado a seu irman Renamiro, que reinou na era de nouecentos e sasenta e oito anos.

No cal tempo ven Audirahaman, rei de Cordoua, con muita compañia de mouros a Castilla; e foi vencido e tornouse a Cordoua. E porque toda a España fora destroyda en tempo do rei don Rodrigo, [fl. 7r] sojuogada po los mouros e feita trebutaria, que lles dauan os reis de España cada ano cen doncelas virgens de maravillosa fermosura e cinquenta moços fillos dos nobres de España y outros tantos fillos dos homes do pobo. E auia dez años<sup>72</sup> que lles non pagaran as pareas, e embiaron a pedir as pareas dos ditos dez anos. E vendo o dito nobre rei Ramiro ò gran tributo que assi auian de pagar aos mouros e gran pecado que se seguia en dar as ditas doncelas para que cumprisen nelas sua luxuria, o gran catiuero que auia en España en dar cad'ano tan nobres varons, ouuo seu consello açerca da cidade

consello acerca da cidade de Lion con todos os arçobispos et obispos, abbades, religiosos et con todos os principes de seu reyno. Et foy acordado [fl. 6rb] que mellor {era en batalla que sofrer et} padecer tanto obprobrio et determento da santa fe catholica. Et avido asy o dito consello, juntou todas suas gentes quantas era[n] para tomar armas et para pellejar, et foy a Majara et dende a hũ lugar que dizen Alvella. Et como souberon os mouros que el rey don Ramiro ya sobre elles, lançaron pregom por todos seus reynos de ale[n]-mar. Et vieron tantos mouros que non avian conto et pellejaron con el rey; porlos seus pecados foron vencidos os christaãos. A cruel peleja et morte que entoncos foy feyta ennos christaãos non sse poderia(n) contar sen grandes lagrimas: et todos mortos et feridos, salvo que fogueu el rey don Ramiro con pouquos, fasta trezentos, que o seguiron. Et posose en hũ outeyro que se dizia Clavilion et, ajuntados en cima de hũa moa toda a noyte, estiveron con lagrimas et en oraçon, non sabendo que de sy fezesen. Et con gran traballo et nojo et pesar, adormeceu el rey Ramiro et apareceulle o apostollo Santiago, defensor das Españas, caballeiro en cima de hũ caballo branquo, et con hũ pendon en hũa aste de hũa lança levantado, enno qual parencia hũa cruz et con hũa espada enna mão desnuda. Et quando el rey o beo, oubou pavor et preguntoulle quen era. Et el respondeu:

—Eu soo o apostollo Santiago, a que meu señor Jhesu Christo encomendou toda España, a qual me caeu por sorte para que a convertese aa sua santa fe catholica et a defendese. Porende confortate et levantate et todos los que contigo son, et fays dizer missas et confesar et comungar todos, et sal [fl. 6va] a pelejar con os mouros que te téen cerquado. Et eu irey ante as asses et ante ty con estas armas et pellejarey por ti; et Deus te dara vitoria de todos los enemigos.

Et el rey, como despertou, chamou os arçobispos et bispos et caballeiros que con el estavan et disolles a vison. Et logo se confe/sa/ron todos et comungaron et oyron missa. Et oyda a missa, con muitas lagrimas et sospiros, ordenaronse o mellor que poderon et sayron aa batalla. Et logo, en sayndo, o apostollo Santiago paresceu ante elles en cima de seu caballo branco enna maneyra que aparecera a el rey. Et às horas, como os christaãos o viron, et deron grandes voces chamando: “Ajudanos Deus et señor Santiago!”. Et ally foy el

de Leon con todos los arçobispos e vispos, abbades, religiosos e con todos los principais do seu reino. E foi acordado que millor era en batalla morrer que sufrir e padecer tanto apremio e oprouio e detrimento da santa fe catholica. Y auido asi o dito consello, juntou todas suas gentes cantas eran para tomar armas e para pelejar, e foi a Nagera e d’ende a un lugar que dicen Albela. E como souberon os mouros que el rei don Ramiro ya sobr’eles, lançaron pregon por todos sus reinos de Alemar<sup>73</sup>. Vieron tantos mouros que no auia conto e pelejaron con el rei<sup>74</sup>, e po los seus pecados foron vencidos los cristans. A cruel peleja e morte que ende foi feita nos christans non se podeira contar sen grandes lagrimas; e todos mortos e feridos, saluo que fogueu o rei don Ramiro con poucos, fasta trezentos, que o seguiron. E posose en vn oteiro que se dicia Clavilion e, ajuntados encima duna moa tod’a noite, estiveron con lagrimas en oraçon, non sabendo que de si fecesen. E con gran traballo e nojo e pesar adormeceu el rey Ramiro y apareceulle o apostole Santiago, defensor das Españas, caualeiro encima dun caballo branco e con vn pendon nuna haste duna lança libantado, no cal parecia vna cruz con una espada desnuda na man. E cando o rei o viu, ouuo pavor e preguntoulle que era. Y ele respondeu:

—Sô o apostole Santiago, a quen meu señor Jesuchristo encomendou toda España, a cal me caeu por sorte para que a convertese a sua santa fe catholica y a defendese. Por ende confortate e levantate e todos los que contigo son [fl. 7v] e faz decer missas, comfesar e comulgar todos, e say a pelejar con os mouros que te ten cercado. Y eu irey ante tuas haces y ante ti con estas armas e pelejare por ti; e Deus te dara vitoria de todos los enemigos.

Y el rei, como despertou, chamou os arçobispos e bispos e caualeiros que coele estavan e disolles a vison; e logo se confesaron todos e comulgaron y oiron missa. Y oida a missa, con muitas lagrimas e sospiros, ordenaronse o mellor que poderon e sa[i]r[o]n<sup>75</sup> à batalla. E logo, en saindo, o apostole Santiago pareceu ante eles encima do seu caualo branco en a maneira que aparecera al rey. Y às horas, como os cristans os viron, e deron grandes voces chamando: “Ajudanos Deus e señor Santiago!”. Y ali foi a primeira vez que chamaron “Santiago” en España. E tanta foi a gracia de Deus y ajuda do Apostole, señor

a primeyra vez que chamaron “Santiago” en España. Et tanta foy a graça de Deus et a ajuda do Apostollo, señor Santiago, que el rey don Ramiro, con aquela pouqua gente de christaños que consigo tiina, venceu todo aquel gran poder dos mouros et matou deles moytos sen conto et venceu a batalla. Et desde aly, porla graça de Deus et do apostollo Santiago, foy librada toda España das parias et do poderio dos mouros. Et foy coussa verdadeyra que os christaños, como os mouros, viian corporalmente pelear o apostollo Santiago. Et vencida a batalla, porla graça de Deus et ajuda do apostollo Santiago, el rey don Ramiro, con consello et acordo de todolos de seu reyno, poso esmolda para senpre en toda España desde Pisorga ata o mar ociano: en cada jugada de boys, hũa faneyga de [fl. 6vb] t[r]iigo ou de pan por voto para a egleja do apostollo Santiago. Foy enna era de <nobecentos> et sateenta et dous anos.

4.8. Et despoys de Ormigildo, obispo, foy don Sisnando, fillo do conde don Mendo, foy consegurado en obispo septimo enna Egleja de Santiago. O qual era de noble linajêe et de grandes parentes et requizas, porlo qual foy partido da ecclesiastica disciplina. Pero, avido consello con el rey don Sancho porla cruel guerra dos normanos et frandeses et roubos que moytas vezes fazian entrada porlo mar, et chegandose acerca da cibdade de Santiago, por que non ocupassen o corpo do apostollo Santiago nin o podesen tomar, con grandes traballos começou a cerquar o santo lugar de Conpostella de torres et muros et almenas et vallos et fossas, lançando agoa en ellas. Et como era muy poderoso et fidalgo, oprimeu a fa/mi/lia et servidores da egleja et dos mosteyros de Cünz, Sobrado et Caneda, destrabendo mal as cousas da egleja, dandoas aos parentes et fidalgos. Et sendo estas cousas notas a el rey don Sancho, fezoo amoes-tar por moytas vezes, asy por el como porlos señores da egleja, que se enmendase et corregese. Et porque era de alto sangue et soberbeo, non se quiso enmendar. Et el rey mandoo prender et encarcerar, et poso en seu lugar a don Roseende, obispo oytavo, fillo do conde don Fernando et da condessa dona Aldara, que era de linajee real.

4.9. Et o dito rey don Sancho provou moytas eglejas, villas et castellos, et [fl. 7ra] venceu muytas pelejas. Et entraron en Purtugal con

Santiago, que el rei don Ramiro, co aquela pouca jente de cristans que consigo tiña, venceu todo aquel gran poder dos mouros e matou deles muitos sen conto e venceu a batalla. E desd’ali, po la gracea de Deus e do apostole Santiago, foi librada toda España das pareas do poderio dos mouros. E foi cousa verdadeira que os cristans, como os mouros, viian corporalmente pelear o apostole Santiago. El rei don Ramiro, con consello y acordo de todolos de seu reino, poso esmola<sup>76</sup> para sempre en toda España desde Pisorga ata o mar oceano: en cada jugada de bois, vna fanega de trigo ou de pan por voto para a eygreje do apostole Santiago. Foi na era de nobecentos e satenta edous anos.

4.8. E despois de Hermenegildo, bispo, foi don Sisnando consagrado en obispo<sup>77</sup> <sup>7<sup>o</sup>78</sup> –y era fillo do conde don Mendo– na Eygreje de Santiago. O cal era de nobele liñage e de grandes parentes è riquezas, po lo cal foi partido de eclesiastica disciplina. Pero, auido consello con el rei don Sancho po la cruel guerra dos normanos e franceses e roubos que muitas veces facian entrando pola mar e chegandose cerca da eygreje de Santiago, por que non ocupasen o corpo do apostole Santiago, non o po[fl. 8r]disen tomar, con grandes traballos começou a cercar o dito lugar de Compostela de torres e muros y almenas e valos e fosas, lançando agua nelas. E como era mui poderoso e fidalgo, opremeo a familia e seruidores da eygreje e dos mosteiros de Cruz, Sobrado e Caneda<sup>79</sup>, destrahendo mal as cousas da eygreje, dandoas aos parentes e fidalgos. E sendo estas cousas notas ao rei don Sancho, feçoo amonestar por muitas veces, assi por el como polos señores da eygreje, que se emendase e corregese. E porque era de alto sangue e soberueo, non se quixo emendar. Y el rei mandou o prender y encacerar, e poso en seu lugar a don Rosendo<sup>80</sup>, bispo oitavo, fillo do conde don Fernando e da condessa doña<sup>81</sup> Aldara, que era de liñage real.

4.9. Y o dito rei don Sancho pobou muitas eygrejes, vilas e castelos, e venceu muitas pelejas y entrou en Portugal con muitos condes e

muytos condes et vizcondes, a seu oror fezo pazes et amistanças. {En esto, hũu seu <criado> et consello, a que dizian don Gonçalvo, deronlle poçoia como treedor}. Et quando el rey se sentio enpoçonado, parteuse para Leon et finouse enno camino. Et foy sepultado enno mosteyro de Castrello en Riba de Miño porlo abbade don Gido.

Et a rayna, sua moller, quedou enno dito mosteyro, et moy devotamente fazia suas orações et esmoldas por el rey. Et hũu dia, sabado, estando ella continua oraçon ante o altar, paresceulle el rey, seu marido, que o tragian dous diabros atado en duas cadeas de ferro. Et el disse à rayna: “Ben fazes, continua en tua oraçon”. Et ella espantada de tal vison, continuou en jajuus et orações et en esmoldas por quorenta dias. Estando ella asy, dou hũa pelle que tragia [a] hũu pobre sacerdote que andava desnudo. Et continuando asy en bõas obras con grande devaçõn, a cabo de outros quorenta dias, estando ela ante o altar mayor do mosteyro, en sua oraçon rezando, paresceulle o dito rey don Sancho, seu marido, vestido de vestiduras branquas; et tragia a pelle que ella dera ao pobre sacerdote por sua alma. Et a rayna glorificouse moyto et oubo con el grande alegria porque seu marido era librado do poderio do diabro por suas orações. Et el disolle moytas cousas do parayso et do inferno; et ella [fl. 7rb] con grande alegria, querendo abraçar, lançou mão da pelle, et el escusouse dela. Et ella tirou tanto porla pelle que levou hũu pedaço dela ennas mãos, et el desapareceulle et foyse. Et ela levou este pedaço, que lle ficou enna mão, da pelle ao mosteyro de Santo Estevó de Riba de Sil, onde vivia o sacerdote a que ella dera a pelle; et tanto acharon dela menos quanto ella tragia enna mão. Et este miragre atan grande foy visto porlo abbade et por quantos ende estaban.

4.10. Et à morte deste rey don Sancho en vespera de Nadal foy solto Sisnando, que estava preso, et veõ a Santiago vestido de cota et loriga et de armas. Non sabemos se fezo oraçon ante o altar do Apostollo, señor Santiago, antes entrou, con a espada nua ennas mãos, enton por força enno dormitorio onde estava dormindo o bispo Roosende con outros señores, et levantou con a punta da espada o cobritor que jazia sobrelo obispo et quiseralle cortar a cabeça. Et quando o santo obispo Roosende o veu sobre sy, foy moy espantado

viscondes e fezo paçes y amistanças. Neste tempo un seu criado e consello, a que decian don Gonçalo, deulle peçoña de morte como tredor. E cando el rei se sintiu empeçoñado partiuse para Lion e finouse no camiño. E foi sepultado no mosteiro de Castrelo en Riva de Miño po lo abbade don Gido.

Y a raiña, sua muller, quedou no dito mosteiro, e mui deuotamente facia suas oraçons y esmolos por el rey, suo marido. E un dia, sabado, estando ela en continua oraçon diante o altar, pareceulle el rey<sup>82</sup>, que o tragian dous diabros atado en duas cadeas de ferro. Y el dixo a raiña: “Ben facedes, continuar en vosa oraçon”. Y ela espantada de tal vision, continuo en vigileas e oraçons y esmolos por corenta dias. Estando ela asi, dou vna pele que tragia a un probe sacerdote que andava desnudo. E continuando asi en boas obras con grande deuoçon, ó cabo de outros corenta dias, estando ela asi ante o altar mayor do mosteiro na sua oraçon, reçando, apareceulle o dito rei don Sancho, seu marido, vestido de vestiduras brancas; e tragia a p[e]lle que ela dera ao proue sacerdote por sua [fl. 8v] alma. Y a raiña grorificandose muito, ouuo con ele grande alegria porque seu marido era librado do poder do diabro por suas oraçons. Y el dixolle muitas cousas do paraiso e do inferno, y ela con grande alegria, querendo o abraçar, lançou man da pele. Y ele escusouse dela, y ela tirou tanto po la pele que lebo un pedazo dela nas mans. Y el desapareceu e foise y ela lebou este pedazo que lle ficou<sup>83</sup> na man ao mosteiro de Santo<sup>84</sup> Esteuo de Riuas de Sil, donde vibia o sacerdote a quen ela dera a pele; e tanto acharon dela menos canto ela tragia na man. Y este milagre tan grande foi visto polo abbade e por cantos ende estauan.

4.10. E pola morte deste rei don Sancho en vespera de Nadal foi solto Sisnando, que estaua presso, e v<e>n<sup>85</sup> a Santiago vistido de cota e loriga e de armas. Non sauemos se feço oraçon ante o altar do Apostole, antes entrou co a espada desnuda nas mans; entro por força no dormitorio onde estaua durmindo o bispo Rosendo con outros siñores. E cando o santo bispo o viu sobre si, foi mui espantado e con grande temor dixo: “Aquel que con espada fere con espada morrera”. E lebantouse. Pola gracea de Deus non lle podó empecer,

et con gran themor diso: “Aaque que con espada fere con espada morrera”. Et levantouse. Et porla graça de Deus non lle podó enpeencer, ca dizen algũs que o angeo lle travou enna espada. Et o santo bispo Roosende maldiso ao obispo Sisinando et foyse para o mosteyro de Cellanova, onde viveu en paz ata que se finou.

Et estonce Sisinando, obispo, ficou enna seen de Santiago. Et en este ano, enna dominica mediante de Coreesma, viron moytas naves de normanos et frandeses et moyta gente de enemigos da fe {[...] ao porto de Vacariça}, et entraron a Ylia. Et por toda [fl. 7va] a terra roubaron omes et molleres, et poynan fogo e destroyron a terra ata Conpostella. Et quando o bispo Sisinando esto oeu asy, con gran sana, armouse con gran soberbea et correu enpos deles ata o lugar de Fornelos et entrou por medio das ases et aly morreu; et conpreuse o dito do(n) santo obispo Roosende.

4.II. Et despoys da morte del rey don Sancho reynou Renamiro, seu fillo, moço de cinco anos, enna era de mill et cinco anos. Et este fezo pazes con os mouros. Et este pedeu o corpo de San Payo Martir, et con grande amor o mandou trager en hũa arca de prata et o fezo poer en {\*Conpostela\*}.

Et morto o bispo Sisinando, os señores et antiigos da Egleja de Santiago elegeron a don Payo, obispo de Lugo, fillo do conde don Ruy Vaasques, que foy o nono obispo de Santiago. O qual era segrar et non sabedor de sciencia, et começou de usar moy mal: lançando aos bõos et antiigos das onras, et menospreçando a compania et consello dos antiigos et sabedores, et destroyndo as onras das dignidades da egleja, levantando os rapazes et pastores en ela. Et quando os condes et potestades de Galiza viron que o dito obispo, fillo do dito conde Ruy Vaasques, non usava dereytamente como devia, nin era bóo [fl. 7vb] catholico, nin regia ben a egleja, nin traitava ben o poboo nin os ricos-homes da terra, avido seu consello, levantaron por rey a Veremundo, fillo del rey Ordon, varon de bõa vida et santidade, enna era de mill e viinte anos.

Et este fezo a egleja de San Bieyto con familia da scéen et outras nobres cousas. Et este rey Veremundo, de consello dos mayores de seu reyno, lançou fora et privou o dito don Payo, obispo, fillo do dito

e din algũs que o anjo o lebantou e lle trabou na espada. Y o santo bispo Rosendo maldixo ao bispo Sisinando e foi se para o mosteiro de Celanova<sup>86</sup>, onde bibiu en paz ata que se finou.

Y estonces Sisinando, bispo, ficou na se de Santiago. Neste ano, ena dominica mediante de Coresma, vieron muitas nabes de normanos e frandeses e muita gente de enemigos da fe a o porto da Varica, e entraron a illa<sup>87</sup>. E por toda a terra roubaron omes e mulleres, e puñan fogo e destruíron a terra ata Compostela. E cando [o]<sup>88</sup> bispo Sisinando isto oyu asi, con gran saña armouse con gran soberuia e correu en pos deles ata o lugar de Fornelos y entrou por medeo das haces [fl. 9r] y ali morreu; e conprende o dito santo bispo Rosendo.

4.II. E despois da mor[t]e del rei don Sancho reinou Renamiro, seu fillo, moço de cinco anos. Y estonces feço paces co os mouros. Este pedeu o corpo de San Payo martir<sup>89</sup>, e con grande amor o mandou trager en vna arca de prata y o fezo por en Compostela.

Morto o bispo Sisinando, os señores y antigos da Eygreje de Santiago elegeron a don Payo, bispo de Lugo, fillo do conde don Rui Bazquez, que foi o nono bispo de Santiago<sup>90</sup>. [O]<sup>91</sup> cal era segrar e non sauidor de scencea, e começou de usar mui mal: aos bós y antigos os lançaba das honrras, e menospreciando a compañía dos antigos e sauedores, e destroyndo as honrras e denidades da eygreje, leuando<sup>92</sup> os rapaces e pastores nela. E cando os condes e potestades de Galicea viron que o dito bispo, fillo do dito conde Rui Vazquez, non vsaua dereitamente como deuia, nen era bõ catholicico, nen regia ben a eygreje, nen trataba ben o pobo nenos ricos homes da terra, auido seu consello, lebantaron por rei a Bermudo, fillo del rei Ordoño, varon de boa vida e santidade, na era de mill e vinte anos.

Y este fexo a eygreje de San Bieito con familia<sup>93</sup> da se y outras nobres cousas. Y este rei Bermudo, de consello dos mayores de seu reino, lançou fora e pribou o dito don Pelayo da eygreje; e feço eleger por bispo don Pedro Martiz de Moconse<sup>94</sup>, monge mui sauidor

Ruy Vaasques, da eglleja; et fezo eleger por obispo a don Pero Martins de Mosonço, monje moy sabedor et de bõa vida que era abbade de San Payo, home onrado et amado de todos los señores. Et foy o decimo obispo da santa seen de Santiago, o qual acrecentou as onras, dignidades, familias, rendas et votos do santo apostollo Santiago, et fezo ende moytas boas obras. Et, como el rey Renamiro oyse todas estas cousas, ajuntou toda sua conpania e proposo de viinr a Santiago en romaria. Et quando el rey Veremundo soubo da viinda del rey Renamiro, juntou todos los galegos do reyno de Galiza, et foy agardar a Portella de Ares, acerqua de Monte Rosso. Et alli ouveron gran peleja et partironse: el rey Renamiro tornouse para Leon et aos quinze anos de seu reynado fiinceu sua vida, et Veremundo ensenoreou toda a terra.

4.12. Et este tenpo o conde don Roy Vaasques, padre do dito obispo don Payo, con outros caballeyros et consulas [fl. 8ra] trautou con o duque Almeçor, que era grande señor dos esmaelitas, escripvindolle como era morto [el] rey Renamiro. Et Alme(r)çor carteousse con el rey Veremundo et con o dito conde don Rodrigo, et disolles: se con sua ajuda podesen cobrar o reyno, que lles darian gran multitud de pagãos et moytas joyas et requizas. Et elles ajudaronno. Et entrou o reyno por estas partes de Galiza, et entrou a eglleja de Santiago et destroeuyas das paredes da eglleja, salvo o altar et o santo sepulcro do glorioso apostollo Santiago, et fezo outras muytas suzidades et villezas enna eglleja de Santiago. Et enton o señor Santiago lançou ennos mouros tanta desinteria et menaçon que os mays et os mellores que viinan con el rey Almeçor morreron máá morte sopitania de menaçon. Et quando Almeçor veu tanto mal, preguntou cuja era aquela cassa et aquel lugar en que lle asy morreran quantos consigo tragia. Et dixeronlle que era do apostollo Santiago, dicipulo de Jhesu Christo, fillo da Virgeen Maria, que /y/ jazia sepultado. Et quando Almeçor esto oyeu, con gran temor fogueu dende et foyse con algũs pouquos que lle ficaran. Et yndose, subito lle veeo hũa gran dolor e acerqua de Medinaceli morreu maa morte sopitania, onde he sepultado enno seo de Mafomete. Et despoys el rey Veremundo veeo à eglleja de Santiago et veeo con el o bispo don Pedro, et reparou moy ben a dita eglleja [fl. 8rb] et cibdade; et todo asy moy ben reparado, morreu o bispo don Pedro.

e de boa vida que era abade de San Payo, hom'onrrado y amado de todos los señores. E foi o decimo bispo da santa se de Santiago, o cal acrecentou as honrras, denedades, famileas, renda[s]<sup>95</sup> e votos de Santiago Apostol, e fezo ende muitas boas obras. E, como el rey Ramiro oyse todas estas cousas, ajuntou toda a sua compañía e proposo de vir a Santiago en romaria. E cando el rey Bermudo soubo da vinda del rei Ramiro, juntou todos los galegos do reino de Galicea e foy agardar á Portela de [fl. 9v] Ares, junto a Monterroso. Y ali ouberon gran peleja e partironse: ó rei Ramiro tornouse para [L]ion y aos quinze anos de seu reinado feneceu a sua vida, e Bermudo enseñoreou toda a terra.

4.12. En este tempo o conde Rui Vazquez, padre do dito bispo don Payo, con outros caualeiros e consules tratou con o duque Almançor, que era grande señor dos ismaelitas, y escreuendolle de como era morto el rey<sup>96</sup> Ramiro. Y Almanzor carteousse co el rei Bermudo e cono dito conde e dixo lles que se con sua ajuda podesen cobrar o reino, que el daria gran multitud de pagans e moitas joyas e riquezas. Y eles ajudaronno. Y entrou o reino por estas partes de Galicea, y entrou a eygreje de Santiago e destruyu muitas das paredes, saluo o altar y o santo sepulcro do griorioso apostole Santiago, e feço outras muitas sucidades e vilezas na eygreje de Santiago. Y enton o señor Santiago<sup>97</sup> lançou nos mouros tanta desinteria e menaçon que os mais e os milllores que viñan con o rey Almazor morreron má morte sopitanea de menaçon. E cando Almançor viu tanto mal preguntou cuja era aquela cassa y aquele lugar en que asi lle morreran cantos consigo tragia. E dix[e]r[o]nllle<sup>98</sup> que era do apostol Santiago, decipulo de Jesuchristo, fillo da Virge Maria, que y jacia sepultado. /E quando Almanzor<sup>99</sup> istu oyu, con gran temor fugiu d'e[n]de<sup>100/101</sup> e foise con algũs poucos que lle ficaran. E yndose, subito lle ben vn grande dolor y acerca de Medinaceli morreu mâ morte subitanea, onde he sepultado no seo de Mafamete. E despois el rey Bermudo ven a eygreje de Santiago con el obispo don Pedro e reparou mui ben a dita eygreje e cidade; e todo asi muy ben reparado, morreu o bispo don Pedro.

4.13. Et don Pay Dias, potestade et justiça tenporal, por força entrou a prelacia et senorio da eglleja, mays porlo divinal juizo foy dende lançado porlos caballeyros et principes da terra. Et seu yrmão Jumara Dias socedeu enno dito lugar so abito de religion et de ypocrisiia, et despoys, ou por casso ou por treyçon, foy afogado enno rio do Miño. Et socedeu enno santo lugar Instruario, et usando de maos custumes foy preso del rey Veremundo et morreu ennas cadeas.

Et a sua morte foy elegido por obispo de Yria et de Santiago don Cresconio, varon moy noble de bõa geraçom et moyta nobleza, lanpada resplandecente. Librou toda a terra dos marmanos et frandeses et dos barbaros et ismaelitas que a tiinan ocupada et cativada. Et acabou os muros et as torres da cibdade de Conpostella, et reparou a eglleja de Yria et o castello d'Oest, que el avia feyto con muytas torres et cercas para defenson da terra, onde se acolian et defendian os da terra por que non entrasen porla ria os marmanos et frandeses et os barbaros que por ela viinan con naves subjugar a terra. Et finouse o dito obispo Cresconio enno castello d'Oest, era de mill et cento et seys anos.

Et el morto, foy elegido por bispo Gudesteus, duodecimo, seu sobriño, o qual, seguindo o camiño et ensinanza do dito [fl. 8va] Cresconio, seu tio, {reparou moy et en bóo estado} os santos lugares de Conpostella et de Yria. Et como ouvese grande omezio et guerra entre el et o conde Froyla, seu tio, sobrelos bees da eglleja, estando elles en tregoa et paz et concordia, firmada por juramento, o dito conde con treyçon enviou seus mesageyros ao obispo Gudesteus, que estava en Ylia, onde tiina et jajuava a santa Coresma. Et quando os mesajeyros do conde chegaron ao obispo, el os recebeu benignamente; et oyda sua enbayxada, aseentoos consigo aa mesa a comer et fezolles muyta onra; et asy, como seus familiares, os fezo dormir aquela noyte en sua camara por lles fazer onra. Et dormindo ja o bispo, eles se levantaron et abriron as portas et foron chamar ao conde Froyla, que jazia ascondido enno monte. Et o conde vééo con sua gente de péé et entrou enna camara onde o bispo jazia dormindo, et con grande crueldade o espedaçou todo en pedaços, era de mill et cento et sete anos.

4.13. E don Payo Diz, potestade e justicea temporal, por força entrou [â]<sup>102</sup> prelacia e siñorio da eygreje, mais polo deuinal juiceo foi d'ende lançado polos cabaleiros e prencipás da terra. E seu [fl. 10r] jrman Jumara Diaz<sup>103</sup> socedeu no dito lugar só o<sup>104</sup> abeto de religeon e de hipocrisia, e depois, ou por caso ou por treyçon, foi afogado no rio do Miño. E socedeu no santo lugar Jnstiuario<sup>105</sup>, e usando de maos custumes foi preso del rei Bermundo e morreu nas cadeás.

Y â sua morte foi elegido por bispo de Yrea e Santiago don Cresconio<sup>106</sup>, varon mui nobre de boa jeneraçom e muita nobreza, limpada resprandecente. Librou toda a terra dos normanos e frandeses e dos barbaros e ysmaelitas que a tiñan ocupada e catiuada. Y acabou os muros i as torres da cidade de Compostela<sup>107</sup>, e reparou a eygreje de Yrea y o castelo de Este, que ele auia feito con muitas torres e cercas para defenson da terra, onde se acollian e defendian os da terra por que no entrasen pola ria os normanos e frandeses y os barbaros que por ela viñan con naues sojugar a terra. E finouse o dito bispo Cresconio no dito castelo do Este, era de 1106<sup>108</sup>.

Y ele morto, foi elegido por bispo Gustedeus<sup>109</sup> ou Gudesteus<sup>110</sup>, seu sobriño, o cal, seguindo ó camiño e ensinanza do dito Cresconio, seu tio, reparou muito e poso en bõ estado os santos lugares de Compostela e de Yrea. E como ouvese grande omezio e guerra entre el y o conde Froyla, seu tio, sobelos bens da eygreje, estando eles en tregoa et paz et concordea confirmada por juramento, o dito conde con treyçon embiou seus mensageiros ao bispo Gustedeus, que estava en Ylia, onde tiña e jajuava a santa Coresma. E cando os mensageiros do conde chegaron ô bispo, ele os recebeu beninamente; y oyda sua embaixada, asantouos consigo â mesa a comer e feço lles muitas honrras; asi, como a seus familiares, os feço dormir aquela noite en sua camara por lles fazer honrra. E dormindo ja ô bispo, se lebaron y abriron as portas et foron chamar ô conde Froyla, que jacia escondido no monte. Y o conde veu con sua gente de pe y entrou na camara onde ô bispo jacia dormindo, e con grande crueldade o espedaçou todo en pedaços, era de mil e cento e dez anos.

## V

5.1. Et foy electo por obispo don Diego Pelaez por el rey don Sancho [et] por los senores da egleja. Et en este tenpo os ispañooos leyxaron a ley <toletana> et rito en que casavan os clerigos et avian fillos <ligitimus>, segu[n]d que adiante {dira}, et receberon a ley romana da continencia et castidade. Et o dito don Diego Pelaez floresceu por moyto tenpo en voa vida et moyta nobleza et generosidade; [fl. 8vb] mays despoys por los pecados, <envolvido> ennos negocios segrares do mundo, posose en grandes ponpas, et olvidou et parteuse da regla ecclesiastica et doutrina da santa Egleja. Et alguus seus ynimigos por zelo de envidia diseron a el rey que el que queria traer o reyno de Galiza et o queria tirar a el rey et darllo aos ingleses et normanos, seus ynimigos; porlo qual, el rey don Afonso o lançou da egleja et mandó prender et tevoó preso quinze anos.

Et en este tenpo se destroeu moyto a Egleja de Conpostella et perdeu moytas posisoos. Et veendo el rey don Afonso en tan gran royna et peligro por mingoa de pastor, et querendolle proveer de pastor enno concilio que celebrava Ri(r)cardo, cardeal legado apostolico ennas Españas, en Santa Maria de Fuselos, veeo el rey ao concilio et trouxo consigo ao obispo don Diego Paes, que tiina preso, asy como se viesse solto, pero con boas gardas; et esto porque o queria despoer do bispado. Et enton o dito obispo, acusado et por medo del rey, esperando que fose libre da prijon, et ante todo o concilio, clamou et diso que non era digno do bispado et entregou ao cardeal o anel et o bago pastoral; et o cardeal privóo do bispado. Et el rey, de licencia do dito cardeal, fezo obispo da egleja de Santiago a don Pero, abbade de Cardena. Et el rey fezo logo tornar o bispo don Diego aas cadeas et tevóo gran tenpo. [fl. 9ra]

Et despoys en corte de Roma o dito cardeal delegado foy moy confuso et acusado do papa Urbano et dos outros cardeas porque asy privara et tirara o bispado contra dereyto a don Diego, obispo de Santiago, que era atormentado ennas prijoos. Et foy privado o dito cardeal Ricardo da legacia; mays el rey don Afonso defendeu ao dito don Pero enno bispado por tenpo de dous anos sen consentimento da Seen Apostolica. Et despoys, enno outro concilio {celebra(n)do}

## V

5.1. E foi eleito por bispo don Diego Pelaez por el rey don Sancho e polos señores de eygreje<sup>111</sup>. [fl. 10v] E neste tempo os hispanos deyxaron a ley toledana e ritos en que casauan os cregos y auian fillos legitemos, sigun que adiante se dira, e receberon a ley romana da continencia e castidade. Y o dito don Diego Pelaez froreceu por muito tempo en boa vida e muita nobreza e jenerosidades; mais polos pecados emboltos nos negoceos segrares do mundo, pusose en grandes ponpas, e oluidouse e parteuse da regra ecresiaestega e doutrina da santa Eygreje. Y alguns seus anamigos por celo da embeja dixeron al rey que ele queria trager o reino de Galicea y o queria tirar ao rei e dalo aos ingleses<sup>112</sup> e normanos, seus anamigos; polo cal el rey don Alfonso o lançou da eygreje e mandou o prender e touo o preso quince anos.

Y en este tempo se destruyu muito a Eygreje de Compostela e perdeu muitas posisons. E vendo a el rey don Alfonso en tal royna e piligro por mingoa de pastor, e querendolle prober de pastor no concileo que çalebraba Ricardo, cardeal legado *apostolico*<sup>113</sup> nas Españas, en Santa Maria de Fuselos, ven el rey al concileo e trouxo consigo o bispo don Diego Paez, que tiña preso, asi como se viera solto, pero con boas gardas; y esto porque o queria desposeer do bispado. Y enton o dito bispo, acusado por medo del rei, esperando que fose libre de prixon, diante todo o concileo cramou e dixo que no era dino de ó bispado y entregou ao cardeal o anel y o bago pastoral; y o cardeal pribou ó do bispado. Y el rei, de licencea do dito cardeal, feço bispo de eygreje de Santiago a don Pedro, abbade de Cardeña<sup>114</sup>. Y el rey feço logo tornar a ó bispo don Diego às cadeas e teboó gran tempo.

E despois en corte de Roma o dito cardeal foi mui confuso y acusado do papa Vrbano e doutros cardeas porque asi tirara e priuara do bispado contra dereito a don Diego, bispo de Santiago, que era atormentado nas prijons. E foi priuado o dito cardeal Ricardo da legacia; mais [fl. 11r] el rei<sup>115</sup> don Alfonso defendeu ao dito don Pedro no bispado por tempo de dous anos sen consentimento da sé *apostolica*<sup>116</sup>. E despois, no outro concileo celebrado en Leon

en Leon porlo cardeal Renorio, que despoys foy papa chamado Pasasio, foy desposto o dito don Pero do bispado que asy ouvera sen consentimento da Seen Apostolica et contra dereyto.

5.2. Et enton don Pero Vimara, leygo moordomo del rey, se apoderou enno bispado et tevo toda a terra de Santiago, et roubou probes et ricos disipando os bees da egleja et a cidade et terra, tirando aa egleja terra de Montãos et o castello de San Justo et terra de Cordeyro, et outras terras et posisoos que lle estragou. Mays, por seus merecementos, foy desposto porlo conde don (Fernando) Reymundo et poso enna terra Ares Dias por seu meyrino da terra. O qual foy tan mao et peor que o primeyro, et afligeu tanto a familia et clerigos et a terra, et destroeu as posisoos da Egleja, en tal maneyra que os canonigos et servidores da egleja, que devian seer despenseyros da egleja [et] dos beens ecclesiasticos, eran tan pobres que non tinan [fl. 9rb] cousa de que se manter, et <medicavan> et andavan en villes vistiduras rasgadas, et enno coro non dizian oras salvo desordenadamente. Atanta era a pobleza dos coengos et oprobrio {(que non he de dezer) –que agora, en este tenpo, boa vida pasan elles–, que non he de dizer} sin lagrimas, ca non ousavan viinr nin vinan aa egleja, ca todos eran roubados por seglares.

5.3. Et o conde don Reymundo, varon catolico et discreto, condoleuse da Egleja Conpostellana, que non estava justamente nin ben ordenada, et con consello dos obispos de Lugo et Mondenedo, Ourense et de Tui et de outros señores da egleja, con bóo desejo de piedade, disolles asy:

—Vaaroos nobres, ja sabedes os males et trabalos que pasan os clerigos de Santiago; porende, ydevos et qualquer cousa que ordenardes acerca do regemento da dita Egleja de Santiago et reyto defensor et prelado et pastor que virdes et ordenardes que comple para ela, atal averedes.

Et enton eles, avido seu acordo et conselo en presenza do dito Reymundo, principe de toda Galiza, con grandes preces et rogos lle pediron a hũu clerigo a que diziam Diego Gelmeriz, varon santo et de gran consello et discreto, fillo de Gelmiro, caballeyro moy poderoso

po lo cardeal Renorio, que despois foi papa chamado Paschasio, foi deposto o dito don Pedro do bispado que asi oubera sen consentimento da Sé Apostoleca e contra dereito.

5.2. Y enton don Pedro Vimara<sup>117</sup>, leigo mordomo del rey, se apoderou no bispado e teuo toda a terra de Santiago, e roubou probes e ricos disipando os bens de eygreje e a cidade e terra, tirando a eygreje terra de Montaos y o castelo de San Justo e terra de Cordeiro, y outras terras e posisons que ele estragou. Mais, por seus pecados e merecementos, foi deposto polo conde don Fernando Reimundo<sup>118</sup> e poso na terra Ares Diaz<sup>119</sup> por meiriño da terra. O cal foi tan mao e pior que o permeiro, y afrigiou tanto a familia e cregos y a terra, e destruyiu as posison[s]<sup>120</sup> de Eygreje, en tal maneira que os canonegos e seruidores, que deuián ser despenseiros da eygreje dos bens ecclesiasticos, eran tan probes que non tiñan cousa de que se manter, e mendicauan e andauan en viles vestiduras rasgadas, e non decian oras no coro saluo desordenadamente. E tanta era a probeza dos canonegos e oprobeo que non he de decir –que agora, neste tempo, boa vida pasan eles–, que non e de decer sen lagrimas, ca non ousauan vir nen viñan â eygreje, ca toudos eran roubados por seglares.

5.3. Y o conde don Bermundo, varon catoleco e discreto, condolendose da Eygreje Compostelan, que no estaua justamente nen venerada, e con consello dos bispos de Lugo e Mondañedo, Ourense e Tuid e doutros señores da eygreje, con boo desejo e piedade dixo lles assi<sup>121</sup>:

—Varons nobres, ja sauedes os males e traballos que pasan os cregos de Santiago; edeuos, e calquer cousa que ordenardes acerca do regemento da dita Eygreje de Santiago e calquer defensor, prelado e pastor que virdes e ordenardes que cumpre para ela, atal aue-redes.

Y enton eles, avido seu acordo e consello en presencia [fl. iiv] do dito Reimundo, principe de Galicea, con grandes preces e rogos lle pediron a un crego a quen decian Diego Gelmirez<sup>122</sup>, varon santo e de gran consello e discreto, fillo de Gelmiro, caualeiro mui podroso

et virtuoso, que tevera moyto tempo o castello d'Oest porlo bispo de Yria don Diego Pelaez, et a governara moy ben et defendera toda a provincia de Ylia et a librara dos normanos, frandeses et barbaros –he a saber: terra de Postomarcos, d'Amaya, terra da Ulla [fl. 9va] ata o Tamere– por sua caballaria et por maravillosa discreçon, o qual eles viran et conoscian moy ben. Et a rogo dos sabedores o conde Reymundo recebeu o dito Diego Gelmeriz, canonigo de Santiago, o qual o cabidó de Santiago tevera por seu chancellor et secretario en corte romana a espedir os negocios da Eglleja et provincia de Santiago. Et esto asy outorgado, o dito Diego Gelmeriz entrou o regemento da eglleja et, con consello dos nobres et sabedores varões, começou de reger et restoyrar as cousas destroydas et conservar et gardar as viindeyras. Et esto con gran traballo et deligencia, por tal via que con ajuda de Deus en moy breve tempo reparou moytas cousas da santa eglleja et clerigos dela.

5.4. Et regendo asy por espacio de hũ ano, el rey don Afonso et seu genro don Reymundo et sua moller dona Orraqua, con consello de todolos de sua corte et de toda a clerizia et pobó de Santiago et auctoridade da santa Eglleja de Roma, elegeron porla graça de Deus hũ monje, con licencia de seu abbade, a que dizian Dalmacio, home casto et religioso, por bispo enna santa Eglleja de Santiago, <a> qual achavase inculta et non ben ordenada. Et porla santa doutrina, con ardentissimo amor da santa fe catholica et zelo da eglleja, hedificou et reparou totalas cousas da eglleja et provincia.

Et quando o papa Urbano celebrou o concilio de Monte Claro, o religioso don Almacio, obispo, [fl. 9vb] con outros provenciales obispos, en caridade f[r]aternal et con muy gran traballo, foron ao santo concilio. Et o dito obispo de Santiago se presentou con muy gran omilldade ante o papa et cardenaes, ca enton a Egleja de Roma avia en odio a Eglleja de Santiago, porque lle non obedescia tanto como devia, et se afirmava sua ygoal et cabeça das egllejas oci(n)dentales porque tiña o corpo do Apostollo, señor Santiago. Et o papa et os cardeas non o querian onrar nin lle quiseran outorgar o paleo; mays tanta foy a omilldade do obispo Dalmacio que aprouve moyto ao papa et cardenaes, porlo qual lle foy feyta grande onra et

e virtuoso, que toubera muito tempo o castelo do Este polo bispo de Yrea don Diego Pelaez, y a gouernara mui ben e defendera toda a prouincia de Jlea y a librara dos normanos e frandeses e barbaros –he a sauer, terra de Postomarcos e d'Amaya, terra da Villa ata o Tamar– por sua cabalaria e por marauillosa discrecion, a o qual eles viran e coñeceran mui ben. Y a rogo dos sauidores [o]<sup>123</sup> conde Reimundo recebeu o dito Diego Gelmirez, canonego de Santiago, o cal o cabido de Santiago touer[a]<sup>124</sup> por seu chancellor e secretario en corte romana a espedir os negocios da Eygreje e prouincia de Santiago. E ysto asi outorgado, o dito Diego Gelmirez entrou o regemento da eygreje e, con consello dos nobres e sauedores varons, começou de regir e restourar as cousas destruidas e conseruar e gardar as vidoiras. E ysto con gran traballo e deligencea, por tal uia que con ajuda de Deus en mui breue tempo reparou muitas cousas da san[ta]<sup>125</sup> eygreje e cregos dela.

5.4. E regendoa assi por espacio de un ano, el rey don Alfonso e seu jenro don Reimundo e sua muller doña Vrraca, con consello de todos os da sua corte e de toda a crececia e pobo de Santiago y autoridade da santa Eygreje de Roma, elegeron por la gracia de Deus vn monge, con licencea do suo abbade, a quen decian Dalmacio<sup>126</sup>, home casto e religioso, por bispo na Eygreje de Santiago, o cal achou a se inculta e non ben ordenada. E pola santa doutrina, con ardentissimo amor da santa fe catolica e celo da eygreje, edifecou e reparou todas as cousas da eygreje e prouincea.

E cando o papa Vrbano celebrou o concileo de Monte, o religioso don Dalmacio, bispo, con outros prouenciales bispos, en caridade fraternal e con mui gran traballo foron ao santo concileo. Y o dito bispo de Santiago se presentou con mui [fl. 12r] grande humildade ante o papa e cardeas, ca enton a Eygreje de Roma auia en odio a de Santiago porque non lle obedecia tanto como deuia, e s'afirmaua sua ygoal e cabeza das eygrejes occidentales porque tiña o corpo do Apostol, señor Santiago. Y o papa y os cardeas non o querian honrrar nen lle quixeron outorgar o palio; mais tanta foi a vmildade do bispo Dalmacio que aproube muito ao papa e cardeas, polo cal lle foi feita muita honrra e humildade pedeu ao papa<sup>127</sup> e cardeas

receberono onradamente. O qual con muyta onra [et] ohumilldade pedeu ao papa et cardeaes que a Egleja de Santiago fose sublimada de algũa onra, dezendo que todalas eglejas onde jazian os santos apostollos eran onras de papadego et patriarchado et arçobispado, salvo se era a egleja do apóstollo Santiago. Et foylle respondido que a Egleja Conpostellana ensoberbecia et se queria ygoalar con a Egleja Romana. Pero finalmente tanta foy a omilldade et santidade do obispo Dalmacio que o papa et cardeaes et todo o concilio con grandes preces inpretrou o sequint privilegio da trasladaçon do obispado de Yria en Conpostella et de seeren exenptos os bispados dos bispos de Santiago; et esto con consello dos cardeaes et de [fl. 10ra] trezentos et cinquenta obispos que estavan enno concilio, o qual nunca seus predecesores poderan alcanzar.

Et ata aqui senpre os bispos de Santiago eran bispos de Yria, ata que foy mudado o bispado porlas seguintes leteras: «Urbanus episcopus, seruus seruorum Dei, dileito filio Dalmacio, episcopo conpostellano eiusque successoribus, canonice promouendi in perpetuum». Enna qual letera se contiña que o Santo Padre, por reverencia do apóstollo Santiago, mudava et traspasava a cathedra episcopal que os obispos predecesores d'Almacio {ouve[ro]n} et tiinan enna Egleja de Yria enna Egleja de Santiago de Conpostella, adonde o corpo de Santiago verdadeiramente era sepultado, con toda a diocesi et con todalas cousas, terras et senorios et jurdições à Egleja et cibdade de Yria e sua diocesi perteescentes. Et demays que fazia exenpto ao bispo de Santiago et seus subcessores que non fosen subjectos nin fosen sufraganos, salvo tan solamente da Egleja de Roma et do papa. Et confirmou todolos privilegios et donações feytas porlos principes catholicos et fiees christaãos à Egleja de Santiago et que dende en diante ouvesen o santo lugar de Santiago; que as confirma que vallan para senpre. Et se algũu arçobispo, enperador, rey, principe, duque, marques, conde, juiz ou outra qualquer persona, ecclesiastica ou saglar, pasar contra este indulto, seja maldito, et escomungado et partido da fe catholica, et os que a gardaren ajan paz [fl. 10rb] con Christo para senpre. Dada nonas de decenbris, ano Domini, milesimo cento et dez et seys anos.

que a Eygreje de Santiago fose sobrimada dalguna honrra, decendo que todalas eygrejes donde jacyan os santos apóstoles eran honrradas de papadego e patriarchado e arçobispado, saluo se era eygreje do apóstolo Santiago. E foille respondido que a Eygreje Compostelana se ensoberuecia e se queria ygoalar coa de Roma. Perol finalmente tanta foi a vmildade e santidade do obispo Dalmacio que o papa e cardeas e todo o concilio con grandes preces empetrou o siguiente priuilegio da trasladacion do obispado de Yrea en Compostela e de seren esentos os bispados dos bispos de Santiago, e isto con consello dos cardeas e de trecentos e cincoenta bispos que estauan no concilio, o cal nunca seus predecesores poderan alcanzar.

At'aqui sempre os bispos de Santiago eran bispos de Yrea, ata que foi mudado o bispado polas siguientes leteras<sup>128</sup>: «Urbanus episcopus, seruus seruorum Dei, dilecto filio Dalmacio, episcopo conpostellano...»<sup>129</sup>. En aquella letra se continua que o Santo Padre, por reuerencia do apóstolo Santiago, mudava e trespasava a cathedra episcopal que os bispos precessores<sup>130</sup> d'Almacio ouvesen e touesen na Eygreje de Yrea ena de Santiago de Compostela, onde o corpo de Santiago verdadeiramente era sepultado, con toda a diocis e todas as cousas, terras e siñorios e jurdiçons da Eygreje de Yria e sua diocis e da mesma cidade. E demais que facia esento a ó bispo de Santiago e seus sucessores que non fosen sogeitos nen fosen sofraganos, saluo tan solamente da Yglesia de Roma e do papa. E confirmou todos [fl. 12v] os priuilegios e donações feitos polos principes catholicos e fieles christianos à Eygreje de Santiago e que d'ende en diante ouvese no santo lugar de Santiago; que as comfirma que vallan para sempre. E que, se algun arçobispo, emperador, rey, principe, duque, marques, conde, juiz ou outra calquer persona eclesiastica ou segrar passar contra este ynduto, seja maldito e descomulgado e partido da fe catholeca, y os que o gardaren ajan paz con Christo para sempre. Dada no mes de decembre, anno Domini mil e cento e dezaseis.

E foi a dita Eygreje Compostelana mui honrrada polo santo bispo Dalmacio, y a crecacia e pobos librados de muitos traballos. E vibendo en grande paz e tranquilidade, o Señor teuo por ben de o leuar para si.

Et foy a dita Egleja Conpostellana moy onrada porlo santo obispo Dalmacio, et a clerizia et {pobóos} librados de moytos traballos. Et vivendo em gran paz et tranquilidad, o Señor tevo por ben de o levar para sy.

5.5. Et a clerizia et pobóo con grandes preces et rogos pidiron por mercede a el rey don Afonso et ao conde don Reymundo que lle tornasen por regedor et vicario ao dito don Diego Gelmeriz, que ante do dito Almacio regia moy ben a dita egleja et o bispado. E os ditos señores, inclinados a seus rogos, tornaron o regemento et vicaria da dita egleja ao dito dom Diego Gelmeriz, que usou et governou moy ben.

5.6. Et en este tempo don Diego Pelaez, que era ja libre da prijon del rey, oyda a morte do obispo Dalmacio et sabido en como o dito don Diego Gelmeriz era vicario por tempo et non obispo, foise ao papa con grandes clamores se querelou en como injustamente fora preso et contra dereyto tirado de seu obispado de Santiago, et suplicou ao papa que o restituysse. Et en esto durou quatro anos, ennos quaes o dito don Diego Gelmeriz (et) regeu moy bem et muy santamente a egleja et terras et obispado de Santiago. Et enton el rey don Afonso, querendo defenir estas cousas et proveer aa dita Egleja de Santiago de pastor de que estava viduada, et porlas grandes gueras [fl. 10va] [de] moytos que destroyan a terra, enviou seus mesajeyros con dous canonicos de Santiago ao papa apoer calunpnias et crimes contra o bispo don Diego Paelas; os quaes chegaron a Roma et acharon ja o papa Urbano finado, a que eles yan. Et levantaron por papa o dito Pascasio, que viera a España por cardeal delegado, o qual ja oyra et sabia ben toda a discordia et prijon do dito don Diego Paaes, que ja todo ante el fora trautado enno concilio de Lion. Et dito Santo Padre Pascasio, oydas totalas razões et objeccões, retevo todo en seu coraçon et, por sutil engeno, considerando como poria remedio a tantas discusiones et tantos traballos et destroyçon da egleja, et declarou o dito don Diego Paaes seer indigno de tanta prelacia porque a regera mal et se levantara en ponpa et soberbea. Et condolendose da misericordia da egleja que avia quinze anos que andava en estes traballos, et os infiees subjugavan a terra por mingoa de prelado et defensor, escripveu a el rey as seguintes letras:

5.5. Y a crerecia e poboo con grandes preces e rogos pidiron por mercede al rey don Alfonso e conde don Reymundo que lle tournasen por regidor e vicario ao dito don Diego Gelmirez, que ante do dito Dalmacio regia mui ben a dita eygreje e obispado. Y os ditos señores, yncrinados a seus rogos, tornaron o regemento da dita eygreje ao dito don Diego, que vsou e gouernou mui ben<sup>131</sup>.

5.6. En este tempo don Diego Pelaez, que era ja libre da prixon del rey, oyda a morte do bispo Dalmacio e sabido en como o dito don Diego era vicario por tempo e non bispo, foise ao papa con grandes cramos<sup>132</sup> e querellouse en como enjustamente fora preso, contra dereito tirado do seu bispado de Santiago, e sopricou ao papa que o restituise. E nesto durou catro anos, nos quais o dito don Diego Gelmirez regeu mui ben e mui santamente a eygreje, terras e bispado de Santiago. Y enton el rei don Alfonso, querendo difinir estas cousas e prouer a dita Eygreje de Santiago de pastor, de que estaua vinda<sup>133</sup>, e polas grandes guerras de muitos que estruian a terra, imbiou seus mensajeiros con dous canonegos de Santiago ao papa a por caluneas e crimens contra o bispo don Diego; os cais chegaron a Roma y acharon o papa Vrbano finado, a que eles yan. E lebantaron por papa o dito Pascasio, que viera a España por cardeal delegado, o cal ja oyra e sabia ben toda a discordia [fl. 13r] e prixon do dito don Diego Paez, que ja todo antes fora tratado no concileo de Lion. Y o dito Santo Padre Paschasio, oydas as raçons y ojetos, reteuo todo en seu curaçon e por sutil engeño, sauendo –digo considerando<sup>134</sup>– como poria remedio a tantas desensons e tantos traballos e destroyçon da eygreje, decrarou o dito don Diego Paiz ser endino de tanta perlacia porque a regera mal e se lebantara en pompa e soberbea. E condolendose da misericordia de eygreje, que auia quince anos que andaua nestes traballos, y os ynfies sojuzgauan a terra por mingoa de perlado e defesa, iscribiu al rey as siguientes letras<sup>135</sup>:

«Pascasius episcopus, servus servorum Dey, carissimo filio Yldefonso, Ispaniarum regi, salutem et apostolicam benedictionem, etc. Tua petiçon porla Eglleja de Santiago recebemos, e moyto nos encomendamos da destroyçon desa eglleja. Et porque tu es fillo da Eglleja Catholica, vimos as leteras que a noso predecessor, Urbano papa, enviaste et as outras cousas que de veer eran. [fl. 10vb] Et achamos que noso yrmão, don Diego Pelaes, obispo que foy de Yria, justa et canonicamente foy amovido de seu obispado. Et non embargante que noso antecessor, Urbano papa, lle prometeu o oficio episcopal, agora a nos et nosos yrmãos cardeaes, por poer fin a tantos traballos et angustias, por que de aqui en diante por tal ocaßion a Eglleja de Conpostella se non destruya nin os inamígos da fe catholica se apoderen da terra, querendoa proveer de persona ydonia, te rogamos que por tua benignidade queyras fazer elegir persona religiosa et onesta a tan alto honor pontifical et noslo envies a receber la consegraçon, onra et dignidade da Eglleja de Santiago de Conpostella. Asy como tu senpre amaste et onraste a eglleja, et non ceses de amar et onrar, rogandote moyto de coraçõ que ao dito noso yrmãoo don Diego, obispo, asignes et des lugar en teus reynos en que se posa manteer ben et honestamente en seu estado pontifical».

Outras taes leteras et moyt graciosas escripveu aa clerizia et pobóo da cibdade de Santiago. As quaes leteras asy el rey como a clerizia et pobóo receberam graciosamente.

## VI

6.1. Et dilatarun fazer a esleaçon porque o dito don Diego Gelmeriz estava en corte do papa. Et escripviron ao papa que moyto lles plazia de esleer ao dito don Diego, ca ben o conosciã —a vida et os custumes del—; entanto [fl. 11ra] que el viesse de corte de Roma que o esleerian. Et quando o papa recebeu taes leteras, oubou con ellas gran prazer, et ordenou ao dito don Diego Gelmeriz en subdiacono apostolico et enviou à Eglleja de Santiago para que o esleesem. Et como chegou, foy esleyto kalendis julij, era de mill et cento et triinta et oyto anos, por toda a clerizia et por todos los nobres de Galiza, que foron presentes con el rey don Afonso et con o conde don Reymundo, cantando “Te Deum laudamus”.

«Paschasius episcopus, seruus seruorum Dei, charissimo filio Ildefonso, Hispaniarum regi, salutem et apostolicam benedictionem. Tu petition por la Yglesia de Santiago receuimos e muito nos encomendamos da destruiçon de esa eygreje. E porque tu es fillo da Eygreje Catholeca, vimos as letras que a noso precessor<sup>136</sup> Vrbano, papa, imbiache y as outras cousas que de uer eran. Y achamos que noso irman don Diego Pelaiz, bispo que foi de Yrea, justa e canonicamente foi amouido de seu bispado. E non embargante que noso antecessor Vrbano, papa, lle prometeu o oficeo episcopal, agora a nos e nosos jrmans cardeás, por poer fin a tantos traballos y antiguan angustias, por que d’aqui en diante por tal acaison a Eygreje de Compostela se non destruya ne os anamigos da fe catholeca se apoderen da terra, querendoa prober de presoa idonea, te rogamos que por tua beninidade queiras facer elegir presoa relegeosa y onesta a tan alto honor pontifical e nos lo embies a receber la consagraçon, onrra e dinidade da Eygreje de Santiago de Compostela, assi como tu sempre amache e honrrache a eygreje. E non ceses de a amar e honrrar, rogandote muito de curaçon que a o dito noso irman don Diego Pelaiz asignes et des lugar en teus reinos en que se posa manteer ben y onestamente en seu estado pontifical».

Outras letras, e muy graciosas, escribiu à creceria e pobóo<sup>137</sup>, que receueron graciosamente.

## VI

6.1. E dilataron facer a eleiçon porque o dito [fl. 13v] don Diego Gelmirez estava en corte do papa, a quen escreberon que lles pracia de eliger ao dito don Diego, ca ben o conociã e a vida e custumes del; e tanto qu’el viesse da corte de Roma, que o ligirian. E cando o papa recebiu tres letras ouuo co elas gran pracer et ordenou ao dito don Diego Gelmirez en sodiacono *apostolico*<sup>138</sup> y embiou à Eygreje de Santiago para que o elegesen. E como chegou, foi eletto<sup>139</sup> kalendis julij, era de mil e cento e trinta e oito anos, por toda a creceria e por todos os nobres de Galiça, que foron presentes con el rey don Alfonso e con o conde don Reimundo cantando “Te Deum laudamus”.

6.2. Et despoys, a pouquo tenpo, foyse o dito don Diego electo aa cibdade de Toledo, adonde o dito rey don Afonso estava con o arçobispo de Tolledo et con outros muytos senores, et foy recebido con pricissom et con muyta onra. Et porla graça de Deus et sua industria, recobrou moytas cousas da Eglleja de Santiago que eran perdidas. Et querendo o dito don Diego yr a receber a consagraçon do papa porque era esento segun o privilegio que gaançou seu antecessor, don Almacio obispo; que non quiso o dito rey don Afon[so] temendo os inimigos, porquanto o bispo don Diego Paes et seus parentes estavam con el rey don Pero de Arragon, et o dito esleyto avia de passar por seu reyno. Porende el rey don Afonso, temendo séer preso o dito esleyto ou desonrado de seus inimigos, non quiso el que el <alo> fose et escripveu ao Santo Padre con dous canonigos, que ao hũu dizian [fl. 11rb] Ungo et a outro <Vicenço>, que apro[u]vesse a sua Santidade de o enviar <aca> consagrar. Os quaes canonigos, yndo perllo camiño, adoescceu Ungo de grande enfermidade et Vicente se finou enno camiño, porlo qual se detardaron as leteras. Et o papa escripveu a el rey por suas leteras, porlas quaes cometia a consegraçon do dito esleyto ao /o/bispo [de] Magalome ou ao obispo de Burgos, que [eran] esentos.

Et aquí poden veer fermosas leteras et de boa rectorica, que o papa escripvia a el rey et à clerizia do reyno porlo obispo don Diego Gelmeriz et por sua consegraçon. O qual despoys foy consegrado kalendis maii, era supradita.

6.3. Et despoys que o dito obispo foy consegrado, veeose para sua eglleja, et traballa[n]do con a mayor diligencia que pode, começou de reparar totalas cousas que achou destroydas. Et enno primeyro ano do(u) seu pontificado enviou a Monin Afonso et a outro Monin Gelmeriz, seu yrmão, canonigos de Santiago, que ja outras vezes foran porla dita eglleja à corte de Roma, os quaes <trouxeran> confirmaçon do privilegio que o Santo Padre Urbano outorgara ao obispo Dalmacio por que mandara mudar o bispado de Yria enna eglleja de Santiago et fezera os obispos dende esentos, o qual confirmou o papa Pascasio. Et outrosy confirmou de novo totalas do-nações et dadivas feytas à Eglleja de Santiago porlos reys d'España

6.2. E depois, a pouco tempo, foise o dito don Diego eleito a cidade de Toledo, adonde o dito rey don Alfonso estaua cono arcebispo de Toledo e con outros muitos señores, e foi recebido con procison e con muita honrra. E pola gracia de Deus e pola sua endustrea, recobrou muitas cousas da Eygreje de Santiago que eran perdidas. E querendo o dito don Rodrigo yr a receuer a consagraçon do papa porque era esento sigun o priuilegio que ganou seu antecessor Dalmacio, non quiso o dito rey don Alfonso temendo os anamigos, por canto o dito don Diego Pelaiz e seus parentes estauan con el rey don Pedro de Aragon y o dito eleito auia de passar por seu reyno. Por ende el rey don Alfonso, temendo ser presso o dito eleito en desonrra de seus anamigos, non quiso el que ala fose y escrebeu ao Santo Padre con d[o]us<sup>140</sup> canonegos, que a un decian Vngo y a outro Vincenso, que aprouese a Sua Santidade de ô embiar a consagrar aca. Os canonegos, endo polo camiño, adoecen: Vngo de grande emfermidade e Vincente se finou no camiño, polo cal se tardaron as leteras. Y o papa escrebeu al rey por suas leteras, polas cales cometio a consagraçon do dito eleito ao bispo de Burgos, Mangolo Menon.

Y aquí poden ver fremosas leteras de boa retoreca que o papa escribiu al rey y a crerecia do reino polo bispo don Diego Gelmirez e por sua consagraçon, o cal depois foi consagrado kalen[dis] maij, era supradicta.

6.3. E depois que o dito bispo foi consagrado, veuse para a sua eygreje, [fl. 14r] e traballando co a mor deligencea que pode começou de reparar todas as cousas que achou destruidas. E no primero ano do seu pontificado embiou Amonin y outro Amonin Gelmirez, seu irman, canonegos de Santiago, que ja outras veces foran pola dita eygreje a corte de Roma, os quais trouxeron confirmaçon do priuilegio que o Santo Padre Vrbano outorgou ao bispo Dalmacio por que mandara mudar o bispado de Yrea na eygreje de Santiago e fecera os bispos d'ende esentos. O cal confirmou de nouo todas as do-nações e dadiuas feitas à Eygreje de Santiago por los reyes de España e por los nobres e fies cristans, y os botos que foron estabrecidos

et porlos nobres fiees christaños, et os votos que foron estabiliscidos porlos reys de Castella, deslo rio [fl. **IIva**] de Pisorga ata o mar ociano, poendo sentença d'escomion a qualquer persona que pasase contra o dito privilegio, que foy dado ano Domini millesimo CXXII.

Et despoys desto o dito obispo por onrar mays a Eglleja de Santiago, enviou outra vez a Roma os honrados seus canonigos, Ungo et Diego, os quaes lle trouxeron as seguintes leteras para fazer ende cardeaes: «Pascasio obispo, servo dos servos de Deus, ao honrado yrmão Diego obispo conpostellano: soude et beyçon apostollica. A eglleja que recebiiste, a qual as de reger porla graça de Deus, porque moyto tempo foy <viuada> et <caresceu> de pastor, he quasi destroyda et desconssollada; porende debes a traballar por que enla totalas cousas sejan ordenadas et dispostas a serviço de Deus, segun custume da santa Eglleja Romana, constituynndo ende cardeaes, presbiteros et diaconos que dignamente posan sostéer o regemento ecclesiastico, cada hũu en seu officio, et que sabea[n] governar a serviço et onra da Eglleja de Santiago. Et se os d'España ante que recibesen as leys romanas casavan, os fillos, segun custume da terra, non fosen nin sejan lançados das dignidades da eglleja, ca nos despensamos con eles. Enpero encongruun et desonesto he que os monjes con as santas moniales vivan de consũu, o qual aa tua prudencia cometemos que os devidas et partes por que vivan hũus longe dos outros, segundo teu abritrio et por consello de [fl. **IIvb**] béens religiosos, etc.» Et aqui o papa, por devaçõ do apostolo Santiago, tomou totalas egllejas et donações que perteescia[n] a dita Eglleja de Santiago so proteyçon et defendemento da santa Seen Apostolica. Et mandou que quaesquer que tomasen os béés de quaesquer egllejas et lugares de Santiago, et amoestandoos non satifizesen, que fosen malditos et esconmungados. Dada en Roma, ano Domini M<sup>o</sup> CXXIII.

**6.4.** Et enno dito ano, o dito obispo, como bóo pastor et vigiliador sobre suas ovellas, foy a Purtugal a visitar as posisões da Eglleja de Santiago et trouxo dende os santos corpos de San Froytoso et de San

polos reis de Castela desd'o rio de Pisorga ata o mar ocean, pon-do sentença d'escomunión<sup>141</sup> a qualquer persoa que pasase contra o dito priuilegio, que foi dado ano Domini mil e cento e vinte e dous.

**6.4.** E no dito ano, o dito bispo, como bô pastor e vigiador sobre suas obellas, foi ata Portugal a visitar as posisões da Eygrege de Santiago e trouxo d'ende os santos corpos [de]<sup>142</sup> San Fruitoso, San

Silvestre, et de San Cucufato et de Santa Susana, et asentóos enna sua eglleja de Santiago, segun que veeredes por sua Estoria.

6.5. Et por que a sua santa Eglleja de Santiago fosse mays onrada, propo en seu coraçon para que, avida licencia del rey don Afonso, fose a Roma ao Santo Padre a pedirlle que podesen celebrar con palio, o qual outro obispo que fose antes del non podera aver nin alcanzar do papa. Et quantos traballos et angustias pasou et sofreu enno camiño, et outrosy con quantas onras et pricissoos foy recebido de moytos arçobispos et obispos et abbades, reys, principes enno dito camiño, et quantas celebrações de missas et predicaciones fezo ennas eglejas et mosteyros por onde passou, et infestações que recebeu el, et os seus inimigos da Eglleja Romana, seeria longo de escripvir.

Entanto que chegou [fl. 12ra] ao mosteyro de Crunego, enno qual o recebeu o abbade con grande onra et pricisson et o apou-sentou onradamente. Et enno segundo dia celebrou o dito obispo sollemnemente enno dito mosteyro, et despoys de comer declarou ao abbade a causa de sua yda a Roma; do qual o dito abbade foy moyto espantado et disolle asy:

—Irmaóó muyto amado: Deus te queyra ajudar, ca esto que tu vas demandar he hũa gran cousa et non creo que a posas alcançar, ca eu me recordo que o obispo Dalmacio, teu antecessor, que foy mon-je desta cassa, ja sobre esta razon foy à corte romana et non o podo alcançar. Et responderonlle que a Eglleja de Roma enviara hũu cardeal legado a España et enbayxador ao bispo de Santiago, et quando o cardeal chegara acerca de Santiago enviara a saber ao obispo en como aly vina para que o bispo fose receber con solempnidade et reverencia. Et que o bispo disera que a Eglleja Conpostellana era cabeza das eglejas occidentaes, enna qual era o corpo do apostolo Santiago, et que ende avia cardeas, os quaes recebesen ao cardeal legado et lle fezesen outra tanta onra quanta os cardeas de Roma fazian aos de Santiago quando ala yan. <Porla> qual era grande odio enna Eglleja Romana contra a Eglleja de Conpostella. Et que o papa [et] cardeas fezeran decreto que a Eglleja Conpostellana non fose acrecentada nin mays soblimada, poys que se levantava en soberbea

Siluestro, San Cucufate, Santa Susana<sup>143</sup> y asentouos na sua eygreje de Santiago, segun que veredes por sua Historia.

6.5. E por que a su' Eygreje<sup>144</sup> de Santiago foise mais honrrada, propo en seu curaçon para que, auida licencea del rey don Alfonso, fose a Roma ao Santo Padre a pedille que podesen celebrar con paleo, o cal outro bispo que fose antes dele non podera alcançar do papa. E cantos traballos e angustias pasou e sofreu no camiño, y outrosi con cantas honrras e pricison[s]<sup>145</sup> foi reciuido de muitos arcebispos y abbades, reis e princepes no dito camiño, e cantas celebrações de misas e predicaciones fezo nas eygrejes e mosteiros pour onde pasou e infestações que recebeu ele y os suos dos anemig<os><sup>146</sup> da Eygreje Romana, seria longo de escribir.

E tanto que chegou ô mosteiro de Crunio, no cal o recebeu [fl. 14v] o abbade con grande honrra e pricison e apou-sentou honrradamente. E no segundo dia çalebrou o dito bispo solenemente no dito mosteiro, e despois de comer dec[la]rou<sup>147</sup> a[o]<sup>148</sup> abade a causa da sua yda a Roma; do cal o dito abade foi mui espantado e dixo lle assi:

—Irman muito amado: Deus te quira ajudar, ca isto que tu vas a demandar e una gran cousa e non creo que a podras acabar, ca eu me recordo que o bispo Dalmacio, teu antecessor, que fui mon<g>e<sup>149</sup> desta cassa, ja sobre esta raçon foi â corte romana e non o podo alcançar. E responderonlle que a Eygreje de Roma imbiara un cardeal legado en España e embayxador ao bispo de Santiago, e cando o cardeal chegara acerca de Santiago mandara sauer a o bispo en como ali viña para que o bispo o fose receber con solinidade e reuerencea. E que o bispo dixerá que a Eygreje Compostelana era cabeza das eygrejes occidentais, na qual era o corpo do apostole Santiago, e que ende auia cardias, os quais recebesen ao cardeal legado e lle fecessen tanta honrra canta os cardeas de Roma facian aos de Santiago cando la yan. Polo qual era grande odio na Eygreje Romana contra a Eygreje de Compostela, e que o papa e cardeas feceran de[c]reto<sup>150</sup> que a Eygreje Compostelana non fose acrecentada ne mais sublimada, pois que se lebantaba con soberuia contra a romana. Empero tu, fillo, bispo, roga a Deus y ao apostol Santiago que este odio seja tirado

contr' a Eglleja Romana. Enpero [fl. 12rb] tu, fillo, obispo, roga a Deus et ao apóstollo Santiago que este odio seja tirado dos seus coraçõs [et] da sua memoria; entra con grande omilldade et mesura, et a todos sey obediente et benigno, et non demandes por ty esta dignidade, mays envia dous dos teus mays honestos et sabedores que a demanden con muyta homilldade.

Et o bispo notou ben en seu coraçõn aquelas palabras que lle diso o santo abbade et revolveas en seu coraçõn muytas veces. Et continuando seu camiño, chegou a corte de Roma et foy moy ben recebido do papa et dos cardeas, et fezo como lle disera o abbade: con muyta omilldade se ouvo enna santa Seen Apostolica et enviou seus mesajeiros ao papa a pedir o palio, <enno> qual lle poseron gran dificultade, pero porla sua grande voondade et homilldade, foille outorgado. Et enton recebeu o palio do papa et cardeas, segundo custume romano enna eglleja de San Lourenço de Roma, segun parecera porlo (segun) privilegio que começa «Pascasius episcopus, seruus seruorum Dey, etc.». Enno qual, en suma, se conten que o Santo Padre por reverencia do apóstollo Santiago, cujo corpo he sepultado enna eglleja de Conpostella, segun ten e creen a Eglleja occidental por reverencia do apóstollo Santiago, do qual foy trasladada a Eglleja de Yria en Conpostella et sacada de subjeçõn da metropolitana, a Eglleja de Bragãa, et santo membro da Eglleja de Roma. Porende, o Santo Padre, porla mays onrar, outorgou ao obispo don Diego et seus subcessores para que senpre celebrasen [fl. 12va] con palio enna dita eglleja <en dia> de Nadal, Epifania, Anunciaçõn, Cena Domini, dia de Ramos, Ascenson, Pentecoste, as tres festas de Santa Maria, San Migell, San Juan Babtista, Santiago, os dias dos Apóstollos, dia de Todos Santos, Dedicacõn da Eglleja, San Lourenço, San Vicenço, San Martino, Santo Ysydro, con outras moytas festas et boas cousas contiudas enno dito privilegio, dado ano Domini millesimo CXXV.

6.6. Et de como tornou et fezo ordenar o altar de Santiago, que era muy pequeno et moy diforme et mal ordenado, so qual crian et tiñan os fiees christaooos seer o santo sepulcro do apóstollo Santiago. Et tiñan os canonicos antiigos que non ousarian mudar o santo altar

dos seus coraçõs e da sua memorea; entra con grande vmildade e mesura y a todos sei obediente e benino, e non demandes por ti esta denidade, mais manda dous dos teus mays honestos e sauidores que a demanden con muita humildade<sup>151</sup>.

Y o bispo notou en seu coraçõn aquelas palabras que lle dixo o santo abbade e rebolueuas en seu coraçõn muitas veces. E continuando seu camiño, chegou [fl. 15r] â corte de Roma e foi mui ben recibido do papa e dos cardeas, e feço como lle dixera o abbade, con muita humildade, e se ouuo na Santa Sede *Appostolica*<sup>152</sup> e mandou seus mensajeiros ô papa a pedir o palio, no cal lle puxeron grande defecultade, pero pola sua grande bondade e homildade foille outorgado. Y entonces<sup>153</sup> recebeu o palio do papa e cardeas, segun custume romana, na eygreje de San Lourenço de Roma, sigun parecera polo siguiente priuilegio<sup>154</sup>, que começa «Pascasius episcopus, seruus seruorum Dei». No qual, en suma, se conten que o Santo Padre, por reuerencia do apóstol Santiago, cuyo corpo e sepultado na eygreje de Compostela, segun ten e creen a Eygreje occidental por reuerencea do apóstol Santiago, do qual foi trasladada á Jglesia de Yria en Compostela e sacada de sojeiçõn da metropolitana â Eygreje de Braga e santo nembro da Eygreje de Roma. Por ende o Santo Padre, pola mais honrrar, outorgou a[o]<sup>155</sup> obispo don Diego e seus sucesores para que sempre celebrasen con paleo na dita eygreje en dia de Nadal, Epifania, Annunciacion, Cena Domini, dia de Ramos, Ascension, Penthecostes, as tres festas de Santa Maria, San Miguel, San Juan Baptista, Santiago, os dias dos Apóstoles, dia de Todos Santos, Dedicacõn da Eygreje, San Lourenzo, San Vicenço, San Martiño, *Santo*<sup>156</sup> Isidro, con outras muitas festas e boas cousas contidas<sup>157</sup> no dito priuilegio, dado ano Domini 1125<sup>158</sup>.

6.6. E de como tornou feço ordenar o altar de Santiago, que era mui pequeno e mui desforme e mal ordenado, so o cal crian e tiñan os fiés cristans ser o santo sepulcro do apóstol Santiago. E tiñan os canonicos antiigos que non ousauan mudar o santo altar porque non

porque non eran dignos para tanger tan santa cousa. Et o santo obispo, confiando da misericordia de Deus et do apóstollo Santiago, como bóo caballeiro esforçado para entrar en tal batalla, pero con grant themor, atreveuse et desfezoo, et poso ende hũa muy boa et moy grande ara et hũu <retrable> de ouro et de prata. Et fezoo hũu nobre capitel sobre quatro calunpnas argentadas e dour[ad]as, et cercóo de maravillosas grades, a semelança de manseolo condito et escondido. Et so este altar esta outro altar so que esta o corpo de Santiago, o qual lle foy muy maa de acabar con os antíígos sabedores vaarões que non querian que se desfese o dito altar. Et conprido seu desejo et [fl. 12vb] posta a dita ara sobrelo dito altar, et deante dela o dito frontal seu <retablo> de ouro, fezo en derredor o <pavimento> cerquado de nobres colunpnas et pintado de fermosas figuras. Hedificou o cinballo, en derredor do altar do apóstollo Santiago, de fermosas figuras de ouro et de prata, moy maravillosamente obrado. Et de dentro, atras a dita ara, fezo(o) o altar de Santa Maria Madalena para as secretas orações, enna qual ordenou a missa matutinal, et dar as penitencias et oyr as confesoons et dar as comiões. Et alende do arco fezo o altar et capella de Sam Salvador et a capella de San Pedro et Santo Andre et San Froytoso, San Juan Babtista; et enno sinistro corno a capella de San Juan Apóstollo et a capella de San Bertholameu et Santa Cruz. Et ungeos con a santa crisma et consegrou os ditos altares et o altar de Santa Fides.

6.7. Et dou a meetade das esmoladas que viesen aos altares de Santa Maria Madallena et a Santa Cruz ao espital de Santiago para sua sustentaçõ dos pelegriins. Et reparou o moosteyro de San Martino et a egliseja do Santo Sepulcro enno outeyro de Santa Susana, onde jaz o seu corpo, o qual trouxera de Bragãa. Et ordenou que cada ano que a clerizia et pobóo de Santiago fose aly en pricisson o primeyro lũus de Pascoa. Et fezo a egliseja de San Lourenço de monte Goyo por reverencia do romeu que ende trouxo Santiago. Et ordenou que cada ano enna letania mayor [fl. 13ra] fose aly a pricisson con as cruces –clerizia et poboo da cibdade de Santiago– por dia de San Marco, onde estan as suas reliquas.

eran dinos para tanger tan santa cousa. Y o santo bispo, confiando da misericordia de Deus e do apóstol Santiago, como bo caualeiro esforçado para entrar [fl. 15v] en tal batalla, pero con gran temor, atreueuse e desfecoo, e poso ende mui boa e mui grande ara e un retablo de ouro e de prata; e fezo un nobre capitel sobre catro colunas argentadas e doradas, cercouo de marauillosas gradas a semellanza de mauseolo condito y escondido<sup>159</sup>. E so este altar esta outro altar so que esta o corpo de Santiago<sup>160</sup>, o qual lle foi mui mao, eu os antiguos sauidores, que non querian se desfecese o dito altar<sup>161</sup>. E comprido seu desejo e posta a dita ara sobelo dito altar e diante dela o dito frontal, seu retabro d'ouro, feço en derredor o pauimento cercado de nobres colunas e pintado de fremosas figuras. Edificou o cinboreo en derredor do altar do apóstol Santiago de fremosas figuras de ouro e de prata mui marauillosamente obrado; e dentro, atras, a dita ara para as secretas oraçons<sup>162</sup>, na cal ordenou a missa matutinal, e dar as penitencias y oir as confesions e dar as comunions. Y alen do cerco feço o altar e la capela de San Salvador y a capela de San Pedro y o San Andre e San Fruitoso e San Juan Boutista; e no sinistro corno a capela de San Juan Apóstol y a capela de San Bartolameu e Santa Cruz. E ungeas con santa crisma e consagrou os ditos altares y o altar de Santa Fides.

6.7. E deu a metade das esmoladas que viesen o altar de Santa Maria Madalena y a Santa Cruz ao espital de Santiago para sua sustentaçõ dos pelegriños. E reparou o mosteiro de San Martiño y a eygreje do Santo Sepulcro y o outeiro de Santa Susana, onde jaz o seu corpo, o cal trouxeron de Braga. Ordenou que cad'ano a cregecia e pobo de Santiago fosse ali en pricison o permeiro lunes de Pascoa. E fezo a eygreje de San Lourenço do monte Goyo por reuerencia do romeiro que ende [t]rouxo<sup>163</sup> Santiago. Y ordenou que cada ano na ledaiña ma[yor]<sup>164</sup> fose ali a pricison co as cruces –cregecia e pobo da cidade de Santiago– por dia de San Marco, onde [fl. 16r] estan as suas reliquias.

6.8. Et porque a santa Eglleja de Conpostella, que lle porla graça de Deus fora encomendada, fora por gran tempo desolada de pastor, non avendo ende obispo nin clerigos, salvo poucos et muy rudos, nin paaço arçobispal, começou ende junto con a dita eglleja hũs paaços de bobeda con hũa conveniente torre. Et eles asy começados, con ajuda de Deus, en breve tempo os trouxo a perfeçon, aos quaes agora dizen os “paaços vellos”. Et fezo outras cousas en derredor da eglleja moy ben obradas, et fezo outras cousas ende <moyto> boas. Et ordenou enna dita sée seteenta et dous canonigos, a semellança dos sateenta et dous dicipulus de Jhesu Christo, provendolles de congruo maantemento. Et recebeu deles juramento de obediencia et religion. Et dou orden como andasen vestidos de opas e sobrepelizas, o qual lle foy maa de acabar con eles, que nunca en semellaveles habitos andaran. Foy enno ano Domini millesimo CX.

6.9. Iten, considerando o dito obispo en como enno reyno de Galiza non avia mosteyro de monjas religiosas salvo o mosteyro de Ciinz, que era ja destroydo porlo pecado do incesto et luxuria, et porlas guerras et montanas en que estava; et veendóo {[que] moytas moças fillas dalgo eran} lançadas a mal por mingoa de [fl. 13rb] cassa de religion, fezo et ordenou o mosteyro de Santa Maria de Coonjo de moy bõa eglleja et claustra, et cercoa de boos muros, et fezo ende hũa moy grande orta at' acerqua do rio, enna qual fezo poer moytas arvores de froytas para que as religiosas del ouvesen <releaçõ>.

6.10. Iten, o santo obispo considerando a grande onra en que a Eglleja de Yria fora sublimada et cathedra de tantos santos obispos ante que o corpo do santo apostollo Santiago fose revellado, et de como agora de toda era destroyda et posta en tanta proveza que algũs pouquos clerigos que ende moravan, partidos do (o) oficio clerical, non se dizian ende os oficios salvo enno Avento et enna Coresma, et esto non /muy/ conpridamente, porquanto non avian ende abastança para seu manteimento et vistirio, condolendose moyto delo, por consello de dez canonigos, por privilegio del rey fezo ende hũa moy boa eglleja aa onra de Santa Maria con hũa moy

6.8. E porque a santa Yglesia de Compostela, que lle fora pola gracia de Deus encomendada, fora por gran tempo disolada de pastor, non auendo ende bispo nen cregos, saluo poucos e mui rudos, nen paço arcobispal, començou ende, junto co a dita eygreje, vn paço de boueda con una conueniente torre. Y eles asi começados, co a ajuda de Deus, en breue tempo os trouxo a perfeccion, aos quais agora din os “paços bellos”. E feço outras cousas en deredor de eygreje mui ben obradas y outras cousas ende muito boas. Y ordenou na dita sê setenta e dous canonigos<sup>165</sup> a semellança dos setenta e dous dicipulos de Christo, prouendolles de congruo mantemento. E recebeu deles juramento de obediencia e religion. E deu orden como andasen vestidos de roupas e sobrepelices, o cal lle foi mao de acabar co eles, que nunca en semellantes abetos andaran. Foi no ano de mil e cento e dez<sup>166</sup>.

6.9. Jten, considerando o bispo en como no reino de Galicia no auia mosteiro de monjas religiosas saluo o mosteiro de Cruz, que era ja destruido po lo pecado, incesto e luxuria, po las guerras en que estaua, e uendo muitas moças fillas dalgo<sup>167</sup> eran lançadas a mal por mingoa de cassa de religion, feço e ordenou o mosteiro de Santa Maria de Conxo de muy boa eygreje e craustra, e cercouo de bos muros e feço ende vna muy grande orta cerca do rio, na cal feço por muitas e boas fruteiras para que as religiosas del ouvesen recreaçõ.

6.10. Jten, o santo bispo considerando a grande honrra en que a Eygreje de Yria fora soblimada e cathedra de tantos santos bispos antes que o corpo de Santiago fose rebelado, e de como agora<sup>168</sup> era destroyda e posta en tanta pobreza que alguns poucos cregos que ende morauan, partidos do oficeo crerigal, [fl. 16v] non se decian ende oficios saluo no Aduiento e na Coresma, y esto no muy compridamente, por canto no auia ende abastança para seus mantementos e vistirio, condolendose muito delo, por consello de dez canonigos, por preuilegio del rey feço ende vna mui boa eygreje â honrra de Santa Maria con un mui grande altar en que poso muitas

grande altar en que poso moytas reliquias, et fezo poer outros dous altares: hũu de San Martiño et outro de San Miguell. Et constituyo ende doze canonigos et hũu prior, por reverencia dos doze apostollos de Noso Señor Jhesu Christo, ben instructos enno oficio divino. Et fezolles dormitorio et refortorio et cassas in circuyto da eglleja; et doulles canpanas moyto bõas et libros et ornamentos et largos reditus et posisóos en que se podesen manteer. Et fezóos exenptos et as herdades da eglleja.

Et esto asy acabado, o santo obispo começou outra obra de piedade enno dito lugar. Et desfezo hũa [fl. 13va] eglleja moy provizilla que estava ende feyta enna ribeyra do Sáár, adonde poseran o corpo de Santiago quando o deceran da nave. Et por onra de tan grande ospepe, con grande industria reparou et fezo ende de novo hũa (hũa) muy bõa eglleja con tres cabeças et tres altares: o de medeo a onra [do] glorioso apostollo Santiago, porque ende fora recebido o seu corpo, et os outros dous altares, hũu a onra de Santa Maria <Salome> et outro de San Juan, apostollo e evangelista. Et a dita eglleja asy feyta, poso enlla candeyros et ornamentos conpotentes ao culto ecclesiastico (ecclesiastico). Et porque o ben dobrado val mays que o simple, dou et outorgou aas ditas egllejas de Yria, asy à primeyra que fezera et <reparara> como a esta que despoys hedificou, certos reditus de distribuições a cada hũu dos doze coengos et Pelayo, <presbitoro> que ende avia de servir a onra de Deus, asy {(como) enno espiritual como} enno tenporal.

6.II. Et en Postomarcos fezo as egllejas de Santa Cruz et de Santa Vaya et de Santa Lucrecia et de Santa Maria de Nebra, que de todo punto eran destroydas; et acerca de <Paradela> e a eglleja de San Migell de Boyllom, et en Salnes outras muytas egllejas que son longo de escribir.

Iten, ao dito obispo don Diego foy quitado o portalgo de San Payo do Lodo; et outrosy gaançou as [fl. 13vb] cassas del rey et da rayna et os coutos de Pillono et Brandoriz.

Et determinou a gran contenda que era ontrellos obispos de Burgos et de Osma sobrelos <comires> dos obispados. Et foy à villa de Grallal acerca de San Fagundo a visitar o principe Reymundo, et

reliquias, e feço pôr outros dous altares: vn de San Martiño y outro de San Miguel. E costituyu ende doze canonigos e vn prior por reuerencea dos doce apostoles de Noso Señor Jesuchristo, ben institutos no oficeo diuino. E feçolles dormitorio e refitório e casas en circuitu da eygreje; e deulles campanas mui boas e libros y ornamentos e [l]argos<sup>169</sup> reditos e posesons en que se podesen manter. E feçoos esentos y as herdades da eygreje.

E isto assi acabado, o santo bispo começou outra obra de piedade no dito lugar: desfeço una eygreje muy proueciña que estaua ende feita na riueira do Sar, onde poseron o corpo de Santiago cando o deceran da naue. E pour honrra de tan grande hospede, con grande endustria reparou e feço una mui boa eygreje con tres cabeças e tres altares: o de medio a honrra do apostol Santiago, porque cando o deceran da naue ende fora reciuído o seu corpo, y os outros dous altares, vn a honrra de Santa Maria Salome y outro de San Juan, apostol y euangelista. Y a dita eygreje asi feita, poso nela candieiros e ornamentos competentes ao culto eclesiastico. E porque o ben dobrado val mais que o simple, dou y otorgou às ditas eygrejes de Yrea, assi a permeira que fecera e reparara como esta, certos reditos de distribuçõs a cada un dos doce canonigos e Pelajo, presvitero que ende auia de seruir a honrra de Deus, assi no espiritual como [fl. 17r] no temporal.

6.II. Y en Porto Marcos feço as eygrejes de Santa Cruz e de Santa Vaya e de Santa Lucricia e de Santa Maria de Nebra, que de todo punto eran destroydas; y acerca de Paradela a eygreje de San Miguel de Boullon, y en San Lens outras muitas eygrejes que son longo de escribir<sup>170</sup>.

Jten, ao dito bispo don Diego foi quitado o portadgo de Santo Payo do Lodo; y otrosi gançou as casas del rey e da reiña y os coutos de Pilon e Brandaciz.

E determinou gran contenda que era entre os bispos de Burgos e de Osma sobre os limites do[s]<sup>171</sup> bispados. E foi a vila de Grallal a visitar o principe Reimundo –estaua esta dita vila cerca

foy ende recebido con gran reverencia et dou o sacramento ao dito principe, que confiou de sua alma et fazenda, o qual leyxou, ao mosteyro de Chantada en Riba de Miño, et à eglise de San Mamede et aas outras egliseas, herdades que el avia entrella Ulla et o Tamere. Et desque se finou o dito conde, fezolle o dito obispo grandes onras et obsequias et maravilhosa sepultura enna santa eglisea de Santiago, o qual seeria moy longo d'escibir.

Et despoys desto, o dito obispo segueo a corte del rey don Afonso con asaz traballo et custas. Et el rey veendo a sua sciencia et omilldade, doulle o Balcarcere, et o burgo de <TrabaHdo> et a mōeda de Santiago para que a convertese ennos usos da eglisea et dos clerigos dela.

**6.12.** O dito obispo encomendou a garda da dita mōeda de Santiago a seus officiaes por que a non fezesen falssa; et a <mayor> capte-lla poso por veedor a Redulfo, home de sutil engeño. O qual dou querella que dous cibdadãos a que chamavan Juan Longobardo et Graside, [fl. 14ra] seu yrmão, o qual Juan era reposteyro da rayna, os quaes tomaran et esportaran a dita mōeda. Et enton el rey mandou chamar ante sy o bispo et en presenza de todos fezo a saber a verdade, et tirou o señorío aos cibdadaos da cibdade para sempre, dizendo que seus avoos o deran à Eglisea de Santiago. Et entregou aos cibdadãos enna mão do obispo que os julgase et maldisoos, et toda sua geraçon, que fosen desterrados para senpre. Enton o bispo, para aver o privilegio da dita moeda, leyxou con el rey a Diego Butanon et Moyno, seu yrmão, en Burgos; os quaes non poderon aver o privilegio porque diso el rey que o queria oferescer sobrelo altar de Santiago.

**6.13.** Iten, despoys desto, a tres anos os mouros vieron a cerquar a Tolledo et combateronno muy de regeamente –os ardarves–, et destroyron os arrabaldes et mataron moytos caballeyros et nobres homes. Et non poderon entrar a cibdade porlla fortolleza do lugar et dos nobres caballeyros que ende estavan, et cessaron de combater et poseron ende suas tendas en derredor. Et estonces o fillo del rey, don Sancho, que tiña o senorio de Tolledo por el rey, armousse con

de San Fagundo–, e foi ende reciuido con gran reuerencia e deu o sacramento ao dito principe, que confiou del sua alma; e facendo o qu'el<sup>172</sup> deixou ô mosteiro de Chantada, en Riua de Miño, y a eygreje de San Mamede y as outras eygrejes y herdades que y auia entre Vlla y o Tamare. E desque se finou o dito conde, fecolle o dito bispo grandes honrras y obsequeas e marauillosa sepultura na santa eygreje de Santiago, o cal seria longo de escribir.

E depois desto, o dito bispo seguia a corte del rey don Alfonso con asaz traballo e costa. Y el rei vendo a sua sciencea e vmildade, doulle o Balcazere y o burgo de Tras ao Bra da moeda de Santiago, para que a conuertese nos vsos da eygreje e dos cregos dela.

**6.12.** O dito bispo encomendou a garda da dita moeda de Santiago a seus oficeas por que a non fecesen falsa; y a mor coutela pouso por vedor a Redulfo, home de sutil engeño. O cal dou querella que [fl. 17v] dous cidadans<sup>173</sup> que chamaban Jan Lombardo e Gracido, seu jrman, o cal Jan era reposteiro da raiña, os quais tomaron y esportaron a dita moeda. Y enton el rey mandou chamar ante si o bispo y en presenca de todos feço sauer a uerdade, e tirou o señorío aos cidadans da cidade para sempre, dicendo que seus abòs o deran a Eygreje de Santiago. Y entregou os cidadans na man do bispo que os juzgase e maldijoos, e toda sua geraçon, e que fosen desterrados para sempre. Y enton o bispo, para auer o priuilegio da dita moeda, leixou con el rey a Diego Butano e Moíño, seu irman, en Burgos; os quais non poderon auer o priuilegio porque dixo el rey que o queria ofrecer sobre o altar de Santiago.

**6.13.** Jten, despoys desto, d'ali a tres anos os mouros vieron a cercar a Toledo e combaterono muy de rreja mente –os adarues–, e destroyrono arrabal e mataron muitos cabaleiros e nobres homes. E non poderon entrar na cidade pola fortaleza do lugar e dos nobeles cabaleiros que ende estauan, e cesaron de combater e pasaron ende suas tendas en derredor. Y estonces o fillo del rey, don Sancho, que tiña o señorío de Toledo por el rey, armousse con gran parte de cabalaria

gran parte da caballaria et saeu da cibdade para correr con os mouros, et começou a pellejar [fl. 14rb] muy de regeamente con elles. Et como os mouros eran muytos et porlos pecados et permisson divina, morreu ende o infante, fillo del rey, don Sancho, et os mays que con el yan. Et quando o santo obispo don Dyego oeu a morte do principe, ajuntou todolos seus caballeyros do reyno de Galiza et foysse con dona Orraqua, filla del rey, ao lugar onde os mouros estavan, et porla graça de Deus correu con elles et librou a terra dos ynimigos.

Esto asy acabado, o bispo adoesceu de hũa grande enfermidade et foy dela muy mal trautado et chegado aa morte. Mays o señor Deus non quiso desanparrar a santa Egleja de Santiago de tan nobre pastor; doulle Deus saude. Et el, asy saão, veeose a cibdade de Sogovea onde estava el rey et a rayna, que o receberam muy onradamente, et lle mandaron dar boas poussadas et todo o que lle {era(n)} menester. Et en outro dia foy a fallar con el rey e entre muytas palabras que o obispo ouvo con o señor rey lle demandou o privilegio da dita mœda. Et el rey lle respondeu que, plazendo a Deus, asentado o feyto dos mouros, que viinria a Tolledo, que entendia yr a pé a vissitar o 'postollo Santiago, seu defensor, et que entonces oferresceria o privilegio enno seu altar. Et o bispo lle diso que el non era seguro [fl. 14va] da morte et que poderia antes morrer; et se el por sy non dava o privilegio, que menos o darian os fillos, et que ante tirarian aas eglejas o que tiinan que lles dar mays.

Et quando el rey [et] a rayna esto oyron, disseron ao obispo que se fose para sua pousada et que elles en aquela noyte aviirian seu acordo et lle darian boa reposta. Et en outro dia porla manãa vëoo o bispo et achou el rey et a rayna en sua camara et foy deles muy bem recebiido; et disolle el rey quantas coytas de noyte passara, et como toda aquela noyte el nin a rayna non dormiran departindo ennas grandes cousas que Deus fazia por rogo do apostollo Santiago en les dar vitoria dos inimigos da santa fe catholica {(ca)}. Et sentouse en gionlos et con moytas lagrimas et sospiros, con gran devaçon, lle oferresceron o dito privilegio et outras muytas joyas et dõas para a Egleja de Santiago.

e saya da cidade para correr conos mouros. Começou de pelejar muy de rrexa mente co eles e, como os mouros eran mutos e po los pecados e permission diuina, morreu ende o infante y os mais que coele yan. E cando o bispo don Diego oyu a morte do principe, ajuntou todos os seus cabaleiros do reino de Galicea e fo[i]se<sup>174</sup> con doña Vrraca, filla del rey, ao lugar onde os mouros estauan, e pola gracea de Deus correu co eles e librou a terra dos anamigos.

Jten<sup>175</sup>, isto assi acabado, o bispo adoeceu duna grande infirmitade e foy dela muy maltratado e chegado â morte. Mais o Señor Deus [fl. 18r] non quiso desamparar a santa Eygreje de Santiago de tan nobre pastor; doulle Deus saude. Y ele, asi san, veuse á cidade de Segouia, onde estaua el rey y a raiña, que o receberam muy honrradamente e lle mandaron dar boas pousadas e todo aquilo<sup>176</sup> que lle era menester. E no outro dia foi a falar con el rey y entre muitas palabras que o bispo ouuo co o siñor rey lle demandou o priuilegio da dita moeda. Y el rei lle respondeu que, pracendo a Deus, asantado o feito dos mouros, que venrria a Toledo, que entendia ir a pê a visitar o apostol Santiago, seu defensor, e que entonces ofreceria o priuilegeo no seu altar. Y o bispo lle dixo qu'el non era seguro da morte e que podia antes morrer; e que se el por si non daua o preuilegeo, que menos o darian os fillos e que antes tirarian âs eygrejes o que tiñan que lles dar mais.

E cando el rey y a raiña isto oyron, dixeron o bispo que se fose para sua pousada, qu'eles naquela noite auerian seu acordo e lle darian boa resposta. E no outro dia pola mañan veu o bispo y achou al rey y a raiña en sua camara e foi deles muy ben reciuido; e dixolle el rey cantas cuitas de noyte passara, e como toda aquela noyte ele nen a raiña non dormiran departindo nas grandes cousas que Deus facia por rogo do apostol Santiago en les dar vitorea dos anamigos da santa fe catholeca. E sentouse de gionllos e con muitas lagremas e suspiros, con gran deuçoçon, lle ofreceron o dito priuilegeo y outras muitas joyas e dones para a Eygreje de Santiago.

6.14. Et logo começou a reparar o castello d'Oest por gardar a terra dos ysmaelitas et normanos, que entravan porla ria e estragavan toda a terra. Ordenou entonces que cada cassa pagase hũu soldo para reparamento do dito castello. Et por esto enxeptou todolos de alta mar que avian de viir cada somana hũu dia a reparar enno dito castello. [fl. 14vb] Et con os ditos soldos et o mays de sua cassa reparou o dito castello. Et el restoyrado, fezo dentro hũa capella a onra de Santiago et de fora hũa eglleja a onra de Santa Eolalie de Yrie.

6.15. Et despoys gaançou os aciprestadegos de Trasancos et Bujancos, sobrelo qual oube gran contenda com o bispo de Mo[n]danedo. Et reparou o mosteyro de Ciins, de que tirou as <monjas> et as poso enno mosteyro de Conjóó. Et poso en Cins monges et abbade segrar, segun ora esta. Iten, finalmente, gaançou privillegio do papa Pascasio para que as personas et cardeas de Santiago trouxesen <mitiras> ennas pricições das festas segun os cardeas de Roma.

Nostro Señor seja loado por senpre.

6.16. Quinta-feyra, a viinte et tres dias do mes de abril, ano de LXVII, escripveu Ruy Vaasques este «Flos Santorum» enna torre nova de Fernan Rodrigues de Leyra, juiz de Vellestro e coengo de Santiago. Et foy acabado a viinte e nobe dias do mez de março, ano Domini millesimo CCCC sessagesimo oytavo. E porque he certo, firmey aqui de meu nome: Ruy Vaasques, clerigo de Santa Vaya de Chacin.

6.14. E logo começou a reparar o castelo do Este por gardar a terra dos ysmaelitas e normanos, que entraban porla ria y estragauan toda a terra. Ordenou entonces que [fl. 18v] cada c[a]sa<sup>177</sup> pagase vn soldo para reparamento do dito castelo. E por isto enxemprou todos os de alta mar que auian de vir cada semana vn dia a reparar no dito castelo. E conos ditos soldos y o mais da sua cassa reparou o dito castelo. E restourado, feço dentro vna capela a honrra de Santa Olaya de Yrea.

6.15. E despois gançou os arciprestazgos de Trasanas e Buxanas, sobre lo qual ouue gran contenda con o bispo de Mondañedo. E reparou o mosteiro de Cins, de que tirou as monjas y as poso no mosteiro de Conxo. E poso en Cins monge y abbade segrar segun agora esta. Jten, finalmente, gançou priuilego do papa Paschasio para que as preoas e cardeas de Santiago trouxessen mitras nas procisons das festas segun os cardeas de Roma.

Noso Señor seja loado para sempre jamais, amen.

6.16. Fin do «Libro dos bispos de Yrea e Santiago», que entendo compo Jan Rodriguez do Padron<sup>178</sup>.

NOTAS Á EDICIÓN DA *HISTORIA DE IRIA*

<sup>1</sup> O manuscrito leva nun folio preliminar a seguinte advertencia: “Papel en lingua gallega”. Na folla seguinte lese esta presentación: “De Ecclesia Beatæ Mariæ Virginis / de Yria / In Diocesi Bracarenis / Ex Bibliotheca Compostellanæ / Ecclesiæ habuit / Dominus Thomas Tamaio de Vargas / Historiographus Regius. / Es papel raro por no auer otro escripto / en la lingua gallega”.

<sup>2</sup> “á amemorea” *V*.

<sup>3</sup> “Goslecos” é, probabelmente, o resultado dunha incomprensión de Lobarriñas, que non debeu de entender o que dicía C: “goticos”.

<sup>4</sup> En *V* o corte de liña separa “Sant-” de “tiago”, con repetición de <t>.

<sup>5</sup> Na marxe esquerda, a mesma man que escribiu en galego o groso do texto, é dicir, a man de Gregorio Lobarriñas, anotou aquí o seguinte: “Fue año 1444 en que se escribio esta Historia”.

<sup>6</sup> Talvez “Isrrael”.

<sup>7</sup> En *V* o corte de liña separa “Sant-” de “tiago”, con <t> repetido.

<sup>8</sup> “coele” é corrección dunha forma previa á que non lle acho sentido e que talvez fose “eoeli”.

<sup>9</sup> “catholeca” corrixido para “catholica”.

<sup>10</sup> Nota na marxe esquerda: “Començaron los godos a reinar, era 400”.

<sup>11</sup> O <u> desta forma verbal está sobrescrito en letra de corpo pequeno sobre o <o> da última sílaba.

<sup>12</sup> Quizais “quus”, mais creo que se pode tratar de “queas”, co <e> e o <a> trazados con moito descoido.

<sup>13</sup> Nota na marxe esquerda: “San Martin, obispo dumiense”. Á vista da forma que aparece no corpo do texto (“Dumiensis”), a abreviatura da última palabra desta nota tamén se podería desenvolver como *sís*: “dumiensis”.

<sup>14</sup> “eno” *V*.

<sup>15</sup> O <ç> desta palabra leva un til agudo sobreposto.

<sup>16</sup> Parece que Lobarriñas escribiu inicialmente “e pobo era” e posteriormente outra man colocou sobre a conxunción copulativa un trazo curvo cuxo valor non comprendo e corrixiu “era” para “ara”.

<sup>17</sup> “e c arrús” *V*.

<sup>18</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Diego, 2º obispo de Yria”.

<sup>19</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Samuel, 3 obispo de Yria”.

<sup>20</sup> Nota na marxe esquerda: “Gutumaro, 4 obispo de Yria”.

- <sup>21</sup> Nota na marxe esquerda: “Sendigo, 5 obispo de Yria”.
- <sup>22</sup> Nota na marxe esquerda: “Feliz, 6 obispo de Yria”.
- <sup>23</sup> Nota na marxe esquerda: “Odulco Feliz, 7 obispo de Yria”.
- <sup>24</sup> Nota na marxe esquerda: “Seluas, 8 obispo de Yria”.
- <sup>25</sup> Nota na marxe esquerda: “Leonesindo, 9 obispo de Yria”.
- <sup>26</sup> Nota na marxe esquerda: “Emula, 10 obispo de Yria”.
- <sup>27</sup> Os seguintes nove nomes dispóñense en V en dúas columnas: os sete primeiros na da esquerda, os outros dous na da dereita.
- <sup>28</sup> Nota na marxe esquerda: “alias Honorato”.
- <sup>29</sup> Nota na marxe esquerda: “alias Vincele”.
- <sup>30</sup> Nota na marxe esquerda: “alias Cresconio”.
- <sup>31</sup> Nota na marxe esquerda: “alias Vela”.
- <sup>32</sup> Nota na marxe esquerda: “alias Quendulfo”.
- <sup>33</sup> Nota na marxe dereita: “Ataulfo Morales, capítulo 40, libro 13”.
- <sup>34</sup> Nota na marxe esquerda: “Aparicion del cuerpo del apostol Santiago”.
- <sup>35</sup> Aquí hai un anacoluto, con certeza motivado polo que tamén vemos na mesma pasaxe de C, á que remito.
- <sup>36</sup> Nota na marxe esquerda: “Sepulcro de Santiago”.
- <sup>37</sup> “groceoso” V.
- <sup>38</sup> Creo que o singular trazado do <s> deste topónimo é o mesmo que se le na palabra “heregias”, que está ao final das liñas 9 e 12 do folio 3r.
- <sup>39</sup> Con algunha reserva, inclínome a pensar que “vedis” é o que di V.
- <sup>40</sup> “fose a sigunda se onrrada que regeron a santa cathedra apostolica; foron os Bispos de Yrea, fasta don Diego Paez” V. Novamente, o anacoluto de V está motivado polo que no mesmo treito observamos en C.
- <sup>41</sup> “contente” V. O erro de Lobarriñas debeu de causalalo o feito de que en C haxa corte de liña entre a forma verbal e o clítico: “conten|se”.
- <sup>42</sup> Nota na marxe esquerda: “Teudomiro, obispo de Santiago 1º”.
- <sup>43</sup> Nota na marxe esquerda: “Ateulfo, obispo 2º de Santiago”.
- <sup>44</sup> Nota na marxe esquerda: “Ateulfo, 3 obispo de Santiago”.
- <sup>45</sup> “o” V. O erro de Lobarriñas debeu de causalalo a forma arredondada do “Et” que se le en C.
- <sup>46</sup> A segunda sílaba non se le en V, polo que non se pode apreciar se pon *missa* ou *missa*. Neste manuscrito documéntanse tres ocorrencias de *missa* e catro de *missa(s)*.
- <sup>47</sup> “da garrochea” V.

<sup>48</sup> “dixer amissa” V.

<sup>49</sup> O <o> final de *lebauo* poderíase interpretar como o /ɔ/ resultante da contracción entre o <a> átono final de *lebaua* e un *o* artigo que sería o determinante de *vistido*, palabra que daquela debería lerse como substantivo, e non como participio. Esta lectura teríase que escribir así: “lebau’o vistido”. Con todo, prefiro unha lectura máis conservadora, que mantén *vistido* como participio, igual ca en C, e interpreta o <o> de *lebauo* como representación do /ɔ/ producido pola contracción entre o <a> final da forma verbal e un *o* pronome átono complemento directo. Sería unha redacción distinta da de C que se situaría nos límites da gramaticalidade e que se podería explicar como consecuencia dunha falta de atención de Lobarriñas.

<sup>50</sup> Cando se escribe por extenso, a forma deste tratamento en V é “doña” (5.4, 6.13).

<sup>51</sup> Nota na marxe esquerda: “Sisnando, 4 obispo de Santiago”.

<sup>52</sup> Nota na marxe esquerda: “Consagracion de la iglesia de Santiago. Era 917”.

<sup>53</sup> Nota na marxe esquerda: “Monasterio de Santo Payo Ante Altares edificado y el de Santo Martiño de Santiago. Santo Finz, iglesia parrochial en la ciudad de Santiago”.

<sup>54</sup> “da queles” V.

<sup>55</sup> Nota na marxe esquerda, con letra de distinta man: “/corenta/”.

<sup>56</sup> Esta frase, inicialmente omitida na copia, engadiuna a mesma man que na marxe esquerda anotou a corrección “corenta”, referida na nota anterior. O que con certeza pasou foi que Lobarriñas, por un salto de ollo, trasladou o “çinquenta et dous” de C para a liña anterior, onde dicía “quorenta et dous”, e, debido a esta confusión, deixou de copiar a frase de C que si terminaba en “çinquenta et dous”. O corrector que despois actuou sobre V cambiou “cincoenta” por “corenta” e agregou a frase que faltaba.

<sup>57</sup> Nota na marxe esquerda: “Gundesindo, 5º obispo de Santiago”.

<sup>58</sup> “morreamorte” V.

<sup>59</sup> “grand enojo” V. No folio 7r de V lese “con gran traballo enojo epe-sar”, onde con certeza “e” é conxunción copulativa, e non a sílaba inicial dun hipotético “enojo”. Este pormenor referenda a corrección da lectura “gande nojo”, que aquí propoño.

<sup>60</sup> A segunda sílaba non se ve en V. Neste manuscrito o sufixo modo-temporal dos copretéritos da primeira conxugación escríbese na maior parte dos casos con <u>, nunca con <v> e só nalgunhas ocasións con <b>.

<sup>61</sup> Falta, por probábel desprendemento, o ángulo inferior dereito deste folio 6r de V.

<sup>62</sup> En V aparece *os* sobreescrito con letra pequena entre o <n> e o <s> (aproximadamente, *jejun<sup>os</sup>*), como para contribuír a clarificar o significado dunha palabra que, seguramente, xa no primeiro cuartel do século XVII tendía a ser substituída no galego oral dos clérigos polo castelanismo *ayunos*. Por outra parte, este aditamento sobreescrito, obra da man de Lobarriñas, facilitaríalle a comprensión da palabra ao madrileño Tomás Tarmayo de Vargas, destinatario deste traslado de C.

<sup>63</sup> Nota na marxe esquerda: “Milagro del apostol Santiago”.

<sup>64</sup> Nota na marxe esquerda: “Hermenegildo, 6 obispo de Santiago”.

<sup>65</sup> “e” V.

<sup>66</sup> “teña” V.

<sup>67</sup> “da quela” V.

<sup>68</sup> “co” V.

<sup>69</sup> Nota na marxe esquerda: “caso raro”.

<sup>70</sup> Aquí bótase en falta unha forma verbal “foi” que tamén falta en C.

<sup>71</sup> En V o <n> leva por riba un inequívoco trazo inclinado á dereita (<ñ>), probabelmente inducido pola presenza do que en C colocou Rui Vasques sobre o <o>: “añōs” ms. C.

<sup>72</sup> No ms. C lese “añōs”.

<sup>73</sup> “Alemar” V, con maiúscula inicial que manteño na edición porque revela que Lobarriñas debeu de interpretar o “alemar” de C como un nome propio; “ale[n]-mar” C, con <n> omitido no manuscrito e restaurado polo editor.

<sup>74</sup> Nota na marxe esquerda: “Guerra de Clauijo”.

<sup>75</sup> “sarun” V.

<sup>76</sup> Nota na marxe esquerda: “Votos de Santiago”.

<sup>77</sup> “en o bispo” V.

<sup>78</sup> Nota na marxe esquerda: “Sisnando, 7º obispo de Santiago”.

<sup>79</sup> Os subliñados de “Sobrado” e “Caneda” están en V.

<sup>80</sup> Nota na marxe esquerda: “San Rosendo, obispo octauo de Santiago”.

<sup>81</sup> Cando se escribe por extenso, a forma deste tratamento en V é “doña” (5.4, 6.13).

<sup>82</sup> Nota na marxe esquerda: “milagro”.

<sup>83</sup> “fiçou” corrixido para “ficou” V.

<sup>84</sup> “S.” V. Cando escribe este tratamento en forma non abreviada e ante nome de persoa que empeza por vogal, Lobarriñas pon nunha ocasión “Santo” (“Santo Atheulfo”, fl. 5v) e noutra “San” (“San Andre”, fl. 15v).

<sup>85</sup> Talvez “vin”, que non faría sentido.

<sup>86</sup> Nota na marxe esquerda: “Monasterio de Celanoba de Benitos”.

<sup>87</sup> “ailla V”; “a Ylia C”, con <y> minúsculo no manuscrito. A pesar da súa correspondencia co *y*lia do manuscrito C, cabe interpretar o *illa* de V como substantivo común, pois aínda que ás veces Lobarriñas usou o acento circunflexo para marcar a contracción da preposición *a* co artigo determinado feminino, tamén deixou de facelo en moitas ocasións (cf. pp. 173, 247-249). Corrobor a sustentabilidade desta hipótese o feito de que as primeiras documentacións do castelanismo *isla* de que temos constancia sexan só da segunda metade do século XIX (cf. Gondomar e TILG). Por tanto, como non está claro que debamos ler *illa* como un nome propio, non cambio para <I> ou seu <i> inicial.

<sup>88</sup> En V non se le claramente este artigo.

<sup>89</sup> Nota na marxe esquerda: “San Payo Martir”.

<sup>90</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Payo, 9 obispo de Santiago”.

<sup>91</sup> “e” V.

<sup>92</sup> “leuantandos os rapaces” V.

<sup>93</sup> “fámilea” corrixido para “familia” V.

<sup>94</sup> O subliñado está en V. Nota na marxe esquerda: “Servus Domini Fray Pedro Martiz Moconzo, 10 obispo de Santiago”.

<sup>95</sup> “Rendae” V.

<sup>96</sup> En V hai 56 ocorrencias de “rei” e 66 de “rey”.

<sup>97</sup> Nota na marxe esquerda: “Milagro”.

<sup>98</sup> “dixorenlle” V.

<sup>99</sup> “Almancor”, talvez “Almançor”, corrixido para “Almanzor” V.

<sup>100</sup> “dede” V.

<sup>101</sup> Esta adición, que parece escrita pola mesma man que fixo a intervención do folio 6r, sitúase na marxe esquerda. Remite a ela unha cruz que no corpo do texto se interpuxo entre “sepultado,” e “e foise”, co evidente obxectivo de incorporar un fragmento de C que se omitira na copia por salto de ollo entre dous “et”.

<sup>102</sup> Hai un borrón en V que impide ler esta contracción, se é que se escribiu; Lobarriñas adoita representala con acento circunflexo; “a” C.

<sup>103</sup> Nota na marxe esquerda: “Jumara Diaz, 11 obispo de Santiago”.

- <sup>104</sup> Este artigo *o* leva un longo trazo inclinado cara á dereita que non me parece un acento.
- <sup>105</sup> Nota na marxe esquerda: “Jnstuario, 12 obispo de Santiago”.
- <sup>106</sup> Nota na marxe esquerda: “Cresconio, 13 obispo de Santiago”.
- <sup>107</sup> O fragmento “Y acabou os muros i as torres da cidade de Compostela” aparece engadido entre liña e liña, co evidente obxectivo de restaurar unhas palabras que se omitiran na copia. Esta adición pódese atribuír con certeza á man de Lobarriñas Feijó.
- <sup>108</sup> O subliñado está en V.
- <sup>109</sup> O subliñado está en V.
- <sup>110</sup> Nota na marxe esquerda: “Gudesteus, 14 obispo de Santiago”.
- <sup>111</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Diego Pelaez, 15 obispo de Santiago”.
- <sup>112</sup> Parece tratarse dun previo “engreses” corrixido para “ingreses”.
- <sup>113</sup> Cando non utiliza a abreviatura, Lobarriñas escribe unha vez “apostoleca” (fl. 11r) e outra “apostolica” (fl. 4v).
- <sup>114</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Pedro, obispo 16 de Santiago”.
- <sup>115</sup> En V aparece “Rey” na esquina inferior dereita do folio 10v, no avance do inicio do folio seguinte, mais lese “Rei” neste inicio de 11r.
- <sup>116</sup> Cando non utiliza a abreviatura, Lobarriñas escribe unha vez “apostoleca” (fl. 11r) e outra “apostolica” (fl. 4v).
- <sup>117</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Pedro Vimara, intruso”.
- <sup>118</sup> Nota na marxe esquerda: “Conde don Fernando Raimundo”.
- <sup>119</sup> Nota na marxe esquerda: “Ares Diaz, merino, mal hombre”.
- <sup>120</sup> “posison” V.
- <sup>121</sup> Nota na marxe esquerda: “Platica del conde don Fernando Raimundo”. En V estas palabras do conde Reimundo aparecen en liña á parte.
- <sup>122</sup> O subliñado está en V. Nota na marxe esquerda: “Don Diego Gelmirez, gouernador de Santiago”.
- <sup>123</sup> “e” V.
- <sup>124</sup> “touero” V.
- <sup>125</sup> “san” V.
- <sup>126</sup> Nota na marxe esquerda: “Daumacio, obispo 17 de Santiago”.
- <sup>127</sup> O anacoluto desta pasaxe débese a que, por un salto de ollo entre “grande onrra” e “muyta onrra”, Lobarriñas omitiu aquí o seguinte fragmento de C: “grande onrra, et receberam onradamente. O qual con”.
- <sup>128</sup> En V estas primeiras palabras da bula papal aparecen en liña á parte.
- <sup>129</sup> Nota na marxe esquerda: “Bulla de la translacion del obispado de Yria”.

<sup>130</sup> Esta forma reaparece no folio 13r, polo que non se debe corrixir para “pre[de]cessores”.

<sup>131</sup> Esta frase remata en V ao final dunha liña, polo que de feito non se pode apreciar se se trata ou non dun punto e á parte. Nota na marxe esquerda: “Buelbe don Diego Gelmirez a ser gouernador de Santiago”.

<sup>132</sup> Nota na marxe esquerda: “Quexase don Diego Pelaez al papa”.

<sup>133</sup> “viduada” (‘despoxada, privada’) C. Talvez o “vinda” de V sexa un lapso por “viuda”.

<sup>134</sup> “por sutil engeno, considerando como poria remedio” C. Inmediatamente despois de reparar no erro de copia que cometera (puxo “sauendo” onde cumpría “considerando”), Lobarriñas introduciu a súa corrección mediante o uso da forma verbal “digo”: “sauendo digo considerando” V.

<sup>135</sup> Nota na marxe esquerda: “Carta del papa Paschasio al rey”.

<sup>136</sup> Esta forma tamén aparece no folio 12r, polo que non se debe corrixir para “pre[de]cessor”.

<sup>137</sup> Nota na marxe esquerda: “Otra carta a la clerecia”.

<sup>138</sup> Cando non utiliza a abreviatura, Lobarriñas escribe unha vez “apostoleca” (fl. 11r) e outra “apostolica” (fl. 4v).

<sup>139</sup> Nota na marxe esquerda: “Don Diego Gelmirez fue electo obispo de Santiago”.

<sup>140</sup> “deus” V.

<sup>141</sup> Desenvolvo así a abreviatura porque máis abaixo se le “comunions” (fl. 15v), non “comuñons”.

<sup>142</sup> Falta esta preposición en V, onde o que se le neste lugar é unha coma.

<sup>143</sup> Nota na marxe esquerda: “Sanctos que traxo de Braga”.

<sup>144</sup> “su eygreje” V.

<sup>145</sup> “procison” V.

<sup>146</sup> En V as dúas últimas letras desta palabra parecen ser <co> ou talvez <eo>.

<sup>147</sup> “decerou” V.

<sup>148</sup> “a” V.

<sup>149</sup> O trazado da letra que representa a consoante da segunda sílaba desta palabra ten algunha semellanza co que adoita presentar o <j> na escritura de Lobarriñas.

<sup>150</sup> “dereto” V.

<sup>151</sup> En V hai punto e seguido despois destas palabras do abade de Cluny.

<sup>152</sup> Cando non utiliza a abreviatura, Lobarriñas escribe unha vez “apostoleca” (fl. 11r) e outra “apostolica” (fl. 4v).

<sup>153</sup> “y entonces y entonces” V, con repetición.

<sup>154</sup> Nota na marxe esquerda: “Priuilegio del palio”.

<sup>155</sup> “a” V.

<sup>156</sup> “S.” V. Cando escribe este tratamento en forma non abreviada e ante nome de persoa que empeza por vogal, Lobarriñas pon nunha ocasión “Santo” (“Santo Atheulfo”, fl. 5v) e noutra “San” (“San Andre”, fl. 15v).

<sup>157</sup> En V, con trazo grosso, alguén, probabelmente o propio Lobarriñas, sobrepuxo un <d> ao <t> da segunda sílaba desta palabra e tamén unha corrección pouco clara no <d> da terceira sílaba.

<sup>158</sup> O subliñado está en V. Esta longa frase remata en V ao final dunha liña, polo que de feito de non se pode apreciar se se trata ou non dun punto e á parte.

<sup>159</sup> Nota na marxe esquerda: “Altar mayor de Santiago”.

<sup>160</sup> Nota na marxe esquerda: “Donde esta el cuerpo del Apostol”.

<sup>161</sup> Novo anacoluto de Lobarriñas, que copiou insatisfactoriamente o que se le en C: “o qual lle foy muy maa de acabar con os antígos sabedores vaarões que non querian que se desfese o dito altar”.

<sup>162</sup> “e dentro atras a dita Ara para as secretas oraçons” V.

<sup>163</sup> “arrouxo” V. *Trouxo* e outras formas co lexema *troux-* (2.1, 4.2, 4.4, 5.1, 6.3, 6.4, 6.7, 6.8, 6.15) son as que Lobarriñas usa constantemente para os tempos do tema de perfecto deste verbo.

<sup>164</sup> “mani” V. En V hai unha ocorrencia de “mayor” (fl. 8r) e outra de “mayores” (fl. 9r), mentres que nunca aparece “maior(es)”.

<sup>165</sup> Nota na marxe esquerda: “Setenta y dos canonigos en Santiago”.

<sup>166</sup> Esta frase remata en V ao final dunha liña, polo que de feito de non se pode apreciar se se trata ou non dun punto e á parte.

<sup>167</sup> Falta a conxunción completiva *que*, que tampouco se usou en C. Lobarriñas modificou aquí a confusa redacción de Vasques, mais errou ao omitir esta conxunción.

<sup>168</sup> Nota na marxe esquerda: “Ordena la yglesia de Yria”.

<sup>169</sup> “cargos” V.

<sup>170</sup> Esta frase remata en V ao final dunha liña, polo que de feito de non se pode apreciar se se trata ou non dun punto e á parte.

<sup>171</sup> “do” V.

<sup>172</sup> Como Souto Cabo explica noutro lugar deste volume (cf. pp. 63-67), Lobarriñas fixo un traslado deficiente desta pasaxe de C. Evidentemente, o texto que o racioneiro de Crecente redactou contén un anacoluto.

<sup>173</sup> Na esquina inferior dereita do folio anterior, ao anticipar, coma sempre, as primeiras palabras do posterior, Lobarriñas escribiu “dous cidadans”, con trazo abreviativo da consoante nasal posnuclear na última sílaba.

<sup>174</sup> “fose” *V*. En *V* é moitísimo máis frecuente “foi” ca “foy”.

<sup>175</sup> “J isto assi acabado” *V*.

<sup>176</sup> En *V* este demostrativo leva un <ll>, mais o seu segundo <l> está apagado polo <o>, que se lle superpuxo.

<sup>177</sup> Unha mancha impide ver o primeiro <a> en *V*, onde ademais parece subxacer un <d> que foi apagado; “cassa” *C*.

<sup>178</sup> O topónimo “Padron” contén como remate do <n> un adorno caligráfico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### MANUSCRITOS

Araújo, João Salgado de (s. a.): *Compendio de la verdadera y legitima nobleza y sus casas solariegas*. Archivo Histórico Nacional (Madrid), Consejos, Legajos 50816/1 e 50816/2.

*Crónica de Santa Maria de Íria*. Arquivo da Catedral de Santiago, CF 22 (ms. C).

Faria, Manuel Severim de (s. a.): [*Vidas de portugueses ilustres*]. Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa), Cód. 13117.

*Historia Compostellana*. Biblioteca General Histórica de la Universidad de Salamanca, ms. 2658 (ms. S).

*Historia de Santiago*. Biblioteca Nacional de España (Madrid), ms. 1228 (ms. M).

*História de Íria*. Biblioteca General Histórica de la Universidad de Salamanca, ms. 1924 (ms. S).

*História de Íria*. Biblioteca Apostólica Vaticana (Cidade do Vaticano), Barb. Lat. 3578 (ms. V).

*Historia de la Santa Iglesia de Iria Flavia*. Biblioteca Nacional de España (Madrid), ms. 12344.

### OBRAS IMPRESSAS E RECURSOS ELETRÓNICOS

ALGa 1 = Instituto da Lingua Galega (1990): *Atlas lingüístico galego*. Vol. 1: *Morfoloxía verbal*. 2 vols. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

ALGa 2 = Instituto da Lingua Galega (1995): *Atlas lingüístico galego*. Vol. 2: *Morfoloxía non verbal*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

- ALGa 3 = Instituto da Lingua Galega (1999): *Atlas lingüístico galego*. Vol. 3: *Fonética*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- Álvarez, Rosario e Xosé Luís Rodríguez Montederramo (2002): “O *Diálogo de Alberte e Bieito*. Dramaturxia, elites letradas e escrita en galego a fins do século XVI”. *Boletín da Real Academia Galega*, 363, pp. 241-305.
- (2003): “Escrita poética en galego a fins do século XVI: a ‘Canção galega en loor de Don Diego das Mariñas Parragués’”. *Boletín da Real Academia Galega*, 364, pp. 249-305.
- (2004-05): “Escrita epistolar en galego: a correspondencia de Don Diego Sarmiento de Acuña, I Conde de Gondomar (1567-1626)”. *Boletín da Real Academia Galega*, 365, pp. 253-291 (I); *Boletín da Real Academia Galega*, 366, pp. 225-303 (II).
- Álvarez, Rosario e Xosé Xove (1998): “Lingua e variación dialectal na *Crónica Xeral Galega*”. Em D. Kremer (ed.): *Homenaxe a Ramón Lorenzo*. Vigo: Galaxia, vol. 1, pp. 29-58.
- (2008a): “Os adverbios *alálaló, acálacó*. Unha perspectiva dialectal”. Em M. Brea et al. (eds.): «*Cada palabra pesaba, cada palabra medía*». *Homenaxe a Antón Santamarina*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 193-224.
- (2008b): “Os adverbios *alálaló, acálacó* en galego medieval”. Em E. Corral Díaz et al. (eds.): «*A mi dizen quantos amigos ey*». *Homenaxe ao profesor Xosé Luís Couceiro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 377-403.
- Antonio Bernal, Nicolás (1783): *Bibliotheca Hispana Nova*. Madrid: Joaquín de Ibarra, vol. 1.
- Araújo, João Salgado de ([1629]): *Memorial, información y defensa apologetica*. Salamanca: s. i.
- (1638): *Sumario de la familia ilustrissima de Vasconcelos, historia da y con elogios*. Madrid: Juan Sánchez.
- Arias, Bieito e Camiño Noia (2011): *Pedro de Otero Romero y Torres. Historia da Igrexa de Iria. Manuscrito galego do século XVIII* (ca. 1713-1737). Edición e introdución de Bieito Arias e Camiño Noia. Vigo: Universidade de Vigo.

- Arze Solórzano, Juan de (1607): *Tragedias de amor de gustoso y apacible entretenimiento de historias, fabulas, enredadas marañas, cantares, bayles, ingeniosas moralidades del enamorado Acrisio y su Zagala Lucidora*. Madrid: Juan de la Cuesta.
- Barros, João de (1640): *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Ludovicum Rotorigium.
- Bestilleiro Bello, Xosé (2002): *O lexema do verbo traer no galego medieval e no galego medio (Estudio diacrónico)*. Tese de licenciatura (iné dita). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- (2005): “O radical do tema de presente do verbo *trager* no galego medieval: estudo diacrónico”. *Revista Galega de Filoloxía*, 6, pp. 11-50.
- BITAGAP = Arthur L.-F. Askins (dir.) (1997-): *Bibliografía de Textos Antigos Galegos e Portugueses*. Berkeley: University of California, The Bancroft Library, <[https://philobiblon.upf.edu/html/index\\_ga.html](https://philobiblon.upf.edu/html/index_ga.html)> [consultado: 15/02/2024].
- Bluteau, Raphael (1728): “Vocabulario de Palavras e Modos de Falar do Minho, e Beira, &c. Cuja noticia não veyo a tempo de se lhe dar o seu lugar Alfabetico neste Supplemento”. Em *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, que acabou de sahir a luz, anno de M.DCC.XXI [...] Parte II*. Lisboa: Na Patriarcal Officina da Musica, pp. 501-504.
- Boullón Agrelo, Ana Isabel (2015): “As copias como testemuños lingüísticos: a lingua galega no manuscrito V da *Crónica de Iria* (s. XVII)”. Em F. Dubert García, G. Rei-Doval e X. Sousa (eds.), *En memoria de tanto miragre. Estudos dedicados ó profesor David Mackenzie*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 51-73.
- (2019): “Rui Vázquez, copista da *Crónica de Iria*: indicios lingüísticos”. *La Corónica*, 48.1, pp. 73-97.
- (2020): “Consideraciones sobre la transmisión textual de la *Crónica de Iria*”. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 136.1, pp. 134-160.
- Bouza, Fernando (2009): “Dar Galicia y el gallego a la imprenta. *As Galegadas y A História de Galicia* de Lobarriñas Feijoo, la

- Verdadera descripción* de Ojea y algunas iniciativas historiográficas de la primera mitad del siglo XVII”. *Obradoiro de Historia Moderna*, 18, pp. 9-44.
- (2012): “*Dasele licencia y privilegio*”. *Don Quijote y la aprobación de libros en el siglo de Oro*. Madrid: Akal.
- Candelas Colodrón, Manuel Á. (2007): “Los escritos del Arzobispo de Santiago, de Fray Pedro de la Madre de Dios y el papel titulado *Justa cosa, justa cosa ha sido elegir por patrona de España y admitir por tal a Santa Teresa*, en el *Memorial por el Patronato de Santiago* de Quevedo”. *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo*, 83, pp. 111-128.
- (2008): *Quevedo en la polémica del patronato jacobeo*. Vigo: Academia del Hispanismo.
- Cardoso, George (1652): *Agiologio Lusitano*. Lisboa: António Craesbeeck de Mello, vol. 1.
- (1657): *Agiologio Lusitano*. Lisboa: Valente de Oliveira, vol. 2.
- (1666): *Agiologio Lusitano*. Lisboa: António Craesbeeck de Mello, vol. 3.
- Caro Baroja, Julio (1992): *Las falsificaciones de la Historia (en relación con la de España)*. Barcelona: Seix Barral.
- Carro García, Jesús (1951): *Corónica de Santa María de Iria (Códice gallego del siglo XV)*. (Anexo V de *Cuadernos de Estudios Gallegos*). Santiago de Compostela: Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento.
- Carvalho, Maria José (2001): “Cronologia(s) da substituição da terminação participial *-udo* por *-ido* no português medieval (sécs. XIII-XVI)”. *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, pp. 381-409.
- Castellá Ferrer, Mauro (1610): *Historia del apóstol de Jesús Christo Santiago Zebedeo, patrón y capitán general de las Españas*. Madrid: Oficina de Alonso Martín Balboa.
- CDH = Real Academia Española (2013): *Corpus del Diccionario histórico de la lengua española*, <<https://apps.rae.es/CNDHE>> [consultado: 15/02/2024].
- CGPA = Xavier Varela Barreiro (dir.) (2004-): *Corpus informatizado Galego-Portugués Antigo*. Santiago de Compostela: Instituto da

- Lingua Galega <<http://ilg.usc.gal/cgpa/index.php>> [consultado: 14/01/2024].
- Cidrás Escáneo, Francisco Antonio (2006): “Sobre o uso da preposición *a* con OD en galego”. *Verba*, 33, pp. 147-174.
- Company Company, Concepción e Rodrigo Flores Dávila (2014): “La preposición *a*”. Em C. Company Company (dir.), *Sintaxis histórica de la lengua española. Tercera parte: Preposiciones, adverbios y conjunciones. Relaciones interoracionales*. México: Universidad Nacional Autónoma de México / Fondo de Cultura Económica, vol. 2, pp. 1195-1339.
- CORDE = Banco de datos: *Corpus diacrónico del español*. Real Academia Española, <<http://www.rae.es>> [consultado: 25/01/2024].
- CORGA = *Corpus de referencia do galego actual [versión 4.0]*. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a investigación en humanidades, Xunta de Galicia, <<http://corpus.cirp.gal/corga/>> [consultado: 15/02/2024].
- Cronicão Iriense* = García Álvarez, Rubén (1963).
- DCECH = Coromines, Joan e José Antonio Pascual (2012): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Edição em CD-ROM. Madrid: Gredos.
- DdD = Antón Santamarina (coord.) (2006-13): *Diccionario de diccionarios (Corpus lexicográfico da lingua galega)*. Santiago de Compostela / Vigo: Instituto da Lingua Galega / Seminario de Lingüística Informática - Grupo TALG, <<http://ilg.usc.gal/ddd/index.php>> [consultado: 15/02/2024].
- DDGM = Ernesto González Seoane, María Álvarez de la Granja (coords.) (2006-22): *Diccionario de diccionarios do galego medieval. Corpus lexicográfico medieval da lingua galega*. Santiago de Compostela / Vigo: Instituto da Lingua Galega / Seminario de Lingüística Informática - Grupo TALG, <<http://ilg.usc.gal/ddgm/index.php>> [consultado: 15/02/2024].
- Díaz y Díaz, Manuel Cecilio; José García Oro, Daría Vilariño Pintos, M<sup>a</sup> Virtudes Pardo Gómez, Araceli García Piñeiro e M<sup>a</sup> Pilar Oro (1983): *Hechos de don Berenguel de Landoira, arzobispo de Santiago*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

- Díaz Fernández, José María (1995): “Quevedo y el cabildo de la catedral de Santiago”. Em S. Fernández Mosquera (coord.), *Estudios sobre Quevedo. Quevedo desde Santiago entre dos aniversarios*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela / Consorcio de Santiago, pp. 105-118.
- Domingos, Víctor (2004): *A Língua Portuguesa no Alto Minho*. Arcos de Valdevez: ArcosOnline.com. O Portal de Arcos de Valdevez.
- Eberenz, Rolf (2004): “Cambios morfosintácticos en la Baja Edad Media”. Em R. Cano (coord.): *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel, pp. 613-641.
- Falque, Emma (1988): *Historia Compostellana*. Turnhout: Typographi Brepols Editores Pontificii (= HC).
- Fernández-Ordóñez, Inés (2002): “Tras la *collatio* o cómo establecer correctamente el error textual”. *La Corónica*, 30.2, pp. 105-180.
- Fernández Rei, Francisco (1990): *Dialectoloxía da lingua galega*. Vigo: Xerais.
- Fernández Salgado, Xosé Antonio (2017): *Cincuenta décimas contra don Diego Zernadas. Edición e estudo dun novo texto en galego do século XVIII*. Santiago de Compostela: Laivento.
- Ferreiro, Manuel (1995): *Gramática histórica galega. I. Fonética e morfosintaxe*. Santiago de Compostela: Laivento.
- (1997): *Gramática histórica galega. II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela: Laivento.
- Ferro Ruibal, Xesús (dir.) (1992): *Diccionario dos nomes galegos*. Vigo: Ir Indo.
- Figueiredo, Cândido de (1996<sup>2</sup>): *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora, 2 vols.
- Fita, Fidel e Aureliano Fernández-Guerra (1880): *Recuerdos de un viaje á Santiago de Galicia*. Madrid: Lezcano y Compañía.
- Flórez, Henrique (1765): *Historia Compostelana (España Sagrada XX)*. Madrid: Imprenta de la viuda de Eliseo Sánchez.
- Gándara y Ulloa, Felipe de la (1678): *El cisne occidental canta palmas y triunfos eclesiásticos de Galicia*. Madrid: Julián Paredes.

- García, Constantino (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe* (Anexo 27 de *Verba*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- García Álvarez, Rubén (1963): “El cronicón iriense”, *Memorial Histórico Español: colección de documentos, opúsculos y antigüedades*, 50, pp. 1-240 (= *CI*).
- García de Diego, Vicente (1984 [1909]): *Elementos de gramática histórica gallega (fonética-morfología)*. Burgos: Hijos de Santiago Rodríguez. Edição fac-similar (Anexo 23 de *Verba*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Girón Alconchel, José Luis (2004): “Cambios gramaticales en los Siglos de Oro”. Em R. Cano (coord.), *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel, pp. 859-893.
- Godoy Alcántara, José (1868): *Historia crítica de los falsos cronicones*. Madrid: Imprenta y esterotipia de M. Rivadeneyra.
- Gondomar = Rosario Álvarez e Ernesto González Seoane (eds.) (2017): *Gondomar. Corpus dixital de textos galegos da Idade Moderna*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, <<http://ilg.usc.gal/gondomar/>> [consultado: 15/02/2024].
- Hernández de Figueiredo, José Ramón (2017): “Evolución del elenco de santos de 1781 al santoral del Martirologio Romano del siglo XXI en la diócesis de Ourense”. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, LXIV, pp. 357-397.
- História Compostelana* = Falque (1988).
- Huerta y Vega, Francisco Manuel de la (1736): *Annales de el reyno de Galicia*. Vol. I. Santiago de Compostela: Imprenta de D. Andrés Frayz.
- Iglesias Ortega, Arturo (2017): “De la *Historia Compostelana*, el *Tombo A* y la *Historia Iriense*”, *Galicia Histórica. Hoja de historia y documentos compostelanos*, ano 2, nº II.
- Laca, Brenda (2006): “El objeto directo. La marcación preposicional”. Em C. Company Company (dir.): *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*. México: Universidad Nacional Autónoma de México / Fondo de Cultura Económica, vol. 1, pp. 423-475.

- Leão, Duarte Nunes de (1576): *Ortografia da língua portuguesa*. Lisboa: João de Barreira.
- LITTERA = Graça Videira Lopes, Manuel Pedro Ferreira *et al.* (2011-): *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, <<http://cantigas.fcs.unl.pt>> [consultado: 15/02/2024].
- López Ferreiro, Antonio (1888): “Corónica de Santa Maria de Iria”. *El Pensamiento Gallego*, I/1, pp. 4-9; I/2, pp. 19-23; I/3, pp. 28-32; I/4, pp. 41-45; I/5, pp. 52-55; I/6, pp. 66-72; I/7, pp. 75-77; I/8, pp. 87-91; I/9, pp. 99-101; I/10, pp. 110-113.
- López Martínez, María Sol (1993): *O complemento directo con preposición a en galego* (Anexo 36 de *Verba*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- López Viñas, Xoán (2015): *Diccionario de afixos e voces afixadas do galego medieval* (Monografía 8 da *Revista Galega de Filoloxía*). A Coruña: Universidade da Coruña.
- Lorenzo, Ramón (1975-77): *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. 2 vols. [Vol. 1: *Introducción, texto anotado e índice onomástico*, 1975. Vol. 2: *Glosario*, 1977]. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijoo.
- (ed.) (1985): *Crónica Troiana. Introducción e texto*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa.
- (2016): *Colección documental de Montederramo*. Coa colaboración de Maka Pérez. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 3 vols.
- (2019): “Unhas notas sobre o *Entremés famoso sobre da pesca do río Miño*”. Em C. Pérez Vaquero (coord.): *Miño, o río das letras*. [Vigo]: Asociación de Amigos do Couto Mixto / Galeguizar Galicia, pp. 16-31.
- Louredo Rodríguez, Eduardo (2018): “Cambio lingüístico e morfoloxía: aproximación ao galego da comarca do Ribeiro”. Em F. Cidrás, F. Dubert e X. L. Regueira (eds.), *Gramáticas en tránsito. Variación e mudanza no complexo lingüístico galego-portugués* (Volume especial I de *Estudos de Lingüística Galega*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 237-255.

- LP = Mercedes Brea López (coord. de edición) (1996): *Lírica profana galego-portuguesa*. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliografía específica. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, 2 vols.
- Lucas Álvarez, Manuel e Pedro Lucas Domínguez (1996): *El monasterio de San Clodio do Ribeiro en la Edad Media: Estudio y documentos*. Santiago de Compostela: Publicacións do Seminario de Estudos Galegos / Edición do Castro.
- Machado, José Pedro (1977): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte.
- (1984): *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mackenzie, David (1975): *A critical edition, with historical and linguistic introduction, of the Crónica de Santa María de Iria*. Tese de doutoramento (inérita). Nottingham: University of Nottingham.
- (1988): “¿Unha crónica en galego de Xan Rodríguez do Padrón?”. Em V. Beltrán (ed.): *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Santiago de Compostela, 2 al 6 de Diciembre de 1985)*. Barcelona: PPU, pp. 419-422.
- (1994): “Sobre a linguaxe da *Crónica de Santa María de Iria*”. Em R. Lorenzo (ed.): *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas (Universidade de Santiago de Compostela, 1989)*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, vol. 7, pp. 205-209.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986): *História do Galego-Português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: INIC.
- (2022 [1981]): “Geografía dialectal e historia do portugués: resultados da terminación latina -ANA”. Em *Estudos lingüísticos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, vol. 2 (“Dialectologia, Sociolingüística e Línguas em Contacto”), pp. 161-184.

- Mariño Paz, Ramón (1997a): “Edición do *Entremés famoso sobre a pesca do río Miño* (1671)”, *Ensaio. Revista de teatro de Galicia e do Norte de Portugal*, 1, s.p.
- (1997b): “Sobre o uso dos grafemas <b>, <u> e <v> en textos do galego medio”. *Cadernos de Lingua*, 15, pp. 5-70.
- (1998a): *Historia da lingua galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- (1998b): “Notas sobre a historia das terminacións *-ión / -ón* en galego”. Em D. Kremer (ed.), *Homenaxe a Ramón Lorenzo*. Vigo: Galaxia, vol. 2, pp. 735-760.
- (2002): “A desnasalización vocálica no galego medieval”. *Verba*, 29, pp. 71-118.
- (2003): *O idioma galego no limiar da súa renacementa. Estudo lingüístico de textos pregaleguistas* (Monografía 2 da *Revista Galega de Filoloxía*). A Coruña: Universidade da Coruña.
- (2004): “Diacronía da Formación do Plural dos Nomes Oxítonos Galegos Terminados en // no Singular”. Em A. M. Brito et al. (orgs.), *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 5-6 de novembro de 2003)*. Porto: Universidade do Porto, pp. 169-195.
- (2005): “Cronoloxía da desaparición dos participios verbais terminados en *-udo* en fontes galegas medievais”. Em G. M. Rio-Torto et al. (coords.): *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Universidade do Porto, vol. 2, pp. 795-809.
- (2012): “Estudo lingüístico”. Em R. Mariño Paz, M. Sánchez Yáñez e D. Suárez Vázquez (2012): *O romance da urca de Santo Antón. Poesía en galego no Ferrol do século XVIII*. A Coruña: Fundación Barrié, pp. 121-170.
- (2015): “Variación diacrónica na expresión do sufixo número-persoal da P2 do pretérito de indicativo en galego”. Em R. Mariño Paz e X. Varela Barreiro (eds.) (2015), *Linguística histórica e edición de textos galegos medievais* (Anexo 73 de *Verba*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 99-125.
- (2017): *Fonética e fonoloxía históricas da lingua galega*. Vigo: Xerais.

- (2018): “Hipercorrección y castellanismo en las leyendas de las miniaturas de los códices T y F de las *Cantigas de Santa María*”. *Estudis Romànics*, 40, pp. 37-57.
- (2019a): “Estudo lingüístico”. Em Salvador Francisco Roel, *Entremés galego ao feliz e real parto da nosa raíña (1707)*. Edición ao coidado de J. I. González Montañés, A. Angueira e R. Mariño Paz. Santiago de Compostela: Laiovento, pp. 127-166.
- (2019b): “O cambio *dizes* > *dis*, *diz* > *di*, *dizen* > *din* nas fontes do galego medio”. Em X. A. Fernández Salgado e A. S. Alonso Núñez (eds.), «*Non haberá illa, pro hai o nome*». *Homenaxe a Antón Palacio*. Vigo: Universidade de Vigo, pp. 97-113.
- (2020a): “Variación e cambios en marcha no galego medio. A P6 dos presentes de indicativo de *pór* ou *poñer*, *ter* e *vir* e o desenvolvemento de *ende* como conector ilativo e adversativo”. Em R. Álvarez e E. González Seoane (eds.), «*Calen barbas, falen cartas*». *A escrita en galego na Idade Moderna*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, pp. 117-151.
- (2020b): “Forma e función do sufixo *-bel* / *-ble* (< lat. -BILIS) no galego posmedieval”. *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos*, 23, pp. 233-253.
- Meilán García, Antonio José (1994): “Funcionamiento y valores del pronombre *ende* en el castellano antiguo”. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, 13, pp. 245-262.
- (2007): “El adverbio Y (< ibi) del castellano medieval: su morfematización y translexematización”. *Archivum*, 57, pp. 197-218.
- Mettman, Walter (1981): *Afonso X. Cantigas de Santa María*. Edición crítica de Walter Mettmann. Vigo: Xerais, 2 vols.
- Morais Silva, António de (1980): *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. Edição compacta do texto fundamental do *Grande dicionário da língua portuguesa*. Segundo a 10ª Edição Revista, muito aumentada e actualizada conforme as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de Agosto de 1945 por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. [Lisboa]: Confluência/Livros Horizonte, 5 vols.

- Muñoz y Romero, Tomás (1858): *Diccionario bibliográfico-histórico de los antiguos reinos, provincias, ciudades, villas, iglesias y santuarios de España*. Madrid: Imprenta y Esterotipia de M. Rivadeneyra.
- Murguía, Manuel (1901<sup>2</sup>): *Historia de Galicia*. Vol. 1. A Coruña: Librería de Eugenio Carré.
- Novais, Manuel Pereira de (1913): *Collecção de manuscriptos ineditos agora dados á estampa*. IV. *Anacrisis Historial*. Vol. 2. Porto: Typografia Progresso de Domingos Augusto da Silva.
- (1916): *Colecção de manuscriptos inéditos agora dados à estampa*. IV. *Anacrisis Historial* (2<sup>a</sup> parte). *Episcopologio*. Porto: Tipografia Progresso de Domingos Augusto da Silva.
- NTLLE = *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española*. Real Academia Española, <<https://apps.rae.es/ntlle/SrvltGUILoginNtllle>> [consultado: 15/02/2024].
- Nunes, José Joaquim (1989<sup>9</sup> [1919]): *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora.
- Ojea, Fernando (1615): *Historia del glorioso apóstol Santiago patrón de España*. Madrid: Luis Sánchez.
- Oliveira, Fernão de (1536): *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde.
- Paz y Meliá, Antonio (1884): *Obras de Juan Rodríguez de la Cámara (ó del Padrón)*: Madrid: Miguel Ginesta, Sociedad de Bibliófilos Españoles.
- Pichel, Ricardo; Marina Aurora Garzón Fernández, Tania Vázquez García e Miguel García-Fernández; Esther Corral Díaz e Ricardo Pichel (coords.) (2020): *Guía para o estudo da prosa galega medieval*. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Xunta de Galicia, <<https://libreria.xunta.gal/es/guia-para-o-estudo-da-prosa-galega-medieval-3>>.
- Quevedo Villegas, Francisco de (1628): *Memorial por el patronato de Santiago y por todos los santos naturales de España*. Madrid: Viuda de Alonso Martín.
- Rábade Castiñeira, Joám Carlos (1989): “As formas «proibidas» em textos do galego médio”. Em *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza (Santiago - Ourense, 23-27 de setembro de 1987)*. A Coruña: AGAL.

- Ramos Rodríguez, Perfecto (2023): *Os Lobarriñas Feixoo. Luz e memoria nos Séculos Escuros*. Allariz: Aira.
- Recuerdos* = Fita, Fidel e Aureliano Fernández-Guerra (1880).
- Real Academia Española (1726-39): *Diccionario de la lengua castellana*, 6 vols. Vol. 1: Madrid, Francisco del Hierro, 1726; vol. 2: Madrid, Francisco del Hierro, 1729; vol. 3: Madrid, Viuda de Francisco del Hierro, 1732; vol. 4: Madrid, Herederos de Francisco del Hierro, 1734; vol. 5: Madrid, Herederos de Francisco del Hierro, 1737; vol. 6: Madrid, Herederos de Francisco del Hierro, 1739. Edição fac-similar: *Diccionario de Autoridades*, Madrid, Gredos, 1990, 3 vols.
- Rey Castelao, Ofelia (1985): *La historiografía del Voto de Santiago*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- (2003): *Libros y lectura en Galicia. Siglos XVI-XIX*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Rivas Quintas, Eligio (2015): *Diccionario etimolóxico da lingua galega*. Santiago de Compostela: Tórculo.
- Rodríguez Rodríguez, Reyes (2016): “Aproximación dialectal á fala de Entrimo”. *Cumieira. Cadernos de investigación da nova Filoloxía Galega*, 1, pp. 87-116.
- Salvá, Jaime (1953): “Nuevos datos bibliográficos de Gregorio Lobarriñas”. *Boletín de la Real Academia Española*, XXXIII, pp. 107-119.
- Sánchez Rei, Xosé Manuel (1999): *Se o vós por ben teverdes. A interpolación pronominal en galego*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- (2002): *Os pronomes demostrativos* (Monografía 1 da *Revista Galega de Filoloxía*). A Coruña: Universidade da Coruña.
- (2016): “A interpolación pronominal no tránsito do galego medieval ao galego moderno”. Em R. Mariño Paz e X. Varela Barreiro (eds.) (2016), *A lingua galega no solpor medieval*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, pp. 147-178.
- (2021): *O portugués esquecido. O galego e os dialectos portugueses setentrionais*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- Sánchez Tarrío, Ana María (2010): “Memoria e intencionalidade na transmisión humanística de material epigráfico. A propósito de

- uma inscrição da *Gallaecia* na *Geographia* do Dr. João de Barros (*CIL* II, 2422)". *Sylloge epigraphica Barcinonensis*, VIII, pp. 153-178.
- Santamarina, Antón (2008): "A pegada relixiosa na toponimia galega. I. Edifícios relixiosos". Em X. L. Axeitos, E. Grandío Seoane e R. Villares (eds.), *A patria enteira. Homenaxe a Xosé Ramón Barreiro Fernández*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Real Academia Galega / Universidade de Santiago de Compostela, pp. 935-949.
- Santos, Maria José de Moura (1962-63/1964-65/1966-68): "Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes". *Revista Portuguesa de Filologia*, XII/2, pp. 509-565; XIII/1-2, pp. 65-261; XIV/1-2, pp. 213-415.
- Santos Fernández, Carlos (2003): "Génesis de un impreso salmantino del siglo XVII en defensa del Patronato de Santiago de Compostela: la Defensa Apologética de Juan Salgado de Araújo". *Compostellanum*, 48, pp. 615-672.
- Silva Domínguez, Carme (2001): "*Aver seu acordo, fazer sua oração*: a participación do posesivo na construción de lexías complexas no galego medieval". Em X. L. Regueira e A. Veiga (eds.): *Da gramática ó dicionario. Estudos de lingüística galega* (Anexo 49 de *Verba*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 249-264.
- (2002): *Frases nominais con posesivo en galego. Estructura e valores referenciais* (Anexo 50 de *Verba*). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Solórzano, Juan de (1697): *Tragedias de amor*. Madrid: Juan de la Cuesta.
- Sousa, Manuel de Faria e (1639): *Lusiadas de Luis de Camoens comentadas por Manuel de Faria i Sousa*. Tomos 1 e 2. Madrid: Juan Sánchez.
- Souto Cabo, José Antón (2001): *Rui Vasques. Crónica de Santa Maria de Íria*. Santiago de Compostela: Cabido da S.A.M.I. Catedral, Seminario de Estudos Galegos / Edición do Castro.

- (2007): *A História de D. Servando*. Santiago de Compostela: Cabido da S.A.M.I. Catedral, Seminario de Estudos Galegos / Ediciós do Castro.
- (2008): *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. (Monografía 5 da *Revista Galega de Filoloxía*). A Coruña: Universidade da Coruña.
- (2009): “Sobre (falsos) testemunhos galegos de *dezir* e *recebir*: dous documentos de Ribas de Sil”. Em *Por um galego extenso e útil. Leituras da língua de além e de aquém*. Ourense: Editora da Associação Galega da Língua, pp. 189-209.
- (2012): *Os cavaleiros que fizeram as cantigas. Aproximação às origens socioculturais da lírica galego-portuguesa*. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- (2014): “Rui Vasques e a *Crónica de Íria*”. *Verba*, 14, pp. 305-335.
- (2018): “*Liber registri Didaci secundi*. Sobre a tradição manuscrita medieval da *História Compostelana*”. *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos*, 21, pp. 239-271.
- (2022): “*Aparecerá porla presente escriptura até o tempo en que somos*. Ainda sobre a *Crónica de Santa Maria de Íria*”. Em R. Pichel (ed.), «*Tenh'eu que mi fez el mui gran ben*». *Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*. Madrid: Sílex, pp. 591-644.
- Tamayo de Salazar, Juan (1656): *Anamnesis sive commemoratio omnium sanctorum hispanorum*. Lyon: Ph. Borde, vol. 4.
- [Tamayo de Vargas, Tomás (1628)]: *Memorial a su magestad en nombre de la Iglesia de Santiago i del clero de las de España*.
- Tato Plaza, Fernando R. (1999): *O libro de notas de Álvaro Pérez, notario da terra de Rianxo e Postmarcos (1457)*. A Coruña: Consello da Cultura Galega.
- Teyssier, Paul (2005): *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TILG = Antón Santamarina (dir.), Ernesto González Seoane e María Álvarez de la Granja (2003): *Tesouro Informatizado da Lingua Galega (Versión 4.1)*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, <<http://ilg.usc.gal/TILG/>> [consultado: 15/02/2024].

- TMILG = Xavier Varela Barreiro (dir.) (2004-): *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega, <<http://ilg.usc.gal/tmilg>> [consultado: 23/05/2023].
- TONG = *Toponimia oficial e Nomenclátor de Galicia*. Xunta de Galicia, <<https://www.xunta.gal/toponimia-e-nomenclator>> [consultado: 15/02/2024].
- UC = Manuel Ferreiro (dir.) (2016): *Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa*. A Coruña: Universidade da Coruña, <<http://universocantigas.gal>> [consultado: 15/02/2024].
- Varela Barreiro, Xavier (1999): “A evolución do radical dos preteritos irregulares sigmáticos”. Em R. Álvarez e D. Vilavedra (coords.), *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, vol. 1, pp. 1047-1072.
- Varela Barreiro, Xavier (2015): “Acheegas recentes á cronoloxía do alomorfo nasal do clítico CD de 3ª persoa”. Em F. Dubert García, G. Rei-Doval e X. Sousa (eds.), «*En memoria de tanto miragre*». *Estudos dedicados ó profesor David Mackenzie*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 213-224.
- Vasconcellos, José Leite de (1928): *Opúsculos*. Vol. 2. *Dialectologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html>> [consultado: 01/10/2021-31/01/2022].
- Vasconcellos, José Leite de (1985): *Opúsculos*. Vol. 4. *Dialectologia (Parte II)*. Org. Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes/188-188/file.html>> [consultado: 01/10/2021-31/01/2022].
- Vasconcellos, José Leite de (1987<sup>3</sup> [1901]): *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Ed. Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Veiga, Alexandre (1991): “Sobre a decadencia do subxuntivo en prótases condicionais en galego e español e a subxuntivización da forma *cantara*”. Em M. Brea e F. Fernández Rei (eds.), *Homenaxe*

- ó profesor Constantino García. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, vol. 1, pp. 497-539.
- Vidal Fonseca, Guillermo (2019): *O val de Barcala e as súas bases lingüísticas galegas no catastro de Ensenada (século XVIII)*. Tese de doutoramento (inérita). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Williams, Edwin B. (1975<sup>3</sup> [1961]): *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro [tradução de: *From Latim to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Pennsylvania / Oxford, University of Pennsylvania Press / Oxford University Press, 1938].
- Xove, Xosé (1986): “As formas en *-ra* e *-se* na obra poética galega de Rosalía”. Em *Actas do Congreso internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo (Santiago, 15-20 de xullo de 1985)*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, vol. 3, pp. 133-149.



**E**m 1626 Gregório de Lobarina Feijó obteve licença do Consejo Real para proceder à publicação de uma *Historia de Galicia* em “lengua propia y natural gallega”, obra perdida e nunca editada. Nesse mesmo período elaborava uma cópia, parcialmente manipulada, da (denominada) *Crónica de Santa Maria de Íria* (Arquivo da Catedral de Santiago), que acabaria nas mãos de Tomás Tamayo de Vargas, cronista real de Castela, a quem a Sé de Santiago encomendou redigir um *Memorial* a favor da causa santiaguista na polémica do patronato de Espanha. Destacamos dois tipos de intervenções praticadas nesse traslado: por um lado, o facto de a obra ter sido fingidamente atribuída a João Rodrigues da Câmara ou do Padrom e datada em 1444; por outro, a sua modernização do ponto de vista linguístico adaptando-a à variedade de Crecente (Pontevedra), local onde nasceu e viveu o autor durante a maior parte da sua vida. Nesta obra, explora-se a origem desse códice, custodiado atualmente pela Biblioteca Apostólica Vaticana, disponibilizam-se dados e argumentos que desmentem algumas conjecturas inconsistentes sobre a sua tradição manuscrita e são detalhadamente analisadas as modificações linguísticas praticadas por Gregório de Lobarina em relação ao antígrafo.

IBIC: NH  
ISBN: 978-84-10267-85-5



9 788410 267855

sílex universidad



www.silexediciones.com  
facebook.com/ediciones.sílex